

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CURSO DE DOUTORADO EM HISTÓRIA

Entre lágrimas, sorrisos e muita luta:

a inserção das mulheres nos espaços políticos do Brasil por meio das trajetórias de três militantes de esquerda – Lélia Abramo (1911 –2004), Luíza Erundina de Sousa (1934 –) e Irma Passoni (1943 –)

Roger Camacho Barrero Junior

Orientador: Benito Bisso Schmidt

Porto Alegre

2021

Roger Camacho Barrero Junior

Entre lágrimas, sorrisos e muita luta:

a inserção das mulheres nos espaços políticos do Brasil por meio das trajetórias de três militantes de esquerda – Lélia Abramo (1911 –2004), Luíza Erundina de Sousa (1934 –) e Irma Passoni (1943 –)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutor em História.

Linha de Pesquisa: Relações Sociais de dominação e resistência

Orientador: Professor Dr. Benito Bisso Schmidt

Porto Alegre

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Carlos André Bulhões Mendes

VICE-REITORA

Patrícia Pranke

DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Hélio Ricardo do Couto Alves

VICE-DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Alex Niche Teixeira

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Arthur Lima de Ávila

CHEFE SUBSTITUTA DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Clarice Gontarski Speranza

CIP - Catalogação na Publicação

Barrero Junior, Roger Camacho
Entre lágrimas, sorrisos e muita luta: a inserção das
mulheres nos espaços políticos do Brasil por meio das
trajetórias de três militantes de esquerda - Lélia
Abramo (1911 -2004), Luíza Erundina de Sousa (1934 -)
e Irma Passoni (1943 -) / Roger Camacho Barrero Junior.
-- 2021.
530 f.
Orientador: Benito Bisso Schmidt.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2021.

1. Trajetórias de Vida. 2. Memória. 3. Gênero. 4.
Branquitude. 5. Biografia. I. Schmidt, Benito Bisso,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Roger Camacho Barrero Junior

ENTRE LÁGRIMAS, SORRISOS E MUITA LUTA:

a inserção das mulheres nos espaços políticos do Brasil por meio das trajetórias de três militantes de esquerda – Lélia Abramo (1911 –2004), Luíza Erundina de Sousa (1934 –) e Irma Passoni (1943 –)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Doutor em História.

Porto Alegre, 30 de junho de 2021.

Resultado: Aprovado

BANCA EXAMINADORA:

Orientador – Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt
Departamento de História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dra. Clarice Gontarski Speranza
Departamento de História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dra. Edilene Teresinha Toledo
Departamento de História
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Prof. Dra. Marta Gouveia de Oliveira Rovai
Departamento de História
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL)

Prof. Dra. Natália Pietra Méndez
Departamento de História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Se posso falar.

Se posso falar
Quero falar da vida, da Lua e das estrelas
Das lutas e dos amores
Quero falar das famílias
Vivendo sem tantas dores.

Eu quero falar de amor
Da música e da poesia.
Quando acordo todo dia
Em busca de alegria.

E quando falo de arte
Falo de tudo que faço
Do escrever do meu cantar
E neste momento de ação
Pode até virar canção.

A arte é tudo que faço
É o que me faz sonhar.
Ela vem embelezar
Nos transporta de lugar
É meu jeito de pensar.

Odete Marques (2005)

Veteranas

Foi na década de setenta
Que tudo teve começo
Saímos de nossas casas
Em busca de endereços
Precisava pesquisar
Para a luta começar

Tudo aqui era ruim
Sem luz, sem água, sem esgoto
Sem creche, sem escola e sem posto
A carência era grande
Filhos largados na rua
Ao sol, à chuva e à Lua

Começamos a fomentar
Jovens, mulheres e homens
Na esperança de mudar
Nosso país para melhor
Sofremos com repressão
E com muita confusão

Para nossa organização
O sacrifício foi grande
O temor dos companheiros
Temendo a nossa prisão
Houve até separação
Mas dentro do nosso peito
A esperança era grande

Tínhamos fé de montão

Em cada vitória a alegria
Nas assembleias explodia
Nas celebrações a oração
A Deus pai agradecia
A coragem e a teimosia
E a nossa união

E agora tanto tempo se passou
E a luta continua
Quem a briga abraçou
Não consegue esmorecer
Embrenhamos no partido
Pra fazê-lo crescer
De filhos já temos netos
E ainda nada é concreto

Somos nós as veteranas
Que enfrentamos a ditadura
E aqui em nosso país
Nós lutamos com amor
Tentando tornar feliz
Nosso povo trabalhador

Odete Marques (2001)

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de agradecer a uma mulher com papel central na minha vida. Trata-se de Maria do Carmo Rodrigues Camacho, minha mãe, pernambucana de Pesqueira, residente em Guarulhos-SP desde 1977 e vacinada contra o vírus da COVID-19 nos dias 20 de abril e 11 de maio de 2021. Seu apoio (moral, psicológico e financeiro) foi essencial para que eu ingressasse numa Universidade pública em 2008, além de segurar as pontas durante o mestrado (2013 – 2015) (num momento em que meu pai estava doente e eu tinha de me deslocar da UNIFESP para o ICESP-USP). Ela também me deu o pontapé inicial para me instalar em Porto Alegre em 2017. Agradeço também ao meu pai, Roger Camacho Barrero, boliviano de Santa Cruz de la Sierra, mas que faleceu em 28 de janeiro de 2014. Apesar de não ter visto meu ingresso no doutorado, pôde presenciar o término da minha graduação e boa parte do mestrado. Nossas conversas sobre política estão presentes até hoje na minha memória. Cito minhas duas companheiras felinas, Morgana e Bianca, pela companhia e por sempre demonstrarem o seu carinho mesmo que em silêncio.

Agradeço ainda ao meu orientador, Benito Bisso Schmidt, pois sua correção cirúrgica e sensível possibilitou a construção de uma narrativa mais leve. Durante os últimos quatro anos ele teve paciência, companheirismo e muita empatia em relação aos embates decorrentes de uma conjuntura de perseguição política e pandemia. Seus ensinamentos sobre metodologia e teoria da História foram decisivos para a escrita desta tese (os quais se deram não apenas em reuniões por Skype ou presenciais, mas também na oportunidade que tive de cursar uma Unidade Curricular ministrada por ele na UFRGS). Seus debates sobre memória e interseccionalidade despertaram em mim o interesse de me enveredar por caminhos complexos, mas interessantes. Benito teve o carinho de me ouvir quando fui assaltado em 2019 e na ocasião de ter meus dados expostos por militantes reacionários em 2020. Esse contato não é somente profissional, mas também de amizade e de profunda admiração.

Devo agradecer imensamente a Irma Passoni, a qual sempre se mostrou disponível ao me conceder seu tempo para entrevistas, ao abrir seu acervo e me dar livros e materiais para a pesquisa. Sua ajuda foi essencial para estruturar a narrativa deste trabalho. Seus colegas do ITS-Brasil também foram solícitos, em especial a dona Edilma. Seu marido, Armelindo Passoni, ajudou no intermédio de conversas e no

consentimento para o envio e publicação desta tese. Moara Passoni, sua filha, também deu seu relato e disponibilizou fotografias, além de se mostrar empolgada com o meu trabalho nas maravilhosas conversas sobre política e cotidiano no Instituto Moreira Sales e na Vila Madalena. A dona Odete Marques foi igualmente importante, pois transmitiu suas memórias e poesias, além de sempre me receber de forma atenciosa em sua casa, no telefone ou no Whatsapp. Como sigela retribuição, abro esta tese com dois de seus poemas, um dos quais escolhidos por ela. O padre Jaime Crowe, por sua vez, conversou comigo na paróquia Santos Mártires. A todas essas pessoas dou um abraço afetuoso. Da mesma forma reconheço o papel da deputada federal Luíza Erundina, a qual me cedeu materiais e livros e deu um relato logo no começo desta pesquisa [(2018)]. Sua assessora Muna Zeyn e toda a equipe de seu escritório foram importantíssimos. Por fim, cito a família Abramo, a qual esteve presente nesse trabalho ao me aconselhar e dar um voto de confiança para estudar a vida de Lélia Abramo. Em especial, menciono Alcione, Pedro e Bia Abramo.

Devo falar também de Aline Vitor Ribeiro e sua família, pois sempre me apoiaram em todos os meus projetos. A pandemia não permite que nos vejamos pessoalmente a algum tempo, mas seguimos com laços fortes. Ela sempre está disposta a me ouvir e ler trechos desta tese, apontando questões de escrita e análise. Eu a conheço a treze anos e já a considero uma irmã. Cito ainda o Rodrigo Gomes e o Mauro Iukio, os quais sempre se dispuseram a realizar conversas virtuais e a assistir minhas falas em eventos acadêmicos. Lembro também da sensibilidade de Julio Rosa Bueno e Luty Fortes, os quais igualmente me ouvem e sempre estão atentos e empolgados com o meu trabalho. Essas relações produziram (e produzem) aprendizados de todos os lados.

Não posso deixar de mencionar meu orientador do mestrado, Luigi Biondi, e minha tutora do PET-História da UNIFESP, Edilene Toledo, com os quais tenho laços fraternos de parceria e amizade. Sempre foram solícitos comigo ao me aconselhar no meu trabalho e ao estabelecerem os primeiros contatos com o Benito. Edilene e Luigi vêm acompanhando a minha carreira desde o início, e, como os mesmos dizem: “Viram-me nascer para a História”, pois deram aula para mim desde a graduação. Outro docente de suma importância para a minha carreira é o professor Jaime Rodrigues, o qual igualmente me conhece desde 2008 e vem me ensinando muito acerca do ofício do historiador. Ele me deu conselhos importantes para a elaboração do projeto que

desembocou nesta tese. Não estaria aqui hoje sem a sua ajuda, bem como a de Edilene e Luigi. O entusiasmo de todos eles me motiva e incentiva neste e em outros projetos. Menciono também os professores: Fernando Atique, Luís Filipe Silvério Lima, Julio Moracén Naranjo, Marcia Eckert Miranda, Glaydson José da Silva, Denilson Botelho e Stella Maris Franco.

Devo lembrar também das amizades construídas por causa do doutorado. Primeiramente, dou meu obrigado a José Júnior, com quem pude morar em Porto Alegre e que realizou comigo intensos debates acerca da minha pesquisa. Lembro também do Alan Alvão e seu companheirismo, pois além das conversas acadêmicas, sempre me hospedou quando tive de retornar a Porto Alegre. Do Jacson Schwengber, o qual sempre conversou comigo com empatia e sensibilidade. Tive a oportunidade de hospedá-lo em minha casa durante um evento realizado na UNIFESP – Campus Guarulhos em 2018. Devo reconhecer também a presença neste trabalho de Allan Kardec, Lívia Gallo, Vicente Detoni, Eduarda Lopes, Sulena Cerbaro, Evandro Machado, Guilherme Nunes e Maíra Santos. Agradeço por fim aos docentes: Bruno Groppo, Carla Rodeghero, Ricardo Oliveira, Sílvia Petersen (com quem cursei disciplinas na UFRGS) e Mara Rodrigues (supervisora do Estágio Docência em Teoria da História). Por fim, às professoras Clarice Speranza e Natália Pietra, as quais compuseram a banca da minha qualificação e da defesa de doutorado e contribuíram enormemente para a minha pesquisa. Por último, e não menos importante, dou um abraço à professora Marta Rovai, a qual vem me ensinando muito acerca da História Oral e História Pública por meio das redes sociais. Ela igualmente foi decisiva em minha banca de defesa do doutorado e segue acreditando no meu trabalho como historiador.

Agradeço a contribuição de Ana Carolina Maciel, Karina Anhezini e Wilton Silva, por realizarem apontamentos durante os simpósios da ANPUH, aos membros do grupo de estudos Memento (da UNESP- Assis): Ingrid Mancilha, João Muniz Junior e Manoel Oliveira e aos colegas Carlos Thaniel Moura e Renata Geraissati. Meu obrigado aos funcionários do CEDEM-UNESP, Fundação Perseu Abramo, IEB-USP e do CCHLA-UFPB e a todas e todos que cederam seus relatos para a produção de reflexões e novas ideias. Por fim, agradeço à CAPES pelo financiamento da minha pesquisa.

Resumo

Esta tese tem o objetivo de estudar a inserção de mulheres nos espaços da política institucional e nos movimentos sociais no decorrer dos séculos XX e XXI por meio das trajetórias de três militantes de esquerda de São Paulo: a atriz Lélia Abramo (1911 – 2004), a assistente social Luíza Erundina de Sousa (1934 –) e a professora e administradora Irma Rossetto Passoni (1943 –). A escolha dessas vidas se deu pela viabilidade geográfica da pesquisa, além do fato de representarem uma pequena parcela da diversidade de experiências presentes nos movimentos políticos e sociais do século XX. Todas tiveram contato entre si e se tornaram quadros do PT e do processo de redemocratização brasileiro. A primeira era filha de um casal italiano que vivia em São Paulo, a segunda de camponeses que tiveram de migrar mais de uma vez devido à seca e a terceira vinha de uma família de comerciantes do oeste catarinense e que se mudou para São Paulo a fim de prosseguir na carreira escolar/acadêmica. Cada uma delas teve uma origem familiar distinta, o que auxiliou na construção de seus pertencimentos de classe, gênero e região. Com tais repertórios, elas moldaram seus projetos e visões sobre o entorno e puderam assim estabelecer laços profissionais e de amizade com sindicalistas, líderes comunitários ou moradores da periferia. Lélia iniciou sua militância em grupos trotskistas na década de 1930; Luíza em movimentos estudantis e Irma junto a religiosos progressistas, ambas nos anos 1960. Todas tiveram contato com sindicatos ou grupos de trabalhadores e foram perseguidas no regime civil-militar brasileiro (1964 – 1985). Inseridas nesses espaços e com carreiras consistentes, elas tiveram o Partido dos Trabalhadores (PT) como uma opção viável em 1980 e, a partir dessa agremiação, construíram suas trajetórias na política institucional. Lélia se candidatou ao Senado (1982) e foi membro da Secretaria de Cultura de São Paulo (1989 – 1993); Luíza foi vereadora (1983 – 1987), deputada estadual (1987 – 1989), prefeita de São Paulo (1989 – 1993) e ministra (1993); Irma foi deputada estadual (1979 – 1983), federal (1983 – 1995) e atuou na Assembleia Nacional Constituinte (1987 – 1988). Contudo, os caminhos não eram os mesmos e cada uma delas tomou um rumo diferente nos anos 1990 e 2000. Lélia faleceu em 2004, mas teve o seu passado encenado nos anos seguintes; Luíza segue como deputada federal e passou para o PSB (1997) e o PSOL (2016); Irma, por sua vez, licenciou-se temporariamente do PT para trabalhar no Ministério das Comunicações (1995 – 1996) e fundou o Instituto de Tecnologia Social (ITS) em 2001. Mesmo assim, o PT segue sendo o marco central de suas vidas, o que influenciou na formação de seus projetos ou na manutenção de suas imagens. Ao observar suas trajetórias, devemos compreender como o gênero, a raça e a classe foram centrais na construção de seus campos de possibilidades. Para tanto, partimos da ideia de que há diferentes branquitudes e feminilidades para estudarmos essas vidas e relacioná-las a um período e sociedade, rompendo assim com categorias fixas e generalizações.

Palavras-chave: Gênero, Branquitude, Memória, Biografia, Trajetórias de Vida

Abstract

This thesis has the aim to study the women insert in institutional politics and social movements places on the move of 20 and 21 centuries through the trajectories of three left militants: the actress Lelia Abramo (1911 – 2004), the social worker Luiza Erundina de Sousa (1934 –) and the teacher and manager Irma Rossetto Passoni (1943 –). These lives have chosen because of geographical viability of the research and even by the fact of they represents some of experiences diversity of political and social movements in the 20 century. All of these women had contacts between them and became leaders of Brazilian Workers Party (PT) and redemocratization process. The first one was born in a italian couple who lived in Sao Paulo, the second one came from a peasants family that should to migrate many times because the Brazilian Northeast droughts; the third one was a daughter of a Santa Catarina State West merchant family, and she had to move to Sao Paulo to continue her educational/scholar carreer. Each one had a distinct familiar origin and it helped them to construct your gender, class and regional identities. With this references, they model their projects and viewpoints about society and thus criate friendship and professional bonds with unionists, community leaders and periphery residents. Lelia begins her militancy in trotskists groups in the 1930 decade; Luiza in students movements and Irma with progressists religious, a both in 1960 years. All of them had contact with unions or workers groups and were persecuted by Brasilian civil-military regime (1964 – 1985). Inserted in this places and with consistent carreers, they had the Bazilian Workers Party (PT) like a possible option in 1980 and, starting by this group, construct their trajectories in intitucional politics. Lelia applied for Senate (1982) and was a member of Sao Paulo Culture Office (1989 – 1993); Luiza was councilwoman (1983 – 1987), State deputy (1987 – 1989), Sao Paulo mayor (1989 – 1993) and minister (1993); Irma was State deputy (1979 – 1983), Federal one (1983 – 1995) and worked at National Constituent Assembly (1987 – 1988). But, the ways were not the same and each one followed a different path in the 90's and 2000's decades. Lelia has died in 2004, but she had her past staged in the last years; Luiza continues to work like Federal deputy and passed by Brasilians PSB (1997) and PSOL (2016) parties; Irma, in her turn, moved away temporarily from PT to work at Brazilian Communications Ministry (1995 – 1996) and has established the Social Tecnology Institute (ITS) in 2001. Nevertheless, the Workers Party continues like a central event in their lifes, that influenced on their projects constucting or to the maintenance of their images. While watching their lifes, we should to understand how gender, race and class were important to their possibilities fields. Therefore, we start from the idea that exists differents types of femininity and whiteness to study this lifes and relating them to a period and society, breaking with fixed categories and generalizations.

Key-words: Gender, Whiteness, Memory, Biography, Life Trajectories

Resumen

Esta tesis tiene lo objetivo de estudiar la inserción de las mujeres en los espacios de la política institucional y en los movimientos sociales brasileiros em el transcurso de los siglos XX y XXI por médio de las trayectorias de tres militantes de la izquierda: la actriz Lelia Abramo (1911 – 2004), la asistente social Luíza Erundia de Sousa (1934 –) y la profesora y gerente Irma Rossetto Passoni (1943 –). La escolta de essas vidas fue por la viabilidad geográfica de la busca y también por el facto de ellas representaren una parcela de la diversidad de experiências de los movimientos políticos y sociales del siglo XX. Todas ellas tuvieron contacto la una con la otra y se tornaran líderes del Partido de los Trabajadores de Brasil (PT) y del processo de redemocratización del país. La primera era hija de una pareja italiana que vivia en Sao Paulo; la segunda de campesinos que tuvieron de emigrar por cuenta de la sequia y la tercera viene de una familia de comerciantes del Oeste de lo Estado de Santa Catarina y tuvo de mudarse para Sao Paulo para dar prosequimiento a su carrera escolar/académica. Cada una tuvo una origen familiar distinta, lo que las ha ayudado a construir sus identidades de género, clase y región. Com tales referencias, ellas pudieron hacer sus proyectos y visiones acerca de los alrededores y pudieron así establecer relaciones profesionales y de amistad con unionistas, líderes comunitarios y residentes de la periferia. Lelia empezó su militancia en grupos trotskistas en los años 1930; Luíza en movimientos estudiantiles y Irma con religiosos progresistas, ambas en la década de 1960. Todas tuvieron contacto con uniones o grupos de trabajadores y fueron perseguidas por el régimen civil-militar brasileiro (1964 – 1985). Insertadas em estos espacios y con carreras consistentes, ellas tuvieron el Partido de los Trabajadores (PT) como opción viable en 1980 y, a partir de esa asociación, construyeron sus trayectorias en la política institucional. Lelia ha solicitado al Senado (1982) y fue miembro de la Secretaria de Cultura de Sao Paulo (1989 – 1993); Luíza fue consejera (1983 – 1987), deputada estadual (1987 – 1989), alcalde de Sao Paulo (1989 – 1993) y ministra (1993); Irma fue deputada estadual (1979 – 1983), federal (1983 – 1995) y ha trabajado em la Asamblea Nacional Contituyente de Brasil (1987 – 1988). Pero los caminos no fueron los mismos y cada una de ellas ha tomado un curso diferente en los años 1990 y 2000. Lelia ha fallecido en 2004, pero tuvo su pasado escenificado en los años siguientes; Luíza sigue como deputada federal y ha pasado para lo PSB (1997) y lo PSOL (2016); Irma, por su vez, se mudó temporalmente del PT para trabajar em lo Ministerio de Comunicaciones de Brasil (1995 – 1996) y ha fundado lo Instituto de Tecnología Social (ITS) en 2001. Así mismo, lo PT sigue siendo lo facto central de sus vidas, lo que influye en la construcción de sus proyectos o en lo mantenimiento de sus imágenes. Al mirar sus trayectorias, debemos comprender como lo género, la raza y la clase fueron centrales para la construcción de sus campos de posibilidades. Para tanto, partimos de la idea de que hay diferentes blanquitudes y femerilidades para estudiarmos essas vidas y relacionarlas a um período y sociedad, rompiendo así con categorías fijas y generalizaciones.

Palabras-clave: Género, Blanquitud, Memoria, Biografía, Trayectorias de Vida.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001

Sumário

Introdução.	9
Capítulo 1: Quem somos nós e de onde viemos? Identidades e escritas de si nas memórias familiares e profissionais de Lélia, Luíza e Irma.	43
1.1 Italiana, brasileira ou atriz? Lélia Abramo.....	50
1.2 Migrar, trabalhar e estudar. Sempre! Luíza Erundina de Sousa.	87
1.3 Uma mulher, três nomes: Irma Rossetto Passoni.....	123
Capítulo 2: Construindo-se e refazendo-se a todo instante: o encontro de três mulheres militantes	151
2.1 Eu, Nós, Elas (es): Memória, escrita de si e campos de possibilidades no início das atividades políticas.	156
2.2 1978 e os velhos-novos projetos no encontro de três vidas.	191
2.3 O pranto (não) chorado, a dor (não) sentida: três mulheres que sobreviveram.	227
Capítulo 3: E agora companheiras? A construção de identidades e trajetórias políticas.	258
3.1 Não foi tão fácil: Ganhando espaço no interior do Partido dos Trabalhadores.....	264
3.2 A quem representamos afinal?.....	301
3.3 Sob o olhar de companheiras (os) e jornalistas.	329
Capítulo 4: Quem fomos nós e para onde vamos? A (re) construção de três vidas militantes.	364
4.1 Fechando as cortinas para ser sempre reverenciada: uma autobiografia, uma carreira e uma memória	370
4.2 Para sempre Prefeita: Luíza entre quatro partidos.....	401
4.3 Pensando em quem mais trabalha: o MCV e a tecnologia na memória de uma “eterna militante”	426
Considerações Finais.	456
Fontes.	464
Bibliografia.	504

Introdução

O primeiro diálogo: o que guardo de minhas personagens?

São Paulo, 1996

Eu tinha seis anos de idade quando a urna eletrônica passou a ser utilizada. É a primeira eleição da qual me lembro.... Seja pelo fato de minha mãe me levar para apertar aqueles botõezinhos ou pela relativa maturidade cognitiva adquirida, aquele foi um ano marcante. Estava na pré-escola e as professoras organizaram um pleito fictício com uma urna de papelão e botões de plástico. A ideia era a de ensinar números, mas também de fazer com que tivéssemos contato com os fatos que se desenrolavam naqueles dias. Eu (e creio que outros de meus colegas) via o horário eleitoral gratuito paulistano na televisão, mas como morava em Guarulhos não tinha tanta proximidade com o pleito do nosso município, pois as atenções se voltavam para a capital.

Não tenho memória de todos os candidatos, mas lembro de dois. O primeiro era Celso Pitta, um homem alto, negro e que falava difícil, seu número era o onze (11). A outra era Luíza Erundina, uma mulher loira, que usava roupas coloridas e soava simpática, seu número era o treze (13). Parte da minha família votou no PPB e outra no PT, mas no final das contas Maluf fez o seu sucessor. Abrindo um parêntesis, devo salientar que a minha visão dos fatos é moldada pelo momento no qual digito essas linhas e que, portanto, não escolhi estudar a trajetória de Erundina ainda na infância! Eu nem pensava em ser historiador! Queria ser uma porção de outras profissões até chegar à adolescência. Minha vida, assim como a de qualquer outra pessoa, não é uma linearidade. Somos um emaranhado de fatos e processos, os quais interferem em nossos projetos e campos de possibilidades.





Partido dos Trabalhadores. Sim Por São Paulo. 1996. Youtube. Canal Uirá Ramos. Erundina prefeita 1996. Postagem: 24 de março de 2011. (9 m 30 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=up_qFJq_IXE&t=22s Acesso: 30/07/2021 às 01:11 hrs.

Mas porque tanta digressão?

Eu optei por iniciar minha tese pelo primeiro contato que tive com cada uma das militantes aqui analisadas. Luíza foi a primeira. O que marcou meu imaginário sobre ela foram as cores utilizadas em sua campanha, a qual me remetia aos programas infantis da TV Cultura. O tempo passou e a imagem daquela senhora loira persistiu, mas não me lembro de tê-la visto na televisão nos anos seguintes, apesar de ela ainda ter participado das eleições de 1998, 2000, 2002, 2004, 2006. Somente na adolescência fui revê-la, já no Partido Socialista Brasileiro (PSB). Lembro-me de perguntar ao meu pai se a Erundina havia morrido, pois ela andava sumida. Ele não podia votar, pois era estrangeiro (boliviano), mas simpatizava com o PT. Talvez a saída desse partido tenha retirado os holofotes da ex-prefeita, mas isso é assunto para o quarto capítulo desta tese. Como adulto, já me recordo de Luíza na campanha de Fernando Haddad (2012), mas aí eu já era graduando no curso de História da UNIFESP e tinha como acompanhar mais de perto o desenrolar dos fatos. Outra memória que tenho é de Luíza ingressando no PSOL (2016) e seu discurso em oposição ao golpe desenrolado naquele mesmo ano. A decisão de trabalhar com a sua vida somente passou a ser costurada no final do Mestrado, um ano antes, o que pode ter sido influenciado tanto pelo espaço que ela tinha na mídia naquele momento quanto por ter visto seu nome diversas vezes nas fontes que utilizei em minha dissertação.¹

A primeira vez que tive contato com Lélia Abramo foi através da fotografia que abre a descrição do seu fundo documental no Guia do Acervo da Fundação Perseu

¹ BARRERO JUNIOR, Roger Camacho. *Companheiras e Companheiros: As mulheres e a inserção de suas pautas no Partido dos Trabalhadores (1978 – 1988)*. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2015.

Abramo. A atriz havia falecido quando eu tinha 14 anos de idade e, no auge da minha adolescência, não assistia tanto aos noticiários. Também não tenho lembranças de sua atuação na televisão. Estas fontes somente foram vistas depois que entrei no doutorado (2017). Mas voltando àquela fotografia em preto e branco, vemos que ela foi captada segurando uma flor e com adesivos colados em sua roupa. O olhar é sereno e atento a um plano superior (quem sabe um palanque ou apenas um momento de reflexão em meio a uma passeata). Entretanto, a foto não é um reflexo de Lélia, mas um instante registrado por alguém interessado em passar uma mensagem ao público que porventura visse aquela imagem. Eu estava concluindo a minha graduação em 2011. Nem pensava em trabalhar com a História do PT, meu foco era outro, porém foi a partir daquele trabalho que comecei a elaborar a minha outra empreitada (iniciada em 2013). Lembro-me de confundir, num primeiro momento, Lélia com a professora Zilah Wendel Abramo,² esposa de Perseu Abramo,³ sobrinho daquela atriz e militante petista, mas falecido anos antes dela. O guia destacava palavras como movimento de mulheres, anarquismo, imigração e guerra, talvez por partir da narrativa exposta na autobiografia de Lélia.⁴

² Zilah Wendel Abramo (1926 – 2018) nasceu em São Paulo – SP e se graduou em Ciências Sociais pela USP. Casou-se com Perseu Abramo em 1952 e teve cinco filhos. Lecionou Sociologia na UnB entre 1962 e 1964 e trabalhou como servidora pública. Filiou-se ao PSB na década de 1950 e participou do Comitê Brasileiro pela Anistia nos anos 1970. Atuou na greve do funcionalismo público municipal de 1979 e da fundação do PT em 1980. Após o falecimento de Perseu (1996) participou da organização e do conselho da FPA. (OGATA, César. *Zilah Abramo: uma estrela da resistência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 16/08/2018. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2018/08/16/zilah-abramo-uma-estrela-da-resistencia/> Acesso: 30/01/2021 às 22:00 hrs.)

³ Perseu Abramo (1929 – 1996) nasceu em São Paulo – SP e era filho de Athos Abramo e Athea Tommasini. Graduiu-se em Ciências Sociais pela USP em 1959 e trabalhou como jornalista de 1946 a 1962, quando ingressou no magistério do Ensino Superior. Foi preso em 1964 após a invasão da UnB e atuou na oposição ao regime autoritário em vigor. Seguiu como repórter nos anos seguintes, participou da greve dos jornalistas de 1979 e da fundação do PT em 1980. Faleceu vítima de uma embolia pulmonar e, como homenagem, teve o seu nome dado à fundação (FPA) que preserva os acervos do Partido dos Trabalhadores e promove pesquisas e debates sobre política e sociedade. (S/A. *Sobre Perseu Abramo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 11/02/2010. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2010/02/11/sobre-perseu-abramo/> Acesso: Acesso: 30/01/2021 às 22:00 hrs.)

⁴ MENEGOZZO, Carlos Henrique Metidieri (org.). *Centro Sérgio Buarque de Holanda: Guia do Acervo*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2009.



Lélia Abramo participa do comício de encerramento da campanha de Lélia à Presidência da República pelo Frente Brasil Popular, realizado em novembro de 1980 (Fundo PT/INS/Acervo CSBHU). Foto: Cláudio Araújo.

ARAGÃO, Cibele. Imagem de Lélia Abramo que abre seu fundo no Guia do Acervo. (MENEGOZZO, Carlos Henrique Metidieri (org.). *Centro Sérgio Buarque de Holanda: Guia do Acervo*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2009. p. 136)

Durante o mestrado também vi recorrentemente o seu nome, principalmente no material da campanha de 1982, quando concorreu ao cargo de suplente de senadora. A minha ideia era a de buscar nomes de mulheres que haviam militado naquele partido. Além daquelas que dão forma a esta tese, outros nomes surgiam e ressurgiam por meio de jornais, circulares, materiais de campanha ou manifestos. Meu olhar estava direcionado para o coletivo e talvez por isso o nome de Lélia tenha passado tantas vezes despercebido. Outro fator que pode ter predominado foi a minha busca por mulheres trabalhadoras e movimentos de base, pois tinha o intuito de construir uma “história vista de baixo” do PT. Como eu era imaturo.... Mal sabia eu que uma atriz também tinha consciência de classe.

Irma Passoni me foi apresentada pelo jornal *Em Tempo* em uma matéria sobre movimentos populares. Para compor seu texto, uma fotografia estampava a página: era a militante discursando em um palanque e em frente a uma faixa que dizia “Por um governo de trabalhadores”. Em diversos outros momentos me deparei com seu nome (na mídia feminista do jornal *Mulherio*, em documentos do Diretório Nacional do PT, na lista de líderes da bancada...). Eu sabia que ela era religiosa e que havia sido freira. Cheguei a citar algumas de suas falas na minha dissertação e a escrever uma breve nota biográfica no rodapé de um dos meus capítulos, o que não deixou de ser feito com Luíza e Lélia. Não me lembro de Irma na televisão, mesmo ela tendo apresentado um programa televisivo na Rede Vida entre os anos 1990 e 2000. Talvez eu fosse criança demais para me interessar por conversas com deputados e senadores. O Programa

Momento Político chegou inclusive a entrevistar a Luíza que eu não via mais, mas eu não assisti à conversa e muito menos tive acesso posteriormente àquela gravação.



Fotografia de Irma apresentada em entrevista para o jornal *Em Tempo*. (BAVA. Silvio Caccia. O PT e as lutas populares. *Em Tempo*. Ano 3, nº 109, 3 a 16 de julho de 1980. p. 6. São Paulo: Fundo DS, Fundação Perseu Abramo)

A primeira vez em que vi Irma Passoni pessoalmente foi em julho de 2016, quando resolvi analisar a trajetória de vida de mulheres petistas. Havia entrado em contato com ela por meio do Instituto de Tecnologia Social e logo agendamos uma entrevista. Ao chegar no ITS, ela pediu para que eu entrasse. Logo me impactei ao me deparar com uma personagem tão presente nas fontes do meu mestrado. Realizamos a conversa e tiramos fotos. Com aquele material eu iniciei a escrita do projeto para a seleção do Doutorado. Somente voltei a vê-la em 2018, pois fui aprovado e morei alguns meses em Porto Alegre (de março a dezembro de 2017). Também, pude conversar com ela em uma mesa de debate sobre os 40 anos do Ato da Praça da Sé realizado pelo CEDEM – UNESP e outras três vezes na sede do Instituto de Tecnologia Social, onde conversamos mais e levantei fontes para a pesquisa.

Mas não posso deixar de explicar como saí de uma pesquisa focada no coletivo para outra interessada em indivíduos. Como dito acima, estudei o PT durante o mestrado. Minha preocupação era analisar como as pautas de movimentos de mulheres foram recebidas pela militância do partido nos seus primeiros anos. Nesse processo, uma série de conflitos surgiram, pois temáticas como a paridade de gênero e as questões relativas à sexualidade sofriam a resistência de uma parte dos membros da legenda. Tal problema me levava a buscar falas e textos produzidos pelas companheiras petistas. Ao encontrá-las, desfiz a imagem de que apenas as CEBs questionavam demandas como a legalização do aborto ou a promoção de métodos contraceptivos. Além do mais, pude encontrar sindicalistas e militantes de esquerda que diziam que as discriminações de

gênero eram temas secundários ou que a falta de mulheres nas lideranças da agremiação não seria um problema. Da mesma forma, encontrei religiosas e religiosos que apoiavam movimentos feministas. Os grupos fixos apresentados no projeto de 2013 estavam abalados e o cenário se complexificava. Assim, busquei ir além dos grupos.

Passada a defesa (2015), quis a princípio trabalhar com pessoas de diferentes estados, tratando dos diversos Partidos dos Trabalhadores espalhados pelo país. Essa pretensão, todavia, foi revista por um docente que me aconselhou a voltar meus olhos para a militância de São Paulo, pois facilitaria a coleta de fontes, bem como delimitaria melhor o recorte da pesquisa. Assim, de cinco nomes (havia pensado em Benedita da Silva,⁵ RJ, Irma Passoni ou Luíza Erundina, SP, Marina Silva, AC, Maria Luíza Fontenelle, CE e Ideli Salvatti, SC), passei para duas (Luíza e Irma). A ideia inicial era de trabalhar com mulheres que tiveram contato com grupos religiosos e, no novo recorte, elas contemplavam meus anseios, pois atendiam aos meus requisitos políticos e geográficos, além de dispor de fontes suficientes para iniciar uma escrita biográfica. Como ainda estava imerso na pesquisa do mestrado, essas vidas seriam estudadas somente da Fundação do PT (1980) até a eleição de Lula (2002), pois aquelas trajetórias serviriam para estudar a inserção de mulheres no Partido dos Trabalhadores, desconstruindo assim generalizações. Se antes eu não me aprofundara tanto em casos específicos, agora era o momento.

Lélia somente foi inserida depois, quando notei que precisava de mais uma vida para dar consistência às minhas análises e assim ampliar o olhar sobre o passado petista. Além da disponibilidade de um bom volume documental, a trajetória de Abramo conferia diversidade ao meu trabalho, pois ela se distanciava de minhas outras duas personagens no que diz respeito à classe e aos postos ocupados no PT. Luíza havia sido prefeita, vereadora e deputada; Irma atuou na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, na Assembleia Nacional Constituinte e na Câmara; já Lélia permanecera na

⁵ Benedita da Silva (1942 -) nasceu no Rio de Janeiro – RJ e estudou Enfermagem e Serviço Social. Morou na favela do Chapéu-Mangueira e atuou nos anos 1970 em movimentos de negros e de mulheres. Foi vereadora no Rio de Janeiro entre 1983 e 1987 e deputada federal de 1987 a 1995. Trabalhou junto com Irma Passoni na Assembleia Nacional Constituinte. Em 1995 elegeu-se senadora, mas deixou o cargo em 1998, quando se tornou vice-governadora na chapa de Anthony Garotinho. Em 2002, com a renúncia deste, assumiu o governo fluminense até 2003, quando passou a faixa para Rosinha Garotinho. Foi Ministra de Assistência Social do Presidente Luís Inácio Lula da Silva entre 2003 e 2007. Voltou ao cargo de deputada federal em 2011 e permanece nele até hoje. (VELASQUEZ, Musa; COUTO, André Faria; CORREIA, Maria Letícia. Benedita da Silva. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/benedita-sousa-da-silva> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.)

direção partidária e ocupou cargos administrativos. Assim, eu conseguiria abarcar diferentes postos da política institucional.

Por outro lado, como a pesquisa caminha e as demandas se modificam, passei a me debruçar mais em questões externas ao partido. Se no mestrado eu olhava para o PT, o doutorado me possibilitou compreender o que permitiu a entrada daquelas pessoas numa agremiação política, bem como a família na qual nasceram e sua formação profissional. Esses fatores não poderiam ser negligenciados, pois uma pessoa convive em diferentes círculos no decorrer de sua vida e estes são utilizados para moldar identidades, compor memórias e gerar laços, o que inclusive nos faz entender o porquê de elas terem optado por entrar naquela e não em outra legenda.

Toda essa reflexão é pertinente, pois introduz a um conceito central desta tese: a memória. Como esta é seletiva e reelaborada no decorrer do tempo, posso dizer que a imagem que eu tinha de Luíza, Lélia e Irma não se cristalizou a partir do momento em que tomei conhecimento de suas vidas. Como em uma caixa na qual guardo fotos e objetos, acrescentei dados, imagens e palavras para defini-las. Entretanto, tive de retirar algumas e acrescentar outras no decorrer do meu trabalho.⁶ Não foi somente a pesquisa que me possibilitou desfazer/refazer lembranças e pontos de vista, mas também o contato estabelecido com as suas próprias ou as de seus familiares. Infelizmente não tive a oportunidade de conhecer Lélia Abramo pessoalmente, mas pude ler sua autobiografia e compreender um pouco das suas preocupações no momento em que escrevia aquele livro. Alguns de seus familiares também me ajudaram a refletir sobre aquela vida, seja por propor a leitura do texto em questão ou por conversar acerca dos meus interesses de pesquisa. Por outro lado, consegui entrevistar e ter contato com Luíza e Irma. A primeira tratou de sua atuação política e me mostrou seu escritório na Zona Sul de São Paulo. A segunda me apresentou o Instituto de Tecnologia Social. Moara Passoni (filha de Irma) me ajudou a recompor os objetos de minha caixa mnemônica ao me ajudar tão prontamente com suas memórias.

⁶ Aleida Assmann trata da seleção da memória por meio da metáfora da caixa mnemônica. Para a autora, devido às suas limitações físicas, o objeto foi utilizado em diferentes momentos para representar o acúmulo de conhecimentos e lembranças, bem como aquilo que não caberia nelas e que, portanto, deveria ser descartado. Ainda, ela diferencia a memória funcional da memória cumulativa. Assmann explica que a primeira seria o ato de quem rememora, buscando articular suas lembranças em relação a um objetivo específico. A segunda seria aquela construída pelo historiador, o qual não deixaria de construir uma memória sobre alguém, porém com objetivos distintos e certo acúmulo de informações e análises. (ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Editora da Unicamp, 2011).

A tese e o contato com diferentes fontes moldaram minha imagem sobre essas mulheres. Se as percebia de uma maneira em 2017 (quando entrei no Doutorado), concluo a pesquisa em 2021 com um olhar diferente. Suas vidas não são mais uma linearidade, como pensava no começo da minha carreira como historiador/estudante. Elas agora são indivíduos com raça, gênero e classe e com uma trajetória atravessada por fatores e processos muitas vezes alheios ao seu controle. A vida é um emaranhado, mas mesmo assim não desconsidero a narrativa costurada por elas, pois esta é essencial para compreender suas posturas. Como bem lembra Daphne Patai, o contato com colaboradores não nos põe em pé de igualdade com eles.⁷ Se em alguns casos a diferença de classe gera desconfortos, confesso que neste caso foi o gênero que me deixou sem dormir algumas noites. Elas não desconfiavam de mim por me identificar como um burguês, mas minha identidade de gênero pode ter gerado receios. Eu também me punha a pensar sobre o fato de ser um homem cisgênero tratando de mulheres, mas consegui estabelecer laços políticos, de classe e mesmo regionais (na medida em que minha família materna é nordestina, assim como Luíza). Tais questionamentos são apenas hipóteses, mas são relevantes por expor minhas inquietações no decorrer dos trabalhos que deram como fruto o texto que aqui vos apresento.

Citando mais uma vez Daphne Patai, lembro que os interesses do pesquisador nunca se equiparam ao das pessoas entrevistadas.⁸ Se eu busco compreender o passado e refletir sobre as relações de classe, gênero e branquitude, elas podem querer expor suas versões dos fatos ou de apresentar-se para mim e para quem venha a ter contato com suas falas. Não tenho como compensar tamanha ajuda que me deram ou compreender na prática as opressões e angústias sofridas, mas posso me utilizar deste texto para expor um pouco das suas memórias. Claro que elas não são sujeitos cujas vidas não são conhecidas, como foi o caso das mulheres abordadas por Patai,⁹ pois tiveram/tem visibilidade na mídia ou nos meios políticos. Mesmo assim, deram abertura para que eu as ouvisse e isso diz algo sobre a necessidade de falar de suas trajetórias, mesmo que já tenham repetido suas narrativas tantas vezes. Essas vidas, como as demais, são interessantes e merecem ser estudadas e lembradas, mas deixo as apresentações para o desenrolar da tese. Se a pesquisa remodelou a imagem que eu tinha delas, este texto

⁷ PATAI, Daphne. Problemas éticos de narrativas orais, ou, Quem vai ficar com o último pedaço do bolo? In: PATAI, Daphne. *História Oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 83 – 84.

⁸ Idem. p. 69.

⁹ PATAI, Daphne. Construindo um eu: Uma História Oral de mulheres brasileiras. In: PATAI, Daphne. Op Cit, 2010.

pode servir para conhecer ou rever certos fatos. Cabe a quem lê identificar seus próprios anseios e partir de seus repertórios para reforçar, romper ou refazer imagens. Espero que a leitura suscite o interesse por se aprofundar nessas três vidas e/ou em muitas outras.

Olhando para o passado, mas falando do presente

Memória, conceito central para esta pesquisa. Como fruto de um presente que olha para o passado, ela não é, obviamente, uma representação plena daquilo que aconteceu. Ao contrário, é construída por repertórios, relações e sentimentos (elaborados posteriormente por um grupo ou pessoa), vindo a possuir especificidades com relação às demais fontes históricas. Como a memória é uma questão central para a compreensão das narrativas de nossas personagens, devemos analisar como suas lembranças foram gestadas a partir de debates, discursos, imaginários ou mesmo por questões pessoais, como angústias, traumas, desejos e realizações. Partindo dessas considerações, é preciso explicar mais detidamente a metáfora utilizada acima (caixas mnemônicas) para explicar as mudanças ocorridas no meu ponto de vista sobre essas três militantes.

Aleida Assmann¹⁰, como dissemos antes, utiliza-se da expressão *caixas mnemônicas* para historicizar a memória, bem como a sua seleção e construção. Esse objeto, que possui evidentes limitações físicas, foi, em diferentes períodos, utilizado como metáfora para definir quais conhecimentos, valores ou objetos mereceriam proteção. Partindo dessas ideias, Assmann apresenta um conto de Hugo de São Vítor (1096 – 1141), o qual representa a memória como uma arca que serviria para guardar aquilo que existiria de mais importante: os escritos e ensinamentos sagrados. Tal narrativa era utilizada pelo clérigo para incentivar a prática de mnemotécnicas, tidas como essenciais para lembrar de certos conhecimentos (principalmente os teológicos), os quais eram percebidos como vitais.¹¹

¹⁰ ASSMANN, Aleida. Op Cit, 2011. p. 125 – 142

¹¹ De acordo com Jaques Le Goff, a repetição era uma das formas utilizadas para exercitar a recordação. Se, na Grécia Clássica, a memória era tratada como um atributo divino, na tradição cristã da Idade Média, ela se volta para o exercício, mas ainda assim para criar uma relação espiritual com o divino. (LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003).

Em seguida, a autora expõe um conto de Heinrich Heine (1797 – 1856), no qual ele narra que Alexandre, o Grande, havia tomado e esvaziado uma caixa de joias do imperador persa Dario. A intenção de Assmann é mostrar como Heine se utilizou de tal metáfora para mostrar seu desapego a uma literatura mundana (Homero) ao trocá-la por um conto que remetia às tradições judaicas (Jehuda ben Halevy). Mesmo substituindo o conteúdo do recipiente, Heine não deixa a literatura de lado, pois continua a preenchê-la com poesias, mas abandona a Torá. Neste caso, a memória foi utilizada para ressignificar narrativas, locais e objetos, lembrando que, no decorrer do século XIX (período em que Heine escreveu), a literatura foi acionada como instrumento de retorno ao passado em um momento no qual surgiam narrativas para a construção de tradições e de *nações*.

Finalmente, a autora apresenta o *caixote cruel* de E. M. Foster (1879 – 1970). No conto em questão, seu protagonista possuía uma arca que de tão abarrotada parecia que iria se romper. Após um acidente, o objeto caiu e espalhou aquilo que continha, perdendo-se no curso de um rio, permitindo que seu proprietário se desligasse daqueles conteúdos e passasse a notar a beleza do seu entorno. Com o avanço da ciência no final do século XIX e início do XX, o número de informações cresceu expressivamente, fazendo com que muitos percebessem a necessidade do descarte daquilo que não fosse estritamente essencial. Além do mais, a psicanálise aparecia como ciência que tinha o objetivo de compreender o comportamento humano, reivindicando para si a memória como um de seus objetos de estudo.

Partindo de tais exemplos, Assmann atenta para a importância de nos debruçarmos sobre a temporalidade do significado atribuído a certos conhecimentos. Se trouxermos tais questões para esta tese, perceberemos como nossas personagens também constroem suas caixas, guardando nelas aquilo que consideram importante de ser protegido, mas retirando aquilo que não lhes parece ter esse valor. Mesmo assim, o que ficou de fora não é necessariamente apagado ou destruído, mas poderia ficar *hibernando* no exterior, esperando a hora certa de entrar no recipiente para servir de suporte para dar *novos* sentidos a si. Nesse sentido, pessoas, objetos e leituras aparecem e desaparecem de seus relatos, entrando e saindo de suas caixas na medida em que são solicitados. Cabe a nós entender suas motivações e o que, ou quem, lhes deu acesso a tais suportes. Mas se a Memória tem uma história, a recíproca tem validade?

Entendemos que a polarização radical entre História e Memória é algo insatisfatório, pois ambos os campos podem se complementar. De acordo com Assmann,¹² esses conceitos foram muitas vezes apartados,¹³ mas, na tentativa de aproximá-los, coloca-os no mesmo patamar, mostrando que existe uma memória funcional, a qual seria aquela utilizada como forma de auto compreensão na busca de uma orientação para o futuro. Assim, os sujeitos articulam suas experiências a fim de se construir e compreenderem suas trajetórias, buscando, em certos casos, legitimar, deslegitimar ou se distinguir de outros sujeitos. Assmann trata a História como uma memória cumulativa. Nessa perspectiva, a (o) pesquisadora (or) não tem obrigatoriamente uma relação vital com os fatos, construindo uma perspectiva em parte distanciada daquilo que levantou em sua investigação. Mesmo assim, essa memória não deixa de atender a certas intencionalidades, o que a aproxima da funcional.

Para esta tese, lembro que em diferentes momentos surgiram pesquisas sobre Luíza Erundina ou as mulheres constituintes (dentre as quais Irma) e, partindo dessas narrativas, devemos pensar que esse material pode e deve ser analisado como objeto de estudo da construção de uma memória sobre elas, o que também se aplica à presente investigação, indicando que ela expressa, igualmente, uma leitura contextualizada, e pessoal, dessas personagens. Além do mais, as memórias construídas por elas não deixaram de ser a base para a escrita de todo esse material e, portanto, elas não cessam de afetar a percepção daqueles e daquelas que se voltaram ao estudo de suas vidas. Portanto, Lélia, Luiza e Irma também são agentes das construções memoriais elaboradas a partir e sobre elas, inclusive daquelas expressas nas páginas que seguem.

A memória pode ser também *enquadrada*, a fim de atender a anseios pessoais ou coletivos.¹⁴ De acordo com Michael Pollak, os sujeitos selecionam e organizam fatos, imagens e expressões para compreender e dar sentido a um período, fato ou pessoa e, para tanto, silenciam outros dados a fim de legitimar um discurso ou ponto de vista. Sendo assim, quando uma memória se torna oficial, discursos dissonantes continuam a

¹² Idem.

¹³ Ulpiano Bezerra de Meneses, por exemplo, escreveu um artigo em 1992 no qual argumentou que História e Memória eram campos paralelos, apesar da última ter a possibilidade de se tornar objeto de atenção da primeira. Para o autor, a história é entendida como uma referência a um passado, a uma vivência, enquanto a memória seria o produto inacabado de um presente que se debruça sobre o passado e, portanto, não podendo ser confundida com a experiência. (MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, p. 9-23, 1992).

¹⁴ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, nº 3, 1989.

existir, circulando como algo subterrâneo, o que, ao deixar de ser reprimido, vem à tona, passando a disputar espaço com aquilo que era oficial. Partindo dessa perspectiva, notamos como as memórias são construídas e reconstruídas em meio a jogos de interesses. Pollak nos ajuda a refletir, por exemplo, como a imprensa construiu imagens sobre as militantes aqui pesquisadas e como certos marcos podem ter transformado essas representações. Ao mesmo tempo, ele nos auxilia a analisar de que forma nossas personagens também se fabricaram em diferentes momentos.

Levando em consideração essas reflexões, não podemos deixar de lembrar daquilo que não foi dito, pois o esquecimento deve ser visto como uma ferramenta e não um oposto da memória, sendo utilizado para geri-la ao atender a fins específicos, pessoais e coletivos.¹⁵ Aprofundando-se nesse conceito, Paul Connerton mostra como existe mais de um tipo de esquecimento.¹⁶ De acordo com o autor, ele pode ter motivações políticas ou sociais (seja para reprimir ou conciliar grupos), ser fruto de traumas pessoais e coletivos (como migrações forçadas por perseguição ou desastres naturais) e da falta ou do excesso de informação. Nossas personagens também se utilizaram de um esquecimento, voluntário ou não, para gerir sua autoimagem e se compreender. Nesse sentido, as motivações que as levaram a isso podem vir tanto de tristezas pessoais, quanto da perda de informações causada por diferentes fatores, como o afastamento temporal, a falta de documentação escrita ou imagética (se levarmos em conta, por exemplo, que, no caso de Luíza, a sua família não tinha o mesmo acesso a fotografias e diários como os Abramo) ou das lembranças que se sobrepõem umas sobre as outras (como o enfoque de Irma em sua composição familiar pós-matrimônio).

Outros fatores também devem ser levados em consideração ao analisarmos a construção mnemônica de narrativas. Cléria Botelho¹⁷ e Janaína Amado,¹⁸ por exemplo, refletem sobre a relação entre repertório e memória. A primeira mostra que os indivíduos se utilizam de suas referências para interpretar o passado. Nesse sentido, ela aponta para a persistência de certos preconceitos na fala de um trabalhador rural focado em sua pesquisa e mostra que o pesquisador não deve julgá-lo em função disso, mas refletir sobre as referências às quais ele teve acesso e como, a partir delas,

¹⁵ TODOROV, Tzevtan. *Los abusos de la memoria*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2000.

¹⁶ CONNERTON, Paul. Seven types of forgetting. *Memory studies*, v. 1, n. 1, p. 59-71, 2008.

¹⁷ COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: dilemas da interpretação. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 47-65, jul./dez. 2014.

¹⁸ AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *Projeto História*, São Paulo n. 14, 1996.

construiu os seus repertórios. Ao conversar com um militante goiano, Janaína Amado percebeu que o relato daquele trabalhador não coincidia com os fatos analisados e dos quais ele participou, pois o personagem deu uma versão própria àqueles acontecimentos, distanciando-se das demais entrevistas e conseqüentemente fazendo a própria pesquisadora tratar, em um primeiro momento, aquela fonte como *mentirosa*, engavetando-a. Posteriormente, ao reler o material, Amado notou que aquele texto, na verdade, se utilizava da narrativa de Cervantes sobre Dom Quixote para interpretar os fatos e, a partir daí, passou a tentar compreender como aquele trabalhador teve contato com essa referência e construiu sua interpretação dos fatos, identificando, então, que ele não mentia, mas dava um outro olhar sobre eles a partir de seus repertórios culturais.

Naquilo que se refere aos repertórios, temos também o conceito de composição da memória.¹⁹ Segundo Alistair Thomson, os sujeitos constroem suas interpretações na medida em que têm contato com pessoas que vivenciaram experiências semelhantes às suas, reformulando, a partir desse diálogo, as suas narrativas e identidades. Partindo dessas referências, uma pessoa pode agregar às suas lembranças os fatos narrados por esses outros indivíduos, na medida em que se identifica com aquele sujeito e seu grupo. Ao pensarmos como nossas personagens se percebem como militantes ou pertencentes a uma determinada cidade ou região, lembramos que elas podem partir daquilo que ouviram ou leram de indivíduos por elas vistos como semelhantes, utilizando-se das imagens, falas e fatos contidos em tais narrativas (e com os quais não tiveram contato direto necessariamente) para se construírem como parte de uma narrativa coletiva.

Para esta pesquisa, utilizamo-nos da história oral temática²⁰ com o objetivo de produzir e analisar relatos e histórias de vida tanto das personagens ainda vivas (Luíza e Irma), quanto de pessoas próximas a elas. A escolha do enfoque se deu pelo fato de termos a necessidade de direcionar essas falas de acordo com os objetivos da tese. Nesse sentido, é preciso ressaltar que alguns sujeitos entrevistados podem variar de uma parte do trabalho para a outra, na medida em que suas memórias só contemplem alguns períodos da vida de nossas militantes. Lembramos que essas fontes devem ser

¹⁹ THOMSON, Alistair. *Recompondo memórias: questões sobre as relações entre a História Oral e as memórias. Projeto História*, São Paulo, Vol. 15, 1997.

²⁰ A história oral temática seria um método de trabalho no qual o pesquisador tem uma interferência maior na fala da pessoa que narra, visando direcioná-la para as necessidades de sua análise. Essa abordagem difere da história oral de vida, na qual busca-se ouvir a pessoa contar sua trajetória tentando não interromper o relato. (MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. Editora Contexto, 2007).

entendidas em seu caráter memorialístico, isto é, retrospectivo, e também dialógico e construído, ou seja, elaboradas para se tornarem fontes.²¹

Ainda no que tange às nossas entrevistas, outras noções acima discutidas são igualmente pertinentes: repertório, enquadramento, composição e seleção, as quais se mostram como elementos fundamentais para analisarmos tais lembranças. Além do mais, Alessandro Portelli alerta para o fato de que as fontes orais podem indicar *ucronias*, na medida em que o relato se volte para aquilo que o entrevistado desejava que tivesse ocorrido e não para o que *de fato* aconteceu.²² A relação entre pesquisador e colaborador, como apontamos antes, também deve ser considerada. Na medida em que uma fonte oral é construída por meio do diálogo entre as duas (ou mais) partes, o relato pode ser tanto influenciado pelas perguntas realizadas, quanto pelas expectativas de quem fala sobre aquele que o escuta.²³ Lembrando que eu, Roger, me apresento geralmente como historiador, pesquisador ou estudante, a imagem que essas pessoas constroem de mim pode fazer com que suas falas se direcionem àquilo que entendem ser o mais ideal para a minha compreensão e para o meu trabalho.

Contando-se...

Partindo de todas essas considerações sobre a memória, é fundamental analisarmos como as nossas militantes produziram e produzem narrativas sobre si. Seja por meio de relatos, anotações ou livros, elas buscaram se compreender e dar publicidade à imagem que consideram, ou consideravam, como sendo a mais ideal. Lélia nos deixou uma autobiografia, Luíza escreveu sobre sua trajetória política e, assim como Irma, deu entrevistas nas quais tratou de sua família e/ou militância política. Para analisar essas fontes, levaremos em consideração, sobretudo, os estudos de dois autores.

²¹ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

²² PORTELLI, Alessandro. Sonhos Ucrônicos: Memórias e possíveis mundos dos Trabalhadores. *Projeto História*, volume 10. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, dezembro de 1993. Cito também: _____. O massacre de Civitella Val di Chianna (Toscana: 29 de junho de 1944) mito, política e senso comum. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

²³ PORTELLI, Alessandro. Op Cit, 1997.

Ângela de Castro Gomes se debruçou sobre as *escritas de si*.²⁴ Segundo a autora, uma pessoa se constrói ao narrar-se, tendo, muitas vezes, a intenção de transmitir esses relatos como uma visão oficial de sua vida. Quando alguém narra suas lembranças pessoais, alguns fatos podem ser ressaltados, outros silenciados e alguns reordenados e articulados em meio a uma cronologia pessoal, a qual não deixa de ser mediada por inúmeros vetores: emocionais, políticos, culturais, etc.

Dentre as escritas de si, se destacam as autobiografias, fontes bastante presentes em nosso corpus documental. Sobre elas, Philippe Lejeune²⁵ aponta para a existência de um contrato entre o escritor e o leitor. Esse elemento é denominado por ele como *pacto autobiográfico*, o qual seria o compromisso de quem escreve com a veracidade dos fatos, sendo reforçado por elementos como a identificação clara do autor e sua associação ao personagem principal do livro. Também, mostra que esse contrato presume assumir tal gênero de escrita logo no seu título ou no início do texto. Essa relação também é referencial, na medida que o autor de uma autobiografia traz materiais que dão sustentação à sua narrativa. Seguindo suas análises, e reelaborando as suas ideias, Lejeune reconhece que um texto autobiográfico pode se preocupar com a estética, mas sem deixar de permanecer entre o estilo e a referência. Sendo assim, ao nos debruçarmos sobre tal gênero de escrita, é importante levar em consideração sua especificidade frente a outras fontes, percebendo o pacto como um de seus elementos constitutivos e mesmo centrais.

Lejeune também diz que as transcrições de relatos provocam polêmicas por expor os mecanismos de produção de uma autobiografia, mostrando que, tanto elas, quanto os textos que dizem ser obra de um único autor, não são produzidos somente por uma pessoa, passando pela interferência de editores e revisores. Nesse sentido, ele prefere chamar aqueles que são assumidamente escritos por outra pessoa como *relatos de vida*, reconhecendo que representam uma escrita de si, mas que ao mesmo tempo não são uma autobiografia por romper com o pacto. Em nossa pesquisa, temos uma transcrição das memórias de Luíza Erundina feita pela ex-religiosa e jornalista Linda Bimbi,²⁶ a qual aparecerá em toda a nossa tese. Partindo das análises de Lejeune,

²⁴ GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: *Escrita de si, escrita da história*. RJ: FGV, 2004.

²⁵ LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

²⁶ Linda Bimbi (1925 – 2016) nasceu na Itália e atuou como religiosa e militante de grupos de Direitos Humanos no Brasil. Ainda auxiliou no refúgio de perseguidos políticos. Tornou-se amiga de Luíza Erundina durante sua militância, vindo a entrevistá-la. Logo depois, transcreveu sua fala no formato de

reconhecemos esse livro como uma fonte de memória e que, assim como os relatos orais, entrevistas e mesmo autobiografias, não é uma produção de um único sujeito, e que este não é alguém uno e coerente.

Seguindo os rastros

Nossas personagens também se contam por meio de seus acervos pessoais. Ao acumularem materiais, elas deixaram pistas de onde passaram ou de pessoas com quem tiveram contato. Por outro lado, essas gavetas, caixas e pastas têm um quadro de arranjo “perigoso”, pois as (os) *donas (os)* dos documentos que compõem tais acervos normalmente possuem o objetivo de transmitir uma imagem àqueles (as) que porventura mergulhem entre esses papéis e objetos para conhecer os indivíduos que investigam.²⁷ Darcy Ribeiro, por exemplo, cujo acervo pessoal foi objeto de estudo de Luciana Heymann, construiu-se como uma pessoa multifacetada e seus familiares quiseram dar continuidade a esse projeto ao criar uma fundação para salvaguardar seu acervo e suas pesquisas.²⁸ Pensando nesse caso, e no de nossas personagens, não podemos, obviamente, tomar esses *corpi* como se fossem uma representação cristalina daquilo que foi vivido, mas entender que são resultado de uma construção mnemônica movida por projetos de futuro.

Lélia teve a sua documentação dividida entre o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB – USP) e a Fundação Perseu Abramo (FPA). À primeira instituição foi enviado aquilo que se refere à sua atividade artística, familiar e sindical, e à segunda os papéis sobreviventes de sua militância no PT. Tal separação foi realizada por familiares após o seu falecimento (2004), mas continua a auxiliar na análise de como a sua imagem continuou a ser forjada nos anos seguintes. Irma possui parte de seu *corpus* protegido no espaço do Instituto de Tecnologia Social (ITS). O que ali encontramos se refere à sua

um relato de vida: SOUSA, Luíza Erundina. (FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. *Linda Bimbi (1925 – 2016): uma homenagem a uma educadora e defensora dos direitos humanos. Direito à Verdade e à Memória: Blog Cidadania em Pauta. Curso de Jornalismo da UFPB. Disponível em: <http://memoriasdeverdade.blogspot.com/2016/08/o-legado-de-linda-bimbi.html> Acesso: 23/01/2021 às 00:24 hrs.)*

²⁷ HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. *Revista Estudos Históricos*, v. 10, n. 19, p. 41-60, 1997.

²⁸ HEYMANN, Luciana Quillet. Os “fazimentos” do arquivo Darcy Ribeiro: memória, acervo e legado. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 36, p. 43-58, 2005.

atividade política no PT e à sua atuação posterior em setores da tecnologia e da comunicação. Luíza cedeu a sua documentação pessoal (do período no qual foi prefeita) ao CEDEM – UNESP. Em todos os casos, devemos entender que esses materiais não representam a totalidade da trajetória dessas militantes e que muito do que produziram e acumularam provavelmente foi descartado ou permanece à disposição de seus familiares ou de si próprias (nos casos de Luíza e Irma), seja por não atenderem às demandas desses sujeitos ou por ainda terem função para quem ficou com eles (livros, vídeos, objetos ou documentos de propriedade, como escrituras, plantas e notas fiscais).

Diversos objetos estão nesses arquivos e podem ser considerados tanto um indício da vida dessas pessoas quanto monumentos que evocam a sua existência, dando pistas sobre o cotidiano e a posição social de nossas personagens e, igualmente, sobre a construção das memórias a respeito delas. Dentre eles, destacamos as fotografias, especialmente os retratos. Como fruto da relação entre quem faz e quem posa, esse suporte é utilizado para construir e reforçar imagens destinadas à posteridade, sendo fabricado pelo ponto de vista do (a) representado (a), do (a) fotógrafo (a) e, posteriormente, de quem vier a *olhar* esse material.²⁹ Essas fontes também devem ser observadas por meio de sua materialidade. De acordo com Marcos Felipe de Brum Lopes e Ana Maria Mauad,³⁰ a fotografia era acessível a poucos até a década de 1950. A partir dos anos 1960 houve uma série de mudanças técnicas na produção de retratos, o que barateou o seu acesso, possibilitando, conseqüentemente, que outros sujeitos tivessem uma abertura maior para adquirir esses objetos. Além disso, tais imagens são configuradas por noções estéticas de um determinado período ou região, podendo trazer à tona questões referentes à condição de classe de seus proprietários. Como pretendemos fazer biografias históricas, devemos lembrar que quando representa cotidianos e ritos (sejam eles familiares, festivos, políticos, dentre outros), a fotografia está envolta por valores e concepções de um período específico,³¹ vindo a surgir muitas

²⁹ GRANET-ABISSET, Anne Marie. O historiador e a fotografia. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 24, 2002.

³⁰ MAUAD, Ana Maria; BRUM, Marcos Felipe de. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *História e fotografia. Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

³¹ CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. *História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema*. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

vezes como uma forma de autoafirmação e inserção em determinados grupos,³² o que não deve passar despercebido pelo (a) historiador (a).

Lélia preservou mais imagens de sua família do que nossas outras personagens e isso não se deu por mero acaso. Utilizando-as como cultura material e pensando que pertenciam a um grupo familiar do início do século XX, lembramos que os Abramo seguiam uma estética presente entre a elite oitocentista, a qual paulatinamente substituiu a pintura pela câmara escura, apesar de preservar alguns de seus traços, como as expressões faciais dos (as) representados (as) ou os ambientes utilizados para compor a cena retratada,³³ ajudando a entender a posição de poder dessa família na sociedade paulistana no início do século XX. Além do mais, vemos que Lélia foi retratada durante a sua infância mais de uma vez, o que nos diz muito sobre as suas possibilidades de inserção social. Por outro lado, não encontramos imagens de Luíza e Irma desse período de suas existências e somente conhecemos suas faces após entrarem na *vida adulta* o que também é um dado passível de reflexão, na medida em que é expressivo da classe social mais baixa da qual são oriundas. Por último, e não menos importante, na autobiografia de Abramo, bem como na de Erundina e nas entrevistas de Passoni, as fotografias surgem como referência de seus textos, servindo talvez para preservar um rosto ou momento que, em suas concepções, mereceria ser lembrado.

Jornais também surgem das pastas e caixas de seus arquivos. Como produtos da ação de outras pessoas, esse material ajuda a refletirmos sobre a presença de nossas militantes em certos eventos e a analisarmos a imagem que a sociedade poderia ter delas quando passaram a ganhar visibilidade. Como Tânia Regina de Luca³⁴ bem observa, esses impressos possuem materialidade e intencionalidade e, nesse sentido, não são neutros e muito menos apartados de um imaginário social. Preservados na íntegra ou em recortes, esses papéis podem vir a ser monumentos para reforçar uma memória a partir de suas imagens e palavras. As fotografias impressas em jornais não seriam necessariamente posadas, mas poderiam registrar ações ignoradas por quem as realizou, servindo para reforçar apoios ou críticas.³⁵ De uma forma ou de outra, quando surge em um acervo pessoal, o jornal serve para trazer à tona a memória de um evento e associá-

³² GRANET-ABISSET, Anne Marie. Op Cit, 2002.

³³ MAUAD, Ana Maria; BRUM, Marcos Felipe de. Op Cit, 2012.

³⁴ LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

³⁵ GRANET-ABISSET, Anne Marie. Op Cit, 2002.

lo ao proprietário do material, o qual seleciona palavras, fotografias e momentos para gestar a sua imagem.

No caso de Lélia, por exemplo, sua família selecionou e recortou manchetes acerca de sua morte, buscando provavelmente ressaltar os traços que consideraram ideais para fazer jus à memória da militante e atriz, o que analisaremos com mais profundidade no quarto capítulo desta tese. Irma possui um conjunto de recortes de jornal do período em que foi deputada federal, o que pode ter sido coletado por assessores, ou empresas contratadas para esse trabalho, a fim de monitorar aquilo que era dito sobre a deputada. Contudo, a escolha em proteger esse material provavelmente não se deu por acaso, pois na medida em que buscou preservar uma memória sobre sua atuação política, Irma pode ter feito uma nova seleção daquilo que considerou importante para representar a sua trajetória. No acervo de Luíza não encontramos recortes de jornal, mas a militante (assim como no caso de Lélia) se utilizou dessa fonte para referenciar seu texto autobiográfico, cabendo a nós ter o cuidado de analisar esses impressos tanto como documentos, quanto como monumentos. Contudo, na condição de prefeita, Erundina teve o seu nome amplamente veiculado pelos jornais paulistanos e nacionais, os quais, a partir de seus interesses, realizavam críticas e acompanhavam a sua gestão, o que não era diferente no caso de Irma enquanto deputada, apesar de haver menos menções a ela, como veremos no terceiro capítulo desta tese.

Mas as imagens também se movem. Diferentemente da fotografia, os vídeos (em boa parte, no caso dos acervos pessoais pesquisados para a presente tese, referentes a campanhas políticas) trazem som e luz aos seus espectadores. Nesse sentido, essas fontes devem ser estudadas a partir de suas especificidades e intencionalidades, as quais surgem a partir de cenas, falas, cores ou planos da filmagem. Pensando em nossas demandas, lembramos que na propaganda (em suas diferentes manifestações) a imagem surge como o centro do material, deixando a linguagem verbal para um segundo plano, apesar dessa também ser importante.³⁶ Ao se apresentar, um (a) candidato (a) busca expor seu rosto, criando uma identificação entre nome e face. Assim, é importante analisar as suas intencionalidades e os sujeitos que participaram de sua produção, na medida em que não são fruto única e exclusivamente da cabeça daquele (a) que se expõe, mas de um grupo de pessoas (editores, partidos, assessores, técnicos, entre outros). No que tange ao nosso trabalho, percebemos que diferentemente de Luíza e

³⁶ CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. Op Cit, 1997.

Irma, que tiveram seus rostos identificados por meio das propagandas políticas, Lélia não aparece no horário eleitoral, mas teve sua imagem monumentalizada por filmagens da televisão e do cinema, na medida em que se utilizava delas para trabalhar.

Fora dos arquivos pessoais, as fontes policiais também são indícios das experiências de nossas personagens. Esse conjunto de documentos está preservado no Arquivo Público do Estado de São Paulo e é composto por fichas, prontuários e dossiês provenientes do DEOPS-SP. Apesar de transmitirem a visão do Estado e de seus mecanismos de repressão sobre as pessoas “arquivadas”, esse material é profícuo para um estudo social e político, na medida em que traz à tona imaginários e concepções de grupos específicos.³⁷ Como forma de criar suspeições, eles podem ainda trazer anexos, como fotografias ou escritos, os quais provavelmente chegavam à polícia pela ação de seus agentes na busca por provas, o que abordaremos mais a fundo no segundo capítulo.

Num sentido diferente, a documentação dos partidos e agremiações pelas quais Lélia, Luíza e Irma circularam podem nos dar vestígios de suas atividades, seja pela citação direta a seus nomes ou pela reflexão em torno dos imaginários presentes nesses espaços. Selecionamos essas fontes pensando não apenas na busca por uma relação vertical entre os partidos e nossas personagens, mas igualmente para refletir sobre as suas relações com outros (as) companheiros (as) das bases. Sobre essa abordagem, apoiamos em René Rémond,³⁸ o qual atentou para a necessidade da História Política não se voltar somente para as falas e experiências de lideranças, mas igualmente para as daqueles (as) que atuavam na organização de eventos ou que estavam entre o público que assistia a comícios. Assim como qualquer fonte, essa documentação não é neutra e expressa a perspectiva de alguém, mas nos auxilia a analisar a construção dos repertórios de nossas personagens. Da mesma maneira, aquilo que provém das câmaras legislativas ou do executivo nos permitem ter contato com as falas e posicionamentos das militantes aqui estudadas sobre diversas questões estruturais ou conjunturais. Luíza e Irma entraram na Câmara dos Deputados e deixaram rastros transcritos nos arquivos do governo. Contudo, essas fontes não expressam a totalidade de suas atividades e muito menos são frutos de uma exata manifestação daquilo que sentiam e pensavam, pois na medida em que sabiam que eram gravadas e estavam cercadas pela imprensa e

³⁷ FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi. Esquerda e direita: fontes nacionais para a História social. *Métis: história & cultura*, v. 3, n. 5, 2004.

³⁸ RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

outros (as) parlamentares, moldavam aquilo que diziam para se preservar frente ao partido, o eleitorado ou seus (suas) colegas de bancada.

Por que biografia?

Biografia, gênero impuro, assim François Dosse inicia sua análise sobre a escrita de uma vida.³⁹ Ao apontar para o tema, ele mostra que essa narrativa não provém de uma única área do conhecimento, mas que bebe de diferentes referências, como a literatura, a história, a psicologia, a religião ou a política. De acordo com Dosse, uma biografia pode ter diversas motivações, sendo muitas delas pessoais. Nesse sentido, ao narrar a vida de outra pessoa, aquele que escreve mostra muito mais de si do que do sujeito que é estudado, criando uma linha tênue entre a biografia e a autobiografia.

Mas este gênero textual também tem sua história. Na Grécia Clássica ele era considerado como algo apartado da história e a exemplaridade era o fator que legitimava a escrita de uma vida. Na Idade Média as hagiografias eram a forma pela qual uma trajetória (“santa”) ganhava destaque ao ser percebida como caminho a ser seguido. No século XIX, a imagem dos *grandes homens* foi reforçada por discursos como o da historiografia metódica.⁴⁰ Chamando esse período de *Idade Heroica*, Dosse mostra que as trajetórias de pessoas exemplares (heróis, santos/hagiografia) serviam de lição para atuar no presente, pautadas pela noção de que a História era a mestra da vida (*Historia magistra vitae*). Posteriormente, o gênero biográfico entrou em um *eclipse* até ganhar destaque na segunda metade do século XX entre as ciências humanas, as quais passaram a buscar outras problemáticas.⁴¹

Como esta tese é um estudo histórico, devemos levar em consideração algumas questões. Benito Bisso Schmidt nos faz questionar as motivações que levam os historiadores e historiadoras a pesquisarem trajetórias individuais e explica a necessidade de buscarmos contribuir com o conhecimento histórico de modo mais amplo a partir desses trabalhos biográficos. Dessa forma, ele expõe a importância do rigor metodológico e alerta para o risco de explicar uma pessoa somente pelo contexto

³⁹ DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

⁴⁰ SCHIMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

⁴¹ DOSSE, François. Op Cit, 2009.

no qual está inserida, retirando-lhe a sua liberdade de ação.⁴² Além do mais, devemos romper com perspectivas etapistas lineares de uma trajetória, levando em consideração a existência de diferentes temporalidades em uma mesma vida (familiar, profissional, social, política, dentre outras).⁴³

Levantando questões semelhantes, Sabina Loriga analisa os estudos biográficos por meio de três exemplos do século XIX: o homem heroico, o patológico e o partícula.⁴⁴ Sobre o primeiro caso, ela diz que devemos evitar visões cronológicas e lineares sobre uma vida, pois as trajetórias seriam um emaranhado de fatos e discontinuidades. O homem patológico nos ajuda observar as angústias e incertezas presentes nas ações de um indivíduo, questionando imagens de força ou de total racionalidade dos sujeitos históricos. O último caso mostra que uma pessoa é um *mar* de motivações e que as suas decisões não são movidas por um único valor em toda a sua vida, mas que suas estratégias podem ser, inclusive, frutos de impulsos psíquicos ou emocionais. Loriga ainda cita Charles Firth para alertar sobre o risco de se produzir uma biografia que segue o “paradoxo do sanduíche”: uma camada de contexto, uma de indivíduo, outra de contexto e assim por diante, o que esvaziaria o campo de ação dos sujeitos, determinando-os por meio de categorias fixas e atemporais. Nem tudo são flores no nosso trabalho...

Pierre Bourdieu, por sua vez, nos alerta para o risco da *ilusão biográfica*, por meio da qual uma vida é simplificada a partir de expressões como *desde sempre* ou *desde que nasceu*, vindo a excluir suas incoerências e dissonâncias.⁴⁵ No que tange às escritas de si, Bourdieu mostra que, ao tentar se compreender, em geral as pessoas se utilizam dessa estratégia para dar um sentido a si e assim poder narrar suas trajetórias. O nome próprio pode aparecer em meio a tal perspectiva como uma maneira de conferir coerência a uma pessoa, movendo-a atemporalmente no decorrer de sua vida, o que também deve ser questionado. Dessa forma, devemos atentar para as discontinuidades presentes em uma trajetória, rompendo com linhas de sentido homogeneizadoras. Um exemplo: como veremos no nosso primeiro capítulo, Irma teve três nomes até hoje:

⁴² SCHMIDT, Benito Bisso. Op Cit, 2012.

⁴³ SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura. In: RAGO, Margareth, GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs). *Narrar o Passado, Repensar a História*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2014.

⁴⁴ LORIGA, Sabina. A Biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas: A Experiência da Microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

⁴⁵ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015.

Irma Rosseto, quando era solteira, com o sobrenome de sua família paterna; Irmã Angélica, ao se tornar freira, entre 1965 e 1971, e Irma Passoni, quando se casou em 1976, com o qual acabou sendo posteriormente associada ao MCV e à sua atuação no Congresso Nacional. Cada designação representa não apenas uma fase de sua vida, mas igualmente os espaços nos quais circulou, a visão que diferentes grupos construíram sobre a militante e as transformações de seus projetos.

Vale mencionar também o conceito de *capital simbólico* e a teoria dos campos desenvolvida por Bourdieu.⁴⁶ De acordo com o autor, os sujeitos se movem por espaços com regras e hierarquias próprias (como o campo político, o religioso, o cultural, o acadêmico, dentre outros), mas que, apesar da relativa autonomia acabam por absorver traços e costumes dos demais círculos. Nesse sentido, ele explica que os campos estabelecem capitais simbólicos, os quais seriam as posturas, contatos e falas que as pessoas realizam para ganhar visibilidade e/ou reconhecimento de seus pares. Assim, um bem simbólico (como uma amizade, uma postura, um fato ou uma produção artística/literária/bibliográfica) pode ter serventia no meio político e nem tanto no cultural ou acadêmico e vice-versa. Pensando nessas questões, lembremos que nossas personagens construíram seus próprios capitais simbólicos para se inserir nos espaços da política institucional (ou não) e profissional. Da mesma maneira, suas trajetórias e a forma como foram representadas/lembradas pela imprensa e seus companheiros de militância nos dão indícios de como elas moldaram esses bens e em quais círculos eles foram expressivos e porquê.

Como tratamos de sujeitos sócio históricos, não podemos deixar de levar em consideração as relações entre o indivíduo e o coletivo. Para Norbert Elias, a sociedade é feita por indivíduos, os quais não deixam de viver sob certos códigos e regras grupais.⁴⁷ Buscando exemplificar sua tese, ele se utiliza da metáfora do paraquedista e do rio. Segundo o autor, ao observar uma sociedade, possuímos uma visão macro, distanciada, dando a impressão de que ela flui harmonicamente, como as águas de um rio vistas por uma pessoa prestes a pular de um avião, mas que, ao cair nele, consegue ver seus diferentes movimentos e encará-lo como conflituoso e heterogêneo. Nesse sentido, ao nos aproximarmos de nossas personagens, podemos notar a diversidade do seu entorno, percebendo que elas não são representantes genéricas do seu meio, pois

⁴⁶ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2009.

⁴⁷ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

suas trajetórias também possuem especificidades em relação àquilo que era considerado o consensual.

Refletindo sobre essas relações, o antropólogo Gilberto Velho apresenta três conceitos pertinentes para a nossa análise: projeto, campo de possibilidades e metamorfose.⁴⁸ O primeiro termo se refere às atitudes realizadas para atingir determinados fins, as quais seriam realizadas em meio a um *campo de possibilidades*, ou seja, a conjuntura política, social e cultural na qual essa pessoa estaria inserida. Ao mesmo tempo, os sujeitos entram em contato com outros *projetos* (individuais ou coletivos) e assim *metamorfosam* os seus, adequando-os às novas demandas e aos anseios daqueles com os quais passam a ter contato.

Quanto à essa relação entre grupo e sujeito, os micro-historiadores buscam analisar a sociedade por meio de sua complexidade. Para tanto, voltam-se para as relações entre o micro e o macro para romper com homogeneidades e utilizam-se dessas especificidades para entender o todo.⁴⁹ Carlo Ginzburg escreve que os indivíduos podem ser vistos como presos a uma jaula flexível, a qual move-se, ampliando-se ou diminuindo.⁵⁰ Essa metáfora foi utilizada para mostrar que os sujeitos moldam o seu campo de atuação, mas que ao mesmo tempo são limitados por fatores alheios à sua vontade. Nesse sentido, esses pesquisadores criaram o conceito de *excepcional-normal*. Autores como Edoardo Grendi⁵¹ e Giovanni Levi⁵² mostram, por meio dessa noção, que uma pessoa tida como diferente de seu grupo ainda reproduz muito das regras e expressões dele. Assim, o indivíduo não pode ser visto nem como um membro totalmente coerente de sua sociedade, e muito menos como uma dissonância total em relação aos seus contemporâneos.

Partindo também da História Social como método de abordagem, Edilene Toledo escreve que o estudo das experiências de um indivíduo pode trazer à tona a

⁴⁸ VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

⁴⁹ LIMA, Henrique Espada. E. P. Thompson e a micro-história: trocas historiográficas na seara da história social. *Esboços: histórias em contextos globais*, v. 11, n. 12, p. 53-74, 2004.

⁵⁰ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Editora Companhia das Letras, 2017.

⁵¹ GRENDI, Edoardo. Microanálise e História Social. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho (orgs.). *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2009.

⁵² LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1991, p. 133-162.

complexidade de uma sociedade, atentando para as singularidades que a compõem.⁵³ A ideia também é de romper com perspectivas homogeneizantes, desconstruindo uma imagem coerente existente sobre grupos político-sociais, a qual ignoraria possíveis conflitos internos, bem como as incertezas e mudanças de posição de seus agentes. No que tange a nossa pesquisa, devemos considerar que nossas três personagens fizeram parte de uma mesma agremiação política, o PT, mas que esta não pode ser vista como um todo harmônico, pois se formou em meio a uma série de conflitos gerados por diferenças experienciais ou de pontos de vista.

Ao nos inspirarmos nos estudos de micro-história devemos atentar para o risco de confundi-los genericamente com a biografia. Nem todo estudo de trajetórias é uma micro-história, visto que esta pressupõe uma atenção para as relações dialéticas entre o micro e o macro, o que não é necessariamente uma regra. Apesar de não poder ser considerada um exercício “puro” de micro-história, nossa análise não deixa de beber dessas referências para tratar das relações de nossas personagens com um entorno espaço-temporal, visando contribuir de alguma forma com a historiografia voltada a temas correlatos, como os estudos de gênero e a história política.

Três feminilidades, três branquitudes e três posições sociais

Esta tese fala das trajetórias de três mulheres brancas.

Uma *pele* em comum, mas com leituras diferentes aos olhos de muitos. Sobre essa distinção, a psicóloga Lia Vainer Schucman teve o intuito de romper com uma ideia homogênea sobre a raça, atentando para as relações desse vetor com questões sociais e culturais.⁵⁴ Fenótipo, origem, gênero e classe seriam fatores que abririam certas possibilidades aos indivíduos, mas que também poderiam trazer barreiras aos seus projetos. Lélia, Luíza e Irma possuem olhos *claros*. Luíza é loira. Mesmo assim, em meio às suas diferentes branquitudes, teriam posições sociais distintas na cidade de São Paulo. Como veremos no terceiro capítulo, Luíza, por ser paraibana, foi

⁵³ TOLEDO, Edilene. *Travessias revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália, 1890-1945*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

⁵⁴ SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

inferiorizada em relação a outras mulheres brancas e, nos termos observados por Vainer, poderia ser pejorativamente considerada *encardida*. Seguindo os estudos da psicóloga, Lélia seria vista como *branquíssima*: uma pessoa de origem europeia, apontada como não miscigenada e oriunda da elite. Nessas representações, Irma seria *branca*: um sujeito identificado pelos traços e cor de sua pele, mas que não faria parte de grupos economicamente privilegiados, logo sendo vista como dissonante em relação às expectativas delegadas a outras pessoas com a mesma “raça”, as quais, a partir desse imaginário, deveriam possuir um capital econômico expressivo.

Partindo dessas ideias, lembramos que as duas últimas personagens provavelmente foram associadas ao fenótipo europeu, tanto pela pele, quanto pela origem. Já Luíza destoaria no imaginário paulistano desse paradigma pelos estereótipos delegados aos migrantes nordestinos. Em meio a tais visões, ela ainda teria a sua aparência questionada e caricaturizada devido a um padrão dominante branco-feminino eurocêntrico e eugênico. De acordo com Vainer,⁵⁵ a ideia do fenótipo ideal diferiria entre homens e mulheres e, por meio das relações de gênero, os padrões estético- corporais teriam um peso maior para elas e influiriam inclusive em suas possibilidades de inserção social. Já entre os homens o fator socioeconômico pesaria mais na construção de capitais simbólicos. Partindo dessas análises, a condição de gênero colocaria as nossas três militantes em uma mesma situação frente aos homens brancos, mas com mais possibilidades de ascensão do que as pessoas negras.

Acerca dessa questão, Joan Scott escreve que as relações binárias entre homens e mulheres não dão conta de explicar as representações atribuídas aos sujeitos históricos e, para tanto, devemos levar em consideração a existência de diferentes feminilidades e masculinidades.⁵⁶ Se atentarmos para as três militantes aqui apresentadas, cada uma pode ser vista por meio de diferentes posições hierárquicas de feminilidade. Nesse imaginário, Irma seria moradora da periferia, mas por ser casada e mãe de dois filhos, provavelmente tinha a sua maternidade sobreposta em alguns momentos à sua condição de classe. Ela também segue um padrão estético branco, mas sua condição de esposa/mãe e o fato de ser ex-religiosa talvez tenha silenciado certas leituras acerca de seus traços físicos em outros momentos. Lélia não teve filhos e não se casou, mas, como membro de uma família de elite e atriz, poderia ter o seu estado civil suprimido por sua

⁵⁵ Idem. p. 88 – 94.

⁵⁶ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, nº 16, 1991.

posição social e estética, a qual inclusive lhe abriu possibilidades de trabalho nos palcos após os anos 1960. Por fim, Luíza sofreu com discriminações, pois é solteira, sem filhos (por opção, segundo ela) e apartada de um padrão estético europeu, diferente de Lélia, a qual, além de ser filha de italianos, tinha o projeto de ser mãe, apesar de ter sido impedida de realizá-lo.

Devemos lembrar que essas hierarquias não são estáticas e possuem mobilidade de acordo com o período e o local no qual essas mulheres estão inseridas. Nos momentos em que não estavam em São Paulo, as posições sociais de nossas três personagens eram outras. Provavelmente, Luíza tinha uma branquitude diferente na Paraíba, onde poderia ter facilidade de circular em certos espaços, o que mudaria em São Paulo, quando passou a sofrer discriminação por sua origem regional. Lélia em Roma não era *tão branca* como em São Paulo, pois passava a ser uma mulher latino- americana vivendo em um país europeu. Já Irma ainda não era mãe quando viveu em Santa Catarina, mas, em meio às relações sociais existentes no oeste catarinense, seria vista como uma descendente de colonos italianos, o que possivelmente lhe garantia uma posição diferenciada de outras pessoas brancas, mas de origem *cabocla*.

Ainda sobre as relações de gênero, devemos lembrar que as definições de mulher e homem são pautadas por regras estabelecidas socialmente, as quais variam temporal e espacialmente.⁵⁷ Céli Pinto, entre várias outras acadêmicas feministas, diz que não se pode escrever uma história das mulheres sem levar em consideração as relações de poder nas quais elas estão inseridas. A historiadora assinala que as identidades de gênero são perpassadas por outras experiências, o que faria com que nem todas acatassem as definições postas sobre elas. Ao tratar da trajetória de uma deputada estadual gaúcha, a autora expõe que o ponto de vista masculino acabava dando centralidade a padrões comportamentais de feminilidade, descrevendo-a de acordo com seus atributos físicos e deixando de lado os seus projetos e posições ideológicas.⁵⁸

Não podemos, pois, estudar a inserção de mulheres na militância sem levar em consideração que esses espaços de atuação política eram (e seguidamente ainda o são) associados ao masculino, o que teria origem em uma ideia de feminilidade relacionada ao privado e ao lar. Contudo, essa noção não representa o cotidiano de muitas mulheres,

⁵⁷ RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. *Cadernos Pagu* nº 11, 1998.

⁵⁸ PINTO, Céli. Uma mulher “recatada”: A deputada Suely de Oliveira (1950 – 1974). *Topoi*, nº 29. Rio de Janeiro: Julho – Dezembro de 2014.

visto que parte delas trabalhava e trabalha fora de casa e construía e constrói suas relações nas ruas e nos seus ofícios.⁵⁹ Tais questões nos ajudam a refletir sobre a forma como nossas personagens eram vistas pelos seus companheiros de militância e por parlamentares com os quais tiveram contato. Além do mais, devemos pensar que elas não acatavam necessariamente o que os movimentos de mulheres ou o partido dizia sobre as demandas de gênero. Outro fator a se levar em consideração são os possíveis choques, desconfortos e conflitos decorrentes da presença delas nos espaços políticos, os quais serão abordados no segundo e no terceiro capítulos dessa tese.

Os conflitos de gênero interferem inclusive nos espaços de trabalho e foram motivados por parte tanto dos patrões quanto dos familiares dessas trabalhadoras.⁶⁰ Essa questão nos faz refletir sobre as possibilidades de inserção profissional de nossas personagens, visto que, mesmo com diferenças de classe, todas trabalharam fora de casa em diversos momentos de suas vidas. Lélia foi atriz, mas também vendedora e secretária. Luíza e Irma também trabalharam no comércio. Nesse sentido, levamos em consideração que as condições de trabalho das três difeririam daquelas dos homens em muitos momentos.

Pensando em todas essas formas de opressão, Kimberlé Crenshaw⁶¹ mostra que tais problemas devem ser entendidos como estradas que se cruzam. Nessa perspectiva, as discriminações seriam os fluxos que passam por esses caminhos, sendo que uma pessoa que se encontra no meio de tal encruzilhada seria atingida por todos eles. Ela também mostra como raça e gênero (e classe, acrescentamos) não podem ser vistos como algo totalmente apartado ou sobreposto, mas como uma interação. Por outro lado, Adriana Piscitelli⁶² questiona algumas das noções de Crenshaw, dizendo que ela parte de uma noção de discriminação que nega a capacidade de agência daqueles e daquelas que são reprimidos. Em sentido oposto, ela diz que algumas mulheres agenciam vetores como origem e raça para se inserir em determinados espaços, na mesma medida em que existem aquelas que tentam romper com essas imagens.

⁵⁹ DELGADO, Maria do Carmo Godinho. *Estrutura de Governo e Ação Política Feminista: A experiência do PT na Prefeitura de São Paulo*. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

⁶⁰ SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2011.

⁶¹ CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *VV. AA. Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004.

⁶² PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e cultura*, v. 11, n. 2, 2008.

Também se utilizando de uma perspectiva diferente de Crenshaw, Anne Mc Clintock parte das experiências dos sujeitos para escrever sobre as relações entre classe, raça e gênero.⁶³ Para tanto, esses vetores seriam entendidos em sua relação e interdependência, mesmo que as vezes por meio de tensões e conflitos, ressaltando a capacidade de agência dessas pessoas oprimidas. Utilizando-nos dessas ideias, podemos refletir sobre as diferenças presentes entre as nossas militantes, visto que, apesar de suas semelhanças experienciais, a posição econômica, entre outros fatores, poderia distanciá-las no que tange as suas interpretações acerca da sociedade e mesmo sobre si mesmas. Elas também poderiam se utilizar de sua condição de gênero para se inserir em alguns espaços e como uma estratégia para a realização de certas ações.

Três por quatro: os capítulos

Esta tese está dividida em quatro capítulos e tal organização foi pensada não apenas para delimitar temáticas, mas para dar uma sensação de aproximação e afastamento entre as três vidas aqui apresentadas. O primeiro deles está dividido por militante, debruçando-se nas especificidades familiares, profissionais e regionais de nossas personagens. No segundo, quando começam a se inserir na política, elas se aproximam (física e ideologicamente) e, a partir dessa constatação, passamos a organizar o texto por momentos (início da militância, encontro nas greves do ABC e resistência à ditadura). O terceiro também é separado por temas na medida em que suas atividades se cruzam dentro e fora do Partido dos Trabalhadores (PT) (cargos eletivos/públicos e seus projetos, relação com partido e propaganda eleitoral, visão da imprensa sobre elas). O último capítulo apresenta um afastamento nas trajetórias dessas três mulheres, lembrando que cada uma seguiu um caminho diferenciado a partir dos anos 1990. Nesse momento voltamos a separar o texto por pessoa. Cabe atentar ainda que algumas questões aparecem em mais de um capítulo, reforçando que não tratamos cada qual como um pedaço de pão a ser fatiado. Suas cronologias também se cruzam na medida em que o tempo familiar, o conjuntural, o profissional e o político coexistem e dialogam entre si, a fim de romper com linearidades e homogeneidades. Partindo dessas

⁶³ MC CLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas, Editora da Unicamp, 2010.

considerações, vamos descrever com mais minúcias, ainda que brevemente, cada um dos quatro momentos de nossa tese.

O primeiro capítulo analisa como nossas personagens construíram suas identidades de gênero, classe e origem por meio de suas experiências familiares, regionais e profissionais/religiosas. Não pretendemos fazer aqui uma narrativa linear, a qual se inicia no nascimento, lista e descreve os postos de trabalho ocupados e culmina nas militâncias. Partindo de cada caso, iniciamos nossa análise pelas escritas de si de Lélia, Luíza e Irma, voltando-nos para como elas internalizaram certas experiências para organizar suas memórias e dar um sentido a si. Também, levamos em consideração as barreiras e os campos de possibilidades abertos por suas origens, condições econômicas e pelas relações de gênero. Se, em um momento, elas ocupavam uma posição hierárquica no que tange à branquitude ou à feminilidade, esse fator se altera quando mudam de residência e entram em contato com novos sujeitos.

Lélia nasceu em 1911 em São Paulo, era filha de uma família de elite e possuía relações com a colônia italiana da cidade, sendo associada a tal nacionalidade. Por outro lado, ao se mudar para a Itália, ela passou a ser vista como brasileira. Luíza nasceu em 1934, em Uiraúna – PB, e era filha de trabalhadores rurais. Por ser branca, ela poderia ter certos privilégios em sua cidade, mas se tornaria nordestina (com toda a questão hierárquica de branquitude associada a isso) ao chegar a São Paulo e ter contato com preconceitos e estereótipos associados à sua origem.⁶⁴ Irma nasceu em 1943 em Concórdia – SC e era filha de colonos de origem italiana, o que lhe dava certa posição social frente à população local, pois em meio às relações conflituosas entre imigrantes e pessoas nascidas na região, os europeus (e seus descendentes) tinham certas vantagens.⁶⁵ Chegando em São Paulo, Irma seria lida a partir sua condição econômica de classe média e às noções de estética atribuídas a uma mulher sulista.

Todas trabalharam em diferentes postos e exerceram atividades que vão do comércio ao meio intelectual ou religioso, o que inclusive se cruzou em diferentes

⁶⁴ Sobre a questão do contato de migrantes nordestinos com a população paulistana podemos citar: FONTES, Paulo. *Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel paulista (1945-66)*. FGV Editora, 2008.

⁶⁵ De acordo com Arlene Renk, a chegada de trabalhadores de origem estrangeira (em sua maioria italianos) gerou uma série de conflitos com aqueles que ocupavam a região. De acordo com a autora, em meio a essas tensões, identidades nacionais foram ressaltadas e termos pejorativos passaram a ser utilizados para a denominação desses sujeitos, como caboclos, dirigidos aos habitantes de origem local. (RENK, Arlene. A colonização do oeste catarinense: as representações dos brasileiros. *Revista Cadernos do Ceom*, v. 19, n. 23, p. 37-72, 2014.)

momentos com suas atividades políticas. Nas memórias dessas três mulheres, as vivências referentes às relações de gênero (dentro e fora do ambiente familiar), a identificação com grupos estrangeiros e/ou regionais e os empregos exercidos se tornam material para a compreensão do início de sua militância. Esses fatores foram utilizados por nossas personagens para dar sentido a suas trajetórias e, com isso, construir uma linearidade para suas vidas. Nos casos de Lélia e Luíza, a origem familiar se torna fator de compreensão dos caminhos trilhados, bem como de seus projetos pessoais. Abramo parte da nacionalidade de seus pais e da atuação política de seus irmãos e avô para se identificar como parte de uma classe trabalhadora, silenciando em alguns momentos a sua condição econômica. Já Luíza se utiliza de sua origem regional paraibana e da situação econômica de sua família (trabalhadores rurais migrantes) para compreender o porquê de sua militância. O caso de Irma é diferente. Ela começa por sua estadia na periferia sul paulistana, bem como por sua carreira docente e sua atuação nos movimentos da Vila Remo, para dizer de onde veio, mesmo sem negar suas experiências no oeste catarinense.

O segundo capítulo se volta primeiramente para o início da militância de nossas personagens. Lélia se inseriu em grupos trotskistas em 1932 mediada pela participação e pelos contatos construídos por seus irmãos mais velhos. Essas atividades não acabaram quando Abramo partiu para a Itália em 1938, mas, em meio ao regime fascista italiano, passou por um momento de inflexão. Ela permaneceu tendo relações com outros trotskistas, mas a sua militância ganhou fôlego somente nos anos 1960, quando se inseriu nos meios artísticos e teatrais. Nesse momento, Lélia passou a participar das atividades do Sindicato dos Atores e Técnicos de Espetáculos e Diversões de São Paulo (SATED-SP). Luíza teve contato com o movimento estudantil e grupos católicos escolares e universitários mediado pela sua relação com religiosas e colegas do curso de Serviço Social. Mudando-se para São Paulo em 1971, ela teve de se readaptar e, em meio aos novos campos de possibilidades, se inseriu no funcionalismo público municipal, passando a se organizar por meio de grupos de classe e participando da rearticulação da Associação Profissional de Assistentes Sociais de São Paulo (APASSP). Irma iniciou suas atividades políticas no convento ao auxiliar perseguidos políticos. Designada posteriormente para exercer trabalhos de evangelização no bairro de Vila Remo, participou da criação de Comunidades Eclesiais de Base e Clubes de

Mães e da formação, em 1973, do Movimento do Custo de Vida (MCV), permanecendo nele até a sua dissolução no início da década de 1980.

O ano de 1978 representa um momento no qual as atividades das três militantes se cruzam. As greves do ABC e a efervescência daqueles anos possibilitaram a circulação dessas mulheres entre operários e em outras associações de trabalhadores. O fortalecimento dos movimentos feministas na década de 1970 também lhes deu a chance de conquistar espaço na política. Nesses anos (1978 – 1979), Lélia se torna presidenta de um sindicato (SATED-SP), Luíza de uma associação profissional (APASSP) e Irma se elege deputada estadual pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Presentes nesses grupos, todas foram vigiadas e mesmo reprimidas pelo regime autoritário brasileiro (1964 – 1985) e, para tanto, concluímos o texto analisando suas memórias acerca da ditadura civil-militar e como os órgãos policiais as investigaram e interpretaram, criando suspeitas para legitimar sua suposta periculosidade.

O terceiro capítulo trata da atividade partidária de nossas personagens após 1980. Todas tiveram participação na fundação do Partido dos Trabalhadores e exerceram diferentes cargos no decorrer de suas atividades na agremiação. Como analisado no momento anterior, cada uma iniciou sua carreira política em um determinado momento e se utilizou de suas experiências para se identificar com a proposta do PT. Dessa forma, analisaremos a relação de cada uma com o partido, levando em consideração suas memórias acerca do *período petista* e os cargos internos alcançados por elas. Irma foi dirigente estadual e líder da bancada na Câmara dos Deputados; Lélia atuou no diretório municipal de São Paulo e Luíza não teve cargos burocráticos, apesar de estar presente nos eventos internos da cúpula do PT.

As propagandas eleitorais também serão analisadas nesse momento, na medida em que representam de alguma forma o ponto de vista do partido sobre elas. Devemos ter em mente que a ascensão interna de cada uma não pode ser percebida apenas como reflexo da visibilidade alcançada, visto que Erundina, das três, foi a que construiu o maior capital político no decorrer dos anos 1980. Esse fenômeno deve ser analisado como algo contextual, tomando-se os devidos cuidados para não cairmos no anacronismo de pensar as suas imagens a partir do presente em que produzo este texto (embora, é claro, esse presente seja, em grande medida, condicionante de toda a tese: da escolha do tema à apresentação dos resultados). Ainda é importante atentar para o fato de que apenas Lélia permaneceu na agremiação até falecer, em 2004. Luíza e Irma se

afastaram no decorrer da década de 1990 de suas atividades no PT, o que é interpretado por elas como fruto de uma contraposição entre seus projetos e aquilo que o partido almejava.

Em seguida trataremos dos cargos públicos alcançados por elas e os projetos realizados a partir deles, bem como das memórias dessas mulheres acerca dos espaços nos quais se inseriram (câmaras, assembleia legislativa, prefeitura, secretarias). Abramo não chegou a exercer um cargo eletivo, sua única atividade de campanha foi ao se candidatar a suplente de senadora em 1982, posto para o qual não se elegeu. Posteriormente se tornou subsecretária de teatros, subordinada à Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, sob a gestão de Marilena Chauí e da prefeita Luíza Erundina de Sousa. Em sua participação na gestão municipal, ela ainda criou projetos referentes à inserção de idosos no mercado de trabalho. Luíza se elegeu vereadora em 1982 e deputada estadual em 1986, vindo a participar dos trabalhos da Constituinte Estadual de São Paulo, elegendose prefeita em 1988 e permanecendo no cargo até 1993. Nesse ano, ela foi nomeada Ministra da Administração Pública no governo Itamar Franco (1992 – 1995), o que gerou atritos com o Partido dos Trabalhadores. Irma filiou-se já como deputada estadual ao PT. Em 1982 ela se tornou deputada federal e reelegeu-se para o cargo em 1986, atuando na Assembleia Nacional Constituinte. Voltou ao posto em 1990 e permaneceu nele até 1995, quando deixou a bancada e foi convidada para uma secretaria no Ministério de Comunicações no governo Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2003). Nesse momento, em meio a críticas, filiou-se ao Partido Popular Socialista (PPS), mas logo se desligou da agremiação, passando a apoiar candidaturas do PT e ainda a tentar se eleger vereadora na cidade de São Paulo em 2004, o que não conseguiu.

Por fim, analisaremos como a imprensa construiu a imagem de cada uma pautada em ideias de branquitude e feminilidade. Nesse ponto, as charges e os textos são fontes importantes para pensarmos como, em um momento de grande visibilidade, essas mulheres começaram a ser analisadas por meio de repertórios e definições sociais generificadas e racializadas a respeito do campo político e social.

Concluindo, o último capítulo trata da construção de suas memórias em meio às atividades exercidas nos anos 1990 e 2000. Lélia faleceu em 2004 sem se afastar do PT, mas anos antes começou a criar projetos para a preservação de sua imagem, vindo a publicar uma autobiografia em 1997. Nesse momento, as memórias construídas sobre

Abramo passam a sobrepor o seu trabalho como atriz às atividades exercidas nos anos 1980. Mesmo assim, as mobilizações do SATED não deixam de ser mencionadas, o que talvez se dê pela associação dessa atividade ao seu trabalho nas artes cênicas. Não podemos esquecer ainda que, após o falecimento de Lélia, ela teve o seu acervo pessoal organizado e doado para a Fundação Perseu Abramo e o Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Vale lembrar também que o seu falecimento foi um momento de reflexão sobre a sua existência, servindo como marco na consolidação de narrativas e lembranças. Por fim, a efeméride do seu centenário (2011) e a realização de produções acerca da sua carreira serviriam igualmente para a manutenção da memória de Lélia Abramo. Todas essas questões serão analisadas devidamente nesse capítulo.

Luíza saiu do PT em 1998 e se filiou ao Partido Socialista Brasileiro (PSB), vindo a se eleger deputada federal no mesmo ano. Tentou se tornar prefeita em 2000, mas não conseguiu, retornando à Câmara dos Deputados em 2002, 2006, 2010, 2014 e 2018. Em 2015 idealizou o Movimento Raiz Cidadanista e em 2016 filiou-se ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Devido ao volume de fontes, não iremos analisar cada uma dessas atividades, mas estabelecer nosso recorte na forma como sua memória foi construída a partir dessas campanhas eleitorais e dos discursos nelas realizados, os quais curiosamente não deixaram de associá-la aos trabalhos do *período petista* e principalmente à sua gestão na Prefeitura de São Paulo. Irma se afastou aos poucos do partido depois de 1995 sem deixar de dar apoio a candidaturas do PT e mesmo a tentar se tornar vereadora em São Paulo no ano de 2004. Dentre suas atividades, desde 1989 ela vinha se dedicando à inserção de trabalhadores nos meios tecnológicos e digitais. Atuando na área da comunicação, ela participou da fundação do Instituto de Tecnologia Social (ITS) em 2001 e, a partir dele, começou a refletir sobre a sua autoimagem, preservando sua atuação no MCV como o elo de união entre o presente e o passado.

No caso de Luíza o ano de 2018 foi estabelecido como um ponto final, pois a deputada segue produzindo uma quantidade expressiva de textos e vídeos, o que por si só dificultaria a conclusão desse trabalho. O ano em questão também é relevante, pois foi o momento de sua última eleição (até o momento da conclusão desta tese) para um cargo público. Irma, por sua vez, também realizou uma série de atividades naquele ano, pois celebrou os 30 anos da Constituição que ajudou a escrever e os 40 do Ato da Praça da Sé, marco central na memória do Movimento do Custo de Vida. Sendo assim, podemos estabelecer 2018 como o limite para nossa pesquisa acerca de sua trajetória.

Capítulo 1

Quem somos nós e de onde viemos? Identidades e escritas de si nas memórias familiares e profissionais de Lélia, Luíza e Irma



Primeira Imagem: Centro de São Paulo na primeira metade dos anos 1950. Cena do documentário de Jean Manzon Filmes. *A Luta pelo Transporte em São Paulo*. 10 min. 1952. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=shOSWIumUU8> Acesso: 19/01/2021 às 22:49 hrs.

Segunda Imagem: Em primeiro plano, a saída da Estação Rodoviária da Luz, ao fundo a Estação Júlio Prestes. S/A. Fotografia (sem data). NASCIMENTO, Douglas. Terminal Rodoviário da Luz. *São Paulo Antiga* (site), 06 de dezembro de 2013. Acesso: <http://www.saopauloantiga.com.br/terminal-rodoviario-da-luz/> Acesso: 19/01/2021 às 22:49 hrs.

Terceira Imagem: Construção do metrô na região central de São Paulo (virada da década de 1960 para a de 1970). S/A. Fotografia (sem data). *Histórico Demográfico da Cidade de São Paulo*. Secretaria Municipal de Planejamento, 2002/2003. Acesso: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1970.php Acesso: 19/01/2021 às 22:48 hrs.

São Paulo, décadas de 1950, 1960 e 1970.

Embalados anos a fio pelas festividades do Quarto Centenário da cidade (1954), setores da imprensa, do cinema, do empresariado e da política institucional buscavam apresentar a capital do estado como aquela que mais crescia no mundo, registrando o seu desenvolvimento por meio de seus arranha-céus, veículos e obras de infraestrutura. As imagens acima são parte desse movimento. A primeira vem de um filme. Seu enquadramento passa uma sensação de verticalidade atentando para o desenvolvimento urbano paulistano. Contudo, o objetivo dessa produção foi de mostrar como essas transformações vinham acompanhadas de problemas sociais e estruturais (como os fluxos migratórios, as obras deficientes de infraestrutura ou o trânsito). A segunda vem da imprensa e foca em um dia de congestionamento na rodoviária da Luz, dando a entender que uma leva expressiva de pessoas chegava à cidade, muitas delas migrando provavelmente do interior ou de outros estados. A última fotografia é uma visão aérea das obras do metrô. Nela observamos os prédios do centro e temos uma sensação de renovação ao olharmos as mudanças estruturais pelas quais a capital paulista passava naquelas décadas (o que era fruto das demandas surgidas pelo seu crescimento populacional). Seja como for, a migração, as obras constantes e o caos urbano são traços recorrentes nessas imagens que se consolidavam nos imaginários locais, interferindo talvez na perspectiva de quem olhava de fora.

Contudo, o objetivo de toda essa movimentação nem sempre era o desenvolvimento econômico. Como em todo discurso mnemônico, havia relatos dissonantes. Um deles vinha dos (as) excluídos (as) desse processo que, apesar de tanto terem contribuído nos canteiros de obras, não podiam desfrutar devidamente daquilo que ergueram. Diferente daqueles (as) que celebravam a inauguração dessas construções de cima das coberturas, esses (as) trabalhadores (as) seguiam buscando emprego nas ruas do centro, observando a verticalização de baixo para cima. Muitos (as) deles (as) haviam chegado à cidade nos trens das estações da Luz, Júlio Prestes, Brás e São Miguel Paulista⁶⁶ ou nos ônibus da recém-inaugurada Estação Rodoviária (Bairro da

⁶⁶ A rede ferroviária de São Paulo foi inaugurada em 1867 com a construção da Estrada de Ferro Santos – Jundiaí. Como parada central, a Estação da Luz foi aberta em 1901, recebendo afluxos expressivos de imigrantes que vinham do litoral (Santos) em direção às fazendas de café do oeste paulista. Para atender o trânsito de pessoas que paravam na Hospedaria dos Imigrantes (Zona Leste), a Estação do

Luz, Centro de São Paulo) com o objetivo de conseguir emprego ou reencontrar familiares.⁶⁷

De fato, a capital paulista crescia nessas três décadas, mas em grande parte pela entrada de trabalhadoras (es) dos estados do Nordeste,⁶⁸ do Sul e de Minas Gerais, além do interior de São Paulo. As migrações não eram mais de japoneses (as) e italianos (as) (suprimidas após o Estado Novo), apesar destes (as) permanecerem na cidade e já possuírem filhos (as) e netos (as) nascidos (as) ali. Os (As) sírio-libaneses (as), por outro lado, não pararam de vir, além de se verificar o surgimento de comunidades de coreanos (as), bolivianos (as), peruanos (as), africanos (as) e asiáticos (as), fortalecendo a população estrangeira de São Paulo.⁶⁹

Apesar da diversidade de vozes e costumes, as incertezas poderiam ser comuns: o medo de não arranjar emprego, a dificuldade em se adaptar à nova moradia e a recepção da população local. Muitos (as) passaram pelo trauma da guerra na Europa, de conflitos étnico-raciais ou de invasões estrangeiras. Outros (as) vinham para estudar, atraídos (as) pela imagem cosmopolita que pairava sobre São Paulo. E havia quem chegava devido à oferta de trabalho desencadeada pelo crescimento do parque industrial da região metropolitana (em especial Guarulhos, Osasco e as cidades do ABC Paulista).

Brás foi inaugurada em 1867 e ampliada em 1940 para ser o ponto final da linha Rio – São Paulo (Estrada de Ferro Central do Brasil). Um de seus ramais passava pela região de São Miguel Paulista, a qual teve sua estação construída em 1934, atendendo em grande parte os (as) migrantes nordestinos (as) que se instalavam no bairro. Havia ainda a linha Sorocabana, inaugurada em 1871, a qual teve a sua estação final (Júlio Prestes) entregue em 1938. Em 1909 o trecho passou a ser ramal de conexão com a Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, por meio da qual chegavam pessoas do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (como foi o caso de Irma). (RIBEIRO, Emerson. Os caminhos de ferro no estado de São Paulo: ascensão e queda - 1860-1990. *Revista Percurso*, v. 4, n. 2, p. 33-57, 2012.)

⁶⁷ A Estação Rodoviária de São Paulo foi inaugurada no bairro da Luz (em frente à Estação Júlio Prestes) no ano de 1962. Funcionou no decorrer das décadas de 1960 e 1970. Teve grandes afluxos de pessoas oriundas de diferentes estados e do interior paulista. Nas ondas de migração nordestina, o local recebeu, junto à Estação São Miguel Paulista, uma parcela expressiva desses trabalhadores. Por causa da falta de espaço físico e da necessidade de expansão, ela foi desativada em 1982. Em substituição, foram construídos três terminais rodoviários: o do Tietê (1982) (Zona Norte de São Paulo), o Jabaquara (1977) (Zona Sul) e o Barra Funda (1988) (Zona Oeste). Após um tempo de abandono e algumas alterações, o espaço da Luz se tornou, em 1988, um centro de compras popular que foi fechado em 2007. A construção foi demolida em 2012 e no espaço há um conjunto de edifícios residenciais com a intenção de gentrificar a região. (S/A. Era uma vez em SP... Rodoviária da Luz. O Estado de São Paulo. 15 de maio de 2015. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,era-uma-vez-em-sp-rodoviaria-da-luz,11065,0.htm> Acesso: 19/01/2021 às 22:48 hrs.)

⁶⁸ FONTES, Paulo. *Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel paulista (1945- 66)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.

⁶⁹ Sobre a migração coreana, cito: TRUZZI, Oswaldo. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. *Estudos Históricos*, v. 28, p. 143-166, 2001. Quanto aos bolivianos, há o livro: BAENINGER, Rosana (org.). *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População, Universidade Estadual de Campinas, 2012. Por fim, sobre os sírio-libaneses: VILELA, Elaine Meire. Sírios e libaneses. Redes sociais, coesão e posição de status. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 76, 2011.

A expansão do latifúndio no Nordeste brasileiro expulsava os (as) trabalhadores (as) rurais de suas terras e esses (as), devido à sua situação econômica, migravam e se instalavam nas periferias dos centros urbanos do Sudeste, tendo de se readaptar a uma nova rotina e ritmo de trabalho nas fábricas.⁷⁰ Outros (as) iam para a construção civil e arranjavam emprego nas obras do metrô ou na construção de viadutos e edifícios que não paravam de aparecer. Instalados (as) na cidade, eles (as) não deixaram de sofrer com a rejeição de moradores locais, que, na incapacidade (ou falta de vontade) de compreender o que levou à sua migração, entendiam a sua presença como uma invasão (o que também ocorria com certos grupos estrangeiros).⁷¹

Dentre essas pessoas, havia aquelas que retornavam ao Brasil por terem projetos frustrados no exterior. Outras possuíam certo capital econômico e eram enviadas a São Paulo para morar e estudar em colégios particulares, além daquelas que foram perseguidas pelo regime autoritário instaurado em 1964 e por isso tiveram de fugir de suas casas, transitando por outras cidades até se fixarem na capital paulista (temporária ou permanentemente). Sendo assim, suas motivações pessoais poderiam estar relacionadas a projetos coletivos, como deslocamentos grupais, mudanças familiares ou convites para participar de agremiações políticas. Seja qual for a razão, não há como homogeneizar esses projetos ou apartá-los de condicionantes socioculturais, como podemos notar na trajetória de nossas três personagens.

Lélia partiu para a Itália em 1938 a fim de tratar da sua saúde. Sua ida foi possibilitada pelos contatos construídos entre a sua família e pessoas que viviam na Europa. Ela morou e trabalhou em Roma, pois, devido à guerra, não pôde retornar, permanecendo ali até 1950, quando uma série de fatores a fizeram voltar, reencontrando sua família sem o seu pai, que havia falecido um ano antes. Chegando a São Paulo, a sensação de Lélia era de estar em uma cidade diferente daquela na qual nasceu em 1911

⁷⁰ FONTES, Paulo. Op Cit, 2008. Sobre as adaptações do trabalhador rural ao meio fabril, cito: NEGRO, Antonio Luigi. Zé Brasil foi ser peão: Sobre a dignidade do trabalhador não qualificado na fábrica automobilística. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (orgs.). *Culturas de Classe*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

⁷¹ Apenas um exemplo: em 1972, o jornalista João Batista de Andrade gravou um documentário em curta metragem no qual entrevista uma família de migrantes nordestinos que vivia debaixo de um viaduto no Parque Dom Pedro II (Centro de São Paulo). Durante a conversa, ele é interpelado por um morador local que discrimina aquelas pessoas e questiona o porquê de elas não terem permanecido em suas antigas casas. (ANDRADE, João Batista de. *Migrantes*. 06 minutos e 44 segundos. (1972). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CBKGXNVisNE> Acesso: 19/01/2021 às 22:47 hrs.)

e, assim como a Jean Manzon Filmes,⁷² ela atentava para o caos desencadeado pelo crescimento urbano daqueles anos.

Irma vinha de um município até então pequeno (Concórdia – SC) com o objetivo de estudar em um colégio religioso. Mudando-se para o bairro do Brooklin (Zona Sul de São Paulo) em 1959, ela passou a ter contato com um ritmo de vida diferente daquele que experimentara no oeste catarinense, mas já sabia bem o que era conviver com pessoas de diferentes nacionalidades. Tornando-se freira em 1965, optou por trabalhar junto às bases e fez sua *ida efetiva ao povo*⁷³ em 1968, tendo o impacto de sair de uma região de classe média e residencial para a periferia sul paulistana, em um bairro que ainda estava sendo ocupado por trabalhadores (as) como aqueles (as) que mencionamos acima. Os distritos do Capão Redondo, M^oBoi Mirim e Jardim Ângela não possuíam asfalto ou rede de esgoto, o que, somado às carências de transporte da região,⁷⁴ aumentava a sensação de exclusão dos (das) seus (suas) moradores (as). A noção de que a cidade crescia não era a mesma ali. Não havia grandes arranha-céus ou escavações para a instalação do metrô, apenas a chegada desordenada de pessoas, a abertura improvisada de ruas e a construção a cada dia de novas casas, mas faltava muito.

Luíza já havia morado na capital paulista por dois anos enquanto realizava o seu mestrado (1968 – 1969). Devido a ameaças e perseguições, se viu obrigada a sair da Paraíba, optando por retornar a São Paulo em 1971, decisão que pode ter sido tomada devido à presença de conhecidos e familiares na região. Instalando-se na Zona Sul, ela já contava com redes de amizade, além de conhecer capitais como João Pessoa e Recife, o que pode ter amenizado seu estranhamento, apesar da angústia de estar longe de amigos (as) e familiares e do medo de ter que retornar. Como assistente social, ela pôde entrar em contato com outros (as) migrantes nordestinos (as) e sentir na pele a falta de planejamento da expansão urbana, tanto pelo *déficit* na estrutura dos bairros onde

⁷² JEAN Manzon Filmes. *A Luta pelo Transporte em São Paulo*. 10 min. 1952. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=shQSWlumUU8> Acesso: 19/01/2021 às 22:50 hrs.

⁷³ *A ida efetiva ao bairro* era utilizada como estratégia de inserção de religiosas (os) e militantes de esquerda entre os movimentos de moradores (as) da periferia. Tratava-se de viver de fato na região, o que era visto como um facilitador para o contato e a execução de projetos políticos, elemento internalizado na retórica do Movimento do Custo de Vida. (MONTEIRO, Thiago William Nunes. *Como pode um povo vivo viver nesta carestia'*: o movimento do custo de vida em São Paulo (1973-1982). São Paulo: Humanitas, 2017. p. 76 – 77.)

⁷⁴ Idem.

trabalhava, quanto pela repressão policial expressada pelos constantes despejos e deslocamentos forçados das pessoas que atendia no seu dia-a-dia.⁷⁵

Como muitos desses sujeitos, a chegada de nossas militantes se tornou uma questão-chave na construção de suas memórias. Podendo observar-se como estranhas àquele ambiente, Lélia, Luíza e Irma percebiam e reforçavam origens, recordando aquilo que viveram com os seus familiares e os trabalhos que realizaram em suas cidades-natal, percebendo-se ainda como mulheres. Partindo dessas questões, pergunta-se: como elas tratam do momento de sua chegada/retorno a São Paulo e dos medos com relação ao ambiente com o qual passaram a ter contato? De que modo relatam esse momento?

Lélia:

Aquele rastro de nostalgia sulcando as águas do Mediterrâneo derramou-me também pelo Atlântico, vindo bater nas praias brasileiras com maior intensidade. Havia em mim uma dilaceração profunda dividindo meus sentimentos cruelmente, sem equilíbrio. De um lado, sentia a dor de abandonar um mundo que já existia em minhas entranhas antes mesmo de conhecê-lo e com o qual, quando nele vivi, identifiquei-me totalmente. De outro, a volta com todas as suas implicações. Quando o [navio] Sises se aproximou da Baía de Guanabara, senti algo de inevitável: um misto de angústia e alegria por retornar às relações antigas, por rever as coisas amadas e admiradas, mas sem a desejável tranquilidade de espírito (...). Almoçamos todos juntos no Rio, e à tarde o Sises tomou o rumo de Santos. Essa era a etapa definitiva do retorno ao Brasil (...). Agora estávamos em Santos onde toda a família – mãe, irmãos, primos, sobrinhos e amigos – nos esperava. Doze anos haviam se passado. Meu pai era uma ausência dolorosa, aumentando em mim a sensação de perda, de angústia e de perplexidade.⁷⁶

Luíza:

Minha trajetória de migrante recomeçou na estação rodoviária de João Pessoa, quando entrei em um [ônibus] Pullman da Viação São Geraldo com destino a São Paulo. Viajei por via terrestre como a maioria dos nordestinos. Lembrou-me de que alguns amigos haviam me acompanhado e, no momento da partida, eu chorava de frustração, estava angustiada, não via sentido naquele êxodo forçado... Cheguei a São Paulo no dia 28 de janeiro de 1971. Esse mês, para os paulistas, é de verão, o termômetro ultrapassa constantemente os trinta graus. Para mim, migrante nordestina que descia do ônibus cheia de incertezas, só com uma mala, era inverno: na verdade era inverno dentro de mim, pois trazia o medo como única companhia. Não tinha acesso a estruturas que me facilitassem a integração.⁷⁷

⁷⁵ ISCARO, Aldrey Cristiane. *A luta pela moradia na cidade de São Paulo: as interações entre moradores de favelas e o poder público de 1975 a 1982*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012.

⁷⁶ ABRAMO, Lélia. *Vida e arte: memórias de Lélia Abramo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 125 – 127.

⁷⁷ SOUSA, Luíza Erundina. Relato. BIMBI, Linda. *Uma veia de utopia: a trajetória de Luiza Erundina de Sousa*. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 33.

Irma:

– A gente pegou um trem (...) perto da divisa do Rio Grande do Sul com Santa Catarina (Se não me engano era Erechim ou uma outra cidade pequena (...)). Três dias e três noites de trem. [balança a cabeça com incredulidade]

– *Desembarcou na Luz?*

– Foi. Essa coisa é meio apagada para mim, não marcou muito não. Era uma viagem muito boa, porque era aquela tal de Maria Fumaça. (...) ⁷⁸

– Cheguei em São Paulo em 1959, fiquei no Instituto Beatíssima e imediatamente, em 1960, trabalhei com atividades de manutenção nos serviços do colégio e como auxiliar de atendimento a crianças da pré-escola. No segundo ano, 1961, já atendia pela tarde, sozinha, uma sala de aula com cerca de 30 crianças. Estudava de manhã no colegial, trabalhando nos serviços de manutenção da escola como contrapartida para pagar meus estudos. As atividades eram basicamente educacionais. Saí do colégio em 1971, quando iniciei com as Comunidades de Base. [Depois] comecei a atuar na rede pública de educação do Estado de São Paulo. Iniciei como contratada e depois [me tornei] concursada. ⁷⁹

Partindo desses relatos, devemos ter em mente que suas vidas não começaram aqui, mas foram constituídas, obviamente, por momentos anteriores e posteriores. Apesar da partida representar um marco na percepção de si como sendo o (a) outro (a), suas gêneses são costuradas a partir de fatos e pessoas com as quais tiveram contato em algum momento. Família, amigos (as), namorados, marido, companheiros (as) de militância ou de trabalho: suas memórias trazem nomes e lugares que são utilizados para dar sentido às suas vidas. Com esses conteúdos, constroem suas identidades de origem, classe e gênero, e este é o enfoque do capítulo aqui iniciado. Partindo de suas escritas de si, iremos analisar esses pontos, bem como os campos de possibilidades abertos pelas suas posições sociais. Para iniciar a análise de cada caso, vamos partir dos trechos iniciais de seus relatos (a autobiografia de Lélia, a de Luíza e o primeiro relato de vida publicado de Irma), mas pedindo desculpas desde já pelo tamanho das citações, pois pretendo que as (os) leitoras (es) sintam a narrativa de nossas personagens. Por fim, vale salientar a presença de discrepâncias na maneira como Lélia e Luíza contam suas vidas em comparação com Irma. Tais diferenças surgem não apenas na fala, mas também de suas experiências pessoais, pois diferente de Abramo e Erundina, Passoni casou-se e teve filhos, além de mudar seu nome devido a sua atuação religiosa e às convenções legais do matrimônio civil. Para tanto, optamos por dividir as seções de

⁷⁸ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de fevereiro de 2018.

⁷⁹ Idem.

acordo com a linha de sentido que cada uma estabelece para si, o que faz com que o texto dedicado à nossa última personagem tenha mais subdivisões do que as partes referentes às demais. Partindo de tais considerações, passemos para a análise propriamente dita.

Italiana, brasileira ou atriz? Lélia Abramo

Naquela tarde de 4 de novembro de 1918, o pôr-do-sol explodia em violentos vermelho-alaranjados com enormes nuvens cor-de-sangue, cujas bordas reluziam em prata e rosa, quase ouro. Entre as nuvens, espaços azuis fortemente luminosos formavam um contraste de transparências cintilantes. Baixei os olhos em direção aos tomateiros, cujos ramos vergavam ao peso dos frutos maduros, enormes, rubros como a luz que naquele momento os iluminava, colorindo-os de brilho e beleza. Meu pai, agachado, colhia os tomates e depositava-os delicadamente num pequeno cesto que segurava com a mão esquerda, depois de verificar, com olhar atento, se eram realmente aproveitáveis.

Naquele preciso momento alguém aproximou-se e, com grande ansiedade, alegria e emoção, gritou: “A guerra acabou!” Com o armistício pedido pela Áustria terminava a guerra no *front* italiano, onde milhares de jovens da geração de 1899 – *i giovani del 99* – haviam perecido numa das mais sangrentas e impiedosas batalhas nas trincheiras de Monte Carso, avermelhando com seu sangue as águas do rio Piave.

Papai correu para dentro de casa. Seguiria a guerra com ansiedade e angústia temendo sempre os avanços dos boches (os alemães), inimigos fidalgos dos italianos naqueles tempos.

Eu tinha 7 anos de idade, mas a lembrança daquela tarde, daquele céu reluzente e avermelhado e daquela voz portadora da bela notícia ficou gravada em mim.

Fui com alegria, pulando degraus, aos saltos, pela escadaria do casarão, cheguei ao escritório de papai onde ele havia colocado um enorme mapa da Itália, esticado em um tripé, com as bandeirinhas italianas que, durante quatro anos, tivera de deslocar pacientemente, avançando ou recuando, como na Batalha de Caporeto, derrota essa que tanto amargurara a nação. Agora, as bandeirinhas, nada mais que finas fitas brancas, vermelhas e verdes espetadas em alfinetes, tremulavam para além da fronteira ítalo-austríaca. Lá estavam, marcando o território conquistado!

Território austríaco no dia 4 de novembro de 1918: estranha a vida quando nos envolve em jogos de números e situações. Dezesete anos mais tarde, em 4 de novembro de 1935, eu perderia uma das minhas mais belas esperanças: a de conquistar definitivamente, também eu, um “território austríaco ou pseudo-austríaco”, dada a ascendência do meu amado N, que, também em um pôr-do-sol, deu por terminada a nossa relação, seguindo ordens da Executiva do Partido Comunista do Brasil (PCB), a cujos quadros ele pertencia. Embora estivéssemos na mesma trincheira, nossas posições eram divergentes: ele stalinista, eu trotskista. Mas essa é outra história.

Melhor voltarmos à infância; é mais refrescante e eu a vivi, se não com inteira felicidade, pelo menos com muito movimento, curiosidade e liberdade.

Sendo eu a quinta filha, vinda após quatro partos sucessivos, sem descanso para minha mãe, não fui recebida com entusiasmo, o que é compreensível.

Havia os irmãos, todos já demonstrando nítidas tendências artísticas suscetíveis de tornar orgulhosa qualquer mãe. Que necessidade havia de chegar outra filha? Mais uma? Para quê? Assim foi.⁸⁰

Lélia nasceu em 8 de fevereiro de 1911 em uma casa na esquina entre as ruas Maria Paula e Francisca Miquelina, no centro de São Paulo, mas ela inicia a sua autobiografia no ano de 1918 e lembrando de uma casa diferente, o que analisaremos melhor em outro momento deste capítulo. Por enquanto, vamos nos focar em outras questões: no trecho acima, Lélia nos traz experiências de origem, classe e gênero. O que podemos analisar a partir desses dados?

A atriz/militante inicia sua autobiografia pela figura de seu pai, Vincenzo Abramo (1869 – 1949), reforçando sua identidade nacional e a euforia familiar frente aos desfechos da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Entretanto, esses pertencimentos não podem ser vistos como algo natural. De acordo com João Fábio Bertonha, cada região da península itálica resistia à imposição dessa unidade e não se reconhecia propriamente como parte de uma única nação, sentimento que não deixou de vir na bagagem das (os) migrantes que chegavam ao Brasil, pois grande parte dos italianos que moravam em São Paulo (em grande parte operários que trabalharam em lavouras antes de migrar) não via seus pares como compatriotas, mas sim como calabreses, sicilianos, vênetsos, dentre outros grupos regionais.⁸¹ Mesmo assim, segundo o autor, a guerra fomentou ufanismos que se disseminaram por meio de jornais que circulavam em colônias espalhadas por diferentes países. Ele também diz que o surgimento de agremiações recreativas ou de ajuda-mútua auxiliou na reunião desses sujeitos e no incentivo a tais sentimentos,⁸² o que certamente não excluiria famílias de classe média alta como os Abramo.

Como em outras famílias, os jornais das colônias provavelmente circulavam na casa de Lélia, servindo como um meio para ter contato com o que ocorria na Itália ou

⁸⁰ ABRAMO, Lélia. Op Cit., 1997. p. 17 – 18.

⁸¹ BERTONHA, João Fábio. Trabalhadores italianos entre Fascismo, Antifascismo, Nacionalismo e Lutas de Classe. Os operários italianos em São Paulo entre as duas guerras mundiais. In: CARNEIRO, Maria Luíza Tucci; CROCI Federico; FRANZINA Emílio (org.). *História do Trabalho e Histórias da Imigração*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2010. p. 72 – 73.

⁸² Idem. p. 74 – 75.

notícias sobre a guerra.⁸³ Dentre esses periódicos, o *Fanfulla* (citado por Lélia em suas memórias familiares) passou por mudanças nas primeiras décadas do século XX, começou a ter uma postura nacionalista⁸⁴ e poderia adentrar à casa de Vincenzo por circular não apenas entre trabalhadores, mas também na elite intelectual italiana de São Paulo.⁸⁵ Lélia construiu sua identidade ítalo-brasileira a partir de referências como essas, mas elas não eram as únicas. Da mesma forma, Vincenzo pode ter participado de eventos que insuflavam tais posturas, o que seria percebido e internalizado por seus filhos (nossa personagem lembra das reações nacionalistas de seu pai). Esses fatos também poderiam ser utilizados para compreender uma ancestralidade baseada no ufanismo e em redes de solidariedade.⁸⁶

Colocando-se como sujeito ativo nesses acontecimentos, Lélia atribui também a si parte das características de Vincenzo, compreendendo-se como herdeira desses hábitos e sentimentos. De acordo com Regina Weber,⁸⁷ as identidades étnicas/nacionais são muitas vezes reforçadas pela manutenção de ritos ou práticas, além da percepção da existência de visões externas sobre aqueles que as reivindicam. Nesse sentido, Lélia ritualiza a nacionalidade de seus familiares ao enfatizar a presença de um mapa e das cores da bandeira italiana no escritório de seu pai, o que provavelmente foi transmitido por ele e outros familiares aos seus descendentes. Contudo, apesar de reiterar sua *italianidade*, nossa personagem não deixa de atentar para as diferenças regionais presentes entre seus genitores:

Minha mãe, Afra Yole Scarmagnan (...) era italiana, nascida em Monselice, perto de Pádua, em 1882. Era linda, com grandes olhos castanhos e cabelos cor-de-bronze dourado. (...) Mamãe nasceu em ambiente bastante livre de preconceitos, apesar dos costumes e hábitos vigentes no final do século passado (...). Meu pai, Vincenzo Abramo, (...) também italiano, nasceu em 1869, em Torraca, província de Salerno, – descendente de velha família ali

⁸³ Lélia lembra de que jornais como o *Fanfulla* circulavam em sua casa. Assim, partindo de seu relato e da conjuntura narrada, podemos dizer que periódicos nacionalistas da colônia italiana possivelmente eram lidos por seus familiares. (ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. P. 48.)

⁸⁴ BERTONHA, João Fábio. Op Cit, 2010. p. 73.

⁸⁵ Vincenzo Abramo chegou ao Brasil com certo capital e vendeu joias. Posteriormente, ele se tornou sócio em uma empresa de loteamento de terrenos. No acervo do IEB temos acesso a contratos, fotografias e plantas geográficas provenientes do seu trabalho. Contudo, não podemos reproduzi-las nesta tese por necessitar de autorização expressa da família. A quem interessar, essa documentação está sob custódia do Instituto de Estudos Brasileiros – USP, Fundo Lélia Abramo. Há também um fundo de Vincenzo Abramo no CEDEM – UNESP, no qual há planilhas, orçamentos e contratos.

⁸⁶ Nesse sentido, Lélia relata que havia um trabalho de coleta e confecção de roupas para os soldados italianos em sua casa, o que era realizado por sua mãe e outras mulheres dos círculos ítálicos (ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 42.).

⁸⁷ WEBER, Regina. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. *Dimensões*, n. 18, 2006.

localizada desde o século XVIII – onde possuía uma propriedade agrícola, exportadora de frutas secas, queijos e vinhos. Dado o sobrenome Abramo, a família talvez fosse de origem semita, cristianizada, já que há mais de um século possuía terras.⁸⁸

Ao tratar de sua mãe, Afra Yole Scarmagnan (1882 – 1961), e de seu pai, Lélia tem o intuito de compreender a si e os seus projetos. De acordo com Maria Catarina Zanini,⁸⁹ grupos de descendentes de italianos muitas vezes partem de uma perspectiva que se volta para um familiar ou ancestral para ressaltar atributos, como a profissão, o crescimento econômico ou a perseguição política, interpretando-se assim como herdeiro de tais fatos e características. Como vimos antes, essa *italianidade* não nasceu, é claro, com Lélia, mas foi construída a partir de referências transmitidas por sua família e provavelmente do contato com pessoas que a notavam como filha de migrantes.

Sobre esses repertórios, vale retornar ao primeiro excerto desta seção para notar que Lélia se utilizou da batalha de Monte Carso a fim de interpretar o impacto da Primeira Guerra Mundial entre os conterrâneos de seus genitores (tanto aquelas (es) que permaneciam na Itália, quanto as (os) que estavam no Brasil), partindo provavelmente de diálogos que teve dentro e fora de casa (ou de notícias de jornal) para interpretar os fatos. Nesse sentido, uma música em especial pode ter sido uma referência: ao dizer que o sangue avermelhou o rio Piave, ela possivelmente se utiliza de um trecho da canção *Il Piave Mormorò* para referenciar o seu texto. A música, inclusive, surge em outro momento de seu texto, quando, por exemplo, trata de um momento da sua relação com o irmão mais novo, Cláudio Abramo:⁹⁰ “A criança era linda, e nós, já bastante crescidos, disputávamos o privilégio de cuidar do bebê: ele só dormia em meus braços e quando lhe cantava *Il Piave Mormorava* (sic.) e *Abat-Jour*.”⁹¹

A melodia circulava entre os familiares de Lélia. Nesse sentido, a manutenção de ritos pode ter servido como forma de preservar uma memória coletiva, mas também para a transmissão da língua e a cultura *italianas* aos mais jovens. Os diálogos

⁸⁸ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 19 – 20.

⁸⁹ ZANINI, Maria Catarina Chitolina. A família como patrimônio: a construção de memórias entre descendentes de imigrantes italianos. *Campos-Revista de Antropologia*, v. 5, n. 1, 2004.

⁹⁰ Cláudio Abramo (1923 – 1987) nasceu em São Paulo e se tornou jornalista e escritor. Casou-se com a cartunista Hilde Weber e teve um filho, Cláudio Weber Abramo. Atuou em grupos trotskistas, no Partido Socialista Brasileiro (PSB) e trabalhou em diferentes jornais. Fez parte do conselho editorial da *Folha de São Paulo* e lecionou no curso de jornalismo da USP. (KUSHINIR, Beatriz. Cláudio Abramo. *Verbetes. Dicionário Histórico e Biográfico*. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/claudio-abramo> Acesso: 20/01/2021 às 00:33 hrs.)

⁹¹ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 44.

construídos entre Lélia e seus irmãos também podem ter contribuído para a formação de suas identidades de origem, lembrando que eles estudavam no Colégio Dante Alighieri, o qual atendia a colônia italiana e fazia parte das agremiações que reforçavam sua *unidade nacional*.⁹² Na busca por uma herança regional e política, a personagem ainda se apoia na lembrança que tem de seu avô materno, Bortolo Scarmagnan (1848 – 1932):

Nascido em 24 de junho de 1848, em San Zenon de Minerve, perto de Treviso, casou-se ainda muito cedo com Maria Felicita Martinelli, minha avó Marieta, como era chamada, nascida em Verona, mulher extremamente bondosa, que não o contrariava jamais a não ser quando exigia batizar os filhos na Igreja Católica. Quando, repentinamente, com seus próprios meios, decidiu vir ao Brasil, o casal já tinha três filhas: Ida, Igina e Afra Yole. Aqui chegando, meu avô instalou-se em São Paulo e abriu uma fábrica de doces. Sua especialidade eram os panetones e os amaretti, produtos de antiga tradição italiana, que apareciam pela primeira vez em São Paulo. A indústria prosperou, proporcionando ao meu avô uma vida abastada. Não aceitando a ideia de ficar rico, como bom anarco-sindicalista que era, uma vez de posse de uma boa quantia de libras esterlinas (...), decidiu fechar a fábrica e regressar à Itália (...) voltou ao Brasil, dirigindo-se desta vez à Araraquara, onde instalou nova fábrica (...). Meu avô Bortolo jamais abandonou a militância política e o engajamento na melhoria das condições de vida e salário dos trabalhadores (...) mudou-se para Curitiba, onde instalou uma nova fábrica, sempre com os mesmos produtos. (...) Devido à sua participação na greve geral de 1917, (...) foi preso e deportado para a Ilha do Diabo, de onde foi retirado, pois sua pregação ardente e sincera estava contaminando os soldados do presídio. Voltou então a São Paulo, onde continuou trabalhando e lutando por seus ideais revolucionários. Tinha memória prodigiosa. Muitos anos depois, tendo ficado cego, fazia os filhos, netos e até mesmo bisnetos lerem para ele jornais e poemas de cunho revolucionário e obras clássicas como A Divina Comédia, que decorava perfeitamente e declamava com brilho e força.⁹³

Além de reconhecê-lo como anarquista e de recordar das leituras que ele realizou, a militante associa Bortolo à sua italianidade, tratando dos panetones e *amaretti* que ele vendia e destacando a Divina Comédia dentre os livros que tinha. De acordo com Edilene Toledo,⁹⁴ grupos anarquistas tinham a preocupação de divulgar conhecimentos científicos e culturais entre seus membros e filhos. Scarmagnan possivelmente tinha o intuito de transmitir a seus descendentes aquilo que considerava ideal para a sua formação enquanto intelectuais, militantes e filhos de italianos,

⁹² O Colégio Dante Alighieri foi fundado por imigrantes italianos de elite em 1911. Localiza-se próximo à Avenida Paulista e atrás do Parque Trianon (Bairro dos Jardins – Zona Sul de São Paulo). Ele funciona até hoje. De acordo com João Fábio Bertonha, o instituto foi criado com o objetivo de manter e reforçar aquilo que era considerado a língua e a cultura italianas para os filhos da elite ítalo-brasileira de São Paulo. Pensando nessas questões, devemos ter em mente que Lélia provavelmente trocava informações com seus irmãos, absorvendo aquilo que eles traziam da escola. (BERTONHA, João Fábio. Op Cit, 2010. p. 75.).

⁹³ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 22 – 23.

⁹⁴ TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

transmitindo consequentemente suas referências socioculturais. Nossa personagem ainda se percebe como herdeira política de seu avô, na medida em que assinala que seus primeiros debates e leituras de viés marxista ocorreram na casa de Bortolo. Além do mais, a centralidade de Bortolo no seu texto provavelmente foi gestada pelos laços afetivos presentes no cotidiano familiar e, sendo ele um referencial (político e cultural), surge no seu texto para compreender a gênese do seu senso crítico e das suas inclinações políticas.

Ao construir suas identidades, Lélia associa a militância ao seu avô, o trabalho ao seu pai e o interesse por literatura a sua mãe, a seus irmãos (em especial a Lívio Abramo,⁹⁵ apontado como primogênito) e também a Bortolo, atribuindo valor simbólico aos seus parentes e definindo a *família como patrimônio*.⁹⁶ Não podemos esquecer que a percepção de afetividade sanguínea não era algo exclusivo dos Abramós, mas sim uma construção sociocultural ocidental com a qual ela teve acesso, a princípio, por meio de seus genitores. Fúlvio Abramo,⁹⁷ seu irmão, partilha de perspectivas semelhantes em uma entrevista:

Meu pai pertencia à nobreza, ou aristocracia italiana; ele era um engenheiro de minas formado na Inglaterra (...); era, portanto, um homem da classe alta, digamos assim. Ele veio ao Brasil muito rico, inclusive como representante do sindicato mundial dos diamantes e aqui em São Paulo ele organizou as casas de joias, que ainda não existiam naquele tempo; (...). Então, ele veio muito rico, (...) para o Brasil; foi o único italiano que veio muito rico e perdeu tudo aqui. (...). Então meu pai se mudou para Araraquara onde ele fundou uma torrefação de café e uma embaladora de algodão e organizou uma firma de exportações (...). Meu pai então depois casou em segundas

⁹⁵ Lívio Abramo (1903 – 1992) nasceu em Araraquara e se tornou gravurista e pintor. Atuou em grupos trotskistas. Exilou-se durante o Estado Novo, mas retornou ao Brasil após o fim deste regime. Seus desenhos foram influenciados pelo movimento antropofágico de Tarsila do Amaral. Mudou-se para Asunción (Paraguai) na década de 1960, onde dirigiu o Setor de Artes Plásticas e Visuais e trabalhou na fundação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraguai. Faleceu em Asunción. (Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9132/livio-abramo> Acesso: 20/01/2021 às 00:32 hrs.)

⁹⁶ ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Op Cit, 2004.

⁹⁷ Fúlvio Abramo (1909 – 1993) nasceu em São Paulo e trabalhou como jornalista e escritor. Atuou no Partido Socialista Brasileiro (PSB) e em grupos trotskistas. Foi dirigente da Frente Única Antifascista entre 1932 e 1934 e participou do confronto entre integralistas e grupos de esquerda na Praça da Sé (7 de outubro de 1934). Foi preso pelo regime Vargas e exilou-se na Bolívia em 1937. Atuou como docente na Universidad Autónoma Gabriel René Moreno, de Santa Cruz de la Sierra, e auxiliou na fundação do Partido Obrero Revolucionário (POR) da Bolívia. Foi expulso do país em 1946. Participou da fundação do PT em 1980 e aderiu à corrente trotskista O Trabalho, colaborando com o seu jornal. Ainda trabalhou na Editora Abril e como tradutor. (Fundo Fúlvio Abramo. In: MORAES, Sandra. Guia do Acervo – CEDEM. São Paulo: CEDEM/UNESP, 2018. p. 76 – 78.. Disponível em: https://www.cedem.unesp.br/Modulos/Noticias/312/guia_cedem_2018-1.pdf Acesso: 20/01/2021 às 00:32 hrs.)

núpcias com minha mãe que era filha de um anarquista (...) italiano que é esse meu avô.⁹⁸

Vincenzo não enriqueceu apenas por ser migrante, mas em grande parte pelo capital financeiro que trouxe da Itália, o qual possibilitou-lhe se instalar em São Paulo e construir redes de sociabilidade com a elite local. O relato de Fúlvio se distancia daquele de sua irmã ao associar seu pai ao empresariado ítalo-brasileiro. Lélia, apesar de não negar os negócios de Vincenzo, não o relaciona de forma tão pontual à elite, mas à intelectualidade, o que não é negado por seu irmão. A proximidade de seu avô materno com o anarquismo também é ressaltada em ambas as falas:

À parte esta educação clássica e aparentemente conservadora [Colégio Dante Alighieri], recebíamos o influxo da participação do meu avô, que era forte dentro da família. (...) Como ele tinha seu próprio negócio, não era sindicalizado, mas era um anarquista superativo, que fazia discursos em praça pública. O último desses discursos que eu vi foi na praça da Sé, acho que em 1926. Ele falou por quase uma hora, naquela mistura de italiano, veneto e português. (...)

Eu passava boa parte das minhas férias na casa do meu avô, que fazia com que eu lesse para ele, em voz alta, os velhos anarquistas, como Kropotkin e Bakunin. Eu tinha 10, 11 anos. Era uma forma muito inteligente de ele fazer a gente se interessar pelo assunto.⁹⁹

Rompendo com linearidades e coerências,¹⁰⁰ devemos ter em mente que nem todos os filhos de imigrantes que tinham contato com livros marxistas/anarquistas aderiram a movimentos de esquerda. O que devemos atentar ao observar essas falas é o porquê de elas darem centralidade a certos fatos e omitirem outros, além de entender as vivências desses sujeitos como base para a construção de seus repertórios e projetos. Quebrando homogeneidades, vemos que a *italianidade* de Lélia também sofre oscilações em seu texto:

Nós que pertencemos a famílias que deixaram sua pátria, suas culturas, seus hábitos, costumes, comportamentos, amigos, parentes e tantas outras coisas, e que crescemos e começamos a observar o mundo através da saudade, da nostalgia e talvez até mesmo do arrependimento de nossos pais, não pertencemos integralmente à terra em que nascemos; crescemos com uma confusa noção de nacionalidade. Afinal, a criança existe e se forma no estreito âmbito familiar e é deste que ela absorve as primeiras sensações,

⁹⁸ ABRAMO, Fúlvio. Depoimento. Oboré, São Paulo, 15 de dezembro de 1979. p. 2. Fundo Fúlvio Abramo. CEMAP. CEDEM – UNESP.

⁹⁹ ABRAMO, Fúlvio. Entrevista realizada por Eugênio Bucci. Teoria e Debate, nº 1, 4º trimestre de 1987. In: Rememória: Entrevistas sobre o Brasil do século XX. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 14.

¹⁰⁰ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

emoções, todo o universo cultural dentro do qual irá desenvolver sua sensibilidade, assimilar conceitos, formular opiniões, preferências e a visão de mundo.

Quando o imigrante é culto e traz consigo a consciência de sua formação e a fidelidade aos seus valores culturais, o viver longe de sua pátria, da qual, por um motivo ou por outro, foi levado a emigrar, torna-se sofrimento (...). A transmissão para os filhos e demais descendentes dos valores, hábitos e comportamentos da terra de origem torna-se nesses casos uma forma de compensação, amenizando esse sofrimento.¹⁰¹

Lélia entende que, apesar de ter nascido no Brasil, vivia em uma família diferente daquelas que via ao seu redor. De toda forma, tal perspectiva não estava pronta desde o primeiro momento em que Abramo entrou no Colégio São José,¹⁰² mas foi se formando na medida em que ela teve contato com experiências próximas ou distantes das suas. O que devemos atentar é para o fato de que ela moldou sua memória a partir da percepção de que se assemelhava ou se diferenciava de outras crianças de sua mesma geração. Ao analisar os pertencimentos étnicos de trabalhadores italianos de São Paulo, Michael Hall escreve que esse sentimento não pode ser visto como um definidor atemporal de práticas, mas como algo que pode emergir ou desaparecer de acordo com as circunstâncias.¹⁰³ Seguindo sua análise, os sujeitos teriam momentos de fortalecimento ou silenciamento de parte de suas autoimagens, cabendo a quem observa analisar quando e porque tais fenômenos ocorrem. Pensando nessa questão, vemos que Lélia passa a se colocar como brasileira quando relata suas experiências em Roma. Ela viveu na Itália junto de sua irmã Beatriz Abramo (1907 – 1962) e o marido dela entre 1938 e 1950, e escreve em sua autobiografia que:

Quando em 1943, os nazistas ocuparam Roma (...) tive de sair do apartamento onde vivia (...). Eu era uma ítalo-brasileira, crescida em uma família antiburguesa e de livre pensamento. Talvez isso, aliado à confusa situação de guerra e a outros problemas, tenha contribuído para causar os

¹⁰¹ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 47 – 48.

¹⁰² O Colégio São José foi inaugurado em 1880 no prédio que abrigou a Santa Casa de São Paulo. A instituição atendia somente estudantes do sexo feminino, mas em 1989 se tornou uma escola mista. Funcionou até 2006, quando foi desativado. A edificação está localizada na rua da Glória (bairro da Liberdade – Centro de São Paulo) e desde a sua origem ensinou crianças e jovens da elite paulistana. Atualmente é uma das sedes da Faculdade de Direito Damásio. (GALLO, Ricardo. Fundado há 126 anos, colégio São José fecha suas portas no centro de SP. Folha de São Paulo. Folha Online. 23 de novembro de 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u19119.shtml#:~:text=da%20Folha%20de%20S.Paulo,S%C3%A3o%20Paulo%2C%20mantenedora%20do%20col%C3%A9gio>. Acesso: 20/01/2021 às 00:31 hrs.)

¹⁰³ HALL, Michael. Entre a etnicidade e a classe em São Paulo. In: CARNEIRO, Maria Luíza Tucci; CROCI Federico; FRANZINA Emílio. Op Cit, 2010. p. 63.

inúmeros conflitos que foram se sucedendo entre mim e R, até culminarem no rompimento, pouco antes da minha vinda ao Brasil, após a guerra.¹⁰⁴

Em 22 de agosto de 1942 o Brasil declarou guerra à Itália. Para mim foi um golpe atroz. (...). Minha primeira ação foi correr até a embaixada e pedir a repatriação tão almejada. Fui recebida pela consulesa Cardoso que, após ter examinado meus documentos, disse-me que não poderia ser repatriada, por ser cidadã italiana. Fiquei pasma. Mostrei-lhe no documento minha legítima cidadania brasileira que garantia meu direito à repatriação (...). Hoje, lembrando-me desse tempo, parece-me estar assistindo a um filme de terror.¹⁰⁵

Recordando desses fatos e da tristeza que sentiu, Lélia reforça os problemas que teve por ser brasileira na Itália. De toda forma, seja nas suas memórias ou mesmo na própria década de 1940, ela provavelmente não se sentiu tão italiana em Roma e se utilizou de sua brasilidade para tentar reencontrar sua família durante a guerra. Assim, devemos levar em consideração que, ao chegar na Itália, ela perdia o *status de branquitude* que possuía no Brasil, pois poderia ser vista como latino-americana, apesar de ser filha de europeus. Ao mesmo tempo, em meio ao regime fascista, ela buscava sua italianidade para se proteger das ameaças desencadeadas por ser reconhecida como *menos branca* e inimiga do Eixo, o que foi lembrado por ela:

Naqueles mesmos dias recebi do Departamento de Estrangeiros da Polícia de Roma uma ordem de expulsão do território da capital, com a qualificação de “inimiga”. Já havia sido chamada semanas antes pelo Departamento de Pessoal da *Artisti Associati*, onde ainda trabalhava, com ordem de demissão por eu ter nome judeu. (...)

Para me resguardar, solicitei com urgência à direção do município de Monselice, província de Pádua, a remessa do certificado de batismo e o registro de nascimento de minha mãe, nascida naquela cidade, e outro pedido idêntico para Torraca, província de Salerno, com a mesma finalidade, solicitando certificado de batismo de meu pai. Só assim pude provar ser “cristã”, visto o meu próprio registro de batismo da Igreja do Ipiranga, em São Paulo, ter sido recusado e considerado nulo pelas autoridades fascistas.¹⁰⁶

A ascendência judaica seria outro traço que demarcaria a branquitude de Lélia na Itália fascista, pois trazia-lhe barreiras para se inserir em determinados espaços. Em seu relato, ela buscou organizar os fatos para explicar como a sua estadia na Europa não foi aquilo que esperava antes de partir. Seja por razões de saúde, amorosas, políticas ou da fome, dos bombardeios e dos momentos nos quais se distanciou de sua irmã Beatriz, ela expõe os anos que considerou como os mais dolorosos de sua vida em quatro

¹⁰⁴ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 85.

¹⁰⁵ Idem. p. 87 – 88.

¹⁰⁶ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 88 – 90.

capítulos de sua autobiografia. Por outro lado, Lélia ressalta como a proximidade com Bice (apelido de Beatriz) a auxiliou naquele momento. O próprio fato de seu cunhado ser oficial do exército italiano lhe abria uma possibilidade maior de inserção. Para além dos laços afetivos construídos na família e na estadia na Itália, essa amizade pode ter sido gestada a partir do compartilhamento de vivências (no que tange às relações de gênero, a escola para meninas, o ambiente familiar e a guerra), o que vem à tona em sua autobiografia:

Meu pai, meu grande e silencioso aliado, não mais vivia. Cansara, desesperançado de nos rever. Não havia suportado a longa separação das filhas. Não confiara na possibilidade de nossa volta (...).

Agora estávamos em Santos, onde toda a família (...) nos esperava. Doze anos haviam se passado. Meu pai era uma ausência dolorosa, aumentando em mim a sensação de perda, de angústia e de perplexidade. Foi com uma enorme emoção que abracei minha mãe, meus irmãos e todos que ali estavam (...).

No pequeno sobrado viviam minha mãe e meu irmão Athos com a mulher Átea e seus dois filhos, Perseu e Alcione, já adolescentes (...). Havia ainda a convivência com minha tia materna, Iginia, que morava ao lado com uma de suas filhas e os netos. Algum tempo depois, mandamos fazer uma abertura entre os quintais, favorecendo as idas e vindas das duas irmãs. Como os sobrados eram geminados, (...) [isso] permitia o dialogar das irmãs sempre que ali estivessem, criando um clima de intimidade afetuosa (...).¹⁰⁷

Os laços familiares devem ser analisados por meio de uma série de fatores. Se por um lado as relações mais próximas entre as mulheres Abramo podem ser decorrentes do compartilhamento de experiências,¹⁰⁸ por outro, devemos analisar os núcleos familiares caso a caso, levando em consideração as suas especificidades. Nesse sentido, há que se atentar para a maneira como nossa personagem lembra outros de seus parentes. Dentre os sentimentos de luto desencadeados ao lembrar do falecimento de seus irmãos e genitores, alguns ganham mais espaço, como a sua irmã Beatriz:

A 31 de maio de 1962 estreamos Yerma. Durante esta temporada, a 30 de junho, minha irmã faleceu. Desde fevereiro, o estado de saúde de Beatriz fora se agravando, sem possibilidade de melhora. Fizemos o que foi possível. Para Beatriz foram longos meses de sofrimento, suportados com incomum

¹⁰⁷ Idem. p. 126 – 127.

¹⁰⁸ Sobre o problema das opressões de gênero no seio familiar Flávia Biroli mostra que os estudos acerca das relações parentais/conjugais desmistificaram a família como um núcleo coeso e harmônico. Como parte dessas opressões, ela aponta para o fato de as mulheres se sobrecarregarem com o cuidado da casa. Soraia Carolina de Mello atenta para o fato de essas tarefas serem invisibilizadas ou mesmo negadas como uma forma de trabalho. Aqui no caso tratamos de um grupo que poderia pagar uma pessoa para gerir o ambiente doméstico, mas isso não isentava Afra Yole de ser responsabilizada pelo seu bom andamento. (BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018. p. 49; MELLO, Soraia Carolina. Uma profissão invisível: Dona de casa (1970 – 1989). *Perseu: História, Memória e Política*. Ano 5, nº 7, novembro de 2011.)

dignidade, coragem, paciência e sabedoria. Beatriz aceitou todos os tratamentos e foi conscientemente enfrentando sua condição, com a mesma postura reservada que sempre manteve em vida.

Foi um período extremamente difícil e doloroso; perdi o ânimo para tudo. Andava horas e horas pelas ruas, sem saber bem o que fazer. Perdera, com minha irmã, a melhor amiga e repentinamente sentia-me completamente só.¹⁰⁹

Lélia interrompe seu relato sobre o trabalho nos palcos para ressaltar a tristeza pela morte da irmã. Quando escreveu seu livro, era a última filha viva de Vincenzo e Afra Yole. Dessa forma, mesmo recordando do luto e da tristeza de sepultar todos os seus irmãos, Beatriz aparece como a sua melhor amiga. Essa proximidade pode ter sido construída pelo fato de terem uma idade próxima e experiências comuns em casa, na escola, pela estadia na Itália ou no retorno ao Brasil (elas ainda tinham Ângela Maria Abramo (1894 – 1994) como irmã por parte de pai, mas não possuíam uma relação tão estreita, talvez pela diferença geracional, apesar de terem vivido juntas durante certo período). Se por um lado, as irmãs teriam uma rotina diferenciada por serem meninas (um colégio para moças, aprendizado de corte e costura, etc.), por outro elas não tinham uma vida totalmente segregada de seus irmãos, podendo brincar e conviver juntos, além de trocarem leituras, experiências e pontos de vista. Esses laços devem ser vistos como algo próprio de sua família, mas não uma exclusividade, pois seriam mediados pelas relações de gênero e a posição de classe dessas pessoas. Em uma família operária, por exemplo, o cotidiano poderia diferir, bem como a distribuição de tarefas e papéis na organização do ambiente doméstico.¹¹⁰ O impacto de suas perdas também possui expressividade no relato da morte de seu irmão Mário Abramo (1914 – 1955) (o que pode ter ocorrido pela lembrança do acidente que ele sofreu),¹¹¹ bem como na de seu pai e de sua mãe.

A relação afetiva que Lélia construiu com seu pai é recorrente em suas memórias e mesmo naquilo que registrou ao ler as notícias que vinham do Brasil. Em anotações

¹⁰⁹ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 160 – 161.

¹¹⁰ BIROLI, Flávia. Op Cit. 2018. p. 36 – 38.

¹¹¹ Lélia relata em sua autobiografia que: “*Mário+ Pereceu nas águas do rio Tietê, em um domingo ensolarado, aos 41 anos. Na véspera desse trágico dia, pelo telefone, eu havia lhe oferecido dois ingressos para assistir no Teatro Santana ao musical *Porgy and Bess*, com famosos cantores norte- americanos nos papéis principais. Ele havia ficado contentíssimo e agradeceu. Mas, desgraçadamente, em lugar de ir ao teatro, foi a um piquenique. Nessa época os piqueniques às margens do rio Tietê ainda eram possíveis. Hoje isso pareceria um absurdo. Quando Mário e um cunhado, irmão de sua mulher, Branca Salvestro, passeavam de barco, este virou num redemoinho que os tragou (...). O desaparecimento desse nosso irmão, tão amado pelo temperamento equilibrado e amoroso, foi o princípio de um vazio que nada mais conseguiu preencher.” (ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 36 – 37.)

que fez em um diário, ela assim tratou do seu falecimento: “Recebemos a carta de mamãe. A vida de meu nobre pai apagou-se”.¹¹² Escreveu no ano seguinte que: “Viemos todos, mamãe, Bice, os irmãos e alguns primos ao cemitério. Hoje é o primeiro aniversário do falecimento do meu adorado papai.”¹¹³ O fato de ter voltado após o falecimento de Vincenzo impactou Lélia, o que permaneceu nas suas memórias, sendo provavelmente fruto de traumas. Partindo das ideias de Flávia Biroli,¹¹⁴ os Abramo, como uma família de classe média alta, poderiam exercer com mais facilidade a idealização de um núcleo familiar nesses moldes, o que seria diferente em outros grupos sociais.

Ao analisar a demografia da cidade de São Carlos – SP, Karl Monsma¹¹⁵ mostra que, apesar de negros, colonos e brancos brasileiros estarem presentes nos mesmos espaços (fazendas, comércio urbano), os italianos eram priorizados na oferta de empregos e na distribuição de terras. Por outro lado, grande parte das famílias pobres sofriam com discriminações e a falta de acesso a sistemas de saúde e educação adequados, o que fazia com que fossem chefiadas por uma mãe ou pai viúvos. Além do mais, os filhos desses sujeitos trabalhavam, auxiliando na renda de suas casas. Esse fator afastaria muitos das escolas e conseqüentemente da alfabetização. Já os migrantes de elite tinham ao seu dispor um conjunto de instituições de ensino criadas por associações de conterrâneos ou grupos religiosos, o que igualmente barrava a entrada de pessoas mais pobres. Nesse sentido, esses sujeitos poderiam financiar a educação (erudita, profissional ou doméstica) que considerassem mais adequada para suas filhas (os). No caso das (os) trabalhadoras (os), as crianças iriam para a o trabalho independente do gênero, apesar de essas relações não as isentarem de produzir desigualdades internas. Mesmo assim, não podemos dizer que todos os negros/mulatos estavam ausentes desses espaços. No final do século XIX a família de André Rebouças, por exemplo, atendia, ao menos parcialmente, a esse ideal elitista ao ter tido a possibilidade de formar seu filho como engenheiro. Buscando inserção social na elite

¹¹² ABRAMO, Lélia. Anotação em Diário. Sábado, 11 de junho de 1949. In: ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 264. A fonte original encontra-se no acervo pessoal de Lélia Abramo, o qual está sob a custódia do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB-USP).

¹¹³ ABRAMO, Lélia. Anotação em Diário. Sábado, 3 de junho de 1950. In: ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 264.

¹¹⁴ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018. p. 100.

¹¹⁵ MONSMA, Karl. Vantagens de imigrantes e desvantagens de negros: emprego, propriedade, estrutura familiar e alfabetização depois da abolição no oeste paulista. *Dados-Revista de Ciências Sociais*, v. 53, n. 3, p. 509-543, 2010.

fluminense, ele almejou, entretanto, afastar-se de sua negritude, “branqueando-se”.¹¹⁶ Da mesma maneira havia (poucas) mulheres que ingressavam na universidade e em cursos considerados masculinos (como o Direito e a Engenharia).¹¹⁷

A forma como nossa personagem construiu sua percepção de mundo dentro de casa também interfere na maneira como ela se relacionava externamente. Em seus relatos, é possível perceber uma noção pessoal de feminilidade, o que certamente influía em seus projetos. Ao se inserir em um grupo de artistas, ela escreve que:

Para mim, frequentar o clube era uma atividade natural, pois lá existiam pessoas que, como eu acreditava, cultivavam arte e conhecimentos, assim como eu estava acostumada em minha casa. O que me surpreendeu foi a persistência do machismo, num ambiente que eu acreditava liberto de preconceitos burgueses, e que levava algumas pessoas a estranhar a presença de uma jovem desacompanhada naquele meio. Parece que, para elas, cultura deveria ser um privilégio dos homens. A fase do Clube dos Artistas terminou quando eu comecei a ser cortejada, de maneira um tanto insistente, por aqueles senhores tão sedutores. Em geral, nós mulheres daquela época, pela educação recebida, não aceitávamos esse tipo de assédio. Afastei-me sem mágoa.¹¹⁸

Ao se perceber como mulher, Lélia entende certos comportamentos como apropriados. Recordando daquilo que ouvia em casa e das noções de feminilidade da década de 1930, ela reforça a resistência ao assédio, noção que talvez não fosse automática naquele momento. Todavia, esse relato foi realizado posteriormente e nossa personagem já havia tido contato com discussões que definiam certas opressões e segregações, podendo reconhecer e delimitar temporalmente o estranhamento quanto à presença de uma mulher desacompanhada em um espaço público.¹¹⁹ Além do mais, ela viveu em meio a um imaginário coletivo que prezava pela honra feminina, o que chegou

¹¹⁶ SPITZER, Leo. *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, 1780-1945*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

¹¹⁷ Como exemplos podemos citar o caso de Enedina Alves Marques, que se tornou engenheira na década de 1940, de Carlota Pereira de Queiroz, que se graduou médica em 1926, e de Bertha Lutz, bióloga graduada em 1918. Todas eram provenientes da elite e, apesar dos ideais de uma feminilidade restrita ao espaço doméstico, tal fator as possibilitou ingressar nessas carreiras. (SANTANA, Jorge Luiz. Enedina Alves Marques: A Trajetória da Primeira Engenheira do Sul do País na Faculdade de Engenharia Do Paraná (1940-1945). *Revista Vernáculo*, n. 28, 2011; SCHPUN, Mônica Raisa. Carlota Pereira de Queiroz: uma mulher na política. *Revista Brasileira de História*, v. 17, n. 33, p. 167-200, São Paulo: ANPUH, Ed. Unijuí, 1997; LOPES, Maria Margaret; SOUZA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes Moreira de. A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976). *Revista gênero*, v. 5, n. 1, 2012.)

¹¹⁸ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 64 – 65.

¹¹⁹ Acerca do tema podemos citar, entre outras: SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 5, p. 47-59, 2001; BIROLI, Flávia. Op Cit. 2018; BADINTER, Elisabeth. Op Cit, 2011.

a fomentar debates políticos e mesmo a legislação naqueles anos.¹²⁰ Narrando posteriormente, Lélia já reconhecia posturas abusivas por parte dos homens, o que seria somado, como disse, aos debates com os quais teve contato posteriormente. Ao partir desses repertórios, ela também consegue compreender que certos imaginários eram utilizados para reforçar posturas tidas como adequadas:

Lembro-me de certa ocasião quando estávamos trabalhando no escritório da Artisti Associati, tremendo de frio, sem aquecimento no prédio, com as mãos regeladas metidas em grossas luvas (nem podíamos escrever direito). Minhas colegas e eu decidimos arrancar as venezianas de uma janela, colocando os pedaços numa enorme bacia, e tocamos fogo. Só não contávamos com a fumaceira, que invadiu todos os ambientes do prédio fazendo-nos fugir da sala, tossindo, sufocadas. No dia seguinte, resolvemos fazer uma coleta de dinheiro e compramos um garrafão de vinho no mercado negro. Bebemos um copo, depois outro, para espantar o frio. Ficamos todas meio tontas. O chefe da seção apareceu na porta e nos vendo naquele estado de alegria, disparou: “Vocês são moças ou estivadores.”¹²¹

Notando que seus atos não eram compatíveis com o que se esperava de uma mulher naqueles anos, Lélia usa um tom de rebeldia para descrever aquele fato. Tal noção, compartilhada no senso comum, associaria as mulheres à sensibilidade e ao afeto, enquanto os homens deveriam ser rudes e fortes, o que lhes daria a liberdade de se embriagar e romper com alguns padrões comportamentais. A imagem do estivador fora inclusive construída como uma representação de masculinidade. De acordo com Fernando Teixeira da Silva,¹²² em certos casos, atitudes de violência ou agressividade serviam como forma de legitimação de liderança entre esses trabalhadores. Essa concepção de feminilidade também pode ter influenciado nos projetos realizados ou não por Lélia, contribuindo inclusive para a construção de suas memórias enquanto mulher, ítalo-brasileira e de classe média alta, recordando, inclusive, das dores provocadas por um fato específico:

Em 15 de dezembro de 1944 fui operada. O resultado para mim, foi uma desastrada e mutiladora operação. O cirurgião, em vez de retirar o ovário esquerdo e desobstruir a trompa do lado direito, (...) extirpou o ovário sadio (...) O que ficou nítido na minha memória foi a absoluta e total ausência de sensibilidade física: eu não mais sentia o meu corpo. (...) Assim fiquei até as 23 horas, quando a enfermeira-chefe, a senhorita D'Amico, perguntou-me qual o meu último desejo, ao mesmo tempo que despedia o padre que viera dar-me a extrema-unção (...).

¹²⁰ FRACCARO, Gláucia. *Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937)*. São Paulo: Editora da FGV, 2018. p. 77.

¹²¹ ABRAMO, Lélia. *Op Cit*, 1997. p. 86.

¹²² SILVA, Fernando Teixeira da. Valentia e cultura do trabalho na estiva de Santos. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (orgs.). *Culturas de Classe*. Campinas: Editora Unicamp, 2004. pp: 209 – 210.

Quando despertei na manhã seguinte, o professor Console ficou espantadíssimo ao ver-me viva. Acreditava que eu tivesse partido para o Além, tendo em vista a condição tão dramática da véspera. Logo mais vim a saber que minha esperança de ter filhos findara. Caí em depressão pesada e só queria morrer. Foi um golpe terrível jamais superado. Parecia tudo perdido. A perspectiva de não poder ter filhos é intolerável para algumas mulheres, eu sou uma delas. (...) ¹²³

Partindo dos relatos daqueles que presenciaram a cirurgia e das sensações que lembra de ter sentido, Lélia trata da dor de não poder ter filhos. O fato de não engravidar e o erro médico (associados ao fascismo e à guerra) serviram para compor uma memória negativa sobre os anos em que esteve na Itália. Elisabeth Badinter ¹²⁴ escreve que a feminilidade foi associada à maternidade em sociedades da Europa e da América, fazendo com que muitas mulheres criassem o projeto de se tornar mães para conseguir reconhecimento social. Nesse imaginário, uma mulher somente teria *êxito* em sua vida se casasse e tivesse filhos. Devemos lembrar que Lélia não seria imune a tais referências. Assim, ela provavelmente sofreu desde cedo com a pressão em ter filhos para *se sentir completa*. Essa percepção pode ter vindo tanto dos diálogos familiares, quanto dos contatos que construiu fora de casa. Porém, ao escrever posteriormente, ela reconhece que tal desejo não era algo presente em todas as mulheres, ideia que passou a ganhar força com a quebra da relação mãe-mulher após o surgimento dos anticoncepcionais na década de 1960. ¹²⁵ Como os repertórios são variados e não podemos tomar um sujeito como alguém coeso e homogêneo, notamos que algumas concepções de gênero gestadas em sua infância e juventude surgem em entrevistas realizadas posteriormente:

– *Você aceitou bem o fato de não ir, como os homens, estudar no Dante Alighieri? Não te pareceu injusto?*

– Eu compreendi. Porque a minha mãe achava que o colégio francês [era bom], e nisso tinha razão, preparava as moças, compreende? Para a sociedade, para a vida. Nos ensinava os bordados mais belos. Eu sei fazer tudo: rendas, bordados...[risos]. Eu aprendi tudo. Como se serve um chá. Minha mãe achava que era melhor para as filhas aprender tudo isso. Minha mãe era louca por arte. Ela foi uma mulher que com 70 anos começou a pintar. Coisas bonitas! ¹²⁶

¹²³ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 109 – 110.

¹²⁴ BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. São Paulo: Editora Record, 2011.

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ ABRAMO, Lélia. Entrevista concedida a Alípio Freire e Eugênio Bucci para a Revista Teoria e Debate, nº 5, 1º trimestre de 1989. In: *Rememória: Entrevistas sobre o Brasil do século XX*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 69.

Apesar de certa ironia nos risos, Lélia preserva uma lembrança afetiva de sua mãe. O tom da conversa pode ter sido pautado naquilo que ela teve acesso em momentos posteriores, achando engraçado o fato de ter tido uma educação mais voltada para a casa e a família. Dessa maneira, como membro de uma sociedade marcada pela divisão sexual do trabalho, nossa personagem entenderia que estaria apta a certas tarefas. Por meio de tal concepção, os homens da família Abramo teriam uma abertura maior para entrar em grupos políticos, artísticos e intelectuais.¹²⁷ A Lélia isso não era impossível, mas a sua inserção em tais espaços precisou do auxílio de seus irmãos mais velhos, já que ela não teve as mesmas oportunidades que eles,¹²⁸ o que analisaremos no próximo capítulo. Essa inserção também seria facilitada pela sua posição de classe e pelos capitais culturais de Lélia, permitindo-lhe circular em alguns espaços. Portanto, devemos ter em mente que Abramo atenderia a certos padrões de gênero, mas romperia com outros. Se por um lado ela estudava em um colégio feminino e tinha conhecimentos de corte e costura, por outro, dialogava com agentes políticos e participava de seus debates. O que nossa personagem tem de *normal*, tem também de *excepcional*.

A menina, a casa e a cidade

Eu não tinha as belas bonecas de minha irmã, por isso meu reino era lá fora, com nuvens, formigas, flores, plantas e as brincadeiras agressivas e pesadas de meus irmãos, primos e amiguinhos. Alternava meu comportamento sonhador com exaustivas corridas com Fúlvio (...). Com ele subia pelas paredes do viveiro de pássaros, construção em treliça e grades, verdadeiro pavilhão onde cresciam flores e duas árvores de hibiscos. Subíamos e descíamos as íngremes paredes e gloriosamente, lá em cima, fazíamos grande algazarra. No interior do viveiro havia um tanque de água para os passarinhos se banharem. Sempre que algum empregado entrava para levar alimento às aves, se eu estivesse por perto, escapulia para dentro e me divertia vendo o voo assustado e veloz dos passarinhos tão perto de mim. (...)

Assim vivíamos nós naquele imenso espaço, ladeado por velhos e altos eucaliptos e pinheiros, com um amplo jardim à frente do casarão, um grande quintal com canteiros de tomates e hortaliças, e uma construção aberta onde havia forno e lavanderia. Esse quintal era separado do pomar com seus 30 pessegueiros e igual número de jabuticabeiras. Do lado direito, havia uma sequência de gaiolas para coelhos e um pequeno tanque para os patos (...). Ali começava nosso incontestado reino.¹²⁹

¹²⁷ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018. p. 42 – 43.

¹²⁸ Idem. p. 47 – 48.

¹²⁹ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 40 – 41.

A família Abramo viveu nessa casa descrita por Lélia entre 1914 e 1922 e as lembranças dela fazem parte de uma memória partilhada entre seus irmãos e genitores. Ao conferir espacialidade ao seu relato, ela define essa residência como uma extensão de sua família, construindo lembranças afetivas com e por meio dela. Pensando em relações desse tipo, José Sobral trata da casa como *espaço mnemônico coletivo*. De acordo com o autor, o local de moradia se torna entidade na medida em que evoca a memória de outros que por ali circularam.¹³⁰ No caso de Lélia, ela não busca uma herança familiar na edificação, mas a torna patrimônio pelas lembranças ali construídas sobre a sua infância, passando a maior parte dela nessa chácara no bairro do Ipiranga (Zona Sul de São Paulo).¹³¹ Como vimos anteriormente, ela começa a sua autobiografia pelo local, embora tenha nascido na rua Francisca Miquelina (Bela Vista – Centro)¹³², vivendo ali até os três anos de idade, o que provavelmente não lhe permitiu criar vínculos tão estreitos com a construção.

Essa lembrança sobre a casa da avenida Independência também surge na fala de Fúlvio. Em uma entrevista, o irmão de Lélia ressalta o tamanho da edificação, mas ao invés de tratar de sua infância, se volta para o seu valor arquitetônico e o fato de ter pertencido a uma família da elite local:

Segundo me dizem, eu nasci a 20 de abril de 1909 em São Paulo; na rua Francisca Miquelina esquina da rua Maria Paula, em prédio que foi destruído só recentemente (...). Depois nós mudamos para o Ipiranga numa casa que

¹³⁰ SOBRAL, José Manuel. Da casa à nação: passado, memória, identidade. *Etnográfica*, v. 3, n. 1, p. 71- 86, 1999.

¹³¹ O bairro do Ipiranga era ocupado por índios Guaianases no século XVI e serviu de passagem para portugueses entre o litoral e a vila de São Paulo. Em 1890 lá foi construído o Museu Paulista, como um monumento à proclamação da Independência. A região foi ocupada por fazendas de café e tinha a Avenida Independência como a sua principal via de acesso com o centro da capital. Ela continuava sendo um ponto de ligação com o porto de Santos, mas com a inauguração da linha de Trem Santos- Jundiaí (1867), de uma estação (Ipiranga) e de uma linha de bonde (1904), fábricas passaram a se instalar em suas redondezas, processo que apenas se intensificou em 1947 com a abertura da rodovia Anchieta. (GODOY, Marília; ETCHEBÉHÈRE JUNIOR, Lincoln. O Museu Paulista e a formação de um espaço de modernidade no bairro do Ipiranga. *Pesquisa em debate*. Ano 3, nº 4, jan-jun 2006; GIOVANNONI, Raphael. *Transformações de uso e ocupação do bairro do Ipiranga em São Paulo: uma análise da tendência da substituição de áreas industriais ociosas pela verticalização de condomínios residenciais*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2017.)

¹³² A região da Bela Vista começou a ser ocupada no século XVI, mas somente foi efetivamente loteada em 1979 por Antônio José Leite Braga. A oferta expressiva de terrenos e os preços acessíveis atraíram migrantes italianos para a região, em sua maioria calabreses e sicilianos. Ela também abrigava uma quantidade expressiva de negros libertos. O bairro cresceu como uma região popular, mas atraiu também setores médios no início do século XX. Dentre a bibliografia disponível cito: D'ALAMERT, Clara Correia; FERNANDES, Paulo Cesar Gaioto. Bela Vista: a preservação e o desafio da renovação de um bairro paulistano. *Revista do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo*. V 204, 2006; CASTRO, Márcio Sampaio de. *Bexiga: um bairro afro-italiano*. São Paulo: Annablume, 2008.

fora dos condes de Vilarinhos; esta casa de fazenda – era uma casa de fazenda, uma casa grande, muito grande, que tinha 22 janelas de frente e trinta e três de lado (...), e tinha embaixo um porão alto, (...) eles construíram essa fazenda, no Ipiranga, no caminho de bifurcação das estradas que iam para o Rio e para Santos, e ali é que todas as comitivas (...) paravam pra reabastecer de produtos alimentícios e outras coisas, para fazer a viagem a Santos ou ao Rio.¹³³

O processo de rememoração de Fúlvio se dá a partir de uma concepção de história gestada pelos seus repertórios escolares e familiares, sendo utilizado para compreender os fatos, a si e o seu entorno. Por outro lado, Lélia se afasta do capital econômico conferido pela edificação e se volta para a relação afetiva com a casa, apesar de também se apoiar no seu tamanho e valor econômico. De uma forma ou de outra, o valor simbólico atribuído à casa também serve para conferir certos capitais à sua família¹³⁴ e talvez por isso ambos os irmãos ressaltem o seu tamanho, o que não estava apartado de um entorno maior. Ao descrever o período que viveu no bairro do Ipiranga, Lélia apresenta as suas sensações, inclusive quanto às mudanças urbanas que presenciou durante a sua vida:

Nessa chácara tínhamos toda a liberdade de dar asas à nossa turbulência e principalmente à fantasia e imaginação de Lívio e Athos (...). Sob as ameixeiras havia espaços abertos com bancos e mesas para repouso de quem ali quisesse gozar de paz e silêncio. À esquerda, nas laterais da alameda, havia dezenas de pereiras, cujos frutos (...) eram duros e verdes e com os quais mamãe mandava fazer enormes recipientes de doce de calda (...). Os doces, guardados na despensa do casarão, dentro de enormes potes de louça inglesa quase do meu tamanho, me fascinavam. Aliás, a despensa era um ponto de atração, porque nela havia uma janela da qual eu podia ver os eucaliptos balançarem ao vento (...).

Eles me sugeriam estranhas emoções: imaginava enormes castelos cheios de quartos onde habitavam parentes e amigos, sempre descendo e subindo pelos inumeráveis andares do gigantesco edifício. Sem eu saber, era de certa maneira como uma antevisão dos futuros arranha-céus que viriam a dominar São Paulo, difíceis de serem imaginados por uma criança naquela época.¹³⁵

O espaço mnemônico da casa também é utilizado para interpretar o trabalho artístico dos três irmãos: Athos Abramo¹³⁶ como poeta, Lívio como pintor e gravurista, e Lélia como atriz. Nesse momento, ela não trata das leituras possibilitadas pela

¹³³ ABRAMO, Fúlvio. Depoimento de Fúlvio Abramo. 15 de dezembro de 1979. Coleção Fúlvio Abramo. Fundo CEMAP. São Paulo: CEDEM – UNESP.

¹³⁴ SOBRAL, José. Op Cit, 1999.

¹³⁵ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 41.

¹³⁶ Athos Abramo (1905 – 1968) nasceu em Araraquara e foi jornalista e diretor de teatro. Trabalhou na *Folha da Manhã* e se casou com Athia Abramo, com quem teve dois filhos: o sociólogo Perseu Abramo e a historiadora Alcione Abramo. Atuou em grupos cênicos como o *I Guitti*, do qual sua irmã Lélia fez parte durante um certo tempo. (MAGALDI, Sábato; VARGAS, Maria Thereza. *Cem anos de teatro em São Paulo*. São Paulo: Senac, 2001.)

biblioteca do seu pai ou dos colégios onde ela e seus irmãos estudaram, mas de como o ambiente da Zona Sul da São Paulo das décadas de 1910 e 1920 influenciou nas suas trajetórias (em breve detalharemos melhor esses traços por meio de mapas). Além do mais, o provável contato que tiveram com a literatura europeia e contos de ficção pode ter contribuído na construção de tal perspectiva, possibilitando a ela imaginar torres e castelos. A noção de que seus jardins eram um espaço livre de barreiras também é uma maneira de compreender a sua militância e a de seus irmãos. Notando-se como uma menina que participou de brincadeiras tidas como rudes ou que rompiam regras, Lélia apresenta-se como uma rebelde nata.

Tendo uma noção distanciada das mudanças ocorridas naquele espaço, Lélia parte do seu presente para visitar o bairro de sua infância. As reformas urbanas e o crescimento da cidade fizeram com que sua família tivesse de se mudar, o que não era algo exclusivo deles.¹³⁷ De acordo com Edilene Toledo,¹³⁸ a cidade de São Paulo passou por um processo intensivo de crescimento entre 1880 e 1890, quando saiu da quinta para a segunda maior população urbana do Brasil, o que continuou nos anos 1910 e 1920. Tal fenômeno ainda foi possibilitado pelas ondas migratórias iniciadas naqueles anos, as quais tinham presença expressiva de trabalhadores e famílias italianas.¹³⁹ Os mapas e plantas da cidade dessas décadas ajudam inclusive a observar as mudanças presenciadas por Lélia e sua família. Além do mais, podemos observar a baixa densidade populacional do Ipiranga por meio de uma fotografia retirada entre 1910 e 1920 (período no qual a família Abramo viveu na região):

¹³⁷ Em um momento de crescimento urbano e verticalização, diferentes grupos familiares tiveram de se mudar, o que afetou inclusive a família Abramo. (BOSI, Ecléa. Memória da cidade: lembranças paulistanas. *Estudos avançados*, v. 17, n. 47, p. 198-211, 2003.)

¹³⁸ De acordo com Edilene Toledo, em 1890, a cidade de São Paulo perdia em população para o Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Belém. Em 1900, ela já havia crescido trezentos por cento, ficando atrás apenas da capital federal. Nesse processo, a grande maioria da população vinha de imigrantes espontâneos e daqueles que saíam das fazendas de café do interior por não se adaptarem ou aceitarem as condições de trabalho daqueles locais. (TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e Sindicalismo Revolucionário: Trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 16)

¹³⁹ Tais ondas migratórias perderam força nos anos 1940 com a política de incentivo da migração interna e a valorização do trabalhador nacional. Esse último processo cresceu a partir de posturas nacionalistas do Estado Novo e da mudança nas relações internacionais com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1942). (COVOLAN, Fernanda Cristina; ALMEIDA, Melissa Pinheiro. Repúdio aos “súditos do eixo”: legalização dos campos de concentração na Era Vargas. *Revista Opinião Jurídica* (Fortaleza), v. 17, n. 25, p. 13-36, 2019; FONTES, Paulo. Op Cit, 2008.)

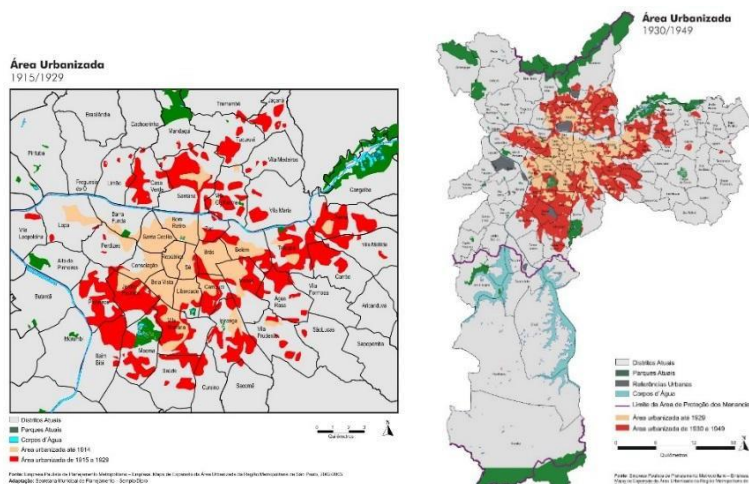


BECHERINI, Aurélio. Fotografia da Avenida Independência (Bairro do Ipiranga), 1910 – 1920. Acervo Digital da Cidade de São Paulo:

<http://www.acervodacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=43725>

4 Acesso: 20/01/2021 às 01:18 hrs.

A imagem acima foi retirada das proximidades do rio Ipiranga em direção ao centro da cidade. No horizonte podemos observar a torre da Paróquia do Cambuci e há uma casa de grandes proporções na margem direita da avenida. Essa edificação talvez seja a casa descrita por Lélia e Fúlvio, mas não temos imagens mais detalhadas dela. Na sua frente há uma coluna de árvores, a qual é provavelmente aquela descrita na autobiografia de nossa personagem.¹⁴⁰ Tal fotografia pode, inclusive, ajudar a refletir sobre a lembrança bucólica que esses irmãos têm da região.



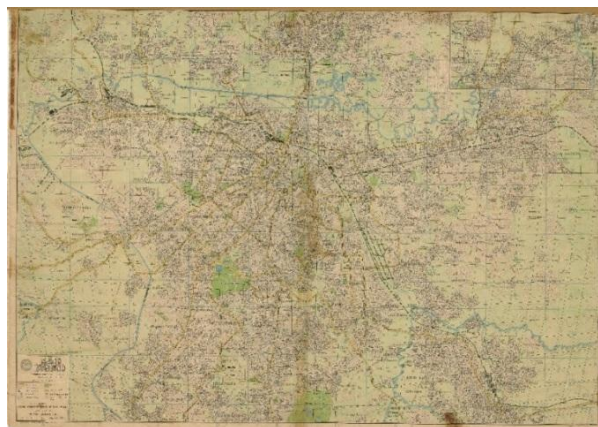
Em rosa claro vemos o espaço então ocupado e em vermelho o expandido. Primeira imagem: Crescimento urbano de São Paulo entre 1915 e 1929. Segunda Imagem: Crescimento urbano de São Paulo entre 1930 e 1949. Em ambas, as áreas em vermelho representam o espaço ocupado no período. As manchas mais claras são o perímetro urbano até então. (Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa. Mapa da expansão da área urbanizada da região metropolitana de São Paulo. Secretaria Municipal de Planejamento, 2002/2003. Disponível em:

http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1920.php Acesso: 20/01/2021 às 01:19 hrs.)

¹⁴⁰ Refiro-me ao primeiro trecho desta subseção (A menina, a casa e a cidade). (ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 40 – 41)



Planta da cidade de São Paulo (1913). Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1900.php Acesso: 20/01/2021 às 01:19 hrs.



Planta Geral de São Paulo (1951). Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1950.php Acesso: 20/01/2021 às 01:19 hrs.

Tanto na análise cartográfica da prefeitura municipal de São Paulo quanto nos mapas dos anos 1910 e 1950, percebe-se a multiplicação de ruas e a expansão do perímetro urbano. Nesse sentido, apesar desses materiais provavelmente excluïrem estradas rurais e a população do campo, nos ajudam a visualizar certas modificações. Sobre tais fatos, Lélia diz:

Em 1921, autoridades municipais iniciaram trabalhos de urbanização no bairro do Ipiranga, na área ao redor do museu, em vista das próximas celebrações públicas do primeiro centenário da Proclamação da Independência do Brasil. Na ocasião seriam inaugurados o monumento a Dom Pedro I, obra do escultor italiano Ettore Ximenes (...). Dentre essas iniciativas, constava o alargamento da avenida Independência, hoje avenida Dom Pedro I, para facilitar o trânsito em duas mãos, o que significava a demolição das duas únicas residências de grandes dimensões existentes: o casarão onde morávamos e o dos Magalhães, na quadra seguinte. (...)

Nos primeiros meses de 1922, com o casarão quase destruído, papai conseguiu alugar uma enorme casa com 11 janelas na frente e com um jardim bastante amplo nos fundos, mas que nos pareceu minúsculo. Era uma antiga

construção do século XIX, com numerosos quartos de dormir, salão de jantar, escritório, todos com janelas para a calçada e um porão com pé-direito bem alto; obra construída com largueza, na esquina da rua Santa Madalena com a rua Martiniano de Carvalho (...). Para nós, jovens, aquilo parecia uma jaula.¹⁴¹

Ao observarmos o relato de Lélia, algumas questões vêm à mente. Primeiramente, ela nos faz refletir sobre a posição de classe de sua família. Atentando para o tamanho das casas (comprada ou alugada) e a presença de empregados, ela toca em marcadores de poder social. Outra questão a ser pensada neste quesito é a quantidade de fotografias dos Abramo, bem como a sua composição. Lélia traz uma quantidade significativa de referências imagéticas em sua autobiografia. Apesar delas servirem para apresentar seus parentes e costumes ao leitor, podemos refletir sobre a possibilidade de tê-las nas décadas de 1910 e 1920 e a quantidade de imagens produzidas, o que variava de acordo com o poder aquisitivo das famílias e de poder contratar um fotógrafo ou ter uma câmera.¹⁴²

De acordo com Miriam Moreira Leite,¹⁴³ as imagens de casais e as de filhos/crianças serviam para solenizar a criação e o crescimento de uma família (esses elementos podem ser notados nas fotografias abaixo apresentadas). Ela também mostra que as mulheres eram mais fotografadas que os homens na década de 1910, fazendo parte dessa ritualização. A pesquisadora ainda escreve que as imagens de matrimônio estavam presentes em famílias de diferentes grupos sociais, sendo que em muitos casos era o único registro que se tinha. Contudo, ter um álbum era algo restrito às camadas médias e altas da sociedade.¹⁴⁴ Se observarmos a composição das fotografias da família Abramo, notamos como elas seriam utilizadas como distintivo social. Das aqui apresentadas (além das outras expostas por Lélia em sua autobiografia) notamos que uma parcela expressiva foi realizada em estúdio.¹⁴⁵ As roupas utilizadas reforçariam o poder aquisitivo da família, o que seria complementado por uma estética semelhante à pintura. A pose de Vincenzo em uma fotografia individual abaixo passa uma sensação de poder. Olhando para o horizonte, vestido de terno e gravata e com as mãos apoiadas

¹⁴¹ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 43 – 44.

¹⁴² MAUAD, Ana Maria; BRUM, Marcos Felipe de. História e fotografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

¹⁴³ LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: Edusp, 2001. p. 74

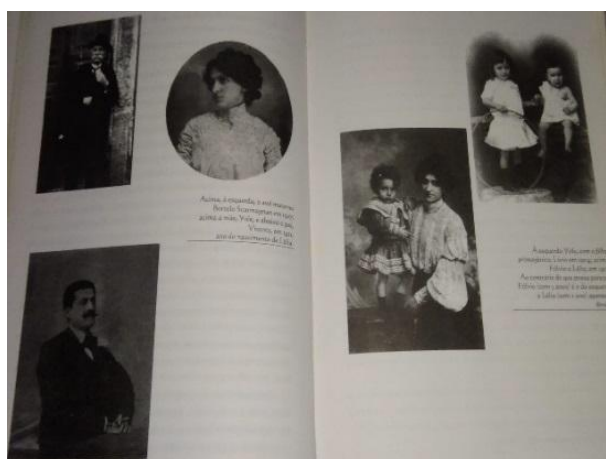
¹⁴⁴ Idem. p. 75

¹⁴⁵ Além da autobiografia, essas e outras imagens estão arquivadas no acervo pessoal de Lélia Abramo sob custódia do IEB-USP. Entretanto, as fotografias deste acervo somente podem ser reproduzidas mediante autorização expressa da família. Esse *corpus* abarca todo o século XX e reproduz momentos do cotidiano doméstico, viagens, trabalhos de Lélia e sua família.

sobre uma mesa, ele (e o fotógrafo) teria o intuito de transmitir uma memória solene para a posteridade.¹⁴⁶ Na imagem da família, ele segue olhando para o horizonte, enquanto todos os demais miram para a câmera. O fundo parece ser um cenário e representa um casarão com janelas altas.



Fotografia da família Abramo utilizada para abrir a primeira parte da autobiografia de Lélia (no canto do enquadramento, em pé e de pernas cruzadas do lado esquerdo de Vincenzo, que está sentado) (ABRAMO, Lélia. *Vida e arte: memórias de Lélia Abramo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997. P. 14 – 15).



Retratos de familiares (da esquerda para a direita, na primeira página: Bortolo de chapéu apoiado em uma coluna (1917); Yole de perfil (1911); Vincenzo com as mãos sobre uma mesa (1911). Na segunda: acima Fúlvio e Lélia (1912); abaixo Yole e seu filho Lívio (1904)) (ABRAMO, Lélia. *Vida e arte: memórias de Lélia Abramo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997. P. 14 – 15). Tanto a foto da família, quanto estas acima são utilizadas para referenciar seu texto, mas é interessante atentarmos para a sua composição e a possibilidade de tê-las no início do século XX. O livro ainda conta com a reprodução de mais imagens familiares.

Em segundo lugar, devemos atentar novamente para a relação com o entorno. Rita Lages Rodrigues¹⁴⁷ escreve que a cidade deve ser vista como um espaço de ação constante dos indivíduos. De acordo com a autora, os atos desses sujeitos modificam e

¹⁴⁶ GRANET-ABISSET, Anne Marie. O historiador e a fotografia. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 24, 2002.

¹⁴⁷ RODRIGUES, Rita Lages. Reflexões sobre o indivíduo e suas ações na cidade—espaço biográfico e espaço da cidade. *Cadernos de História*, n. 1, 2017.

dinamizam o espaço urbano, servindo como ponto de partida para refletir sobre as complexas relações entre o indivíduo e um entorno tão heterogêneo. Partindo dessas questões, pode-se dizer que Lélia, assim como qualquer pessoa, e a cidade devem ser analisados em sua dinâmica espaço-temporal e suas inter-relações. A maneira como ela sente as mudanças urbanas pelas quais passou auxilia a pensar como esses processos impactaram em sua trajetória. Rodrigues ainda diz que o urbano foge aos projetos de grupos e pessoas que visam cristalizar seu ambiente.¹⁴⁸ Com base nessa perspectiva, podemos refletir sobre a lembrança que Lélia tem de certos fatos e como as mudanças pelas quais passou não foram algo necessariamente planejado por ela ou sua família, mas fruto de processos ocorridos em um determinado período e região, os quais abririam a eles novas possibilidades, mas interromperam outros projetos.

Ao gestar uma linha temporal para a sua vida, ela passa a tratar de problemas que surgiram com o aumento de seu contato com o ambiente externo à sua residência. Sobre tais fatos, a personagem trata do que sentiu ao retornar da Itália:

Chegando a São Paulo, encontramos a mesma casa que eu deixara em 1938 e nas mesmas modestas condições. (...) ¹⁴⁹

A família era a mesma, as ideias eram as mesmas, os afetos eram imutáveis e fortalecidos pela saudade, mas o Brasil e a Itália eram universos diferentes, levando nossas conversas, portanto, a diferentes enfoques. Para isso, muito contribuiu também a transformação de São Paulo. Ao deixarmos a cidade, em 1938, ela contava com pouco mais de 1 milhão de habitantes; em 1950, essa população já havia dobrado e crescia continuamente. (...) ¹⁵⁰

Havia na cidade de São Paulo fatores negativos que em nada facilitavam a vida da população. Existia uma enorme carência de transportes e os que existiam, os bondes e os pequenos ônibus chamados de “jardineiras”, ainda do período anterior da Segunda Guerra, caíam aos pedaços, quebrando pelo caminho e deixando a população a pé. ¹⁵¹

O relato de Lélia pode ter partido dos debates com os quais teve contato quando chegou a São Paulo (1950). Ele também foi gestado a partir daquilo que ela observou, além do compartilhamento dessas experiências com outras pessoas. Um vídeo produzido em 1952 chamado *A Luta pelo Transporte em São Paulo*, da Jean Manzon Filmes, ressalta os problemas surgidos com o crescimento da cidade.¹⁵² De acordo com

¹⁴⁸ Idem.

¹⁴⁹ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 127.

¹⁵⁰ Idem. p. 130.

¹⁵¹ Ibidem. p. 132.

¹⁵² Jean Manzon Filmes. *A Luta pelo Transporte em São Paulo*. 10 min. 1952. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=shQSWlumUU8> Acesso: 20/01/2021 às 01:34 hrs.

Eduardo Alcântara de Vasconcellos,¹⁵³ diversos estudos foram realizados desde o início do século XX para a ampliação das avenidas de São Paulo. Segundo o autor, o *Diário de São Paulo* publicou uma série de artigos entre 1951 e 1953 acerca da segurança no trânsito paulistano e seus problemas. Para completar, ele diz que Nelson Rockefeller apresentou em 1950 um estudo de Robert Moses intitulado *Programa de melhoramentos públicos para a cidade de São Paulo*, o qual denunciava a precariedade da estrutura de mobilidade urbana e a sua relação com o crescimento acelerado da capital, alertando para a necessidade de medidas urgentes. *O Estado de São Paulo* não deixou de contribuir para o debate e publicou um texto no qual diz:

O problema do trânsito em nossa capital é desses assuntos sobre os quais qualquer um pode discutir, externar opinião, dar palpite. Na verdade, nunca tantos entenderam de trânsito como agora! E de todos os cantos surgem “especialistas” carregando no bolso a fórmula salvadora, cada qual convencido de que a sua solução é a que pode com eficiência e segurança remover as tremendas dificuldades com que se deparam na atualidade as autoridades responsáveis por esse setor da administração pública.¹⁵⁴

O jornal compartilhava da ideia de que medidas urgentes eram necessárias. Mas esse não era, obviamente, o único texto que tratava do problema. Dois anos antes seus redatores já haviam alertado para a questão ao falar da instalação de semáforos e a mudança na rota de linhas de ônibus.¹⁵⁵ Em meio a referências como essas (imprensa, estudos, filmes), Lélia complementaria a sua visão sobre o crescimento da cidade de São Paulo na década de 1950.

Ao analisarmos a relação entre Lélia e a cidade, é possível refletir sobre os campos de possibilidades presentes em diferentes momentos de sua trajetória. O fato de seu pai ter se instalado no bairro da Bela Vista em 1909 e depois em 1922 certamente se deu pelas rede de amizade e solidariedade construídas com outros imigrantes italianos.¹⁵⁶ Além do mais, a família pode ter se mudado para uma chácara em um

¹⁵³ VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara. *Circular é preciso, viver não é preciso: a história do trânsito em São Paulo*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1999. p. 74 – 75.

¹⁵⁴ S/A. O trânsito em São Paulo. *O Estado de São Paulo*. 19 de julho de 1952. p. 5. Acervo online: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso: 20/01/2021 às 01:34 hrs.

¹⁵⁵ S/A. Assuntos de trânsito. *O Estado de São Paulo*. 17 de maio de 1950. p. 8. Acervo online: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso: 20/01/2021 às 01:34 hrs.

¹⁵⁶ Sheila Schneck estudou a ocupação do bairro e atentou à presença expressiva de italianos na região, os quais eram maioria se comparados a outras nacionalidades e mesmo aos brasileiros. De acordo com a autora, o bairro atraía famílias de origem popular, mas não deixou de abrigar setores médios da capital paulista. (SCHNECK, Sheila. *Formação do bairro do Bexiga em São Paulo: loteadores, proprietários, construções, tipologias edilícias e usuários*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.)

bairro pouco povoado devido ao seu poder econômico naquele momento. Após 1922, a proximidade com o centro da cidade auxiliava no deslocamento de Lélia, o que ampliaria a sua possibilidade de conseguir trabalho, além de facilitar o contato com agremiações políticas localizadas na região, assunto que aprofundaremos melhor no próximo capítulo. O próprio projeto de buscar emprego fora de casa talvez tenha sido incentivado (para além do declínio econômico de sua família) pelo fato de a maior parte dos escritórios estarem relativamente próximos de sua nova moradia, levando em consideração aquilo que uma jovem de classe média e com certos capitais culturais e familiares poderia exercer como profissão naquele momento em São Paulo.

Abrindo as cortinas: trabalho e classe

O casarão era uma mansão com enorme salão de jantar, quartos imensos e porão habitável. (...). Nos fundos, uma escadaria com dois terraços laterais dava para o quintal. (...) aí eu costumava dançar sozinha, pés descalços, horas a fio, sem música nenhuma (...) atormentando minha mãe com o desejo de ser bailarina, até o dia em que uma promessa de boas palmadas, se continuasse com aquela loucura na cabeça, silenciou-me definitivamente. Nunca mais toquei no assunto, mas passei a dançar em imaginação, agora sim, ao som de uma bem nítida orquestra. De repente, como acontece nos pesadelos, acordava assustada com o abrupto cessar do som. Essa sensação repetiu-se durante 38 anos!

A menina que eu era transformou, no plano da consciência, a bailarina numa futura atriz. Esse foi o anseio que permaneceu em mim até os 47 anos de idade, com dor e esperança, dando-me a secreta certeza de que um dia seria atriz.¹⁵⁷

Lélia também atribui um sentido à sua trajetória profissional. Como fica nítido na citação, essa memória liga o casarão da Avenida Independência ao seu desenvolvimento artístico, o que é complementado pela preocupação de seus genitores com uma educação erudita. Também é perceptível a presença de uma *ilusão biográfica*¹⁵⁸ nas lembranças de nossa personagem, pois ela reforça que seu *dom* para as artes cênicas viria desde a sua infância. Esses dados surgem outras vezes em seus relatos para compreender a sua carreira:

Em São Paulo, na época, havia intensa atividade cultural: existiam vários teatros na cidade (...). Além desses havia o Teatro da Lega Lombarda, o Teatro Oberdan e dezenas de outros teatros menores, construídos pela colônia italiana, muito bem equipados, com pequenos camarotes e poltronas de

¹⁵⁷ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 42.

¹⁵⁸ BOURDIEU, Pierre. Op Cit, 2015.

veludo, espalhados pelos bairros em sua maioria de população italiana, todos sempre lotados. Neles se apresentavam companhias de teatro nacionais e estrangeiras, principalmente as procedentes da Itália (...)

Nós, crianças, sempre assistimos a esses eventos. Meus pais eram europeus, para eles cultura não era privilégio de elite, mas direito do povo.

Papai costumava levar-nos às grandes e elegantes confeitarias Pinoli e Fazoli, esta última na rua Direita, na época, muito chique. Ninguém transitava nessa rua sem usar luvas, chapéu e roupa apropriada (...). Do lado oposto imperavam lojas ultra elegantes como o empório Toscano, a Casa Alemã e o Mappin. No local onde encontrava-se este último, hoje há um banco.¹⁵⁹

A interpretação de Lélia sobre o que possibilitou o início de sua carreira de atriz não se pauta apenas pela sua concepção de arte ou identidade de origem. Os repertórios construídos posteriormente a partir do teatro, do cinema e da televisão também serviram de material para a sua memória. Percebendo que a cidade contava com espaços voltados para as artes cênicas, ela se foca naquilo que teve acesso na infância e entende que o teatro não era um direito exclusivo das elites. De acordo com Angelo Trento, a colônia italiana de São Paulo promoveu espetáculos de arte cênica, postura essa presente não apenas na elite, mas também entre os trabalhadores. O historiador também mostra o teatro também foi promovido por grupos militantes,¹⁶⁰ o que nos ajuda a refletir sobre a memória de Lélia sobre os fatos, lembrando seu avô materno participou ativamente de tais agremiações e lhe transmitiu parte de suas referências políticas e culturais. Ao relatar tais lembranças, Lélia busca ainda uma memória voluntária da cidade¹⁶¹ para perceber as mudanças pelas quais o espaço passou no decorrer do tempo.

A família também é apontada como gênese de seu projeto artístico em outro momento, no qual Lélia diz que: “Athos, também nascido em Araraquara, em 1905, dirigia o teatrinho das nossas brincadeiras. Eu ficava olhando de lado, nunca era escalada para personagem algum devido à minha extrema timidez. Ele também

¹⁵⁹ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 25 – 26.

¹⁶⁰ TRENTO, Angelo. Organização operária e organização do tempo livre entre os imigrantes italianos em São Paulo (1889 – 1945). In: CARNEIRO, Maria Luíza Tucci; CROCI Federico; FRANZINA Emílio. Op Cit, 2010. p. 240 – 241.

¹⁶¹ A *memória voluntária* seria a busca por traços de experiências subjetivas em um espaço específico. Ela procura sentido num passado coletivo para significar um passado individual. Sandra Pesavento parte desse conceito para refletir sobre os vestígios materiais deixados apesar das reformas urbanas. Ela diz que não basta procurar características físicas que resistiram ao tempo, mas atentar para aquilo que foi vivido e as camadas temporais ali presentes, o que seria possível a partir de um exercício de educação dos sentidos (PESAVENTO, Sandra. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. *Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)*, v. 2, n. 4, 2004.). Sobre o conceito cito também Benito Bisso Schmidt, o qual historiciza o debate em torno da memória e o surgimento de diferentes linhas teóricas sobre o tema em um de seus artigos (SCHMIDT, Benito Bisso. Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas das discussões atuais sobre história e memória. *Estudos ibero-americanos*. Porto Alegre. Vol. 32, n. 1 (jun. 2006), p. 85-97, 2006.).

desenhava, e muito bem, cenários, roupas.”¹⁶² Esse fato também aparece nos relatos de seu irmão Fúlvio: “Desde criança eu e minha irmã Lélia participávamos de um grupinho de teatro do Athos. E foi, aliás, nesse teatrinho, que se chamava Apolo, lá no Ipiranga, que minha irmã começou sua carreira de atriz.”¹⁶³

Nas memórias familiares partilhadas entre Lélia e seus irmãos, a carreira artística era gestada a partir de brincadeiras de infância. A forma como a personagem conta a trajetória deles também passa por essa mesma perspectiva. Além de traços como a guerra, a italianidade e a militância, Lélia se utiliza da arte para construir uma linha cronológica sobre sua vida. Contudo, devemos entender que sua carreira profissional não foi algo linear e que ela atuou em diferentes áreas, conseguindo trabalhar naquilo que lhe foi possível. Além do mais, esse trabalho não era inato, mas foi um projeto construído a partir de repertórios, imaginários e experiências gestadas socialmente. Ao contar como começou a trabalhar, Lélia diz que:

Antes de chegar aos 21 anos, isto é, à maioridade, eu procurava algumas formas de trabalho, sempre dentro de casa, para prover algumas necessidades mais imediatas. (...). Foi durante algum tempo minha salvação colocar minha fantasia na confecção de enxovais para bebês, bordando e enfeitando com rendinhas as golas, os punhos e as mantas (...). Queria estar em Paris estudando, e ali estava eu... bordando! (...). Minhas tentativas de arranjar emprego frustravam-se diante da muda e dolorosa emoção de meu pai, que julgava humilhante demais ver sua filha trabalhar fora de casa. Nesta altura, Beatriz já se casara com um oficial do exército italiano, Riccardo Vialardi (...)

Completados os 21 anos, larguei os enxovaizinhos e fui trabalhar no escritório de uma fábrica de passamarias [bordas de tecido utilizadas para ornamentar roupas], de propriedade de um parente de minha meia irmã Nenê. Lá aprendi rapidamente tudo o que concernia à contabilidade, pagamento dos operários, correspondência, enfim, tudo quanto o gerente de uma fábrica deveria conhecer em matéria de contabilidade. (...)¹⁶⁴

Diante da impossibilidade de ingressar numa universidade, Lélia passou a buscar aquilo que era possível para uma mulher branca de classe média alta na década de 1930. Segundo Gláucia Fraccaro,¹⁶⁵ as trabalhadoras ocupavam cargos em diferentes setores da sociedade, predominando, nos anos 1920, no magistério, no comércio e nas artes. Além do mais, a autora diz que muitas tarefas realizadas por elas não eram consideradas pelos censos e pesquisas por não gerarem uma produção considerável ou se restringirem

¹⁶² ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 32.

¹⁶³ ABRAMO, Fúlvio. Entrevista realizada por Eugênio Bucci. *Teoria e Debate*, nº 1, 4º trimestre de 1987. In: *Rememória: Entrevistas sobre o Brasil do século XX*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 15.

¹⁶⁴ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 51.

¹⁶⁵ FRACCARO, Gláucia. Op Cit, 2018. p. 24.

ao espaço de suas casas. Lélia exerceu uma dessas funções não reconhecidas ao confeccionar e vender roupas. Sobre tal fato, ela lembra da vergonha de seu pai pela necessidade de uma filha ter de trabalhar fora de casa. Vincenzo provavelmente partia de concepções elitistas de masculinidade, as quais prezavam pela segurança e tutela das filhas, aliadas à angústia em perceber a queda de sua renda.

Retornando à carreira profissional de Lélia, ela passou pelo Sindicato dos Comerciários, mas depois que se mudou para a Itália foi para outros postos, o que narra da seguinte maneira em sua autobiografia:

[De Riva del Garda] Decidi ir para Roma, onde poderia encontrar trabalho e onde ficava a embaixada brasileira. (...). Durante quase dois meses minha busca foi inútil, mas certo dia, nos anúncios classificados, localizei duas ofertas de trabalho adequadas para mim. Uma delas era em uma empresa comercial qualquer e a outra – imaginem minha alegria! – em uma produtora de filmes, *Artisti Associati*, na via Quintino Sella. Estaria trabalhando em lugar tão sonhado, ao lado de artistas! (...)

Ali, na *Artisti Associati*, trabalhava das 9 às 12 e das 16 às 19 horas. Horário ótimo. (...). Não era atriz ainda, pensava eu, mas com certeza absoluta o seria um dia! Por enquanto resignava-me a seguir a trajetória dos filmes espalhados por todo o país e procurar descobrir os eventuais desvios de certas cópias que percorriam a região (...). O consolo para mim era ver de perto renomados diretores e alguns astros e estrelas do cinema italiano.¹⁶⁶

Talvez seu projeto de se tornar atriz tenha sido construído naqueles anos. Tendo dupla nacionalidade e falando italiano, Lélia tinha mais facilidade de conseguir emprego em Roma. Assim, ela trabalhou em uma distribuidora de filmes que estava subordinada ao regime fascista. De acordo com Wagner Pinheiro Pereira,¹⁶⁷ o Estado italiano controlava o conteúdo e a circulação das produções cinematográficas. O Instituto LUCE (*L'Unione Cinematografica Educativa*), criado em 1924, tinha essa dupla função, servindo de auxiliar para a propaganda do governo e filtro de informações.¹⁶⁸ Como a *Artisti Associati* mapeava o caminho percorrido por esses filmes, ela provavelmente era controlada por seus órgãos de censura e repressão, como o próprio LUCE. Contudo, deve-se levar em conta que esse emprego fazia parte daquilo que Lélia tinha à disposição naquele momento, fazendo com que tivesse de adaptar seus projetos para trabalhar em uma empresa controlada por seus inimigos.

¹⁶⁶ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 76 – 78.

¹⁶⁷ PEREIRA, Wagner Pinheiro. Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo. *História: Questões & Debates*, v. 38, n. 1, 2003.

¹⁶⁸ Sobre o assunto cito: ROSA, Cristina Souza da. *Para além das fronteiras nacionais: um estudo comparado entre os institutos de cinema educativo do Estado Novo e do fascismo (1925 – 1945)*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.

Devemos ter em mente, insistimos, que a carreira profissional de Lélia Abramo não pode ser entendida como algo linear ou progressivo. Sendo assim, o posto seria o que ela tinha à disposição naquele momento somado à intenção de buscar um cargo que considerasse ideal para si. No Brasil a partir de 1950, as redes de sociabilidade construídas por sua família abriam um campo de possibilidades no qual ela pôde trabalhar em uma empresa cinematográfica e na datilografia de uma agência de notícias ítalo-brasileira entre 1950 e 1958. O primeiro emprego provavelmente foi possibilitado pelas suas experiências profissionais na Itália e o segundo pelas redes de amizade construídas por seus irmãos. Esses fatores ainda contribuíram para o início de sua carreira artística no Teatro de Arena em 1958. Sobre aqueles anos ela lembra que:

Eu já passava dos 40 anos de idade, mas tinha ainda aparência jovem. Foi a salvação. Foi-me oferecido um pequeno papel secundário, que aceitei: eu jamais pisara em um palco (...). A sensação que tive foi indescritível: era como se tivesse retomado algo já conhecido e vivido. (...)

Os atores do Muse Italiche eram bem organizados, disciplinados, dedicados (...). Mas, depois de algum tempo, o grupo, que já vinha passando por uma crise interna, dividiu-se e uma parte dos atores decidiu por outra companhia (...). Não havia quem a dirigisse. Indiquei meu irmão Athos (...)

A proposta apresentada por Athos era a de encenar autores italianos contemporâneos. Como o grupo desejava representar em italiano mesmo, foi escolhido o nome I Guitti.¹⁶⁹

Por outro lado, não era comum uma mulher iniciar sua carreira artística aos quarenta e sete anos de idade. De acordo com Ana Carolina Maciel¹⁷⁰, o *sistema estrelar* norte-americano tinha como público-alvo os jovens de classe média. Esse modelo foi apropriado pela indústria cinematográfica brasileira, a qual importou seus padrões estéticos e comportamentais e teve na imprensa um dos seus principais meios de divulgação, pautando a maneira como o estrelato seria construído para o seu público. O ideal do rosto jovem e belo da (o) artista era reproduzido na década de 1940 por meio de revistas como *A Cena Muda*, a qual promoveu um concurso de fotografia para encontrar jovens semelhantes a atrizes. Já nos anos 1950 o periódico *Cinelândia* buscava por novos talentos sem deixar de se pautar por esses mesmos padrões. Em meio a esses discursos, atrizes como Tônia Carrero, Ruth de Sousa e Eliane Lage iniciaram

¹⁶⁹ ABRAMO, Lélia, Op Cit, 1997. p. 138 – 140.

¹⁷⁰ MACIEL, Ana Carolina de Moura Delfim. “*Yes nós temos bananas*”. *Cinema industrial paulista: a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, atrizes de cinema e Eliane Lage*. Brasil, anos 1950. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

suas carreiras ainda muito jovens e em períodos próximos ao que Lélia subiu aos palcos (1957 – 1958).¹⁷¹

O fato da idade de nossa personagem ser uma exceção naquele cenário artístico não deixou de ser notado por ela mesma em suas memórias. Além do mais, Maciel atenta para o fato de que havia casos ímpares entre o estrelato feminino da empresa cinematográfica Vera Cruz. Ela mostra que Joaquina Maria da Rocha ganhou visibilidade mesmo sem atender àquilo que essa indústria esperava e com uma idade mais avançada do que aquelas que se tornavam as *namoradinhas do Brasil* naquele momento.¹⁷²

Lélia trata no relato acima do início de sua atuação nos palcos. Entre o *Muse Italiche* e o *I Guitti*, o seu trabalho teve o apoio de dois de seus irmãos: Athos trabalhava na direção e Fúlvio na pintura dos cenários, como podemos perceber em um cartaz do grupo utilizado como referência para a autobiografia de Lélia. Se atentarmos para o seu relato, podemos levantar algumas questões sobre os campos de possibilidades presentes naquele momento. Inicialmente, sua entrada no *Muse* provavelmente ocorreu por ele ser um grupo italiano, o que a aproximava de seus atores. Já no caso do *I Guitti*, o seu capital familiar também auxiliou na efetivação desse projeto.



Cartaz da peça *La Regina e gli Insorti* do grupo *I Guitti*. Notem que Lívio Abramo aparece como responsável pelos cenários e Athos pela direção. (ABRAMO, Lélia. *Vida e arte: memórias de Lélia Abramo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 143)

¹⁷¹ Idem. p. 157 – 158

¹⁷² MACIEL, Ana Carolina de Moura Delfim. Op Cit, 2008. p. 164 – 166

De acordo com Carolin Overhoff Ferreira,¹⁷³ as comédias de costumes eram recorrentes no teatro brasileiro nas décadas de 1930 e 1940. Com o surgimento do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), em 1948, peças contemporâneas estrangeiras passaram a ganhar espaço. Contudo, algumas permanências poderiam existir, pois obras clássicas não deixaram de ser encenadas por seus organizadores. Segundo Heloísa Pontes,¹⁷⁴ o TBC também promoveu a profissionalização dos atores por meio de uma série de reformulações técnicas. Entre as mudanças vividas, Lélia recorda o início de sua atuação no Teatro de Arena:

O Teatro de Arena estava passando por uma crise financeira bastante séria, e então Zé Renato, como era chamado por todos, propôs a encenação de uma peça escrita alguns anos antes por Gianfrancesco Guarnieri, ainda muito jovem (...). Foi feita a escalação de papéis e coube a mim o papel de Romana para atuar ao lado de Eugênio Kusnet, grande diretor e ator. O nome da peça era *Eles não usam Black-tie*.

Eu já tinha 47 anos. Essa foi a idade com que iniciei minha carreira profissional, embora estivesse, entre o Muse Italiche e o I Guitti (...).

Somente quando fui convidada para trabalhar no Arena, deu-se a fusão entre salário e atividade, embora eu tivesse de continuar ainda por alguns meses a trabalhar na ANSA (...).¹⁷⁵

A percepção de idade de Lélia é constante nas lembranças sobre o seu trabalho nos palcos. Apesar de notar-se como fora de um padrão estético branco e jovem, ela ressalta que não vê esse fator como um problema no início de sua carreira. A peça *Eles não usam Black Tie* ganha centralidade em suas memórias, o que não se restringe apenas ao corpo do texto, mas também às referências que ela traz para quem lê sua autobiografia. A foto que inicia a segunda parte de seu livro é um momento no qual ela a interpretava em 1958.

¹⁷³ FERREIRA, Carolin Overhoff. Uma breve história do teatro brasileiro moderno. *Nuestra América*. Nº 5, janeiro – junho 2008. p. 134

¹⁷⁴ PONTES, Heloisa. Inventando nomes, ganhado fama: as atrizes do teatro brasileiro, 1940-68. *Etnográfica*, v. 12, n. 1, p. 173-194, 2008. p. 177

¹⁷⁵ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 144 – 145,



Foto de abertura da segunda parte da autobiografia de Lélia Abramo. Nela, nossa personagem aparece atuando na peça *Eles não usam Black-Tie*. (ABRAMO, Lélia. *Vida e arte: memórias de Lélia Abramo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 122 – 123)

De acordo com Berilo Luigi Deiró Nosella,¹⁷⁶ o Teatro de Arena se utilizou dessa peça para reforçar sua defesa de uma estética e temática nacionais. O autor escreve que ela foi escrita por Gianfrancesco Guarnieri,¹⁷⁷ mas que não deixou de sofrer interferências dos membros do TDA, como José Renato Pécora (Zé Renato).¹⁷⁸ Ele também diz que sua escolha não foi casual e que a obra teve repercussão após o seu lançamento, permanecendo mais de um ano em cartaz. Lélia interpretou a personagem Romana, a qual tem centralidade no seu enredo.

Escrevendo logo que a peça foi adaptada para o cinema (1981), Marlí Teresa Furtado¹⁷⁹ analisou as produções desse autor e inicia seu texto com uma entrevista do diretor do filme, o qual diz que a imagem de Abramo interpretando Romana não foi esquecida. Tanto Furtado, quanto Nosella entendem que a personagem de Lélia é

¹⁷⁶ NOSELLA, Berilo Luigi Deiró. *Eles não usam Black-Tie: a forma como conteúdo histórico-ideológico*. Cerrados, v. 29, p. 20, 2010.

¹⁷⁷ Gianfrancesco Guarnieri (1934 – 2006) nasceu em Milão (Itália) e era filho de músicos que migraram para o Rio de Janeiro em 1936. Mudou-se para São Paulo na década de 1950 e participou de movimentos estudantis. Criou o Teatro Paulista do Estudante em 1955, o qual se uniu ao Teatro de Arena em 1956. Tornou-se sócio do TODA em 1962. Atuou na televisão em novelas como *A Muralha* e no cinema. Trabalhou até 2005 na Rede Globo. Faleceu em São Paulo. (Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/gianfrancesco-guarnieri/> Acesso: 20/01/2021 às 02:20 hrs.)

¹⁷⁸ José Renato Pécora (1926 – 2011) nasceu em São Paulo e estudou na Escola de Arte Dramática (EAD) de São Paulo. Foi fundador do Teatro de Arena (TDA) junto de Augusto Boal (1931 – 2009) e Chico de Assis (1933 – 2015) em 1956. Foi responsável pela montagem de *Eles não usam Black Tie* em 1958. Teve o teatro fechado durante a ditadura civil-militar e ficou anos longe dos palcos. Retornou à carreira de ator em 2010. Faleceu em São Paulo. (Enciclopédia Itaú Cultural: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa349684/jose-renato> Acesso: 20/01/2021 às 02:20 hrs.)

¹⁷⁹ FURTADO, Marlí Tereza. *Gianfrancesco Guarnieri: a dimensão da política de seu teatro à luz de Eles não usam black-tie, O filho do cão, Arena Conta Zumbi e Um grito parado no ar*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1982.

protagonista e tem um papel importante na conexão entre os diferentes núcleos da peça. Assim, pensando na repercussão de *Eles não usam Black Tie* e no espaço que a obra teve na dramaturgia daqueles anos, a participação de Lélia a auxiliaria a ganhar visibilidade e a conquistar a possibilidade de ser chamada para outros trabalhos.

Nossa personagem passou a trabalhar formalmente como atriz no Teatro de Arena (TDA), criado em 1953. Como dito anteriormente, o grupo buscava se voltar para a crítica social, rejeitando padrões estéticos e temáticas europeias, o que não deixou de gerar atritos com outros grupos teatrais.¹⁸⁰ De acordo com Miliandre Garcia,¹⁸¹ o TDA teve uma série de conflitos com o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) devido às diferenças temáticas de tais agremiações. O TDA foi inclusive acusado de não valorizar o ator nacional nos anos 1950.¹⁸² Como já apontado neste capítulo, os repertórios de Lélia foram construídos inicialmente com base em noções culturais que circulavam em sua família e no Colégio São José. Esses fatores, somados a experiências posteriores, construíram suas concepções de arte. Na percepção de Lélia (e igualmente de outras atrizes e atores) o teatro surge como algo superior à televisão e ao cinema, como ela relata em sua autobiografia:

Ocorreu então um fato que parece ser único com relação a outros países: a TV Globo, com ofertas generosas de salários, atraiu todos os melhores atores, cenógrafos e técnicos do teatro. (...) O interessante é que, a partir daí a própria produção teatral vai ser, por sua vez, influenciada pela TV, alterando a sua estética. O que tinha ocorrido na direção teatro-televisão, agora tinha mão inversa: da televisão para o teatro.

Minha opinião – e espero não estar enganada – a respeito da linguagem televisiva é que algumas prerrogativas essenciais da atuação cênica são relativizadas, quer pelo ritmo da transmissão eletrônica, cujo tempo-valor chega a atingir milhões de dólares por minuto, quer pela necessidade da contagem desse tempo tão valioso.¹⁸³

Essa perspectiva negativa sobre a televisão não era exclusiva de nossa personagem. Convidado para participar do programa Roda Viva em 1991, Gianfrancesco Guarnieri relatou:

– É bem verdade que a televisão costuma muito rotular os atores e dar para eles papéis semelhantes. É um perigo isso, não é? Parece que tem um

¹⁸⁰ KLAFFE, Mariana Figueiró. *Heróis e coringas no palco: o teatro da arena prega a resistência*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

¹⁸¹ GARCIA, Miliandre. “Contra a censura, pela cultura”: a construção da unidade teatral e a resistência cultural à ditadura militar no Brasil. *ArtCultura*, v. 14, n. 25, 2012.

¹⁸² KLAFFE, Mariana Figueiró. Op Cit, 2016.

¹⁸³ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 167 – 168.

carimbo (...). Entrar no teatro, quer dizer, o cheiro do Teatro Municipal para mim é uma coisa inesquecível, aquela maquinaria toda que fica em frente aos fundos do teatro e tem aquela ruazinha e em frente tem aquela maquinaria toda que faz aquele vapor (...). Era um maquinário incrível, com vapores incríveis. Eram máquinas enormes. Aliás, estão até hoje lá, todas restauradas, aquelas máquinas incríveis. E, no fundo, eu adorava aquilo. Eu entrava no bastidor do teatro, aqueles cantores (...) [o ator de televisão é]. Um ator improvisado que vem (...) pelo tipo físico etc. Aí a gente tira de letra, não é... [Risos] (...). Ajuda ele, olha para ele, tenta olhar um pouco, mas ele sai fora sempre, em geral, não gostam de olhar no olho (...) Ele olha para o infinito do desespero, e diz: o que eu estou fazendo aqui (...).¹⁸⁴

Guarnieri parte de uma lembrança afetiva com o Teatro Municipal de São Paulo. Ao mesmo tempo em que recorda do seu maquinário, ele traz à tona aquilo que sentia ao adentrar àquele espaço. Por outro lado, os atores de televisão aparecem como menos preparados, sendo necessário o auxílio de alguém que já tinha uma carreira consolidada. Partindo do método e das condições de trabalho, Juca de Oliveira¹⁸⁵ também teceu críticas ao modelo estabelecido pela televisão no Roda Viva naquele mesmo ano. Na ocasião, ele foi perguntado sobre as diferenças entre o trabalho nos estúdios televisivos e nos palcos:

– (...) é recorrente nas suas entrevistas, que é a diferença entre teatro e televisão. E uma vez, quando o Jardel Filho [ator carioca (1927-1983)] morreu, você comentou com o Jefferson Del Rios [crítico teatral (1943-)] que a televisão, ela não faz mal... é uma teoria que você teria [de] que a televisão não faz mal só do ponto de vista ideológico ou estético, mas faz mal fisicamente mesmo para o ator. Estaria ligado à energia que você gasta no palco, tudo aquilo. Eu queria que você falasse um pouquinho disso.

– (...) nós verificamos, no passado, numa ocasião, que os processos mecânicos e eletrônicos de fixação da imagem, eles se aceleram vertiginosamente à medida que a tecnologia avança, mas os processos de fixação da palavra, de memorização, eles são ainda os antigos, utilizados pelos gregos (...) nós não encontramos outra forma de memorizar. E como nós gravamos cada vez mais cenas e mais cenas, e, portanto, teríamos que, em casa, memorizar mais e mais palavras, a ponto de, às vezes, memorizarmos 150 páginas numa semana, [o que acontecia com] aqueles que falavam muito (...) apesar de nós não termos ainda uma perspectiva científica sobre esse efeito, o fato concreto é que as atrizes estavam todas baixando no hospital.¹⁸⁶

¹⁸⁴ GUARNIERI, Gianfrancesco. Entrevista ao programa Roda Viva. TV Cultura, 5 de agosto de 1991. Memória Roda Viva. Fundação Padre Anchieta, LABJOR, NEPP, Fapesp. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/149/gianfrancesco%20guarnieri/entrevistados/gianfrancesco_guarnieri_1991.htm Acesso: 20/01/2021 às 02:20 hrs.

¹⁸⁵ Juca de Oliveira (1935 -) nasceu em São Roque – SP. Trabalha como ator desde 1964 no cinema, na televisão e no teatro. Foi presidente do SATED-SP entre 1968 e 1977. Atualmente segue atuando na televisão. (S/A. Juca de Oliveira. Memória Globo. Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/juca-de-oliveira/> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.)

¹⁸⁶ OLIVEIRA, Juca de. Entrevista ao programa Roda Viva. TV Cultura, 30 de setembro de 1991. Memória Roda Viva. Fundação Padre Anchieta, LABJOR, NEPP, Fapesp. Disponível em:

Como veremos no próximo capítulo, Juca de Oliveira foi presidente do Sindicato dos Atores e Técnicos de Espetáculos e Diversões de São Paulo (Lélia também foi). Essa experiência pode tê-lo auxiliado na construção de uma perspectiva mais voltada para os problemas referentes às condições de trabalho de seus pares. Mas, se nos voltarmos para os três relatos, podemos perceber que a ideia de que o teatro seria um meio mais elevado ou adequado à profissão artística era compartilhada entre diferentes sujeitos. Foi no contato com pessoas como essas que Lélia construiu suas percepções. Além do mais, ela teve a oportunidade de trabalhar em diferentes espaços (teatro, cinema, televisão) e com diversos métodos/técnicas de encenação. A partir de tais experiências ela pôde comparar os postos que ocupou e assim hierarquizá-los.

Lélia começou a trabalhar na televisão em 1958 com o teleteatro,¹⁸⁷ mas sua atuação em novelas se iniciou em 1962 (*A Muralha*, direção de Raoul Roulien) e no cinema em 1963 (*Vereda da Salvação*, direção de Anselmo Duarte, como Durvalina).¹⁸⁸ Ela sentiu as mudanças provocadas pela chegada da televisão naquele momento, o que, somado às repressões sofridas anos depois, pode tê-la levado a gerar resistências com relação a este veículo. Tal rejeição talvez tenha surgido, dentre outras questões, devido a um fato marcante: Lélia trabalhou na Rede Globo e foi demitida em 1983 pelo seu envolvimento com o Sindicato dos Atores e Técnicos de Entretenimento e Diversão de São Paulo (SATED – SP), questão que veremos mais a fundo no próximo capítulo. Os conflitos pelos quais a atriz passou no campo artístico não acabaram por aí. Devido a padrões estéticos muito presentes no cinema, Lélia chegou a ser invisibilizada, o que ela conta da seguinte maneira em sua autobiografia: “O filme *Vereda da Salvação* tinha conquistado no Festival de Berlim o segundo lugar na categoria de filme estrangeiro

http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/613/juca%20oliveira/entrevistados/juca_de_oliveira_19_91.htm Acesso: 20/01/2021 às 02:20 hrs.

¹⁸⁷ O teleteatro é a adaptação de uma peça teatral para um estúdio de televisão. Pode ser dividido em capítulos ou não. Foi expressivo nas décadas de 1950 e 1960, durante o processo de consolidação da televisão no Brasil. Dentre os estudos disponíveis cito: PEREIRA, Sidênia Freire. *O teleteatro da TV Tupi de São Paulo: origens e contribuições na teledramaturgia nacional*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Departamento de Comunicações e Artes, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004; BRANDÃO, Cristina. Herdeiros do teleteatro—novos rumos na teledramaturgia. *VII Encontro Nacional de História da Mídia*. Fortaleza, 2009; COSTA, Clarice da Silva. *Teatro e teleteatro: aproximações híbridas, permanências, discrepâncias e inovações no teleteatro*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

¹⁸⁸ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 265 – 269.

(...). Eu, que era co-protagonista, não fui convidada, por „não ser moça e nem bonita“.”¹⁸⁹

Como vimos anteriormente, a indústria cinematográfica brasileira já valorizava um padrão estético feminino jovem nos anos 1950.¹⁹⁰ Se olharmos para o período posterior, esse arquétipo não deixou de ser utilizado na escolha de profissionais que tivessem com medidas precisas e modelos idealizados.¹⁹¹ Tais expectativas não deixaram de interferir nos projetos profissionais de Lélia. Apesar de ter, em princípio, mais oportunidades que uma mulher negra ou operária,¹⁹² por exemplo, seus cinquenta e quatro anos de idade a barravam de ter as mesmas possibilidades que uma atriz branca e jovem. De toda forma, as discriminações sofridas, bem como os possíveis compartilhamentos de experiências com pessoas em condições semelhantes, serviram posteriormente para a militante legitimar projetos políticos acerca da inserção profissional de atores idosos, o que analisaremos a fundo no terceiro capítulo. Entre trabalhos longos e curtos, Lélia permaneceu no teatro até 1996 (leitura dramática de *Os fuzis da senhora Carrar*, de Bertold Brecht), no cinema até 1994 (*2.001*, direção de Suzanna Moraes, participação especial) e na televisão até 1991 (*A história de Ana Raio e Zé Trovão*, direção de Jaime Monjardim, como Mamma Lucia, TV Manchete),¹⁹³ mas sua trajetória não se restringe ao trabalho com as artes cênicas. Como veremos nos próximos capítulos, nossa personagem atuou politicamente em grupos trotskistas, sindicatos e em um partido de esquerda (PT), o que não estava dissociado de sua profissão.

¹⁸⁹ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 213.

¹⁹⁰ MACIEL, Ana Carolina de Moura Delfim. Op Cit, 2008. p. 158 – 159.

¹⁹¹ Sobre essa questão cito: GARRINI, Selma Peleias Felerico. *Do corpo desmedido ao corpo ultramedido: a revisão do corpo na Revista Veja de 1968 a 2010*. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação) – Departamento de Comunicação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010; MIRA, Maria Celeste. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. *Cadernos pagu*, n. 21, p. 13-38, 2003.

¹⁹² Devemos lembrar que o fato de ser negra ou operária gerava barreiras, mas não excluía necessariamente esses sujeitos dos palcos. Um exemplo é Fernanda Montenegro (1929 -), a qual é filha de um marceneiro e de uma dona de casa. Ela trabalhava na Rádio MEC quando se tornou atriz de teatro no ano de 1950. Outro caso foi o de Ruth de Sousa (1921 – 2019), a qual era negra e se tornou atriz na década de 1950, apesar de sofrer discriminações, como mostra Ana Carolina Maciel (MACIEL, Ana Carolina de Moura Delfim. Op Cit, 2008. p. 174 – 176.).

¹⁹³ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 268 – 270.

Migrar, trabalhar e estudar. Sempre! Luíza Erundina de Sousa¹⁹⁴

Sou migrante. Esta é a trajetória de minha vida. Minhas raízes estão arraigadas na terra seca do Nordeste brasileiro, no Estado da Paraíba, na cidadezinha de Uiraúna, onde nasci. Desde pequena, com toda a família, vivenciei a experiência dos retirantes que fogem do flagelo da seca, ainda endêmico na região. A primeira vez foi em 1942, quando minha família emigrou de Uiraúna para Crato, no Ceará. Tinha oito anos. Os homens, meu pai à frente, andavam a pé, assim como minha mãe. Nós, as crianças, na sela dos burros em meio às malas. De noite tinha medo do escuro e também do passo muito lento de nossa caravana. De dia, padecia de calor e de sede, mas não chorava: aos oito anos de idade já sabia que não adiantava chorar. Na zona do sertão, a estação das chuvas deveria começar com o solstício de dezembro e terminar em junho, mas é raro que chova nesses meses; então se espera até o equinócio de março, a festa de São José. Se até lá não tiver chovido, prepara-se a fuga para não morrer de fome e de sede. Minhas raízes entre os “excluídos” tiveram um peso decisivo sobre meu comportamento e sobre a visão do mundo que formei. Minha família sobrevivia trabalhando no campo. Meu pai plantava milho, feijão e algodão em um pedaço de terra que produzia apenas o indispensável para viver. Quando a estação não permitia trabalhar ao ar livre, meu pai se virava como artesão, produzindo celas e rédeas. Era muito conhecido e respeitado por sua habilidade profissional e por sua honestidade: chamava-se “seu Tônico”. Até hoje, o dia 19 de março é o limite máximo de espera para um nordestino; até essa data deve decidir se fica ou se vai: é a hora de entrever os sinais que indicam a vinda de chuva ou de seca. Lembro-me de que aos cinco ou seis anos já era capaz de observar esses sinais da natureza: o horizonte, os pássaros, o calor do sol, a intensidade do vento; tomava parte da ansiedade da pequena comunidade; havia as procissões, levavam-se estátuas de santos de casa em casa, faziam-se novenas: se não aparecessem os sinais propícios, iniciavam-se os preparativos para o êxodo. Quando migramos em 1942, já percebia o sofrimento dos meus pais. Minha mãe me contou, mais tarde, que me via engolir as lágrimas silenciosamente; desde menina participava como adulta do sofrimento de minha família. Crescendo nesse ambiente de miséria geral, compreendi desde muito cedo que havia algo que não funcionava no sistema, mas não conseguia explicar o porquê. Perguntava-me porque quase todas as famílias de Uiraúna migravam, perguntava também por que se suspeitava dos negros, isolando-os; viviam todos na mesma rua, que se chamava “rua dos negreiros” (...). Desse modo, a consciência da injustiça nasceu muito depressa em mim, e cresci acalentando o desejo de que a sociedade não fosse como era.¹⁹⁵

Luíza nasceu em 30 de novembro de 1934, no distrito de Belém, município de Antenor Navarro, estado da Paraíba.¹⁹⁶ Ao recordar de tais fatos, ela parte de uma *ilusão*

¹⁹⁴ Parte das análises desta seção foram publicadas como um artigo acadêmico em 2019: BARRERO JUNIOR, Roger Camacho. De onde eu venho, qual o meu passado e o que eu quero para o meu futuro? Memórias e identidades de Luíza Erundina de Sousa (1934 -). *Temporalidades*. Belo Horizonte, v 11, nº 3, set/dez 2019.

¹⁹⁵ SOUSA, Luíza Erundina de. In: BIMBI, Linda. Op Cit, 1996. p. 21.

¹⁹⁶ O distrito de Belém passou a se chamar Canaã no ano de 1938. Em 1943 teve o seu nome modificado para Uiraúna, que se emancipou em 1953. Sua cidade mãe, Antenor Navarro, se chamava São João do Rio do Peixe até 1932 e permaneceu com esse nome até 1988, quando voltou a ter sua denominação original. Foi fundado como distrito de Sousa em 1863, desmembrando-se em 1881. Ambas as cidades se

*biográfica*¹⁹⁷ para interpretar sua infância e entende que desde menina percebia as desigualdades sociais. Essa percepção, contudo, não pode ser entendida como um ato arbitrário, mas como uma maneira para compreender toda sua trajetória, os projetos realizados (ou não) e os caminhos percorridos. Começando o relato acima no ano de 1942, Erundina afirma que a sua trajetória é costurada pela migração, percepção essa advinda da sua experiência com os deslocamentos forçados, mas também do contato com as memórias familiares e de pessoas que igualmente tiveram de deixar as suas casas, compartilhando com elas de repertórios e vivências comuns. Pensando no período lembrado por Luíza, devemos lembrar que a busca por recursos hídricos fazia com que trabalhadores rurais migrassem sazonalmente para *metrópoles* próximas, como o Crato – CE.¹⁹⁸ Ao estudar outro momento de tal processo migratório (do Nordeste para o Sudeste), Paulo Fontes lembra que a expansão latifundiária também expulsou muitas famílias de suas terras.¹⁹⁹ Nossa personagem migrou devido ao primeiro fator, mas certamente não deixou de ter contato com quem se mudou por causa do segundo. Todavia, outras referências complementavam as memórias de Erundina, servindo para reforçar a identificação com sua *terra natal* e compreender a amplitude dos fatos que vivera desde a infância.

A seca também foi um evento central nas memórias/imaginários de outros sujeitos. De acordo com Durval Muniz Albuquerque Junior,²⁰⁰ essa característica foi atribuída aos estados do Nordeste desde a década de 1910, contribuindo para a formação de uma unidade imagética sobre a região, aparecendo como fator de distinção e silenciando especificidades e conflitos internos.²⁰¹ Além do mais, os chamados

localizam no noroeste do Estado da Paraíba, próximas das divisas com o Rio Grande do Norte e o Ceará (IBGE. Brasil em Síntese. Página virtual. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/uirauna/historico> e <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sao-joao-do-rio-do-peixe/historico> Acesso: 21/01/2021 às 00:23 hrs.).

¹⁹⁷ BOURDIEU, Pierre. Op Cit, 2006.

¹⁹⁸ VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano. O Açoite da Seca: Família e Migração no Ceará (1780-1850). *Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. Ouro Preto, 4 a 8 de novembro de 2002.

¹⁹⁹ FONTES, Paulo. *Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.

²⁰⁰ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

²⁰¹ Albuquerque Júnior atenta para o fato de que a própria divisão regional deve ser vista como uma construção histórica, sendo que o que hoje é chamado de Nordeste passou por alterações territoriais no decorrer do tempo (ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Op Cit, 2011). Sobre essa questão, Cláudia Pereira Vasconcelos mostra que a Bahia foi incorporada posteriormente à região. Para se aprofundar nesse assunto, citamos: VASCONCELOS, Cláudia Pereira. *Ser-tão baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana*. Salvador: EDUFBA, 2012.

*Romances de 30*²⁰² contribuíram para a circulação e absorção de tal representação dentro e fora do Nordeste, vindo a influir em outras produções, como a literatura de cordel e a música. Lembrando que os cordeis eram acessíveis às camadas populares e declamados em voz alta nas feiras do interior,²⁰³ Luíza provavelmente teve contato com esses textos no período em que viveu na vila de Canaã, construindo com eles parte dos seus repertórios.

De acordo com Robson William Potier,²⁰⁴ a literatura de cordel começou a ser produzida na segunda metade do século XIX. As imagens do trabalhador sertanejo, contudo, surgiram em um período anterior e advinham tanto da experiência desses poetas no interior nordestino, quanto de uma cultura oral circulante na região. Potier também mostra que esses traços fomentavam a identificação dos consumidores desses textos com seus escritores, fortalecendo a sua circulação. Nas quatro primeiras décadas do século XX houve uma expansão do cordel com a instalação de gráficas em Recife, Campina Grande e Juazeiro do Norte, o que possibilitou que ele circulasse com mais facilidade pelas feiras de cidades do interior. Dentre os autores desses poemas, Potier mostra que João Martins de Athayde²⁰⁵ foi aquele que mais publicou e que sua produção reforçava temáticas como a relação do sertanejo com a seca e a sua religiosidade, como podemos notar a seguir:

Se quereis me ajudar
Que chova em janeiro,
Que em fevereiro
Eu possa plantar
E possa voltar
Não morra em caminho
Vou indo sozinho
E rezo num dia
Dez Ave-Maria

²⁰² Partindo dos estudos de Albuquerque Júnior, tratamos aqui dos escritores que tinham uma perspectiva tradicionalista sobre o Nordeste. Nos anos 1930, a chamada segunda geração do Modernismo se voltou para questões regionalistas brasileiras, sendo os Estados do Nordeste o enfoque prioritário. Dentre aqueles com essa preocupação social, o historiador cita Rachel de Queiroz (1910 – 2003), José Américo de Almeida (1887 – 1980) e José Lins do Rego (1901 – 1957) (ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Op Cit, 2011.).

²⁰³ POTIER, Robson William. *O sertão virou verso, o verso virou sertão: sertão e sertanejos representados e ressignificados pela Literatura de Cordel (1900 – 1940)*. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2012.

²⁰⁴ Idem.

²⁰⁵ João Martins de Athayde (1880 – 1959) nasceu em Ingá – PB e trabalhou como editor e autor de cordéis nos estados do Nordeste. Teve amizade com outros poetas como Francisco das Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros. Comprou os direitos deste após sua morte e se tornou o escritor de maior circulação no interior nordestino nos anos 1940 (POTIER, Robson William. Op Cit, 2012.).

Para meu padrinho (...) ²⁰⁶

O campo musical não era diferente. Luiz Gonzaga ²⁰⁷ partia de um ponto de vista semelhante ao de Athayde e ganhou visibilidade na segunda metade da década de 1940. De acordo com Alisson Gomes Callado, ²⁰⁸ a produção do cantor e compositor circulava tanto no interior e nas capitais nordestinas quanto em outras regiões brasileiras. Sua música *Asa Branca* (1947) também se utilizava da ideia de que a natureza daria sinais de chuva e seria instrumentalizada pelo sertanejo para organizar seu cotidiano e trabalho. Nela é cantado:

Quando *oiei* a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Que braseiro, que *fornaia*
Nem um pé de *prantação*
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Entonce eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração ²⁰⁹

De acordo com Callado, ²¹⁰ os hábitos da ave asa branca são utilizados na cultura popular do interior nordestino para prever o tempo, dando sinais do momento de partir ou retornar a suas casas. O autor utiliza-se dessa análise para refletir sobre como a natureza se torna algo indissociável do camponês do sertão. Como nas memórias de Luíza, a prática de atentar para os sinais do clima é parte constituinte de suas lembranças. Tanto na música de Gonzaga, quanto nos textos de Athayde, a ideia de que

²⁰⁶ ATHAYDE. O Retirante. s/d. In: ATHAYDE, João Martins de. *Cordel*. Seleção de Mário Souto Maior. São Paulo: Hedra, 2000. p. 202.

²⁰⁷ Luiz Gonzaga do Nascimento (1912 – 1989) nasceu em Exu – PE e era filho de um casal de camponeses. Atuou no exército até o início da década de 1930, quando passou a cantar em bares. Mudou-se para o Rio de Janeiro e participou de programas de calouros. Passou a gravar músicas em 1945 e em 1947 lançou junto de Humberto Teixeira (1915 – 1979) a música *Asa Branca*. Gonzaga foi pai do também cantor Luiz Gonzaga Junior (Gonzaguinha) (1945 – 1991). Ele ganhou visibilidade e gravou outras músicas, em sua maioria voltadas para a imagem do sertanejo e da seca. O cantor ainda se construiu como representante da população do interior ao se vestir com trajes de vaqueiro e usar um chapéu de cangaceiro. Faleceu em Recife aos 76 anos de idade. (CALLADO, Alisson Gomes. *O hino do sertão: a identidade nordestina em “Asa Branca”*. 2013. 18f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2013.)

²⁰⁸ CALLADO, Alisson Gomes. Op Cit, 2013.

²⁰⁹ GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. *Asa Branca*. Vou pra Roça (Disco de Vinil). Duração: 2:51 mins. 1947. A letra da música pode ser encontrada em sua íntegra em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/> Acesso: 21/01/2021 às 00:23 hrs.

²¹⁰ CALLADO, Alisson Gomes. Op Cit, 2013.

o trabalhador sertanejo seria resistente, corajoso e forte serviria como uma maneira de exaltar sua imagem e transmitir valores ao público ouvinte (muitos dos quais identificados com o que era cantado/lido). Partilhando de memórias semelhantes, outro ex-morador da região relata em um texto que:

Quando a chuva não chegava até o dia 19 de março, dedicado à São José, rezava-se muito. Se o santo atendesse, a safra começaria em outubro, indo até janeiro. Caso contrário, era a seca, o flagelo de todo sertanejo. Desde criança, o sertanejo aprende a venerar a água que cai do céu. Seus pais ensinam que deve olhar para o horizonte, na direção da nascente, e identificar as nuvens grávidas da água salvadora. O velho Chico Ferreira, genro do coronel Alexandre Pinto, do rio do Peixe, mostrava-se capaz, mesmo míope, muito míope, de saber em que ponto a chuva esperada estava caindo, antes de chegar à calçada muito alta de sua casa, a menos de 100 metros da casa- grande do sogro, na Fazenda Rio do Peixe.²¹¹

José Nêumanne Pinto²¹² se volta para a seca para descrever a vila de Belém e provavelmente construiu seus repertórios a partir das mesmas referências de Luíza. O jornalista pode ter se apoiado em parte nas memórias de sua biografada, mas possuía uma vivência comum com ela, pois também é natural de Uiraúna e vinha de uma família camponesa. Assim como na fala de Erundina, a migração e a *habilidade sertaneja* em identificar nuvens de chuva surgem como elementos de sua fala. A festa de São José (19 de março) é outro fator que serve de base para as lembranças de ambos, o que não é ocasional. A religiosidade e a relação do trabalhador do campo com a natureza são traços constantes na construção do Nordeste.²¹³ Segundo Robson Willian Potier,²¹⁴ esses atributos estavam presentes nos cordéis de João Athayde, os quais, dentre outros, reforçavam uma imagem que associava o misticismo ao sertanejo, o que pudemos notar inclusive no poema de sua autoria acima citado. Memórias como estas surgem em outros relatos:

Todos os anos ouve-se de um ou outro nordestino/sertanejo comentários de como será o próximo inverno. Conversas essas que, geralmente, envolvem-se nas chamadas previsões, que são captadas em datas e variadas manifestações da natureza, fruto de observações atribuídas aos antepassados. A transmissão

²¹¹ PINTO, José Nêumanne. Erundina: a mulher que veio com a chuva. Espaço e tempo, Rio de Janeiro, 1989.

²¹² José Nêumanne Pinto (1951 -) nasceu em Uiraúna e passou a trabalhar como jornalista em Campina Grande-PB no ano de 1968. Migrou posteriormente para São Paulo e trabalhou na *Folha de São Paulo* e no *Estado de São Paulo*. Atuou também em telejornais e escreveu livros de poesia e literatura em prosa. O jornalista possui uma página pessoal digital, cito: Estação Nêumanne. Disponível em: <http://neumanne.com/novosite/neumanne-pinto-historia-de-vida/#.XyG4-PlKjIU> Acesso: 21/01/2021 às 00:23 hrs.

²¹³ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Op Cit, 2011.

²¹⁴ POTIER, Robson William. Op Cit, 2012.

desse conhecimento (...) ocorre de boca em boca. Antes existiam os almanaques (...). Alguns eram folhetins, outros em formato de cordeis, como os do profeta (...) Pedro Miranda, que era radicado em Cajazeiras – PB que os vendia na feira livre de Uiraúna, em algumas datas do ano. Ali, constavam aconselhamentos para os dias em que se devia preparar a terra, fazer o plantio (...).²¹⁵

O autor do texto é um professor de geografia que nasceu e reside em Uiraúna. Partindo daquilo que ouviu em sua cidade e das experiências de pessoas com quem teve contato, ele mostra aos leitores da revista *Leia FELC* como a previsão do tempo era realizada pela população rural do interior paraibano. Ao mesmo tempo, parte de suas próprias experiências para entender como esses métodos estavam presentes no seu dia-a-dia. A imagem do cordel e das feiras são utilizadas para refletir sobre o seu cotidiano e o de seus conterrâneos. Nesse processo narrativo, o *profeta* surge como conselheiro desses trabalhadores, remetendo à ideia de que havia um viés místico/religioso na relação desses sujeitos com a seca. Mas vamos refletir sobre as referências experienciais de nossa biografada.

Migrando para a cidade do Crato – CE, Luíza participou de um processo de deslocamento que se dava *dentro* da região Nordeste.²¹⁶ Assim como sua família, muitos partiam para as capitais de seus estados ou para municípios do interior na primeira metade do século XX. De acordo com Antonio Vieira Junior, a referida cidade atraía diferentes grupos populacionais desde o século XVIII devido à presença de recursos hídricos no seu entorno.²¹⁷ Já Ronald Albuquerque Filho diz que os memorialistas locais reforçavam a ideia de que o Crato seria um local de chegada tanto pela sua reserva expressiva de água quanto pelo seu desenvolvimento econômico e a consequente oferta de trabalho e moradia.²¹⁸ Tais relatos provavelmente circulavam entre os moradores de Canaã/Uiraúna e contribuía para a formação de imaginários sobre aquela *metrópole*, o que, somado à proximidade relativa entre essas duas municipalidades, influía na escolha pelo local, como foi o caso da família Sousa. A migração e a seca ainda surgem em outro relato de Luíza:

²¹⁵ BRASIL, Julio Dorginaldo Moreira. As antigas previsões. *Leia FELC*. Ano XII, Edição nº 12, janeiro de 2018. p. 16.

²¹⁶ FONTES, Paulo. Op Cit, 2008.

²¹⁷ VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano. Op Cit, 2002.

²¹⁸ ALBUQUERQUE FILHO, Ronald. *Cidade, Seca e Campo de Concentração: O início da modernização em Crato, Ceará (1900 – 1933)*. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2015.

– Nasci numa cidadezinha do serão da Paraíba, chama-se Uiraúna, no dia 30 de novembro de 1934. Sou filha de uma família numerosa, eram dez irmãos. Dois morreram ainda criança, e nós oito, de uma certa forma, fomos nos espalhando pelo país afora porque, a cada seca que tinha no Nordeste, minha família migrava e meus irmãos mais velhos iam ficando nos lugares para onde a família tinha ido. (...)

– Meu pai era agricultor, mas durante o período de inverno, de plantio e de colheita, é que ele trabalhava na roça. Nos meses que não tinha atividade na roça, ele se dedicava à atividade artesanal; trabalhava com couro (...). Tinha fama de que as selas que fazia não machucavam os animais. E ele fazia o processo inteiro: ia pegar madeira para fazer o suporte da sela, curti o couro para poder fazer a montagem da sela etc. E nós, crianças, inclusive, participávamos desse processo artesanal, bordando a sela...²¹⁹

Tanto neste, quanto no primeiro relato desta seção, a migração é o ponto de partida de Luíza. Talvez em função de memórias herdadas de seus familiares ou vizinhos, esse dado se solidificou nas suas lembranças. De acordo com Michael Pollak, tais traços fixos nos ajudam a refletir sobre as percepções e sentimentos de quem narra. Para além da concretude dos fatos, ele explica que estes podem sinalizar aquilo que se tornou importante para seus narradores.²²⁰ Nesse sentido, Erundina traz para si não apenas a imagem do trabalhador sertanejo, mas também os deslocamentos forçados e as opressões decorrentes desse processo. A ideia é de reforçar sua autoimagem de migrante. Ela ainda recorda como esses êxodos *dissolveram* sua família, dispersando seus irmãos pelo interior do Ceará e da Paraíba. Ainda no que tange às memórias familiares, nossa personagem fala sobre a adoção de uma irmã, que era negra, fato que surge para interpretar o racismo presente no cotidiano de Canaã. De uma forma ou de outra, ao denunciar o preconceito, Erundina tem a intenção de se entender, se apresentar e construir um sentido para si e suas memórias. Em um texto escrito posteriormente para uma revista de Uiraúna, Luíza diz que:

(...) na pequena vila de Belém, havia poucas ruas. Uma delas era a Rua dos Negreiros. Por que esse nome? Eu sempre me perguntava. Até que descobri que era porque lá moravam os negros e as negras da Vila. Todos naquele gueto, embora trabalhassem nas casas e nas ruas dos brancos. Mesmo os brancos pobres, como nós, não morávamos onde moravam os negros e as negras e vice-versa.

Tomei tento disso quando Tatica, minha irmã de criação, que era negra e se casara com um negro, teve de ir morar com ele na rua dos Negreiros, não que meus pais a obrigassem a ir para lá, pois a tinham como filha, mas porque, naquele tempo, era costume e tido como natural (...)

²¹⁹ SOUSA, Luiza Erundina de. *Luiza Erundina (depoimento, 2001)*. Rio de Janeiro, CPDOC/Ministério da Previdência e Assistência Social – Secretaria de Estado de Assistência Social, 2002.

²²⁰ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

Para mim, que era criança e amava muito Tatica, o primeiro grande choque da minha vida foi ver minha irmã mais velha sair de casa e ir morar na rua dos Negreiros com seu marido, Manoel Arruda, que também era negro. (...)

Certamente, isso tudo contribuiu para que eu tomasse consciência das injustiças e desigualdades que marcam a nossa sociedade, (...) contra as quais luto a vida toda.²²¹

É interessante notar como a composição familiar de Luíza fugia do padrão consanguíneo, o que não era exclusivo dos Sousa, pois estava presente em diferentes agrupamentos no sertão nordestino desde o século XIX.²²² Refletindo sobre esse mesmo fenômeno, Ana Andréa Barbosa Maux e Elza Dutra²²³ escrevem que no período colonial português a prática de acolher uma criança órfã pautava-se pelo ideal da caridade, mas também poderia servir para a obtenção de mão de obra gratuita no ambiente doméstico. Esses *filhos de criação* teriam um status diferenciado dos demais herdeiros e tal imaginário vinha em grande parte da legislação real portuguesa.²²⁴ Ainda, segundo Maux e Dutra, até a década de 1980 a maioria dos processos de adoção eram realizados à margem dos ritos legais. O Código Civil de 1916, inclusive, não garantia o direito à herança e muito menos rompia o vínculo da criança/jovem com a família biológica, permitindo a adoção somente aos casais que não tinham filhos e reforçando a diferenciação da prole.²²⁵ Com tais entraves legais, Antônio e Enedina certamente realizaram um acordo *boca a boca* para adotar Tatica, mas não estavam isentos de uma ideia de adoção pautada pela caridade. Contudo, não queremos dizer aqui que Luíza discrimina sua irmã pelo fato de ser adotada, mas que a forma como ela lembra de Tatica não deixa de ser influenciada por referências como essas.

Voltando ao trecho acima, Luíza recorda que, apesar de viver em uma família pobre, teve um campo de inserção maior que as moradoras (es) negras (os) de Canaã. De fato, por ser branca, ela tinha mais possibilidades para circular na vila de Belém e acessar certos espaços, diferente de sua irmã mais velha. No relato em questão, a atitude de sua mãe em adotar uma criança negra é ressaltada provavelmente para mostrar que a sua família era *livre de preconceitos*. Os genitores de Erundina ganham destaque nos

²²¹ SOUSA, Luíza Erundina de. *Rua os Negreiros* (2011). In: *Um hino de amor a Uiraúna*. Teresina; Halley, 2019. p. 29 – 34.

²²² FALCI, Miridan Knox. *Mulheres do sertão nordestino*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2004. p. 254 – 255.

²²³ MAUX, Ana Andréa Barbosa; DUTRA, Elza. A adoção no Brasil: algumas reflexões. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 10, n. 2, p. 356-372, 2010. p. 359.

²²⁴ FRANCO, José Eduardo; PINHO, Joana Balsa de. Adoção e solidariedade. Uma aproximação histórica. *Brotéria*, v. 180, p. 45-60, 2015. p. 57 – 60.

²²⁵ MAUX, Ana Andréa Barbosa; DUTRA, Elza. *Op Cit*, 2010. p. 359 – 360.

seus relatos e ela se reconhece como sua herdeira (política e social). Identificando-os (e a si mesma) como trabalhadores, ela compreende que a composição e a condição de classe de sua família a fez ter um ponto de vista crítico sobre os problemas presentes na sociedade brasileira. De acordo com Albuquerque Júnior,²²⁶ a imagem da seca e da migração foram apropriadas por militantes e movimentos sociais para a construção de uma *aura* revolucionária sobre a população rural nordestina. Segundo o autor, tal perspectiva defenderia que os problemas climáticos, a carência de regiões do interior e a repressão imposta pelos coronéis legitimariam atos de rebeldia.

A partir de diferentes referências, Erundina se utiliza da memória coletiva de seus familiares para pensar sobre si e sua origem. Nesse processo, ela acaba destacando a trajetória de sua mãe e de outras mulheres, compondo uma narrativa matrilinear sobre a sua história. Mesmo assim, ela não nega o trabalho e a contribuição de seu pai, Antônio Evangelista de Sousa, e o entende como alguém igualmente importante para a sua trajetória. Essa perspectiva é utilizada também para interpretar suas decisões posteriores, bem como a sua carreira profissional e política. Sobre sua mãe, nossa personagem relata em uma entrevista que:

– (...) ela era uma mulher muito forte, inclusive para segurar a barra, como se diz, de uma família numerosa, com tantas dificuldades. Era uma mulher muito forte e ajudava meu pai na manutenção da família, trabalhando: fazia bolos, torrava café e vendia na feira da cidadezinha nos domingos. E fazia todo o trabalho doméstico (...). Era o esteio da família, porque meu pai, como artesão, como artista, era uma pessoa muito sensível e, a meu ver, com dificuldade de enfrentar a dureza da vida. Minha mãe é quem dava o suporte, a firmeza, segurava a barra de uma família numerosa. Os irmãos mais velhos eram homens e as filhas mulheres eram as mais novas. Então, era uma situação muito difícil. Num período de seca, tinha falta do essencial, da alimentação, das condições básicas de sobrevivência.²²⁷

A narrativa em questão coloca Enedina de Sousa Carvalho como o centro da família. Assim como no relato dado à Linda Bimbi, a imagem de uma mãe forte surge como elemento para a percepção de que suas irmãs e irmãos se apoiariam nesse *alicerce*. Vânia Vasconcelos mostra que muitas mulheres trabalhavam na roça, costuravam e vendiam comida nas feiras e festas locais, trabalho este que, apesar de não reconhecido, as auxiliava a conseguir certa autonomia, pois as tornava sujeitas centrais na organização e na renda de suas famílias. Além do mais, ela mostra que tal referencial de feminilidade pode ter sido a base para a construção de algumas mulheres como

²²⁶ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Op Cit, 2011.

²²⁷ SOUSA, Luiza Erundina de. Op Cit, 2002.

peessoas fortes.²²⁸ De acordo com Flávia Biroli, se, por um lado, esse ideal contestava as representações de gênero valorizadas socialmente e o papel de passividade delegado às mulheres, ele reforçava a representação da mãe dedicada, a qual foi utilizada muitas vezes para gerar pressões sobre tais sujeitos.²²⁹ Contudo, a ideia de Luíza não foi a de reforçar que as mães deveriam se dedicar exclusivamente ao cuidado com a prole, mas de se compreender como herdeira de certos traços transmitidos por Enedina. Essa memória matrilinear, e ainda mais recuada no tempo, aparece igualmente em um texto escrito por Luíza para uma revista de Uiraúna:

Sua história de vida é quase uma lenda.

Muito jovem ainda, numa madrugada fria, fugiu de casa. (...) A história, no entanto, não teve um final feliz, como sempre ocorre nos romances de amor. Casaram-se, tiveram filhos, mas o Chico Maroto, mesmo depois de casado, continuava aprontando, o que, obviamente, fazia minha avó sofrer muito. (...) Bavéi era o porto seguro da família. Quando tínhamos que migrar para fugir da seca, ela ficava com parte dos netos, até que a chuva chegasse e a família pudesse voltar (...). Minha avó teve muitos filhos (...). Só duas filhas sobreviveram (...), minha mãe Enedina e minha tia Lindarosa. Por isso, quando eu estava para nascer, ela, temendo que eu nascesse sem visão fez uma promessa a Santa Luzia, protetora das pessoas com deficiência visual, que meu nome seria Luzia. No entanto, por engano, o escrivão do cartório escreveu na Certidão de Nascimento o nome Luíza. (...)

Esta é a história de Dona Nozinha, mulher de Chico Maroto. Pessoa comum, como uma simples mulher do povo. Ao mesmo tempo, era uma personagem (in) comum pela dignidade, coragem e extraordinário espírito de luta.²³⁰

Luíza atribui a sua avó características como rebeldia, coragem e honra, traços que eram muitas vezes delegados ao sertanejo do sexo masculino, construído como herói pela lógica tradicionalista e por militantes de esquerda.²³¹ Para tanto, ela provavelmente se utiliza de lembranças e experiências concretas transmitidas por sua mãe, avó e tias para compor a sua memória e dá visibilidade a Dona Nozinha com o intuito de se compreender como herdeira também de seus atributos, além de atribuir-lhe um espaço na história local de sua cidade. A avó de Erundina viveu no final do século

²²⁸ Vânia Vasconcelos escreve a biografia de Dona Farailda Santos, uma casamenteira de Serrolândia – BA que vive atualmente em São Paulo. Ao tratar de sua família, a historiadora analisa os relatos não só de sua biografada, mas também de suas irmãs e irmãos, as (os) quais veem sua mãe como o alicerce de sua família e como uma mulher forte e decidida (VASCONCELOS, Vânia. *É um romance da minha vida: Dona Farailda, uma “casamenteira” do sertão baiano*. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 47 – 48.).

²²⁹ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018. p. 111.

²³⁰ SOUSA, Luíza Erundina de. Fragmentos de uma história (in) comum. Leia FELC. Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XI, Edição nº 11, janeiro de 2017. p. 20 – 23.

²³¹ Albuquerque Júnior atenta para a presença de uma narrativa patriarcal acerca do Nordeste. Seja para pensar o período colonial ou o século XX, o autor mostra que a virilidade serviu como elemento central na compreensão das relações sociais na região (ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Op Cit, 2011.).

XIX e suas experiências não eram exclusividade sua. Segundo Miridan Knox Falci,²³² era comum nesse período que muitos casais realizassem um rapto consentido para poder consumir um relacionamento desaprovado pelos genitores. Esses atos eram estratégicos, pois forçavam a família a realizar o casamento para *limpar a honra* de suas filhas. Todavia, maus-tratos não deixavam de existir após o matrimônio, os quais iam desde a violência doméstica até o abandono e a omissão dos maridos com suas esposas e filhos.²³³

Apesar da memória rebelde de Dona Nozinha, a imagem da mãe dedicada não deixa de surgir no texto acima. Ele ainda traz como referência uma fotografia que registra um momento de reunião das filhas e netas de sua avó, sentada ao centro da imagem. Nela, Luíza está ao lado de Dona Nozinha, sua mãe, tia e primas (apenas um menino está presente), reforçando a proximidade da personagem com sua avó e demais parentes do sexo feminino. Essa percepção pode ter sido formada pelo contato mais próximo com as mulheres da família, lembrando que a maioria dos homens havia se dispersado durante as migrações. Além do mais, devemos levar em consideração as possíveis segregações presentes no cotidiano doméstico, em muito construídas a partir das relações binárias e hierárquicas de gênero. Assim como no caso de Lélia, a divisão de tarefas poderia aproximar essas pessoas, na medida em que trabalhariam em diversos momentos juntas, como no preparo de alimentos, no cuidado das crianças e na manutenção da casa. Entretanto, há uma diferença de classe fundamental. Como um núcleo de trabalhadoras rurais, essas mulheres tinham uma organização distinta daquelas que poderiam permanecer em casa e não contribuir com a renda familiar.²³⁴



²³² FALCI, Miridan Knox. Op Cit, 2004. p. 267 – 268.

²³³ Idem. p. 269.

²³⁴ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018. p. 38.

Foto utilizada como referência para o texto de Luíza para a edição 11 da Revista *Leia Felc* (2017).
(SOUSA, Luíza Erundina de. Fragmentos de uma história (in) comum. *Leia FELC*. Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XI, Edição nº 11, janeiro de 2017. p. 20)

Esse relato matrilinear também pode ter sido gestado pelos repertórios construídos por Luíza durante a sua militância. Muitos movimentos de mulheres ressaltavam a autonomia e a ação de sujeitos do sexo feminino, sendo que uma parcela deles dialogava com grupos de esquerda.²³⁵ Nesse sentido, várias das pautas colocadas por tais sujeitas possivelmente não passaram alheias a Erundina, auxiliando na construção de seus referenciais acerca das relações de gênero e de si mesma, na medida em que se reconhece como uma mulher autônoma, forte e rebelde. De toda maneira, ela utiliza esse material para se compreender como uma representante dos movimentos de mulheres e ao mesmo tempo compreender os caminhos trilhados no decorrer de sua vida. Ao contar suas experiências à Linda Bimbi, Erundina lembra também da contribuição de outras *figuras* para a realização de seus projetos:

Quando terminei o último ano do primário, meu pai não tinha condições econômicas de me mandar para outro lugar a fim de continuar os estudos; tive que esperar um ano continuando a frequentar a escola. A solução veio de tia Tina Rosa, a irmã mais nova de mamãe. Era viúva e tinha uma filha mais velha (...). Essas duas mulheres moravam em uma outra cidade do nosso Estado, Antenor Navarro, sede do município ao qual o nosso distrito pertencia. Foram muito generosas comigo, compreenderam a sede que tinha de estudar e me acolheram compartilhando comigo o que tinham (...). Lembro-me que na casa de tia Tina Rosa a “mistura” à mesa não era suficiente para todos, percebia que eu era um peso, mas aquela generosidade me estimulava. Assim comecei a migrar para estudar. Após algum tempo, minha prima Irene arrumou trabalho em Patos e nos transferimos de novo com ela. Depois de Patos, (...) passamos para Campina Grande, e lá terminei o ginásio. Já podia começar a trabalhar e a frequentar o colégio.²³⁶

As memórias escolares de Luíza também ressaltam figuras femininas. Além do mais, ela compreende que a possibilidade de ter estudado lhe auxiliou a realizar outros projetos, trazendo à tona mais uma vez as suas experiências com a migração. Mesmo assim, as dificuldades para dar prosseguimento aos estudos não foram silenciadas, pois compreende que somente conseguiu permanecer no ensino básico devido ao trabalho de

²³⁵ Os movimentos de mulheres dos anos 1960 e 1970 no Brasil estreitavam laços com grupos feministas de classe média. De acordo com Céli Pinto (2003), apesar de tensões e disputas por espaço, surgiam debates comuns sobre questões como a autonomia feminina, mas também sobre a carestia. Ao mesmo tempo, havia o questionamento a padrões sociais como o casamento e a maternidade. Sobre essas militantes, podemos citar: PINTO, Céli Regina J. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 60 – 61; como texto sobre os debates em torno de padrões sociais, ainda pontuamos: SCAVONE, Lucila. Op Cit, 2001.

²³⁶ SOUSA, Luiza Erundina de. Op Cit, 2002.

seus familiares. Desse modo, seus genitores e parentes, especialmente mulheres, surgem como mediadores nesse rito de passagem, modificando as motivações de ascender socialmente. A imagem da migrante nordestina agora ganha novos contornos, porém não deixa de se utilizar de *velhos* elementos para a construção de um sentido: rebeldia, deslocamento espacial e problemas socioeconômicos seguem presentes, articulando origem, classe e gênero a partir de repertórios adquiridos na militância.

Em uma entrevista realizada em 2001 para pesquisadoras da FGV, Luíza trata da proximidade afetiva com o seu pai e da contribuição deste na realização de seus projetos:

– Meu pai era uma pessoa muito sensível e eu tinha uma afinidade muito grande com ele. Ele percebia a minha vontade de estudar. E quando foi no meio do ano – esse um ano que fiz a mais – ele disse o seguinte: “Olha, no próximo ano, se chover, você vai estudar” (...). Meu pai disse: “Minha filha, você vai. Se chover, você fica; se não chover... Se tiver inverno, você fica; se não tiver inverno, você volta.” (...)

– *E você tinha contato com seus pais, seus irmãos? Era perto?*

– Hoje a gente vê que é perto, mas naquele período era longe: ou de caminhão, ou de trem. Não era uma situação fácil. Eu os via nas férias, no meio e no final do ano. Me lembro que quando eu ia, meu pai dizia: “Quando você voltar no meio do ano, se tiver inverno você volta. Se não, você fica.” Eu me lembro a preocupação que eu tinha. Eu rezava para que chovesse, pela necessidade que eu tinha de continuar estudando (...). Terminou havendo inverno naquele ano.²³⁷

Compreendendo-se como nordestina e migrante, Luíza reforça mais uma vez a sua imagem de rebelde e corajosa. Entretanto, devemos ter em mente novamente que esses traços não são inatos, mas foram gestados a partir das suas experiências concretas, bem como do contato que teve com pessoas com vivências semelhantes às suas, muitas das quais em um momento pós-1971 (chegada definitiva a São Paulo). De acordo com Albuquerque Júnior,²³⁸ as imagens acerca da população nordestina foram construídas na oposição com o Sudeste e o Sul. Nesse sentido, muito do que foi atribuído à região veio de falas oriundas desses *centros*, influenciando certamente na maneira como Luíza era vista por seus novos vizinhos e companheiros de militância. Além do mais, essas representações podem ter servido de apoio para a manutenção de suas identidades na medida em que reforçavam seus pertencimentos em um território estranho. A figura do sertanejo era inclusive agenciada por alguns sujeitos no Sudeste para homenagear o (a) trabalhador (a) nordestino (a), mas havia quem partia desses estereótipos para

²³⁷ Idem.

²³⁸ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Op Cit, 2011.

discriminar aqueles que chegavam.²³⁹ Luíza pode ter se apropriado de parte dessas representações para se compreender.

Contudo, devemos lembrar que as identidades são constantemente reformuladas e Luíza se construiu com base naquilo que viveu e nos diferentes momentos nos quais se deparou com falas, gestos ou olhares sobre a sua origem, classe ou gênero. Assim, é importante atentar para as diferenças temporais entre os relatos aqui apresentados, ressaltando que, apesar de suas permanências, distanciam-se em outros aspectos. Talvez com o objetivo de romper com a imagem viril do trabalhador nordestino, ela dá centralidade à participação ativa de mulheres e à sensibilidade de seu pai, percebendo esses sujeitos como aqueles que contribuíram para a efetivação de seus próprios projetos. Ao mesmo tempo, ela dissocia essas pessoas da rudeza e da violência, atributos muitas vezes utilizados para excluir e discriminar as (os) migrantes nordestinas (os).²⁴⁰

Tendo a visão daquela que partiu e não de quem recebeu, Luíza pode ter notado incoerências entre aquilo que experienciou na Paraíba e o que as pessoas imaginavam que ela tivesse vivido. Mesmo assim, ela percebe seus (suas) familiares, amigos (as) e a si mesma como nordestinos (as), afastando-se de certos estereótipos, mas reforçando aquilo que lhes dá uma visão positiva, como a força, o trabalho e a solidariedade. Em um relato de vida concedido a Linda Bimbi, ela interpreta como tais questões interferiam em sua trajetória:

O estudo me apareceu então como instrumento para romper o cerco da miséria e o círculo vicioso dentro do qual via aprisionadas as mulheres mais velhas: a seca, a migração, o inverno e o destino de se casar e de ter filhos que seriam, por sua vez, oprimidos pelo mesmo mecanismo implacável. Recusei-me a fazer parte do jogo: queria ser livre para assumir responsabilidades coletivas. (...). Assim, logo me tornei independente, autônoma e livre, sem romper os vínculos familiares; aliás, reforçando-os. Minhas irmãs estudaram e tiveram a oportunidade de ascender socialmente, mas ao contrário de mim, procuraram vencer na vida, compensando individualmente os sofrimentos da infância.²⁴¹

²³⁹ Idem.

²⁴⁰ O historiador Paulo Fontes estudou como trabalhadores (as) vindos (as) do Nordeste foram representados (as) pela imprensa paulista. Nas matérias jornalísticas muitos (as) deles (as) eram associados a brigas e crimes violentos. Partindo de outra perspectiva teórica, Albuquerque Júnior mostra que, em contraste ao Sul, o Norte surgia como oposição à civilidade que viria de projetos modernizantes. Segundo o autor, os atos de violência eram reforçados em alguns momentos para defender uma pretensa virilidade do trabalhador sertanejo. FONTES, Paulo. Op Cit, 2008; ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Op Cit, 2011.

²⁴¹ SOUSA, Luíza Erundina de. In: BIMBI, Linda. Op Cit, 1996.

Ao se colocar como sujeito ativo da família, Luíza nota como a escola lhe deu condições para conseguir modificar sua posição social, mas sem deixar de se identificar com aqueles (as) que ainda sofriam com a seca e as opressões de classe e gênero. Ao mesmo tempo, ela também relata como tal fator interferiu na trajetória de suas irmãs, mas distancia-se delas ao perceber-se como possuidora de uma visão crítica sobre os problemas sociais e discriminações.²⁴² Quanto a tal questão, ela diz que:

O casamento, por exemplo: casar-me e ter filhos para mim entrava em choque com as responsabilidades coletivas. Entendia que o casamento seria uma coisa minha, individual. A escolha feita no início da adolescência foi tão marcante que até hoje exerce influência positiva e negativa na minha vida. Não gosto de falar de renúncia, de sacrifício, pois sei que optei e opto por um fim que me dá uma sensação de plenitude, que me realiza. No entanto, meu caso revela o drama de muitas mulheres. A sociedade brasileira não prepara a mulher para o exercício do poder, não é organizada de modo a deixa-la participar da luta política. Isso não é justo, a sociedade deve mudar: quanto mais numerosas formos na política, mais condições teremos de mudar esse quadro negativo. No Brasil, o machismo vive dentro da mulher e a discrimina; consequentemente, surgem os excessos do feminismo, que provocam, por sua vez, um retrocesso do fenômeno na classe média alta. Já as mulheres do povo não conhecem esses excessos porque estão envolvidas prioritariamente nas lutas sociais. Tenho em mente muitas mulheres do PT e de outros partidos que sofreram e sofrem, assim como eu, essa discriminação.²⁴³

Podendo olhar com distanciamento para aquilo que viveu, Luíza compreende que a sua escolha em não se casar seria um ato de rebeldia, identificando-se com outras mulheres no que diz respeito às discriminações de gênero. Lembrando que ela cursou Serviço Social num período de fortalecimento das discussões em torno do casamento e da maternidade,²⁴⁴ Erundina provavelmente construiu seus imaginários a partir de referências que rompiam com uma imagem romantizada sobre o matrimônio e uma noção essencialista que associava a mulher à mãe.²⁴⁵

Ao estudar as memórias de mulheres de uma cidade do interior baiano, Vânia Vasconcelos²⁴⁶ mostra que esses sujeitos concebiam a maternidade e o casamento como

²⁴² Tais perspectivas podem ter se formado a partir do contato que teve com militantes feministas no decorrer de sua atividade no PT. De toda forma, ela se constrói como alguém que deveria agir em prol da solução de problemas de trabalhadoras (es) e não somente por um desejo de ascensão social, compreendendo que interesses coletivos deveriam estar acima daquilo que fosse considerado individual.

²⁴³ SOUSA, Luíza Erundina de. In: BIMBI, Linda. Op Cit, 1996.

²⁴⁴ SCAVONE, Lucila. Op Cit, 2001.

²⁴⁵ BADINTER, Elisabeth. Op Cit, 2011.

²⁴⁶ VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. *Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações sobre as mulheres em uma cidade do interior (1970 – 1990)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.

atributos sagrados e que, portanto, deveriam ser valorizados. Tal percepção estaria apoiada em teses religiosas que atribuíam às esposas e mães a santidade de Maria. Contudo, haveria aquelas que seriam comparadas com Eva por se distanciarem desse ideal de castidade. Tal dicotomia não deixou de influir nas maneiras como se concebia o feminino, mas passou por transformações a partir dos anos 1960.²⁴⁷ Vasconcelos afirma que, apesar de não ter impacto imediato na comunidade estudada, esse debate passou a surgir nas conversas, nos escritos e nas memórias daquelas mulheres nas décadas seguintes. Temas como o aborto, por exemplo, passam a aparecer com mais recorrência nos cadernos de confidências, apesar da maioria absoluta de suas entrevistadas se mostrarem contrárias.²⁴⁸

O casamento não deixou de ser visto de maneira diferente. Segundo a autora, se antes o desejo de casar e ter filhos aparecia como algo quase absoluto nessas fontes, nas décadas de 1970 e 1980 ele passa a disputar espaço com projetos de ascensão profissional, mostrando que o matrimônio estava deixando de ser o plano central de vida daquela população, apesar de continuar sacralizado. Além do mais, Vasconcelos mostra que muitas de suas entrevistadas rejeitavam a maternidade e o casamento por não estarem dispostas a se sujeitar a certas opressões ou passar pelas angústias e incertezas que a tarefa exigiria.²⁴⁹

Para Flávia Biroli, a família foi idealizada em diferentes momentos como um grupo afetivo e harmônico. Contudo, ela é construída a partir de uma divisão desigual de tarefas, o que acaba por dificultar a participação das esposas em atividades

²⁴⁷ A autora mostra que a imagem da mulher como um ser perigoso foi reforçado desde a Baixa Idade Média. Contudo, essa noção de que elas desviariam os homens de seus propósitos já estava presente em textos mais antigos, como a própria imagem da Eva nos escritos hebraicos. A partir do século XII (Com a Reforma Gregoriana) o culto a Maria ganhou força e o feminino passou a remeter também à santidade. Essa contradição foi trazida pelos colonizadores portugueses no século XVI. Já no XIX as teses de Lombroso reforçavam que as mulheres eram naturalmente propensas à submissão e que aquelas que se desviassem desse padrão seriam degeneradas e logo perigosas, devido aos seus atributos de sedução. A encíclica papal *Rerum Novarum* (1895) do papa Leão XIII reforçava que as mulheres católicas deveriam se reservar ao espaço doméstico e alertava para os riscos decorrentes da saída delas de casa após o crescimento industrial europeu (VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Op Cit, 2006. p. 25 – 31; 78 – 82.).

²⁴⁸ Cadernos escritos à mão que listavam uma série de perguntas. Eles circulavam nas mãos de amigas e conhecidas que deveriam responder todas as questões. Segundo Vasconcelos, como eles eram de livre acesso, e os nomes daquelas que respondiam eram expostos, o ato de se posicionar incisivamente com relação a certas questões poderia trazer problemas, o que talvez moderasse e influísse nas respostas ali escritas (Idem. p. 64 – 66.).

²⁴⁹ Ibidem. p. 68 – 69.

profissionais e políticas.²⁵⁰ A autora mostra que coube às estudiosas feministas reconhecer esse problema e que a crítica à maternidade e ao matrimônio se deu por eles se pautarem na divisão sexual do trabalho, sobrecarregando as mulheres e limitando seu acesso a certos espaços e grupos.²⁵¹ Pensando que Luíza acompanhou as mudanças no conceito de maternidade e casamento, ela pôde compreender a existência de certas opressões e assim interpretar sua escolha como um rompimento com imposições socioculturais. Ao ter contato com as memórias de outras mulheres do sertão nordestino, Vânia Vasconcelos²⁵² mostra que muitas narraram com heroísmo os momentos em que romperam com padrões estabelecidos. Seja como for, não foi obviamente apenas Erundina que absorveu essas referências. Assim como ela, outras mulheres construíram dessa maneira as suas interpretações da sociedade e do seu entorno, bem como suas escritas de si.

Luíza possivelmente já notasse, na década de 1940, alguns problemas no cotidiano de vizinhas e parentes casadas. Mesmo assim, sua noção de machismo não surgiu automaticamente naquele momento, mas foi fruto daquilo com o que teve contato no decorrer de sua trajetória. Ao se identificar com outras mulheres de classe baixa, ela se distancia do que considera como classe média e critica posturas defendidas pelos grupos feministas *elitistas*, compreensão que pode ter se formado a partir do contato com os debates realizados em sua atividade sindical (no período do *Novo* Sindicalismo) e no PT.²⁵³ Além do mais, os movimentos de donas de casa e moradoras da periferia tentavam se distanciar das feministas devido aos receios e estereótipos suscitados por essas militantes.²⁵⁴

Nossa personagem morou entre 1934 e 1947 na vila de Canaã, passou pela cidade de Patos – PB e mudou-se para Campina Grande – PB em 1950. Apesar de

²⁵⁰ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018. p. 92 – 93.

²⁵¹ Idem. p. 107.

²⁵² VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Op Cit, 2006. p. 61.

²⁵³ Sobre a resistências dos movimentos sindicais dos anos 1970 à interferência daqueles que consideravam elitistas, podemos citar, dentre o que foi produzido: OLIVEIRA, Roberto Vêras de. *Sindicalismo e Democracia no Brasil: do novo sindicalismo ao sindicato cidadão*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2011. p. 85; RODRIGUES, Iram Jácome. *Sindicalismo e política: a trajetória da CUT (1983-1993)*. São Paulo: Scritta, 1997. p. 18 – 19. Sobre a resistência interna do PT: SOARES, Claudete Gomes. *Raça, classe e cidadania: a trajetória do debate racial no Partido dos Trabalhadores (1980 – 2003)*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009. p. 40; SANTOS, João Marcelo Pereira dos. *Identidade e diferença: A trajetória das mulheres no Partido dos Trabalhadores*. *Perseu: História, Memória e Política*. Número 4. Ano 3, 2009.

²⁵⁴ MELLO, Soraia Carolina. Op Cit, 2011.

tantos deslocamentos, ela se percebe como parte de sua cidade natal e utiliza-se daquilo que viveu naquela região para construir sua escrita de si, apesar de Canaã/Uiraúna ainda não ser emancipada no momento em que partiu. Pensando nessas questões, vamos nos aprofundar na espacialização da sua memória e na sua relação com a *terra* em que nasceu (Uiraúna – PB) e aquela na qual consolidou a sua carreira política (São Paulo – SP).

Uiraúna e a jovem

De repente, descubro-me na Praça Padre França, na rua principal da vila de Belém, brincando com outras crianças, enquanto jovens e adolescentes passeiam e namoram ao redor da praça (...)

O que está vivo na minha lembrança e que me dá saudade é ver a praça iluminada (...) em pouquíssimas horas da noite, visto que a energia era gerada por um pequeno motor movido a gás ou à gasolina (...) de pouca potência.

Acrescente-se a isso outro atrativo, que a gente nunca esquece, era o alto-falante, instalado num dos postos da praça, e que tocava músicas famosas da época, principalmente, músicas românticas, a pedido dos casais de namorados que passeavam na praça (...). O alto-falante abria sua programação diária exatamente às 18 horas, “Hora do *Angelus*”, com a Ave Maria de Gounod. (...)

A Vila de Belém virou Uiraúna que, por sua vez, entrou na “Era do Rádio”, no início da década de 1940, portanto, antes mesmo de sua independência política que só ocorreu em 2 de dezembro de 1953.

Registre-se, ainda, outro fato importante e extremamente relevante para os paraibanos, ou seja, a primeira transmissão radiofônica em nosso país ocorreu em 7 de setembro de 1922, como parte das comemorações do centenário da independência do Brasil, pela voz do então presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, paraibano de Umbuzeiro. (...) ²⁵⁵

Luíza se volta para o período de sua infância em Canaã para escrever sobre o início das transmissões de rádio na região. Em um tom épico e saudosista, ela destaca que o distrito estava crescendo, associando esse fato à sua posterior emancipação. Além do mais, a região é exposta como um lugar onde o ritmo do tempo não seria acelerado. Tal perspectiva, contudo, não é, provavelmente, algo que ela já possuísse em sua juventude, mas fruto do contato que teve com cidades maiores tempos depois (como João Pessoa, Recife e São Paulo), além do compartilhamento de lembranças com outros

²⁵⁵ SOUSA, Luíza Erundina de. Uiraúna na “Era do Rádio”. Leia FELC, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XII, Edição nº 12, janeiro de 2018. p. 14 – 15.

conterrâneos. Em um texto publicado também pela revista *Leia FELC*, o médico uiraunense Gentil Galiza recorda sua infância no centro da cidade:

De repente, dei de sonhar comigo menino, bem ali no mesmo lugar, 30 anos atrás, de calça curta e camisa de meia, olhando embasbacado para as montarias amarradas bem defronte da casa (...). Essa visão da cidade rural encantava-me poderosamente e eu viajava literalmente na maionese pastosa da mente infantil (...) Uiraúna sempre fora sinônimo de encantamento. Via-me saindo com meu avô Gentil, montado na garupa do famoso cavalo Pombo Roxo, no rumo da Serra da Capivara ou da Manga do Garrote. Eu era um cavaleiro andante, um aprendiz de vaqueiro, um desbravador do mundo...²⁵⁶

A revista em questão (*Leia FELC*) circula em Uiraúna e é produzida pela Fundação Educacional Lica Claudino desde 2007. A instituição fomenta produções culturais e publica textos que exaltam a história da cidade e seus personagens. O periódico é distribuído gratuitamente e tem como público-alvo a população local. Nesse sentido, seus editores buscam trazer relatos de conterrâneos *ilustres* (como Luíza Erundina e José Nêumanne Pinto) e dão visibilidade às suas experiências, buscando reforçar uma memória heroica sobre a cidade.

Luíza se utiliza de repertórios como estes para interpretar o período no qual viveu em sua cidade natal. Em seu relato, a religiosidade também aparece como parte do cotidiano de Canaã, lembrando que as atividades locais se iniciavam com a Ave Maria de Gounod. Essa percepção é utilizada para compreender o dia-a-dia dos espaços nos quais circulou em sua infância e juventude. Ela ainda *brinca* com escalas de espaço ao partir da vila de Canaã para tratar da sua identidade paraibana e adentrar em uma conjuntura mais ampla. De acordo com Albuquerque Júnior,²⁵⁷ os regionalismos surgem tanto como uma barreira que deve ser silenciada, quanto em função da construção de uma imagem de nação como a união de diferentes povos. Luíza reconhece seus pertencimentos regionais e nacionais em meio às especificidades de sua cidade, tendo a intenção de distinguir sua localidade-natal das demais municipalidades paraibanas e de se colocar como parte de um todo, o que não é exclusividade sua. Assim como a militante e o médico supracitados, José Nêumanne Pinto (outro uiraunense, como já apontamos) também descreve Uiraúna como uma cidade bucólica:

Tudo em Belém girava em torno da igreja erguida por padre José Joaquim França. O grande acontecimento social era a festa da padroeira, a Sagrada Família, no mês de janeiro, coincidente com a safra, que possibilitava bons

²⁵⁶ GALIZA, Gentil. Ainda tem sertão no sertão? *Leia FELC*. Uiraúna – PB: Fundação Educacional Lica Claudino, Ano XII, edição nº 12, janeiro de 2018. p. 41.

²⁵⁷ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Op Cit, 2011.

gastos de fazendeiros nas quermesses organizadas pelo vigário (...). Eram casas de alvenaria, sem forro e com instalações espartanas, precárias mesmo. A maioria delas era geminada (...). Em Belém, nos anos 30, tomava-se banho no açude, nos rios ou atrás das casas, com uma cuia (...). O querosene era utilizado para alimentar as lamparinas, iluminação única dos tempos em que não havia ainda o gerador tocado por Cabrinha. Mesmo sem luz, o hábito comum das pessoas era sentar-se às calçadas para uma prosa amiga ao entardecer. Ao chefe da casa, reservava-se uma cadeira de balanço, no caso das famílias mais ricas. Os pobres só tinham tamboretos, sendo os melhores oferecidos às visitas.²⁵⁸

O autor dessas palavras nasceu depois de Luíza, mas reconhece que partilhou de alguns fatos com a sua biografada. Para compreender o cotidiano da vila de Canaã, ele provavelmente se utiliza de memórias compartilhadas com moradores da região e também afirma que o distrito não possuía um gerador elétrico coletivo no período em que Luíza nasceu.²⁵⁹ De acordo com Vânia Vasconcelos, a distribuição limitada de energia era uma realidade em outras cidades do interior nordestino, como Serrolândia – BA, o que também permaneceu nas lembranças de sua biografada, a parteira Dona Farailda Santos.²⁶⁰ Num sentido oposto a Nêumanne, Erundina lembra de haver a produção temporária de energia quando era criança, contrariando o jornalista. Contudo, vale lembrar que não pretendemos analisar aqui a infraestrutura da Vila de Canaã na década de 1930, mas entender como as memórias da região podem divergir, mesmo que em pequenos detalhes. De qualquer forma, a imagem da praça, do gerador e do convívio entre vizinhos surge como um elemento comum nesses relatos e como um fator de identificação com Uiraúna e mesmo com outras municipalidades do interior nordestino.

Essas memórias sobre Belém-Canaã-Uiraúna provavelmente se formaram no contato desses sujeitos com relatos locais sobre a história do/da distrito/cidade. Podendo identificar o tempo natural como aquilo que costurava as relações sociais, Luíza, José e Gentil representam a região como oposta às metrópoles. Apesar desses sujeitos terem

²⁵⁸ PINTO, José Nêumanne. Op Cit, 1989.

²⁵⁹ Para a revista Leia FELC, Joé Nêumanne Pinto escreveu sobre o sítio onde passou sua infância, compartilhando da imagem de cidade rural atribuída a Uiraúna. (PINTO, José Nêumanne. De volta ao curral onde jaz meu umbigo. *Leia FELC*. Uiraúna – PB: Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XI, edição nº 11, janeiro de 2017.). Ele ainda reforça essa representação pacata em uma homenagem ao artista plástico Ciro Fernandes: “Ciro foge do lugar comum em todos os sentidos. Em primeiro lugar, é um sertanejo de origem, (...) mas chegou às artes plásticas por duas vias diferentes (...) ligadas ao mercado capitalista e não às feiras livres de nossa cidade natal, Uiraúna, no interior mais ermo da Paraíba.” (PINTO, José Nêumanne. O sertão eterno em xilo. *Leia FELC* (encarte especial Ciro Fernandes). Uiraúna – PB: Fundação Educacional Lica Claudino, Ano XII, edição nº 12, janeiro de 2018. p. 9.).

²⁶⁰ Vânia Vasconcelos cita: “Tinha uma luz de pé de pau, apagando toda hora. Dez horas da noite dava sinal, dez e meia apagava e ia embora. Ficava todo mundo aí no escuro ” (SANTOS, Farailda. Apud: VASCONCELOS, Vânia. Op Cit, 2017. p. 43.).

vivido na mesma região e partilhado algumas experiências, certas questões devem ser levadas em consideração em suas falas. Luíza tem uma origem popular. Já Nêumanne e Gentil representam um setor privilegiado da sociedade, o que pode ter contribuído para a formação de uma noção depreciativa (no caso do jornalista) ou nostálgica (no caso do médico).²⁶¹ Diferente de nossa personagem, ele parte da resignação para refletir sobre a relação desses sujeitos com o distrito. Seguindo seu texto, Luíza recorda de sua infância e das experiências vividas enquanto filha de trabalhadores rurais:

(...) ainda muito criança, no final da década de 1930, lembro-me bem de que a única residência onde tinha um rádio, na Vila de Belém, era a do comerciante Joaquim Henrique e sua esposa Chica de Joaquim, como era conhecida na comunidade, e moravam na rua principal da vila. Às vezes, à noite, alguns vizinhos tinham acesso à casa deles para ver de perto a novidade, que não era o nosso caso, crianças de famílias pobres.

Então, começamos a matutar como conseguirmos ter um rádio em nossas casas. Daí, inventamos um meio de realizarmos o nosso sonho de criança: rodar um peão e colocá-lo a girar dentro de uma gaveta fechada e ficávamos a ouvir, maravilhados, o barulho que, por alguns segundos, o peão produzia e, para nosso imaginário de criança, era como se fosse o som de um rádio de verdade. É realmente incrível o que o imaginário de uma criança é capaz.

Por fim, quero destacar a impressionante transformação da experiência humana e social da Vila de Belém, no sertão da Paraíba, que, no seu tempo, impulsionou o salto que hoje Uiraúna apresenta e que se expressa, entre outros aspectos, pela sua integração à pós-modernidade, além de estar plenamente conectada com o mundo digital.²⁶²

Luíza se afirma como filha de trabalhadores ao recordar da impossibilidade de possuir um rádio em sua casa. Apontando que em Canaã apenas um comerciante tinha esse aparelho, ela diz que sua família não possuía o capital necessário para entrar nas casas da elite local. Diferente de uma criança com acesso à literatura internacional e que contava com amplos jardins privados para brincar (como foi o caso de Lélia Abramo), Luíza se utilizou das ruas e praças à sua volta para se divertir, construindo posteriormente a sua memória sobre Canaã. Contudo, a militante não teve contato direto com as mudanças pelas quais a cidade passou após a sua emancipação (1953). Necessitando se mudar para Patos e Campina Grande, Erundina provavelmente se utiliza de memórias coletivas, com as quais teve contato posteriormente, para interpretar

²⁶¹ Gentil Galiza fez uma crítica às mudanças ocorridas na cidade nas últimas décadas. Apontando para certas posturas e com um tom conservador ele diz: “Olhei para aquela mesma rua, agora asfaltada e vi que por ela passavam carros e motos, num vai e vem contínuo, desfilando suas modernidades, barulhos e fumaças. Ao longe escutava um som de paredão, entremeado por gritos e palavrões, compondo a nova sinfonia do lugar. Parecia, de fato, que a cidade pequena se travestia com as mazelas dos grandes centros urbanos” (GALIZA, Gentil. Op Cit, 2018. p. 41.).

²⁶² SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit, 2018. p. 14 – 15.

o município. Além do mais, ela se reconhece como parte dos moradores de Uiraúna, construindo e agenciando sua identidade de origem para contribuir com a memória local.

Para analisar as lembranças de Luíza sobre a sua cidade-natal, devemos levar em consideração a existência de uma memória coletiva sobre Uiraúna, a qual contribuiu para a reelaboração das suas percepções. Talvez por sua *independência* relativamente recente, percebe-se uma busca por reafirmar a sua autonomia e especificidades frente às outras cidades paraibanas. Com o intuito de legitimar esses mesmos traços, a prefeitura produz vídeos a fim de divulgar a cidade utilizando-se de uma ideia de desenvolvimento e trabalho para descrever a população local:

Uma terra originada da fé, fruto da inspiração de um sacerdote, que tem na música um dos seus símbolos. Uma gente determinada onde o progresso dita o seu ritmo no potencial educacional, no desenvolvimento comercial, no curso das águas, no crescimento imobiliário, na boa condução do patrimônio público, na manutenção da ordem e observância permanente às leis (...). Uiraúna da cultura, dos poetas e repentistas que unem gerações em suas praças, preservando as raízes regionais e integrando os artistas de vários pontos no Nordeste aos seus valores locais²⁶³

Tanto no vídeo, quanto no relato de Luíza algumas tradições são reforçadas a fim de diferenciar Uiraúna do seu entorno. Dentre esses costumes, entende-se que o município seria o principal formador de sacerdotes²⁶⁴ e músicos²⁶⁵ da Paraíba. Contudo, devemos lembrar que essa visão não é uma reprodução fiel da história local, mas foi gestada por diferentes gerações de moradoras (es), dando centralidade a alguns sujeitos, como o *fundador* (Padre José França) e a banda de música da cidade. Nossa personagem não deixa de partilhar dessa perspectiva, a qual surge em dois textos seus escritos para uma revista de Uiraúna:

²⁶³ ALVES, Glauber; LUCENA, Damião. Uiraúna: Origem, Independência e Consolidação do Crescimento. Prefeitura Municipal de Uiraúna, 2013. Documentário sobre Uiraúna – PB (2013). 12 minutos e 20 segundos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KEJiJ4_O0Bw Acesso: 04/08/2021 às 14:06 hrs.

²⁶⁴ Tanto no vídeo supracitado, quanto em textos presentes na revista Leia FELC, há artigos que ressaltam a trajetória de sacerdotes ou crenças locais: CARVALHO, Félix de. Considerações sobre a parábola do filho pródigo. *Leia FELC*, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XII, Edição nº 12, janeiro de 2018; SILVA, Teresina Claudino da. A teologia do abraço. Idem; FERNANDES, Severina. Padre Anacleto: o inesquecível servo de Deus. Idem. Ano XI, Edição nº 11, janeiro de 2017.

²⁶⁵ Além do vídeo, há textos na revista LEIA FELC a respeito do assunto: SOUSA, Eliza Fernandes de. Tributo ao talento musical de Nick Brayan Costa Fernandes. *Leia FELC*, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XII, Edição nº 12, janeiro de 2018; EDITORIAL. FELC Comemora os 10 anos na BAMAJA. Idem; DUARTE, Josany. Ser músico na terra dos músicos. Idem. Ano XI, Edição nº 11, janeiro de 2017.

Em 18 de novembro de 1911, no sítio Quixaba, na Vila de Belém, hoje Uiraúna, na Paraíba, veio ao mundo mais um ser humano que recebeu o nome de Oriel [(1911 – 1970), padrinho de batismo de Luíza] e nasceu com o mesmo desígnio de tantos outros filhos daquela terra abençoada que deu inúmeros sacerdotes à Igreja de Deus no Brasil, ao ponto de ser considerada como o maior celeiro de padres, como de músicos do país. Isso lhe confere um enorme prestígio, projetando-a para além de suas fronteiras, para se tornar conhecida e celebrada na Paraíba e no Nordeste brasileiro.²⁶⁶

Comecei esta crônica abordando o Centenário de nossa banda de música, cuja história revela o talento musical dos uiraunenses, que contribui para tornar Uiraúna a “terra dos músicos e sacerdotes”, em razão do grande número de padres que saem de lá e do reconhecido talento de seus músicos. Existem, na cidade, quatro bandas e uma Escola de Música que forma jovens profissionais, o que ajuda a manter a posição de destaque de Uiraúna na vida cultural da Paraíba com grande repercussão no país.²⁶⁷

Luíza ressalta a importância cultural e religiosa de sua cidade. Em um tom de exaltação, ela, assim como outros sujeitos, reconhece as bandas e os sacerdotes de Uiraúna como patrimônio imaterial municipal. Como apontamos anteriormente, essa memória coletiva acaba fortalecendo imagens sobre a municipalidade, o que não é esquecido por Erundina na construção de sua fala. Participando dessas representações, ela também reconhece e patrimonializa seus principais pontos de referência (a praça, a igreja, a rua principal), entendendo-se como parte desses espaços e, conseqüentemente, da cidade. A imagem de Uiraúna surge, enfim, reforçamos, como constituinte de sua identidade regional e para reafirmar a origem do seu senso crítico e da sua militância. Ao utilizar de perspectivas como essas, Luíza agencia seus pertencimentos de origem para compreender a si e dar legitimidade a seus projetos e estratégias políticas, como veremos a seguir.

Do Norte ao Sul

Em 1951, chamei minha mãe e minhas irmãs menores, porque queria que elas também tivessem a possibilidade de estudar. Meu primeiro trabalho foi em uma venda de cereais, como caixa. O patrão era um primo distante e não gostava que levasse livros e tarefas para o local de trabalho, por isso os trazia escondidos e de noite ia para o curso científico. Em seguida, algumas irmãs do Externato São Vicente de Paula me convidaram para lecionar em uma escolinha para crianças pobres: fazia um pouco de tudo, ensinava música e canto coral em todas as classes e era responsável pelas crianças pequenas do

²⁶⁶ SOUSA, Luíza Erundina de. Centenário do Monsenhor Oriel (2013). In: *Um hino de amor a Uiraúna*. Teresina; Halley, 2019. p. 39 – 40.

²⁶⁷ SOUSA, Luíza Erundina de. Festa na “Morada do Pássaro Preto” (2014). In: Idem. p. 49.

primário. Depois, trabalhei em uma instituição do Estado na área de Serviço Social. Ao terminar o colegial, tinha a intenção de estudar medicina, como a prima Irene, mas tive que fazer uma escolha difícil. Para estudar medicina, teria que me transferir, mais uma vez, para João Pessoa, a capital do Estado da Paraíba. Mas para lá não teria a possibilidade de levar nem minha mãe nem minhas irmãzinhas. Decidi então interromper os estudos e esperar que elas frequentassem pelo menos todo o ginásio. Pus-me a trabalhar em três turnos e parei de estudar por nove anos.²⁶⁸

As relações familiares de Luíza lhe oportunizaram continuar na escola até o término do Curso Científico. Além do apoio de seus genitores, a proximidade com sua tia Linda Rosa lhe abriu a possibilidade de lecionar e, com isso, dar apoio financeiro a suas irmãs mais novas. Devemos ter em mente que sua inserção na área foi mediada por fatores como os contatos construídos ou o fato desse trabalho contar com a presença expressiva de mulheres. No início do século XX, elas estavam presentes em diferentes campos, apesar de muitos destes não serem reconhecidos pelo Estado (como serviços domésticos, comércio ambulante e agricultura familiar).²⁶⁹ Tal característica provavelmente permanecia na década de 1950. Sendo assim, Erundina poderia atuar em diferentes postos, mas não teria as mesmas oportunidades que os homens de adentrar ao mercado de trabalho formal, apesar de ter mais abertura para ingressar no comércio e na educação, o que acabou sendo feito. Como nos mostra Flávia Biroli, a divisão sexual do trabalho foi reproduzida em diferentes espaços e conjunturas. Assim, os postos que uma mulher poderia ocupar seriam menos remunerados ou mesmo subalternos aos dos trabalhadores do sexo masculino.²⁷⁰ Entretanto, Luíza poderia se utilizar do seu Curso Científico para se inserir em trabalhos com remuneração mais alta, transitando por possibilidades maiores de ascensão social do que seus irmãos e genitores.

Essa questão pode ser observada quando comparamos a trajetória profissional de nossa personagem com as de Antônio e Enedina. Com uma trajetória escolar menor que sua filha, a mãe vendia café e bolos na rua, o que não contava com o reconhecimento do Estado, impedindo que ela tivesse as mesmas possibilidades que uma trabalhadora amparada pela CLT. Antônio, por sua vez, permaneceu no campo e no ofício de artesão, o que igualmente não lhe dava as mesmas vantagens que os familiares com uma carreira escolar maior ou um emprego formal. Contudo, ele teria mais oportunidade de acessar certos direitos, além de estar isento de realizar as tarefas domésticas, obtendo um tempo

²⁶⁸ SOUSA, Luíza Erundina de. In: BIMBI, Linda. Op Cit, 1996.

²⁶⁹ FRACCARO, Gláucia. Op Cit, 2018.

²⁷⁰ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018. p. 28.

maior para exercer outras atividades (como trabalhar simultaneamente no campo e fazendo selas).²⁷¹ Podendo ingressar no magistério, Luíza se lembra de como iniciou sua carreira docente:

(...) uma amiga minha, freira, irmã de caridade, conseguiu um trabalho para mim na própria escola onde ela trabalhava. Ela dirigia essa escola e eu fui lecionar (...). Fazia de tudo. Canto orfeônico. Enfim, trabalhava em várias coisas naquela escola. E foi um meio que tive para ajudar a manter minha família e estudar à noite. Eu fazia o curso colegial à noite, o curso científico de três anos. Eu trabalhava durante o dia e estudava à noite em um colégio estadual. (...)

Meu pai ficou, porque ainda tinha a roça em que ele plantava o algodão, o milho, o feijão e, no final do ano, ele conseguia vender o algodão que era o que dava para a gente comprar as outras coisas (...). No ano de colheita, ele vendia o algodão que era o principal. O milho e o feijão não valiam tanto. Mas o algodão, naquele tempo, era importante para a economia do país e terminava rendendo alguma coisa com que meu pai, no final do ano, cobria as necessidades de roupas, calçados, etc.²⁷²

Dentre as clérigas presentes na cidade, Erundina havia feito amizade com Irmã Zuleide Porto,²⁷³ a qual lhe auxiliou no trabalho com as religiosas e em outras atividades. A sua entrada em uma escola religiosa gerida por freiras possivelmente foi facilitada pelo seu gênero, pois ela, potencialmente, teria mais abertura de estabelecer contato com suas gestoras do que um docente do sexo masculino. Mesmo assim, não podemos tomar esse fator como regra, pois outras mulheres poderiam gerar rechaço e igualmente havia homens trabalhando em instituições como aquela. Apesar do tom hipotético, tal questionamento nos faz voltar os olhos para os laços de amizade construídos naquele momento e refletir sobre como eles foram essenciais na formação do seu leque de possibilidades.

Tais memórias também tocam em outro fator, pois Luíza aponta que o trabalho rural era constituinte do cotidiano de sua família. Percebendo a distância de seu pai, ela passa a se compreender como mantenedora da família. A opção por auxiliá-la financeiramente aparece como aquilo que a impossibilitou de ingressar no Ensino Superior naqueles anos, confirmando a sua tenacidade e senso de coletividade, mas, por

²⁷¹ Idem. p. 47 – 48.

²⁷² SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit, 2002.

²⁷³ Irmã Zuleide Porto (1919 – 2007) nasceu em Aracati-CE e entrou na Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo em 1937. Atuou na construção e administração da Faculdade de Serviço Social de Campina Grande entre 1958 e 1967. Ainda lecionou em uma faculdade de Enfermagem em Recife-PE e exerceu trabalhos assistenciais. Faleceu em Campina Grande – PB. Uma rua da cidade recebeu o seu nome e foi homenageada por uma Instituição de acolhimento a crianças e adolescentes (CASA do Menino). Disponível em: http://www.casadomenino.com.br/irma_porto.html Acesso: 21/01/2021 às 01:34 hrs.).

outro lado, rompendo com seus projetos de se tornar médica e trazendo-lhe possivelmente angústias. No relato a Linda Bimbi, ela trata desse modo de seu ingresso na universidade:

Retomo a minha trajetória de migrante a partir de 1964, quando pude me transferir para João Pessoa, para me matricular na universidade. Renunciei à medicina porque em todos aqueles anos tive experiências que me orientaram para outra direção. Quis me tornar assistente social. Tive um contato decisivo com numerosos aspectos do meu Nordeste quando trabalhava como assessora, em Campina Grande, do secretário municipal de Educação e depois como funcionária do Departamento de Serviço Social. Em 1958, ano de terrível seca, viajei por todo o estado da Paraíba acompanhando o governador José Américo de Almeida. Lembro-me de sua mala cheia de dinheiro que distribuía inutilmente à gente atingida pela seca, que quase morria de fome. As cenas que vi naquela ocasião me marcaram por toda a vida. Tentei, com certo sucesso, fundar em Campina Grande, ao lado de um grupo de fortes amigas, a Escola de Serviço Social, dependente da Universidade Estadual da Paraíba. Pessoalmente, procurava uma faculdade mais estruturada, com métodos científicos mais atuais. Arrumei um trabalho em João Pessoa e terminei o meu curso lá. O fato de ter vivido e estudado na capital, mais uma vez morando com tia Tina Rosa e prima Irene, deu uma reviravolta decisiva na minha trajetória. As minhas atitudes profissionais assumiram caráter político.²⁷⁴

Luíza entende que os empregos que teve na década de 1950 lhe fizeram optar pelo Serviço Social. Contudo, devemos lembrar igualmente que as suas amigas com religiosas e a sua experiência na docência lhe permitiram entrar no funcionalismo municipal e se aproximar do secretário municipal Edvaldo do Ó.²⁷⁵ Assim, ela pôde trabalhar em projetos de intervenção social e na instalação da Escola de Serviço Social de Campina Grande,²⁷⁶ em 1958.

A Diretoria Municipal de Educação tinha o plano da instalação de uma escola de Serviço Social em Campina Grande na década de 1950 e buscou o apoio da Igreja

²⁷⁴ SOUSA, Luíza Erundina de. In: BIMBI, Linda. Op Cit, 1996.

²⁷⁵ Edvaldo de Souza do Ó (1929 – 1993) nasceu em Campina Grande – PB e era oriundo de uma família de elite. Formou-se em Economia e foi secretário municipal de Educação e Cultura entre 1956 e 1958, quando pediu demissão e foi substituído por Luíza Erundina de Sousa. Ainda foi diretor do jornal *Gazeta do Sertão* e do time de futebol 13 F. C. Posteriormente se candidatou a prefeito de sua cidade, mas não se elegeu. (PONTES DO Ó, Josemar. Quem foi Edvaldo do Ó. In: Retalhos Históricos de Campina Grande. Página Online. Disponível em: http://cgretalhos.blogspot.com/2011/10/quem-foi-edvaldo-do-o-por-josemar.html#.XyG7T_IKjIU Acesso: 21/01/2021 às 01:34 hrs.)

²⁷⁶ A Escola de Serviço Social de Campina Grande permaneceu autônoma entre 1958 e 1966, quando foi incorporada à recém-fundada Universidade Regional do Nordeste (URNE). A partir de então, ela passou a se distanciar de instituições religiosas e deixou de exercer trabalhos docentes voluntários. Em 1987 a URNE se torna parte da Universidade Estadual da Paraíba, a qual incorporou o curso de Serviço Social criado em 1958 pelas irmãs vicentinas e o poder público municipal. (MACEDO, Geórgia; ANDRADE, Marta; SILVA, Mauricélia; SOUSA, Sérgio; VIEIRA, Juliana; FREITAS, Paloma; FONSECA, Cleomar; NÓBREGA, Mônica; SILVEIRA, Sandra. O Serviço Social em Campina Grande: Gênese e Desenvolvimento. *XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação*. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2007.)

Católica.²⁷⁷ Assim, o curso contou com o auxílio de docentes voluntários, muitos dos quais padres, freiras e profissionais recém-formadas, as quais montaram uma grade curricular voltada para eixos temáticos como Saúde, Família, Menores, Emprego e Campo.²⁷⁸ A demanda por assistentes sociais (e conseqüentemente de um curso de formação nessa área) era fruto do crescimento pelo qual a cidade de Campina Grande passava naqueles anos, processo que não deixou de vir acompanhado de conflitos e disputas decorrentes da falta de terrenos, moradias e empregos, trazendo a necessidade da mediação do Estado.²⁷⁹

Nesse período, os cursos de Serviço Social brasileiros possuíam laços estreitos com a Igreja Católica, prezando por uma atuação assistencialista para o público atendido.²⁸⁰ Cabe destacar que a Escola de Campina Grande surgiu durante o processo de atualização metodológica da área e do conseqüente afastamento de sua *tradição* apostolar, apesar de ainda contar com o apoio de religiosas. Segundo Marilda Iamamoto e Raul de Carvalho,²⁸¹ na década de 1950 havia um amplo debate em torno da atuação das assistentes sociais, além da expansão das escolas de Serviço Social em meio a um processo de interiorização de suas profissionais. Também, as teses do nacional-desenvolvimentismo fortaleciam os debates em torno da resolução de problemas coletivos por meio de mudanças estruturais e não paliativas.²⁸²

De toda maneira, disciplinas de cunho religioso eram ministradas na Escola de Campina Grande.²⁸³ Em meio a esse processo, e próxima de religiosas e políticos, Luíza assume a Secretaria de Municipal Educação interinamente em 1958, permanecendo alguns meses a sua frente. Pensando em trabalhos posteriores, ela compreende que

²⁷⁷ MACEDO, Geórgia; ANDRADE, Marta; SILVA, Mauricélia; SOUSA, Sérgio; VIEIRA, Juliana; FREITAS, Paloma; FONSECA, Cleomar; NÓBREGA, Mônica; SILVEIRA, Sandra. Op Cit, 2007.

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ FREITAS, Paloma; SOUZA, Lígia; SOUZA, Sérgio; SILVEIRA, Sandra. A Faculdade de Serviço Social de Campina Grande: surgimento e desenvolvimento até sua inserção no âmbito universitário. *XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação*. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2008.

²⁸⁰ SILVA, Anália Barbosa da; SILVA, Diego Tabosa da; SOUZA JUNIOR, Luiz Carlos de. O Serviço Social no Brasil: das origens à renovação ou o “fim” do “início”. *4º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais: 80 anos de serviço social – Tendências e Desafios*. Belo Horizonte: CRESS-MG, 2016.

²⁸¹ IAMAMOTO, Marilda Villela; DE CARVALHO, Raul. *Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. São Paulo: Cortez [Lima, Peru] CELATS, 2006.

²⁸² Idem.

²⁸³ MACEDO, Geórgia; ANDRADE, Marta; SILVA, Mauricélia; SOUSA, Sérgio; VIEIRA, Juliana; FREITAS, Paloma; FONSECA, Cleomar; NÓBREGA, Mônica; SILVEIRA, Sandra. Op Cit, 2007.

aquilo que presenciou nas jornadas com o governador José Américo de Almeida²⁸⁴ contribuiu para a formação de sua consciência política. Ao narrar-se, ela mais uma vez se identifica com o Nordeste, reforçando as memórias da seca e de seus consequentes problemas sociais. De acordo com Jivago Correia Barbosa,²⁸⁵ o governador havia ganhado visibilidade pela sua atuação na resolução dos problemas decorrentes da seca de 1932. De acordo com o autor, a imprensa fomentou sua imagem de salvador dos sertanejos, o que ganhou força em sua campanha nas eleições de 1950 e nas viagens que realizou para o interior. Contudo, Barbosa ressalta que muito das medidas de José Américo auxiliavam os fazendeiros locais ao realocar mão de obra para suas propriedades ou obras de infraestrutura. Essa memória circulou pelo interior nordestino e serviu, muito provavelmente, de base para a construção das lembranças de Luíza sobre o seu trabalho no interior nordestino, apesar de se distanciar das políticas do governador na questão da distribuição de dinheiro. Recordando de outros postos presentes no seu trabalho no governo paraibano, nossa personagem respondeu a algumas questões relativas ao tema em uma entrevista:

– *Em 1958, você foi diretora de Educação e Cultura da prefeitura de Campina Grande (...). Nós gostaríamos que você falasse um pouquinho sobre isso.*

– Mas veja, essa minha ligação com a educação no município foi decorrência de um trabalho mais administrativo do que propriamente... Foi através de uma religiosa, a irmã Porto, muito amiga minha. Era uma irmã de caridade que conseguiu trabalho para mim na prefeitura. Eu me destaquei naquele trabalho e cheguei ao ponto de assumir essa diretoria no afastamento do secretário. Por um período, eu cheguei a assumir a Secretaria. (...)

– *Você era muito nova, não? Tinha 24 anos.*

– Era. Então comecei a ter uma experiência de trabalho social. Depois passei a um programa de assistência social num departamento do estado, fruto dessa busca de emprego, de trabalho, na luta pela sobrevivência. Fui me engajando em programas, em órgãos públicos em busca de assistência social. Mas aí eu não tinha serviço social ainda.²⁸⁶

²⁸⁴ José Américo de Almeida (1887 – 1980) nasceu em Areia – PB. Escreveu o livro *A Bagaceira*, o qual reforça certas imagens sobre o Nordeste, como a seca e o sertanejo. Teve relações próximas com Getúlio Vargas, foi nomeado interventor da Paraíba em 1930 e depois se tornou Ministro dos Transportes (1930 – 1934 e 1951 – 1954). Elegeram-se novamente governador em 1951 e permaneceu no cargo até 1956. (PANTOJA, Sílvia. José Américo de Almeida. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/almeida-jose-americo-de> Acesso: 21/01/2021 às 01:34 hrs.)

²⁸⁵ BARBOSA, Jivago Correia. *Política e assistencialismo na Paraíba: o governo de José Américo de Almeida (1951-1956)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2012.

²⁸⁶ SOUSA, Luiza Erundina de. Op Cit, 2002.

Luíza não era a única mulher a ascender a um cargo de comando na esfera municipal. Alzira Soriano já havia sido eleita prefeita de Lages – RN em 1928. Apesar da novidade, Isabel Engler mostra que esse governo foi possibilitado pelos laços familiares e políticos costurados pelas estruturas coronelistas locais.²⁸⁷ Outro exemplo é o de Dulce Insuelo Macedo, a qual era funcionária da Câmara Municipal de Guarulhos – SP e foi nomeada prefeita interina da cidade em 1947, permanecendo doze dias no cargo.²⁸⁸ Por fim, Aldamira Guedes se tornou prefeita de Quixeramobim – CE em 1958.²⁸⁹ O caso de Luíza não se tratava da ascensão à prefeitura de Campina Grande, mas de sua chegada a um cargo de comando em uma cidade brasileira. De todo o modo, estes casos ajudam a vislumbrar as possibilidades que uma mulher tinha de ingressar em postos públicos da esfera municipal naquele contexto.

Voltando-nos para a memória da militante, notamos que ela reconhece que sua amizade com as irmãs vicentinas lhe possibilitou se inserir na administração pública. Dessa maneira, ela entende que tais empregos fizeram parte de sua experiência no Serviço Social, construindo uma linha de continuidade entre a Secretaria Municipal de Educação de Campina Grande e a carreira posterior na cidade de São Paulo. Sua atuação no funcionalismo público campinense continuou até 1964, quando foi para João Pessoa, transferindo-se para a UFPB.²⁹⁰ Nesses anos, os debates em torno do Serviço Social se pautavam na atuação conjunta entre o Estado e as assistentes sociais, as quais deveriam auxiliar na construção de projetos e políticas públicas para o desenvolvimento nacional.²⁹¹ Em meio a tais discussões, Luíza foi mandada para um período de estágio de intervenção no bairro do Cordão Encarnado, na periferia de João Pessoa, onde trabalhou até 1966, quando se formou.

²⁸⁷ ENGLER, Isabel. *A primeira prefeita brasileira Alzira Soriano: o poder político coronelístico*, Lages/RN, 1928. Monografia (Graduação) – Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Departamento de História. Chapecó, 2019.

²⁸⁸ Breves informações sobre a prefeita podem ser encontradas no livro: OLIVEIRA, Elton Soares; FERNANDES, Maria Cláudia; CARVALHO, Gláucia Garcia de; OMAR, Elmi El Hage; PRÉZIA, Benedito Antonio Genofre; SATO, Sandra Emi; QUEIROZ, William de; ANDRADE, Márcio Roberto Magalhães de; OLIVEIRA, Antonio Manoel dos Santos; OLIVEIRA, Lúcia de Jesus Cardoso; BARROS, Edson José de; PINHEIRO, José Elmano de Medeiros; JULIANI, Caetano; PORTO, Vagner Cavalheiro (orgs.). *Conto, canto e encanto com a minha História: Guarulhos, espaço de muitos povos*. São Paulo: Noovha América, 2008. Ainda há o site oficial da prefeitura de Guarulhos. (PREFEITURA Municipal de Guarulhos. Governantes. Página Virtual. Disponível em: http://www.guarulhos.org/governantes_p.php Acesso: 21/01/2021 às 01:34 hrs.) Na falta de referências mais aprofundadas, fica a sugestão de estudar a trajetória e a breve gestão de Dulce Insuelo Macedo à frente da cidade.

²⁸⁹ RABAY, Glória; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; SILVA, Lucimeiry Batista da. *As prefeitas paraibanas de 2013 a 2016. Fazendo Gênero 10*. Florianópolis, 10 a 20 de setembro de 2013.

²⁹⁰ SOUSA, Luiza Erundina de. Op Cit, 2002.

²⁹¹ IAMAMOTO, Marilda Villela; DE CARVALHO, Raul. Op Cit, 2006.

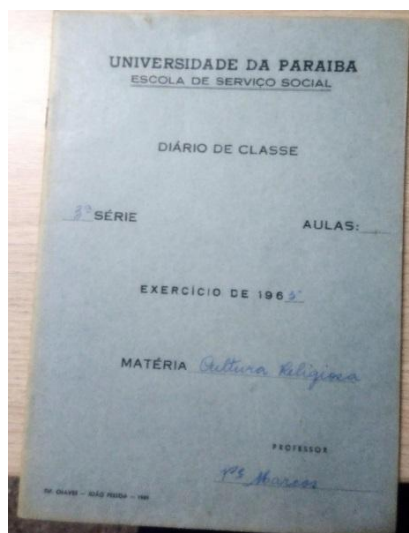
Em um momento de reformulações teóricas da área de Serviço Social, o Movimento de Reconceituação²⁹² buscava uma intervenção crítica nos problemas sociais com o intuito de mobilizar e conscientizar o público atendido para sanar sua exclusão pela base, opondo-se à proximidade com religiosos e ao modelo assistencialista defendido por parte de seus quadros.²⁹³ Contudo, não podemos tomar essa ruptura como algo total, mas que gradativamente foi implantada nos cursos espalhados pelo país. Os clérigos se faziam presentes no cotidiano dessas estagiárias; no caso de Luíza, o contato com as paróquias do Cordão Encarnado serviu de ferramenta para a construção de laços com os moradores da região. Além do mais, na Escola de Serviço Social da UFPB havia a disciplina de Cultura Religiosa, ministrada pelo Padre Marcos no ano de 1965²⁹⁴ (quando Luíza realizou o curso) e a coordenadora do curso era a Madre Maria Franklin de Andrade (freira). Por outro lado, notamos que entre 1964 e 1965 foram ministradas disciplinas de Psiquiatria e Psicologia, além de noções de Sociologia, Economia, Direito e Saúde Coletiva.²⁹⁵ Essas cadeiras já estavam presentes na grade do curso de Serviço Social quando nossa personagem nele ingressou, mas vale lembrar que algumas reformas podem ter sido realizadas naqueles anos, fazendo com que certos conhecimentos técnicos e científicos conseguissem mais espaço na formação dessas profissionais.

²⁹² Como analisaremos melhor no segundo capítulo, o Movimento de Reconceituação surgiu na América Latina na década de 1960 e, em meio à repressão e silenciamentos no caso brasileiro, ganhou espaço dentro de ambientes acadêmicos e entre profissionais do Serviço Social. Sobre isso podemos citar: CARNEIRO, Kássia Karise Carvalho, GONÇALVES, Claudionora Fonseca, VIANA, Beatriz Borges. O movimento de Reconceituação do Serviço Social e seu reflexo no exercício profissional na contemporaneidade. *Seminário Nacional de Serviço Social, trabalho e política social*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, de 27 a 29 de novembro de 2015. SILVA, Anália Barbosa, Silva Diego Tabosa, SOUZA JUNIOR, Luiz Carlos. Op Cit, 2016.

²⁹³ SILVA, Anália Barbosa, Silva Diego Tabosa, SOUZA JUNIOR, Luiz Carlos. Op Cit, 2016.

²⁹⁴ UNIVERSIDADE da Paraíba. Escola de Serviço Social. Diário de Classe. 3ª série. Ano de 1965. João Pessoa: Arquivo do CCHLA, Fundo Escola de Serviço Social.

²⁹⁵ UNIVERSIDADE da Paraíba. Escola de Serviço Social. Notas dos trabalhos escritos na 3ª série. 1964 e 1965. João Pessoa: Arquivo do CCHLA, Fundo Escola de Serviço Social.



UNIVERSIDADE da Paraíba. Escola de Serviço Social. Diário de Classe. 3ª série. Ano de 1965. João Pessoa: Arquivo do CCHLA, Fundo Escola de Serviço Social.

Em meio a esses debates, Luíza se mudou para São Paulo em 1968 e iniciou seu mestrado na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP – SP), defendendo, em 1969, uma dissertação intitulada *Integração em Serviço Social*, a qual teve por objetivo: “contribuir, embora modestamente, no esforço que vem sendo empreendido na busca de uma nova abordagem para o Serviço Social, de forma a atualizar sua metodologia e a desenvolver seu caráter científico”.²⁹⁶

Apontando para a necessidade de uma atuação conjunta entre a (o) assistente social e o público atendido, Luíza define sua área como ciência, provavelmente com o intuito de se afastar de uma perspectiva apostolar da profissão. A mestrande ainda se utilizou de um número expressivo de autores da psicologia/psicanálise para refletir sobre a construção das relações sociais, buscando uma leitura aprofundada daquilo que considerava pertinente e dialogando com as ciências biológicas e sociais. Segundo Marilda Yamamoto e Raul de Carvalho,²⁹⁷ nos anos 1960 muitos assistentes sociais passaram a se pautar na Psicologia Social para interpretar os problemas com os quais teriam de lidar, o que provavelmente auxiliou na construção dos repertórios de Luíza. Tais referências ainda serviram posteriormente para interpretar o início de sua carreira acadêmica:

(...) a questão política estava posta com muita força. E aí houve um conflito porque a gente às vezes sabia mais do que alguns dos professores. Sabia mais no sentido das questões que estavam postas na realidade, ali, naquele

²⁹⁶ SOUSA, Luíza Erundina de. *Integração em Serviço Social*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP – SP). São Paulo, 1969. p. 2.

²⁹⁷ IAMAMOTO, Marilda Villela; DE CARVALHO, Raul. *Op Cit*, 2006.

momento (...). Havia esse conflito entre uma geração que estava crescendo a partir de outras referências, de outros compromissos, de outra visão de mundo, de sociedade, e com um curso, no caso de João Pessoa, que era mais antigo, com uma marca religiosa muito forte (...). O Serviço Social tem uma marca feminina muito forte, é predominantemente constituído de mulheres. E tinha um rapaz que queria fazer o curso de serviço social. Aquilo foi motivo de um grande conflito, porque nós éramos favoráveis e na faculdade, aí no caso em Campina Grande, as religiosas resistiam à entrada dele. (...)

As outras tinham 25, 27 anos. Mas agora eu percebo que eu era diferenciada porque era uma pessoa que amadureceu muito cedo. Não fui uma pessoa que viveu a adolescência, que tive momentos assim.²⁹⁸

Luíza se utiliza da perspectiva do Movimento de Reconceituação para entender o período de sua graduação. Para tanto, ela diz que buscou uma atuação engajada no trabalho com moradores de bairros da periferia e do campo. Contando-se por meio dessa ótica, ela cita um caso no qual um homem queria entrar no curso de Serviço Social da UFPB, mas que, ao sofrer resistência em seu intento, teve o apoio dela e de outras estudantes. De fato, não havia homens na turma de Luíza, a qual era composta por quatorze estudantes no ano de 1965.²⁹⁹ Em 1966, eram doze formandas, incluindo nossa personagem.³⁰⁰ Devemos lembrar que o serviço social e outras áreas (como a enfermagem ou a educação básica) possuíam uma quantidade expressiva de mulheres, pois eram classificadas segundo o imaginário social corrente como adequadas para elas devido à sua *solicitude natural*.³⁰¹ De acordo com Flávia Biroli, o trabalho feminino foi pautado pela reprodução da divisão sexual de tarefas em diferentes esferas da sociedade, como nos cuidados às crianças, idosos, doentes e os mais pobres. Contudo, a autora diz que, apesar de serem postas na assistência de outras pessoas, esse direito seria negado às mulheres no que diz respeito à saúde e previdência, reforçando mais uma vez as

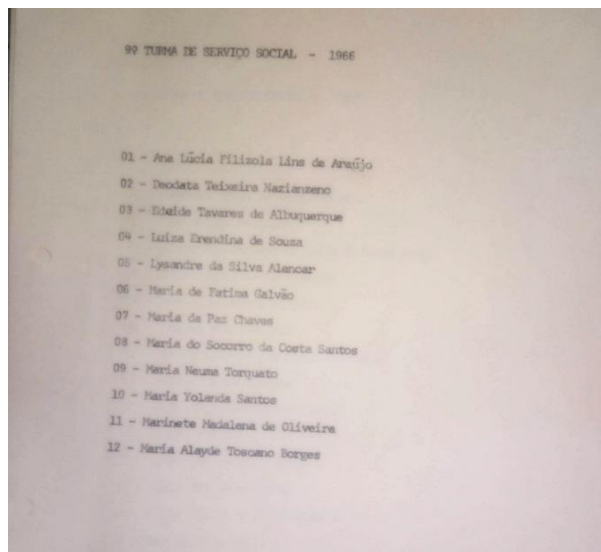
²⁹⁸ SOUSA, Luiza Erundina de. *Luiza Erundina (depoimento, 2001)*. Rio de Janeiro, CPDOC/Ministério da Previdência e Assistência Social – Secretaria de Estado de Assistência Social, 2002.

²⁹⁹ Esses dados podem ser verificados nas seguintes fontes: UNIVERSIDADE da Paraíba. Escola de Serviço Social. Notas dos trabalhos escritos na 3ª série. 1964 e 1965.; Diários de Classe; Listas de Chamada e Lista de Formandas do ano de 1966. Todas disponíveis no Arquivo do CCHLA, Fundo Escola de Serviço Social.

³⁰⁰ Universidade da Paraíba. Escola de Serviço Social. Lista de Formandas do ano de 1966. João Pessoa: Arquivo do CCHLA, Fundo Escola de Serviço Social.

³⁰¹ Elisabeth Badinter atenta para o fato de que a associação entre maternidade e feminilidade era apoiada na ideia de que as mulheres seriam portadoras de uma *solicitude natural*, ou seja, de uma tendência em cuidar ou auxiliar as pessoas à sua volta. Nesse sentido, podemos analisar como certas profissões eram vistas como *coisa de mulher*, pois necessitariam, segundo essa mesma concepção, de alguém sensível para melhor atender a determinados públicos, como crianças, doentes ou sujeitos com vulnerabilidade social (BADINTER, Elisabeth. Op Cit. 2011.).

desigualdades de gênero.³⁰² As possibilidades abertas a Luíza seriam afetadas por essa percepção.



UNIVERSIDADE da Paraíba. Escola de Serviço Social. Lista de Formandas do ano de 1966. João Pessoa: Arquivo do CCHLA, Fundo Escola de Serviço Social.

Como seus repertórios bebiam de diferentes fontes, algumas inclusive opostas, a percepção de Luíza não pode ser entendida como homogênea. Sendo assim, apesar do tom acadêmico de sua dissertação, a religiosidade não deixa de surgir em seu texto: “O Serviço Social como disciplina científica corresponde a uma nova atitude face aos „males sociais“ que constituem sempre objeto de preocupação na convivência humana inspirada na solidariedade e fraternidade cristãs.”³⁰³ O conceito de integração utilizado na pesquisa se refere ao trabalho conjunto de profissionais de diferentes áreas, os quais deveriam partir de uma escala micro (individual e familiar) para pensar o crescimento social do todo (comunitário e nacional). Já a ideia de desenvolvimento permeava os imaginários e debates do seu campo de atuação,³⁰⁴ e igualmente não deixa de ter destaque na dissertação de Luíza:

Portanto, este último nível de integração [programas, setores e áreas de atuação] parte do conceito de desenvolvimento como processo integral que compreende o planejamento social, abrangendo vários setores que se desenvolvem através de atividades programadas em projetos integrados, do qual o Serviço Social participa com seus instrumentos de análise e técnicas operacionais.³⁰⁵

³⁰² BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018. p. 54.

³⁰³ SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit, 1969. p. 11.

³⁰⁴ IAMAMOTO, Marilda Villela; DE CARVALHO, Raul. Op Cit, 2006.

³⁰⁵ SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit, 1969. p. 29.

A integração neste caso se refere ao trabalho em conjunto de projetos de nível regional e nacional. Buscando observar problemas específicos, Luíza tinha o intuito de contribuir com algo maior. Assim, ela ressalta a importância do saneamento de problemas morais entre as famílias atendidas e mostra os planos realizados para a melhora no convívio dessas pessoas. Dentre as atividades realizadas, a defesa de valores cívicos foi apresentada como estratégia para a construção de relações harmônicas entre os moradores do bairro do Cordão Encarnado (João Pessoa – PB): “Visando incentivar, entre os comunitários, o sentimento patriótico, promovemos, no dia 4 de setembro, em comemoração à „Semana da Pátria“, uma „Tarde Cívica“.”³⁰⁶ Como nossa personagem se escolarizou em um período em que a matéria de Educação Moral e Cívica era obrigatória (1937 – 1946),³⁰⁷ parte de seus repertórios foi moldado a partir de noções que valorizavam a pátria e reforçavam a união de seus integrantes.

A maternidade também foi exaltada em suas atividades, a partir, por exemplo, da realização de um “Concurso da mãe mais idosa, da mais jovem e da mãe com maior número de filhos.”³⁰⁸ Analisando as mulheres de uma cidade do sertão nordestino, Vânia Vasconcelos mostra que esse projeto de ter filhos é valorizado em uma parcela das entrevistas realizadas por ela e afirma que esse sentimento começou a ser construído no século XVIII. Desde essa perspectiva, as mães deveriam se resignar ao cuidado com os filhos e sua imagem remeteria à santidade do ato de poder gerar outras vidas, tendo o Dia das Mães como uma representação importante dessas ideias.³⁰⁹ Como Luíza viveu em um grupo que partilhava desses imaginários, certamente absorveu várias dessas referências, o que poderia aparecer na forma como realizava o seu trabalho.

Desconfiando de linearidades harmônicas e atributos tidos como naturais, lembramos que a Luíza que trabalhou no Cordão Encarnado não tinha as mesmas experiências que aquela que recorda posteriormente. Além do mais, suas percepções sobre a sociedade possuem diferentes camadas espaço-temporais. Sendo assim, lembramos que a Luíza que escreveu a dissertação acumulava experiências e repertórios como professora, vendedora, assessora, secretária municipal e assistente social, e aquela

³⁰⁶ Idem. p. 66.

³⁰⁷ CUNHA, Luiz Antônio. Sintonia oscilante: religião, moral e civismo no Brasil-1931/1997. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 131, p. 285-302, 2007.

³⁰⁸ SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit, 1969. p. 53.

³⁰⁹ VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Op Cit, 2006. p. 98.

que relata olhava para o passado a partir daquilo que viveu como sindicalista, parlamentar e prefeita.

Titulada Mestra em Ciências, Luíza retornou à João Pessoa em 1970, quando buscou se inserir no meio acadêmico e prestou concurso para trabalhar no INPS, mas teve seus planos frustrados por censuras e ameaças, como veremos mais detidamente no próximo capítulo. Decidindo voltar a São Paulo, ela se instalou na Saúde (Zona Sul), bairro de classe média da capital paulista. Com um tom de angústia, Luíza narra aqueles dias em uma entrevista realizada para professoras da FGV em 2001:

– (...). Eu fui trabalhar (...). Só que eles me colocaram num órgão de contabilidade, para fazer cálculos custo-benefício, embora eu estivesse bem classificada no concurso (...). E me lembro que me obrigavam a fazer cálculos, a fazer horas extras fazendo cálculos de serviços. Era uma agonia!

São Paulo fazia muito mais frio do que faz hoje e eu não tinha roupa adequada.

Embora eu já conhecesse Recife, era outra coisa. E eu não estava disposta a viver ali. Aí fiz o concurso para a prefeitura de São Paulo (...). Fui trabalhar nas favelas e aí foi fantástico, porque fui trabalhar com aquela população, com o povo que vinha do campo (...). Grandes levas de pessoas começaram a migrar para os grandes centros urbanos, principalmente para São Paulo, e eu fui trabalhar nas favelas. Não eram exatamente as mesmas pessoas, mas era o público com quem eu trabalhei na luta pela terra no campo. Quando cheguei, encontrei o mesmo povo lutando por um pedaço de chão para morar. (...) ³¹⁰

Luíza constrói uma linha de sentido entre a militância na Paraíba e a atuação em São Paulo. Identificando-se como trabalhadora e nordestina, ela percebe a sua atividade como algo contínuo. Ao partir definitivamente para São Paulo (1971), seu capital acadêmico não impedia que ela deixasse de sofrer discriminação pela sua origem. A Luíza que possuía algumas possibilidades de inserção na Paraíba por ser loira agora era vista genericamente como migrante por muitos de seus vizinhos. Como analisaremos melhor no terceiro capítulo, esses preconceitos foram reforçados pela imprensa paulistana no momento em que nossa personagem se tornou prefeita. Como analisa Lia Vainer Schucmann, ³¹¹ nas escalas de branquitude da sociedade paulista, a (o) trabalhadora (or) nordestina (o) teria menos abertura para se inserir do que pessoas brancas descendentes de europeus. Mesmo assim, em termos genéricos, ela ainda possuiria, em termos genéricos, potencialmente menos barreiras para ascender que

³¹⁰ SOUSA, Luiza Erundina de. *Luiza Erundina (depoimento, 2001)*. Rio de Janeiro, CPDOC/Ministério da Previdência e Assistência Social – Secretaria de Estado de Assistência Social, 2002.

³¹¹ SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

mulheres e homens negros. Por fim, o capital acadêmico poderia servir como estratégia de defesa frente às repressões e preconceitos, ou mesmo como maneira de ganhar reconhecimento para adentrar em certos espaços, o que nossa personagem não explicita em suas memórias, mas não deixa de ser plausível quando observamos sua trajetória.

Como funcionária administrativa, Luíza somente atuou como assistente social depois de ingressar no funcionalismo municipal paulistano. Assim, foi designada para trabalhar em Guaianazes (extremo da Zona Leste) e em favelas próximas à Vila Maria (Zona Norte). Em 1973 conseguiu emprego também nas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU),³¹² onde lecionou no curso de Serviço Social e permaneceu no posto até 1982, quando foi demitida devido à sua atividade política. Em um relato, ela recorda que:

– Nesse tempo [1978/1979], eu lecionava nas FMU – Faculdades Metropolitanas Unidas – como assistente social. Era uma faculdade particular, que cresceu muito a partir da vinculação com o regime militar, e nós fazíamos uma resistência lá dentro. Lembro-me que, a cada ano, os estudantes me convidavam para ser paraninfa, e meus discursos eram gravados. Em seguida, eu era chamada na diretoria para explicar meus discursos. E os estudantes – era uma faculdade particular, eles pagavam – antes do final do ano, faziam um abaixo assinado exigindo a minha volta no ano seguinte, porque eles sabiam que se eles não fizessem isso, se não me sustentassem, eles me demitiriam. Então, todo ano, eles faziam isso. Quando foi em 1982, quando me elegei vereadora pelo PT, depois de nove anos de trabalho nas FMU, fui demitida.³¹³

A militância perpassa toda a memória de Luíza. Percebendo-se por esse viés, ela entende que a atuação com os moradores das periferias e a sua atividade docente eram parte de um projeto maior de intervenção e transformação social. Por outro lado, devemos lembrar que as suas experiências anteriores na docência, sobretudo na UFPB, lhe conferiram capital intelectual para conseguir esse emprego. A preservação de tal posto, segundo ela, contou com o auxílio de parte dos (as) estudantes (as) da FMU, os (as) quais negociavam suas pautas por meio de pressão financeira, já que se tratava de uma instituição privada de ensino. Além do mais, é interessante observar que a demissão de Luíza ocorreu somente após ela se eleger para um cargo eletivo por um partido de esquerda. Isso se deu anos depois dela iniciar sua atividade sindical e provavelmente aconteceu pelo fato de a entrada no PT ter representado para a instituição a confirmação do seu apoio a projetos e teses contestadoras das relações de

³¹² SOUSA, Luiza Erundina de. *Luiza Erundina (depoimento, 2001)*. Rio de Janeiro, CPDOC/Ministério da Previdência e Assistência Social – Secretaria de Estado de Assistência Social, 2002.

³¹³ Idem.

trabalho vigentes. Após se desligar (ou ser desligada) desses postos, Erundina atuou em cargos eletivos de 1982 até 1993. Ao longo desse período, foi vereadora, deputada estadual e prefeita, sem deixar de circular entre acadêmicos (as) e profissionais do Serviço Social, o que será analisado mais detidamente no terceiro capítulo desta tese. Por enquanto, vamos tratar da trajetória de nossa última, mas não menos importante, personagem.

Uma mulher, três nomes: Irma Rossetto Passoni

De Irma Rossetto (1943 – 1965) à Irmã Angélica (1965 – 1971)

Eu sou de Concórdia, Santa Catarina, minha família era de comerciantes. Vim para São Paulo em 1959; estudei num colégio que hoje se chama Instituto Beatíssima Virgem Maria. A congregação que mantém esse nome foi fundada por Mary Ward, na Inglaterra, uma religiosa que não se dedicava à clausura, mas sim à educação. Fui religiosa até 1971. Sou formada em pedagogia – a propósito, fui aluna de Dom Luciano Mendes, que faleceu ontem – e atuei sempre na educação. Comecei lecionando no Instituto Beatíssima Virgem Maria, no bairro do Brooklin, na cidade de São Paulo, em 1972, 1973 e depois, como concursada, lecionei na rede estadual de educação de São Paulo. Também tenho especialização na área de administração e treinamento de pessoal, recursos humanos. Trabalhei dois anos em empresas privadas na área de treinamento de pessoal. Inicialmente junto a uma empresa prestadora de serviços, multinacional, depois na Clínica Infantil do Ipiranga e no Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo, em treinamento e capacitação de pessoas na área de desinfecção hospitalar. Em 1975, por aí, eu voltei para a educação pública do Estado de São Paulo, como professora concursada...

Vamos voltar um pouquinho. Como foi o nascimento de sua vocação religiosa?

Eu vim de Santa Catarina para estudar e ingressei na vida religiosa propriamente dita em 1965. Nesse período, participei de um curso superior de Pastoral Catequética, que incluiu estudos aprofundados de todos os documentos desde o Concílio Vaticano II: documentos da Conferência de Medellín, documentos dos bispos do Brasil, Estudos Bíblicos, etc. Tais estudos nos levaram a uma revisão do ponto de vista do compromisso da Igreja com a sociedade. Até então mantínhamos aquela visão da Igreja intramuros, voltada para os interesses só da religião e da salvação eterna. Esses documentos marcaram muito minha formação e atuação durante o curso de Juniorato Intercongregacional, na rua Caio Prado, em São Paulo, na época Colégio Des Oiseaux. Esses cursos eram marcados de compromisso de fé e engajamento social muito forte. A partir daí, formatamos o processo da construção das comunidades de base no Brasil. Nesse período, participávamos de toda a resistência à ditadura militar de forma organizada. Primeiro, buscamos entender, compreender o que estava acontecendo no país. Essa análise de conjuntura era feita com religiosos, leigos, etc. Depois, tínhamos uma ação voltada para a organização das comunidades, em dois

vieses: um deles era a educação popular; o outro a organização do grupo de mulheres em Clubes de Mães. Começamos a fazer alfabetização de adultos pelo Método Paulo Freire, que na época era um método absolutamente proibido. Eu era professora, mas ao mesmo tempo participava da militância nas comunidades.³¹⁴

Irma Rossetto nasceu em 5 de abril de 1943 na cidade de Concórdia – SC.³¹⁵ A entrevista acima foi concedida a Marieta de Moraes Ferreira e Alexandre Fortes³¹⁶ e trata rapidamente de sua origem regional e da condição socioeconômica de sua família (comerciantes). Antes de iniciarmos nossa análise, vamos atentar para um detalhe importante: ao contar sua vida, Irma Passoni fala de Irma Rossetto, mas o que isso quer dizer? A mulher que narra é casada e tem dois filhos, mas a que surge em sua memória é solteira e possui apenas o sobrenome de sua linhagem paterna. Obviamente nosso objetivo aqui não é nos restringirmos às mudanças no nome de nossa personagem ou estabelecê-las como marcos estanques em sua trajetória. A ideia neste momento é perceber como tais denominações legais nos ajudam a compreender os caminhos trilhados e os espaços ocupados por ela.

Irma é descendente de migrantes italianos que se instalaram no nordeste do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX. Esse grupo seguiu se deslocando até se fixar no Oeste Catarinense com o apoio de políticas de ocupação territorial desenvolvidas após a Guerra do Contestado (1912 – 1916).³¹⁷ Contudo, nossa personagem não se foca nesses dados e, passando brevemente pela sua origem, direciona o seu relato para a gênese da sua carreira religiosa e política, narrativa esta

³¹⁴ PASSONI, Irma. Entrevista realizada em São Paulo em 28 de agosto de 2006. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre (orgs.). *Muitos caminhos, uma estrela: memórias de militantes do PT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 313 – 314

³¹⁵ Concórdia (com o nome de Queimados) foi fundada em 1927 como um distrito da cidade de Cruzeiro. Em seus primeiros anos, a empresa inglesa *Brasil Railway* contratou Companhias de Desenvolvimento para trazer migrantes de origem europeia para ocupar a região próxima à ferrovia São Paulo-Rio Grande (inaugurada em 1909). O distrito emancipou-se em 1934. Entre 1943 e 1946 pertenceu ao Território Federal do Iguaçu e, após a sua dissolução, voltou a fazer parte do Estado de Santa Catarina. O crescimento da cidade esteve associado, dentre outros fatores, à atividade agropecuária da região, principalmente à produção de carne suína e erva mate. (IBGE. Brasil em Síntese. Página virtual. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/concordia/historico> Acesso: 21/01/2021 às 23:42 hrs.)

³¹⁶ Com o apoio da Fundação Perseu Abramo e do Partido dos Trabalhadores os professores Marieta de Moraes Ferreira e Alexandre Fortes entrevistaram alguns militantes do PT na década de 2000 a fim de narrar suas trajetórias e a história do partido. Foram escolhidas aquelas (es) que participaram de seu ato de criação e que construíram boa parte de sua carreira política na agremiação.

³¹⁷ RENK, Arlene. A colonização do oeste catarinense: as representações dos brasileiros. *Revista Cadernos do Ceom*, v. 19, n. 23, p. 37-72, 2014.

que aparece em outros momentos, como, por exemplo, em uma entrevista realizada para esta pesquisa:

Eu sou Irma Rossetto, Passoni é de casada. Eu nasci em Concórdia, Santa Catarina. Vim pra São Paulo em 1959 para estudar. Eu comecei dois anos depois a atuar na Educação Infantil em um Colégio Particular. Trabalhei ali até 1968. A partir desse ano eu fui para a militância na Igreja Católica. (...) A partir disso (...) eu parti para o suporte de atividades de comunidades que começaram a surgir para além das paróquias, de uma igreja organizada, eram as Comunidades de Base. Eu comecei coordenando a visão catequética de toda a Zona Sul de São Paulo, que concebia desde o Ipiranga, Cidade Ademar, Dutra, Santo Amaro, (...) até a BR-116 em Jujutiba.³¹⁸

Em ambos os relatos, Irma se direciona para o momento em que chegou a São Paulo para estudar, fato este compreendido como o início de sua militância. Como já analisamos neste capítulo, as memórias solidificadas podem auxiliar a compreender quais fatos se tornaram importantes nas lembranças de uma pessoa.³¹⁹ Sendo assim, ao se perceber como uma militante religiosa, Irma provavelmente considera a chegada a São Paulo como um evento essencial para a compreensão de sua trajetória. Contudo, essa memória foi gestada a partir de repertórios acumulados no decorrer de uma vida. É curioso que essa *escrita de si* parta de um momento específico e não da cidade natal ou de sua família, como nos dois outros casos analisados neste capítulo. Apesar de também entender a militância como aquilo que dá liga a sua trajetória, Irma não vê essa atividade como algo herdado de um parente ou como uma consciência surgida da vivência com as desigualdades. Seu *elo mnemônico* se faz por meio de fatores que analisaremos melhor no decorrer desta seção. Assim, respeitando o ponto de vista de nossa personagem, vamos deixar a família Rossetto de lado por um instante e voltar nossa análise para o momento a partir do qual ela começa a contar sua vida.

Ao chegar em São Paulo, no ano de 1959, Irma ingressou em um colégio religioso. Ela estudou (no ginásio, colegial e magistério) até 1963 em um período de efervescência das teses do Concílio Vaticano II e da Teologia da Libertação.³²⁰ Além do

³¹⁸ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de julho de 2016.

³¹⁹ POLLAK, Michael. Op Cit, 1992.

³²⁰ O Concílio Vaticano II ocorreu na cidade do Vaticano entre 1962 e 1965 sob os pontificados de João XXIII (1958 – 1963) e Paulo VI (1963 – 1978). Suas teses defenderam a abertura da Igreja e um diálogo maior com outras religiões, além de buscar uma quebra com o distanciamento entre o clero e os fiéis. Também foi abolida a missa em latim e a obrigatoriedade do uso do véu por mulheres. Seus documentos serviram de base para os debates de religiosos adeptos da Teologia da Libertação (LÖWY, Michael. Cristianismo da Libertação e Marxismo: de 1960 a nossos dias. *História do marxismo no Brasil* – Partidos e movimentos após os anos 1960, v. 6. Campinas: Editora Unicamp, 2007.).

mais, ela se tornou noviça em 1965 (passando a se chamar Irmã Angélica) e participou nos anos seguintes de cursos de formação teológica baseados nesses e em outros eventos, como a Conferência dos Bispos de Medellín.³²¹ Tais ideias, associadas a leituras marxistas, serviriam de apoio para a atuação de religiosos e estudantes que simpatizavam com a renovação clerical daqueles anos,³²² como foi o seu caso e provavelmente de parte de suas colegas de internato. Além do mais, no final da década de 1960 Irmã Angélica atuou no auxílio a presos políticos e no trabalho de base nos bairros.³²³ Com base nessas experiências, ela compreende a sua atuação religiosa como algo indissociável da militância política, o que veremos mais a fundo no próximo capítulo.

Irma estudou inicialmente no Colégio Beatíssima Virgem Maria (IBVM), onde concluiu o *ginásio*. Como a escola não contava com o *colegial*, ela manteve seu vínculo com a instituição trabalhando como professora infantil. O curso *clássico* provavelmente foi concluído no Colégio Nossa Senhora Aparecida,³²⁴ onde Irma realizou o magistério. Logo em seguida, ela se tornou membro da Irmandade de Jesus, ligada aos jesuítas. Mas como esses dados podem nos ajudar a compreender parte dos pontos de vista de nossa personagem? O IBVM foi fundado em 1939 por freiras canadenses que se instalaram na região do Brooklin (Zona Sul de São Paulo) e sua congregação prezava por uma atuação extramuros, o que segue sendo ressaltado pelo Instituto. Em sua apresentação para o público, o colégio escreve que sua *fundadora*, Mary Ward, seria inovadora ao defender um modo de agir que não segregava suas freiras do mundo externo.³²⁵ Contudo, devemos lembrar que essa imagem é delimitada temporalmente e foi repassada para

³²¹ A Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano ocorreu na cidade de Medellín (Colômbia) em 1968. A intenção do encontro foi debater os pontos centrais do Concílio Vaticano II com a presença do papa Paulo VI. Nela ainda se defendeu a aproximação do clero com as camadas populares da sociedade e foram feitas denúncias quanto às opressões sofridas pelos trabalhadores (LÖWY, Michael. Op Cit, 2007.).

³²² LÖWY, Michael. Op Cit, 2007.

³²³ CUBAS, Caroline Jacques. *Do hábito ao ato: vida religiosa feminina ativa no Brasil (1960 – 1985)*. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

³²⁴ O Colégio Nossa Senhora Aparecida foi fundado por freiras da ordem do Espírito Santo no bairro de Moema (Zona Sul de São Paulo) em 1937. Em 1940 construíram uma nova sede no mesmo bairro e em 1947 a escola passou para a gestão das irmãs franciscanas. A instituição funciona até hoje no mesmo local. (CONSA, Colégio Nossa Senhora Aparecida. Página Online. Disponível em: <https://www.consa.com.br/sobre-o-consa/o-colegio/consa-80-anos/> Acesso: 21/01/2021 às 23:42 hrs.)

³²⁵ A citação direta dos conteúdos da página institucional do IBVM somente pode ocorrer após autorização expressa da direção do colégio, o qual é uma instituição privada. Para quem quiser consultar, segue o endereço: IBVM. A fundadora. <https://www.iebvm.g12.br/index.php/a-escola/a-instituicao/fundadora> Acesso: 21/01/2021 às 23:42 hrs.

suas internas em diferentes momentos, o que provavelmente não deixou de ser internalizado por Irma Rossetto/Irmã Angélica durante sua carreira escolar e religiosa. Essa representação pode, inclusive, ter influenciado na maneira como as freiras da Congregação de Jesus interpretavam os textos canônicos e a forma de atuar na sociedade.

Irma entrou no IBVM com o objetivo de dar prosseguimento aos seus estudos e devido àquilo que lhe foi possível naquele momento. Lembrando que sua família contava com certo capital econômico e que sua irmã mais velha já havia se mudado para São Paulo, nossa personagem pôde ingressar em uma instituição privada que atendia às camadas médias da capital paulista. Sobre sua estadia naquela escola, Rossetto diz em uma entrevista cedida para esta pesquisa que:

Elas [as freiras] nos deram suporte para começar o trabalho no Jardim Santa Margarida. Então nós trabalhávamos, fazíamos a limpeza do Colégio pela manhã, na hora do almoço e à noite. Ao mesmo tempo, estudávamos de manhã e trabalhávamos à tarde. Inicialmente auxiliamos em uma sala de aula de crianças pequenas. Depois eu fui professora no colegial. (...)

Eu não cheguei até os votos perpétuos (...) lá elas apoiavam a nossa saída: eu, a Verônica, a Lúcia e mais uma ex-religiosa que era enfermeira, (...) fomos morar no bairro de Santa Margarida (...). Então dissemos: “nós nos desligamos”. Porque o trabalho Pastoral que estávamos fazendo era muito mais importante naquele momento, apesar do colégio ser moderno. A religiosa que fundou era Mary Ward, da Inglaterra, e a nossa congregação não era de clausura. Era uma escola para pessoas mais selecionadas. E nós dizíamos: “Mas aqui a gente não gasta nem a sola do sapato.”

Era assim: o trabalho compensava o estudo e a estadia no Colégio. Quando fomos para o bairro eu realizei um Concurso Público.³²⁶

Irma entrou no colégio religioso como Rossetto, mas, em 1965, se tornou Irmã Angélica. Após conseguir se mudar para São Paulo, ela teve que trabalhar para pagar seus estudos, o que inclusive reconhece ao atentar para o caráter elitista da instituição. Entretanto, essa memória foi construída no seu cotidiano e após a religiosa participar de discussões que defendiam a aproximação do clero com as camadas populares. Como se trata de um relato de memória, seu contato posterior com militantes de esquerda certamente lhe conferiu algumas referências para organizar suas lembranças.

Ainda, devemos levar em consideração como alguns fatos interferiram na trajetória de Irma. No período de sua chegada, a arquidiocese de São Paulo era gerida

³²⁶ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de fevereiro de 2018.

por Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta,³²⁷ mais próximo de uma leitura conservadora dos textos bíblicos. Em 1964 ele foi substituído por Dom Agnelo Rossi,³²⁸ o qual seguia a mesma perspectiva teológica. Todavia, a cidade se expandia para as Zonas Sul e Leste e a mitra foi dividida em oito regiões episcopais, cada qual gerida por um bispo auxiliar, alguns deles com uma postura distinta de Rossi, como era o caso de Dom Mauro Morelli, responsável pela área sul. Próximo das discussões do Concílio Vaticano II, ele abria a possibilidade para que religiosas (os) atuassem com mais proximidade dos (as) moradores (as) de bairros da periferia paulistana.³²⁹ Assim, Irmã Angélica se direcionou, junto de outras freiras, para a comunidade recentemente instalada no extremo sul da cidade e lá passou a atuar. De acordo com Thiago Nunes Monteiro, o bairro de Vila Remo e toda a região do Jardim Ângela, Capão Redondo e Campo Limpo (Zona Sul de São Paulo) começaram a ser povoadas na década de 1960. Atentos ao crescimento da região, setores da Igreja passaram a ver a necessidade de se fixar ali para catequizar seus moradores.³³⁰

Como dito anteriormente, Rossetto realizou o seu magistério no Colégio Nossa Senhora Aparecida, no bairro de Moema (Zona Sul de São Paulo). Sua inserção nessa escola católica ocorreu talvez pela sua proximidade com as religiosas do IBVM, o que pode ter influído para que realizasse cursos de formação no Colégio *Des Oiseaux*,³³¹

³²⁷ Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta (1890 – 1982) nasceu em Bom Jesus do Amparo – MG e iniciou sua carreira religiosa em 1914. Tornou-se bispo em 1932 e em 1935 foi nomeado arcebispo de São Luís – MA. Em 1944 foi designado para comandar a arquidiocese de São Paulo, permanecendo no cargo até 1964, quando se tornou arcebispo de Aparecida – SP. Participou da fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 1952 e inaugurou a nova Catedral da Sé (Centro de São Paulo), em 1954. Permaneceu à frente da arquidiocese de Aparecida até falecer (S/A. Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta. Arquidiocese de São Paulo. Disponível em: <http://www.arquisp.org.br/historia/dos-bispos-e-arcebispos/bispos-diocesanos/cardeal-dom-carlos-carmelo-de-vasconcelos-motta> Acesso: 21/01/2021 às 23:42 hrs.).

³²⁸ Dom Agnelo Rossi (1913 – 1995) nasceu em Campinas - SP e entrou para o seminário em 1926. Tornou-se bispo em 1956 e foi nomeado arcebispo de São Paulo em 1964, permanecendo no cargo até 1970. Exerceu atividades no Vaticano entre 1970 e 1984 e foi nomeado decano do colégio de cardeais, renunciando ao cargo em 1993. Faleceu em Indaiatuba-SP (S/A. Dom Agnelo Rossi. Arquidiocese de São Paulo. Disponível em: <http://www.arquisp.org.br/historia/dos-bispos-e-arcebispos/arcebispos/dom-agnelo-cardeal-rossi> Acesso: 21/01/2021 às 23:42 hrs.).

³²⁹ MONTEIRO, Thiago William Nunes. *'Como pode um povo vivo viver nesta carestia': o movimento do custo de vida em São Paulo (1973-1982)*. São Paulo: Humanitas, 2017. p. 66 – 67.

³³⁰ Idem.

³³¹ O Colégio Des Oiseaux foi fundado pelas cônegas de Santo Agostinho em 1907, no bairro da Consolação (Centro de São Paulo). Era destinado a meninas de elite e permaneceu como escola feminina até 1969, quando encerrou suas atividades. O prédio foi demolido em 1974, mas seu jardim permanece até hoje, sendo centro de disputas entre empresas imobiliárias e movimentos sociais que pedem a criação no local do Parque Augusta (BATISTA, Liz. Era uma vez em SP... Colégio Des Oiseaux. O Estado de São Paulo. 29 de maio de 2015. Disponível em:

(bairro da Consolação, Centro de São Paulo). Essa escola feminina atendia às elites e era gerida por religiosas, mas era investigada por ter muitos de seus quadros envolvidos com as oposições ao regime autoritário.³³² Tal fator pode ter contribuído para o contato de nossa personagem com certos debates e militantes. Em suas lembranças ela diz:

– *E nessa época foi a família que optou em te enviar para São Paulo ou a senhora tinha algum plano?*

– Eu acho que foi uma circunstância muito especial. Minha irmã já tinha vindo e eu fiz o mesmo. Depois ela foi para Curitiba e eu permaneci em São Paulo (...). No *Des Oiseaux* fazíamos o curso superior de Pastoral. Chamava-se ISPAC, Instituto Superior de Pastoral Catequética. Ali estudamos as teses do Concílio Vaticano II. O curso se voltava para uma atualização teológica (a Teologia da Libertação). Foi nesse período que eu me desliguei da Congregação. (...)

Eu fiz o curso normal no Colégio Nossa Senhora Aparecida de Moema. E cursei Pedagogia no Colégio São Luiz que era uma faculdade sob a supervisão da USP.³³³

Como já mencionamos nesta seção, sua entrada no Colégio Beatíssima foi possibilitada, dentre outros fatores, pela presença de sua irmã mais velha em São Paulo. Além do mais, o Instituto possuía estreitas relações com os jesuítas, o que pode tê-la auxiliado a ingressar na Faculdade Nossa Senhora Medianeira (instalada no Colégio São Luiz, bairro de Higienópolis, Centro), a qual também tinha vínculos com a Companhia de Jesus.

De toda maneira, tanto no relato realizado para Marieta Moraes e Alexandre Fortes, quanto no que concedeu para esta pesquisa, Irma parte de seu trabalho e sua carreira religiosa para iniciar a reflexão sobre sua trajetória. Nesse ponto de vista, a escola, a igreja, as CEBs e a militância surgem como fatores interligados, o que talvez seja fruto, entre outros fatores, de seu contato com textos da Teologia da Libertação no período em que estudou no IBVM e no Colégio São Luiz. A ida ao bairro de Santa Margarida (região de Vila Remo, Zona Sul de São Paulo) se deu após nomeação de Dom Mauro Morelli para a direção da região episcopal sul. Contudo, analisaremos a militância de Irma no próximo capítulo. Por enquanto vamos voltar no tempo e retornar à questão posta no início desta seção: a origem familiar da personagem.

<http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,era-uma-vez-em-sp-colegio-des-oiseaux-,11116,0.htm>

Acesso: 21/01/2021 às 23:42 hrs.).

³³² CUBAS, Caroline Jacques. Op Cit, 2014.

³³³ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 6 de fevereiro de 2019.

A família Rossetto

Como dito anteriormente, a família Slongo-Rossetto era de origem italiana. Os pais de Irma eram brasileiros, mas seus avós eram migrantes. O pai, Jady Rossetto (1917 – 1989), nasceu em Guaporé – RS e a mãe, Teresa Slongo Rossetto (1919 – 1990), em Lagoa Vermelha – RS. Irma era a terceira de sete filhos e a segunda mulher dentre os descendentes do casal. Porém, por que a família da nossa personagem não vivia mais no Rio Grande do Sul, mas em Santa Catarina? Podemos levantar algumas hipóteses. De acordo com Arlene Renk, parte dos colonos eram remanejados do interior gaúcho para o Oeste Catarinense com o objetivo de aumentar a densidade populacional da região.³³⁴ Por outro lado, não eram todos que eram levados para esses territórios e tampouco ele era desocupado, pois ali já trabalhavam ervateiros que viviam da agricultura de subsistência.³³⁵ A ideia das companhias de colonização e do Estado era branquear aquele espaço trazendo trabalhadoras (es) europeias (eus), vistas (os) como mais adequadas (os) para o desenvolvimento local, o que favoreceria (em parte) a família de Teresa e Jady.

Em meio aos discursos de superioridade da branquitude europeia, a família Slongo-Rossetto provavelmente já contava com certo capital social ao chegar a Concórdia. Assim, enquanto filhos dos chamados *colonos de origem*,³³⁶ eles tinham uma abertura maior para acessar certos espaços. Assim, Irma possuiria um campo de possibilidades maior para se inserir em certos grupos do que aqueles que eram reconhecidos como caboclos. Contudo, não podemos dizer que esse era o único fator, pois grande parte dos migrantes que chegavam ao Brasil já vinham de um histórico de exploração na Europa, o que não seria diferente de suas novas casas.³³⁷ Dessa forma, o razoável capital econômico de sua família seria importante na ampliação do seu campo de possibilidades. Em uma entrevista para esta pesquisa, Irma disse:

³³⁴ RENK, Arlene. Op Cit, 2014.

³³⁵ SILVA, Marcio Antônio Both da. *Por uma lógica camponesa: caboclos e imigrantes na formação do agro do planalto rio-grandense-1850-1900*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

³³⁶ De acordo com Arlene Renk, os migrantes italianos instalados no oeste catarinense eram chamados de colonos de origem. Em contraposição a eles, os trabalhadores de origem local foram denominados como caboclos (RENK, Arlene. Op Cit. 2014.).

³³⁷ Sobre esse assunto, cito: TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1989; BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas: Editora de Unicamp, 2011.

- Meus pais tiveram sete filhos. (...) nós éramos quatro mulheres e três homens.
- *Eles eram comerciantes?*
- Meu pai sempre foi comerciante.
- *Vendia o que?*
- Tudo. Inicialmente eles eram agricultores e depois se mudaram para uma região chamada Castelhana. Havia um senhor que era fugitivo da guerra, ele tinha uma marca de judeu no braço (o que nós nunca entendíamos). [em Castelhana] havia pessoas que vieram da Itália e que possuíam pequenas propriedades.³³⁸

Lembrando que tratamos de um relato de vida, reforçamos que a percepção de Irma não deixa de ser alimentada por uma gama de referências. Um desses repertórios pode vir de lembranças coletivas que entendem a abertura de estradas no Oeste Catarinense como o início do crescimento econômico de Concórdia.³³⁹ Além do mais, Irma se compreende como sujeito de um processo histórico maior, apropriando-se de uma memória histórica para compor suas lembranças pessoais. Por outro lado, a ascensão de sua família certamente diz respeito a um processo maior, pois parte dos colonos recebia terras como incentivo para sua fixação em determinadas regiões.³⁴⁰ Em meio ao processo de ocupação territorial das divisas do Rio Grande do Sul, seus avós provavelmente ganharam terrenos para plantio e com eles acumularam um capital razoável, deixando a possibilidade de seus filhos chegarem em Concórdia anos depois com capitais sociais e econômicos razoáveis. Contudo, é importante ressaltar que a maioria dos migrantes não tinha as mesmas chances, pois seguiram sendo explorados nas fazendas e nas fábricas brasileiras. De acordo com Regina Weber, a imagem de que os colonos *fizeram a América* vem de uma memória gestada posteriormente, a qual generaliza as experiências desses sujeitos por meio de um ideal meritocrático de empreendedorismo. A historiadora, contudo, escreve que muitos dos trabalhadores que enriqueceram já tinham uma quantidade relativa de posses quando se instalaram nas colônias, o que certamente auxiliou no seu posterior crescimento econômico.³⁴¹ Parte

³³⁸ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de fevereiro de 2018.

³³⁹ Em um vídeo institucional, o período posterior à Guerra do Contestado é apresentado como um momento de ascensão econômica da região do Oeste Catarinense. Somado a outros fatores, a abertura de estradas foi fator central no desencadeamento desse processo. S/A. História de Concórdia. Canal Lorenzettel. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cCA3f2bNBw8&t=35s> Acesso: 22/01/2021 às 00:09 hrs. S/A.

³⁴⁰ SILVA, Marcio Antônio Both da. Op Cit. 2004.

³⁴¹ WEBER, Regina. O avanço dos "italianos". *História em revista*. Pelotas, RS. Vol. 10 (dez. 2004), p. 75-94, 2004.

dessas imagens já eram apregoadas desde o século XIX pelos trabalhadores que chegavam da Europa e por um Estado que buscava legitimar a prioridade dessas pessoas na distribuição de terras.³⁴² Tal perspectiva não deixa de influir na fala de Irma:

– Meus pais mudaram [durante a infância de Irma] para Castelhana, distrito de Jaborá, e lá o tiveram uma loja. (...). Então meu pai vendeu tudo [em Castelhana] e foi para Concórdia. Nesse período nós estudamos em Castelhana e minha irmã veio pra São Paulo. Eu fiquei cuidando dos meus irmãos, porque minha mãe ficou muito doente, dois ou três anos extremamente fragilizada, e foi internada em Porto Alegre. Depois, em Concórdia, o meu pai construiu uma grande área de comércio (...). Do oeste catarinense o meu pai foi para o Mato Grosso, onde comprou uma propriedade (...). Ele era visionário, desbravador, uma pessoa muito ousada, trabalhou muito e conseguiu se instalar naquela região quando ela estava começando a se desenvolver, o que foi extremamente difícil, porque precisava desmatar para iniciar a uma nova plantação.³⁴³

A memória de Irma sobre sua família também se volta para o trabalho como valor, o que talvez seja fruto, para além daquilo que seus genitores lhe passaram, do contato que teve com outras memórias sobre a migração em Santa Catarina. De acordo com Márcio Antônio Both da Silva, esses pressupostos eram muitas vezes utilizados para discriminar os trabalhadores de origem local, vistos como mal adaptados ao trabalho e necessitando por isso do contato com o europeu.³⁴⁴ Partindo desses imaginários, a identidade de colono se baseou no contraponto com o habitante local.³⁴⁵ Por outro lado, devemos lembrar que Irma não busca reforçar estereótipos, mas não deixou de ter contato com as mesmas referências de parte dos seus conterrâneos. Nesse sentido, pelo contato posterior com grupos de esquerda e movimentos sociais, Irma desconstruiu teses excludentes, mas não deixou de se apropriar de traços desse dispositivo imagético para dar um sentido para a sua vida. Em sua memória, as atividades comerciais de seu pai são o fio condutor para a compreensão de sua família, mas sua mãe também ganha centralidade em outro momento, o que veremos mais adiante.

Pensando nos campos de possibilidades da família Slongo-Rossetto, devemos lembrar que ela, como parte de uma família de classe média, teve mais possibilidades de se mudar e mesmo de se fixar na região. Apesar das ideias de branqueamento presentes na época, os colonos italianos não deixaram de sofrer com outros problemas, como os

³⁴² SILVA, Marcio Antônio Both da. Op Cit. 2004.

³⁴³ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 6 de fevereiro de 2019.

³⁴⁴ SILVA, Marcio Antônio Both da. Op Cit. 2004.

³⁴⁵ WEBER, Regina. Op Cit. 2004.

deslocamentos recorrentes, a falta de estrutura em alguns assentamentos³⁴⁶ ou mesmo a xenofobia presente em parte da população local. Parte desses fatores aparecem na fala de Irma quando ela narra a chegada de seus ancestrais ao nordeste gaúcho:

– *A senhora sabe em que época seus avós chegaram ao Brasil?*

– Eles vieram naquela leva de italianos [segunda metade do século XIX]. Uma parte dessas pessoas ficou no Espírito Santo, outra em São Paulo e uma última no Rio Grande do Sul. Meus avós foram para o interior gaúcho.

– *Seus pais nasceram no Brasil?*

Sim. Meus avós que migraram da Europa. Meu pai nasceu no Rio Grande do Sul e mudou-se posteriormente para o norte de Santa Catarina. Ele era agricultor (...). Ele perdeu o pai assassinado em conflitos de terra, creio que no Rio Grande do Sul, e então migrou para Concórdia. E eu nasci nesta cidade. Minha mãe nasceu em 1919, o meu pai em 1917.³⁴⁷

A chegada de seus ascendentes ao Rio Grande do Sul deve ter se dado na segunda metade do século XIX. De acordo com Miriam de Oliveira Santos, o governo imperial incentivou a imigração para o nordeste gaúcho com a ideia de preencher espaços considerados vazios, fundando colônias como Caxias. Lembrando que a questão do branqueamento foi uma justificativa importante para a instalação de italianos na região, Santos também escreve que o incentivo à chegada de europeus visou inicialmente substituir a mão-de-obra escrava e trazer tipos tidos como ideais para o campo.³⁴⁸ Já Márcio Both mostra que os conflitos latinos motivaram o deslocamento de grupos populacionais para o local a fim de aumentar as defesas dessas fronteiras, o que se intensificou após 1850 com a chegada dos primeiros grupos de colonos.³⁴⁹

Como Lagoa Vermelha e Guaporé se localizam na região em questão, a instalação dos familiares de Irma nessas cidades certamente era parte desse processo. Além do mais, ela relata que seu avô foi morto em confronto, o que motivou a partida de seu pai para Concórdia. Dentre os diversos problemas decorrentes de uma colonização imposta, muitos conflitos eram desencadeados pela desapropriação de terras,³⁵⁰ o que pode ter sido o caso do familiar de Irma. De toda maneira, no início do século XX, a ideia de ocupar espaços com migrantes (ou seus descendentes) ainda

³⁴⁶ Idem.

³⁴⁷ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 6 de fevereiro de 2019.

³⁴⁸ SANTOS, Miriam de Oliveira. A Imigração Italiana para o Rio Grande do Sul no final do século XIX. *Histórica*. Ano 2, nº 9, Abril de 2006.

³⁴⁹ SILVA, Marcio Antônio Both da. Op Cit. 2004. Miriam Santos ressalta que os povos indígenas não eram consideradas como parte da população nacional. SANTOS, Miriam de Oliveira. Op Cit. 2006.

³⁵⁰ SILVA, Marcio Antônio Both da. Op Cit. 2004.

perdurava, sendo fator para o deslocamento populacional também para o Oeste Catarinense, região que não deixou de ter os seus próprios conflitos.³⁵¹

Outro ponto pertinente é como as relações de gênero interferiam no seu cotidiano familiar. Irma lembra que sua mãe ficou doente durante um período, o que modificou a sua rotina, pois teve de cuidar de seus irmãos mais novos e dos trabalhos domésticos, visto que, com a partida de sua irmã mais velha, ela assumiu o posto de referencial feminino da família. Essa mudança provavelmente não foi sentida da mesma forma pelos homens dos Rossetto, os quais poderiam continuar com seus afazeres no comércio, pois (por serem do sexo masculino) *não precisariam* assumir as tarefas exercidas pela matriarca ou se *focar* no cuidado com a casa. Sobre essa questão ela relatou para o autor deste texto que:

Desde os 7 anos de idade trabalhei no atendimento da loja de meus pais, estudava e atendia as atividades em casa. Minha mãe ficou muito doente e eu cuidava de minha irmã recém-nascida. Só nesta época, com a melhora de minha mãe, a família voltou para Concórdia e eu vim para o Colégio em São Paulo (...).³⁵²

Em uma entrevista realizada posteriormente, ela repete esses fatos e nos traz outras informações:

– Minha mãe ficou doente e o meu irmão, com 14 anos, tinha que dirigir o primeiro caminhão que o meu pai comprou para adquirir produtos agrícolas. Grandes comitivas construíam as estradas naquela região. Em meio a esse processo vendíamos diversos produtos, desde sal até alimentos. Também cozinhávamos para aqueles trabalhadores.³⁵³

Como Gláucia Fraccaro nos alerta, na primeira metade do século XX as mulheres atuavam em diversos postos, mas, como muitos deles não eram reconhecidos pelos censos, acabavam sendo invisibilizadas, criando-se a sensação de que não precisariam sair de casa, pois seriam mantidas por um pai ou marido.³⁵⁴ A proporção da ocupação feminina desses espaços certamente não mudou muito no período em que Irma foi para o balcão de seu pai (década de 1950). Por outro lado, devido à divisão sexual do trabalho,³⁵⁵ seu irmão teria um leque maior de opções e poderia circular em

³⁵¹ RENK, Arlene. Op Cit. 2014.

³⁵² PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de fevereiro de 2018.

³⁵³ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 6 de fevereiro de 2019.

³⁵⁴ FRACCARO, Gláucia. Op Cit, 2018. p. 24.

³⁵⁵ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018. p. 22 – 23.

um caminhão por diferentes cidades, estabelecendo contatos com outros agricultores. Dessa forma, Irma talvez tenha sofrido mais com a doença de sua mãe por ter de representá-la frente aos seus irmãos mais novos, além de exercer tarefas para seu pai, como preparar a comida ou lavar e passar suas roupas. Além do mais, se pensarmos no papel de cuidadora associado à feminilidade,³⁵⁶ Irma, enquanto menina/jovem de classe média, talvez seria vista por vizinhos e conhecidos como a figura feminina da casa, o que lhe trazia responsabilidades e expectativas, interferindo no seu cotidiano naquele momento. Como alerta Flávia Biroli,³⁵⁷ a família foi muitas vezes idealizada, o que silenciava as desigualdades impostas pela reprodução interna de papéis de gênero.

Para além de possíveis angústias pessoais, Irma talvez lembre assim desse momento por entender que enquanto mulher conseguiria cumprir melhor com certas demandas. Questionando essas ideias, Elisabeth Badinter³⁵⁸ escreve que a opção pela maternidade ou a *solicitude feminina* seriam frutos mais de uma pressão social do que de um instinto materno ou um objetivo natural. Devemos também lembrar que o olhar de Irma foi construído a partir dos repertórios com os quais ela teve contato e, igualmente, daquilo com o que ela tinha à disposição naquele momento. Enquanto militante e ex-parlamentar, ela usa a maternidade como um dos elos da sua trajetória, buscando em suas lembranças aquilo que a auxilie a compreender a si mesma, questão que analisaremos melhor no terceiro capítulo.

Entre Concórdia e São Paulo

– *Em que escola que a senhora estudou quando era criança?*

– Escola pública. Professor Piacentini. Nessa época só se falava alemão e italiano na região, mas Getúlio Vargas entrevistou nas escolas, exigiu que se ensinasse português e começou a mandar professores [brasileiros]. Em Castelhana eu estudei a primeira vez nesse local. O professor que deu nome ao colégio era uma pessoa muito especial que migrou para a região e montou a escola.

– *E a senhora estudou lá da primeira série até...*

– Até a quarta.

– *E o ginásio a senhora fez em outro lugar... ?*

³⁵⁶ PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. "Tem que ser uma escolha da mulher!": representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 2, p. 300-306, 2012; BADINTER, Elisabeth. Op Cit. 2011.

³⁵⁷ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018. p. 93.

³⁵⁸ BADINTER, Elisabeth. Op Cit. 2011.

Irma recorda das escolas onde estudou e atenta para a diversidade étnica de sua cidade natal. Apesar do tom harmônico de sua fala, ela reconhece que o Estado interferia na rotina daquelas crianças (e principalmente das que eram filhas de estrangeiros). Mas, como esses fatos interferiram em sua vida? Se pensarmos que nossa personagem nasceu em 1943, ela provavelmente iniciou sua vida escolar em 1950 e não sentiu diretamente o nacionalismo imposto no período do Estado Novo (1937 – 1945), o qual suprimia manifestações estrangeiras e perseguia aqueles que porventura não se assimilassem à brasilidade almejada pelo regime.³⁶⁰ Contudo, essas reformas perduraram após 1945 e deixaram marcas nas memórias de professores e estudantes, o que provavelmente foi transmitido para nossa personagem e seus colegas, visto que muitos deles (as) poderiam ouvir relatos sobre o primeiro período varguista.

Em meio à Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) e à entrada do Brasil ao lado dos Aliados (1942), as comunidades germânicas e italianas se tornaram suspeitas aos olhos dos agentes do DEOPS, pois passaram a ser identificadas como Súditas do Eixo e, logo, inimigas do Brasil.³⁶¹ Nesse processo, muitos grupos e associações recreativas foram fechadas e o uso público de suas línguas foi proibido,³⁶² o que não deixaria de afetar o cotidiano de escolas com uma presença expressiva de filhos de colonos,³⁶³ como era o caso do colégio Professor Piacentini. Vale lembrar que parte dos colonos já era vista com suspeição desde o final do século XIX devido ao seu envolvimento com grupos anarquistas/socialistas. Entretanto, a guerra ampliou a preocupação do Estado, o qual passou a espionar também aqueles que aderiam ao fascismo, bem como outros que

³⁵⁹ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 6 de fevereiro de 2019.

³⁶⁰ COVOLAN, Fernanda Cristina; ALMEIDA, Melissa Pinheiro. Op Cit, 2019.

³⁶¹ FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi. Esquerda e direita: fontes nacionais para a História social. *Métis: história & cultura*, v. 3, n. 5, 2004.

³⁶² COVOLAN, Fernanda Cristina; ALMEIDA, Melissa Pinheiro. Op Cit. 2019. Sobre as associações: BERTONHA, João Fábio. Op Cit, 2010.

³⁶³ Ao estudar os arquivos do Deops-SP, Maria Luíza Tucci Carneiro escreve como as associações étnicas e de lazer italianas foram vigiadas e perseguidas pelo Estado Novo. A partir dessa análise, ela mostra que escolas voltadas para os filhos dos colonos foram fechadas ou sofreram intervenção em sua administração a partir de 1942. Vale lembrar que apesar do artigo tratar do caso paulista, é plausível que essa postura fosse tomada em instituições de outros estados brasileiros (CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. *Tutti Buona Gente! Subversivos de oriem italiana no arquivo do Deops-SP*. In: CARNEIRO, Maria Luíza Tucci; CROCI Federico; FRANZINA Emílio. Op Cit, 2010. p. 180 – 181.).

não tinham envolvimento com atividades políticas.³⁶⁴ Mas, voltando para a nossa análise, Irma, como uma criança do pós-guerra brasileiro, atenta para a presença de refugiados semitas entre os seus vizinhos:

- (...) Jaborá era pequena, mas ali aconteciam coisas interessantes. Havia um pessoal que migrou devido à perseguição aos judeus. Algumas pessoas na comunidade tinham inclusive marcas no braço.
- *E na escola a senhora convivia com pessoas de diferentes origens?*
- Geralmente sim, sem nenhum problema. Todos eram agricultores (...).³⁶⁵

Irma recorda de um oeste catarinense europeu. Como apontado anteriormente, ela lembra de “um senhor que era fugitivo da guerra” que “tinha a marca de judeu no braço”,³⁶⁶ para compreender a diversidade étnica de sua cidade. O enfoque nesse fato provavelmente vem do seu contato com as memórias sobre o antissemitismo na Europa. Mesmo assim, Irma não trata da presença de conflitos entre os habitantes de sua cidade. Contudo, o antissemitismo não era algo que existia somente na Europa, mas envenenava, dentre outros povos, brasileiros “de origem” e colonos,³⁶⁷ como os de Santa Catarina. Irma pode não lembrar dessas discriminações, mas talvez partilhe de uma memória coletiva que se volte para a construção e o desenvolvimento da sua cidade. Além do convívio *pacífico* entre diferentes etnias, sua lembrança se apoia em marcos como a construção de estradas e a instalação de frigoríficos na região de Concórdia:

- [Meus pais] Comercializavam qualquer produto, porque nessa época começaram a abrir estradas na região. Não tinha ligação com o oeste catarinense, tanto que toda a comunicação era com o Rio Grande do Sul. Ali nasceu a Sadia e, a partir disso, foi feita a BR-156, ligando o oeste ao leste do Estado (Florianópolis nunca foi uma grande referência).³⁶⁸

³⁶⁴ Maria Luíza Tucci Carneiro mostra que a polícia já produzia documentação acerca dos *indesejados* pelo menos desde 1889, em geral pela acusação/suspeição de associação a grupos de esquerda. Com a fundação do Deops em 1924 essa perseguição foi intensificada. Contudo, os grupos de italianos fascistas somente passaram a ser espionados em 1938 (após o alinhamento da Itália com a Alemanha nazista) e perseguidos de fato entre 1942 e 1945 (declaração de guerra do Brasil ao Eixo). Idem. p. 133 – 137.

³⁶⁵ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 6 de fevereiro de 2019.

³⁶⁶ Idem.

³⁶⁷ Sobre essa questão, podemos citar, entre muitos outros trabalhos: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas: fantasmas de uma geração, 1930-1945*. Editora Perspectiva, 2001; CRUZ, Natália Dos Reis. A imigração judaica no Brasil e o anti-semitismo no discurso das elites. *Política & Sociedade*, v. 8, n. 15, p. 225-250, 2009.

³⁶⁸ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 6 de fevereiro de 2019.

Lembrando que essa perspectiva era (e ainda é) partilhada com outros sujeitos, a prefeitura de Concórdia também parte desses pontos para interpretar a história da cidade. Focando-se na produção agropecuária da região, a instituição ressalta valores como o trabalho e reforça a presença dos colonos estrangeiros, entendendo a chegada deles como o início da história local:

Toda vez que o vento bate nesta bandeira, conta a nossa história. Uma história feita de luta e de trabalho (...) E como não existe história sem personagem, a nossa começou com um grupo de imigrantes de várias partes do mundo, que deixaram suas terras para trás e vieram construir uma nova cidade. Eles trouxeram na bagagem além de poucos objetos, sonhos, esperanças e força de vontade (...). Concórdia é o berço de uma das maiores empresas de alimentos do mundo e não parou por aí. Outras empresas começaram a se instalar no município e fizeram de Concórdia referência mundial na indústria de alimentos (...). Assim, Concórdia tornou-se forte e imponente e se transformou em uma das principais cidades do Estado.³⁶⁹

Irma parece compartilhar dessa memória enquadrada pela prefeitura. Ela também reforça que o Oeste Catarinense é o centro econômico do Estado de Santa Catarina. Essa noção talvez foi construída a partir daquilo que ela vivenciou durante sua estadia na região, visto que a ferrovia São Paulo – Rio Grande passava por Concórdia e, talvez pela proximidade com a divisa gaúcha, sua família estabeleceu um contato maior com o estado vizinho. Essa sensação de proximidade também poderia ser reforçada pela construção de laços afetivos com as cidades por onde os Rosseto transitaram. Mas, voltando aos frigoríficos, nossa personagem relata em uma entrevista realizada para esta pesquisa que:

- *Seu pai tinha parte na empresa [Sadia]...*
- Ele tinha ações. O Fontana (...) construiu a Sadia e logo vendeu ações para quem quisesse. Meu pai comprou também (...)
- *A sua família chegou a trabalhar para a Sadia na época?*
- Não, a Sadia não existia, foi construída depois. Começou em Concórdia, mas eu estava em Castelhanos. Após o meu nascimento, a família mudou imediatamente para Castelhanos.³⁷⁰

A questão aqui não é descrever os trabalhos exercidos por seus familiares, mas perceber como a imagem do frigorífico é recorrente nas memórias coletivas de Concórdia. O relato de Irma provavelmente foi gestado a partir daquilo com o que ela

³⁶⁹ PREFEITURA Municipal de Concórdia. Vídeo Institucional – Concórdia – SC. Foco Propaganda, 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Eg_OibKiYhY&t=168s Acesso: 22/01/2021 às 00:09 hrs.

³⁷⁰ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de fevereiro de 2018.

teve contato durante a estadia em Santa Catarina ou depois de mudar para São Paulo, pois não era a única concórdiana a migrar e compartilhar de experiências e lembranças como essas. Chegando na capital paulista (1959) e se instalando na sua periferia no final dos anos 1960, Irma ainda recorda que:

– (...) O governo municipal e estadual ia até o Rio Pinheiros, na Zona Sul.

– *Na Marginal Pinheiros?*

É. Depois dali a região não existia para a prefeitura. Era um contexto de grande desemprego, as pessoas estavam vindo em massa da área rural para a cidade. Nesse período, havia um processo de mudança do modelo produtivo-industrial. Aquela visão da área mecânica estava sendo modificada para um patamar de automação. Então nós tínhamos muita indústria importante na região, como a Caterpillar, a Prada.

(...). Os trabalhadores que moravam no Jardim Ângela vinham trabalhar nessas empresas. Elas estavam passando por um processo profundo de mudança na qualidade produtiva-industrial.³⁷¹

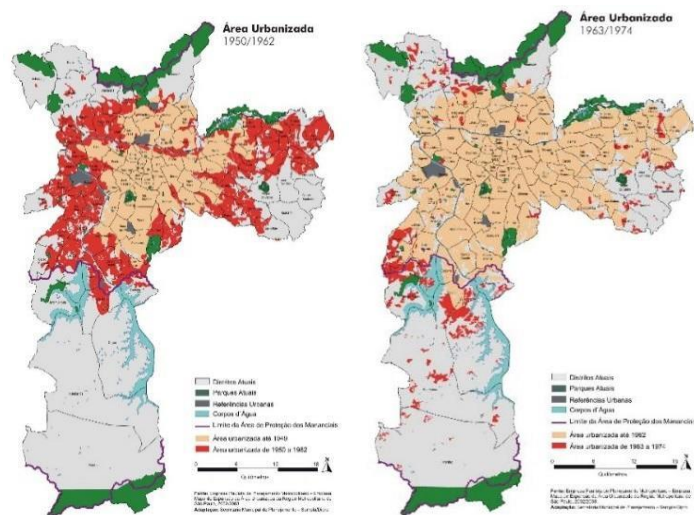
Irma lembra dos problemas estruturais de seu bairro e percebe o descaso do Estado com a região, focando o seu relato em Vila Remo e identificando-se mais com o bairro do que com a cidade como um todo, sensação que provavelmente era compartilhada entre seus vizinhos e conhecidos. Além do mais, a partir de então, ela silencia a italianidade de seus ascendentes de Concórdia e se volta para questões de classe.

As regiões do Capão Redondo e do Jardim Ângela sofriam com a falta de saneamento básico, transporte e asfalto, o que ocorria em parte pelo seu crescimento acelerado entre os anos 1960 e 1970.³⁷² Nesse processo, a ocupação de terrenos vazios era recorrente, o que ocorria não apenas na Zona Sul, mas também em bairros como Guaianazes e Vila Maria.³⁷³ A partir de uma análise da Prefeitura Municipal de São Paulo sobre o crescimento da cidade, podemos notar como ela se expandiu entre o momento no qual Irma chegou na cidade (1959) e aquele no qual ela viveu em Vila Remo (década de 1960).

³⁷¹ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de julho de 2016.

³⁷² MONTEIRO, Thiago William Nunes. Op Cit. 2017. p. 66 – 67.

³⁷³ ISCARO, Aldrey Cristiane. Op cit, 2012.



O primeiro mapa se refere à expansão urbana entre 1950 e 1962. O segundo expõe o crescimento ocorrido entre 1963 e 1974. A maior concentração ao sul está nos distritos do Jardim Ângela e Capão Redondo. Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa. Mapa da expansão da área urbanizada da região metropolitana de São Paulo. Secretaria Municipal de Planejamento, 2002/2003. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1920.php Acesso: 22/01/2021 às 00:09 hrs.

Irma lembra dos problemas decorrentes da falta de planejamento da expansão urbana em uma entrevista concedida para esta pesquisa:

– (...) começamos a discutir o direito de moradia, mas enquanto não conquistamos casas, as pessoas moravam em favelas. Por exemplo, teve uma desapropriação posteriormente da fazenda da Superbom,³⁷⁴ ali na Estrada de Itapeperica (o Mário Covas³⁷⁵ era prefeito). Ali foram construídas milhares de casas como modelos alternativos de autoconstrução, parte com a ajuda de empresas e depois com um mutirão. Era um movimento que dizia assim: “Nós conquistamos desde que se ponha a mão na massa, e faça! Nós não somos cidadãos que esperam as coisas acontecerem!” Ocupamos também

³⁷⁴ Fazenda instalada no então município de Santo Amaro em 1925 (onde hoje se localiza o bairro do Capão Redondo, na Zona Sul de São Paulo) em um terreno que pertencia ao Colégio da União Conferência dos Adventistas do Sétimo Dia, fundado em 1915. Ela passou a produzir suco de uva em larga escala no ano de 1935 e vendia seu produto para escolas da capital paulista. Em 1936 passou a se chamar Superbom. No ano de 1979 teve grande parte de seu terreno desapropriado pela prefeitura de São Paulo. O que restou da fazenda funcionou até a década de 1980 (Superbom. Disponível em: <https://superbom.com.br/empresa/> Acesso: 22/01/2021 às 00:09 hrs.).

³⁷⁵ Mário Covas Júnior (1930 – 2001) nasceu em Santos-SP e estudou Engenharia na Escola Politécnica da USP. Foi dirigente da UNE na década de 1950. Elegeu-se deputado federal por São Paulo pelo PST em 1962. Com a dissolução deste, migrou para o MDB e ainda conseguiu voltar à Câmara entre 1967 e 1969. Teve o seu mandato cassado pelo AI-5 e somente retornou ao Congresso Nacional no ano de 1982. Em 1983 Covas foi nomeado Prefeito de São Paulo pelo governador André Franco Montoro, permanecendo no posto até 1986. Em 1987 tornou-se Senador e atuou na Assembleia Nacional Constituinte (1987 – 1988). Participou da fundação do PSDB em 1988 e candidatou-se à Presidência da República em 1989, mas não obteve êxito. Em 1995 deixou o senado e se tornou Governador de São Paulo. Reeleito em 1998, não concluiu seu mandato, pois faleceu devido a complicações decorrentes de um câncer. Foi sucedido por seu vice, Geraldo Alckmin (VELÁSQUEZ, Muza; ALDÉ, Lorenzo; TEDESCHI, Harriete. Mário Covas Júnior. Verbetes. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mario-covas-junior> Acesso: 22/01/2021 às 00:09 hrs.).

uma grande fazenda chamada Itupu, que se localizava ao lado da represa do Guarapiranga, perto da minha casa. (...).³⁷⁶

Uma questão que nos chama atenção aqui é como Irma representa as atividades de Vila Remo por meio de uma noção de coletividade. Nesse ponto, ela provavelmente parte daquilo que viveu no Movimento do Custo de Vida (do qual foi liderança nas décadas de 1970 e 1980) para entender suas experiências, o que veremos mais a fundo no segundo capítulo. Passoni ainda trata dos mutirões realizados para a construção de casas, passando uma imagem de coletividade para o seu cotidiano. De acordo com Thiago Nunes Monteiro, a ideia de que o MCV seria um grupo coletivo e horizontal gestou imaginários e identidades entre os seus membros.³⁷⁷ Por outro lado, fatores negativos não deixam de surgir nas recordações de Irma:

– (...) eu mudei do Jardim Ângela por problemas gravíssimos de assaltos, porque havia no bairro um problema de segurança pública. (...). Assaltaram a minha casa de manhã, de tarde, de noite (um horror) e tivemos que sair de lá. Eu vim para Santo Amaro (...).³⁷⁸

Irma reconhece o problema da segurança como uma perseguição aos militantes do MCV. Em meio a projetos frustrados e ao descaso do Estado com muitas de suas demandas, as suas angústias se tornaram uma memória dolorosa. Em um período de inflexão dos grupos nos quais atuava, sua mudança coincidiu com o início de atritos com uma parte dos moradores do bairro, os quais já a acusavam de ter se distanciado após a sua eleição (1978), o que veremos melhor no segundo capítulo. Tal sensação talvez era fruto da mudança na rotina de Irma, a qual tinha que passar um tempo considerável do seu dia na ALESP (em frente ao Parque do Ibirapuera, no bairro de Moema, Zona Sul de São Paulo). Com um novo trabalho e agenda, a deputada não poderia estar o tempo todo a par do que ocorria em Vila Remo, apesar de tentar acompanhar suas discussões e representar seus moradores na política institucional. De toda maneira, Passoni expõe que a violência urbana foi o principal fator de sua mudança para o bairro de Santo Amaro (Zona Sul de São Paulo) na década de 1980. Já eleita deputada, ela teve a possibilidade de se deslocar para uma região de classe média. Em meio a esse processo, as transformações na composição familiar de Irma (casamento,

³⁷⁶ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de julho de 2016.

³⁷⁷ MONTEIRO, Thiago William Nunes. Op Cit. 2017. p. 154.

³⁷⁸ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de julho de 2016.

maternidade) também influíram na sua relação com o bairro, o que analisaremos melhor na seção a seguir.

De Irma Rossetto (1971 – 1976) a Irma Passoni (1976 –)

Como já foi dito neste capítulo, Irmã Angélica optou por se desligar da Congregação de Jesus em 1971, passando a ser novamente chamada de Irma Rossetto. Ela já cursava Pedagogia na Faculdade Nossa Senhora Medianeira e concluiu sua graduação em 1974. Tendo especialização em administração, ainda se inseriu na área hospitalar e lembra em entrevista que:

– (...). Quando fomos para o bairro eu realizei um Concurso Público. Antes eu havia trabalhado na Diocese com o senhor Ângelo, em 1970. Posteriormente eu fui trabalhar numa empresa chamada ISSC System (...) na área de capacitação e treinamento de desinfecção hospitalar (...) depois fui para o Hospital do Servidor Público Estadual, no setor de desinfecção, e no Hospital do Ipiranga, na Clínica Infantil. Esse momento foi terrível, porque eu tive uma experiência muito dolorosa com uma epidemia de um vírus que fazia com que as crianças chegassem doentes de manhã e logo morressem (...). Ele tinha uma proliferação muito grande (...). Depois eu prestei concurso no estado, ingressei e finalmente fui candidata. Meu foco sempre foi a educação, seja no colégio, na Igreja, na área pública ou na educação popular, com os Clube de Mães, alfabetização de adultos.³⁷⁹

Associando o período em que foi professora na rede estadual aos Clubes de Mães e ao trabalho na Igreja, Irma constrói uma linha de sentido para compreender a si mesma. A sua trajetória profissional não se restringiu à educação, mas caminhou por diferentes áreas, como a administração hospitalar. Ao tratar dessa atividade, ela dá centralidade a uma epidemia, provavelmente o surto de meningite que se espalhou por São Paulo entre 1974 e 1975. Esse problema foi, claro, objeto da atenção de profissionais da saúde naqueles anos. A médica Lygia Busch Iversson escreve que bairros periféricos, como o Jardim Ângela, foram os mais atingidos. Ela também mostra que essas regiões já haviam sofrido com a doença em 1971, a qual acometeu um número expressivo de crianças, e que o distrito sanitário de Santo Amaro (que incluía o bairro de Irma) foi o que teve os maiores índices de mortalidade.³⁸⁰

³⁷⁹ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de fevereiro de 2018.

³⁸⁰ IVERSSON, Lygia Busch. Aspectos epidemiológicos da meningite meningocócica no município de São Paulo (Brasil), no período de 1968 a 1974. *Revista de Saúde pública*, v. 10, p. 1-16, 1976.

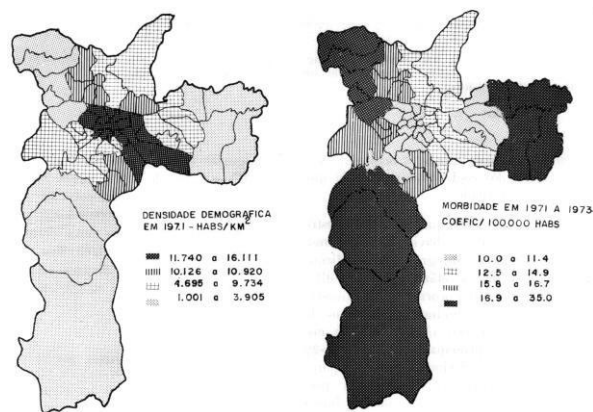


Fig. 3 — Densidade demográfica em 1971 e morbidade por meningite meningocócica segundo os distritos sanitários no município de São Paulo, no período de 1971-1973.

Fonte: R1-E DRS-1
DESEP

Mapa de análise geográfica de Lygia Iversson (IVERSSON, Lygia Busch. Aspectos epidemiológicos da meningite meningocócica no município de São Paulo (Brasil), no período de 1968 a 1974. *Revista de Saúde pública*, v. 10, p. 1-16, 1976. p. 7)

A centralidade da epidemia nas memórias de Irma provavelmente se dá pelo impacto que a doença teve em sua atuação política e profissional, pois ela presenciava os casos tanto no cotidiano do seu bairro (e talvez ouvia relatos sobre a doença nas reuniões do MCV), quanto no seu trabalho no hospital pediátrico do Ipiranga. A experiência de Rossetto com a doença ainda poderia passar por questões afetivas, pois nossa personagem provavelmente conheceu mães e pais de crianças que morreram naqueles anos. Como já apontamos neste capítulo, Elisabeth Badinter mostra que a solicitude é um traço utilizado para reforçar o feminino e a maternidade (fatores muitas vezes postos como indissociáveis).³⁸¹ Assim, como representante política de mães trabalhadoras, a preocupação com os filhos de outras mulheres pode ter se tornado um ponto central nas memórias de Irma. Ela também se coloca como solícita ao recordar do trabalho em escolas da Zona Sul, o que aparece em entrevista concedida a Marieta de Moraes Ferreira e Alexandre Fortes (2006):

Hoje eu diria que nós trabalhávamos políticas públicas. Mas não recebíamos nenhum dinheiro para isso. Nada. Como professoras da rede pública do estado, tínhamos que arrumar a infra-estrutura para dar aula, aqui, em plena cidade de São Paulo. Então, dávamos aula ou numa área de igreja, quando tinha, ou nós mesmos alugávamos barracos nos fundos das casas e pagávamos o aluguel (...). A merenda escolar éramos nós mesmas que dávamos. A situação era caótica (...). Foi a primeira vez que fizemos um movimento com quinhentas pessoas, com a participação de 25 bairros (...). Conseguimos junto ao FECE [Fundo Estadual de Construções Escolares] uma parceria muito importante, com uma professora e arquiteta chamada

³⁸¹ BADINTER, Elisabeth. Op Cit. 2011.

Mayumi [Watanabe de Souza Lima].³⁸² Ela foi uma pessoa muito importante porque, dentro do sistema, compreendeu nossa demanda e viabilizou a construção das escolas de 25 bairros naquela região. Foi uma conquista importante.³⁸³

Ao tratar da falta de estrutura nos bairros do Jardim Ângela e do M^oBoi Mirim, Irma evidencia como suas próprias condições de trabalho eram ruins. Assim, ela associa a sua docência à militância na periferia, entendendo que a atuação coletiva possibilitou a instalação das primeiras escolas naqueles bairros. Entretanto, a aproximação com sujeitos que atuavam de dentro do Estado pode ter sido fator essencial para a realização desse projeto.

De acordo com o histórico da Câmara dos Deputados, Irma trabalhou como professora na rede particular e na pública, na Escola Estadual Maria Eulália da Silva (na região do Jardim Santa Margarida), como coordenadora de Educação Moral e Cívica.³⁸⁴ De acordo com Juliana Miranda Figueiras, essa disciplina foi estabelecida como obrigatória em 1969 e oficializada na reforma educacional de 1971, servindo para legitimar os padrões e ideologias do regime. Contudo, muitos docentes utilizavam-se desse espaço para realizar críticas ao governo ou debater problemas socioeconômicos. Se por um lado havia aqueles que reforçavam os padrões éticos da ditadura, havia quem moldava os materiais didáticos às suas necessidades e interesses. Observando os livros didáticos, Figueiras analisa como alguns capítulos eram suprimidos das aulas e como os estudantes também participavam desse ato ao assinalarem aquelas respostas que fossem moralmente contrárias ao que era defendido pelo regime. Ela ainda mostra que esse material foi muitas vezes utilizado apenas para o preenchimento dos diários de classe, a

³⁸² Mayumi Watanabe Souza Lima (1934 – 1994) nasceu em Tóquio (Japão). Mudou-se para São Paulo na década de 1950 e naturalizou-se brasileira em 1956. Estudou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU – USP). Realizou Mestrado em História e Filosofia da Educação e realizou diversos projetos de edifícios escolares no Brasil. Trabalhou com Lina Bo Bardi (1914 – 1992), Joaquim Guedes (1932 – 2008) e Vilanova Artigas (1915 – 1985). Foi docente na Universidade de Brasília (UnB) dentre outras instituições. Escreveu livros como *A cidade e a Criança* (1989) e atuou na equipe de urbanismo da gestão da prefeita Luíza Erundina. Faleceu em São Paulo (ARQUIVO Arq. Página Online. Disponível em: <https://arquivo.arq.br/profissionais/mayumi-watanabe-de-souza-lima> Acesso: 22/01/2021 às 00:36 hrs; ARQUITETAS Invisíveis. Página Online. Disponível em: <https://www.arquitetasinvisiveis.com/mayumi-souza-lima> Acesso: 22/01/2021 às 00:36 hrs; BUITONI, Cássia Schroeder. *Mayumi Watanabe Souza Lima: a construção do espaço para a educação*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.).

³⁸³ PASSONI, Irma. Entrevista realizada em São Paulo em 28 de agosto de 2006. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre (orgs.). Op Cit, 2008. p. 314 – 315.

³⁸⁴ Câmara dos Deputados do Brasil. Irma Passoni: Biografia. (Site institucional). Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/133915/biografia> Acesso: 22/01/2021 às 00:36 hrs.

fim de despistar a coordenação escolar e escapar de possíveis acusações.³⁸⁵ Ao estudar as memórias de educadores que atuaram naqueles anos, a historiadora Elaine Lourenço³⁸⁶ aponta como pequenos atos de contestação foram percebidos pelos seus entrevistados. A autora expõe como o ato de debater certos temas foi lembrado para legitimar uma imagem rebelde, apesar desse fato não excluir as angústias com relação à perseguição. Ao mesmo tempo, ela escreve que havia quem se colocou como um professor padrão e tentou se distanciar da imagem de *subversivo*, apesar de recordar de momentos em que questionou a direção de sua escola.

Se pensarmos que essa matéria abarcava temáticas das humanidades, podemos dizer que Irma, pela sua formação religiosa e acadêmica, poderia atuar no ensino de disciplinas desse tipo, sendo reconhecida como apta (e mesmo insuspeita) para coordenar os professores da área. O trabalho pedagógico ainda interferiu em outras esferas de sua vida, pois, podendo se aproximar de sujeitos com trabalhos semelhantes, conheceu o professor e ex-jesuíta Armelindo Passoni, com quem se casou em 1976, passando a se chamar Irma Rossetto Passoni. Sobre o seu marido, ela lembra em uma entrevista concedida para esta pesquisa que: “Ele estava com os jesuítas, tinha saído [em missão] com eles, pois era antropólogo. Ele tinha vivido com os Anambiquaras, trabalhou com essa aldeia (...). Eu estava havia muito tempo na pastoral. Eu já tinha me desligado da congregação e ele também.”³⁸⁷

Irma conheceu Armelindo no trabalho de base com os moradores de Vila Remo. Ambos participavam da Pastoral Operária e militavam com o MCV. As motivações para ir à periferia poderiam ser semelhantes, mas a sua aproximação seria talvez fruto de outros fatores. Infelizmente as memórias de Irma não detalham o momento em que conheceu seu companheiro, mas elas nos ajudam a levantar algumas hipóteses. Primeiramente, ele também circulava no meio acadêmico das Ciências Humanas, o que pode ter facilitado o diálogo entre os dois, na medida em que compartilhavam de certas leituras. Em segundo lugar, como um ex-religioso/jesuíta, ele também participava dos debates em torno da Teologia da Libertação e atuou na mesma Pastoral que Irma, o que

³⁸⁵ FIGUEIRAS, Juliana Miranda. *A educação moral e cívica e sua produção didática: 1969 – 1993*. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006. p. 175 – 179.

³⁸⁶ LOURENÇO, Elaine. O ensino de História encontra seu passado: memórias da atuação docente durante a ditadura civil militar. *Revista Brasileira de História*, vol. 30, núm. 60. Dezembro, 2010. p. 106 – 118.

³⁸⁷ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de fevereiro de 2018.

poderia igualmente aproximá-los. No relato de nossa personagem, o trabalho de seu companheiro surge como fator para explicar a união.

Ao tratar da sua maternidade, ela recorda com certa angústia do período no qual seus filhos eram crianças, porém não por ter uma relação ruim com eles, mas pela dificuldade em conciliar a carreira política e profissional com as tarefas domésticas:

Olhando pelo retrovisor, considero que fiz um bom mandato, apesar de todas as dificuldades. Imagine uma mulher que tem um recém-nascido aqui em São Paulo e vai para Brasília com a proposta de defender os interesses populares (...). Às vezes, a gente se questiona porque as mulheres não participam. Na verdade, é quase humanamente impossível. Eu sempre militei muito em favor das creches para as crianças, mas hoje me arrependo um pouco. Uma grande bandeira nossa foi liberar as mulheres para elas poderem trabalhar. Hoje, nós temos a responsabilidade do trabalho, da família e dos filhos. Como é que nós mulheres vamos participar? E sem a participação da mulher você não vai fazer diferença na política.³⁸⁸

A autodefinição de Irma como mulher passa pela sua experiência com a maternidade. Como sujeito que vive em uma sociedade que associa o feminino ao papel de mãe,³⁸⁹ ela provavelmente internalizou essas perspectivas e, ao se reconhecer como trabalhadora e militante, lamenta a ausência no cotidiano dos filhos. Irma também se identifica com outras mulheres e entende que nem todas as mães conseguiriam participar de atividades políticas, voltando-se para a sua experiência pessoal a fim de compreender o problema. De acordo com Flávia Biroli, a maternidade não deve ser vista como algo homogêneo, mas influenciada por fatores como a classe e a raça. Nesse sentido, a autora mostra que três fatores reforçam as desigualdades de gênero: a discrepância no peso que a parentalidade tem para mulheres e homens, o contraste entre as condições para exercer esse projeto (como a miséria ou a violência) e a gravidez compulsória pautada no discurso moral.³⁹⁰ Quando nossa personagem lembra desses problemas, ela se refere principalmente àquelas que tinham a necessidade de trabalhar fora de casa. No seu caso, Irma também tinha que sair do ambiente doméstico, mas, como deputada, estava em uma posição privilegiada se comparada a outras mães, muitas

³⁸⁸ PASSONI, Irma. Op Cit. 2008. p. 322; 328.

³⁸⁹ Elisabeth Badinter escreve que a ideia de que a mulher teria por finalidade a maternidade surge em diferentes sociedades. Essas premissas são internalizadas por pessoas com diferentes projetos tanto nos grupos em que a maternidade é central quanto naqueles em que ela é flexibilizada. Além do mais, esse imaginário é apropriado por sujeitos em diferentes posições sociais (BADINTER, Elisabeth. Op Cit. 2011.).

³⁹⁰ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018. p. 111 – 112.

das quais vizinhas suas. Mesmo assim, lembra como a maternidade lhe trazia preocupações nos espaços políticos:

(...) quando ocupei o mandato de deputada, passei a me sentir uma leprosa na igreja. Para a esquerda eu era uma “papa-hóstias” e, para alguns setores da Igreja, eu era uma “comunista”. Mesmo mantendo um trabalho intensíssimo no movimento popular, fazendo partido, tendo filho pequeno e atuando no parlamento – uma ação exaustiva, de 24 horas por dia, o dia inteiro, o ano inteiro –, eu sentia que a Igreja de repente, me via como um “político eleito”.³⁹¹

As relações entre os setores progressistas da Igreja e a política institucional não eram necessariamente harmônicas. De acordo com Adriano Henriques Machado, grupos religiosos e do clero católico viam a atividade partidária como uma ação precipitada, pois afastaria a militância dos bairros e fragmentaria a oposição ao regime autoritário então no poder. O autor também mostra que havia tensões entre esses sujeitos e lideranças sindicais, pois os religiosos defendiam a criação de uma agremiação encabeçada pelos movimentos populares e não apenas pelas organizações de classe. Essa noção vinha do descontentamento de militantes da Igreja com a composição do recém-criado Partido dos Trabalhadores, o qual era acusado por esses grupos de atender apenas os sindicatos e negligenciar as pautas trazidas pelas CEBs e pelos sujeitos que as orbitavam.³⁹² Thiago Nunes Monteiro escreve que o MCV (organizado em grande parte por religiosos) também seguia uma perspectiva que rejeitava a atuação de seus membros na política institucional, o que não deixou de ocorrer após a escolha de lideranças para concorrer às eleições de 1978, o que analisaremos mais a fundo no próximo capítulo.³⁹³

Retornando ao relato acima citado e à relação de Irma com a maternidade, lembramos que ela teve contato com textos e debates teológicos acerca da sacralidade da maternidade. Ao mesmo tempo, no decorrer de sua militância no MCV, ela ouviu falas que valorizavam uma posição de poder moral das mães e a dignidade das trabalhadoras (es).³⁹⁴ Nesses anos, os movimentos feministas (com os quais teve contato) também cresciam e com eles os debates em torno da ausência de mulheres em determinados espaços.³⁹⁵ Nas décadas de 1960 e 1970, muitos deles transitaram entre uma negação e uma valorização da maternidade, principalmente entre aquelas que eram

³⁹¹ PASSONI, Irma. Op Cit. 2008. p. 318.

³⁹² MACHADO, Adriano Henriques. Os católicos e o Partido dos Trabalhadores: Aproximações, distanciamentos e suas diversas tensões. *Perseu: História, Memória e Política*, n. 07, 2011. p. 209 – 210.

³⁹³ MONTEIRO, Thiago William Nunes. Op Cit. 2017. p. 161 – 162.

³⁹⁴ Idem.

³⁹⁵ Ibidem.

trabalhadoras ou familiares de presos políticos.³⁹⁶ Ao mesmo tempo, havia a visão de que uma mãe deveria se sacrificar por seus filhos,³⁹⁷ o que poderia lhe trazer angústias por entender que não se dedicou devidamente a eles, entrando em conflito com sua autoimagem de representante das trabalhadoras mães. De uma forma ou de outra, Irma teve contato direto ou indireto com teses como essas pela sua relação com religiosos, sindicalistas, donas de casa ou feministas, construindo com essas vozes os seus repertórios. Como nos mostra Daniel James, não podemos analisar um sujeito a partir de estereótipos que o encaixem em um grupo, mas devemos entender que ele se constrói a partir de diferentes referências, mesmo que conflitantes.³⁹⁸

Durante a Constituinte, Irma deu uma entrevista a estudantes da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA – USP). Naquele momento seus filhos ainda eram crianças e o conflito entre dar atenção a eles e trabalhar não deixou de ser notado por seus entrevistadores. Abrindo e encerrando o relato, eles transcrevem dois momentos de diálogo entre a mãe e as crianças:

- Filho, cadê a chave da porta?
 - É para ele ir embora? Deixa que eu abro.
 - Não, a chave da porta da cozinha. A mãe tem que pegar uns papéis para o repórter.
 - Não sei...
 - Anda, menino. A mãe já está atrasada para a reunião. Não adianta começar com isso agora. Eu tenho que ir. Está todo mundo me esperando!
- Na porta de saída:
- É sempre assim... toda vez que eu estou em casa, eles escondem as chaves e botam as visitas pra correr. Eles têm sentido muito a minha falta.³⁹⁹

E complementam: “A deputada constituinte Irma Rossetto Passoni sente na pele o drama de muitas mulheres brasileiras que trabalham fora e tem de cuidar da casa e dos filhos (...).”⁴⁰⁰ Ao final da entrevista, o estudante Nelson Fernando de Jesus Campacci transcreve o que talvez fosse a continuação do diálogo:

³⁹⁶ SCAVONE, Lucila. Op Cit, 2001.

³⁹⁷ PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. Op Cit. 2012; BADINTER, Elisabeth. Op Cit. 2011.

³⁹⁸ JAMES, Daniel. Contos narrados nas fronteiras: A história de Doña María, História Oral e Questões de Gênero. In: BATALHA, Cláudio; FORTES, Alexandre; SILVA, Fernando Teixeira da (orgs.). *Culturas de Classe*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

³⁹⁹ CAMPACCI, Nelson Fernando de Jesus. Irma Passoni: A Constituinte do Hotel Carlton. In: MEDINA, Cremilda. *Virado à Paulista: Constituinte – 1987*. São Paulo: CJE, ECA – USP, 1988. p. 111.

⁴⁰⁰ Idem. p. 111.

- Oh mãe, a gente pode ir na reunião com você?
- Mas a mãe não vai poder dar atenção pra vocês. Vocês ficam quietos?
- Lá tem parquinho pra gente poder ficar brincando?⁴⁰¹

Com a intenção de conhecer e analisar as propostas dos deputados constituintes de São Paulo, a jornalista e professora Cremilda Medina mobilizou seus estudantes para entrevistar toda a bancada paulista em 1986. No caso aqui analisado, o relato transcrito pode ser utilizado para pensarmos como essas angústias surgiram no período da infância dos filhos de Irma, o que pode ser acrescido a outro trecho desse mesmo diálogo, no qual ela afirma que: “Eu, hoje, não estaria disposta a concorrer a nenhum cargo público. Esse processo todo me esgotou profundamente. Dei o que podia e o que não podia dar, com sacrifício de filhos e tudo mais.”⁴⁰²

Deve-se questionar a regra que diz que uma mulher trabalhadora teria necessariamente um campo de possibilidades menor que alguém de classe média ou de elite para se inserir na política institucional. De acordo com Céli Pinto e Augusta Silveira, das parlamentares que tiveram três mandatos ou mais no Legislativo (tanto nos estaduais, quanto no federal) a maioria construiu seus capitais por meio de sua trajetória em movimentos sociais, de classe ou em cargos públicos nas esferas estaduais e municipais. Por outro lado, as autoras mostram que uma parcela expressiva delas partiu do nome de algum familiar (em geral pais ou maridos) para conseguir votos. Mesmo assim, sua pesquisa expõe que a maioria dessas mulheres tinha ensino superior, o que não excluiria a presença de trabalhadoras nas câmaras, mas ajuda-nos a refletir sobre as barreiras existentes e como estas podem interromper a extensão do mandato de parte delas.⁴⁰³ Em outro estudo, Céli Pinto escreve que duas estratégias eram utilizadas pelas parlamentares para entrar na política institucional ou permanecer nela: silenciar sua feminilidade ou reforçar papéis que seriam aceitos socialmente, como o casamento e a maternidade.⁴⁰⁴ Se pensarmos que Irma se insere no período estudado pela pesquisadora, podemos dizer que a atuação no MCV foi utilizada para entrar na ALESP e que o fato de ser mãe pode tê-la auxiliado a ganhar visibilidade em alguns círculos.

⁴⁰¹ Ibidem. p. 118.

⁴⁰² Ibidem. p. 117.

⁴⁰³ PINTO, Celi Regina J.; SILVEIRA, Augusta. Mulheres com carreiras políticas longevas no legislativo brasileiro (1950-2014). *Opinião Pública*, v. 24, n. 1, p. 178-208, 2018. p. 191; 194 – 195

⁴⁰⁴ PINTO, Céli; MORITZ, Maria Lúcia; SCHULZ, Rosangela; MORAES, Taís Flaviana. *Perfis, trajetórias, desempenhos: uma pesquisa com as vereadoras gaúchas*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2000. p. 48

Contudo, ter filhos pequenos ou ser gestante poderia trazer barreiras devido às demandas que sobrecarregam as mulheres, o que não deixou de ser lembrado por nossa personagem, como vimos anteriormente.

Apesar do crescimento de muitos movimentos, uma grande parcela daquelas que eram mães ou donas de casa não conseguia participar de certas atividades por ter de realizar afazeres para além de sua jornada de trabalho. Elisabeth Badinter escreve que, diferentemente do que certos grupos querem mostrar, a maternidade também pode ser um momento de desgaste e frustrações. Nesse sentido, ela diz que muitas mulheres constroem uma perspectiva ideal sobre essa posição, o que se modifica após a experiência com os filhos. A autora não nega que haja aquelas que optem de fato pela gravidez, mas que dentre os campos de atuação possíveis, a maternidade se torna, muitas vezes de modo impositivo, o centro de suas vidas e requisito para a realização plena da feminilidade, silenciando outros projetos.⁴⁰⁵

Irma não nega que quis ser mãe, mas lamenta a falta de tempo com seus filhos e o desgaste gerado pelo acúmulo de funções. De acordo com Badinter, essa noção de culpa surge da interiorização de uma noção ideal de mãe, a partir da qual essas mulheres deveriam se dedicar plenamente a sua prole, sendo que aquelas que não tivessem tempo e optassem por uma cuidadora passariam a ser vistas com desconfiança. Da mesma forma, elas também se culpariam e moldariam seus projetos pessoais para atender a tais demandas.⁴⁰⁶ No caso de Irma, o seu salário de deputada e as atividades acadêmicas de seu marido permitiam que o casal pudesse ter acesso a certos bens e de pagar alguém para cuidar dos seus filhos, diferente da maioria de suas companheiras. Entre referenciais e experiências próximas ou mesmo distantes de suas vizinhas de Vila Remo, Passoni não deixa de ser uma guardiã da memória MCV, preservando suas narrativas coletivas e se utilizando delas para compreender a si e seus projetos políticos, o que observaremos no capítulo a seguir.

⁴⁰⁵ BADINTER, Elisabeth. Op Cit. 2011.

⁴⁰⁶ Idem.

Capítulo 2

Construindo-se e refazendo-se a todo instante: o encontro de três mulheres militantes



MARTINS, Juca. Ato de Fundação do PT. Fotografia. São Paulo: Colégio Sion. (1980). GUIMARÃES, Juarez. Quem somos e para onde vamos? *Teoria e Debate*. Edição 108. 15 de janeiro de 2013. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2013/01/15/quem-somos-e-para-onde-vamos-2/> Acesso: 23/01/2021 às 00:24 hrs.



MARTINS, Juca. Ato de Fundação do PT. Fotografia. São Paulo: Colégio Sion, 1980. *Blog da Fundação Perseu Abramo*, 25 de maio de 2010. <http://csbh.fpabramo.org.br/blog/1980-nasce-o-pt-voce-sabe-quem-estava-no-colegio-sion> Acesso: 23/01/2021 às 00:24 hrs.

São Paulo, 1980.

Apesar da maioria masculina presente no evento e nas fotografias, mulheres também participam do ato de fundação do Partido dos Trabalhadores no Colégio Sion (Bairro de Higienópolis, Centro de São Paulo). Grande parte dessas pessoas veio dos sindicatos e dos espaços fabris, mas também havia estudantes, religiosas (os), professoras (es), funcionárias (os) públicas (os) e artistas. Todas (os) estavam ali para dar apoio ao projeto de criar uma agremiação que pretendesse fortalecer suas pautas e anseios. Neste contexto, as greves do ABC foram fator fundamental para a construção da imagem do líder sindical Luís Inácio da Silva, o Lula,⁴⁰⁷ e dos metalúrgicos que se mobilizavam por meio do chamado *Novo Sindicalismo*,⁴⁰⁸ influenciando na construção de discursos, ações e mesmo da memória em torno daquele projeto. Sobre tal ponto, Lincoln Secco⁴⁰⁹ escreve que uma das principais representações sobre o PT era a ideia de o recém-criado partido ser uma novidade frente às demais agremiações, além de ser iniciativa exclusiva de setores populares da sociedade.

Cada pessoa ali presente se aproximava e se afastava das demais em experiências e projetos, mas de uma forma ou de outra todas pareciam concordar com a proposta oficial do PT. Nesse sentido, aquilo que fizeram e que possibilitou chegarem àquele evento diferia, lembrando que não eram todas (os) de uma mesma origem, idade, gênero, raça, classe ou sexualidade. Cada indivíduo possuía seus repertórios e marcadores sociais, com os quais conseguia se inserir em alguns espaços, mas sofria

⁴⁰⁷ Luís Inácio Lula da Silva (1945 -) nasceu em Caetés – PE, migrou com sua família para o Guarujá – SP em 1952 e posteriormente para São Bernardo do Campo – SP. Iniciou suas atividades como sindicalista em 1968 e foi casado com Marisa Letícia Lula da Silva (1950 – 2017). Tornando-se presidente de sindicato, sua imagem passou a circular entre trabalhadores e militantes, sendo reconhecido como liderança por uma parcela daqueles movimentos. Atuou nas greves do ABC e foi preso em 1980. No mesmo ano, esteve na mesa diretora do ato de fundação do PT. Elegeu-se deputado federal por São Paulo em 1986, permanecendo no cargo até 1991. Em 2002 foi eleito Presidente da República, sendo reeleito em 2006. Seu mandato terminou em 2011. Foi nomeado Ministro-chefe da Casa Civil por Dilma Rousseff em 2016, mas logo teve de declinar devido a uma série de pressões fomentadas pela oposição. Após o golpe jurídico-parlamentar daquele mesmo ano, Lula foi preso em 2018 na sede da Polícia Federal de Curitiba – PR e ali permaneceu até o final de 2019, quando teve a sua condenação anulada. (BADARÓ, Marcelo; PINHEIRO, Luciana. Luiz Inácio Lula da Silva. *Verbetes. Dicionário Histórico e Biográfico*. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/luis-inacio-da-silva> Acesso: 23/01/2021 às 00:24 hrs.)

⁴⁰⁸ Faremos uma leitura mais detida acerca dessa noção na segunda seção deste capítulo. Sobre o *novo sindicalismo* podemos citar: SANTANA, Marco Aurélio. O “novo” e o “velho” sindicalismo: análise de um debate. *Revista de Sociologia e Política*, 10/11, 1998. p. 19-35; MATTOS, Marcelo Badaró. *Novos e velhos sindicalismos*: Rio de Janeiro (1955 – 1988). Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1988.

⁴⁰⁹ SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

barreiras em outros. Em uma época de intensos debates em torno da participação política das mulheres (fomentada em parte pelo aumento proporcional de sua presença nos postos de trabalho e em outros espaços públicos, mas, sobretudo, pelo movimento feminista que se reorganizava nos anos finais da ditadura),⁴¹⁰ o projeto de partido que criavam sofria a interferência dessa premissa, mas nem tudo eram flores. Tensões quanto às pautas oriundas de demandas de gênero, assim como outras que não eram vistas como prioritárias, encontravam resistência entre pessoas que partilhavam do imaginário construído nos movimentos sociais de trabalhadores⁴¹¹ e moradores da periferia, os quais viam com desconfiança as discussões surgidas entre setores da classe média e mesmo de grupos da elite.⁴¹²

Muito desse repertório vinha não somente dos sindicatos, mas inclusive de movimentos de esquerda que adentravam o PT com a proposta de realizar seus projetos⁴¹³ de militância pela via partidária. Havia pessoas ali que tinham experiências em grupos marxistas da década de 1930, algumas passaram pela repressão do Estado Novo e outras pela luta armada contra a ditadura e pela perseguição ainda vigente às (aos) opositoristas. Muitas (os) eram migrantes do Nordeste e vinham a São Paulo em busca de emprego, fugindo dos conflitos desencadeados pela expansão do latifúndio e das secas,⁴¹⁴ mas havia nordestinas (os) que chegavam devido ao desejo de dar continuidade a seus estudos ou mesmo para reorganizar suas vidas devido à repressão policial e as ameaças sofridas em suas regiões de origem. Participavam do evento também sulistas: algumas (os) vinham dos sindicatos dos bancários, outras (os) dos meios religiosos e havia quem estivesse na cidade igualmente em busca de estudo ou trabalho.

⁴¹⁰ SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

⁴¹¹ OLIVEIRA, Roberto Vêras de. *Sindicalismo e Democracia no Brasil: do novo sindicalismo ao sindicato cidadão*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2011. p. 86.

⁴¹² SOARES, Claudete Gomes. *Raça, classe e cidadania: a trajetória do debate racial no Partido dos Trabalhadores (1980 – 2003)*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009. p. 40 – 41.

⁴¹³ Podemos citar a Convergência Socialista, a Organização Socialista Internacionalista e a Democracia Socialista (KAREPOVS, Dainis; LEAL, Murilo. Os Trotskismos no Brasil: 1966 – 2000. In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão (orgs). *História do Marxismo no Brasil: Partidos e movimentos após os anos 1960*, vol. 6. Campinas: Editora Unicamp, 2007; MACEDO, Edmar Almeida. Dos trotskistas do Movimento Democrático Brasileiro ao Partido dos Trabalhadores: o debate no Em Tempo e a formação da DS. *Revista Espaço Acadêmico* nº 151, Dezembro de 2013).

⁴¹⁴ FONTES, Paulo. *Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.

Dessa forma, nem todas (os) ali eram residentes em São Paulo: alguns estavam em trânsito. Das duzentas e quarenta pessoas signatárias da ata de fundação, cento e setenta e cinco eram homens e sessenta e cinco, mulheres.⁴¹⁵ Devemos levar em consideração que nem todas (os) as (os) participantes do ato assinaram o documento, mas que, mesmo assim, a diferença numérica merece comentários.⁴¹⁶ Daquelas mulheres, muitas se inseriam em movimentos populares de bairro, como o Movimento Contra a Carestia, ou nas Comunidades Eclesiais de Base, mas havia também sindicalistas e presidentas de associações de classe, como professoras, funcionárias públicas e atrizes. De todas, voltemos nossos olhos e ouvidos para as três militantes que acompanhamos em nossa pesquisa.

Cada uma estava presente em um local específico dentro do Colégio Sion. Lélia sentou à mesa, ao lado de Lula, Olívio Dutra, Jacó Bittar e Sérgio Buarque de Holanda e trazia consigo a possibilidade de articular contatos com o meio artístico e com intelectuais. Luíza assistia da plateia, talvez atenta ou mesmo cansada depois de uma semana cheia de aulas na FMU e de seu trabalho junto à APASSP e à favela Marconi, na Zona Norte. Irma foi com seu esposo, Armelindo Passoni, e secretariou os trabalhos, chegando a lavar documentos. Os locais onde se colocaram não resultavam de simples escolhas pessoais. Suas respectivas inserções no evento passavam por fatores como o capital político constituído no trabalho sindical ou na militância em outros grupos de esquerda. A proximidade com as lideranças sindicais era construída muitas vezes pelas atividades desenvolvidas naqueles anos. Estar no meio de protestos, mobilizar recursos para eventos ou circular em debates de organizações de classe possibilitavam um contato mais próximo com líderes grevistas e o estabelecimento de relações mais estreitas com as discussões em torno do projeto do Partido dos Trabalhadores.⁴¹⁷

Esse momento ganhou centralidade nas *escritas de si* das três militantes. Pensando no caráter festivo do momento e no tom de esperança construído com a crise e o final do regime autoritário, cada uma interpretou sua presença no ato como um ponto

⁴¹⁵ Ata de Fundação do Partido dos Trabalhadores. De 31 de maio a 1 de junho de 1980. Livro Ata nº 1. Fl.: 13. Campinas: AEL-UNICAMP.

⁴¹⁶ Idem.

⁴¹⁷ Sobre tal ponto, Céli Pinto e Augusta Silveira escreveram que uma parcela expressiva das mulheres que se inseriu em partidos de esquerda se utilizou de capital político construído em atividades sindicais ou em movimentos sociais para ganhar espaço nessas agremiações. (PINTO, Celi Regina J.; SILVEIRA, Augusta. Mulheres com carreiras políticas longevas no legislativo brasileiro (1950-2014). *Opinião Pública*. vol. 24, nº 1, jan.-abr. 2018).

importante para entender a si e sua atuação política. De que maneira cada uma relatou sua entrada no Partido dos Trabalhadores?

Lélia:

Essa ideia alastrou-se como um rastilho de pólvora, especialmente após os eventos daquele dia em que Lula foi aclamado na Assembleia Legislativa. O Partido dos Trabalhadores iria nascer exatamente de todas as bases populares de oposição que vinham lutando contra a opressão naquele momento, especialmente a dos metalúrgicos do ABC.

Foi assim que chegamos, em fevereiro de 1980, ao ato de lançamento do Manifesto do Partido dos Trabalhadores, nome que já vinha se impondo nas etapas preparatórias de sua organização. Esse ato foi realizado no auditório do Colégio Sion, gentilmente cedido para a ocasião. Assinaram a ata de lançamento do Manifesto do PT, personalidades ilustres como Mário Pedrosa, Antonio Candido, Manuel da Conceição, Sérgio Buarque de Holanda, Apolônio de Carvalho – ex-combatente das Brigadas Internacionais na Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939), onde lutou contra Franco – e ainda muitas outras pessoas de renome. Foi-me dada a honra de assinar, entre os seis primeiros, aquela ata. Foi gentileza de Lula, talvez porque eu estivesse entre os primeiros presidentes de sindicato não operário a aproximar-se e a reconhecê-lo como líder. Havíamos passado momentos importantes, e às vezes até perigosos, lado a lado.⁴¹⁸

Luíza:

Insinuavam-se, no sindicato e nas numerosas formações de esquerda (já fora da clandestinidade após a anistia de 1979), intenções de recomposições partidárias. Em fevereiro e março de 1980, em uma reunião histórica realizada em São Paulo, no Colégio Sion (que é a fortaleza da educação elitista), discutiram-se as propostas essenciais para a formação de um Partido dos Trabalhadores. O surgimento de um novo partido é um momento delicadíssimo na vida social de um país, quando se solidificam fatores diversos, cuja seleção pode ser decisiva para o destino da coletividade. No Brasil, os partidos tinham sido criados sempre pelas oligarquias que reuniam clientelas, e só meia dúzia realmente contavam. O PT foi e é até agora um partido nascido das bases. Quando conheci o Lula e se iniciou o processo de fundação do PT, ele me disse ter compreendido que o sindicato era um instrumento importante e eficiente (...). Guardo recordações apaixonadas do processo de constituição e crescimento do PT, que era alegre, era um sonho, uma utopia. No começo, tudo era realmente uma festa. Hoje, já envelheceu um pouco.⁴¹⁹

Irma:

Deputados do MDB como Eduardo Suplicy,⁴²⁰ Marco Aurélio Ribeiro, Sérgio dos Santos, Geraldo Siqueira e eu começamos a discutir com os

⁴¹⁸ ABRAMO, Lélia. *Vida e arte: memórias de Lélia Abramo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 229.

⁴¹⁹ BIMBI, Linda. *Uma veia de utopia: a trajetória de Luiza Erundina de Sousa*. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 75 – 76.

⁴²⁰ Eduardo Matarazzo Suplicy (1941 -) nasceu em São Paulo e se formou em Administração de Empresas e Economia. Até 1980 trabalhou na imprensa e lecionou em universidades. Elegeram-se deputado estadual em São Paulo em 1978, juntamente com Irma Passoni, pelo MDB. Participou do ato

sindicalistas o novo partido. Começamos uma discussão muito difícil com o movimento popular. O pessoal do Aurélio Peres⁴²¹ achava que nós íamos trair o povo, trair toda uma visão de história se nós fôssemos para o PT. E a gente falou: “Nós não temos compromisso com o MDB. O MDB era apenas um instrumento para nós. Se agora tem um partido que tem mais a cara da gente, uma expressão do movimento popular e operário, então nós temos que construir o PT.” A partir daí, houve um rompimento entre o grupo que aparentemente era MDB – mas era PC do B – e nós que éramos comunidades de base... (...)

Para mim foi um coroamento, um evento de alegria, de festa. É essa a imagem que ficou: a filiação, o manifesto. Foi um resgatar da história da gente. Dizíamos: “Somos legais, nós existimos, nós temos direito de estar aqui”. Acho que essa foi a marca. Tinha o pessoal sindicalista, os chamados intelectuais, e nós do movimento popular. Para mim, sempre foi muito claro: essas eram as três forças do partido.⁴²²

Além de atentarmos para as diferenças temporais entre esses relatos, devemos analisar o caráter individual de cada texto e a singularidade das interpretações acerca daquele mesmo momento. Com essas questões em mente, vamos tratar da maneira como cada uma abordou sua militância e construiu uma linha de sentido para interpretar o início de seus projetos políticos, a sua participação nas greves de 1978 e na oposição ao regime civil-militar.

Eu, Nós, Elas (es): Memória, escrita de si e campos de possibilidades no início das atividades políticas

Eu, Trotskista

de fundação do PT em 1980 e se tornou deputado federal em 1982, permanecendo no cargo até 1987. Ainda foi vereador e presidente da Câmara Municipal de São Paulo, entre 1989 e 1990, e senador, de 1991 a 2015. Reelegeu-se vereador em 2016 e em 2020. (NACIF, Libânia; ALDÉ, Lorenzo; CAMARGO, Orson. Eduardo Matarazzo Suplicy. Verbetes. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eduardo-matarazzo-suplicy>

Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.)

⁴²¹ Irma se refere às divergências presentes dentro do Movimento do Custo de Vida. De acordo com Thiago Nunes Monteiro (2017), havia uma série de conflitos entre projetos diferentes com relação à condução e às pautas do MCV. Aurélio era próximo do PC do B e naquele momento optou por permanecer no MDB, diferente de Irma e outros militantes que aderiram ao PT. (MONTEIRO, Thiago William Nunes. *Como pode um povo vivo viver nesta carestia'*: o movimento do custo de vida em São Paulo (1973-1982). São Paulo: Humanitas, 2017).

⁴²² PASSONI, Irma. Entrevista realizada em São Paulo em 28 de agosto de 2006. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre (orgs.). *Muitos caminhos, uma estrela*: memórias de militantes do PT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 317 – 319.

São Paulo, 1934. Lélia Abramo tinha vinte e três anos de idade e participava junto com seus irmãos mais velhos da Liga Comunista (LC), um grupo trotskista fundado em 1931 e que, naquele ano, se separara do PCB após alguns conflitos.⁴²³ Por outro lado, as tensões mais significativas não se restringiam às discussões entre essas agremiações, mas direcionavam-se principalmente para os receios quanto ao fascismo crescente. Décadas depois, ela narrou um daqueles dias em sua autobiografia:

Em 7 de outubro de 1934, na Praça da Sé, todos nós, os engajados na luta antifascista (trotskistas, socialistas, anarquistas, stalinistas e democratas), enfrentamos, com armas na mão ou sem elas, a organização fascista-integralista, comandada por Plínio Salgado. Os integralistas estavam todos fardados, bem armados, enquadrados e prontos para uma demonstração de força, protegidos pelas instituições políticos-militares getulistas e dispostos a tomar o poder. Nós, espalhados ao longo da praça e nas ruas adjacentes, esperamos pacientemente que desfilassem primeiro as crianças, também fardadas, e as mulheres integralistas. Depois disso, quando os asseclas de Plínio iniciaram seu desfile, todos nós, a um só comando, avançamos e começou a luta aberta. Não me lembro quanto tempo durou o tiroteio. Eu estava junto aos portões do prédio Santa Helena com um grupo de trotskistas, entre eles o meu irmão Mário, Fernando Salvestro e outros. Nosso grupo não tinha armas, apenas grossos pedaços de paus e pedras(...). Houve muitos feridos, entre os quais Mário Pedrosa, que foi baleado numa perna, e um morto, o jovem militante do PCB Décio Pinto de Oliveira. Meu irmão Fúlvio, ao lado deles, socorreu-os imediatamente. (...) Os fatos que antecederam e os que se sucederam a esse episódio constam da história desta cidade, e não cabe aqui, alongar-me sobre esse momento histórico, que contribuiu realmente para deter o ímpeto do integralismo em direção ao poder.⁴²⁴

Lélia usa de uma imagem heroica para descrever aqueles acontecimentos. Buscando referenciar a sua escrita, ela ressalta que o conflito do qual participou também é visto por outras pessoas como um *evento expressivo* da história da cidade de São Paulo. Ao mesmo tempo em que esses fatos a impactavam, também o faziam nas lembranças de outros militantes, com quem ela compartilhou ou pode ter compartilhado suas vivências. De acordo com Ricardo Figueiredo de Castro,⁴²⁵ o evento em questão fora nomeado como *A Batalha da Praça da Sé*, mas, na memória de grupos de esquerda, ficou denominado como a *Revoada das Galinhas Verdes*, utilizando-se de um título de matéria de jornal denominado “Um integralista não corre, voa.”⁴²⁶ Outro traço presente no relato transcrito acima é a visão de que o fato foi um marco no impedimento

⁴²³ CASTRO, Ricardo Figueiredo de. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). *Topoi (Rio de Janeiro)*, v. 3, n. 5, p. 354-388, 2002.

⁴²⁴ ABRAMO, Lélia. *Vida e Arte: Memórias de Lélia Abramo*. São Paulo/Campinas: Fundação Perseu Abramo/ Editora Unicamp, 1997. p. 54 – 55.

⁴²⁵ CASTRO, Ricardo Figueiredo de. Op Cit. 2002.

⁴²⁶ A expressão “galinhas verdes” refere-se à cor dos uniformes dos militantes integralistas. S/A. (*O Homem do Povo*. Apud: CASTRO, Ricardo Figueiredo de. Op Cit. 2002. p. 377).

do avanço do fascismo no Brasil. Marcado como um *local de memória*⁴²⁷ não apenas para Lélia, o 7 de outubro se tornou um ponto de convergência para narrativas de vários militantes que atuaram naqueles anos.

Lélia vale-se também de relatos “externos” para moldar seu texto.⁴²⁸ A morte e a construção do martírio de Décio Pinto de Oliveira não são questões exclusivas suas. Observando com distanciamento temporal aquilo que pôde ver e sentir, ela teve a possibilidade de reelaborar seu olhar e tomar conhecimento do que outras pessoas experimentaram naquela mesma praça. Quanto a isso, o seu relato possui, igualmente, uma visão que define aqueles fatos a partir de uma ideia de união de forças. Tal representação harmônica advinha também de uma memória coletiva que servia de apoio para a construção de suas lembranças. Sobre isso, Ricardo Figueiredo de Castro⁴²⁹ explicou que, no processo de constituição da Frente Única Antifascista (FUA), da qual fazia parte a LC, se estabeleceu um debate conflituoso quanto às estratégias de mobilização entre grupos vinculados ao trotskismo e ao PCB. Para os primeiros, a unidade e a junção de forças contra a ameaça fascista era o enfoque, enquanto os últimos se opunham a tal discurso, se colocando como a principal frente de combate. Dessa forma, por meio da imagem do inimigo comum, ela parte dos debates da LC para interpretar aquilo que presenciou.

Nesse movimento interpretativo pessoal, a FUA acabou diminuindo dentro de seu texto. Ricardo Figueiredo Castro tentou para o fato de que, na composição da memória daqueles acontecimentos, o grupo perdeu espaço para a atuação da ANL, fundada em 1935. Ainda de acordo com esse autor, a ideia de a batalha ser o marco para o enfraquecimento do integralismo, associada ao surgimento da nova sigla, auxiliava na criação de uma imagem de que a FUA cumprira o seu objetivo. De fato, a organização se dissolveu em 1934, mas devido a mudanças conjunturais durante o segundo período Vargas, ao fortalecimento do fascismo a nível internacional (e do integralismo

⁴²⁷ Partimos aqui do conceito de Pierre Nora. (NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 10, 1993).

⁴²⁸ Sobre essa questão, Alistair Thomson trata do conceito de composição da memória. Segundo o autor, os sujeitos compartilham suas lembranças entre si e tomam contato com pessoas que vivenciaram processos semelhantes. Com base nesse diálogo, constroem e reconstróem seus relatos constantemente no decorrer de suas vidas. (THOMSON, Alistair. *Recompondo memórias: questões sobre as relações entre a História Oral e as memórias. Projeto História*, São Paulo, Vol. 15, 1997). Sobre tal ponto podemos citar ainda o clássico: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2013.

⁴²⁹ CASTRO, Ricardo Figueiredo de. Op Cit. 2002.

internamente) e aos debates em torno da Internacional Comunista, os quais faziam seus militantes se posicionarem pela formação de uma frente mais ampla, gerando o esvaziamento dos agrupamentos constituídos anteriormente.⁴³⁰

Todavia, uma outra questão chama atenção. Lélia se refere ao seu grupo por meio de um tom masculino, sendo que a única menção à presença de mulheres se volta àquelas que participavam do desfile, das quais ela se distancia. Por um momento, ela deixa em segundo plano sua condição de gênero ao escrever que esperaram as crianças e as mulheres passarem para iniciar a ofensiva. De acordo com Mirian Goldenberg,⁴³¹ ao analisar duas gerações de militantes, muitas acabavam adotando a estratégia de se atribuírem características tidas como masculinas (liderança, oratória, coragem, entre outras) a fim de galgar reconhecimento e, também, se identificar como parte da liderança. Lélia fala de um período posterior à primeira geração examinada pela antropóloga, mas não podemos deixar de atentar para como o seu relato foi construído por meio de repertórios baseados em concepções referentes às relações de gênero, com os quais teve contato naqueles anos.

Tal estratégia de inserção não era exclusiva de Lélia ou de mulheres presentes em grupos de esquerda. A primeira parlamentar eleita, em 1933, para a Assembleia Constituinte, Carlota Pereira de Queiroz, também se utilizava de uma retórica masculinizante para buscar se igualar a seus companheiros de bancada, podendo “enfim ser vista – pelos homens – como um „ser humano“”.⁴³² Segundo Mônica Raisa Schpun,⁴³³ tal perspectiva batia de frente com pautas de grupos feministas da época, muitos dos quais buscando a autonomia política das mulheres por meio do sufrágio universal. Com esse ponto de vista, havia Bertha Lutz,⁴³⁴ a qual sofreu críticas daqueles

⁴³⁰ Idem.

⁴³¹ Mirian Goldenberg tratou de um grupo de mulheres que atuou no período do Estado Novo (1937 – 1945) e outro que se formou nos anos da ditadura civil-militar (1964 – 1985). De acordo com a autora, apesar das permanências, as estratégias de inserção dessas militantes se modificaram com o passar do tempo, o que auxilia a compreender as mudanças nas concepções do papel da mulher nos meios políticos e de sua presença nos espaços públicos (GOLDENBERG, Mirian. *Mulheres e Militantes. Estudos Feministas*, p. 349-364, 1997).

⁴³² SCHPUN, Mônica Raisa. Op Cit. 1997.

⁴³³ Idem.

⁴³⁴ Bertha Lutz (1894 – 1976) nasceu em São Paulo – SP e se tornou bióloga e militante feminista na década de 1920. Elegeu-se pelo Partido Autonomista do Distrito Federal como suplente do deputado Cândido Pessoa. Com a morte deste, em 1936, assumiu o cargo no mesmo mandato de Carlota Pereira de Queiroz, permanecendo, assim como ela, até 1937. Bertha atuou na FBPF e possuía relações com militantes feministas europeias e norte-americanas. Ainda lecionou na UFRJ. Seu acervo pessoal se encontrava no Museu Nacional, mas se perdeu com o incêndio da instituição em 2018. Após o incidente, o conjunto documental foi declarado Patrimônio Perdido da Humanidade pela UNESCO. (S/A. Bertha

que se voltavam para os direitos trabalhistas. Essas agremiações de classe denunciavam as companheiras de Lutz por não contemplarem as demandas das trabalhadoras, como escreve Gláucia Fraccaro.⁴³⁵ Nesse sentido, a autora expõe que a concepção de uma polarização discursiva entre esses setores não dá conta de explicar a circulação de ideias feministas e suas diferenças.⁴³⁶ Para tanto, ela diz que, ao estudarmos as posições de tais grupos, devemos partir das concepções prévias que essas lideranças tinham de si e dos movimentos dos quais participavam, o que auxilia a compreender suas redes de solidariedade, conflitos e a circulação de ideias.

Lembrando que Lélia atuava em um grupo de esquerda na década de 1930, a presença de mulheres nesses espaços não pode ser vista como algo menor, contudo, os postos que ocupavam nos auxiliam a pensar sobre as barreiras de gênero existentes em tais agremiações.⁴³⁷ Gláucia Fraccaro escreve que os debates em torno da equidade entre mulheres e homens já ocorriam desde o final do século XIX, vindo a ganhar força principalmente com as greves de 1917 e, posteriormente, com a atuação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), criada em 1922, e as movimentações do início da década de 1930.⁴³⁸ Fruto desse mesmo processo, o direito ao sufrágio, à candidatura e eleição de mulheres havia sido conquistado recentemente (1932),⁴³⁹ o que nos faz refletir sobre a atuação política delas no período em que Lélia começou a atuar. Todavia, Flávia Biroli⁴⁴⁰ diz que é importante lembrar que a pauta da libertação pelo trabalho, defendida por grupos feministas (como a FBPF), não era uníssona entre todas as mulheres. Para muitas delas (em sua maioria negras, camponesas e pobres), o trabalho já era parte de suas vidas e trazia-lhes opressões que se somavam às desigualdades de gênero.

Lutz. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/berta-maria-julia-lutz> Acesso: 23/01/2021 às 01:37 hrs.)

⁴³⁵ FRACCARO, Gláucia. *Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937)*. São Paulo: Editora da FGV, 2018. p. 77.

⁴³⁶ Idem. p. 84 – 85.

⁴³⁷ Gláucia Fraccaro atenta para a presença feminina em espaços de militância como partidos e sindicatos já no início do século XX. Contudo, ela expõe que as barreiras existiam muitas vezes na conquista de postos de liderança dessas agremiações (Ibidem. p. 16 – 17).

⁴³⁸ Ibidem. p. 77.

⁴³⁹ SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. *Revista Brasileira de Educação*, nº 15, p. 97 – 117, 2000. p.104 – 105.

⁴⁴⁰ BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

Não temos como negar ou afirmar que o projeto de Lélia era entrar na política institucional, mas sua circulação em espaços de militância remete-nos ao campo de possibilidades de uma mulher, branca, de ascendência europeia e em sua posição social, em um período de consolidação de direitos no Brasil e em outros países. Com esses marcadores, Lélia teria, potencialmente, mais condições do que outras pessoas, como mulheres pobres e negras, de adentrar na vida política “oficial”.

Além disso, não podemos excluir as agremiações de esquerda dos anos 1930 dos debates em torno das desigualdades entre homens e mulheres ou mesmo da reprodução de posturas contrárias à paridade e igualdade de gênero. O PCB buscava aproximar mulheres de suas atividades, mas não deixou de sofrer críticas internas devido à resistência de alguns de seus membros a tal inclusão.⁴⁴¹ Da mesma maneira, Andrea D’Atri⁴⁴² apontou que o trotskismo reproduzia muito da retórica patriarcal à sua volta desde os seus primeiros grupos. Sendo assim, é preciso lembrar que a LC não estava apartada dos conflitos presentes naqueles anos, inclusive daqueles referentes aos papéis e hierarquias de gênero.

Além do mais, Lélia se inseriu em grupos liderados por seus irmãos e isso possivelmente não era casual. De acordo com Mirian Goldenberg,⁴⁴³ nas gerações que vivenciaram a militância dos anos 1930, muitas mulheres aderiam a agremiações políticas por meio de familiares homens (como irmãos, pais e avós) ou de seus maridos. Nesse processo, várias delas seriam reconhecidas como esposas, filhas ou irmãs de algum militante que, por ser homem, tinha muito mais chances de conseguir espaço e visibilidade em seus postos de liderança. Em tal ambiente, segundo a autora, uma parcela delas ainda conseguia inserção por meio de seus repertórios acadêmicos e culturais. Talvez pela sua origem de classe, e pelas leituras às quais pôde, a partir disso, ter acesso, Lélia conseguiu algum reconhecimento dentro da LC. Além do mais, ela possuía certo capital familiar, o qual lhe abria a possibilidade de circular em espaços ocupados pelas esquerdas. De toda forma, sua posição social e os laços construídos não excluía tensões de gênero. O espaço discreto que Lélia ocupa em narrativas e produções da LC pode ser sintomático dessas tensões, como podemos exemplificar com o seguinte relato:

⁴⁴¹ FRACCARO, Glauca. Op Cit, 2018. p. 69.

⁴⁴² D’ATRI, Andrea. Feminismo y Marxismo: más de 30 años de controversias. *CEME – Archivo Chile*, v. 3, 2004.

⁴⁴³ GOLDENBERG, Mirian. Op Cit, 1997.

Transferindo-se para São Paulo o Comitê Central da Liga Comunista Internacionalista, esta absorve numerosos elementos ativos em organizações sindicais, estudantis e políticas que se negavam a filiar-se ao PCB por motivos muito afins ou semelhantes aos que determinavam as posições da LCI. O mais numeroso e significativo desses grupos, que permitiu rápida expansão das atividades da LCI, era formado por Mirno Tibor, jovem e brilhante estudante; Arnaldo Tommasini, Lélia Abramo e Fúlvio Abramo, todos empregados no comércio, L. Mássara, contador, Azis Simão, estudante, Mário Colleoni, metalúrgico de Santo André, Ariston Rusciolelli, comerciante, Josefina Mendez, operária têxtil, Fernando Bertolotti, contador, e outros.⁴⁴⁴

Os relatos sobre a atuação da LC partem de uma visão que prioriza os homens e os feitos masculinos. Dentre os relatos aos quais tivemos acesso, o de seu irmão Fúlvio Abramo é o único a mencionar a presença de Lélia na agremiação, o que possivelmente ocorreu pela sua proximidade com ela. Ele ainda cita, em uma entrevista, a participação de sua irmã:

A Revolução de 30 vai me encontrar num grupo que havia começado comigo, com Azis Simão, minha irmã Lélia e meu primo Arnaldo, praticamente em 1928, e entramos no Partido Socialista, com mais outras pessoas. (...). Eu e a Lélia conseguimos no nosso sindicato compor um grupo minoritário, mas muito mais ativo do que o do PCB, que era contra a Frente Única, porque mantinha sua política de aliança com a pequena burguesia.⁴⁴⁵

Apesar de ser citada por Fúlvio, Lélia aparece pontualmente em suas memórias. Tal fato não significa necessariamente uma falta de reconhecimento quanto a sua atuação na LC, mas talvez expresse uma visão masculina da política. Nesse sentido, sua narrativa possivelmente é formada pelos repertórios acima mencionados sobre as relações de gênero. De toda forma, ainda é interessante notar que a presença dos irmãos se tornou central nas lembranças da atriz:

A essa altura, já estava associada ao Sindicato dos Comerciantes, onde logo fui colaborar com o Departamento de Sindicância (...). Apoiei, dentro do sindicato, a ala trotskista, graças ao trabalho ativo e percuciente de meu irmão Fúlvio, que na ocasião enfrentava sozinho a ferrenha atuação da ala stalinista de Noé Gertel, Arnaldo Pedrosa D’Horta e outros, de cujos nomes não me lembro. Eles também eram muito agressivos e contavam com uma base muito ampla de simpatizantes entre os sócios do sindicato.

⁴⁴⁴ Em uma compilação de documentos da LC há relatos de militantes trotskistas sobre o material reunido e a atuação da agremiação na década de 1930. No livro produzido como resultado deste projeto, Lélia apareceu unicamente nesse momento. (ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (orgs.). *Na contracorrente da história: documentos da Liga Comunista Internacionalista (1930-1933)*. Brasiliense, 1987. p. 32).

⁴⁴⁵ ABRAMO, Fúlvio. Entrevista realizada por Eugênio Bucci. Teoria e Debate, nº 1, 4º trimestre de 1987. In: *Rememória: Entrevistas sobre o Brasil do século XX*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 11 – 28.

Na minha atuação no Departamento de Sindicância eu era totalmente envolvida por essa disputa de poder. Nas assembleias, meu irmão enfrentava valentemente os stalinistas, também eles aguerridos e combativos. (...) Nós, a juventude engajada da época, passamos nossos melhores dias em discussões políticas e ideológicas, correrias, fugas, sustos, prisões, exílios, etc. Não nos esqueçamos do que vivíamos, nessa altura, sob a ditadura de Getúlio Vargas.⁴⁴⁶

Lélia reconhece que não pode se lembrar de todos os envolvidos nos grupos de esquerda rivais da LC, reforçando ao seu leitor que está sendo honesta com relação aos fatos. Esse *contrato* ainda aparece quando ela se utiliza de dados (como a expressividade da presença de militantes stalinistas em alguns setores profissionais) para compor seu texto, auxiliando a compreender a correlação de forças entre as esquerdas na década de 1930. A narrativa de Lélia parte para dois caminhos. Primeiramente, o tom de crítica aos stalinistas. Se atentarmos para esse ponto, é possível notar que seu relato é construído por meio das experiências vividas em grupos trotskistas, levando em consideração a imagem negativa construída por esses dos rumos tomados pela União Soviética. Segundo, acentuando a coragem e a iniciativa de seu irmão Fúlvio, ela pensa nas divisões ideológicas entre grupos de esquerda e na sua própria militância. Como apontado no capítulo anterior, essa representação dos membros de sua família aparece em outros momentos de sua narrativa, visando dar sentido a seus projetos políticos e a sua atuação em grupos marxistas e agremiações de classe.

Lélia entrou no Sindicato dos Comerciários em 1932, em um período de construção das políticas de Vargas relativas à classe operária,⁴⁴⁷ ao longo do qual, nos embates internos pela hegemonia dessas instituições, ganhavam destaque os conflitos entre comunistas e getulistas pela representação e mobilização dos trabalhadores.⁴⁴⁸ Por outro lado, sua participação como secretária e atuante nos trabalhos administrativos da instituição nos leva a refletir sobre os campos de possibilidades de uma mulher branca em um grupo de representação de classe naqueles anos, quando, geralmente, os homens (brancos) conseguiam cargos deliberativos ou de liderança, deixando para elas os postos que consideravam adequados, sobretudo os de “apoio”. Gláucia Fraccaro mostra que a presença de mulheres nessas agremiações não era uma excepcionalidade, devendo-se

⁴⁴⁶ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 53 – 54.

⁴⁴⁷ D'ARAUJO, Maria Celina. Estado, classe trabalhadora e políticas sociais. *O Brasil republicano*, v. 2, p. 213-239, 2003; GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

⁴⁴⁸ CASTRO, Ricardo Figueiredo de. Op Cit. 2002.

atentar para suas formas próprias de organização e o modo como entendiam sua militância. Mesmo assim, ela não nega o caráter excludente de sindicatos e partidos, o que ocorria pela composição majoritariamente masculina de suas lideranças e outros fatores. Segundo a autora, o PCB chegou a atentar para a baixa presença delas em suas atividades, buscando arregimentar militantes nas fábricas.⁴⁴⁹

Se pensarmos que o relato de Lélia sobre aquela instituição não faz distinções de gênero, devemos atentar igualmente para a sua autoimagem como uma pessoa autônoma e com iniciativa. Outro ponto que nos chama atenção é que, em um panfleto produzido pelo Sindicato no ano de 1934, podemos notar a presença de pautas referentes às mulheres, porém com alguns detalhes que merecem ser destacados:

Companheiros.

Compareçamos em massa à Grande Assembléa (sic.) Pública, que se realizará no próximo dia 17, quinta-feira, às 20,30 horas, no endereço acima [Praça da Sé, 53 – Edifício Santa Helena], onde serão lançadas as bases para a organização da luta pela conquista das seguintes reivindicações imediatas:

(...) Abolição do regime de exploração a que estão sujeitas todas as mulheres que trabalham no comércio, ganhando salários de fome, apesar (sic) da sua capacidade de trabalho, algumas vezes superior à dos homens. (...)

Companheiros do Comércio – A postos na Grande Assembléa pública da corporação, onde tereis pela liberdade, sob a guarda da lei, de reclamar e exigir os vossos direitos, espeznados pela bota patronal.⁴⁵⁰

Apesar de tocar em questões referentes às mulheres, os produtores do panfleto partilhavam de uma retórica que definia a capacidade de trabalho feminino como “algumas vezes superior à dos homens”, ou seja, na maioria das vezes inferior ao ofício de seus companheiros. Mesmo assim, não se pode negar que seus membros inseriam demandas de trabalhadoras entre as pautas da agremiação, o que não era uma novidade. Desde os primórdios da Primeira República, já se discutia a questão salarial feminina, o que ganhou força após as greves de 1917 e estava sendo incorporada na pauta de grupos feministas, como a FBPF, em 1931.⁴⁵¹ Além do mais, havia no sindicato grupos que disputavam espaço no interior da entidade, dentre os quais, a LC. Lélia atuou em tal ambiente. Nesse sentido, não apenas seus irmãos, mas a agremiação também lhe abria um espaço maior de inserção política. A LC chegou a inserir militantes nos sindicatos para a organização de órgãos de base, dentre as quais, Lélia. Em seu regimento,

⁴⁴⁹ FRACCARO, Gláucia. Op Cit, 2018. p. 67.

⁴⁵⁰ SINDICATO dos Comerciários. Folheto. 1934. Coleção Fúlvio Abramo. CEMAP. São Paulo: CEDEM-UNESP.

⁴⁵¹ FRACCARO, Gláucia. Op Cit, 2018. p. 78.

constava que: “Aos encarregados do trabalho sindical compete: dirigir a atividade da Liga dentro dos sindicatos (...) zelar pela atividade dos comunistas nos sindicatos operários; manter ligação, dentro da Liga, com os camaradas de funções correspondentes”.⁴⁵²

Voltando ao relato exposto acima, Lélia também compõe sua memória com base no contato que teve com as lembranças de outros jovens da década de 1930. Partindo de falas acerca do período (mesmo abordando um momento anterior ao golpe do Estado Novo de 1937), ela define o momento inicial de sua atuação política como uma época de perseguição. Tendo, no momento da escrita, uma visão distanciada daqueles anos, a personagem, que posteriormente passou por outros momentos autoritários, bem como por períodos democráticos, certamente tinha condições de entender bem o que significavam *anos de perseguição*.

Ao tratar de sua experiência de militância entre 1932 e 1938 (ano em que partiu para a Itália), Lélia ainda menciona uma tensão pessoal com a LC:

Certo dia, estava eu sentada, trabalhando em uma mesa na sala de entrada do Sindicato dos Comerciários, quando repentinamente apareceu na porta, com os braços estendidos lateralmente, como que segurando os umbrais, um jovem alto, tez dourada, olhos escuros. Como quem chegasse após uma corrida, tinha a camisa aberta ao peito, coisa rara naquela época em que mesmo os jovens jamais largavam a gravata e o chapéu (...). Logo vim a saber que era filiado ao PCB (...). Na década de 1930, as organizações clandestinas de esquerda enfrentavam, (...), uma gigantesca perseguição, que os obrigava a manter um regime interno de disciplina irrestrita, quase militar, e uma sujeição quase mística às determinações da direção, que deveriam ser aceitas sem discussão. Daí a intransponibilidade entre duas tendências que, embora lutando na mesma trincheira, digladiavam-se como inimigas (...). Se confirmasse o namoro, N. seria expulso. Isso só não aconteceria se eu renunciasse à minha filiação à Liga Internacionalista (...). Após nossa separação, atirei-me com fria determinação à militância, escolhendo propositadamente as atividades mais perigosas. Minha saúde agravou-se de forma alarmante.⁴⁵³

Os projetos de Lélia acerca de sua militância esbarravam no impedimento de seu projeto afetivo de se unir com o militante não nomeado do PCB. Contudo, ela acaba naturalizando uma hierarquia de gênero ao tratar do tema, pois, em seu ponto de vista, quem deveria se desligar da militância era ela, visando não prejudicar seu namorado. Lélia não chega a questionar a possibilidade de uma estratégia inversa para manter o relacionamento. Tal posicionamento pode ter sido construído a partir daquilo que ela

⁴⁵² ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis. Op Cit, 1987.

⁴⁵³ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 57 – 59.

vivenciou direta ou indiretamente, das conversas ou do cotidiano dos grupos nos quais esteve inserida, bem como dos repertórios formados no contato com essas pessoas. De acordo com Mirian Goldenberg,⁴⁵⁴ na atividade militante, muitas mulheres modificavam ou mesmo cancelavam seus projetos, sufocando seus anseios para priorizar a militância, no sentido de se afirmar como tão comprometidas quanto os homens. Se partirmos dessa análise, podemos observar a margem de negociação maior que os homens tinham nesses espaços.

A frustração de seu relacionamento marcou suas memórias. A ênfase que ela dá aos detalhes do dia no qual rompeu seu namoro é complementada pela linearidade que construiu entre esse evento e a fragilização de sua saúde, motivo pelo qual optou por ir para a Itália em busca de tratamento. É de se notar também que ela praticamente dedicou o terceiro capítulo de sua autobiografia ao relacionamento interrompido, tocando em seu final na saída do Sindicato em 1936,⁴⁵⁵ fato apontado como resultado de sua oposição à política trabalhista de Vargas (relato moldado por meio não somente da vivência da perseguição às esquerdas naqueles anos, mas também de experiências posteriores relativas à crítica à falta de autonomia sindical, que veremos mais adiante) e também do isolamento provocado pela ausência de outros militantes da LC, com destaque para seu irmão, os quais estavam presos ou refugiados.

Partindo dessas considerações, a narrativa de Lélia sobre sua militância naqueles anos trata em mais de um momento de comportamentos exigidos pelo grupo como um teste para seus militantes. A sensação de que estava a prova ainda parte, dentre outros fatores, de algo presente nos estatutos da LC, os quais diziam que: “Os membros da Liga aceitam os princípios, os estatutos, a tática e a disciplina da Liga. (...) Submetem-se às decisões das conferências nacionais e internacionais, assim como da Comissão Executiva.”⁴⁵⁶ A disciplina e a obediência que ela descreve em seu relato advinham, portanto, de comportamentos qualificados como os ideais para os círculos militantes, definidos por Lélia como uma estratégia de sobrevivência em um período repressivo. Novamente aqui, os repertórios formados por meio dos embates teóricos e práticos entre o PCB e os trotskistas foram os elementos que subsidiaram a sua interpretação.

⁴⁵⁴ GOLDENBERG, Mirian. Op Cit, 1997.

⁴⁵⁵ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 60 – 62.

⁴⁵⁶ ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis. Op Cit, 1987.

Lélia não sofreu a repressão do Estado Novo em todo o seu período de duração, mas, partindo para a Itália, vivenciou o fascismo e a guerra. Na Europa, as relações de amizade construídas por meio da militância no Brasil facilitavam a comunicação com sua família. Mário Pedrosa⁴⁵⁷ e seu irmão Fúlvio trocaram cartas por meio das quais se comunicavam acerca do conflito e intermediavam informações entre a parte da família Abramo que estava na Itália e aquela que aguardava no Brasil.⁴⁵⁸ Além do mais, não podemos deixar de dizer que os repertórios marxistas de Lélia a auxiliaram a interpretar o regime fascista italiano. Referindo-se a um momento no qual concorreu a uma vaga de emprego em uma agência cinematográfica de Roma, ela lembra que:

O chefe Remo Cipriani, convidou-me para sentar e foi logo falando dos requisitos necessários: diploma de algum curso superior, filiação ao Partido Fascista, etc. etc. Levantei-me assustada.

- Filiação ao Partido Fascista? – Perguntei.

- Certamente! Por quê? – Disse ele.

- Nesse caso, não posso concorrer, porque sou brasileira e não pertencço ao Partido Fascista. Mas é mesmo necessário pertencer ao partido? – Perguntei ansiosa.

- Claro! Mas a senhora pode filiar-se a qualquer momento.

- Não, – disse – jamais farei isso.

Agora o assustado era ele. Olhou-me com certa ironia zombeteira e, levantando-se, despediu-me.⁴⁵⁹

Lélia entende que a necessidade de se filiar ao Partido Fascista para conseguir trabalhar era uma afronta. Esse estilo de escrita provavelmente tem o objetivo de dar concretude à narrativa, possibilitando ao leitor imaginar o tom da conversa e, ao mesmo tempo, reforçando a sua experiência com a repressão durante o regime totalitário italiano (1922 – 1943). Em outros momentos, nos quais cita suas experiências em relação ao fascismo e a guerra, Lélia continua se colocando como uma opositora direta ao primeiro, mas, ao mesmo tempo, ressalta sua *italianidade*, expressando-se por meio

⁴⁵⁷ Mário Pedrosa (1900 – 1981) foi um jornalista nascido em Timbaúba-PE. Filiou-se ao PCB em 1926. Na década de 1930 auxiliou na articulação de grupos trotskistas em São Paulo tendo de se exilar na França em 1937 com o início do Estado Novo. Retornando ao Brasil em 1945, atuou como colunista de arte na imprensa paulista, vindo a se exilar novamente entre 1970 e 1977. Em 1980 participou do ato de fundação do PT, mas faleceu no ano seguinte no Rio de Janeiro. Seu acervo pessoal encontra-se na coleção do CEMAP, no CEDEM da UNESP. (S/A. Mário Pedrosa. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedrosa-mario> Acesso: 23/01/2021 às 01:37 hrs.)

⁴⁵⁸ Devido à necessidade de autorização expressa para a divulgação de documentação de cunho pessoal, optamos por citar essas cartas sem expor seu conteúdo, as quais podem ser consultadas nos acervos a que pertencem. ABRAMO, Fúlvio. Cartas recebidas por Mário Pedrosa. Coleção Mário Pedrosa. CEMAP. São Paulo: CEDEM-UNESP.

⁴⁵⁹ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 77.

de um sentimento nacionalista. Nesse sentido, ao relatar um diálogo que teve com um policial de Roma (na tentativa de não ser expulsa da cidade em um momento no qual os brasileiros passaram a ser considerados inimigos pelo governo italiano após a declaração de guerra em 1942), ela diz:

Levantei-me assustada, dizendo:

- Isso eu não posso fazer.

- Por quê?

- Não posso. Sou contra essa guerra.

E ele:

- A senhora sabe o que está dizendo?

- Sei perfeitamente.

Ele levantou-se, e indo para uma janela, disse:

- Está vendo aquele pátio ali embaixo?

- Estou.

- Eu posso leva-la e mandar prendê-la. Estamos em guerra e a senhora é inimiga.

- O senhor faça o que quiser, mas essa carta não escrevo. (...)

- Então a senhora escreva uma carta em que declare ter orgulho de ser filha de italianos.

- Isso eu posso fazer.

Assim escapei de ser expulsa de Roma e continuei trabalhando.⁴⁶⁰

Essa imagem pessoal aparece em outros momentos da narrativa. A presença de opositores de esquerda e a repressão a eles ainda ganha progressivamente destaque em seu texto. A partir desses elementos, ela constrói sua memória acerca do final da guerra e da crise do fascismo com base nas narrativas de militantes e de publicações com as quais, possivelmente, teve contato. Nesse sentido, músicas e expressões atribuídas aos comunistas italianos são utilizadas para reforçar o pacto referencial do seu texto e enfatizar que aquele momento era de felicidade geral pelo *fim* do fascismo. Para tanto, escreve que a população local cantou *Bandiera Rosa* no instante em que tomaram conhecimento de que o regime totalitário fora derrubado.⁴⁶¹

No processo de narrar a si, a forma como Lélia se apresenta também parte de referências adquiridas no contato com o seu entorno. Podendo olhar de forma distanciada para a sua militância até o retorno ao Brasil (1950), ela se contrapõe a uma visão patriarcal que delegava às mulheres os espaços do lar e da família, inserindo-se

⁴⁶⁰ Idem. p. 90 – 91.

⁴⁶¹ Ibidem. p. 93.

em uma posição que lhe foi possível devido aos seus contatos familiares e à sua posição social. A partir da forma como compreende a sua militância e o seu trabalho na década de 1930, Lélia teve a possibilidade de perceber as opressões de gênero e conseguir assim se ver como autônoma e corajosa em uma conjuntura na qual a inserção política de mulheres sofria com obstáculos em diferentes círculos. Além do mais, ela construiu, com base nesses pontos, sua noção do que era ser militante, bem como pôde se reconhecer como contribuinte em um processo de luta por direitos políticos e sociais.

Eu, assistente social

João Pessoa, 1966. Luíza, com trinta e dois anos de idade, formanda, discursa como oradora das (os) graduandas (os) de todas as turmas daquele ano da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Em sua fala, os agradecimentos e as citações a pessoas homenageadas se voltam para a sua relação pessoal com o trabalho de assistente social:

Sendo a liderança o resultado de dois fatores: a personalidade e a situação social, é evidente a influência da Universidade, como meio ambiente, na formação da personalidade do líder (...). Como porta-voz dos sentimentos dos nossos colegas concluintes, quero manifestar nossa imensa alegria por encontrar-se entre nós, na qualidade de paraninfo geral, S. Exma. Revma. D. José Maria Pires, DD. Arcebispo Metropolitano (...). Como verdadeiro apóstolo, não hesitou em deixar tudo, até mesmo aquela outra parcela do rebanho que a Providência lhe confiara e que, certamente, lhe era muito querida, para vir para o Nordeste, consciente de que, no encontro com o Sumo Pastor, haverá um só rebanho (...). Essa realidade espiritual-corporal constitui um dos mistérios mais insondáveis. Nele se esboçam sempre novos aspectos, cada vez mais profundos e complexos, mas perfeitamente unificados, formando um todo harmonioso e irredutível.⁴⁶²

Luíza apresenta esse discurso em sua autobiografia para reforçar a sua atuação política posterior. Sem deixar de lado tal questão,⁴⁶³ vamos utilizar agora esse texto como fonte para analisar a sua militância naqueles anos. A proximidade de Luíza e seus colegas com o Arcebispo da Diocese de João Pessoa, Dom José Maria Pires,⁴⁶⁴ partia de

⁴⁶² SOUSA, Luiza Erundina de. *Exercício da paixão política*. São Paulo: Cortez Editora, 1991. p. 18 – 21.

⁴⁶³ Analisaremos mais detidamente a construção das memórias de nossas personagens no quarto capítulo desta tese.

⁴⁶⁴ Dom José Maria Pires (1919 – 2017) nasceu na cidade de Córregos-MG e iniciou suas atividades religiosas em 1941. Participou dos debates do Concílio Vaticano II (1962 – 1965). Foi nomeado arcebispo em 1965, permanecendo no cargo até 1995. Segundo Vanderlan Pereira (2012), ele recebeu o apelido de Dom Pelé pelo fato de ser negro. Após se aposentar, ele retornou a Minas Gerais, vindo a falecer em Belo Horizonte. (PEREIRA, Vanderlan Paulo de Oliveira. *Em nome de Deus, dos pobres e da libertação: ação pastoral e política em Dom José Maria Pires, de 1966 a 1980*. 2012. Dissertação (Mestrado em

uma rede de relações construídas entre a universidade e religiosos católicos. De acordo com Vanderlan Paulo de Oliveira Pereira,⁴⁶⁵ a chegada do clérigo mineiro a João Pessoa foi bem recepcionada por setores militantes e estudantis. Nesse sentido, as expectativas de Luíza e seus colegas com Dom José possivelmente se davam pela sua proximidade com os preceitos do Concílio Vaticano II, principalmente a sua proposta de atuação com as camadas populares da sociedade, atraindo provavelmente a atenção de estudantes e de assistentes sociais e auxiliando na criação de laços entre os formandos e a cúria paraibana.

Projetos semelhantes também eram postos em prática por religiosos progressistas em outras capitais e cidades latino-americanas.⁴⁶⁶ Nesse processo, por meio de atividades nas periferias, estudantes poderiam trabalhar em conjunto com tais agentes, auxiliando talvez na construção de relações profissionais e até de militância.

As propostas do arcebispo com relação à alfabetização de adultos e aos problemas de moradores das periferias pessoenses devem ter fomentado a sua aproximação com aquelas (es) assistentes sociais. Entre 1966 e 1971, um de seus planos abarcava as condições de moradia e urbanização do bairro do Cordão Encarnado, em João Pessoa. Nesse projeto, estudantes foram inscritos para auxiliar nos trabalhos junto aos moradores,⁴⁶⁷ expandindo e fortalecendo vínculos e atividades com profissionais que já estavam na região, dentre os quais Luíza, que atuava como estagiária no bairro desde 1964.⁴⁶⁸ Lembrando dos debates daqueles anos, Erundina se graduou em meio à efervescência da Teologia da Libertação, o que possivelmente contribuiu para a construção de sua visão dos fatos e de seus projetos pessoais e políticos. Ao lembrar desse trabalho, ela trata de sua amizade com o arcebispo em uma entrevista:

– Eu, como assistente social, tinha vínculo com comunidades urbanas pobres e com comunidades rurais pelo trabalho de Igreja que eu fazia. Era a época do José Maria Pires, o dom Pelé, que também era uma pessoa muito engajada, muito comprometida. E isso era visto como algo subversivo (...). Ele chegou na Paraíba em 1966. Foi o patrono da minha e de muitas turmas

História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2012.).

⁴⁶⁵ PEREIRA, Vanderlan Paulo de Oliveira. Op Cit, 2012.

⁴⁶⁶ LÖWY, Michael. Cristianismo da Libertação e Marxismo: de 1960 a nossos dias. *História do marxismo no Brasil*—Partidos e movimentos após os anos 1960, v. 6. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

⁴⁶⁷ Idem.

⁴⁶⁸ Na dissertação de mestrado de Luíza, há uma lista das atividades profissionais e acadêmicas realizadas desde a graduação, seguidas de seus respectivos períodos de execução (SOUSA, Luíza Erundina de. *Integração em Serviço Social*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Escola de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP). São Paulo, 1966).

da universidade. E fui a paraninfa das turmas, na época em que ele foi o patrono das turmas gerais da universidade.

– *E você tinha contato com dom Helder?*

– Tinha porque lecionei também numa fundação lá de Recife, numa escola de enfermagem. (...) E essa faculdade funcionava na igreja em que dom Helder morava nos fundos.⁴⁶⁹

Luíza foca a lembrança de sua atuação na imagem do arcebispo. Percebendo-se como próxima de setores progressistas da Igreja, entende que essa relação auxiliou em seu trabalho, vindo ainda a se apoiar em Dom Helder Câmara⁴⁷⁰ para construir sua narrativa. Voltando às falas de 1966, os repertórios utilizados para a construção da sua memória partiam de uma noção do ser humano como um todo harmonioso e para o qual deveriam se voltar não somente as atenções dos religiosos, como também daquelas (es) que quisessem compreender a sociedade em busca de projetos para sanar seus conflitos e contradições.⁴⁷¹

Luíza, como vimos, ainda estudou na UFPB no período de surgimento do Movimento de Reconceituação do Serviço Social, o qual defendia uma atuação não-assistencialista sobre a sociedade, prezando por ações de conscientização e mobilização de suas camadas populares. Os defensores dessa reconfiguração do campo ainda visavam o distanciamento dos setores clericais, os quais tinham influência na área até então. Por outro lado, como analisamos no primeiro capítulo, religiosas (os) se faziam presentes no corpo docente da UFPB, o que fortalecia a permanência de laços entre o

⁴⁶⁹ SOUSA, Luiza Erundina de. *Luiza Erundina (depoimento, 2001)*. Rio de Janeiro, CPDOC/Ministério da Previdência e Assistência Social - Secretaria do Estado de Assistência Social, 2002. p. 15.

⁴⁷⁰ Dom Hélder Câmara (1909 – 1999) nasceu em Fortaleza-CE. Ingressou no Seminário em 1923, vindo a se tornar bispo em 1952, no Rio de Janeiro. Atuou na formação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) nesse mesmo ano. Foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife em 1964, permanecendo no cargo até 1985. Teve participação em grupos em defesa dos Direitos Humanos e foi investigado pelo DEOPS. Faleceu em Recife e é alvo de um processo de beatificação e canonização na Igreja Católica. A imagem de Dom Hélder Câmara como sujeito central na oposição ao regime autoritário também foi reforçada por textos acadêmicos: CONDINI, Martinho. *Dom Hélder Câmara: Modelo de Esperança na caminhada para a paz e a justiça social*. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004; RAMPON, Ivanir Antonio. *O caminho espiritual de Dom Helder Câmara*. Editora Paulinas, 2015. Também essa imagem fora reforçada por homenagens como: SILVA, Ilda Lopes Rodrigues da. *Dom Hélder Câmara e o Diálogo*. PUC-RJ, 2009 (Ver também: S/A. Dom Hélder Câmara. Memórias da Ditadura. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/dom-helder-camara/>. Acesso: 23/01/2021 às 01:37 hrs.).

⁴⁷¹ PAULO VI, Papa. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*. Cidade do Vaticano: 1965. Entre as falas de 1966 e o relato de 2002, podemos notar como certas questões permaneceram ou se modificaram. Acerca disso, a visão de sua proximidade com a Igreja continuou presente em suas memórias, mas sua interpretação se voltou mais para um caminho explicitamente político-ideológico do que teórico e teológico. Tal mudança pode ter ocorrido devido aos contatos construídos posteriormente com militantes de grupos de esquerda, como o próprio PT.

corpo discente e grupos clericais. Nesse sentido, as discussões da Teologia da Libertação possivelmente reformulavam tais relações, partindo de um outro viés acerca do trabalho junto à sociedade e, assim, amenizando conflitos que talvez fossem colocados. Tal perspectiva teórica também aparecia na formatura de 1966:

É perda injustificável de tempo uma ação paliativa sobre os efeitos dos problemas, sem que se vá as suas causas profundas, visando a removê-las. (...) Muitos nos têm acusado, a nós, Assistentes Sociais, de espírito burguês. Precisamos nos auto avaliar séria e honestamente para ver até que ponto isso corresponde à verdade, porque este qualificativo não nos fica bem. Se alguma pedra tenham para lançar contra nós, que não seja jamais por conviência com os erros da burguesia: (...) por não nos empenharmos decididamente no sentido de garantir a todos os homens o exercício pleno e responsável dos seus direitos e deveres inalienáveis que o próprio Deus lhes conferiu e que injustamente os outros homens lhes negam, num atentado grave à ordem estabelecida por Deus.⁴⁷²

Mesmo com as tensões acima citadas, o discurso apostolar da Igreja era expressivo na fala de Luíza. De acordo com Anália Barbosa da Silva, Diego Tabosa da Silva e Luiz Carlos Souza Junior,⁴⁷³ desde 1936, com a implantação do primeiro curso de Serviço Social no Brasil, a Igreja Católica estabeleceu estreitas relações com a área, auxiliando na reflexão sobre sua forma de atuação e nas suas concepções de sociedade. Segundo os autores, tais relações se construíram em diferentes instituições de ensino brasileiras, o que foi fomentado durante o Estado Novo. Dessa forma, o movimento de mudança teórico-metodológica da área não era algo total e muito menos representou uma renovação hegemônica dos docentes e profissionais do setor. Devemos ter em mente que sujeitos próximos do debate *reconceitualista* provavelmente já possuíam um trabalho anterior e podiam trazer consigo repertórios construídos previamente em suas trajetórias. De toda forma, tais relações entre a Igreja e o departamento possibilitavam a Luíza construir referências a partir de autores voltados a essa linha de atuação e estar a par também dos debates da Igreja Católica e do Concílio Vaticano II.⁴⁷⁴

Na compreensão de Luíza, os assistentes sociais teriam a função de auxiliar pessoas oriundas de setores populares a moverem o processo histórico desencadeado pela luta de classes.⁴⁷⁵ Com base nesses debates teológico-políticos, ela ainda estabelece

⁴⁷² SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit, 1991. p. 29 – 30

⁴⁷³ SILVA, Anália Barbosa, Silva Diego Tabosa, SOUZA JUNIOR, Luiz Carlos. Op Cit, 2016.

⁴⁷⁴ Ao tratar do ser humano como um todo harmonioso (alma e corpo), Luíza se utiliza de uma das premissas da carta papal *Gaudium et Spes*, uma das bases do Concílio Vaticano II. (PAULO VI, Papa. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*. Cidade do Vaticano, 1965).

⁴⁷⁵ Para além dos repertórios construídos por meio dos debates citados, Luíza partia de uma leitura marxista da conjuntura a sua volta. Tal perspectiva pode ter vindo do contato que teve com autores que

uma ponte entre a visão materialista da ação humana e uma percepção metafísica da presença divina, ambas pautadas por uma retórica voltada à justiça e à dignidade humanas.⁴⁷⁶ Nesse ponto, como afirmado anteriormente, o fato de ter ingressado na Universidade, e no curso em questão, lhe aproximava de projetos da Igreja, mas também lhe possibilitava interagir com os referidos debates, visto que poderia ter contato com textos de autores próximos a uma visão crítica da ação pastoral e do Serviço Social, construindo assim sua interpretação dos fatos e, de forma mais concreta, seu discurso de formatura.

Outra questão pertinente é o fato de que, diferente de Lélia, Luíza iniciou sua militância em um período no qual uma mulher (branca de classe média) tinha um campo maior de atuação em agremiações políticas e sociais.⁴⁷⁷ Grupos próximos a setores progressistas da Igreja auxiliavam nesse processo, bem como em seu projeto de inserção política.⁴⁷⁸ Contudo, tensões referentes às relações de gênero também existiam. Flávia Biroli⁴⁷⁹ escreve, inclusive, que essas atividades não seriam impossíveis às mulheres, mas que havia discrepâncias com relação àquilo que os homens precisavam fazer para se inserir e ascender. Segundo a autora, elas ainda se acentuariam com relação aquelas que tinham de trabalhar ou eram mães (muitas das quais negras, o que reforçava as desigualdades de raça). Ao refletir sobre essas questões, e visando se colocar como resistente à lógica que secundarizava as mulheres, Luíza apresentou como referência, em sua autobiografia, um trecho de jornal que noticia sua escolha para oradora dos formandos de 1966. O texto em questão possui um tom de resistência quanto ao fato de uma aluna ter sido escolhida como oradora. Com essa perspectiva, o documento nos

se voltavam para uma interpretação dialético-materialista da sociedade. Esses repertórios possivelmente foram possibilitados pela sua aproximação com religiosos progressistas e docentes universitários, os quais também tinham diálogos com esses textos. Ao mesmo tempo, entendendo que a ação desses profissionais deveria ser no sentido de conscientizar e mobilizar, seu ponto de vista era contrário a setores que prezavam por um trabalho de cunho assistencialista, os quais não deixaram de existir automaticamente com as mudanças teóricas do serviço social brasileiro.

⁴⁷⁶ LÖWY, Michael. Op Cit, 2007. Há ainda a busca pelo bem comum e o rechaço àquilo que fosse visto como desviante desse foco (ROHDEN, Fabíola. Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente. *Cadernos Pagu*, n. 8/9, p. 51-97, 1997.).

⁴⁷⁷ GOLDENBERG, Miriam. Op Cit, 1997.

⁴⁷⁸ Tais grupos possuíam uma presença expressiva de mulheres em suas atividades e cargos de liderança. (SANTOS, Irinéia Maria Franco dos. *Luta e Perspectivas da Teologia da Libertação: O caso da Comunidade São João Batista, Vila Rica, São Paulo: 1980 – 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. pp: 13 – 14).*

⁴⁷⁹ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018.

auxilia a refletir sobre as barreiras com as quais Luíza poderia se deparar, seja pelos olhares de desconfiança ou mesmo pela oposição direta à sua presença em uma tribuna:

Decidido ficou foi a escolha do intérprete dos diplomados de todas as turmas com a vitória da doutora Luiza Erundina de Souza na prova de seleção recém-promovida sob a supervisão de três notáveis catedráticos. Os vencidos foram dois elementos do sexo masculino que nessa prova foram suplantados pela inteligência e agilidade mental característica das mulheres bem-dotadas mentalmente. Não se queira ver nessa história da jovem bacharela uma prova a mais da superioridade feminina, porque a competição foi posta nesse pé (...). Os competidores da Dra. Luiza foram homens traquejados nas pugnas oratórias, mas faltou-lhes o sentido da profundidade dos temas abordados e por isso perderam a vez de interpretar os sentimentos e o pensamento de uma turma de diplomandos (...).⁴⁸⁰

Apesar da abertura provocada pelos debates feministas dos anos 1960, a presença de mulheres em tribunas provavelmente era algo estranho aos olhos de muitas pessoas. No trecho acima citado, é de se notar que a questão da superioridade feminina foi posta, mas os autores da matéria tratam da questão com ironia. Além do mais, Luíza é representada como uma exceção, na medida em que aparece como parte de uma parcela de mulheres *bem-dotadas mentalmente*. O texto se apoia em uma visão segundo a qual poucas teriam a capacidade de articular um discurso, pois essa característica seria própria dos homens.⁴⁸¹ Ao reconhecerem Luíza como portadora dessa habilidade, relacionam a sua escolha à possível sensibilidade da estudante em interpretar sentimentos e pensamentos, o que, de acordo com essa lógica, talvez faltaria aos competidores do sexo masculino.

As lembranças de Luíza sobre a sua militância associam-na à oratória e à proximidade com os meios religiosos, silenciando em alguns momentos possíveis conflitos referentes às relações de gênero. Assim, visando dar sentido à sua atuação, ela trata da sua aproximação com os movimentos vinculados à Igreja em uma entrevista concedida para docentes da FGV:

– (...) o que foi forte para mim, na minha formação, foi minha militância na Ação Católica. Como adolescente, frequentei a JEC – Juventude Estudantil Católica – e ali foi o forte da minha formação. (...)

– *E o que fez você ingressar na JEC? Como foi esse primeiro contato?*

– Foi no ginásio, através dessa minha prima [Irene, filha de sua tia Linda Rosa]. Embora frequentássemos um colégio leigo, particular, o movimento estudantil católico, a JEC, agregava a juventude de todos os colégios, e não só o pessoal dos colégios católicos. Era uma religiosa, das Damas, que era uma congregação.... Havia uma religiosa desse colégio que coordenava a

⁴⁸⁰ S/A. O Norte, 1966. SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit. 1991. p. 16 – 17.

⁴⁸¹ GOLDENBERG, Miriam. Op Cit, 1997.

Juventude Estudantil Católica e veio muita influência daí. Eu estudava em colégio particular e frequentava o movimento que era orientado pelas freiras.⁴⁸²

Talvez por ter o apoio de religiosas (os) no início de sua militância, Luíza foca suas recordações nesse grupo. Tentando dar sentido à sua fala, ela relaciona aquilo que absorveu de sua família e sua amizade com clérigos progressistas à formação de sua consciência política, articulando origem, classe e religião.⁴⁸³ Nesse sentido, se coloca como alguém que desde cedo militou em grupos políticos, estabelecendo uma linha de continuidade entre sua participação inicial na JEC e sua aproximação com a JUC, já na universidade.⁴⁸⁴ Tais falas auxiliam a pensar sobre os debates presentes naqueles anos.

A memória de Luíza acerca de sua atuação como assistente social ainda toca na sua militância pós-1971, ano em que decidiu partir definitivamente para São Paulo, como vimos no primeiro capítulo. Em sua nova moradia, ela já possuía formação acadêmica e experiências com grupos populares. Tais fatores provavelmente lhe possibilitaram circular entre intelectuais e militantes e, por lecionar no Ensino Superior, utilizar-se do espaço acadêmico para difundir suas ideias e se colocar como sujeito ativo e formador de novas (os) profissionais críticas (os). Nesse sentido, utilizando-se de seus repertórios, ela entende que poderia formular e metamorfosear seus projetos a fim de modificar as condições materiais de pessoas oriundas das periferias. Em outro momento de sua autobiografia, ela diz:

Nove anos depois voltei a discursar. Não mais como oradora de turma, como aconteceu na Paraíba, mas como paraninfa de seis turmas das faculdades onde lecionei a disciplina de Serviço Social, entre 1975 e 1987. (...) A tônica comum dos meus discursos foi a necessidade de comprometimento com o homem, no sentido de preservar a sua dignidade e direitos, constantemente

⁴⁸² SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit, 2002. p. 5 – 6.

⁴⁸³ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

⁴⁸⁴ A Juventude Estudantil Católica (JEC) se formou no Brasil em 1935 e foi extinta em 1970. Tinha o objetivo de aproximar os espaços escolares de debates e leituras cristãs. Após os anos 1950, passou a construir reflexões acerca da sociedade e de problemas referentes às desigualdades. Já a Juventude Universitária Católica (JUC) surgiu em 1935 e foi dissolvida em 1968. Assim como a primeira agremiação, passou a adotar um tom crítico na década de 1950. Ambas eram vinculadas à Ação Católica Brasileira (ACB). Sobre esses grupos podemos citar: COSTA, Marcelo Timotheo. *Operação cavalo de Tróia: a Ação Católica Brasileira e as experiências da Juventude Estudantil Católica (JEC) e da Juventude Universitária Católica (JUC)*. *As Esquerdas no Brasil: Nacionalismo e reformismo radical (1945 – 1964)* v. 2. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007; SÁ, Carolina Kneip de. *Ação Popular do Brasil: Da JUC ao Racha de 1968*. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2015.

ameaçados. (...) Destaquei ainda aos colegas a importância do conteúdo ideológico para nortear cada uma de suas ações durante a vida.⁴⁸⁵

Valendo-se de uma noção linear e progressiva de tempo, Luíza pôde observar e delimitar duas fases em sua atividade acadêmica. Em termos geográficos, ela associa seu período como estudante à Paraíba e aquele de sua carreira docente a São Paulo. Reforçando a continuidade de questões já presentes na tônica religiosa das falas de 1966, ela reitera seu projeto de atuação para combater as opressões sofridas pelos mais pobres, assumindo-a como valor a ser seguido.

Em sua autobiografia, ainda é interessante notar que ela selecionou discursos proferidos em universidades e eventos acadêmicos para embasar o primeiro capítulo do livro, intitulado “Fragmentos de minha vida acadêmica”.⁴⁸⁶ Como imagem de abertura, Luíza, ou seus editores, escolheu uma foto sua como oradora para sintetizar as suas atividades nas universidades, imagem que legitima os argumentos de seu livro com relação à existência de uma *essência militante*. Nesse sentido, como já tratado, sua memória se articula em torno da percepção de que a oratória foi um elemento importante em seu projeto de inserção política, ideia que é reforçada em todo o seu livro.



Foto de Luíza Erundina em discurso de formatura usada como capa do primeiro capítulo de sua autobiografia (1966) (SOUSA, Luíza Erundina de. *Exercício da Paixão Política*. São Paulo: Cortez Editora, 1991. p. 14)

No que se refere à militância junto às periferias, a atividade profissional de Luíza lhe abria uma possibilidade maior de circular entre os moradores de favelas da Zona Norte de São Paulo. Tal contato se deu em meio a um período no qual a prefeitura se voltava para a remoção de famílias de terrenos tidos como irregulares. Segundo

⁴⁸⁵ SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit. 1991. p. 32.

⁴⁸⁶ Idem. p. 13.

Aldrey Cristiane Iscaro,⁴⁸⁷ essas ações transferiram pessoas de suas casas em mais de um momento, realocando-as em diferentes espaços de acordo com os interesses do poder público. Mesmo assim, a autora lembra que, entre 1975 e 1983, os movimentos de moradores de favelas não deixaram de resistir às medidas da prefeitura.⁴⁸⁸ Nesse sentido, partindo daquilo que presenciou, Luíza representa a resistência às remoções como uma atuação conjunta entre moradores e assistentes sociais. Sobre isso, ela diz em sua autobiografia:

Os técnicos da Surss se dividiram em equipes de trabalho segundo o interesse e a experiência de cada um. Preferi a área de habitação e iniciei junto com outros técnicos um trabalho na Favela Marconi.

Foi uma experiência muito rica. A favela estava situada em terreno da Prefeitura, na Zona Norte de São Paulo. Já havia sofrido várias enchentes e incêndios, que destruíram numerosos barracos. Após um desses incêndios, em 1978, (...) iniciamos um trabalho de urbanização, com o aterro da área, a regularização do terreno e a construção de novos barracos.

Tudo foi feito com a participação dos moradores. Organizados em comissões, eles definiram critérios e prioridades de atendimento às famílias e de marcação e distribuição de lotes. A construção dos barracos e a instalação dos encanamentos de água e de esgoto foram feitas em mutirão.⁴⁸⁹

Nas lembranças de Luíza há um enfoque sobre a questão da ação coletiva. O seu trabalho enquanto assistente social (e, por isso, podendo militar por dentro de órgãos do Estado) é posto como fruto de uma atuação conjunta entre ela e suas colegas com os movimentos sociais da região. Sua narrativa também é somada a uma imagem que remete, mais uma vez, à oratória. A fotografia que abre o capítulo referente a essas lembranças (“Experiência Profissional numa Instituição Pública”)⁴⁹⁰ mostra um momento no qual Luíza discursa, reforçando mais uma vez o seu argumento de que era uma liderança de movimentos populares.

⁴⁸⁷ ISCARO, Aldrey Cristiane. *A luta pela moradia na cidade de São Paulo: as interações entre moradores de favelas e o poder público de 1975 a 1982*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012. p. 81.

⁴⁸⁸ Idem. p. 19 – 20.

⁴⁸⁹ SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit. 1991. p. 62 – 63.

⁴⁹⁰ Idem. p. 53.



Foto de Luíza Erundina discursando utilizada como capa do segundo capítulo de sua autobiografia (1987) (SOUSA, Luíza Erundina de. *Exercício da Paixão Política*. São Paulo: Cortez Editora, 1991. p. 54)

Na São Paulo pós-1971, Luíza ganhou visibilidade em um período no qual a participação das mulheres crescia nos espaços de militância.⁴⁹¹ Talvez o recorte que ela constrói entre a Paraíba e São Paulo não seja somente fruto do que sentiu ao se mudar, mas uma sensação espaço-temporal de transformação da estudante próxima de religiosos no final dos anos 1960 para a professora sindicalista dos anos 1970. Essa mudança presente em sua interpretação também pode ser oriunda de falas que fomentavam uma oposição entre Norte e Sul do Brasil,⁴⁹² os quais provavelmente foram apropriados pela militante para compreender as incertezas quanto à sua adaptação na nova casa. A Luíza que chegava em São Paulo já possuía repertórios construídos com movimentos por moradia, mas não tinha por perto as mesmas pessoas da Paraíba. Assim, partindo daquilo que poderia fazer, ela se reinseriu nos movimentos populares por meio do funcionalismo público municipal.

Luíza não se utilizou de capital familiar para se inserir nos movimentos dos quais participou. Diferente de Lélia, ela não possuía irmãos com experiências militantes, porém partiu de seu capital cultural e acadêmico para atuar em projetos sociais em parceria com a Igreja. Nesses anos, a aproximação de setores da instituição religiosa com as bases populares abria um campo de possibilidades maior não apenas para professoras e assistentes sociais realizarem seus projetos sócio-políticos, mas também para mulheres das periferias paulistanas colocarem em prática muitos das suas propostas, como veremos mais adiante.

⁴⁹¹ SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

⁴⁹² ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Op Cit, 2011.

Luíza ia contra imposições de gênero por sair do espaço privado e participar diretamente de protestos contra reintegrações de posse⁴⁹³ em um período de fortalecimento dos despejos de moradoras (es) de favelas. Esses atos poderiam causar estranhamento entre seus companheiros de militância, mas não temos dados sobre isso na documentação encontrada ou em suas memórias. Os movimentos nos quais se inseriu tinham expressiva presença de mulheres, como donas de casa, mas não estavam isentos de possuírem conflitos decorrentes das relações de gênero. Diferente de Lélia, a assistente social atuou em um período no qual uma parcela maior de mulheres conseguia manter seus anseios de adentrar em grupos políticos.⁴⁹⁴ Porém, as diferenças entre as duas militantes não podem ser vistas como algo total. Apesar da coragem, da liderança e da pró-atividade serem características muitas vezes atribuídas à militância dos homens,⁴⁹⁵ ambas partem dessas noções para se perceberem e agirem como militantes e justificar seus projetos e tomadas de decisão. Nas palavras da oradora de 1966, o *líder* era uma pessoa que deveria aperfeiçoar a oratória para realizar seus anseios políticos, usando sua fala para ensinar e mobilizar suas/seus ouvintes. Luíza continuou a se valer dessas premissas para dar continuidade a sua trajetória política.

Eu, moradora da periferia

São Paulo, 1971. Irmã Angélica, com vinte e oito anos de idade, decide renunciar ao hábito e se dedicar à militância com moradoras (es) do Jardim Santa Margarida, bairro de Vila Remo. Para tanto, teve de voltar a se chamar Irma Rosseto. Tal processo foi narrado da seguinte maneira em uma entrevista concedida para esta pesquisa:

Em 1971 eu fui morar efetivamente no Jardim Ângela, numa comunidade onde nós começamos a trabalhar com os Clubes de Mães, na Paróquia de Vila Remo. Então nós tínhamos um clube em cada bairro e eu atuava mais no grupo de Jardim Capela, na Zona Sul, no caminho de Embu-Guaçu (...). A partir disso, então, a Igreja começa a incorporar mais às ações sociais. Os Clubes de Mães tinham uma rede, uma coordenação central. (...)

Nós começamos a colocar em prática a perspectiva da visão catequética, do curso Missão Conciliar nos Clubes de Mães e alfabetização para enxergar a

⁴⁹³ GOLDENBERG, Miriam. Op Cit, 1997.

⁴⁹⁴ Refiro-me aqui às mulheres de classe média. Miriam Goldenberg estudou aquelas que puderam se inserir em agremiações de esquerda, muitas das quais também oriundas dessas camadas da sociedade. (GOLDENBERG, Miriam. Op Cit, 1997).

⁴⁹⁵ Idem.

realidade. Nós passamos então a realizar a conexão Alma/Corpo, Salvação Agora/Salvação Futura, porque eu ganho o paraíso/o que que é esse paraíso. Trouxemos todas essas questões para análise e [para] utilizar a visão bíblica e dos documentos do Concílio Vaticano II (...).⁴⁹⁶

Assim como Luíza, Irma parte de repertórios religiosos para compreender as suas experiências. Designada para trabalhar em Vila Remo, a fim de organizar Clubes de Mães e Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), sua militância iniciou-se em 1968. Essa perspectiva já aparecia na fala de outras militantes no final dos anos 1970. Ana Dias, moradora do bairro e líder local, relatou ao jornal da Arquidiocese de São Paulo que:

No dia 15 de novembro de 1971 duas freiras foram dar curso sobre renovação da Igreja nesta paróquia. Nesse dia passaram o filme “O valor da pessoa humana”, mostrando que todo mundo tem valor, que todos têm que ter um papel na sociedade. A proposta das freiras: que não se ficasse somente neste encontro, mas que continuasse em outros trabalhos. Fundar o Clube de Mães, por exemplo. Tinha muitos Clubes de Mães, mas eram a nível das madames do Rotary Clube, enfim, nada a nível popular (...). Uma das freiras, irmã Verônica, saiu. Outra, irmã Angélica, continuou com o trabalho. Até que um dia ela teria de receber o voto perpétuo e ficar no convento. Reuniu a comunidade e fez a proposta: deveria voltar para a sua ordem ou ficar com as mães? Depois dessa reunião, ela desistiu de ser freira. Hoje está casada, tem um filho e no mês que vem nascerá o segundo filho. Essa moça é deputada estadual, e seu nome é Irma Passoni.⁴⁹⁷

Ao falar de sua amiga e companheira de militância, Ana partia de uma percepção que opunha os clubes de mães de seu bairro ao modelo de reunião praticado pelas mulheres do Rotary Clube em Vila Remo.⁴⁹⁸ Essa não era uma visão exclusiva sua, visto que outras moradoras também partilhavam dessas mesmas experiências e pontos de vista. Nesse período (Ana deu sua entrevista ao jornal da Arquidiocese em 1979), se gestava uma identidade entre setores populares embasada na retórica da autonomia e da dignidade moral.⁴⁹⁹ De acordo com Roberto Vêras de Oliveira,⁵⁰⁰ ao

⁴⁹⁶ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de julho de 2016.

⁴⁹⁷ S/A. Dona Movimento Contra a Carestia. O São Paulo, 1979, p. 10. São Paulo: Arquivo da Cúria Arquidiocesana de São Paulo. Fragmento com a notícia também pode ser encontrado na Coleção Clube de Mães da Zona Sul no CEDEM-UNESP.

⁴⁹⁸ Desde a década de 1950, mulheres de classe média realizavam ações beneficentes em bairros da periferia paulistana. Aulas de corte e costura, bordado e noções de higiene e saúde eram efetivadas com as moradoras da região. Sobre tal questão trataram: SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 3, 1988; MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 58 – 59.

⁴⁹⁹ RODRIGUES, Iram Jácome. *Sindicalismo e política: a trajetória da CUT (1983-1993)*. São Paulo: Scritta, 1997. p. 18 – 19.

⁵⁰⁰ OLIVEIRA, Roberto Vêras de. *Sindicalismo e Democracia no Brasil: do novo sindicalismo ao sindicato cidadão*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2011. p. 85.

partir dessa noção, tais sujeitos tinham resistência à interferência de pessoas de classe média e das elites em seus locais de moradia e trabalho. No caso aqui analisado, elas também não se sentiam contempladas pelas ações de caridade realizadas no bairro e buscavam se articular como base a partir do que sofriam pela falta de estrutura básica na Vila Remo.⁵⁰¹ Tal perspectiva também aparece nas memórias de Irma ao tratar desses coletivos, porém mais enfocada nos problemas experimentados:

Não tinha água, não tinha esgoto, não tinha asfalto, não tinha transporte, não tinha hospitais, não tinha casa, não tinha creche. Então nós começamos a relacionar a Salvação às ações necessárias para melhorar a qualidade de vida das pessoas, desde já. Nós trabalhávamos esses temas na catequese, num curso chamado Missão Conciliar e nas celebrações que fazíamos. Tudo isso resultava em ações de superação dos problemas, sejam eles no Clube de Mães, na Pastoral Operária, nos cursos de formação ou na Celebração. Em todo lugar fazíamos essa relação. Tiago dizia assim: “a fé sem obras é morta”. Então vamos lá, temos que agir fazendo as coisas.⁵⁰²

A memória de ambas também se fazia a partir de uma apropriação do imaginário coletivo presente entre os sujeitos com quem conviviam. Essas narrativas partem do Movimento do Custo de Vida (MCV), no qual atuaram,⁵⁰³ o qual se mobilizou a partir do descontentamento gerado pela alta do custo de vida nas capitais brasileiras desde a década de 1960. O problema se dava em parte pelo arrocho salarial promovido por setores do empresariado e pelo regime autoritário, somado à falta de estrutura básica em seus bairros.⁵⁰⁴ Tanto nesse relato, quanto naqueles anteriormente citados, há a preocupação em contemplar aquilo que fosse de interesse coletivo. De acordo com Fabíola Rohden, a imagem do bem comum embasava muito dos discursos da Teologia da Libertação. Segundo a autora, essa perspectiva rejeitava aquilo que fosse entendido como sectário, o que pode ter servido para fortalecer a desconfiança dos membros do MCV com relação ao que vinha de grupos e movimentos de classe média e elite⁵⁰⁵ (assim como formar repertórios e contribuir para a construção das memórias de Irma e Ana). Nesse sentido, com o apoio da Igreja, produziram uma série de abaixo-assinados destinados ao governo, os quais foram divulgados em um conjunto de Cartas às

⁵⁰¹ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 59.

⁵⁰² PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de fevereiro de 2018.

⁵⁰³ O Movimento do Custo de Vida (MCV) surgiu em 1973 na periferia sul de São Paulo com a elaboração de cartas e abaixo-assinados que questionavam a alta dos preços de alimentos, o que afetava principalmente as (os) moradoras (es) de bairros distantes do centro da cidade (MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 26).

⁵⁰⁴ Idem.

⁵⁰⁵ ROHDEN, Fabíola. Op Cit, 1997.

Autoridades no decorrer da década de 1970. Tais manifestos possuíam a participação de Irma entre seus signatários.⁵⁰⁶

Assim como em João Pessoa, Recife e outras cidades, a mudança de orientação das (arqui) dioceses abria um campo de possibilidades para religiosas (os) e militantes ligados à Igreja atuarem com maior proximidade de movimentos populares. Como vimos no primeiro capítulo, naqueles anos a arquidiocese de São Paulo foi dividida em territórios comandados por bispos auxiliares e, em 1966, Dom Mauro Morelli e Dom Ângelo Gianola foram escolhidos para organizar a Igreja Católica na região sul,⁵⁰⁷ a qual englobava a paróquia de Vila Remo e o Instituto Beatíssima Virgem Maria (no bairro do Brooklin), onde Irmã Angélica era freira. Próximo dos debates do Concílio Vaticano II, o clérigo exerceu uma política de autonomia das atividades eclesiais e de maior aproximação com as bases, possibilitando que religiosas (os) da Zona Sul fossem atuar em regiões com problemas estruturais. Dentre essas pessoas, Irmã Angélica pôde sair do internato no Brooklin e trabalhar em Vila Remo, atividade que se intensificou após a nomeação de Dom Paulo Evaristo Arns⁵⁰⁸ para a arquidiocese de São Paulo (1970).

Examinando a condição de Irmã Angélica enquanto religiosa, e de seus projetos de militância e atuação política, devemos levar em consideração certos fatores. De acordo com Caroline Jacques Cubas, as freiras tinham a possibilidade de se mobilizar por vias como o acolhimento a perseguidos políticos, a denúncia à tortura e à repressão e o trabalho junto a moradores de bairros periféricos e do campo. De acordo com a autora, muitas se utilizavam do imaginário social acerca das religiosas, que reproduzia uma representação de insuspeita sobre tais mulheres, para agir pelas margens da

⁵⁰⁶ Movimento Contra a Carestia (MCC). Carta às Autoridades, 1979. P. 3. São Paulo: CEDEM – UNESP.

⁵⁰⁷ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 60 – 61.

⁵⁰⁸ Dom Paulo Evaristo Arns (1921 – 2016) nasceu na cidade de Forquilha-SC. Iniciou suas atividades religiosas em 1940 e se tornou bispo em 1966. Foi nomeado arcebispo de São Paulo em 1970 e permaneceu no cargo até 1998. Durante o regime autoritário, ele atuou junto de grupos em defesa dos Direitos Humanos e fomentou atividades para a criação de Comunidades Eclesiais de Base nas periferias paulistanas. Ainda cedeu espaços da Igreja para movimentos sociais e atividades políticas. Faleceu em São Paulo. (CORREIA, Maria Leticia; MARQUES, Bruno. Dom Paulo Evaristo Arns. Verbetes. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/arns-paulo-evaristo> Acesso: 23/01/2021 às 01:37 hrs.)

repressão.⁵⁰⁹ Dentre o que poderia ser feito, Irmã Angélica optou em ir para os movimentos de moradores do extremo sul de São Paulo.

Vila Remo crescia vertiginosamente devido às migrações internas de trabalhadores do campo para as capitais, as quais se fortaleceram principalmente na década de 1950, como escreve Paulo Fontes.⁵¹⁰ De acordo com o autor, esse processo era incrementado pela expulsão dessas pessoas de suas terras, o que ocorria devido à expansão do latifúndio na zona rural e pela demanda de postos de trabalho nas capitais do Sudeste. No caso de São Paulo, a grande maioria vinha dos estados do Nordeste e se instalava onde lhes era possível devido à exclusão e à segregação geradas pelos preços de moradia. Esse aumento populacional fez o número de habitantes da cidade se multiplicar, concentrando-se especialmente nos extremos da Zona Leste e da Zona Sul, além de cidades do entorno.

Contudo, não podemos generalizar esses sujeitos em função de tal vetor. Vizinhas e companheiras de Irmã Angélica, Ana Dias vinha do interior do Estado de São Paulo e Odete Marques (1940 -) nasceu em Minas Gerais.⁵¹¹ Ao decidir morar em Vila Remo, a agora Irma também diferia de muitos dos moradores do bairro por ser oriunda de Santa Catarina e vir das classes médias, tendo tido a possibilidade de ingressar no Ensino Superior e trabalhar na área da educação. Mesmo assim, sua inserção na região não aparece na fala de Ana como algo difícil.⁵¹² De toda forma, isso não excluía a possibilidade de atritos em sua rotina ou nos debates do bairro. De acordo com Thiago Nunes Monteiro, havia uma série de tensões entre integrantes dos movimentos da Zona Sul e militantes que vinham de fora. Segundo o autor, essas pessoas chegavam a morar no bairro a fim de melhor se inserir e mobilizar aquelas (es) trabalhadoras (es).⁵¹³ Essa estratégia também fazia parte da atuação de religiosas (os) como Irma, a qual parte do seu êxito ao morar naquela região para entender como se inseriu nos debates de Vila Remo, sem deixar de lado as suas relações de amizade:

⁵⁰⁹ CUBAS, Caroline Jacques. *Do hábito ao ato: vida religiosa feminina ativa no Brasil (1960 – 1985)*. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

⁵¹⁰ FONTES, Paulo. Op Cit, 2008.

⁵¹¹ Conforme relatado por Odete Marques, ela nasceu em 29 de setembro de 1940 em Itanhandu (Minas Gerais). Casada, se mudou para São Paulo entre 1958 e 1959 (MARQUES, Odete. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Vila Remo, 26 de fevereiro de 2018).

⁵¹² Essa narrativa também pode ter sido construída pelos laços afetivos de amizade formados entre as duas mulheres, enquadrando suas memórias nos fatos tidos por elas como positivos.

⁵¹³ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit. 2017, p. 76.

– Eu acho que o mais importante foi morar no meio deles. Principalmente de ter lidado com o movimento de atualização da Igreja. Eu encontro pessoas que dizem: “Você me ajudou na luta da moradia, da água” (...). Foi uma história na qual estávamos todos juntos. Isso que me marcou mais. Eu, como pedagoga, tinha uma maneira de lidar com os assuntos traduzindo-os para uma linguagem compreensível. Acho que isso ajudou também. Eles precisavam que a linguagem do padre, ou dos estudantes da Poli, fosse traduzida. A minha vantagem era que enquanto professora e pedagoga eu sabia lidar com uma linguagem popular.⁵¹⁴

Para além de uma lembrança afetiva, mais uma vez o repertório religioso aparece na fala de Irma, sendo posto inclusive como um dos fatores de integração com os moradores de Vila Remo. Nesse período, as CEBs exerciam papel de guarda-chuva para demandas de grupos populares. Mesmo assim, aquilo que essas comunidades produziam não era necessariamente recebido de forma passiva pelas suas bases. Partindo dessas questões, tais religiosos se pautavam por uma tentativa de aplicação prática da doutrina católica, apropriando-se da Carta da Igreja *Gaudium et Spes* para construir seus argumentos.⁵¹⁵ Podemos notar essa incorporação também nos repertórios do MCV, levando em consideração a presença de suas premissas nas narrativas de mulheres como Irma (conforme mostramos acima) e Odete Marques, a qual escreve poemas para narrar sua trajetória e sua militância no MCV. Inclusive, ela iniciou sua entrevista para esta pesquisa com o poema a seguir:

Eu até aí não sabia
Que minha fé era morta;
Cumpria minha missão
Dando uma esmola na porta,
Rezando um bom rosário,
Sem me importar com o povão

Mas, aí, meus companheiros
Minhas queridas companheiras,
Descobri no evangelho,
Que nosso Jesus foi guerreiro
Buscando libertação,
Naquela grande nação,
E dele somos herdeiros.⁵¹⁶

Como fonte histórica e texto literário, devemos analisar o poema acima por meio das referências, imaginários e figuras de linguagem que o constituem.⁵¹⁷ Estabelecendo uma ruptura entre uma “fé morta” e aquela que foi moldada nos movimentos de base,

⁵¹⁴ PASSONI, Irma. Op Cit, 2018.

⁵¹⁵ SANTOS, Irinéia Maria Franco dos. Op Cit, 2006.

⁵¹⁶ MARQUES, Odete. Poema Depoimento de Odete Marques (1997). In: Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Vila Remo, 26 de fevereiro de 2018.

⁵¹⁷ JAMES, Daniel. Poesia, trabalho fabril e sexualidade feminina na Argentina peronista. *Cadernos AEL*, 2 (3/4), 1996.

Odete Marques parte do que ouvia/lia nas CEBs e do MCV para se expressar e compreender a sua própria trajetória. Diferente de Irma, ela não foi morar no bairro com a intenção de militar, mas sim de trabalhar e se fixar próxima a um grande centro urbano. Retornando a Passoni, sua memória acerca da chegada a Vila Remo também é construída com base em discussões presentes entre aqueles (as) que militavam no MCV. Sobre essa questão, Thiago Nunes Monteiro escreve que três pontos apareciam como estratégicos nas falas dessas pessoas: a ida efetiva ao bairro (morar na região), o uso de linguagem simples nos eventos e reuniões e a organização horizontal dos encontros, nos quais todos teriam espaço de fala.⁵¹⁸ O relato de Irma parte de duas dessas premissas, focando no seu êxito em ir para o bairro e na produção de uma linguagem de fácil compreensão, num exercício de *tradução* de textos religiosos e de debates em torno dos problemas de Vila Remo.

Nesse sentido, a Pastoral Operária (PO) servia como uma ponte entre religiosos e sindicalistas.⁵¹⁹ Amigo de Irma, o sindicalista Santo Dias da Silva⁵²⁰ atuava nessa setorial. Em uma região predominantemente operária e fortemente católica, abria-se o campo de possibilidades para uma maior inserção de membros dessas pastorais no MCV. Vizinha de Santo e Ana Dias, Irma também tinha o padre Luiz Giulliani como companheiro de militância, o qual circulava pelos meios operários e políticos, contribuindo com outros repertórios nas reuniões do Movimento do Custo de Vida. Tais contatos ainda auxiliavam a nossa personagem a se aproximar de movimentos de trabalhadores e sindicatos. Como vimos no primeiro capítulo, sua escolha por deixar o hábito para fortalecer sua militância no bairro (1971) a fez conhecer também o ex- religioso e antropólogo Armelindo Passoni, com quem se casou em 1976. É igualmente

⁵¹⁸ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 76 – 77.

⁵¹⁹ Sobre essa questão, é importante salientar que os espaços de atuação da Pastoral Operária de São Paulo, como de outras regiões, incluíam disputas e tensões entre sujeitos alinhados a perspectivas progressistas e Tridentinos (sujeitos próximos de uma leitura tradicionalista da doutrina católica). No caso de Irma e Santo, eles se identificavam e se mobilizavam pelas primeiras vertentes. Para se aprofundar nessas questões ler: VARUSSA, Rinaldo José. Igreja Católica e movimentos católicos operários na constituição da Pastoral Operária na Arquidiocese de São Paulo (1970 – 1975). *Tempos Históricos*. V. 03, nº 01, p. 151 – 182. Cascavel: Unioeste, agosto de 2001.

⁵²⁰ Santo Dias da Silva (1942 – 1979) nasceu na cidade de Terra Roxa – SP e se mudou para a capital em 1961. Foi casado com a também militante Ana Dias. Próximo de grupos católicos, Santo possuía atuação entre movimentos do campo e passou a trabalhar como metalúrgico em São Paulo, entrando ainda para a Pastoral Operária. Como sindicalista, militou junto da Oposição Sindical de São Paulo e teve contato com os trabalhadores de São Bernardo do Campo – SP. Foi assassinado por um agente policial em uma negociação num piquete na porta da fábrica Sylvânia, no Jardim Ângela (Zona Sul de São Paulo). Seu martírio se tornou um marco para as militantes do MCV. Sobre a construção de uma memória póstuma sobre o operário, cito: DINIZ, Carlos Alberto Nogueira. *Santo Dias: a construção da memória* (1962 – 2005). São Paulo: Alameda, 2017.

importante levar em conta que as relações de gênero também auxiliavam na formação de uma solidariedade entre mulheres ali presentes. Irma⁵²¹ e Odete em certos momentos falam dos grupos no feminino, reforçando uma imagem de coletividade. Podemos exemplificar esse fato com outro poema de Marques, recitado quando de sua entrevista para a presente pesquisa:

E aqui na região Sul
Também tem um movimento
Onde participam mulheres
Que estão sendo fermento
Moças, mulheres, meninas
Zélia, Odete, Pedrita,
Neides, Marias, Zefinhas.

As mulheres pisam firme
Buscando transformação
Bem na década de setenta
Com a Igreja na sustentação
É bom a gente lembrar
Que aquelas de Sul a Norte
Batalham muito forte
Contra a força militar.⁵²²

Odete percebe que o Movimento do Custo de Vida era composto por uma parcela expressiva de mulheres. Citando possíveis nomes de vizinhas e conhecidas, ela reforça seu argumento, atribuindo uma imagem de coletividade a suas atividades. A Igreja aparece mais uma vez como base de apoio, ressaltando o auxílio de religiosos em movimentos de oposição ao regime autoritário. Nesse relato, a militante provavelmente parte de repertórios construídos no MCV para elaborar uma narrativa poética, apoiando-se em letras de música, poemas e rimas a fim de comunicar e exercitar a memória.⁵²³ A escolha por esse gênero textual pode ter ocorrido pelo fato de Odete se sentir mais à vontade com tal modo de expressão, além de ela talvez ter escrito poemas para compor os folhetos e materiais do MCV, o que não foi afirmado, mas não deixa de ser possível. Outro fato interessante é que a poeta não publicou seus textos, mas não nega que tenha

⁵²¹ PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de julho de 2016; PASSONI, Irma. Op Cit, 2018.

⁵²² MARQUES, Odete. Poema Organização (2001). In: MARQUES, Odete. Op Cit, 2018.

⁵²³ Daniel James mostra como a música, a literatura ou outros modos de lazer doméstico podem ser entendidos como referências para a construção de poemas por mulheres trabalhadoras. Além desses repertórios, ele atenta para o discurso político/ideológico e como este pode ser subvertido nesses textos. No caso de Odete Marques, a militante não questiona a retórica do MCV, mas provavelmente se utilizou de canções, leituras e imagens com as quais teve contato em sua vida para escrever suas poesias. (JAMES, Daniel, Op Cit, 1996.)

o objetivo de publicá-los, dando visibilidade a esse material quando tiver oportunidade de contar a sua trajetória.⁵²⁴

Thiago Nunes Monteiro ressalta que o discurso da coletividade fazia parte do movimento. A visão de que o MCV seria um grupo feminino também foi analisada por ele, o qual apontou para a presença, entre seus militantes, de um imaginário que definia a mulher como aquela que sentiria diretamente a alta do custo de vida, pois entendiam que ela circularia com maior frequência nos mercados.⁵²⁵ Em um deles, que tinha a participação de Irma em sua escrita, podemos notar um diálogo no qual uma mulher fala a seu marido em tom de protesto sobre a necessidade de comprar alimentos. Ele se intitula: “Nós também fazemos política. Encontro sobre: A participação política da mulher”, onde se diz:

Somos 66 milhões neste país e estamos sendo chamadas a dar a nossa contribuição para que essa situação mude. Temos a certeza que não haverá mudança firme, segura e que dure, se não houver a participação também das mulheres. Essa mudança não será duradoura se nossos filhos não forem educados para continuar a nossa tarefa e, daí a exigência da mulher participar também.⁵²⁶

Se, por um lado, as integrantes do movimento tensionavam algumas concepções de gênero, por outro, as reforçavam, o que pode ser fruto da permanência de certas imagens sobre a mulher, as quais advém, provavelmente, de referências socioculturais e religiosas. De acordo com Fabíola Rohden, a Teologia da Libertação reforçava a singularidade feminina e a importância de sua atuação nos movimentos religiosos/populares. Contudo, segundo a autora, havia um grupo que buscava uma leitura feminina da Bíblia, criticando a invisibilidade posta sobre as mulheres nos estudos teológicos. Parte dessas interpretações questionava a estrutura patriarcal da

⁵²⁴ Odete Marques também pode ter tido contato com a poesia por meio de rimas e músicas em sua juventude. Em seu trabalho com idosos, ela estimula a escrita poética e musical. Quanto às barreiras ao projeto de publicação de seus textos ela disse em entrevista para esta pesquisa:

“– A senhora tem quantos poemas?

– Uns 50.

– A senhora já pensou em publicar um livro?

– Meu maior sonho, mas não consegui até hoje. [Faz gesto que remete a dinheiro]

– A senhora quer publicar todos?

– A maioria é de lutas, histórias de pessoas. São de família, tem alguns meus íntimos. Tinha pensado em não publicar alguns meus, mas algumas pessoas falaram: (...) ‘você tem que colocar tudo’. Então eu estou com muita vontade de fazer um livreto, estou com vontade de fazer sim.” (MARQUES, Odete. Poema Organização (2001). Apud: MARQUES, Odete. Op Cit, 2018).

⁵²⁵ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 44.

⁵²⁶ Movimento Contra a Carestia. *Nós também fazemos política. Encontro sobre: A participação política da mulher*. Coleção CMZS. São Paulo: CEDEM-UNESP.

Igreja e as divisões binárias de gênero, o que gerava críticas por parte de teóricos da TdL.⁵²⁷ No final do documento acima citado, Irma aparece como responsável pela coleta de inscrições para o debate, já se apresentando como deputada estadual. Em outro momento, ela produziu um discurso junto às lideranças do bairro que foi lido no Plenário da Assembleia Legislativa de São Paulo. Apropriando-se dessas premissas, e embasada em suas próprias experiências, disse: “As mulheres trabalhadoras estão despertando, tomando parte nos sindicatos ou se organizando em clubes de mães e associações de donas de casa, estão participando cada vez mais da luta”.⁵²⁸ Sua atuação também se pautava pelas questões relativas às mulheres, lembrando que, na década de 1970, o número de trabalhadoras sindicalizadas estava crescendo no Brasil.⁵²⁹

Como fruto de tais debates, essa imagem (centrada no feminino) não excluía a presença de homens, como o referido Santo Dias. Mesmo assim, tal associação do grupo às mulheres se dava também pela maioria maciça delas nas discussões, como pode-se perceber em suas enquetes.⁵³⁰ Talvez essa composição tenha ajudado Irma a ascender como liderança no MCV, o que possivelmente seria mais difícil em outros grupos de ação coletiva com maioria masculina, como partidos ou uma parte dos sindicatos. Devemos ter em mente ainda que sua experiência acadêmica e profissional lhe abriu caminho para atuar no movimento auxiliando no treinamento de mulheres e novos militantes. Nos relatórios de atividades da coordenação, seu nome aparece entre as responsáveis por ensinar e iniciar as trabalhadoras nos debates e na organização de atividades.⁵³¹

O trabalho doméstico também aparece nos relatos de Irma como momento de articulação e resistência. Nas horas em que era possível conversar, entre uma atividade e outra, os diálogos presentes nos espaços onde esses serviços eram desenvolvidos (os tanques de lavar roupa, por exemplo, separavam sua casa da de Ana Dias, que compartilhavam de um mesmo quintal) marcaram a memória da militante. A lavagem das roupas da família surge em seu relato como o momento de trocas, conversas e organização de atividades políticas em uma entrevista concedida para esta pesquisa:

– Ele [o MCV] se focava em duas áreas: a alta do custo de vida e o desemprego. Então, nós começamos a realizar uma pesquisa popular a partir

⁵²⁷ ROHDEN, Fabíola. Op Cit, 1997.

⁵²⁸ PASSONI, Irma. Discurso sobre o Movimento contra a Carestia. Coleção CMZS. São Paulo: CEDEM-UNESP.

⁵²⁹ SOUZA-LOBO, Elizabeth. Op Cit, 2011.

⁵³⁰ Movimento do Custo de Vida (MCV). Enquete, 1977. Coleção CMZS. São Paulo: CEDEM-UNESP.

⁵³¹ COORDENAÇÃO do MCV. Caderno Ata, 1976 – 1978. Coleção CMZS. São Paulo: CEDEM-UNESP.

dos Clubes de Mães do Jardim Nakamura. Ali eu participava junto com a Ana Dias (...) e ela disse assim: “Vamos fazer uma pesquisa para provar para o governo que a situação é séria, pois o Arrocho Salarial e o Custo de Vida caminham juntos e precisamos nos mobilizar contra isso.” Então sentamos, lavando roupa, inclusive, e fizemos um questionário. E ele passou a ser uma ferramenta importante para que centenas de Clubes de Mães e movimentos sociais começassem a fazer um abaixo-assinado, com extrema dificuldade, pois esse instrumento, em um período autoritário, pressupunha uma exposição.

– *E tinha gente que não queria?*

– Absolutamente, os maridos seguravam as mulheres em casa. Até perceberem que o movimento contra a carestia enfrentava o desemprego e o arrocho salarial foi um processo extremamente difícil.⁵³²

Irma aponta esse momento como o de início dos questionários que deram origem ao abaixo-assinado anteriormente citado. Pautada em suas experiências e naquilo que viu, ela procurou compreender o início do MCV e dar-lhe um sentido. Esses atos, muitas vezes esquecidos, foram importantes na articulação dessas mulheres em torno de seus problemas de classe e de gênero. Por outro lado, outras moradoras provavelmente não tinham essa abertura, o que se agravava pela oposição de seus maridos e pela dependência financeira de parte delas. Esse problema também constitui as memórias de Irma, o que pode ter ocorrido pelo compartilhamento de lembranças com mulheres que passaram por tais conflitos. Enfim, não há como generalizar as experiências das donas de casa, mães e operárias da Vila Remo. Irma e Ana eram casadas com militantes e trabalhavam fora, o que influía em seus campos de atuação política. Ao mesmo tempo, viviam em uma conjuntura que lhes obrigava a exercer (mesmo que em alguns momentos com a ajuda de seus maridos) o trabalho doméstico.

Identificada com outras mulheres por meio dos problemas vivenciados no bairro, das opressões de gênero ou do repertório religioso, Irma olha para essas experiências situando-as no auge dos movimentos dos quais participou na década de 1970. Se observarmos as atividades políticas e sociais da personagem, ela se distancia de uma parcela de suas companheiras por ser descendente de migrantes europeus, vir das classes médias e ter tido acesso ao ensino superior. Mesmo assim, vivenciou os problemas da Vila Remo e esteve presente nos atos dos movimentos de moradoras, o que a aproximava dessas pessoas.

Como Irma teve filhos posteriormente, a sua posição de mãe pode, de algum modo, ter reforçado o seu vínculo com o MCV, levando em consideração que, no movimento e no imaginário coletivo, havia uma noção de feminino pautada pela

⁵³² PASSONI, Irma. Op Cit, 2016.

autoridade moral da mãe, a partir da qual suas militantes construíam a sua fala, visando legitimar suas pautas.⁵³³ Essas noções não eram exclusivas dessas mulheres, mas eram/são internalizadas em diversos setores da sociedade e aparecem tanto no discurso de quem exalta a maternidade, quanto na fala daqueles que questionam essa concepção na medida em que constroem seus contrapontos com base nesse mesmo ponto de vista.⁵³⁴ Dessa forma, por ter se casado e se tornado mãe, Irma possivelmente passou a ganhar o reconhecimento de outras mulheres do MCV pela sua experiência na vida conjugal e da maternidade na periferia, o que provavelmente era recíproco.

Apesar de buscar uma relação horizontal com as demais militantes do MCV, a formação acadêmica de Irma e sua chegada ao bairro Ihe abriram um campo de possibilidades no qual ela pôde exercer cargos de organizadora de eventos, cursos e mesmo de textos e materiais de divulgação.⁵³⁵ A sua atuação ainda lhe proporcionou uma imagem e uma posição de líder, a partir da qual pode ter sido escolhida para se candidatar à Assembleia Legislativa para representar o MCV. Sua entrada na política institucional também foi fruto do enfraquecimento do regime autoritário⁵³⁶ e da busca por uma ponte entre os moradores de Vila Remo e o Estado. Mesmo assim, a mudança de orientação da Igreja, e dos grupos que formavam o MCV, modificou as premissas do movimento justamente em um período de retração do grupo, o que auxiliou na criação de uma associação entre as eleições e a crise de tal proposta de organização pela base no final dos anos 1970.⁵³⁷ Essa percepção emergiu, de certa forma, no relato de Irma, em que o enfoque na politização do cotidiano e na atuação às margens do Estado se contrapõe às atividades realizadas após a sua eleição em 1978. Em sua fala, a política institucional é posta como algo negativo em parte talvez pela rejeição do próprio MCV a tais espaços, mas também pela associação do esvaziamento do movimento ao período no qual ele passou a mudar suas estratégias de ação e a ter representantes nas Câmaras

⁵³³ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit. 2017. p. 159.

⁵³⁴ PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. “Tem que ser uma escolha da mulher! ” Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 2012. 300-306.

⁵³⁵ COORDENAÇÃO do MCV. Op Cit, 1976 – 1978; Movimento do Custo de Vida (MCV) Equipe de Educação, s/d. São Paulo: CEDEM – UNESP.

⁵³⁶ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia. *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura. Regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 243 – 282.

⁵³⁷ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 122 – 125.

Estadual e Federal.⁵³⁸ Essa nova situação trazia angústias e incertezas tanto à Irma, quanto a outros militantes.

1978 e os velhos-novos projetos no encontro de três vidas

Lélia trabalhava como atriz desde 1958. A partir dessa atividade, e de seus projetos políticos, ela se aproximou de agremiações de trabalhadoras (es) das artes cênicas e do entretenimento. Ao se inserir nesses espaços, chegou a exercer funções na direção do Sindicato dos Atores e Técnicos de Espetáculos e Diversões de São Paulo (SATED-SP) e, com tais atividades, veio a participar das eleições internas da agremiação como líder de uma das chapas concorrentes, a Urdimento, no final de 1977.⁵³⁹ Do outro lado do pleito, era Juca de Oliveira que encabeçava o grupo de situação. Escrevendo sobre o fato, a imprensa deu centralidade à fala da candidata à presidência pela oposição:

No nosso programa, defendemos um novo piso salarial para o ator, a tão esperada regulamentação da profissão, contra a censura. Queremos liberdades para reunir e discutir, para nos movimentar. Queremos a transformação dos Sindicatos em órgãos livres e independentes, desvinculados de todas as pressões. E, para tudo isso, precisamos, é uma questão de princípio, das liberdades democráticas.⁵⁴⁰

O relato recortado de Lélia aparece articulado a uma série de discursos que circulavam nos meios de oposição ao regime autoritário. Dentre eles, primeiramente, uma noção de democracia interna e externa aos sindicatos. Segundo Roberto Vêras de Oliveira,⁵⁴¹ a radicalização da questão das liberdades políticas se fazia presente nas falas

⁵³⁸ PASSONI, Irma. Op Cit, 2018.

⁵³⁹ Angélica Ricci Camargo escreveu sobre a atuação de associações profissionais de atores e técnicos do teatro no primeiro governo Vargas (1930 – 1945). Dentre as agremiações estudadas, ela trata da fundação do Sindicato dos Trabalhadores do Teatro, em 18 de dezembro de 1934 (logo renomeado para Sindicato dos Atores Teatrais, Cenógrafos e Cenotécnicos de São Paulo), o qual posteriormente se tornou o SATED. (CAMARGO, Angélica Ricci. *A política dos palcos: teatro no primeiro governo Vargas (1930 – 1945)*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2013.). A autora ainda escreveu uma tese de doutorado sobre as associações profissionais de trabalhadores do teatro e do cinema: CAMARGO, Angélica Ricci. *Por um Serviço Nacional de Teatro: debates, projetos e o amparo oficial ao teatro no Brasil (1946-1964)*. Tese (Doutorado em História Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.

⁵⁴⁰ LEITE, Paulo Moreira. Atores: depois da vigília, a vitória da oposição. Folha de São Paulo. 11 de novembro de 1977. p. 37. Acervo Digital: <https://acervo.folha.com.br/index.do> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.

⁵⁴¹ OLIVEIRA, Roberto Vêras de. Op Cit. 2011, p. 84 – 85.

de militantes (de instituições de classe ou não) no final dos anos 1970. Lélia atuava nesses grupos e muito do que dizia era perpassado pelos seus debates. Ela também possuía repertórios políticos e circulava em ambientes de esquerda (como a Convergência Socialista⁵⁴²), o que, ao relatar suas propostas ao jornal, a auxiliava na reflexão acerca de suas experiências e, conseqüentemente, na compreensão da conjuntura política e das perseguições sofridas pelos sindicatos. Para tanto, ela também se utilizou de uma concepção de *princípios* elaborada por meio dessas e de outras vivências, articulando-a com o que então presenciava.

Há em sua fala uma consciência de classe apoiada nas relações conflituosas entre atores que não possuíam espaço e influência midiática e grupos privados de teatro e cinema. A sua experiência no Sindicato dos Comerciários entre 1932 e 1938⁵⁴³ não foi necessariamente uma porta de entrada para o SATED. Mesmo assim, não podemos negar que essas atividades políticas possuíam relação com sua militância nos anos 1970, visto que a primeira agremiação na construção de seus repertórios e relações interpessoais, com as quais construiu seus imaginários e projetos, além de interferir na formação de seu capital simbólico entre setores da esquerda.

Retornando à fala presente no noticiário, a contestação a um sindicato tido como atrelado ao Estado também estava presente. Contudo, não se pode esquecer que, apesar de questionarem as instituições oficiais, trabalhadores identificados com as propostas do *novo sindicalismo* agiam estrategicamente muitas vezes por meio dessa estrutura.⁵⁴⁴ De acordo com Marcelo Badaró Mattos, a renovação das lideranças sindicais não foi linear, pois em alguns casos os *autênticos* fizeram alianças inclusive com sujeitos que se associavam aos *pelegos*.⁵⁴⁵ Além do mais, ele diz que, ao assumirem esses espaços, os *novos* reproduziram muito das práticas que viam como condenáveis, como o assistencialismo.⁵⁴⁶ A chapa de Lélia apresentava o projeto de renovar o SATED, não

⁵⁴² A Convergência Socialista (CS) surgiu em 1978 após debates ocorridos entre os membros da Liga Operária (fundada em 1974). O grupo se formou em meio ao processo de reorganização de agremiações trotskistas no Brasil. Dentre elas, podemos citar a Organização Socialista Internacionalista (OSI), de 1976, e a Democracia Socialista (DS), de 1979. Sobre os grupos trotskistas, cito: KAREPOVS, Dainis; LEAL, Murilo. Op Cit, 2007; FÁRIA, Marcos Moutta de. A experiência do Movimento Convergência Socialista. *Cadernos AEL* ano 10. Nº 22/23, 2005; MACEDO, Edmar Almeida. Dos trotskistas do Movimento Democrático Brasileiro ao Partido dos Trabalhadores: o debate no Em Tempo e a formação da DS. *Revista Espaço Acadêmico* nº 151, Dezembro de 2013.

⁵⁴³ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 53.

⁵⁴⁴ OLIVEIRA, Roberto Vêras de. Op Cit. 2011. p. 78.

⁵⁴⁵ MATTOS, Marcelo Badaró. Op Cit, 1998. p. 150.

⁵⁴⁶ Idem. p. 155 – 156.

de desconstruí-lo. Nesse sentido, ela e seus pares agiam por meio das leis vigentes, apropriando-se delas inclusive para legitimar suas posturas. Especificamente nesse ponto, conflitos quanto à eleição tiveram lugar. O tesoureiro da instituição contestou a suposta irregularidade documental de membros da Urdimento com base em um protesto de Waldemar Guimarães, cabeça da chapa de situação, impedindo sua posse. A imprensa apresentou as impressões da militante e transcreveu o seguinte diálogo:

Lélia estava nervosa. É que na véspera, Maranhão havia apresentado um protesto, por escrito, impugnando a candidatura e os votos de sete membros da chapa 1, acusados de não estarem em dia com a documentação. Lélia ficou tão brava, nesse dia, que começou a reclamar de diversas atitudes da mesa diretora. Uma delas: ter obrigado 13 associados a votar em separado – a partir da simples denúncia de Maranhão. Ela também queria ter colocado cartazes de propaganda no prédio e na calçada – Mais uma vez o presidente da mesa tentou proibir. Finalmente, o presidente da mesa tinha se recusado a arrumar policiamento para tomar conta das urnas (...). Então Waldemar falou:

- Eu só fiz cumprir a lei.

Lélia respondeu:

- Tivemos de discutir muito para que a lei fosse cumprida. A lei dos sindicatos é uma lei maligna, que visa cercear completamente a nossa atividade. Você escapa por um lado e acaba caindo por outro.⁵⁴⁷

É de se notar, no texto de Paulo Moreira Leite, que Lélia é a única a ser apresentada por meio de suas emoções. Apontada como nervosa, a forma como aparece na fala do jornalista contrasta com a imagem dos demais sindicalistas homens. Para além de uma noção binária das relações de gênero, a qual opõe a racionalidade (masculina) à sensibilidade (feminina), o tom era de ceticismo quanto ao pleito. Mesmo assim, outros pontos podem ser analisados no que diz respeito aos debates presentes entre as (os) militantes. Lélia critica a legislação sindical, mas admite a necessidade do uso da lei para a realização de seus projetos de classe. Dessa forma, não se pode simplificar a sua atuação, bem como as de suas (seus) companheiras (os) atreladas (os) ao *novo sindicalismo* como uma crítica total e radicalizada ao padrão estabelecido pelos planos varguistas e pela ditadura, mas lembrar que muito dos seus repertórios de ação vinham da atuação nessas agremiações, mesmo sendo elas taxadas como populistas, *pelegas* e assistencialistas por essas pessoas.⁵⁴⁸

⁵⁴⁷ LEITE, Paulo Moreira. Atores: depois da vigília, a vitória da oposição. Folha de São Paulo. 11 de novembro de 1977. p. 37. Acervo Digital: <https://acervo.folha.com.br/index.do> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.

⁵⁴⁸ MATTOS, Marcelo Badaró. Op Cit, 1998. p. 166.

Tais concepções eram reforçadas em parte por professores e acadêmicos, os quais contribuíram para a construção de uma memória sobre os movimentos de trabalhadores daqueles anos.⁵⁴⁹ Marcelo Badaró Mattos chega a escrever que a imagem do sindicalismo pré-1964 foi enquadrada, devendo-se atentar, por outro lado, para as rupturas e continuidades entre a militância anterior ao golpe e aquela posterior às greves de 1978. Nesse sentido, parte dos repertórios construídos por Lélia e seus pares vem de leituras que recordam do período varguista por meio de uma perspectiva crítica quanto à sua legislação trabalhista.⁵⁵⁰ Contudo, essa percepção não pode ser vista como algo total entre as (os) sindicalistas da época. De acordo com Kátia Rodrigues Paranhos,⁵⁵¹ o discurso disseminado por essas vertentes ainda trazia à tona questões referentes à espacialidade das ações de militantes e trabalhadores, contribuindo para uma visão urbana e fabril desses movimentos. Voltando às atividades de Lélia, ela toca na questão do cumprimento da lei para a realização dos interesses da *classe artística* ao ser entrevistada pela imprensa paulista:

Pode parecer incrível, mas o que estamos reivindicando para a nossa categoria é o cumprimento da Consolidação das Leis do Trabalho (...) A nossa luta começa daqui (das reivindicações pela regularização da profissão e pelo cumprimento da CLT) e só depois é que poderemos pensar em necessidades mais avançadas. Mas o Sindicato – além de lutar pela dignidade da profissão do técnico e do artista – pode, por exemplo, bloquear as subvenções governamentais das empresas que estão em débito com os salários de seus contratos e assim forçar a regularização do pagamento. Poderá realizar algumas coisas de real interesse da classe mas, para isso, a classe deverá estar unida e forte.⁵⁵²

Utilizando-se das possibilidades legais para contestar opressões de classe, Lélia toca ainda na questão da regularização da profissão. Essa demanda era fruto de uma pressão exercida desde os anos 1950 por grupos de atores e técnicos, visando ampliar direitos e garanti-los por meio da CLT. Sob um discurso de dignidade, com tom de esperança, mas ao mesmo tempo com certa apatia, ela acreditava na possibilidade de obter resultados para os projetos da categoria à qual pertencia. Com relação à estrutura legal, a chapa da situação se utilizou de brechas para realizar seu pedido de impugnação. Em outro jornal da imprensa paulistana, foi apontado que os companheiros de Lélia

⁵⁴⁹ SANTANA, Marco Aurélio. O “novo” e o “velho” sindicalismo: análise de um debate. *Revista de Sociologia e Política*, 10/11, 1998. p. 19-35.

⁵⁵⁰ MATTOS, Marcelo Badaró. Op Cit, 1998. p. 55.

⁵⁵¹ PARANHOS, Kátia Rodrigues. *Era uma vez em São Bernardo: O discurso sindical dos metalúrgicos (1971 – 1982)*. Campinas: Editora UNICAMP, 2011.

⁵⁵² GOMES, Sérgio. Aproxima-se do fim a longa luta dos atores. Folha Ilustrada. 24 de março de 1978. p. 1. Acervo Digital: <https://acervo.folha.com.br/index.do> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.

acusaram a gestão em curso de entregar ao Delegado Regional do Trabalho militantes sob acusação de subversão e agitação.⁵⁵³ Os enlaces entre a mesa eleitoral e a direção vigente ainda são enfocadas nessa manchete, a qual destaca as tensões por meio de uma fala angustiada de Lélia: “ Nossa situação é precária”. O título do texto sinalizava o clima conflitivo instalado na entidade: “Atores brigam para renovar sindicato”, atentando para o tumulto e as discussões ocorridas no processo eleitoral. Meses depois, o mesmo periódico noticiou: “DRT anula eleição dos atores”.⁵⁵⁴ O novo escrutínio foi realizado em março de 1978 com a desistência da chapa da situação.

Uma série de manipulações e guinadas legais eram realizadas, e não apenas pelo SATED, a fim de perpetuar a influência de determinados grupos nos sindicatos ou mesmo para a realização de suas demandas.⁵⁵⁵ Juca de Oliveira estava na presidência da agremiação havia nove anos. Ele tinha renunciado pouco tempo antes após pressões, deixando a votação sob a organização da nova gestora, Ruthnéia de Moraes.⁵⁵⁶ Tais conflitos não deixaram de existir entre aqueles que se identificavam com as *novas* correntes sindicais.⁵⁵⁷ Essas questões certamente afetavam Lélia e interferiam em seus projetos políticos e profissionais. Posteriormente, ela expôs suas decepções e angústias sobre tais fatos em sua autobiografia:

Como se sabe, qualquer sócio tem a liberdade e direito de impugnar a chapa concorrente. Mas neste caso a acusação era uma vil calúnia. Ninguém era baderneiro; quanto à acusação de “comunista”, tratava-se de um ataque infalível e perigoso, que tinha muita força durante o período da ditadura militar.⁵⁵⁸

Ao apresentar seu ponto de vista, ela enfoca na tensão referente à questão ideológica. Talvez por sua experiência quanto à perseguição sofrida por integrar grupos trotskistas e com as tensões vivenciadas durante a estadia na Itália fascista, sua

⁵⁵³ S/A. Atores brigam para renovar sindicato. O Estado de São Paulo. 8 de novembro de 1977. p. 15. Acervo Digital: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.

⁵⁵⁴ S/A. DRT anula eleição dos atores. O Estado de São Paulo. 12 de janeiro de 1978. p. 17. Acervo Digital: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.

⁵⁵⁵ OLIVEIRA, Roberto Vêras de. Op Cit. 2011. p. 124.

⁵⁵⁶ Ruthnéia de Moraes (1930 – 1998) nasceu no Rio de Janeiro – RJ e começou a trabalhar como atriz no cinema em 1966 e na televisão no ano seguinte. Foi presidenta interina do SATED-SP entre 1977 e 1978. Ainda trabalhou em filmes e novelas até 1998, quando faleceu em São Paulo. (S/A. Ruthnéia de Moraes. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa349585/ruthinea-de-moraes> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.)

⁵⁵⁷ RODRIGUES, Iram Jácome. Op Cit. 1997. p. 189 – 190.

⁵⁵⁸ ABRAMO, Lélia. Op Cit. 1997. p. 204.

interpretação se voltou para esse tópico. Ela, todavia, associa esses fatos à Delegacia Regional do Trabalho, retirando a culpa das atrizes e atores que faziam parte da agremiação. Lembrando que há um vai e vem sócio-temporal nas suas lembranças, e que estas partem do presente para o passado, podemos também refletir sobre o fato de ela ter agregado relatos exteriores à sua vivência, compondo assim a sua memória.⁵⁵⁹ Nesse sentido, Lélia interpreta os conflitos referentes à sua eleição por meio de lembranças externas da repressão daqueles anos, questão que será aprofundada posteriormente neste mesmo capítulo.

A sua militância também fornecia elementos para que ela pudesse refletir sobre o seu entorno. Ao falar de um período posterior à ocorrência dos fatos evocados, ela já possuía uma visão de conjunto de sua experiência no SATED e, por meio dela, pôde compreender muito bem os processos eleitorais dos sindicatos. Tais referências ainda a fizeram se inserir em determinados debates. Como presidenta de sindicato, militante de esquerda e amiga de intelectuais e artistas, Lélia se aproximou de outros grupos, dentre os quais o Movimento pela Anistia e os metalúrgicos do ABC. Circulando em espaços para além do sindicato, teve contato com repertórios que moldaram sua noção de democracia. Nesse momento, com um capital familiar consolidado, mas também com o reconhecimento político e profissional de seus pares, ela pôde se movimentar entre diferentes setores de oposição à ditadura e dar visibilidade à sua gestão em uma agremiação com presença expressiva de trabalhadoras. Contudo, Lélia não era a única a conseguir um cargo de liderança em 1978. Vejamos uma outra experiência.

Nesse mesmo ano, outro grupo de profissionais se rearticulava em torno de seus interesses de classe. Olhando de dentro da estrutura do Estado, os funcionários públicos municipais de São Paulo tinham como uma de suas porta-vozes a assistente social Luíza Erundina de Souza, a qual foi então entrevistada pelo jornal da Convergência Socialista para tratar de suas mobilizações:

– Nossa participação no movimento é uma prova de coerência com o programa que defendemos. Nossa participação nos movimentos dos trabalhadores faz parte dos princípios da associação. Isto já vem se concretizando desde o momento que nos solidarizamos com os metalúrgicos do ABC e participamos do movimento pela unidade sindical. Hoje a APASSP é de fato uma entidade pré-sindical, estamos lutando para que nosso objetivo de nos transformarmos em sindicato seja concretizado. Reativamos essa entidade que há oito anos estava inativa (...). Durante a greve a participação de nossa entidade foi reconhecida por todo o funcionalismo e

⁵⁵⁹ THOMSON, Alistair. Op Cit, 1997.

fortalecida a necessidade da participação de todos os trabalhadores no fortalecimento do movimento sindical.⁵⁶⁰

Maurício Sarda Faria⁵⁶¹ escreve que, naquele momento, a legislação permitia que os servidores públicos criassem apenas associações recreativas, mutualistas ou culturais. Durante as mobilizações de 1978, e os debates em torno do *novo sindicalismo*, uma parcela expressiva do funcionalismo passou a se identificar com outros setores profissionais, colocando-se, assim como eles, como explorada e rompendo com a ideia de que teria um *status* diferenciado por sua proximidade com o governo. Partindo dessa noção, articulou pautas e deu início a greves. De acordo com Faria, muitas dessas agremiações iniciaram um processo conflituoso de transformação interna que fez com que se consolidassem como sindicatos, na medida em que representariam pautas de seus afiliados, apesar da falta de regulamentação desse tipo de atividade nas diferentes esferas de poder (municipal, estadual e federal).

Dessa forma, assim como Lélia e outros sindicalistas daqueles anos, Luíza (enquanto funcionária pública municipal) formou sua interpretação dos fatos por meio das premissas do *novo sindicalismo*. Nesse sentido, as ideias de unidade, dignidade e harmonia aparecem em sua fala. Partindo dessa compreensão, ela pretendia fortalecer uma organização de classe para os assistentes sociais em São Paulo, além de uma luta conjunta com outros setores dos trabalhadores. Em meio a esses debates, a Convergência buscava discutir os movimentos de greve deflagrados em 1978 expondo não apenas a fala de Luíza, mas também faixas e piquetes daquelas manifestações, fotografando a militante no centro dos atos. Dessa forma, a corrente a apresenta como uma das lideranças do movimento de greve com a seguinte legenda: “Luíza Herondina [sic.], Presidente da APASP [sic.], também fez a greve do Funcionalismo Municipal que desmascarou o Prefeito.”⁵⁶²

⁵⁶⁰ S/A. Entrevista. Versus. Nº Especial. De 1 a 15 de maio de 1979. p. 8. São Paulo: CEDIC – PUC – SP.

⁵⁶¹ FARIA, Maurício Sarda. Brasil: o “novo sindicalismo” do setor público. *La Question Sociale*. Revue libertaire de réflexion et de combat. Paris/França nº 1. P. 100 – 107. 2004. Disponível em: http://www.vivelasociale.org/revue-la-question-sociale/html/LQS/LQS_1/por_QS1_11_brasil.pdf

Acesso: 23/01/2021 às 01:37 hrs.

⁵⁶² Idem.



UCHÔA, Fernando. (1979) Fotografia de Luíza Erundina em ato da greve dos funcionários públicos municipais de São Paulo utilizada pela Convergência Socialista para compor a sua matéria (S/A. Entrevista. Versus. Nº Especial. De 1 a 15 de maio de 1979. p. 8)

Provavelmente, Luíza teve a possibilidade de se tornar porta-voz dos funcionários em greve devido à sua posição de presidenta da Associação Profissional dos Assistentes Sociais de São Paulo (APASSP), eleita pela chapa Unificação em 1978. Tal agremiação foi fundada em 1955, tendo sido desativada em 1972 após baixas sofridas devido à repressão. Luíza era a terceira mulher a assumir o cargo, em uma categoria que contava com a presença expressiva de trabalhadoras em postos de liderança e organização, o que possivelmente deriva da composição majoritariamente feminina do serviço social.⁵⁶³

Por outro lado, as conjunturas vivenciadas pela associação eram bem diferentes nos anos 1950 e no final da década de 1970. Luíza adentrou em suas atividades durante um processo de aumento proporcional da presença de mulheres nos postos de trabalho formal brasileiros.⁵⁶⁴ O impacto desse fator na sindicalização de trabalhadoras pode ter contribuído para ampliar o campo de atuação da personagem, auxiliando-a a circular entre diferentes agremiações, bem como a construir contatos com outras (os) militantes. Nesse sentido, no levantamento das pesquisadoras Maria Beatriz Abramides e Maria do Socorro Cabral,⁵⁶⁵ a recém-eleita chapa Unificação tinha presença maciça de mulheres em sua organização. De acordo com as autoras, de seus doze cargos, onze eram ocupados por elas. Mesmo assim, não podemos dizer que tudo era harmônico.⁵⁶⁶ Em

⁵⁶³ ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa; CABRAL, Maria do Socorro Reis. *O novo sindicalismo e o serviço social: trajetória e processos de luta de uma categoria, 1978-1988*. Cortez Editora, 1995.

⁵⁶⁴ SOUZA-LOBO. Op Cit. 2011.

⁵⁶⁵ ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa; CABRAL, Maria do Socorro Reis. Op Cit. 1995.

⁵⁶⁶ Sobre as tensões e conflitos que poderiam rodear a APASSP, devemos levar em consideração aqueles referentes às relações de gênero. Como a Associação não estava apartada de outras agremiações de trabalhadores, poderia talvez reproduzir uma parte de seus discursos no que tange o trabalho feminino. Sobre tal questão, e pensando no caso de grupos de operários, podemos citar: REZENDE, Vinícius Donizete. *A Experiência de Sapateiras no Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçados de Franca nos anos 1980*. In: *XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Leopoldo, 2007. Disponível

alguns casos, esse processo de inserção era seguido de tensões, das quais Luíza provavelmente não passou isenta. Por outro lado, em suas memórias, a formação da instituição foi representada como consequência de uma mobilização harmônica:

– (...). E aí veio nossa decisão de rearticular a Associação Profissional de Assistentes Sociais de São Paulo, a APASSP. Estava desativa há uns sete anos, por conta, inclusive, da repressão política. Os companheiros que militavam na associação sofreram perseguições, a associação praticamente fechou e nós a reativamos.

– *E quem foi o grupo que a reativou? Você lembra de algumas pessoas?*

– Lembro-me que era um pessoal que tinha saído da PUC, recém-formado. Eu já tinha bastante idade, já era formada há muito tempo, mas eles me procuraram para dar condições de representatividade junto à categoria na reativação da APASSP (...) eram jovens que estavam saindo do curso de serviço social da PUC e que tinham vínculos com (...) a Convergência Socialista, com grupos clandestinos (...).⁵⁶⁷

Dois pontos chamam a atenção nas lembranças de Luíza. Primeiramente, tendo uma visão posterior dos fatos, ela avalia o processo como uma continuação de sua militância nas favelas de São Paulo. É interessante que, em sua fala, há uma linearidade que associa a militância sindical aos movimentos por moradia e estes à sua experiência como filha de trabalhadores migrantes. Dessa forma, na composição da sua memória, Erundina parte de relatos coletivos sobre a movimentação de nordestinos para São Paulo, bem como de sua percepção pessoal sobre a presença dessas pessoas nas periferias paulistanas. Entretanto, voltando à questão posta, ela se pauta também numa percepção de vanguarda sobre o projeto da APASSP, visão que também aparece em relatos anteriores. Em seu texto autobiográfico, Luíza organiza a terceira parte, intitulada “O Sindicato como espaço de Luta Profissional”,⁵⁶⁸ a partir da experiência nas associações de moradores das favelas, ressaltando a centralidade do trabalho dos assistentes sociais na organização desses grupos populares.

Nesse sentido, os interesses de classe dos assistentes sociais somados ao fortalecimento de movimentos de trabalhadores e ao processo de enfraquecimento do regime autoritário parecem ter auxiliado na rearticulação da APASSP. Luíza parte igualmente daquilo que viu para compreender e dar um sentido à sua memória. Ao atuar junto de moradores da periferia, ela possivelmente observou a partir daí a rearticulação da associação. Mesmo assim, apesar de um ponto de mobilização em comum, essa não

em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0032.pdf>. Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.

⁵⁶⁷ SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit. 2002. p. 17.

⁵⁶⁸ SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit. 1991. p. 71.

era a regra para aquelas (es) que participavam dos grupos de Serviço Social. O setor possuía diferentes frentes de trabalho que se espalhavam por diversos grupos e movimentos sociais de São Paulo, além de ter membros com distintas perspectivas ideológicas e teórico-metodológicas, o que não deixou de aparecer em falas da assistente social em sua crítica a intervenções assistencialistas, como analisamos anteriormente.⁵⁶⁹

Se, por um lado, havia a rejeição a grupos políticos organizados em diversos movimentos populares,⁵⁷⁰ por outro, os laços entre assistentes sociais e moradores de favelas poderiam se formar de maneira diferente devido ao contato mais próximo entre esses sujeitos e o auxílio dessas (es) profissionais do Serviço Social nos problemas locais. Por outro lado, essas assistentes sociais vinham das classes médias e dos meios estudantis, o que abria uma possibilidade maior de circulação entre acadêmicos e intelectuais. Nesse sentido, as lembranças de Luíza foram também construídas com base nos repertórios gestados no contato com o movimento estudantil desde a sua militância na Paraíba. Ainda é interessante como ela trata dos debates em torno da associação:

– Então, nós fizemos uma assembleia, lembro-me que tinha umas 200 pessoas. Fizemos uma eleição, chapa única. Eu era cabeça da chapa e 200 pessoas votaram. Aí nós formalizamos a nova existência da APASSP. Isso foi em 1977. Reativamos a APASSP, e fiquei três anos como presidente, participando de todas as lutas de resistência. A greve de 1978, o congresso brasileiro de 1979, a greve de 1979. Naquela greve geral dos servidores públicos do estado e do município, eu era do comando de greve. Eu dirigia a greve dos municipais e participei do comando geral dos servidores. Foi uma greve histórica, que teve uma importância política muito grande.⁵⁷¹

Luíza dá destaque à sua atuação nas greves de 1978. Os debates em torno da associação são anteriores, mas seu ressurgimento se deu no período dessas mobilizações, o que pode ter cristalizado a imagem de um grupo moldado a partir dos eventos daquele ano. De toda forma, a sua eleição para a presidência da agremiação provavelmente foi viabilizada pelos contatos construídos por sua circulação no funcionalismo público e por seu trabalho no ensino superior.

⁵⁶⁹ CARNEIRO, Kássia Karise Carvalho, GONÇALVES, Claudionora Fonseca, VIANA, Beatriz Borges. Op Cit, 2015. SILVA, Anália Barbosa, Silva Diego Tabosa, SOUZA JUNIOR, Luiz Carlos. Op Cit. 2016.

⁵⁷⁰ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit. 2017. p. 119.

⁵⁷¹ SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit. 2002. p. 17 – 18.

As relações com intelectuais também se expressavam na equipe gestora presidida por Luíza. Na chapa Unificação, para além dela, outros dois professores, Marília da Silva Pardini, da PUC-SP, e Sebastião Maria dos Anjos, do CETREM, estavam na nominata.⁵⁷² No que tange à relação entre a APASSP e o funcionalismo público municipal, Abramides e Cabral atentam para o fato de que a maioria dos assistentes sociais de São Paulo trabalhavam para a prefeitura no final dos anos 1970.⁵⁷³ Nesse sentido, a circulação e a proximidade com outras (os) servidoras (es) municipais poderia auxiliar no compartilhamento de experiências, fomentando aproximações em um campo de possibilidades do qual Luíza também fazia parte.

Como já foi dito nesse texto, deve-se atentar para o fato de que muitos repertórios que constroem a memória de Luíza vêm do *novo sindicalismo* (o que também constatamos no caso de Lélia). Além do mais, é possível notar que ela entende que a associação de 1977 era uma ruptura se comparada àquela anterior ao golpe de 1964. Nesse período, os diferentes setores do funcionalismo público estavam se aproximando em torno da Campanha Salarial Unificada de 1979, o que não passou despercebido pela assistente social:

O salário de miséria e as péssimas condições de vida levaram às reivindicações por salários que estão surgindo como verdadeiras explosões. No funcionalismo, os primeiros a parar foram os lixeiros e motoristas. Apesar do movimento ter sido totalmente espontâneo, o nível de mobilização foi muito grande. Desde o começo os piquetes foram utilizados e eleita uma comissão salarial em assembleia. Apesar de tudo, não se conseguiu garantir uma organização mínima para sustentar o movimento. Naquele movimento, a liderança que se formou no meio da luta não conseguiu se fortalecer.⁵⁷⁴

Essa noção de identidade do funcionalismo público municipal serviu de subsídio para a construção da memória de Luíza:

A partir da greve dos lixeiros o funcionalismo público municipal passou a exigir aumento de 70%, mais 2 mil cruzeiros fixos, para assim diminuir a defasagem existente nos salários dos servidores. Muitos ganhavam menos que os 2 mil, ou seja, menos que o salário mínimo da época. (...) O aumento proposto beneficiava justamente os de salários mais baixos. Aos poucos, a proposta atraiu também funcionários de postos de saúde, repartições ligadas ao bem-estar social, garagens, oficinas, funcionários de quase todos os setores, que decidiram parar.⁵⁷⁵

⁵⁷² ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa; CABRAL, Maria do Socorro Reis. Op Cit. 1995.

⁵⁷³ Idem.

⁵⁷⁴ CS. Convergência Socialista. Número Especial. De 1 a 15 de maio de 1979. p. 8. São Paulo: CEDIC – PUC – SP.

⁵⁷⁵ SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit. 1991. p. 85 – 86.

Partindo de outros relatos, e também de sua experiência pessoal, Luíza constrói sua memória. Ela também reforça seus argumentos ao expor dados numéricos que dão base ao texto. Mesmo moldando sua fala por meio de identidades gestadas durante o processo de mobilização dos servidores municipais de São Paulo no final da década de 1970, ao redigir este trecho, ela já possuía uma visão de conjunto sobre aquilo que viveu depois de assumir a presidência da entidade. Assim, a personagem se utiliza de referências com as quais teve contato posteriormente. Luíza também associa os problemas do serviço social com aqueles das demais categorias que formavam o funcionalismo público municipal em 1979. Em seu texto autobiográfico, ela cita relatos de trabalhadoras e trabalhadores como forma de dar *veracidade* à sua narrativa sobre a greve.⁵⁷⁶ Tal associação também se amplia quando ela toca em questões relativas à CLT. Diferentemente de Lélia, Luíza não realiza críticas contundentes à legislação trabalhista construída durante o Estado Novo, o que pode ter ocorrido pelo fato de seu setor ter demandas e uma organização distinta em relação aos trabalhadores do setor privado. Trabalhando em um regime diferenciado, eles não tinham conflitos com temas presentes na CLT, como o imposto sindical ou a interferência do Ministério do Trabalho, construindo pautas e uma relação específica com os seus empregadores.⁵⁷⁷ Ao observar os interesses e necessidades de diferentes categorias de servidores públicos, ela forma sua percepção quanto às mobilizações, se identificando como parte do movimento ao se perceber inserida no bojo dessas mesmas experiências.

De setores diferentes, com necessidades próximas ou distantes, Lélia e Luíza partilham de imaginários comuns quanto àquele momento, ao enfocarem, por exemplo, a renovação dos sindicatos ou a sensação de novidade com relação àqueles fatos. Mesmo assim, é possível notar suas diferenciações ao tratarem de pontos como, conforme mencionado acima, a CLT, talvez pela primeira ter experimentado a repressão da década de 1930, diferente da segunda, como observamos anteriormente neste capítulo. Concomitantemente, uma militante de grupos organizados de bairros populares também ganhava visibilidade, não por se tornar liderança sindical, mas por meio de outras estratégias de inserção, como veremos agora.

Do outro lado da cidade, na Zona Sul de São Paulo, Irma fazia sua campanha para a Assembleia Legislativa do Estado (ALESP). Em meio ao Movimento do Custo

⁵⁷⁶ Idem. p. 83 – 87.

⁵⁷⁷ FARIA, Maurício Sarda. Op Cit, 2004.

de Vida, as articulações em torno do seu nome e de Aurélio Peres⁵⁷⁸ mobilizavam uma parcela dos moradores da Vila Remo, os quais buscavam se organizar agora por meio da via institucional, contrariando, ou ao menos tensionando, a retórica coletiva do MCV quanto à ideia da politização do cotidiano e de afastamento dos espaços políticos tradicionais.⁵⁷⁹ Quanto a isso, a imprensa noticiou algum tempo depois: “62 entidades se uniram para a eleição de Irma” e ainda expôs os seguintes trechos da fala da deputada estadual:

Segundo Irma Passoni, o principal mérito do movimento foi ter levado a conscientização, a nível político, a amplas camadas da população. “Através da mobilização e da grande discussão nos bairros, a população começou a perceber que o ponto nevrálgico dos problemas do país era a questão político-econômica (...). O movimento surgiu criticando a política econômica do governo e traduziu, em linguagem simples, problemas complicados como a dívida externa, o arrocho salarial, o avanço das multinacionais no país.” (...) A experiência de Irma na periferia, junto às comunidades de base, foi importante, segundo explicou, para sua atuação como parlamentar. “Quando a gente organiza a luta na periferia, por creches, transporte, água, esgoto, é obrigada a passar por todos os órgãos públicos (...). Às vezes, nem ao menos éramos recebidos nos gabinetes oficiais. Este governo não se guia pelos interesses do povo brasileiro, mas sim em função de um grupo privilegiado.”⁵⁸⁰

Além de ser apontada como representante do Movimento do Custo de Vida, a imprensa tratou de sua experiência na periferia paulistana. Ao falar de sua militância, Irma partiu daquilo que vivenciou em Vila Remo para interpretar uma questão também sentida por Luíza naqueles anos: o arrocho salarial. O distanciamento de setores populares com o Estado ainda é um ponto tocado em seu relato, atentando para as negativas do governo em receber representantes do MCV. De acordo com Thiago Nunes Monteiro,⁵⁸¹ a negação era uma das formas pelas quais setores do Estado tentavam sufocar os projetos coletivos do movimento.

⁵⁷⁸ Aurélio Peres (1939 -) nasceu em Bilac – SP e estudou em um seminário até 1968. Posteriormente, ele chegou a trabalhar como torneiro mecânico e participou das atividades da Pastoral Operária. Foi coordenador do MCV e, em 1974, acabou sendo preso e torturado no DOI-CODI de São Paulo. Como metalúrgico no bairro de Santo Amaro (Zona Sul de São Paulo) ainda atuou como sindicalista na Oposição Sindical de São Paulo junto de Santo Dias. Elegeu-se deputado federal pelo MDB em 1978, reelegendo-se em 1982 pelo PC do B, permanecendo no cargo até 1987, quando retornou ao trabalho como metalúrgico (COSTA, Marcelo. Aurélio Peres. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/peres-aurelio> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.).

⁵⁷⁹ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 119 – 120.

⁵⁸⁰ S/A. 62 entidades se uniram para a eleição de Irma. Folha de São Paulo. 27 de agosto de 1979. p. 12. Recorte de Jornal. São Paulo: Coleção CMZS, CEDEM-UNESP.

⁵⁸¹ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 184.

A sensação de silêncio sentida por Irma foi compartilhada por outros membros do MCV. Em busca de romper barreiras impostas e construir um canal de comunicação por dentro do Estado, setores do movimento passaram a apoiar a estratégia de eleger alguns membros como representantes de seus anseios e projetos coletivos.⁵⁸² Apontada como porta-voz daqueles moradores, Irma partilha da ideia de representá-los pela via institucional. Ao mesmo tempo, ela nota que o momento auxiliava na efetivação desse projeto. Sobre essa questão, devemos lembrar que setores governistas perdiam espaço nos poderes legislativos do país desde as eleições de 1974, além da crise na credibilidade do regime após as grandes greves operárias, as denúncias quanto à repressão política e os efeitos nefastos de sua política econômica.⁵⁸³

O relativo afrouxamento do regime abria um campo de possibilidades para Irma, Luíza e Lélia atuarem em prol de suas pautas pessoais e dos projetos políticos dos quais foram construídas, e se constituíram, como representantes. Militando no MCV, Irma, juntamente com outras moradoras, auxiliou Aurélio após sua tortura, fato que pode tê-la angustiado naquele e em outros momentos, além de gerar incertezas tanto de sua parte, quanto dos demais integrantes do movimento. Ela também experimentou outro fato que a impactou: o protesto contra a alta do custo de vida nas escadarias da Catedral da Sé (28 de agosto de 1978) que terminou com a repressão da tropa de choque, acontecimento que igualmente marcou as lembranças coletivas do MCV.⁵⁸⁴ Dessa forma, a violência do Estado aparece na memória sobre a sua candidatura:

A gente tinha claro que o essencial era continuar o movimento popular, e que estava militando no partido porque era o caminho possível. Pessoas que militavam conosco já tinham sido presas, torturadas e mortas. Então sabíamos que não íamos fazer uma revolução via luta armada, e que cabia o caminho da política.⁵⁸⁵

Irma ainda agrega ao seu relato o assassinato de Santo Dias (30 de outubro de 1979). Dessa forma, tendo a possibilidade de saber da repressão aos movimentos ligados à luta armada, Passoni interpreta que a via partidária se tornou uma estratégia viável para aquele momento. Tendo abertura para apresentar suas propostas em 1978, ela metamorfoseou seu projeto de lutar pelo *bem comum*, buscando agora delineá-lo por

⁵⁸² Idem.

⁵⁸³ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Op Cit, 2003. p. 243 – 282.

⁵⁸⁴ Thiago Nunes Monteiro trata de como as repressões sofridas por membros do MCV impactaram no imaginário de seus membros, gerando medos quanto aos seus projetos, mas também uma revolta maior contra o regime autoritário. (MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017).

⁵⁸⁵ PASSONI, Irma. Op Cit, 2008.

dentro do Estado. Essa virada (de fora para dentro da política institucional) não foi bem recebida por todos logo de início e a imprensa atentou para as tensões decorrentes da indicação de Irma e Aurélio:

O Movimento do Custo de Vida, que se tornou conhecido nacionalmente por seu abaixo-assinado encaminhado ao governo contra a carestia, e a eleição de um deputado federal e uma deputada estadual pelo MDB nas eleições de 1978, são provas vivas da força política das comunidades eclesiais de base, em São Paulo.

Apesar da oposição do Bispo da Zona Sul, Dom Mauro Moreli, que gostaria que o Movimento Custo de Vida não fosse atrelado a candidaturas e conservasse a natureza de movimento político sem ser partidário, seus militantes, ligados às comunidades do bairro de Vila Remo, na região de Santo Amaro, elegeram o operário metalúrgico Aurélio Peres e a professora Irma Passoni com expressivas votações, apesar de os dois terem se inscrito no MDB no ano passado mesmo.⁵⁸⁶

O Movimento Democrático Brasileiro (MDB) havia sido criado em 1965 para compor a estrutura bipartidária do sistema político do regime autoritário e, na década de 1970, passou a agregar uma variedade de grupos que se identificavam como opositores do governo. Nesse processo, mesmo com a desconfiança de setores do partido, sujeitos oriundos das esquerdas e dos movimentos populares se inseriram na agremiação, utilizando-se dela como *guarda-chuva* para as suas demandas.⁵⁸⁷ Irma, Aurélio, Suplicy e outras pessoas se utilizaram dessa estratégia para realizar projetos políticos de cunho pessoal e/ou coletivo.

De acordo com Thiago Nunes Monteiro,⁵⁸⁸ por romperem com o discurso do distanciamento da política institucional, militantes acusaram Irma e Aurélio de terem decidido se candidatar sem consultar as bases. Mesmo assim, ambos se elegeram com a proposta de representar o movimento e tiveram o voto de grande parte de seus

⁵⁸⁶ S/A. Movimento do Custo de Vida faz deputados. *Jornal do Brasil*. Primeiro Caderno. 28 de janeiro de 1979. p. 18. Recorte de Jornal. São Paulo: Coleção CMZS, CEDEM-UNESP.

⁵⁸⁷ Sobre essa questão devemos lembrar ainda que, com a abertura para o pluripartidarismo em 1980, o MDB passou a se chamar PMDB. Muitos de seus quadros migraram para os novos partidos, como o PT (Irma e Suplicy) ou o PDT. Outros rearticularam agremiações extintas em 1965, como o PSB, o PTB, o PC do B (Aurélio) e o PCB. Com tal mudança, o partido passou a aglutinar políticos da centro-direita, articulando-se aos diferentes governos que subiram ao poder nos anos seguintes, o que não fez com que deixasse de atuar no golpe de 2016, mesmo sendo base do governo de Dilma Rousseff (2011 – 2016). Além do mais, devemos lembrar que parte de seus quadros fundou o PSDB em 1988 e aqueles pertencentes ao extinto MR-8 fundaram o PPL em 2009. Em 2017, o PMDB voltou a se chamar MDB. Quanto à história e as mudanças pelas quais o partido passou, cito: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O MDB e as esquerdas*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Revolução e democracia (1964...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Partido e sociedade: a trajetória do MDB*. Editora Utop, 1997.

⁵⁸⁸ MONTEIRO, Thiago Nunes. *Op Cit*, 2017. p. 119 – 120.

companheiros. Na década de 1980, Eder Sader⁵⁸⁹ enfocou o descontentamento quanto às candidaturas provindas de movimentos populares ao analisar relatos de militantes da Zona Sul de São Paulo. De acordo com o autor, as lideranças escolheram seus candidatos sem *ouvir* seus respectivos grupos. Sader cita o relato de uma moradora que disse que conheceu “Irma no início da comunidade como freira” e que depois percebeu repentinamente que ela “era uma candidata para a eleição”, levando muito tempo para aceitá-la “como deputada”.⁵⁹⁰ O sociólogo continua seu texto expondo a desconfiança dessa militante com a interferência de parlamentares nas atividades de seu bairro, dizendo que “nenhum deputado (...) ia mudar a situação [da Vila Remo], se não fosse através dos movimentos populares”.⁵⁹¹ Diferente dele, Monteiro defende que a escolha passou pela discussão de setores da base do MCV.⁵⁹²

A escolha de Irma por parte do movimento muito provavelmente se deu pela sua inserção no bairro de Vila Remo. Dessa forma, ao ser reconhecida como parte do MCV por residir junto a seus membros e por seu trabalho na organização de clubes de mães, ela teve a possibilidade de ser apoiada pelo grupo, sendo apontada interna e externamente como sua representante. Como mulher (mãe de dois filhos e moradora da periferia), sua escolha também se deu em parte pela presença expressiva de militantes feministas nos debates do movimento sobre a indicação de representantes para a ALESP e para o Congresso. Já como liderança de um grupo que se identificava como feminino e periférico,⁵⁹³ a escolha do coletivo por Irma também poderia passar pelas identidades construídas a partir das experiências comuns com trabalhadoras e mães ali presentes. Sendo assim, na busca pela compreensão do fato, Irma disse posteriormente que:

– Em 1974, começou a discussão política: “Por que a gente vota?”. Pela primeira vez, começamos a recomendar o voto em alguém. Na época, os candidatos apoiados foram Alberto Goldman⁵⁹⁴ e Freitas Nobre.⁵⁹⁵ Em 1976,

⁵⁸⁹ SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 3, 1988. p. 224.

⁵⁹⁰ Idem.

⁵⁹¹ Ibidem.

⁵⁹² MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 119.

⁵⁹³ Idem.

⁵⁹⁴ Alberto Goldman (1937 – 2019) nasceu em São Paulo – SP e era filho de um casal de imigrantes judeus. Graduou-se em Engenharia pela USP e filiou-se ao PCB por meio do movimento estudantil. Filiou-se posteriormente ao MDB e se tornou deputado estadual (1971 – 1979). Elegeu-se para a Câmara dos Deputados duas vezes (1979 – 1987; 1991 – 2007). Foi nomeado Ministro das Transportes (1992 – 1993), pelo presidente Itamar Franco. Filiou-se ao PSDB em 1997 e se tornou vice-governador na chapa de José Serra (2007 – 2010). Após a renúncia deste, assumiu o Executivo paulista entre 2010 e 2011, passando o cargo para Geraldo Alckmin. Tornou-se presidente do PSDB em 2017 e faleceu dois anos depois em São Paulo. (CARDOSO, Elizabeth Dezouart; SPRITIZER, Jean. Alberto Goldman. *Verbetes*.

voltamos a discutir: “O que é política? O que é partido? Qual é o papel de um vereador? Por que escolher esse tipo de candidato?...” Nessa época, apoiamos Benedito Cintra, candidato a vereador. E, em 1978, houve a decisão de que Aurélio Peres deveria ser candidato a deputado federal e eu deveria ser candidata a deputada estadual. (...) A gente reunia 63 entidades, na Capela do Socorro [bairro de São Paulo], e houve a decisão de lançar os candidatos. (...) Algumas pessoas achavam que o candidato tinha que ser uma pessoa de confiança do PCdoB (na época clandestino), mas, como as pessoas mais ligadas a comunidades não tinham nenhuma participação partidária, o movimento falou: “Não, a nossa candidata é a Irma” (...) com o apoio também das comunidades, fui eleita deputada estadual pelo MDB.⁵⁹⁶

Talvez em função do que sentiu naquele momento e ao elaborar suas memórias, ela tentou se afastar das reclamações de *distanciamento das bases* feitas após sua eleição. De acordo com Monteiro,⁵⁹⁷ alguns militantes acusaram os candidatos eleitos em 1978 de terem se afastado dos moradores da periferia ou de contrariarem a orientação de alas do MCV de se distanciar do governo. A defesa da rejeição aos partidos e à política institucional provavelmente moldou seus repertórios e pode ter auxiliado na construção de tal perspectiva. De toda forma, a busca pelas decisões coletivas desde a base seria parte da estratégia do movimento, contando ainda com o discurso da justiça e da dignidade (presente também entre os sindicalistas do período⁵⁹⁸), como afirma Thiago Nunes Monteiro.⁵⁹⁹ O autor ainda escreveu que os debates sobre as eleições também foram utilizados com o intuito de politizar o cotidiano e mobilizar os moradores em torno de suas necessidades.

No relato de Irma, a sua escolha aparece como uma continuidade do início de sua atuação no MCV. O fato seria para ela resultado de um trabalho em conjunto com seus vizinhos e companheiras de militância. Em tal lembrança, as comissões de conversa com a cúpula do MDB surgem como fator que direcionou suas decisões. Talvez pelo receio quanto às acusações realizadas, Irma suprime sua margem de escolha

Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/goldman-alberto> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.)

⁵⁹⁵ José Freitas Nobre (1921 – 1990) nasceu em Fortaleza – CE, mudou-se para São Paulo e graduou-se em Direito pela USP. Foi Presidente do Sindicato dos Jornalistas na década de 1950 e se elegeu vereador duas vezes (1959 – 1961 e 1968 – 1971). Foi vice-prefeito na chapa de Prestes Maia (1961 – 1965), quando era filiado ao PSB. Já no MDB, tornou-se deputado federal (1971 – 1987). Faleceu em São Paulo. Seu nome foi dado ao Aeroporto de Congonhas (São Paulo) em 2017. (COSTA, Marcelo. José Freitas Nobre. *Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-freitas-nobre* Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.)

⁵⁹⁶ PASSONI, Irma. *Op Cit*, 2008.

⁵⁹⁷ MONTEIRO, Thiago Nunes. *Op Cit*, 2017. p. 135 – 136

⁵⁹⁸ OLIVEIRA, Roberto Vêras de. *Op Cit*, 2011.

⁵⁹⁹ MONTEIRO, Thiago Nunes. *Op Cit*, 2017. p. 162 – 163.

e seus projetos individuais. A ideia da escolha coletiva e da unidade de atuação ganha destaque em sua fala, o que não era algo incomum entre as (os) militantes da esquerda e das pautas populares naquela conjuntura. Contudo, as perspectivas de Irma quanto à sua eleição podem ser em parte fruto de frustrações e projetos não realizados⁶⁰⁰ referentes ao enfraquecimento do MCV naquele mesmo período e à consequente não efetivação de parte dos objetivos do movimento.

Dentre os repertórios que moldam as suas memórias, o discurso do *novo* foi atrelado a uma noção de liberdade de ação, o que, como já vimos, não era exclusividade sua. De acordo com Iram Jácome Rodrigues,⁶⁰¹ essa visão estava presente, por exemplo, nos debates de sindicalistas no final dos anos 1970. Irma provavelmente presenciou conversas e debates com esse teor de *novidade*. Quanto à busca pela compreensão de sua entrada na ALESP, ela entende que esse fato foi parte de um debate interno anterior do MCV. Dessa forma, mesmo sem negar que o período de 1978 lhe possibilitou uma inserção maior nos meios políticos, ela interpreta que a escolha que as (os) moradoras (es) de Vila Remo fizeram estaria baseada principalmente no desenvolvimento *natural* do movimento e de seus debates internos.

A condição de gênero de Irma interferiu em sua campanha eleitoral, influenciando na forma como seus debates foram conduzidos. Em um encontro organizado pelos trotskistas do jornal *Em Tempo*⁶⁰² em 1978, foram reunidos quatro candidatos tidos como populares para tratar das eleições que seriam realizadas no final daquele ano. Entre eles, estavam os militantes Antonio Funari, Geraldo Siqueira, Marco Aurélio Ribeiro e mais dois homens (que parecem ser os entrevistadores do jornal), além de

⁶⁰⁰ Sobre o termo, apoiamo-nos em uma definição de Leo Spitzer. De acordo com o autor, os sujeitos partem de uma construção mental de futuro para formular seus projetos. Tal processo não é apenas pessoal, mas também fruto de experiências e projetos anteriores. Nesse sentido, ao ter um desses planos frustrados, os sujeitos reelaboram suas estratégias, mas também podem acabar construindo uma memória dolorosa sobre suas frustrações. (SPITZER, Leo. *Vidas de Entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, 1780-1945*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.).

⁶⁰¹ RODRIGUES, Iram Jácome. Op Cit. 1997.

⁶⁰² O jornal *Em Tempo* foi criado em 1977 como um veículo de comunicação coletiva do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), do grupo mineiro Organização, do Movimento pela Emancipação do Proletariado (MEP), além de intelectuais e jornalistas independentes. Em 1979 passou a representar a recém-fundada Democracia Socialista (DS). Seus textos abordavam temas que iam das questões de classe até as demandas dos chamados Novos Movimentos Sociais (mulheres, negros, homossexuais). Em 1980 passou a fazer parte da imprensa petista. Circulou com esse nome até 2004 (quando passou a se chamar Democracia Socialista) e em 2014 passou a ser um periódico exclusivamente digital (ESTANISLAU, Lucas. *Em Tempo: um jornal para enfrentar a ditadura de modo contundente*. Democracia Socialista. 11 de junho de 2018. Disponível em: <https://democraciasocialista.org.br/em-tempo-um-jornal-para-enfrentar-a-ditadura-de-modo-contundente-lucas-estanislaui/> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.; KAREPOVS, Dainis; LEAL, Murilo. Op Cit, 2007; MACEDO, Edmar Almeida. Op Cit, 2013.).

Irma (apresentada como “socióloga, organizadora de Clubes de Mães e integrante do Movimento do Custo de Vida”), a única mulher. Ela tratou de voto nulo, articulação unitária, campanhas populares e da decepção com candidaturas consideradas tradicionais. Dentre todas as colocações, as dela foram as mais breves. Sua primeira intervenção foi transcrita em 19 linhas, a segunda em 11 e a terceira em 3. O texto em questão é dividido em cinco colunas. Entre os demais entrevistados temos falas curtas e longas, que variam entre 16, 17, 43, 44, 55 e 110 linhas.⁶⁰³ As três colocações de Iram foram:

Irma: Sobre isso [oposição ao governo], creio que a reação do povo é contra a proposta do voto nulo no dia 15. Agora, ao mesmo tempo, há um sentimento assim: – Chega de ser iludido! Há quantos anos a gente vota, vota, e não adianta nada? Os candidatos prometem e não fazem. Analiso então que existe possibilidade do voto nulo entre setores populares, mas não como proposta, como alternativa; mas como um quase desespero, como decepção. Entretanto, vejo possibilidade de se superar essa atitude, desde que se consiga fazer uma discussão com as pessoas que estão se manifestando desse modo, para explicar a importância da coisa, etc. (...)

Irma: Sim. Acho que ganhe ou não ganhe a eleição, a gente vai ter que assumir toda uma responsabilidade perante os grupos organizados com os quais trabalhamos durante a campanha e antes dela. A gente vai ter que se juntar, os vários candidatos populares, para ver como prosseguir a atuação depois do dia 15. É hora de a gente tentar pensar junto. (...)

Irma: De fato existem áreas que a gente não atinge mesmo; é terrível isso. Áreas populares, áreas vazias.⁶⁰⁴



⁶⁰³ S/A. E depois do 15 de novembro? *Em Tempo*. nº 36. De 8 a 12 de novembro de 1978. p. 4. São Paulo: CSBH-FPA.

⁶⁰⁴ S/A. E depois do 15 de novembro? *Em Tempo*. nº 36. De 8 a 12 de novembro de 1978. p. 4. São Paulo: CSBH-FPA.



Imagem 1: Foto utilizada pelos editores do jornal Em Tempo para compor a sua matéria. Irma aparece ao centro de cabeça baixa (1978). Imagem 2: Comparação do tamanho das falas de Irma dentro da transcrição do debate. Os quadriláteros vermelhos indicam as falas dos homens. Já os polígonos pretos circunscuem as colocações de Irma. (S/A. E depois do 15 de novembro? *Em Tempo*. n° 36. De 8 a 12 de novembro de 1978. p. 4. São Paulo: CSBH-FPA.)

Ou seja, podemos notar que o espaço de Irma no debate foi reduzido quando comparado ao tamanho das falas dos demais participantes. Além do mais, a maneira como foi transcrito passa a sensação de interrupção da fala. Se por um lado o silenciamento é uma possibilidade para aquela conversa (quando consideramos o fato noticiado), por outro a própria transcrição acaba por delegar menos linhas a nossa personagem (ao nos voltarmos para os possíveis cortes e seleções realizadas na edição da matéria).

Dessa forma, em 1979 Irma adentrava à ALESP não apenas como deputada, mas como mulher, mãe de um filho e grávida, casada e moradora de um bairro periférico da cidade de São Paulo. Também era professora e próxima de grupos da Igreja Católica. Em uma frente de atuação diferente de Luíza e Lélia, ela já possuía contato com Eduardo Suplicy, que se aproximava dos debates do MCV por meio de seu trabalho como economista da FGV e no desenvolvimento de aulas de economia junto de moradores das periferias. Nesta condição, Irma partilhou das discussões do período, tendo seus repertórios pessoais construídos pelo *novo sindicalismo* e a Teologia da Libertação. Nesse sentido, ela também estabelece uma ponte entre movimentos de trabalhadores e grupos ligados à Igreja em suas experiências, partindo da identificação construída por meio dos problemas sofridos no bairro onde residia. Além do mais, Irma

começava a ganhar espaço na imprensa e nos espaços políticos, tendo a sua imagem pública construída a partir daí, como veremos a partir do próximo capítulo.

No campo de possibilidades: os operários, as greves e o partido

Inserida no meio intelectual e artístico, Lélia atuou em atividades de apoio às mobilizações que se desenrolavam entre 1978 e 1979. Naquela época, por meio de seu sindicato e de grupos com os quais tinha contato, ela reuniu recursos a fim de auxiliar no fundo de greve dos metalúrgicos do ABC. O diretor e cineasta Leon Hirszman⁶⁰⁵ chegou a filmar seu discurso no *show* de 1º de Maio em São Bernardo do Campo. Rosto de perfil e com um tom de voz sereno, ela diz: “Para que os nossos companheiros do ABC possam continuar na sua justa, legítima razão de greve. Para que eles possam tornar as suas reivindicações uma realidade. Vocês com a vossa presença estarão ajudando para que eles concretizem os seus propósitos.”⁶⁰⁶ Além de uma visão da justiça enquanto instrumento para legitimação de reivindicações, sua companheira de militância e também atriz Bete Mendes⁶⁰⁷ entendia que: “Os operários do ABC, não são apenas motores que produzem as divisas nacionais, também são a mola que atira adiante o nosso trabalho de artistas”.⁶⁰⁸ A imprensa divulgou uma pequena nota sobre tal evento.⁶⁰⁹

⁶⁰⁵ Leon Hirszman (1937 – 1987) nasceu no Rio de Janeiro – RJ e foi cineasta e diretor de cinema. Produziu filmes como *Eles não usam Black Tie* (1981), no qual Lélia atuou. Sua produção se baseava nos debates do Cinema Novo. Leon foi vítima da AIDS nos anos 1980. (S/A. Leon Hirszman. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa13348/leon-hirszman> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.)

⁶⁰⁶ HIRSZMAN, Leon. *ABC da Greve*. Longa-metragem. 86 minutos. Mundial Filmes, 1980.

⁶⁰⁷ Elisabete Mendes de Oliveira (Bete Mendes) (1949 -) nasceu em Santos – SP e trabalha como atriz desde 1966. Foi presa e torturada em 1970 no DOI-CODI de São Paulo. Atuou no SATED-SP e participou do ato de fundação do PT em 1980. Elegeram-se deputada federal em 1982 e se reelegeu em 1986, permanecendo no cargo até 1991, quando atuou na Assembleia Nacional Constituinte, assim como Irma Passoni. Foi expulsa do PT em 1985 após se recusar a se abster do Colégio Eleitoral, vindo a se filiar ao PMDB até o final de seu mandato. Seguiu trabalhando como atriz nos anos seguintes. (SOUSA, Luís Otávio de; COSTA, Marcelo. Elisabete Mendes de Oliveira. *Verbete*. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/elisabete-mendes-de-oliveira> Acesso: 24/01/2021 às 23:08 hrs.)

⁶⁰⁸ HIRSZMAN, Leon. *ABC da Greve*. Longa-metragem. 86 minutos. Mundial Filmes, 1980.

⁶⁰⁹ S/A. *Trabalhadores farão 1º de maio à parte*. Folha de São Paulo. 1 de maio de 1979. p. 19. Acervo Digital: <https://acervo.folha.com.br/index.do> Acesso: 24/01/2021 às 23:08 hrs.; S/A. *Show de Maio*. O Estado de São Paulo, 6 de maio de 1979. p. 191. Acervo Digital: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso: 24/01/2021 às 23:08 hrs.



Discurso de Lélia Abramo no show de 1º de maio de 1979. HIRSZMANN, Leon. ABC da Greve. Longa-metragem. 86 minutos. Mundial Filmes, 1980. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2hhFk0cml6Y&t=3674s> Acesso: 24/01/2021 às 23:08 hrs.

A ponte estabelecida por Lélia com os metalúrgicos estava, para além da direção do SATED, nos grupos de esquerda dos quais participava, como a Convergência Socialista. Tanto a imprensa quanto a polícia atentaram para isso. A primeira apresentou uma nota com o título “Socialismo” na qual se lê: “O Movimento de Convergência Socialista (...) iniciou ontem (...) a Semana Socialista, com presença do deputado oposicionista Almir Pazzianoto, da atriz Lélia Abramo, do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, Benedito Marcílio e do antigo militante do PSB, Plínio Gomes de Melo.”⁶¹⁰ Já a segunda mostrou que ela “participou da reunião política de abertura da „Semana Socialista“ patrocinada pela „Convergência Socialista“ onde foi debatido o tema „Os Sindicatos e outras formas de organizações populares””.⁶¹¹

Roberto Vêras de Oliveira⁶¹² escreve que, apesar da militância conjunta entre sindicatos e intelectuais, havia tensões decorrentes de um discurso que fomentava o temor de trabalhadores quanto à presença de pessoas que desviassem o foco de suas mobilizações. Nesse sentido, segundo o autor, tais movimentos, ao se identificarem por meio da retórica de que eram sujeitos de sua própria história, fomentavam o rechaço contra a presença daqueles que representavam, para eles, a tomada da palavra da *classe trabalhadora*. Lélia atentou para essas tensões em suas memórias ao escrever a sua autobiografia:

Segundo normas estatutárias, eu não podia tomar iniciativas de ordem política. Por essa razão assumi uma posição pessoal de aproximação com o líder, Luiz Inácio da Silva, o Lula, sem pretender envolver o Sindicato dos Atores, por mim representado. Minhas primeiras tentativas de contato com Lula foram, além de solitárias, frustrantes, pois ele ainda estava na fase de “estudante é na escola”, “intelectual é intelectual”, “padre é na igreja” e

⁶¹⁰ S/A. Socialismo. O Estado de São Paulo. 25 de abril de 1978, p. 2. Acervo Digital: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso: 24/01/2021 às 23:08 hrs.

⁶¹¹ DEOPS-SP. Ficha de Lélia Abramo. Fundo Deops. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁶¹² OLIVEIRA, Roberto Vêras de. Op Cit. 2011, p. 85.

assim por diante. Felizmente fui muito bem recebida por Devanir Ribeiro e Djalma Bom, também metalúrgicos e Jacó Bittar, do Sindicato dos Petroleiros.⁶¹³

Estudantes, intelectuais e outros setores da classe média enfrentavam resistência direta por parte de sindicalistas e operários em geral.⁶¹⁴ De acordo com Claudete Gomes Soares,⁶¹⁵ muitas dessas tensões vinham do receio de dividir suas demandas em prol de reivindicações das esferas dos direitos civis. Segundo a autora, havia agremiações que se utilizavam da estratégia de associar suas pautas a questões consideradas como empíricas para conseguir reconhecimento. Sendo assim, é interessante notar como os discursos advindos do SATED e seus representantes poderiam ser, talvez, uma estratégia de inserção nesses meios.

Retornando às memórias de Lélia, a militante vê as mobilizações daqueles anos por meio da ideia de unidade, convergindo para a figura de Luís Inácio da Silva, o Lula. Complementando sua fala, ela utiliza uma fotografia sua com o metalúrgico para iniciar o capítulo de sua autobiografia referente às greves de 1978. Por meio dessa referência, Lélia passa à (ao) leitora (or) a sua relação de afeto com o líder sindical, reforçando que eles eram amigos bem próximos.



Fotografia de Lélia Abramo com Lula, a qual abre um dos capítulos de sua autobiografia. A imagem ainda pode ser encontrada na parte de seu Arquivo Pessoal guardado pela Fundação Perseu Abramo. (s/d) (ABRAMO, Lélia. *Vida e arte: memórias de Lélia Abramo*. Editora Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 219.)

A narrativa de Lélia não deixa de ser alimentada também por imagens que identificavam o metalúrgico como um líder para quem as esperanças eram lançadas. Leon Hirszman atenta para tal fato em suas filmagens, enfocando faixas que associam a

⁶¹³ ABRAMO, Lélia. Op Cit. 1997, p. 223.

⁶¹⁴ OLIVEIRA, Roberto Vêras de. Op Cit, 2011.

⁶¹⁵ SOARES, Claudete Gomes. Op Cit, 2009. p. 40 – 41.

imagem de Lula a ícones religiosos. As memórias da atriz acerca das greves ainda partem de debates como o discurso da unidade de ação contra a ditadura⁶¹⁶ e a noção de que aqueles eventos eram uma novidade, muitos dos quais presentes entre movimentos com os quais Lélia tinha contato, como os de intelectuais e trabalhadores.⁶¹⁷



Faixa estendida no Comício do Estádio de Vila Euclides (1º de maio de 1980). HIRSZMANN, Leon. ABC da Greve. Longa-metragem. 86 minutos. Mundial Filmes, 1980. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2hhFk0cm16Y&t=3674s> Acesso: 24/01/2021 às 23:08 hrs.

Ao atentar para sua atuação nesse período, ela entende que foi uma pessoa decisiva no desenrolar de algumas situações como, por exemplo, a mobilização de atrizes e atores para a renovação da diretoria de seu sindicato e em momentos nos quais ela afirmou ter convencido Lula a discursar.⁶¹⁸ Refletindo sobre o período, ainda escreve que:

Nosso sindicato foi um dos primeiros sindicatos não-operários a aproximar-se de Lula, juntamente com o Sindicato dos Jornalistas, na época dirigido por David de Moraes, e da oposição da Apeoesp [Associação de Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo] (...) que acabara de eleger uma

⁶¹⁶ OLIVEIRA, Roberto Vêras de. Op Cit. 2011, p. 114.

⁶¹⁷ SANTANA, Marco Aurélio. Op Cit. 1998.

⁶¹⁸ Lélia escreve em sua autobiografia que: “Presidentes de sindicatos e milhares de grevistas estavam à espera de Lula. Mas ele não apareceu. (...). Pessoalmente achei a situação estranha e desagradável. (...). Algum tempo depois, Jacó consentiu em levar-me até o líder ausente. (...) Lula sentou-se à direita de David e ouviu sem dizer nada as poucas palavras que o aconselhavam a participar da manifestação que seria feita num dos plenários da Assembleia Legislativa, já nessa altura lotado pelo público que o esperava (...). Perguntei aos presentes se desejavam tomar a palavra, mas ninguém se manifestou. Então, de súbito, lembrei-me do discurso de Marco Antônio dirigido ao povo romano, diante do cadáver de César, na peça Júlio César, de Shakespeare (...). Parafrazeando as palavras iniciais do famoso discurso, com palavra bem claras falei ao Lula: ‘Não vim aqui para te apoiar, vim para te recriminar’. (...). Expus a fragilidade de sua posição e as consequências de sua ausência nessa manifestação. Foi um desafio, mas Lula o aceitou com simplicidade; dirigiu-se ao interior da casa. Voltou de terno e gravata! Logo depois chegaram três pessoas que o chamaram, levando-o para outro cômodo da casa, onde conversaram durante algum tempo. Não os conhecia pessoalmente e a demora irritou-me. Nessa altura Jacó Bittar levantou-se e foi até onde estava Lula e ao retornar, disse-me: ‘Vai lá, Lélia’. E eu fui. Consegui interromper a conversa que, intencionalmente ou não, impedia a saída de Lula e o retirei das mãos daqueles senhores, tão inoportunos naquele momento. Conseguimos sair e entrar no fusca, espremidos, com Devanir ao volante e eu na frente. Foi nessa ocasião que Lula me contou que ‘eles iriam fundar um partido de trabalhadores’” (ABRAMO, Lélia. Op Cit. 1997. p. 226 – 228).

diretoria livre. Naquele momento eram pouquíssimos os sindicatos livres; a maior parte ainda era considerada “pelega”. Eu aderiu e participava de todos os movimentos de rua, dos comícios e das passeatas. Ao lado de Lula, nos palanques, era chamada todas as vezes para tomar a palavra.⁶¹⁹

Em tais lembranças, ela ainda dá centralidade para sua atuação constante nos palanques. É certo que Lélia tomou a palavra em diversos momentos, mas nos chama a atenção ela se perceber como alguém sempre presente e atuante. Como dito anteriormente, a sua circulação entre diferentes grupos e movimentos pode tê-la auxiliado a ganhar visibilidade entre setores militantes. Partindo desses capitais simbólicos, a proximidade que Lélia construiu com as lideranças metalúrgicas muito provavelmente contribuiu para a divulgação de suas ideias. No campo de possibilidades aberto pela efervescência de movimentos de mulheres no Brasil,⁶²⁰ muitas ganhavam espaço para expor suas pautas. Por outro lado, tensões quanto à presença feminina não deixaram de existir nesses espaços, principalmente quando a questão se voltava para as demandas referentes às relações de gênero.⁶²¹ Suas atividades, contudo, a auxiliaram a se eleger presidenta do SATED-SP. Mas Lélia não era a única que conquistava espaço de fala em meio às (aos) trabalhadoras (es) em greve.

De outro bairro de São Paulo (Anhembi - Santana, Zona Norte), Luíza, presidenta da APASSP, participou da realização de um evento que reuniu assistentes sociais e sindicalistas de diferentes setores. Sobre a ocasião, ela apresenta como referência de sua militância um discurso realizado na época que dizia o seguinte:

Companheiro Lula, companheiros sindicalistas, companheiros dos movimentos sociais aqui presentes, o seu lugar estava reservado neste congresso. Daí porque nós, congressistas, por decisão livre e democrática, destituímos a comissão de honra, inicialmente criada pelos organizadores do evento, e colocamos em seu lugar as mais representativas lideranças dos trabalhadores e da sociedade civil e que têm se destacado na luta pela democracia, que são vocês.

Para concluir, quero fazer meu um pensamento que aparece na obra de Dias Gomes, O Santo Inquérito, e que, a meu juízo, resume tudo aquilo que dissemos, vivemos e sentimos durante o congresso: “Há um mínimo de dignidade que não se pode negociar, ainda que isto custe perder a liberdade, ainda que isto custe perder o sol.”

Muito obrigada!⁶²²

⁶¹⁹ Idem. p. 225.

⁶²⁰ SOUZA-LOBO, Elizabeth. Op Cit. 2011.

⁶²¹ SOARES, Claudete Gomes. Op Cit. 2009. p. 40 – 41.

⁶²² SOUSA, Luíza Erundina de. 1979. SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit. 1991. p. 107 – 108.

Durante o III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS),⁶²³ os debates em torno das greves do ABC repercutiam nas falas. Utilizando-se de referências literárias, Luíza encerrou sua comunicação se apoiando no discurso da dignidade, dando legitimidade para suas pautas e as de outras (os) trabalhadoras (es). Refletindo sobre aqueles eventos posteriormente, ela afirma em uma entrevista que:

– Esse Congresso de 1979 (...) tinha todo aquele caráter oficial, oficialesco dos órgãos de serviço social (...) e legitimava as políticas sociais públicas. (...) Era a época do [ditador João Batista] Figueiredo [1979 – 1985], o [ministro do Trabalho] Murilo Macedo tinha cassado a diretoria do sindicato de São Bernardo. O [Paulo] Maluf era o governador, o prefeito era aquele biônico [indicado por Maluf – Reinaldo de Barros – prefeito de 1979 a 1982]. E eles formavam a Comissão de Honra do Congresso (...) esse foi um dos motivos de tensão (...). No segundo dia, a insatisfação com as intervenções, com as exposições, cresceu (...). E nós conseguimos chamar uma assembleia dentro do Congresso, na hora do almoço, quando os outros foram visitar as entidades sociais (...). Propusemos, e foi aprovado, que aquela Comissão de Honra fosse substituída por outra que nós escolhemos. Aí era o Lula, cassado, eram os representantes da luta pela anistia, eram os representantes da luta contra a carestia. Quer dizer, eram aqueles que estavam na luta de resistência pela anistia, resistindo à ditadura, o movimento sindical, os cassados etc.⁶²⁴

Assim como Lélia, a imagem de Lula tem centralidade no relato de Luíza. Naquele período, o fortalecimento da figura do líder sindical certamente influenciou na sua escolha como presidente de honra da mesa diretora do evento. Ao escrever sua autobiografia, Erundina se utiliza dessa lembrança para interpretar os acontecimentos, selecionando uma fotografia para reforçar os argumentos do texto, a qual dá início ao terceiro capítulo do livro. Na imagem, aparece a mesa de encerramento do evento, de onde Lula discursa. Possivelmente a intenção de Luíza foi de mostrar a sua liderança. Ela estava, naquele instante, sentada ao lado direito de Lula:

⁶²³ O III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais ocorreu no Anhembi (Bairro de Santana – Zona Norte de São Paulo) em setembro de 1979. Podemos notar que ele aparece como um momento de ruptura na memória de militantes do Serviço Social mais próximos das esquerdas. Sobre essa questão podemos citar: CONSELHO Federal de Serviço Social (CEFESS), CONSELHO Regional de Serviço Social – São Paulo, Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social. 30 anos do Congresso da Virada. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 2009.

⁶²⁴ SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit. 2002. p. 18.



Fotografia de Lula discursando no III CBAS utilizada como capa do terceiro capítulo da autobiografia de Luíza Erundina, que está ao seu lado (1979) (SOUSA, Luíza Erundina de. Exercício da Paixão Política. São Paulo: Cortez Editora, 1991. P. 14)

A memória que ela construiu associa o evento a outros movimentos que atuavam naquele período. Ao citar grupos de oposição ao regime autoritário, Luíza entende que o III CBAS foi parte das mobilizações que contribuíram para o desmonte da ditadura. Além do mais, assim como na fala de Lélia, o rompimento com o que era tido como oficial e o discurso da auto-organização aparecem no relato de Luíza. Devemos lembrar, mais uma vez, que a professora do curso de Serviço Social da FMU também parte de seus repertórios acadêmicos para interpretar os fatos. Ela, enquanto docente, teve contato de alguma forma com estudos realizados naquela conjuntura sobre aqueles sujeitos que “entravam em cena” no final da ditadura.⁶²⁵ Tal visão defendia que os movimentos sociais dos anos 1970 seriam autônomos em sua organização e novos em relação às gerações anteriores, voltando-se para a ideia da dignidade e da justiça.⁶²⁶ Em uma comunicação de Erundina para seus (suas) alunos (as) formandos (as), tais questões foram reforçadas:

Jurastes servir ao homem no sentido de preservar sua dignidade e seus direitos. E o que vemos, nestes últimos dias, com profunda perplexidade e aflição, é o mais grave desrespeito a esses direitos.

Refiro-me à injustiça e arbitrária intervenção do Governo nos Sindicatos dos Metalúrgicos do ABCD e à odiosa repressão policial de que estão sendo vítimas os trabalhadores daquela região.

Estão sendo punidos por reivindicarem um direito. Seu „crime“ consiste em exigirem um tratamento mais justo nas injustas relações de trabalho, usando para isto, o legítimo recurso da greve, que constitui um pressuposto básico das sociedades verdadeiramente democráticas.

Não poderíamos deixar de repudiar, nesta oportunidade, tais arbitrariedades, sem incorrer em grave omissão e sem trair nosso compromisso profissional.⁶²⁷

⁶²⁵ SANTANA, Marco Aurélio. Op Cit. 1998. p. 45; SADER, Eder. Op Cit, 1988.

⁶²⁶ RODRIGUES, Iram Jácome. Op Cit. 1997; OLIVEIRA, Roberto Vêras de. Op Cit. 2011.

⁶²⁷ SOUSA, Luíza Erundina de. 1978. SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit. 1991.

Para além de uma identidade pautada em experiências comuns com o funcionalismo público, a percepção de Luíza quanto à necessidade de atuar em conjunto com os movimentos de greve também se baseia nos repertórios construídos em seu trabalho no Serviço Social. Como observamos anteriormente, em sua formação acadêmica, ela se aproximou dos debates do Movimento de Reconceituação, identificando-se com uma visão anti-assistencialista e crítica sobre a atuação dessas (es) profissionais. Nesse sentido, a ideia de que a intervenção direta seria a estratégia mais eficaz para a resolução de problemas sociais também moldou o seu imaginário e, conseqüentemente, seus projetos de militância, interferindo inclusive na construção de sua memória:

– A greve foi no início do ano, e esse Congresso, no final do ano. Então, nós já havíamos nos rebelado na greve dos servidores contra o governo Maluf, contra o governo Reinaldo de Barros, que era o prefeito (...). Aí, a Associação passou a ser uma força auxiliar dos trabalhadores do ABC no enfrentamento às suas greves (...). Já éramos parte da luta de resistência. E uma coisa que nos marcou muito foi uma assembleia que houve no estádio de Vila Euclides, na greve de 1978, em que Lula (...) denunciou que a Volkswagen tinha contratado mil assistentes sociais para fazer o trabalho de aliciamento dos grevistas para voltarem ao trabalho (...). Nós já estávamos na luta de resistência, construindo nossas representações, e aquilo foi uma bomba para nós, aquela minoria que estava na vanguarda por uma luta de mudança na nossa profissão, no movimento de reconceituação (...). Então, no Congresso, aquele movimento de articulação política foi muito marcado também por esses fatos que estavam na conjuntura.⁶²⁸

Como dito anteriormente, Luíza se identifica com parte dos movimentos pela redemocratização e pelos direitos dos (as) trabalhadores (as) do período. Voltando-se para as suas experiências, ela se percebe como uma liderança. Em sua autobiografia, a personagem seleciona discursos, imagens e fontes, como aquelas citadas nesta seção, visando legitimar os argumentos de seu texto. Além do mais, ela endossa a perspectiva de que as greves do ABC fomentaram a crise do regime autoritário, compondo a sua memória por meio de narrativas compartilhadas entre aqueles que atuaram nos eventos de 1978, 1979 e 1980. Como representante da APASSP, Luíza provavelmente pôde acompanhar as greves dos metalúrgicos próxima às suas lideranças, o que possivelmente interferiu na sua fala sobre a paralisação dos funcionários da prefeitura de São Paulo.

Luíza observou os eventos do ABC de dentro da APASSP e por meio das greves dos servidores públicos. Compartilhando experiências com relação a problemas de

⁶²⁸ SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit. 2002. p. 19 – 20.

classe ou da oposição crescente ao regime, ela narra esses acontecimentos a partir do enfoque do Serviço Social, ou de sua porção mais à esquerda. Além do mais, ela volta o seu ponto de vista para a contribuição da sua associação de classe aos movimentos de oposição à ditadura. Devemos ter em mente que nas disputas de memórias acerca do período ditatorial, cada grupo de oposição deu centralidade a suas próprias mobilizações, visando legitimar e dar centralidade aos seus atos,⁶²⁹ o que não seria diferente nesse caso. Contudo, Luíza silencia possíveis tensões com os líderes metalúrgicos, observando a sua inserção e atuação junto a eles como algo harmônico. Como dito anteriormente, por serem oriundas (os) de setores das classes médias, alguns (mas) militantes por vezes sofriam resistência da parte de sindicalistas operários. Por outro lado, diferente de outras pessoas com ensino superior, Luíza possui uma origem semelhante à de muitas (os) trabalhadoras (es) de São Bernardo do Campo, o que poderia aproximá-la desses sujeitos, lembrando que muitas (os) delas (es) também eram migrantes de estados do Nordeste.

Por último, sua condição de gênero também pode ter gerado tensões. É notável, e compreensível, nas falas de Luíza dos anos 1970 que sua visão sobre a APASSP se volte para as questões de classe, silenciando possíveis problemas referentes ao fato de ser uma mulher em um cargo de direção. A associação possuía uma presença expressiva de trabalhadoras, mas não podemos deixar de considerar a possível existência de posturas machistas e contrárias a demandas de mulheres em seus debates. Partindo dessa questão, podemos dizer que, provavelmente, algumas pautas foram silenciadas em prol de agendas consideradas como prioritárias, o que talvez ocorresse como estratégia de aproximação com outros sindicatos ou por absorção de suas retóricas, influenciando possivelmente na construção das memórias de Luíza. Mas, por enquanto, vamos deixar sua trajetória por um instante para atentar para a nossa última, mas não menos importante, personagem.

Nesse mesmo período e em meio a discussões realizadas nas esquerdas e movimentos de trabalhadoras (es), a recém-eleita deputada estadual Irma Passoni discursou na plenária da ALESP sobre as mobilizações no ABC Paulista e a estrutura sindical brasileira. Entre falas e interrupções de colegas, ela disse:

Os últimos acontecimentos de março no ABCD mostram com clareza coisas de que se suspeitava, coisas que se sabia e, também, coisas que se tinha

⁶²⁹ MARTINS FILHO, João Roberto. A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares. *Varia História*, v. 28, p. 178-201, 2002.

medo. (...) pelo menos desde a greve dos metalúrgicos da Capital, Guarulhos, Osasco, durante a última campanha salarial no fim do ano passado, é que o despreparo para o exercício da democracia por parte de um dos pilares do regime – o empresariado – ultrapassa os limites do imaginável. O empresariado se refugiou, à primeira dificuldade, à sombra do Ministério do Trabalho, se refugiou no formalismo ultrapassado de uma legislação fascista (...). Não há como separar exploração da repressão. A política de arrocho salarial tem retirado do trabalhador, de ano para ano, partes importantes de seu salário, tem reduzido suas condições de sustento, tem aumentado a fome.

⁶³⁰

O discurso da deputada trata das greves daqueles anos por meio das teses do *novo sindicalismo*. Questões como a dignidade, a unidade de ação, a harmonia interna e a liberdade sindical aparecem em sua fala, o que é complementado por um discurso de defesa da democracia, ponto central de sua fala.⁶³¹ Assim como Lélia, Irma parte de uma crítica contundente à legislação trabalhista construída no Estado Novo, mas se utilizando de repertórios formados no Movimento do Custo de Vida, atenta para a relação daquelas movimentações com outros grupos populares. Nesse sentido, ela enfatiza o arrocho salarial e a dificuldade de a população das periferias em manter um padrão mínimo de subsistência. A deputada também tratou da repressão sofrida pelo MCV na Praça da Sé, em agosto de 1978:

O Movimento do Custo de Vida foi à Praça da Sé para denunciar e apontar alternativas. O que foi que encontrou? Policiais pagos com o dinheiro do povo para impedir que o povo se manifestasse. Cães pastores que têm uma alimentação mais rica do que os filhos do pobre, para impedir o pobre de falar na sua Praça. Armas e bombas importadas, compradas com o dinheiro do povo, sendo jogadas contra o povo.⁶³²

Por meio de um tom moral sobre a atuação dos manifestantes presentes na Praça da Sé (Irma também estava lá), a deputada se revolta contra aquilo que presenciou, associando a repressão sofrida pelos grevistas do ABC aos fatos do ano anterior. Há em sua fala uma crítica contundente ao regime autoritário. Nesse sentido, devemos lembrar que, de acordo com Thiago Nunes Monteiro,⁶³³ o MCV não adotara uma postura de contestação direta ao governo desde o seu início (1973).

Irma parte dessas mesmas vivências e do que era posto pelo movimento para se identificar com os grevistas do ABC e se colocar com o MCV como opositora do

⁶³⁰ PASSONI, Irma. Discurso pronunciado na 11ª sessão ordinária, do dia 19-4-79. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 25 de abril de 1979. p. 82.

⁶³¹ OLIVEIRA, Roberto Vêras de. Op Cit. 2011.

⁶³² PASSONI, Irma. Discurso pronunciado na 11ª sessão ordinária, do dia 19-4-79. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 25 de abril de 1979. p. 82.

⁶³³ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit. 2017.

regime. Seu contato com os trabalhadores de São Bernardo do Campo não se iniciou somente depois de adentrar no plenário da Assembleia estadual. Contudo, ao se tornar parlamentar, pôde se aproximar ainda mais de deputados identificados com aqueles operários, como Eduardo Suplicy, que já circulava entre os movimentos da Zona Sul de São Paulo, e outros sujeitos que tinham uma atuação focada em demandas populares, e com eles legitimar projetos e criar alianças. Naquele mesmo dia, dentre as interrupções e adendos realizados, o deputado Sérgio Santos (MDB) disse:

Nobre Deputada Irma Passoni, congratulo-me com V. Exa., na oportunidade em que uso da palavra pela primeira vez, para colocar aos companheiros do Movimento Democrático Brasileiro e também aos companheiros e colegas da Aliança Renovadora Nacional que sou testemunha que essa deputada, durante a greve dos trabalhadores metalúrgicos, teve uma atuação muito importante no movimento (...) mas, a Deputada Irma Passoni, na situação em que se encontra [grávida], nas madrugadas, enfrentava o policiamento que tentava parar a greve, que tentava contribuir com os patrões e, inúmeras vezes, dialogava com os policiais presentes corajosamente, no sentido de proteger o direito de greve, no sentido de fazer com que os trabalhadores conseguissem levar até o fim a sua greve, que é um legítimo direito dos trabalhadores, hoje, neste país.⁶³⁴

Sérgio Santos atribui à Irma qualidades como a coragem e a capacidade de diálogo. A representação do deputado sobre a maternidade e o feminino não seria uma novidade ou algo isolado, porém a sua intenção não foi a de esvaziar a militância da parlamentar, mas engrandecê-la, ao dizer que, apesar de sua condição física (grávida), ela estava perto dos espaços de greve. Devemos lembrar que o corpo feminino foi definido por discursos religiosos e científicos como algo a ser resguardado, principalmente quando se tratava de uma mulher grávida. Sobre essa questão, Miriam Goldenberg mostra que, anos antes, o debate em torno da sacralidade da gravidez foi levantado após a atriz Leila Diniz, em gestação, posar para fotos com a barriga exposta ao sol na praia, o que gerou críticas.⁶³⁵ Já Vanderlei Machado escreve que, em meio aos jogos de gênero, algumas mulheres partiam daquilo que era considerado ideal para elas, utilizando o *sentimento de mãe* como tática para lidar com a polícia.⁶³⁶ Dessa forma, Sérgio Santos pode ter associado a imagem de Irma à gestação para sensibilizar os deputados ouvintes, o que provavelmente foi também utilizado pela parlamentar naquela noite, percepção ainda semelhante à do fotógrafo autor dessa imagem:

⁶³⁴ SANTOS, Sérgio. Discurso pronunciado na 11ª sessão ordinária, do dia 19-4-79. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 25 de abril de 1979. p. 82.

⁶³⁵ GOLDENBERG, Miriam. *Toda mulher é meio Leila Diniz*. Editora Record, 1995.

⁶³⁶ MACHADO, Vanderlei. Paternidade, maternidade e ditadura: a atuação de pais e mães de presos, mortos e desaparecidos políticos no Brasil. *História Unisinos*, v. 17, n. 2, p. 179-188, 2013.



Irma em frente à fábrica da Volkswagen durante greve (1979). Ao ceder a imagem, Irma não identificou quem a fotografou. Acervo pessoal de Irma Passoni. ITS-SP.

A fotografia da deputada estadual Irma Passoni grávida em uma madrugada turbulenta diante de policiais a cavalo serviu, igualmente, para que ela construísse sua memória pessoal. A imagem também foi utilizada como aporte para a elaboração das lembranças de outros militantes sobre a parlamentar. Sobre isso, partimos inicialmente da visão de Irma expressa em uma entrevista para a Fundação Perseu Abramo (2006):

Na greve de 41 dias, nós das comunidades organizamos a coleta de alimentos e levamos um caminhão de alimentos para os Sindicalistas do ABC. Nós, como deputados do MDB, fizemos piquetes nas greves do ABC em 1979, para contribuir para que os operários não fossem reprimidos pela polícia. Eu até tenho uma foto minha na frente da fábrica da Volkswagen, entre a cavalaria militar e os operários às 4h30 da manhã. Eu estava grávida de nove meses (...). Os deputados Suplicy, Marco Aurélio [Garcia], Sergio dos Santos, eu etc. éramos solidários, permanentemente, com todas as greves e com a construção da luta operária do ABC.⁶³⁷

Em um relato oral para esta pesquisa (2016), ela volta a citar a imagem:

E todos nós nos elegemos. Então fui eu, o Suplicy, o Marco Aurélio, o Geraldo Siqueira Campos, era líder da bancada estudantil, o Suplicy, o Sérgio dos Santos, éramos seis, sete. Todos nos elegemos. E então nós passamos, alguns de nós, passamos a continuar toda atividade como sempre. Eu tenho uma foto que eu estou de frente a Volkswagen, numa madrugada de 1979, abril de 79, e eu estava grávida de nove meses (...). Uma foto assim: atrás tem a cavalaria e na frente tem a Volkswagen e os operários, às quatro horas da manhã (...). [Ela foi] bastante significativa da resistência que a gente conseguiu ajudar a fazer contra a violência contra os operários e as prisões.⁶³⁸

⁶³⁷ PASSONI, Irma. Entrevista realizada em São Paulo em 28 de agosto de 2006. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre (orgs.). Op Cit, 2008. p. 320

⁶³⁸ PASSONI, Irma. Op Cit. 2016.

Com base nesses relatos, é interessante notar como a militante se utiliza do local onde os fatos se desenrolaram como *medium* para transmissão de memórias⁶³⁹ e nele se apoia para trazer à tona esse evento em específico. A fotografia é utilizada como *prova* da sua militância junto aos grevistas do ABC. Consolidando-se na fala de outras pessoas, a imagem dá a Irma uma aura de coragem e persistência, contrastando a *sacralidade* e a *pureza* da maternidade com a violência das forças de repressão. Nas palavras de ninguém menos do que Lula, em uma entrevista realizada para compor um jornal de campanha de Irma para as eleições legislativas de 1990:

Eu me lembro de 1978/79, da greve na porta da Volkswagen, a polícia batendo na gente. Chovendo ou fazendo sol, uma companheira estava lá, grávida de quase nove meses. Era Irma Passoni, para enfrentar a polícia em defesa da classe trabalhadora. Essa companheira não é um político qualquer. Ela tem origem na luta da classe trabalhadora, na luta do movimento social. O Congresso Nacional precisa de Irma, o povo precisa dela. Vamos votar na companheira Irma Passoni, para fazer justiça a uma mulher que a vida inteira lutou em defesa dos trabalhadores.⁶⁴⁰

A fala de Lula ressalta a presença de Irma nas greves, mas não menciona sua militância no MCV. Reforçando também a imagem da mulher grávida que se arriscou pelos operários, ele trata da atuação da deputada no âmbito dos movimentos de classe, buscando legitimar seu trabalho enquanto representante de pautas populares. Retornando a 1979, os discursos de Irma também se voltam para os servidores públicos e para as suas mobilizações. Mesmo em outra esfera de poder, ela teve contato com os eventos vivenciados por Luíza no serviço municipal e, tratando das (os) funcionárias (os) estaduais, realizou três falas naquele ano.⁶⁴¹ Em sentido semelhante, outra pauta que foi ressaltada por ela durante seu mandato foi a reivindicação por uma creche e um berçário dentro do prédio da ALESP:

(...) o que me faz hoje usar a palavra é o desejo de agradecer a todos (...). Mas, principalmente, agradecemos pela possibilidade de termos aqui, nesta Casa, apesar do protesto de alguns, um berçário. Por que para nós é importante ter

⁶³⁹ Medium seriam os suportes (como objetos, espaços, sons ou mesmo o próprio corpo) nos quais os sujeitos apoiam suas memórias. (ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Editora da Unicamp, 2011.)

⁶⁴⁰ SILVA, Luís Inácio da. Relato. Partido dos Trabalhadores. *Afirmção Popular*. 1990. p. 4.

⁶⁴¹ PASSONI, Irma. Considerações sobre o PLC 16/79 concedendo abono mensal aos servidores públicos do Estado. 12 de junho de 1979. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 23 de junho de 1979. PASSONI, Irma. Considerações críticas sobre o PLC 16/79 apresentado pelo Sr. Governador concedendo abono mensal aos servidores públicos do Estado. 12 de junho de 1979. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 23 de junho de 1979. PASSONI, Irma. Considerações sobre a luta dos servidores públicos por melhores salários e a sua atual posição face ao aumento proposto pelo Sr. Governador do Estado. 16 de abril de 1979. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 24 de abril de 1979.

um berçário? Porque nós, mulheres, consideramos que temos várias tarefas a desempenhar na vida. Para que realmente a mulher se realize como ser humano, sente necessidade de atuar no trabalho de casa. Mas isso não é suficiente, não é só essa a tarefa da mulher (...). Acredito que não foi um privilégio meu a possibilidade de dispor de um berçário, pois a minha luta será no sentido de que este berçário seja estendido a todas as funcionárias da Casa. Portanto, os meus agradecimentos.⁶⁴²

Para além de sua identificação com outras mulheres no que diz respeito às relações de gênero, Irma construiu a sua fala por meio de um viés de classe. Ao reconhecer sua diferença quanto às demais funcionárias da ALESP, ela ressalta a importância da participação delas nesses espaços de trabalho.

Enfim, diferente de Lélia e Luíza, Irma se aproximou dos metalúrgicos do ABC já na condição de parlamentar eleita. Ao partir de referências obtidas pelos relatos de outras pessoas, Irma liga a sua atuação nas greves à formação do PT, no ano seguinte. Como dito na seção anterior, ela já tinha proximidade com a Pastoral Operária, o que auxiliou na construção de seus repertórios quanto aos debates do *novo sindicalismo*. Em meio a essa perspectiva, ela ainda condenou o assassinato de seu vizinho e companheiro de militância, Santo Dias, em outubro de 1979, assim como outros deputados.⁶⁴³ Apesar de acusações de distanciamento e das tensões provocadas pela sua decisão em se candidatar, ela chegou a participar posteriormente de atos contra a alta do custo de vida na Praça da Sé. Entrevistando-a em um desses momentos, a imprensa expôs que:

A deputada estadual Irma Passoni, que falou em nome dos parlamentares, ressaltou que “o povo novamente conquistou a praça”. Já que, no ano passado, a manifestação programada para o mesmo local fora proibida pelas autoridades policiais. Ao final do ato, que foi até mesmo protelado pelos organizadores para evitá-la, cerca de 500 pessoas – a maior parte estudantes – saíram em passeata, contrariando os apelos feitos ao microfone. Embora o diretor do Deops (...) tenha dito à deputada Irma Passoni que, se houvesse passeata, ela seria reprimida, registrou-se apenas o acompanhamento dos manifestantes por “peruas” do órgão policial.⁶⁴⁴

O DEOPS registrou a fala de Irma nesse mesmo ato:

a nominada (...) participou (sic.) [Destaque contido na fonte] do Ato Público realizado nas escadarias da Catedral Metropolitana da Sé promovido pelo

⁶⁴² PASSONI, Irma. Pequeno Expediente. 22 de maio de 1979. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 29 de maio de 1979. p. 73.

⁶⁴³ PASSONI, Irma. Considerações sobre o assassinato do operário Santo Dias da Silva na Igreja do Socorro. 6 de novembro de 1979. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 6 de dezembro de 1979.

⁶⁴⁴ S/A. Três mil vão à manifestação. Folha de São Paulo. 27 de agosto de 1979. p. 12. Acervo Digital: <https://acervo.folha.com.br/index.do> Acesso: 24/01/2021 às 23:08 hrs.

Movimento Contra a Carestia. Após a passeata pelo centro da cidade, os manifestantes que carregavam um caixão fazendo com um boneco para representar o Ministro Delfim Neto, incinerando o mesmo na estação Metro do Lgo. S. Bento.⁶⁴⁵

A atuação de Irma enquanto deputada estadual lhe abria mais espaço para falar em atos e manifestações, podendo expor suas pautas e pontos de vista para além do MCV. Nesse sentido, ela provavelmente começou a ganhar visibilidade entre outros movimentos de trabalhadores e setores populares. Tal fato, contudo, atraiu o olhar da polícia, a qual passou a acompanhá-la e chegou a se comunicar diretamente com ela sobre o andamento de protestos.⁶⁴⁶

Dessa forma, a imagem de Irma passou a ser associada não apenas ao recentemente renomeado Movimento Contra a Carestia (MCC),⁶⁴⁷ mas ainda aos meios religiosos. Além do mais, a proximidade com intelectuais e religiosos, somada ao espaço de poder alcançado, também lhe possibilitou a participação em debates acadêmicos acerca de temas como religião ou política.⁶⁴⁸ Enfim, quando ela entrou no PT (1980) já era Irma Passoni, deputada representante de setores populares, de mulheres mães e de religiosas, mas sua imagem pública seguiu sendo construída e reconstruída, o que analisaremos posteriormente.

Irma se inseriu entre os metalúrgicos do ABC por meio da Igreja Católica e de sua atuação parlamentar e no MCV; já Luíza o fez também pela relação com religiosos (as) ligados (as) à Teologia da Libertação, mas igualmente por sua militância no funcionalismo público; Lélia, por sua vez, não seguiu o mesmo caminho, pois se encontrava distante da Igreja, mas próxima das esquerdas trotskistas e de instituições de classe.

A visão das três militantes sobre esses eventos foi condicionada por suas experiências pessoais e por aquilo com o que tiveram contato, ressoando muito do que era dito pelos dos *autênticos*. Unidade, dignidade, democracia e renovação são palavras

⁶⁴⁵ DEOPS-SP. Ficha de Irma Passoni. Fundo Deops. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁶⁴⁶ S/A. Três mil vão à manifestação. Folha de São Paulo. 27 de agosto de 1979. p. 12. Acervo Digital: <https://acervo.folha.com.br/index.do> Acesso: 24/01/2021 às 23:08 hrs.

⁶⁴⁷ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit. 2017. p. 121.

⁶⁴⁸ Irma chegou a participar de uma mesa de debates acerca das relações entre a religião e as atividades políticas. Nesse evento, um material foi produzido como resultado final: ALVES, Rubem et al. *Fé cristã e ideologia*. Piracicaba: Unimep/Methodista Piracicaba, 1981.

que recorrentemente aparecem em suas entrevistas. A crítica à estrutura e legislação sindicais também se faz presente, mas as militantes partem do campo de possibilidades aberto por esse mesmo aparato legal para se articular e buscar realizar seus projetos coletivos. Dessa forma, a CLT surge de uma maneira ou de outra como base para questionar as reivindicações salariais ou mesmo as condições de trabalho de grupos operários. Como escreveu José Ramalho,⁶⁴⁹ muitas e muitos se acomodaram, se adaptaram ou mesmo agiram à margem da legislação para garantir, conquistar ou ampliar direitos e pôr em prática certas demandas.

As greves daqueles anos ganham destaque nas memórias das três militantes, o que pode ter ocorrido pelo contato estabelecido com trabalhadores e sindicalistas metalúrgicos. Kátia Rodrigues Paranhos atenta para o fato de que a imagem da greve, da fábrica, da cidade e do sindicato foram pontos constituintes dos discursos de trabalhadores que atuaram nessas mobilizações.⁶⁵⁰ Contudo, ao observarmos as relações das três com os grupos nos quais circulavam, devemos observar suas especificidades. No que diz respeito a Lélia Abramo, ela vem de uma origem social privilegiada e se inseriu entre movimentos populares por meio das atividades do SATED-SP e da militância trotskista. Luíza, por sua vez, partiu da possibilidade de trabalhar (como representante da prefeitura) com setores populares para dialogar com trabalhadores. Já Irma se inseriu por meio da sua posição de parlamentar e de militante no MCV para se identificar com os trabalhadores em greve e poder mediar conflitos, estabelecendo uma linha de diálogo entre o grupo e o Estado.

Mesmo sem encontrar relatos de uma opressão direta de gênero nesse momento específico, podemos dizer que o campo de possibilidades aberto a elas pelo crescimento proporcional das mulheres nos meios de militância naqueles anos não foi necessariamente harmônico. Estudos realizados posteriormente tratam das tensões e silenciamentos presenciados pelas mulheres na experiência da militância em movimentos de trabalhadores ou grupos de esquerda do período da ditadura civil-militar (como aqueles que se envolveram com a Luta Armada, como a ALN, ou partidos e agremiações que também estavam na ilegalidade, como o próprio PCB e suas

⁶⁴⁹ RAMALHO, José Ricardo. Usos da lei em disputa: mudanças na legislação trabalhista e sindical no Brasil. In: PESSANHA, Elina; VILLAS BÔAS, Gláucia; MOREL, Regina Lúcia (orgs). *Evaristo de Moraes Filho, um intelectual humanista*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005. p. 225 – 226.

⁶⁵⁰ PARANHOS, Kátia Rodrigues. Op Cit, 2011.

dissidências).⁶⁵¹ Se na memória delas isso não aparece, podemos atentar para as suas relações com esse período, entendendo-o como um momento de ascensão de movimentos sociais e baseando-se na imagem da unidade, da harmonia e da celebração pelas conquistas de sujeitos identificados como oprimidos durante o regime autoritário.

Nesse sentido, a memória delas rejeita de certa forma tensões internas, ressaltando uma linearidade homogeneizante que dá sentido a seus relatos. Por meio de seus anseios pessoais, elas acabam se compreendendo como lideranças, posto que poderia ser negado ou questionado por alguns militantes. Contudo, a entrada em um campo majoritariamente masculino (as câmaras, as assembleias e o partido) seria a partir de 1980 o desafio delas enquanto mulheres militantes e candidatas a cargos eletivos. Mas agora vamos voltar no tempo para analisar outro fator igualmente importante para as suas trajetórias.

O pranto (não) chorado, a dor (não) sentida: três mulheres que sobreviveram

Na parede da memória... braços dados ou não: lembranças e militâncias

No dia 1 de abril de 1964 estávamos em pleno ensaio da peça Vereda da Salvação, quando soubemos das notícias sobre o golpe militar contra o governo constituído de João Goulart. Apanhados de surpresa, ficamos transtornados. Antunes nos dispensou, cancelando o ensaio. Naquele momento pensamos que fosse apenas um levante militar, como tantos outros anteriormente ocorridos na América Latina, podendo ser debelado pouco tempo após sua eclosão. O golpe, ao contrário, como logo perceberíamos, havia sido perfeitamente organizado, planejado e executado. Mas essa é outra história. Logo depois, a peça foi apresentada no TBC em curta temporada (as

⁶⁵¹ Entre estudos que tratam de mulheres em movimentos de trabalhadores e grupos de esquerda do Brasil, podemos citar: BACK, Lilian. A vanguarda revolucionária tem dois sexos: gênero e moral nas esquerdas armadas brasileira e argentina. Os casos da ALN e do PRT-ERP. *Perseu: História, Memória e Política*. nº 7, ano 5, 2011; GIULIANI, Paola Cappellin. Os movimentos sociais de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2006; NASCIMENTO, Mirian Alves do. Relações de Gênero e a Participação na Nova Esquerda no Brasil (1969 – 1979). *XI Encontro Nacional de História Oral: Memória, Democracia e Justiça*. Rio de Janeiro: UFRJ, de 10 a 13 de junho de 2012; TREBISACCE, Catalina. Una segunda lectura sobre las feministas de los 70 em Argentina. *Conflicto Social*, ano 3, n. 4, Buenos Aires: 2010; WOLFF, Cristina Scheibe. O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura. In: PEDRO, Maria Joana; WOLFF, Cristina Scheibe (org.). *Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010.

circunstâncias não eram propícias); nela Cleyde Yáconis fazia o papel de Dolores, e eu de Durvalina.⁶⁵²

Dessa forma Lélia inicia seu relato sobre o regime autoritário em sua autobiografia. Rememorando o golpe de 1964 por meio do teatro, ela parte daquilo que viu para compreender os eventos daqueles anos. Ao lembrar o que fazia no fatídico dia, a personagem ainda trata de seus projetos e trabalhos no teatro do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), grupo do qual já participava há algum tempo. Pensando no seu trabalho nos palcos, ela volta a falar da repressão ao relatar, nesse mesmo texto, a mobilização de artistas em São Paulo:

Voltando ao golpe militar de 1964: seus efeitos foram nefastos para o teatro e para a vida e a sobrevivência dos atores. É importante notar que o nosso foi um dos primeiros e principais setores, assim como o de imprensa e o universitário, a serem atingidos pela repressão e pela censura. Havia vigilância nas portas dos teatros e policiamento em todos os espetáculos em curso. O Teatro de Arena suspendeu a apresentação de *O filho do cão*, peça de Gianfrancesco Guarnieri que também enfocava a questão agrária. Alguns atores, discretamente, decidiram-se pelo afastamento provisório. O controle e a proibição de peças continuaram por todo um período de 15 anos – período em que a ditadura esmagava tudo o que cheirasse a cultura não oficial e a liberdade de expressão.⁶⁵³

A memória de Lélia também parte das lembranças de outros sujeitos para ser composta. Ao tratar do acirramento da censura no teatro, descreve ações sofridas por alguns de seus amigos e colegas, construindo o seu texto com dados que possivelmente compartilhou com outras pessoas por meio de conversas e leituras. Dessa maneira, é interessante que o capítulo no qual ela aborda detidamente o regime de exceção é o único que se inicia com uma fotografia onde ela ou sua família não aparecem. Como folha de rosto, Lélia escolheu a imagem de um momento em que soldados reprimiam manifestantes, o que provavelmente serve para reforçar o seu pacto com o leitor na medida em que dá embasamento a sua narrativa sobre a violência daqueles anos. Ela também delimita o período ditatorial como central em sua trajetória, identificando-se e solidarizando-se com as dores de outras atrizes e atores. Além do mais, recorda de outros momentos nos quais atuou junto de seus colegas de trabalho, como na devolução do Prêmio Saci em 1968.⁶⁵⁴

⁶⁵² ABRAMO, Lélia. Op Cit. 1997. p. 165.

⁶⁵³ Idem. p. 170.

⁶⁵⁴ O Prêmio Saci é um troféu entregue desde 1951 pelo Jornal *O Estado de São Paulo* a atrizes e atores como reconhecimento pelo seu trabalho no decorrer do ano. Em 1968, em protesto contra o apoio do

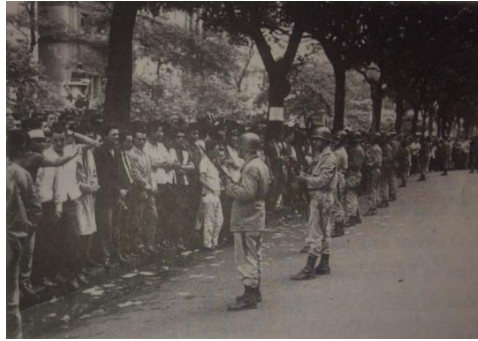


Imagem escolhida por Lélia Abramo para iniciar o terceiro capítulo da segunda parte de sua autobiografia. (ABRAMO, Lélia. *Vida e arte: memórias de Lélia Abramo*. Editora Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 165)

Suas memórias enfocam a resistência ao regime por meio da atuação de intelectuais e artistas, dando centralidade a eles e elas na construção do texto. Lélia circulava nesses espaços devido ao seu trabalho no teatro e à inserção, desde anos antes, em círculos de escritores e políticos. Tal aproximação possivelmente se fortaleceu pela visibilidade construída nos palcos.

No trecho citado, Lélia ainda perpassa sua identidade profissional, o que talvez a tenha auxiliado a compreender as relações construídas por aqueles (as) artistas como algo harmônico. As mobilizações do setor aparecem como atos coletivos, suprimindo-se possíveis divisões ou conflitos. De acordo com Miliandre Garcia,⁶⁵⁵ havia um projeto de unificação entre diferentes grupos de atores que se reuniam em torno da oposição a um inimigo comum: os militares. Mesmo assim, como afirma a autora, essa relação não era pacífica, devido às diferentes perspectivas e propostas de ação ali presentes. Dentre esses sujeitos, havia, inclusive, pessoas consideradas mais distantes das esquerdas. Garcia ainda tratou de um sentimento de solidariedade construído entre atores (atrizes) e estudantes, o que também aparece na autobiografia de Lélia:

Os estudantes da Faculdade de Filosofia defendiam-se usando pedras e paus, enquanto eram atingidos por disparos de revólver e por bombas fabricadas nos laboratórios do Mackenzie. (...) Muitos de nós, atores e atrizes, que estávamos acompanhando os acontecimentos, fomos presos ou, quando menos, chamados a depor no DEOPS. (...) Protestos, vigílias e depois passeatas de artistas, estudantes, membros da chamada “Igreja progressista” e intelectuais tornaram-se frequentes e muitas detenções foram feitas.⁶⁵⁶

grupo jornalístico ao regime autoritário, decidiu-se pela devolução das premiações, deixando-as na porta da sede do Jornal, no Centro de São Paulo (Ibidem. p. 171 – 174).

⁶⁵⁵ GARCIA, Miliandre. “Contra a censura, pela cultura”: a construção da unidade teatral e a resistência cultural à ditadura militar no Brasil. *ArtCultura*, v. 14, n. 25, 2012.

⁶⁵⁶ ABRAMO, Lélia. Op Cit. 1997. p. 174 – 175.

Ao se identificar com os confrontos entre estudantes da USP e do Mackenzie na rua Maria Antônia (1968), Lélia se refere aos presos e feridos sempre como *nós*. No mesmo sentido, sua identificação com setores vinculados à oposição ainda se volta para Cacilda Becker,⁶⁵⁷ trazendo à tona lembranças pessoais:

Cacilda Becker foi nossa grande defensora sempre que ocorreram prisões ou invasões de teatros. A cada prisão, Cacilda movimentava-se e conseguia arrancar-nos das mãos do DEOPS. Nesse período ela mostrou ser, além de grande personalidade do palco, também uma criatura generosa e combativa. No meu caso, consegui livrar-me de um conhecido torturador em apenas 12 horas de detenção, e eu sei que quase todos os artistas detidos encontravam nela a mesma atitude. Cacilda estava sempre à frente; tornou-se a líder da categoria. Ela não se definia ideologicamente, mas se colocava decididamente contra o arbítrio (...). Dessa maneira tivemos o mesmo destino que os estudantes: levamos pauladas e gás lacrimogêneo. Esta é uma verdade histórica que precisa ser contada sempre que houver uma oportunidade.⁶⁵⁸

Duas questões referentes à memória aparecem nesse trecho. Primeiramente, há uma imagem construída sobre Cacilda Becker enquanto ícone do teatro. De acordo com Mirian Goldenberg,⁶⁵⁹ ela foi representada como modelo de atriz, vista como aquela que atuaria com dedicação e esforço. Contudo, ela também era acusada de alienada e distante dos debates políticos. No relato de Lélia, a primeira representação aparece, contornando as memórias dissonantes ao ressaltar sua ajuda na libertação de atrizes e atores presos, dentre os quais ela mesma.

Em segundo lugar, observando os fatos posteriormente, Lélia prioriza em seu texto a violência da repressão. De acordo com João Martins Filho,⁶⁶⁰ no período posterior ao regime autoritário, ex-opositores passaram a disputar a memória da ditadura com os agentes atuantes na repressão. Nesse processo, utilizaram-se da escrita como forma de divulgar suas perspectivas e resistir contra aqueles que almejavam perpetuar uma memória positiva daqueles anos. Com essa mesma intenção e partindo de suas vivências, identidades e da possibilidade de publicar um livro, Lélia possivelmente utiliza sua autobiografia como uma trincheira na batalha da memória acerca da ditadura,

⁶⁵⁷ Cacilda Becker (1921 – 1969) nasceu em Pirassununga – SP e iniciou seu trabalho como atriz no teatro em 1943. A partir de 1964, passou a atuar junto de movimentos de atores contra a censura, mas veio a falecer subitamente enquanto atuava em uma peça em São Paulo. Mirian Goldenberg trata da construção de sua imagem enquanto modelo de atriz para analisar, comparativamente, as representações acerca de Leila Diniz (GOLDENBERG, Mirian. Op Cit, 1995.) (S/A. Cacilda Becker. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa349429/cacilda-becker> Acesso: 25/01/2021 às 13:34 hrs.).

⁶⁵⁸ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 175.

⁶⁵⁹ GOLDENBERG, Miriam. Op Cit. 1995.

⁶⁶⁰ MARTINS FILHO, João Roberto. A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares. *Varia História*, v. 28, p. 178-201, 2002.

em um período no qual outros livros sobre o regime já haviam sido publicados, fomentando disputas acerca do período e utilizando-se de seu pacto com o leitor para dar consistência aos seus argumentos. Além disso, a militante não deixou de expor suas angústias quanto ao que viveu, associando esses fatos a momentos anteriores, inclusive:

De repente surgia um pelotão militar: aí, todos fugiam correndo para todos os lados, defendendo-se dos tiros e dos espancamentos. Isso lembrava-me as correrias de que participei na minha juventude na década de 1930, quando fugíamos, na Praça da Concórdia ou na Praça da Sé, dos sabres dos soldados montados a cavalo, enquanto jogávamos bolinhas de gude ou rolhas para os animais caírem, derrubando seus cavaleiros. Tudo exatamente como estava ocorrendo nos anos 60. Trinta anos depois, a mesmíssima situação.⁶⁶¹

Lélia atenta para o que presenciou na década de 1960 associando tais fatos à Batalha da Praça da Sé de 1934, a qual é um marco constitutivo de sua memória, como apontamos aqui anteriormente. Porém, não apenas desse marco se faziam as continuidades de seu relato. Ao mencionar lideranças das ruas, Lélia mais uma vez enfoca sua visão em militantes como José Dirceu, Travassos ou Vladimir Palmeira. Joana Maria Pedro e Cristina Scheibe Wolff,⁶⁶² ao tratarem da luta armada, apontam para o fato de que mulheres vistas como corajosas eram, muitas vezes, associadas ao masculino por seus companheiros de militância, já que eles relacionavam o feminino à sensibilidade e, por isso, a uma maior fragilidade diante da repressão. Mesmo assim, como atentamos anteriormente, muitas delas buscavam se associar ao masculino para se inserir em grupos políticos ou militantes.⁶⁶³ Suas angústias ainda se aprofundam em sua autobiografia:

De 1968 até 1973 nós submergimos numa noite terrível. Os massacres e perseguições continuaram até 1977, embora, a partir do final de 1973, as reações ao regime ditatorial começassem paulatinamente a surtir efeito. Em 1969 fui detida, em uma manhã bem cedo, quando me preparava para ir à televisão trabalhar. Os militares entraram sem pedir licença, naturalmente, vasculharam minha casa toda, entraram em todos os cômodos e levaram-me para o DEOPS, carregando também cerca de 200 livros, por eles julgados subversivos.⁶⁶⁴

⁶⁶¹ ABRAMO, Lélia. Op Cit. 1997. p. 176.

⁶⁶² A análise das autoras ainda se estende para outras mulheres que sofreram repressão na ditadura. PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. As dores e as delícias de lembrar a ditadura no Brasil: uma questão de gênero. *História Unisinos*, v. 15, n. 3, p. 398-405, 2011.

⁶⁶³ GOLDENBERG, Miriam. Op Cit. 1997.

⁶⁶⁴ ABRAMO, Lélia. Op Cit. 1997. p. 179.

O relato continua com a menção ao assassinato de duas pessoas: Alexandre Vannucchi Leme⁶⁶⁵ e Vladimir Herzog.⁶⁶⁶ No final do capítulo sobre a ditadura, Lélia se apoia nesses fatos para referenciar seu texto sobre a violência do regime. A repressão sofrida ainda foi citada por meio de um confronto ocorrido na rua Teodoro Sampaio (bairro de Pinheiros – Zona Oeste de São Paulo), em relação ao qual ela ressalta o auxílio de moradores locais aos manifestantes. Em todos esses eventos, Lélia se percebe como sujeito ativo, mas, ao mesmo tempo, atenta para sua vulnerabilidade frente às armas, cães e cavalos da polícia. Dessa forma, sua memória parte também de representações coletivas acerca do aparato repressivo (cavalos, cães e cassetetes), o que foi moldado a partir daquilo que pôde presenciar, mas também do contato com pessoas que experimentaram o regime de maneiras semelhantes. Esses símbolos também podem ter sido utilizados para que o seu leitor pudesse visualizar a truculência da polícia naquele dia. Finalizando seu relato, ela aborda como a repressão atingiu seu trabalho como atriz:

Referi-me a essa atividade nos anos de 1964 a 1979, porque foi nesse último ano – apesar de tantas atuações e tantos prêmios – que eu fui brutalmente demitida da TV Globo, embora fosse ilícito pelas leis trabalhistas demitir presidentes de sindicatos em sua função (porém o AI-5 permitia todas as arbitrariedades), como era meu caso na época. Mas como se percebe, não foram só os militares que fizeram perseguições; também quem os apoiava cometia esses atos.⁶⁶⁷

A tristeza de Lélia ao finalizar seu capítulo sobre a ditadura aparece como parte da imagem que ela construiu de si e de seu trabalho como atriz. Nesse sentido, o fato de o boicote da mídia ter barrado esse projeto criava uma noção dolorosa quanto àquilo que não foi feito,⁶⁶⁸ o que a fez buscar outros caminhos para alcançar esse objetivo. Nesse sentido, é de se notar que o último fato narrado por ela no referido capítulo de sua

⁶⁶⁵ Alexandre Vannucchi Leme (1950 – 1973) nasceu em Sorocaba – SP e cursava Geologia na USP desde 1970. Atuava em movimentos estudantis e foi preso pelas suas relações com membros da ALN, sendo assassinado na OBAN. A Comissão Nacional da Verdade tratou de sua morte (S/A. Alexandre Vannucchi Leme. Memórias da Ditadura. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/alexandre-vannucchi-leme/> Acesso: 25/01/2021 às 13:34 hrs.).

⁶⁶⁶ Vladimir Herzog (1937 – 1975) nasceu em Osijek (Iugoslávia) e migrou para o Brasil no período da Segunda Guerra Mundial devido à perseguição contra judeus na Europa. Tornou-se jornalista e professor e militou no PCB. Foi convocado para prestar esclarecimentos no DOI-CODI, onde foi torturado e assassinado. (S/A. Vladimir Herzog. Memórias da Ditadura. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/vladimir-herzog/> Acesso: 25/01/2021 às 13:34 hrs.).

⁶⁶⁷ ABRAMO, Lélia. Op Cit. 1997. p. 180.

⁶⁶⁸ Interpretação embasada no livro de Leo Spitzer: SPITZER, Leo. *Vidas de Entremeio*: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, 1780-1945. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

autobiografia parece ser fruto de feridas não vistas por outras pessoas, mas sentidas em seu íntimo. Essas marcas muitas vezes passam despercebidas por não serem físicas ou por terem sido silenciadas por aqueles que as sentiram. Dessa maneira, Lélia viu a repressão a partir dos palcos, mas a presenciou igualmente nas ruas e, também, por detrás das câmeras e nas delegacias de polícia, mas ela não era, obviamente, a única a sentir na pele essas dores.

Luíza relembra o período da ditadura por meio, sobretudo, de dois momentos: primeiro, em sua estadia em João Pessoa e, depois, após sua chegada em São Paulo. Em suas memórias, cada período possui suas especificidades, mas também semelhanças. Partindo dessa perspectiva, no já citado relato de vida transcrito pela professora Linda Bimbi, ela trata de movimentos populares do campo:

A lembrança da dura repressão do Exército sobre as ligas camponesas ainda era recente e inflamada; o trauma era tão profundo que os coitados tentavam esconder essa condição: “Onde você trabalha? ”, “No campo”, “Então você é trabalhador rural?”, “Não, não sou”. (...) Como eu não pertencia a nenhum bloco ou partido político, não tinha proteção contra os perigos da repressão; quem estava perto e atento era dom Pelé, que também foi tachado de subversivo: na verdade, durante a ditadura militar, somente a Igreja, ou melhor, algumas dioceses ofereciam espaço para a luta social. Por intermédio do irmão de uma amiga, o qual fazia parte do Exército no estado de Pernambuco, recebi um convite para deixar aquele trabalho e aquela região.⁶⁶⁹

Por intermédio de uma percepção construída com o seu trabalho junto aos movimentos do campo, Luíza se lembra da repressão a partir da fala de trabalhadores locais. De acordo com Ivan Targino, Emilia Moreira e Marilda Menezes,⁶⁷⁰ a memória sobre as Ligas Camponesas da Paraíba passou por um processo de silenciamento após o golpe de 1964. De acordo com os autores, nas lembranças de seus ex-membros construiu-se a narrativa de que esses grupos foram o ponto de início da formação de uma consciência crítica frente à exploração. Por outro lado, eles afirmam que não se pode negar resistências anteriores, mesmo que elas não sejam consideradas por aqueles que narram. Luíza partilha dessa perspectiva. Também, associa o dismantelamento das Ligas ao regime autoritário, levando em consideração o silêncio coletivo sobre tais fatos e os medos dos (as) trabalhadores (as) em se identificarem com tais sujeitos.

⁶⁶⁹ SOUSA, Luíza Erundina de. In: BIMBI, Linda. Op Cit, 1996. p. 28 – 29.

⁶⁷⁰ MENEZES, Marilda, MOREIRA, Emilia, TARGINO Ivan. As Ligas Camponesas na Paraíba: Um relato a partir da memória dos seus protagonistas. *Ruris*, Volume 5, Número 1. Março de 2011.

Há ainda em seu texto um enfoque na Igreja Católica como grupo de fomento às ações de mobilização popular. Em sua interpretação, esse era um espaço central no debate e na articulação contra a ditadura, o que nos permite compreender, portanto, porque o trabalho possibilitado pela proximidade entre o curso de Serviço Social e setores da Igreja Católica apareça no seu relato como ponto de partida para as repressões que viria a sofrer.

Em seu processo de construção de si, Luíza também ressalta uma imagem de liderança e contestação, associada à noção de que sua origem de classe lhe deu uma visão crítica com a qual se opôs a práticas consideradas paternalistas no Serviço Social. Essa noção é reforçada em sua memória pelo fato de ter despontado durante os anos iniciais da ditadura. Sendo assim, Luíza também narra o início de sua produção acadêmica em um momento percebido como perigoso:

Contrariamente, eu, durante o meu estágio, tomava consciência científica e política das contradições internas da estrutura social. O bairro que escolhi para fazer o estágio em preparação à tese se chamava Cordão Encarnado, localizado na periferia de João Pessoa. (...) Ao lado de outros estudantes que pertenciam à oposição clandestina (soube disso em seguida), trabalhamos dois anos, convidando estudantes de outras faculdades, como medicina, direito, economia e engenharia, a realizar conosco um trabalho interdisciplinar. Éramos vigiados pelas estruturas de repressão.⁶⁷¹

A carreira acadêmica de Luíza lhe possibilitou ter contato com grupos de oposição dentro da universidade. Em seu relato, ela reforça o caráter político de sua profissão, partindo de repertórios adquiridos nos espaços acadêmicos. Em todo esse processo de construção de si, Luíza também se volta para a sua identidade de classe para interpretar os fatos e a repressão. Podendo observar os fatos posteriormente, ela ainda nota que era vigiada, atentando para a espionagem: “Uma noite, vi um rapaz que eu conhecia entre as empregadas domésticas que participavam de uma reunião da categoria. Alcançou-me na saída e disse que fazia parte do serviço de segurança e era encarregado de tomar nota dos meus discursos. Envergonhava-se muito disso.”⁶⁷² Luíza trata também de suas angústias e do rompimento de projetos construídos depois de sua pós-graduação:

Em um fim de semana, (...) a professora Vilma Cardoso, diretora do Departamento de Ciências Sociais, mandou me chamar. Faltavam dois dias para o início das aulas. Comunicou-me que o reitor opusera um veto ao meu contrato, a quem imediatamente pedi uma audiência: tratava-se do dr.

⁶⁷¹ SOUSA, Luíza Erundina de. BIMBI, Linda. Op Cit. 1996. p. 27 – 28.

⁶⁷² Idem.

Guilhardo Martins, médico e oficial do Exército. (...) Ele me disse claramente que o veto vinha das autoridades militares. (...) sentia que se apertava o cerco à minha volta. Entendia que o meu destino de migrante me empurrava para uma nova etapa, mas dessa vez sem o empurrão propulsor de um objetivo a alcançar; pela primeira vez devia migrar sem ter um objetivo preciso e estimulante. Essa situação me humilhava e me desencorajava; aquela fuga me parecia uma covardia: abandonava o campo de batalhas, desertava da luta dos meus conterrâneos pobres do Nordeste.⁶⁷³

Luíza lembra que foi perseguida na universidade, mas por pessoas de dentro e não apenas por órgãos externos. As demissões, aposentadorias compulsórias e vetos eram uma estratégia utilizada para silenciar acadêmicos (as) considerados (as) subversivos (as). Nesse sentido, órgãos de vigilância também eram inseridos dentro dessas instituições de ensino para observar mais de perto aquilo que consideravam nocivo. De acordo com Rodrigo de Sá Motta,⁶⁷⁴ essa prática tinha o objetivo de filtrar ideologicamente os seus quadros profissionais. O autor ainda escreve que, desde 1964, os setores de informações interferiam em cerimônias, eventos e contratações. Essas medidas se fortaleceram após 1971, quando se criaram as Assessorias Especiais de Segurança e Informações (AESI). Motta também afirma que a Universidade Federal da Paraíba foi uma das primeiras a receber uma AESI, em março de 1971.

Nessa conjuntura, Luíza teve seu projeto de inserção acadêmica barrado. Em seu relato, ela relaciona a decisão de partir para São Paulo (após pressões e ameaças) à sua identidade de origem (construída com base em suas experiências com a seca e o êxodo). Dessa maneira, ela atribui a si um destino de migrante, visando auxiliar na compreensão dos deslocamentos realizados e estabelecendo uma linha de continuidade entre as ocasiões nas quais teve que se mudar. De toda forma, tendo já passado por São Paulo antes e construído ali uma rede de amizades, talvez tenha percebido que a cidade seria uma opção viável para restabelecer seu trabalho e militância. A partida foi relatada em um primeiro momento com um tom de tristeza:

Minha trajetória de migrante recomeçou na estação rodoviária de João Pessoa, quando entrei num *pullman* da Viação São Geraldo com destino a São Paulo. Viajei por via terrestre como a maior parte dos nordestinos. Lembro-me de que alguns amigos haviam me acompanhado e, no momento da partida, eu chorava de frustração, estava angustiada, não via sentido naquele êxodo forçado...⁶⁷⁵

⁶⁷³ Ibidem.

⁶⁷⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Os olhos do regime militar brasileiro nos campi. As assessorias de segurança e informações das universidades. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 9, n. 16, p. 30-67, 2008.

⁶⁷⁵ SOUSA, Luíza Erundina de. BIMBI, Linda. Op Cit. 1996. p. 33.

Em entrevista concedida para pesquisadores da FGV, ela fala da saída de João Pessoa, reforçando o medo sentido por reformular seus projetos em um novo campo de possibilidades, além das angústias referentes ao impedimento de realizá-los em João Pessoa:

– *Você veio embora para São Paulo quando?*

– Em 1971, em 28 de janeiro de 1971 (...). Vim chorando, peguei um ônibus lá em Recife, porque essa minha amiga, a irmã Porto, morava em Recife e foi me levar na rodoviária. Eu chorava, desesperada.

– *Você veio de ônibus?*

– É, Viação São Geraldo. Tinha a sensação de que estava mal comigo mesmo, tinha a sensação de ter deixado a luta para trás. Mas, chegando em São Paulo, fiz um outro concurso. Aí, me transferi, pedi transferência como administrativa do INPS para trabalhar em São Paulo.⁶⁷⁶

Luíza enfatiza suas dores ao tratar de sua partida. Apontando sua mudança como algo compulsório, ela dá centralidade à ruptura que considera ter sido a vinda para São Paulo. Nesse sentido, no primeiro relato, concedido a Linda Bimbi, ela focaliza em sua identificação com outras pessoas que partiam para o Sudeste em busca de trabalho, reforçando suas experiências quanto às migrações. No segundo, por sua vez, ela entende sua partida como parte de sua militância e carreira profissional.

Ao recordar de sua atuação política e da repressão em São Paulo, Luíza adentra mais a fundo nas disputas de memória acerca do regime autoritário. Reconhecendo-se como sujeito ativo na oposição à ditadura, ela discorre sobre o Terceiro Congresso Nacional de Assistentes Sociais, já mencionado anteriormente. Nessa narrativa ela entende que esse evento foi um momento central no processo de enfraquecimento da ditadura no Brasil, associando-o aos discursos do *Novo Sindicalismo*. Além disso, diz em seu relato de vida que:

Em 1972, ao entrar como docente, encontrei a universidade vigiada. Mas todo o país estava assim. (...). Entrei em plena fase política só em São Paulo, seja pelo encargo que recebi de vereadora junto às favelas, seja também, e sobretudo, pelo contato com numerosas gerações de estudantes nas universidades. Lecionei de 1972 a 1981, e creio dever às minhas alunas e alunos tanto o impulso para participar conscientemente da oposição política, quanto a atenção para captar a rápida evolução das situações, o que me despertou para a urgência de uma política cultural em perpétua revisão.⁶⁷⁷

⁶⁷⁶ SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit. 2002. p. 16.

⁶⁷⁷ SOUSA, Luíza Erundina de. BIMBI, Linda. Op Cit. 1996. p. 60 – 62.

Ao mencionar o segundo momento (por ela definido) de sua carreira acadêmica e profissional, Luíza dá destaque a suas alunas e alunos. Assim como Lélia, ela atenta para a militância de setores estudantis e intelectuais na oposição à ditadura, porém aborda com mais profundidade aqueles vinculados à Igreja Católica e aos movimentos das periferias de João Pessoa e São Paulo. Sendo assim, Luíza sentiu a repressão na primeira cidade por meio da universidade e de seu trabalho de assistente social. Na segunda, apesar de também focalizar esses mesmos fatores, trata dos movimentos populares dos quais fez parte nas favelas.

A militância de Luíza estava situada mais nas periferias do que nos centros, ao contrário de Lélia. No campo de possibilidades aberto por sua formação, ela se aproximava de setores populares e estudantis e construía junto com eles seus repertórios e noções de democracia, os quais podem ter auxiliado a reforçar suas interpretações sobre a repressão. Assim, ela fala de suas experiências durante o regime autoritário ao mesmo tempo em que participa dos debates em torno das memórias da ditadura, expressando-se também como forma de resistir e defender uma imagem focada na repressão e na violência. Tais lembranças e representações se embasavam na tortura e na morte de outros sujeitos, assim como nos silenciamentos, nos vetos, nas ameaças ou mesmo, em seu caso específico, nas reintegrações de posse, mas ela não era evidentemente a única. Outras mulheres também passaram por experiências semelhantes e igualmente transmitiram seus lutos por meio de entrevistas concedidas posteriormente, vejamos um último caso.

Irma começou sua vida religiosa dentro da Congregação de Jesus. Iniciando seus estudos em um período de efervescência dos textos da Teologia da Libertação, ela teve acesso a eles e, assim, construiu sua interpretação acerca da repressão. Nesse sentido, ao partir dessas experiências e repertórios, ela relata em uma entrevista:

Nesse período, participávamos de toda a resistência à ditadura, fazendo análise de conjuntura semanal e também ações práticas. Nós abrimos casas à disposição das pessoas que eram perseguidas, acompanhávamos todos os presos políticos, visitávamos o presídio Tiradentes, o Dops, para forçar a identificação de pessoas que tinham sido presas. Começamos a resistência à ditadura militar de forma organizada. Primeiro, buscamos entender, compreender o que estava acontecendo no país. Essa análise de conjuntura era feita com religiosos, leigos, etc.⁶⁷⁸

⁶⁷⁸ PASSONI, Irma. Op Cit, 2008.

Assim como as outras duas militantes aqui enfocadas, Irma se percebe como sujeito ativo na oposição ao regime autoritário. Nesse sentido, ela mostra sua participação como parte de uma atitude organizada, construída com base em discussões e estudos. Sua perspectiva parte ainda de uma noção oriunda das CEBs que entende as atividades de mobilização como algo que deveria ter embasamento teórico. Outro ponto presente em sua memória é a participação no auxílio a perseguidos e presos políticos. De acordo com Caroline Jacques Cubas,⁶⁷⁹ na estrutura hierárquica e nas relações de gênero internas à Igreja Católica, algumas freiras optavam por uma estratégia de militância intramuros, auxiliando na fuga ou acolhida de pessoas procuradas pela polícia. Segundo a autora, o colégio *Des Oiseaux* (do qual Irma fez parte) era investigado e apontado pela imprensa como local de atividades subversivas. Possivelmente, o relato de Irma também foi construído com base nas falas de outras pessoas, sendo formado pelo compartilhamento de narrativas coletivas sobre a militância religiosa.

Outras (os) religiosas (os) também auxiliavam presos políticos, inclusive, como foi dito, dentro de congregações, conventos e mosteiros. Partindo de repertórios construídos por leituras realizadas nesses espaços, conseguiam se aproximar de estudantes e intelectuais, bem como ter contato com setores de oposição ao regime autoritário, vindo a construir redes de solidariedade entre si e assim se identificar como opositores à ditadura.⁶⁸⁰ Em tal movimento, religiosos de outras vertentes se inseriam nesses trabalhos. De acordo com Valdir González Paixão Júnior,⁶⁸¹ setores da Igreja Presbiteriana também construíam atividades de contestação mesmo com silenciamentos impostos por suas lideranças. Nesse processo, já após deixar o hábito, Irma estabeleceu contatos acadêmicos e políticos com Rubem Alves,⁶⁸² religioso protestante também perseguido.⁶⁸³ Apesar disso, seu relato delimita-se à atuação católica, partindo de uma

⁶⁷⁹ CUBAS, Caroline Jacques. Op Cit, 2014.

⁶⁸⁰ Idem.

⁶⁸¹ PAIXÃO JÚNIOR, Valdir González. Poder, memória e repressão: a Igreja Presbiteriana do Brasil no período da ditadura militar (1966-1978). *Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos*, p. 19-40, 2014.

⁶⁸² Rubem Alves (1933 – 2014) nasceu em Boa Esperança – MG e estudou Teologia no Seminário Presbiteriano de Campinas entre 1953 e 1957. Lecionou na UNICAMP e atuou junto de militantes católicos e presbiterianos por meio das premissas da Teologia da Libertação. Publicou também livros sobre educação. Seu acervo pode ser acessado no Instituto Rubem Alves (INSTITUTO Rubem Alves. Página Online. Disponível em: <https://institutorubemalves.org.br/biografia/> Acesso: 25/01/2021 às 13:34 hrs.).

⁶⁸³ ALVES, Rubem et al. *Fé cristã e ideologia*. Piracicaba: Unimep/Methodista Piracicaba, 1981.

perspectiva que enfatiza a participação de sujeitos dessa vertente. Assim como Lélia e Luíza, suas memórias também dão espaço a lutos e tristezas:

O operário Santo Dias da Silva, militante da Pastoral Operária e das comunidades de base, foi morto. A polícia e o Exército brasileiro ocuparam o bairro da Capela do Socorro em São Paulo, com grande aparato, e nós, que estávamos reunidos, fomos empurrados para dentro da igreja local com bombas de gás lacrimogênio, cassetete e muita violência. Assim como aconteceu com o Movimento contra o Custo de Vida na Praça da Sé.⁶⁸⁴

Em outro momento, Irma refere-se novamente a esses dois eventos de repressão, enfocando naquilo que presenciou na Capela do Socorro (Zona Sul de São Paulo):

– Eu me lembro mais do dia da Igreja do Socorro (...). Fizemos também manifestações muito significativas na Praça da Sé (...), onde nós fazíamos grandes manifestações. Teve uma repressão violentíssima na Praça da Sé. Bombas e etc. Repressão. Nesse período nós fazíamos manifestações sobre o arrocho salarial na Zona Sul, especificamente no Socorro, que também teve uma manifestação violenta, na região das fábricas. (...) foram presos o Santo Dias da Silva..., o Rossi e o Aurélio Peres, que era um operário da Caloi. Essa repressão, ela desmascarou muito do processo. (...) nós conseguíamos pegar as pessoas perseguidas nesse grupo de quarenta, arrumávamos locais para eles ficarem (os perseguidos protegíamos). Então havia todo um sistema não só de solidariedade local, pessoal, familiar, mas estrutural, que chega a um parâmetro de política macro.⁶⁸⁵

Como dito anteriormente, a repressão sofrida pelo Movimento do Custo de Vida na Praça da Sé em 28 de agosto de 1978 se tornou central na memória coletiva de seus integrantes. A data chegou a ser definida como o Dia de Luta contra o Custo de Vida, sendo utilizada para a realização de manifestações nos anos seguintes.⁶⁸⁶ Apesar disso, Irma afirma ter sofrido maior impacto com a violência ocorrida no bairro de Capela do Socorro. Como marcos, esses eventos e os do 28 de agosto surgem nas lembranças não apenas de Irma, mas também daqueles que estavam ou não naquela manifestação. Em entrevista para esta pesquisa, Odete Marques relata:

– *A senhora estava na Capela do Socorro quando teve a confusão?*

– Estava.

– *E na Sé também?*

– Na Sé também. Na Sé eu estava com a neném no colo. (...). Nós entramos para não sermos pisoteados pela cavalaria, porque olha! Vieram com tudo, foi muito forte. Capela do Socorro também foi muito forte.⁶⁸⁷

⁶⁸⁴ PASSONI, Irma. Op Cit. 2018.

⁶⁸⁵ PASSONI, Irma. Op Cit. 2016.

⁶⁸⁶ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit. 2017. p. 134 – 142.

⁶⁸⁷ MARQUES, Odete. Op Cit, 2018.

Odete trata a repressão da Praça da Sé e a do bairro de Capela do Socorro da mesma maneira. Ela mostra que a violência não poupou as militantes e seus filhos, o que talvez possa ser fruto de uma associação do MCV com a militância de mães trabalhadoras, as quais não teriam como deixar suas crianças em casa. Irma já reforça o trabalho de acolhimento de perseguidos e trata do assassinato do operário Santo Dias da Silva, seu vizinho e companheiro de militância. Como dito anteriormente, ela chegou a denunciar o fato na ALESP. Em suas memórias, tal ato de violência emergiu em diversas ocasiões, demarcando um momento no qual o MCV passou a se opor de forma mais incisiva ao regime autoritário.⁶⁸⁸ Convém ressaltar, ainda, que o relato de Irma se aproxima, como dito antes, das teses do *novo sindicalismo*, além de se apoiar em uma imagem cristalizada do militante como mártir.

Como dito anteriormente, suas lembranças acerca da repressão também tocam na prisão e tortura de Aurélio Peres, membro do PC do B. A violência sofrida pelo metalúrgico, bem como por Santo Dias, surge como luto na memória de Irma, visto que, além de militante do MCV, ele era seu vizinho. Em momentos diferentes, os nomes de Santo e Aurélio aparecem em sua fala. O primeiro, como dito anteriormente, por ser considerado símbolo do MCV; o segundo talvez por ter ganhado visibilidade no movimento do qual fazia parte e por ter obtido êxito em sua inserção nos meios políticos. Contudo, essa sensação também pode ter se dado pelo fato dela tê-los conhecido pessoalmente.

De acordo com Thiago Nunes Monteiro,⁶⁸⁹ o MCV foi representado como sendo um movimento que realizou oposição à ditadura desde o seu início, mas, na verdade, ele somente se posicionou incisivamente contra o governo após a violência sofrida por seus membros. Irma também reconhece que as opressões sofridas por seus companheiros trouxeram à tona tal sentimento de repulsa. De toda forma, lembrando que seu relato é uma construção posterior, não podemos defini-lo como destoante da narrativa coletiva do MCV por incorporar essa mudança, pois sua fala se sustentou posteriormente em reflexões pessoais, no compartilhamento de lembranças e nas experiências com outros

⁶⁸⁸ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit. 2017. p. 164 – 165.

⁶⁸⁹ Idem.

sujeitos. Nesse sentido, a percepção de que as atividades iniciais do MCV eram um ato de rebeldia aparece na sua interpretação dos fatos:

– Daí surgiu um abaixo-assinado contendo 1 milhão e 300 mil assinaturas que, enfrentando a repressão do general Newton Cruz, foi levado a Brasília, lido na Câmara pelo então deputado federal Freitas Nobre e apoiado por muitos outros parlamentares.

– *É aí que começa o Movimento contra a Carestia?*

– (...). Por trás disso, havia todo um debate sobre se aquele movimento era político ou não, [ou se] era só reivindicatório. Se havia partidos políticos clandestinos por trás ou não. Porque nesse período, nós trabalhávamos muito abertos, e nunca se pediu a carteirinha de filiação de ninguém. Era um período que não nos permitia isso. Sabíamos que havia informantes do Dops no movimento, assim como militantes muito sérios, de grupos políticos como o PC do B e a AP.⁶⁹⁰

A noção de que o movimento era opositor do regime *desde sempre* acaba expondo as tensões decorrentes da repulsa do MCV à política institucional. Essa interpretação surgiu após as experiências já citadas com a repressão ditatorial e, também, a partir da compreensão de que tais mobilizações e reivindicações desagradavam grupos políticos e econômicos. De acordo com Carolina Jacques Cubas,⁶⁹¹ a própria Lei de Segurança Nacional de 1969 deixava em aberto a noção de *subversão*, abrindo múltiplas interpretações acerca daquilo que deveria ser silenciado ou combatido pelo regime. Nesse sentido, as reivindicações propostas pelo MCV poderiam ser vistas como atos subversivos, mesmo que o plano inicial deles não tenha sido o de confrontar diretamente a ditadura.

O medo da repressão policial estava presente no MCV. Percebendo-se como sujeito ativo na oposição ao regime e adotando a interpretação do movimento no qual militava de que suas atividades eram coletivas e horizontais, Irma ressalta o caráter contestador do grupo, identificando-se como parte daquilo que narra. No mesmo sentido, a oposição parlamentar ao regime e as tensões sofridas pelo embate com outros deputados também aparecem como pontos destacados em suas lembranças:

Quando eu entrei na Assembleia Legislativa, trazia gente dos movimentos populares para apresentar as reivindicações. Nessa época, enfrentamos uma resistência horrível. Os então deputados Manoel Sala e Oscar Yazbek, ambos da Arena [depois PDS] subiam na tribuna e faziam terrorismo contra a gente: “A Irma veio para cá e agora trouxe os maltrapilhos, os desgravatados para dentro da Assembleia Legislativa”. Um escândalo!⁶⁹²

⁶⁹⁰ PASSONI, Irma. Op Cit, 2008.

⁶⁹¹ CUBAS, Caroline Jacques. Op Cit. 2014.

⁶⁹² PASSONI, Irma. Op Cit, 2008.

As memórias dolorosas/orgulhosas de Irma com relação à repressão prosseguem nas narrativas sobre o trabalho na ALESP. Reconhecendo que a entrada na política institucional foi uma forma de buscar a efetivação de projetos pessoais e coletivos relacionados ao MCV, ela não deixa de expor aquilo que sofreu após ter se inserido na Assembleia Legislativa. Em seu relato, a opressão e a discriminação eram não apenas políticas, mas também de classe. A maneira como trata de tais dificuldades nos faz atentar para os impactos que essas experiências podem ter tido em sua memória. Ela, portanto, lembra de sua resistência à ditadura também por meio da sua atividade parlamentar. Além de apresentar seu mandato como popular, ressalta que a assembleia foi um local de confrontos, o qual permitia, naquele momento, certos questionamentos ao regime autoritário.

Irma sentiu a repressão de formas semelhantes a Lélia e Luíza. Como militante de grupos tidos como *subversivos*, ela partilha das narrativas das vítimas da ditadura, representando a *trincheira* daqueles que sentiram no corpo e no coração as dores da repressão. Por outro lado, sua memória parte inicialmente das atividades intramuros da oposição religiosa, não dos palanques ou comícios. Assim como Luíza, ela ressalta sua participação em movimentos populares como fatores de perseguição. Da mesma forma, Irma sentiu o trauma da tortura e da prisão pelas experiências de companheiros de militância e perseguidos políticos. Diferente das duas primeiras personagens, as *feridas não vistas* de Irma entraram junto com ela na tribuna da ALESP.

Partindo dessa discussão, devemos atentar para o fato de que, ao compartilharem narrativas coletivas da ditadura e se identificarem com opositoras/vítimas, as três militantes narram como forma de resistir. Numa disputa contra memórias que buscavam exaltar o regime, suas lembranças surgem como parte de relatos que enfatizam a violência ditatorial. Mesmo assim, não podemos colocar suas lembranças dentro de uma categoria homogênea de classificação, por meio da qual se estabeleceria uma dualidade discursiva entre duas versões unitárias acerca do período (contra e a favor), mas atentar também para as diferenças em suas experiências e lembranças.

Atentando mais a fundo para aquilo que relatam, nota-se como suas angústias pessoais não deixam de ter especificidades devido à peculiaridade de suas experiências: Lélia sentiu a repressão nos palcos, nas ruas e no sindicato; Luíza a notou no campo, nas periferias e na associação profissional; e Irma a vivenciou nos conventos, nas

praças, no MCV e na Assembleia Legislativa. Como muitas narrativas, provavelmente essas eram subterrâneas nos anos 1960 e 1970 e vieram à tona com a crise do regime.⁶⁹³ Nesse sentido, talvez por suas interpretações dos fatos passarem por uma noção de união e homogeneidade, questões consideradas conflitantes naqueles anos podem ter sido suprimidas, o que inclui aquelas referentes às relações de gênero.

Epigrafadas, declarantes e marginadas: subversivas?

Como outras mulheres e homens, Lélia, Luíza e Irma foram vigiadas e perseguidas pelos agentes policiais do regime autoritário e seus respectivos órgãos. Em um período de controle e repressão, ganharam denominações genéricas, oriundas de jargões das delegacias por onde passaram. Para tanto, fotos, jornais e textos com menções a seus nomes, notícias de televisão ou rádio, filmagens, gravações e mesmo relatos de policiais infiltrados serviam de material para compor suas fichas no DEOPS e respectivos dossiês. Todavia, devemos ter em mente que, apesar de terem a mesma condição frente à polícia (*subversivas*), cada uma ganhou visibilidade a partir de um momento específico. Aqui, abrimos um parêntesis para retomar a ideia de que, ao trabalhar com indivíduos, não podemos pensar que elas vivenciaram a repressão da mesma maneira ou que a perseguição sofrida se iniciou logo no golpe de 1964 ou com o AI-5 (1968). Em meio a suas semelhanças e especificidades, passaram cada qual pelos olhares da polícia e dos órgãos de controle. Dessa forma, ao perceberem que suas experiências eram comuns com outras pessoas, compuseram memórias próximas às demais vítimas, definindo-se como parte desses sujeitos.

Caroline Jaques Cubas mostra que a Lei de Segurança Nacional deixava em aberto a definição de subversão, entendendo como crime desde a contestação política direta até aquilo que fosse considerado perigoso em sentido amplo pelos agentes da repressão.⁶⁹⁴ Nesse sentido, de acordo com a autora, tal imprecisão legal poderia incluir

⁶⁹³ Michael Pollak define memórias subterrâneas como sendo aquelas suprimidas durante um regime de exceção, mas que de alguma forma continuam circulando em alguns espaços. De acordo com o autor, quando as narrativas oficiais entram em crise, essas lembranças começam a vir à tona e disputam espaço com elas, chegando muitas vezes a tomar o seu lugar (POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989).

⁶⁹⁴ Cubas cita os seguintes trechos da lei: “Art. 23 Tentar subverter a ordem ou estrutura político-social vigente no Brasil, com o fim de estabelecer ditadura de classe, de partido político, de grupo ou indivíduo; Art. 34. Ofender moralmente quem exerça autoridade, por motivos de facciosismo ou

questionamentos a concepções e valores construídos socialmente e caros ao regime.⁶⁹⁵ De toda a forma, o fato das personagens aqui enfocadas estarem próximas de outros (as) investigados (as) e réus ou de circularem em eventos considerados suspeitos despertava a atenção das polícias estaduais, por meio das quais agentes da repressão se organizavam e praticavam espionagem. Para tanto, muitas vezes eles partiam de repertórios construídos por concepções de feminilidade e masculinidade para interpretar a LSN e, conseqüentemente, levantar suspeitas sobre elas.

O histórico político servia de base para a construção da suspeição. Lélia despertou a atenção do DEOPS-SP já no início do regime.⁶⁹⁶ No começo de seu dossiê, os agentes atentam para sua presença em eventos anteriores, organizados por grupos de esquerda, nos quais se destaca um “Congresso Continental de Solidariedade à Cuba”.⁶⁹⁷ Além disso, como apontado no presente capítulo, sua aproximação com a Convergência Socialista também trouxe para ela a atenção da polícia.⁶⁹⁸ Sobre tais acusações, também se registrou que: “A epigrafada, esteve presente ao ato de Comemoração pelos 70 anos de Carlos Marighela, realizado na ABI (Associação Brasileira de Imprensa) (...)”⁶⁹⁹, ou ainda que:

O jornal O Estado de São Paulo, edição de 01/08/78, publica que o Comitê Brasileiro Pela Anistia realizou na noite de ontem na Câmara Municipal uma vigília em repúdio às invasões sofridas pelas sucursais dos jornais Versus e Em Tempo, além das prisões de elementos da Convergência Socialista. A epigrafada, na ocasião declarou que “nas vigílias, nas reuniões, nas escolas, universidades, sindicatos é que mostraremos ao governo que o povo brasileiro está tomando consciência de seu destino”.⁷⁰⁰

Para além de refletirmos sobre a forma como a polícia tratou das atividades de Lélia, as fichas e dossiês do DEOPS-SP também expõem espaços por onde ela possivelmente circulou e sujeitos com os quais supostamente teve contato. Dessa maneira, atentam para o fato de ela tomar a palavra em comícios e eventos sindicais.

inconformismo político-social.” (BRASIL. Decreto-lei no 898, de 29 de setembro de 1969. Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social, estabelece seu processo e julgamento e dá outras providências. Apud: CUBAS, Caroline Jacques. Op Cit. 2014. p. 245 – 246.) O texto original da lei pode ser encontrado em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/De10898.htm Acesso: 25/01/2021 às 15:22 hrs.

⁶⁹⁵ Idem.

⁶⁹⁶ O dossiê de Lélia Abramo contém 11 páginas que vão de 1963 até 1982. Foi registrado com o número 52-Z-0-11429 e encontra-se no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁶⁹⁷ DEOPS-SP. Informação 30-C-22-1529. 1963. Dossiê 52-Z-0-11429. São Paulo: APESP.

⁶⁹⁸ DEOPS-SP. Informações 50-C-O-6931/21-Z-14-4640/4639. Dossiê 52-Z-0-11429. São Paulo: APESP.

⁶⁹⁹ DEOPS-SP. Informações 50-Z-130-7077/20-C-44-21243/21-Z-14127783. 01 de agosto de 1978. Dossiê 52-Z-0-11429. São Paulo: APESP.

⁷⁰⁰ DEOPS-SP. Informação 50-Z-O-14607. 01 de agosto de 1978. Dossiê 52-Z-0-11429. São Paulo: APESP.

Também apontam para a proximidade dela com setores estudantis, partidos políticos e em grupos em defesa da Anistia.⁷⁰¹ Sobre esse ponto especificamente, é de se notar que a atividade teatral de Lélia lhe permitia se aproximar de outras agremiações (de acadêmicos ou de trabalhadores).⁷⁰² Ainda, atentam para a sua proximidade com o líder sindical Lula, dizendo que ela: “Figura entre os participantes do encontro realizado no Sind. Dos Jornalistas, com três sindicalistas estrangeiros, presentes em SP, para assistir ao julgamento adiado de Lula”.⁷⁰³

A proximidade com o metalúrgico ainda era complementada por seu contato com sindicalistas estrangeiros. Por ter aprendido sobre a língua e cultura italianas na família, Lélia possivelmente conseguiu se aproximar de lideranças de fora do Brasil. Assim, ainda foi dito que:

De acordo com Relatório de Div. De Inf. Datado de 23/2/81, consta que a marginada é artista e presidente do Sind. Dos Artistas. A epigrafada participou do Encontro de Sind. Estrangeiros, falando sobre a lei da escolha do diplomata italiano por votação secreta, achando-a prejudicial principalmente para São Paulo, uma vez que os italianos de São Paulo formavam uma elite burguesa e capitalista.⁷⁰⁴

Ao observar as menções do DEOPS, não podemos deixar de lembrar que seus agentes não eram, obviamente, alheios aos repertórios e imaginários da sociedade na qual viviam.⁷⁰⁵ Nesse sentido, Lélia foi lida por eles como a italiana, atriz e militante, o que não era atribuído a militantes com outra origem familiar ou social. No que diz respeito às relações de gênero, ela era vista como membro de uma elite intelectual e artística, o que poderia lhe trazer atributos (estética da branquitude, erudição) delegados às mulheres que trabalhavam com teatro, cinema ou televisão, diferindo-a daquelas que vinham de outros grupos sociais. Além disso, sua proximidade de movimentos com pautas de gênero foi ressaltada:

Divisão de Informações – Setor de Documentação Eletrônica/DOPS, de 25/4/79, consta que com o Debate sobre a mulher e a luta do trabalhador, as comemorações do dia 1º de Maio, em Osasco terão início no dia 27 no

⁷⁰¹ DEOPS-SP. Informações 50-C-33-103/50-Z-O-15101/14952/14819 Dossiê 52-Z-0-11429. São Paulo: APESP.

⁷⁰² Nas atividades do Movimento do Custo de Vida, havia peças de teatro organizadas por atrizes, atores e estudantes. Elas tinham o intuito de gerar reflexões acerca da economia e dos direitos de trabalhadoras e trabalhadores. (MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit. 2017. p. 165 – 177.). Sobre as redes de solidariedade com outros movimentos sociais, podemos citar: GARCIA, Miliandre. Op Cit. 2012.

⁷⁰³ DEOPS-SP. Informações 21-Z-14-10674/30-B-38-1394. Dossiê 52-Z-0-11429. São Paulo: APESP.

⁷⁰⁴ DEOPS-SP. Informação 21-Z-14-10674 Dossiê 52-Z-0-11429. São Paulo: APESP.

⁷⁰⁵ COLLING, Ana Maria. As mulheres e a Ditadura Militar no Brasil. *História em Revista*, v. 10, n. 10, 2017.

auditório do Sind. Dos Met., com a participação de operários da região, professores e a epigrafada.⁷⁰⁶

No ano seguinte, eles ainda atentaram para outra participação de Lélia em um evento organizado por mulheres:

PT promove Manifestação de Mulheres

Está programada para o dia 29/set/82, às 17:30 horas, na Praça Sete de Setembro, Centro, nesta Capital, “Grande Manifestação de Mulheres”.

Aguardam-se as presenças de Beth Mendes, Lélia Abramo e da candidata ao Governo de Minas, pelo PT, Sandra Starling de Azevedo.⁷⁰⁷

Lélia também ia a atos de apoio a candidatas e candidatos de outras cidades, construindo relações políticas fora de São Paulo, o que se expandia com a efetivação do projeto de criação do PT. Percebendo isso e buscando informações de órgãos de outros estados, o DEOPS-SP reforça uma pretensa participação de Lélia em movimentos feministas. Dessa forma a polícia enfocou na suspeita de ela atuar junto dessas agremiações, mesmo que, apesar de ter se aproximado de diferentes grupos de mulheres, ela não tenha efetivamente aderido a um deles. Interpretando que o lugar de uma mulher não seria na política, esses agentes possivelmente associavam a presença delas em debates e manifestações ao feminismo, o qual poderia ser concebido como qualquer rompimento com a lógica político-social imposta às mulheres, sendo visto como algo suspeito. Dessa forma, pode-se dizer que ser mulher e militante era, para os agentes da repressão, desde o início da ditadura, uma *subversão* em dois níveis: pela crítica ao governo e também pela ocupação de um espaço tido como masculino.⁷⁰⁸

Contudo, o dossiê de Lélia não representa a totalidade das ações deflagradas pela polícia contra ela. Também não reflete inteiramente sobre as suas experiências em grupos de oposição ou resistência ao regime autoritário. Afinal, uma das formas pelas quais a ditadura reprimia era pela negação, ou seja, desacreditando da eficiência e mesmo silenciando a presença de certos grupos políticos e sociais.⁷⁰⁹ Neste sentido, a

⁷⁰⁶ DEOPS-SP. Informação 40-Z-13-2068. Dossiê 52-Z-0-11429. São Paulo: APESP.

⁷⁰⁷ DEOPS-SP. Informação Confidencial. 50-H-84-5990. São Paulo: APESP.

⁷⁰⁸ COLLING, Ana Maria. Op Cit. 2017; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria; OLIVEIRA, Flaviane; CRUZ, Jailza; FREITAS, Janaína; REIS, Débora; SANTOS, Thayná; MENDES, Bárbara. Representações sociais de “ser mulher militante”: as imbricações entre geração e gênero na trajetória de militância de mulheres durante a ditadura militar brasileira. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 28, p. 110-131, 2015.

⁷⁰⁹ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit. 2017. p. 184.

sua militância também foi representada pela repressão por meio de um tom pessimista, negando seus possíveis êxitos:

Referente à análise do Movimento Sindical em São Paulo, destacando que a ingerência mútua da Unidade Sindical e do Sindicalismo Combativo nos Sindicatos, vem provocando sérias divisões nos mesmos, podendo constatar através das campanhas eleitorais de algumas entidades mais expressivas, tais como: Sindicato dos Artistas Técnicos que elegeu a chapa apoiada pela ex-diretora, a epigrafada, recentemente filiada ao PT.⁷¹⁰

Tais divisões também eram exploradas por dossiês referentes aos Sindicatos, nos quais eram anexados cartas e recortes de jornais que serviam de prova para acusações de subversão ou para o embasamento de análises sobre a composição dessas entidades. De acordo com Ana Maria Colling,⁷¹¹ o desmerecimento político também era fruto de uma sistematização de ideias socialmente construídas acerca da superioridade masculina no âmbito público. Assim, segundo a autora, ao apontar para aquilo que considerava falho na militância delas, a repressão, de certa forma, reforçava que ali não era lugar para as mulheres estarem.

Anos depois da primeira citação a Lélia, Luíza começou a aparecer nos documentos do DEOPS-SP em razão da greve dos funcionários públicos municipais de São Paulo, em 1979.⁷¹² Contudo, ela já havia sofrido com a repressão em João Pessoa até 1971, quando se mudou. Sobre esse período inicial, a Comissão Estadual da Verdade da Paraíba chegou a mencionar o nome da militante entre as vítimas do regime. Nessa análise, constatou-se que Luíza teve informações coletadas a pedido da Universidade Federal da Paraíba, com o propósito de filtrar a entrada de novos professores (as) e funcionários (as), de modo a selecionar pessoas que não fossem consideradas perigosas.⁷¹³ Ainda de acordo com o relatório, ao citar ofícios da instituição de ensino, doze professores tiveram informações solicitadas, dentre os quais Luíza.⁷¹⁴ O pedido de coleta prosseguiu mesmo após sua partida para São Paulo.

⁷¹⁰ DEOPS-SP. Informação 50-E-33-3588 Dossiê 52-Z-0-11429. São Paulo: APESP.

⁷¹¹ COLLING, Ana Maria. Op Cit. 2017.

⁷¹² Não encontramos um dossiê sistematizado com as informações de Luíza Erundina de Sousa. Mesmo assim, tivemos acesso a um termo de declaração e a fichas de investigação.

⁷¹³ O Relatório cita a Ofício n 75, de 5/11/1972. Apud FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; FREITAS, Fábio Fernando Barboza de; MUNIZ, Iranice Gonçalves; NUNES, Paulo Giovanni Antonio; OLIVEIRA, Irene Marinheiro Jerônimo de; OLIVEIRA, Herbert Andrade; SILVA, Waldir Porfírio da. Comissão Estadual da Verdade da Paraíba. Relatório Final. João Pessoa: A União Editora, 2017. p. 490.

⁷¹⁴ O Relatório cita o Ofício s/n/70, de 19/2/1972. Apud FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; FREITAS, Fábio Fernando Barboza de; MUNIZ, Iranice Gonçalves; NUNES, Paulo Giovanni Antonio; OLIVEIRA, Irene Marinheiro Jerônimo de; OLIVEIRA, Herbert Andrade; SILVA, Waldir Porfírio da. Comissão Estadual da Verdade da Paraíba. Op Cit. 2017. p. 490.

Vinculado ao MEC e ao SNI, o ASI da UFPB recorria a essa ferramenta a fim de buscar também “registros desabonadores”, nas palavras do relatório final da CEV-PB.⁷¹⁵

Como dito anteriormente, o regime atuava por dentro das universidades a fim de silenciar e isolar docentes e funcionários considerados suspeitos.⁷¹⁶ No caso dos ofícios levantados pela CEV-PB, estes não se associam ao DEOPS-PB, mas talvez pudessem fornecer informações para o órgão, auxiliando na construção de dossiês. Retornando às instituições policiais paulistas, Luíza foi chamada para prestar esclarecimentos acerca da greve de 1979 e de sua atuação na APASSP:

Sabendo ler e escrever e declarou: que a declarante presta serviços na Coordenadoria do Bem-Estar Social desde janeiro de 1972, como assistente social (...). Que, não é filiada a nenhum partido político; Que, em termos gerais tem conhecimento das sanções penais relativas à paralização (sic.), cassação ou solidariedade relativas aos serviços públicos; Que, desconhecia que a Lei de Segurança Nacional, em seu artigo 36, inciso V, diz “...incitar a paralização (sic.) [Destaque presente na fonte] de serviços públicos ou atividades essenciais... pena: de dois a doze anos de reclusão”; Que, também desconhecia o Decreto-Lei nº 1632/78, que regulamenta as atividades essenciais e serviços públicos, bem como suas paralizações (sic.) [Destaque presente na fonte]; (...) Que a declarante não tem condições de lembrar-se de nenhum nome de colega que consigo participou desses movimentos; (...)⁷¹⁷

Como nos mostram Antonio Luigi Negro e Alexandre Fortes, os depoimentos realizados pelas (os) investigadas (os) poderiam faltar com a verdade para proteger outras pessoas também investigadas.⁷¹⁸ Assim, o fato de que “a declarante não tem condições de lembrar” de quem estava consigo nas atividades da greve do funcionalismo público pode ser uma estratégia para defender a APASSP e seus (suas) militantes. Em seu depoimento, ainda é possível notar menções a religiosos no apoio logístico a reuniões:

Que, a Igreja no final dos entendimentos, através da Comissão de Justiça e Paz, propôs a ser mediadora, isto já no final das negociações; que as assembleias realizadas no Colégio São Bento, em número de três foram autorizadas pelo diretor daquele estabelecimento e foi ocupado o pátio daquele estabelecimento de ensino. Que as reuniões naquele local eram realizadas a noite e geralmente nos fins de semana; Que, quanto as reuniões realizadas no interior da Igreja de Nossa Senhora das Graças, as mesmas

⁷¹⁵ FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; FREITAS, Fábio Fernando Barboza de; MUNIZ, Iranice Gonçalves; NUNES, Paulo Giovanni Antonio; OLIVEIRA, Irene Marinheiro Jerônimo de; OLIVEIRA, Herbert Andrade; SILVA, Waldir Porfírio da. Comissão Estadual da Verdade da Paraíba. Op Cit. 2017. P. 490.

⁷¹⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Os olhos do regime militar brasileiro nos campi. As assessorias de segurança e informações das universidades. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 9, n. 16, p. 30-67, 2008.

⁷¹⁷ DEOPS-SP. Termo de Declarações. Autos de Investigações Preliminares. Folha 48. 1979. São Paulo: APESP. Inquéritos e Sindicâncias. Registros 41/79 – 37/79. fls. 48.

⁷¹⁸ FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi. Esquerda e direita: fontes nacionais para a História social. *Métis: história & cultura*, v. 3, n. 5, 2004.

eram realizadas sempre às 19 horas, com a autorização do vigário local; Que, não conhece esse vigário e desconhece os meios pelos quais a referida Igreja foi autorizada a receber os membros das reuniões;⁷¹⁹

Lembrando de sua proximidade com sujeitos ligados ao catolicismo progressista e movimentos de trabalhadores, a polícia citou a presença de Luíza em igrejas e colégios católicos de São Paulo, mas ela não deixou de tentar despistar a polícia em relação à colaboração de religiosos ao *esquecer-se* de seus nomes. Outra questão importante: na ficha citada acima, aponta-se para a sua origem e estado civil. Nesse sentido, apesar de poder ser considerada branca como Lélia, ela pode ter sido entendida de uma maneira diferente pelos agentes do DEOPS-SP, na medida em que se desviava de padrões sociais impostos às mulheres. Nesses documentos, todos os termos ressaltam se a pessoa era casada, solteira ou viúva, bem como a cidade onde nasceu. Esses dados seriam utilizados para reunir informações sobre o investigado e talvez reconstruir suas redes de relações familiares no caso de ter cônjuge e filhos. Também, serviriam para a busca de informações em outras cidades, na medida em que, sabendo-se a origem, poderiam reconstituir a trajetória da pessoa e os caminhos traçados até aquele momento.⁷²⁰

Em seu interrogatório, o escrivão ainda apontou para trechos de leis que visavam legitimar as acusações feitas contra a líder sindical. Nesse caso, a contestação de Luíza se dava também por incitação à greve do serviço público, o qual teria uma regra específica em relação a outros setores de trabalho, os quais registraram:

Que desconhecia que a Lei de Segurança Nacional., em seu artigo 36, inciso V", diz: incitar a paralisação de serviços públicos ou atividades essenciais... pena : de dois a doze anos de reclusão"; Que também, desconhecia o decreto-lei nº 1632/78, que regulamenta as atividades essenciais e serviços públicos, bem como suas paralizações [sic.]; Que, inquirida se conhecia o art. 37 da LSN, disse também desconhecer.⁷²¹

A intenção do delegado provavelmente seria de intimidar Luíza por meio do medo, pois a LSN, em seus artigos 36 e 37, tratava da violação da honra do Presidente da República e de atos de violência contra estrangeiros a serviço de seus países.⁷²² Já o

⁷¹⁹ DEOPS-SP. Termo de Declarações. Autos de Investigações Preliminares. Folha 48. 1979. São Paulo: APESP. Inquéritos e Sindicâncias. Registros 41/79 – 37/79. fls. 49.

⁷²⁰ FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi. Op Cit, 2004.

⁷²¹ DEOPS-SP. Termo de Declarações. Autos de Investigações Preliminares. Folha 48. 1979. São Paulo: APESP. Inquéritos e Sindicâncias. Registros 41/79 – 37/79. fls. 48.

⁷²² Os artigos que tratavam do funcionalismo público são o 29: "Impedir ou dificultar o funcionamento de serviços essenciais, administrados pelo Estado ou executados mediante concessão, autorização ou

decreto-lei 1632/78 versava sobre a proibição de greves nos serviços públicos e privados e, de acordo com Maurício Sarda Faria,⁷²³ foi promulgado em resposta à participação expressiva de funcionários públicos nas greves de 1978. Métodos de terror poderiam ser adotados em diferentes casos, mas lembrando que Luíza é uma mulher solteira (como fora colocado na descrição da polícia sobre a investigada), provavelmente sofria uma dupla pressão: política e moral.⁷²⁴ Sobre sua condição de gênero, a polícia ainda espionou a participação de Erundina em um evento referente às pautas de movimentos de mulheres:

Cumprindo determinações de Vossa Senhoria, no sentido de manter observações junto ao auditório da Folha de São Paulo, localizado na Alameda Barão de Limeira, nº 425, 9º andar, onde a partir das 20:00 horas, iniciar-se-ia [o comício], temos o seguinte a relatar:

O debate teve início às 20:30 horas, com a presença de aproximadamente 100 pessoas, tendo como mediador Antonio Guerra Vieira (moderador), Samir Achoa, João Yunes, Luíza Erundina, Maria Aparecida Azevedo Noronha, Osmar Santos e Ida Maria.

Após a leitura dos tópicos pelo mediador que foram: nutrição, educação, amparo, lutas pela classe dominada, violência e o relacionamento criança/mulher, os debatedores começaram a abordar os temas.⁷²⁵

À descrição minuciosa do evento se seguiu um resumo das falas dos palestrantes ali presentes. Citaremos a parte referente à Luíza:

Luíza Erundina – Sabemos do problema da mulher e da criança e que na visão da realidade existe a condição da classe e não a condição do sexo; que a mulher tem uma visão maior dos problemas sociais e econômicos e que a mesma é discriminada, com relação à idade, situação civil; o problema da segurança é social. Quanto ao menor, o Estado não assume sua responsabilidade, com a intenção de passa-la às entidades de classe (sociais). O menor tem seus direitos assegurados e a creche é um direito para sua formação física-moral-intelectual. A participação da mulher não se institucionaliza de cima para baixo e sim interferindo na administração do Estado para que os problemas concretos tenham solução.⁷²⁶

permissão: Pena: reclusão, de 8 a 20 anos. *Parágrafo único.* Se, da prática do ato, resultar morte: Pena: prisão perpétua, em grau mínimo, e morte, em grau máximo.” E o artigo 39: “Incitar: (...) V - A paralisação de serviços públicos, ou atividades essenciais; (...) Pena: reclusão, de 10 a 20 anos.” BRASIL. Decreto-Lei nº 898, de 29 de Setembro de 1969. Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-898-29-setembro-1969-377568-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso: 25/01/2021 às 15:22 hrs.

⁷²³ FARIA, Maurício Sarda. Op Cit, 2004.

⁷²⁴ COLLING, Ana Maria. *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil*. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos, 1997; COLLING, Ana Maria. Op Cit. 2017; GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria; OLIVEIRA, Flaviane; CRUZ, Jailza; FREITAS, Janaína; REIS, Débora; SANTOS, Thayná; MENDES, Bárbara. Op Cit, 2015.

⁷²⁵ DEOPS-SP. Divisão de Informações. 20-C-44-28597. São Paulo: APESP.

⁷²⁶ DEOPS-SP. Divisão de Informações. 20-C-44-28596. São Paulo: APESP.

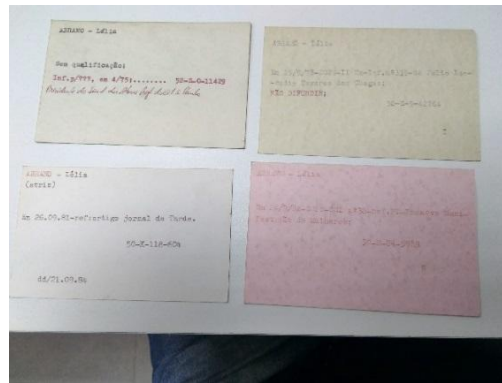
Como analisamos no primeiro capítulo, Luíza não se identifica com outras mulheres por uma questão meramente biológica, mas a partir de suas experiências familiares, militantes e profissionais. Além do mais, na medida em que teve contato com movimentos de mulheres, uma parte dos quais feministas, ela tomou contato com repertórios com os quais pôde identificar certas opressões, sofridas por elas, podendo ainda se ver como representante dessas demandas. Por outro lado, os policiais poderiam fazer uma associação essencialista de Luíza com o feminismo pelo fato de ser mulher, mas também por militar junto a grupos de oposição ao regime. O evento em questão se chamou “Ciclo de Debates: Crianças e Mulheres”, um dos temas da série “Encontros Paulistanos”⁷²⁷ realizado em 1983. Em uma leitura possivelmente apressada daquilo que foi dito, o agente infiltrado enfocou nos pontos que mais poderiam servir para atestar a *subversão* da personagem.

Antonio Luigi Negro e Alexandre Fortes mostram como órgãos policiais construíram suspeitas com base em demandas de um determinado momento ou em termos que poderiam ser vistos como desviantes, estranhos ou representativos de relações com o que fosse considerado perigoso.⁷²⁸ No caso de Luíza, talvez as temáticas da mulher e do menor podem ter sido utilizadas para criar a suspeição. Em um período de crescimento de movimentos feministas, a contestação a certos padrões sociais e culturais despertava o alerta da repressão. Outro ponto delimitado pode ter sido a referência às falhas do governo, possivelmente encarada como uma tentativa de fragilizá-lo, ferindo a Lei de Segurança Nacional.

Nas fichas da delegacia, as menções a participações em atividades de movimentos de mulheres eram registradas em papel cor de rosa, o que também ocorreu no caso das fichas de Lélia, configurando uma possível alusão ao feminino de acordo com os códigos de gênero hegemônicos, como se quisesse separar e destacar os assuntos considerados *de mulher*. Dentro dessa lógica, talvez essa tenha sido uma forma de organização e localização de temas, associando a cor em questão a essas agremiações e eventos.

⁷²⁷ Idem.

⁷²⁸ FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi. Op Cit, 2004.



Duas fichas remissivas de Luíza Erundina (esquerda). Acima: “Ciclo de debates – CIDI-S/ Problemas da Mulher e da Criança”. Abaixo: “Ciclo de debates: Mulheres e Crianças” tema: Encontros Paulistanos”. Quatro fichas de Lélia Abramo (direita), na ficha cor de rosa lê-se: “PT promove Manifestação de Mulheres.” Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Os espões também trataram de seguir Luíza em comícios com outras pautas e mencionaram um evento no bairro da Lapa (Zona Oeste de São Paulo) realizado em 1983:

Tomando conhecimento de um ato Público, apresentação dos candidatos ao Partido dos Trabalhadores, no Largo da Lapa, o qual presenciamos, temos a relatar o seguinte:

Compareceram ao local vários candidatos, entre eles: Luís Inácio Lula da Silva (Lula); Clara Ant; Luíza Erundina; Tereza Lajolo; Jacó Bittar; Hélio Bicudo; Plínio Sampaio; Sérgio Santos; Eliseu Gabriel; Henrique Carneiro; Cristina (Tita) Sindicato dos Bancários; Lélia Abramo; José Genoíno, entre outros.

Com a participação de aproximadamente 1500 pessoas, e com muitas faixas dos candidatos no local.

O Partido dos Trabalhadores (P.T.) tem como tema: Por Trabalho, terra e liberdade; contra o desemprego e o salário de fome; pela liberdade de organização dos trabalhadores; contra a ditadura.⁷²⁹

No evento em questão (registrado em uma ficha branca), os agentes atentaram para os temas debatidos e para as discussões presentes no lançamento do novo partido. No tocante às relações de gênero, o DEOPS-SP colheu uma página do *Jornal da Tarde* que atribuía a Luíza o “vulgo (Mamma)”.⁷³⁰ Apontada no texto como uma “mulher baixinha, simpática, de voz afável, que mantém ainda um leve sotaque paraibano”, Luíza foi associada por seus editores às suas características físicas e à sua origem regional. Nesse sentido, essa descrição provinha de concepções de branquitude e gênero que a avaliavam esteticamente, classificando-a com base em padrões eurocêtricos. Além do mais, devemos lembrar que o jornal talvez trocasse informações com a polícia,

⁷²⁹ DEOPS-SP. Divisão de Informações. 20-C-44- 25996. São Paulo: APESP.

⁷³⁰ DEOPS-SP. Ficha de Erundina, Luíza. 50-K-118-1020. São Paulo: APESP.

a fim de identificar pessoas *perigosas*.⁷³¹ Se a Luíza de 1979 não se declarava filiada a partidos, agora ela era atuante dentro do PT e se candidatava a vereadora, o que não passou despercebido pelos policiais.

Nesses mesmos anos, Irma começou a ganhar visibilidade ao se tornar deputada estadual. Ela foi espionada ainda durante a sua campanha em 1978.⁷³² Nesse período, de acordo com Thiago Nunes Monteiro,⁷³³ o Movimento do Custo de Vida conquistou espaço na imprensa e também aos olhos dos agentes policiais. Esses também registraram os eventos de 27 de agosto de 1978, nos quais Irma foi apresentada como liderança do MCV/MCC.⁷³⁴ Assim como Lélia e Luíza, ela teve seu nome associado a grupos de esquerda, mas, em seu caso, explicitamente ao comunismo: “Segundo pedido de busca do SNI datado de 26 de outubro de 1978, a epigrafada integra lista de pessoas que postulam cargos eletivos nas eleições de 15 de novembro de 1978 tendo apoio de organizações comunistas.”⁷³⁵ Panfletos foram recolhidos no local de um debate onde ela estava presente, nos quais se lê, entre outras expressões: “Novo Rumo Socialista”, “Refazendo”, “Resistência”.⁷³⁶ Tais materiais, provavelmente, serviam como *provas* da *subversão* daqueles e daquelas que participavam de tais mobilizações.

Nesse processo de associação do nome da militante às esquerdas, também foi apontada a sua proximidade com outros *suspeitos* (como Paulo Freire,⁷³⁷ em sua

⁷³¹ Negro e Fortes atentam para o fato de que era comum, desde a década de 1930, a troca de informações entre a imprensa (ligada a grandes grupos corporativos) e a polícia. A intenção seria de auxiliar na busca por sujeitos considerados como potencialmente nocivos aos interesses desses grupos e das elites políticas e econômicas (FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi. Op Cit, 2004).

⁷³² Irma Rosseto Passoni possui um dossiê com 46 páginas que contém informações que vão de 1978 até 1982. O documento foi registrado com o número 52-Z-O-32158 e encontra-se no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

⁷³³ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit. 2017. p. 181 – 182.

⁷³⁴ Irma foi citada como presente ao ato nas escadarias da Catedral Metropolitana da Sé e apontada como liderança do movimento (Informação S/N do dossiê 52-Z-O-32158, fl. 1). Ao mesmo tempo, a presença de Lélia também foi registrada em outro dossiê (Informação 50-Z-130-1847 do dossiê 52-Z-O- 11429, fl. 4.).

⁷³⁵ DEOPS-SP. Informação 20-C-43-4435. Dossiê 52-Z-O-32158. São Paulo: APESP.

⁷³⁶ DEOPS-SP. Informação 52-Z-O-25054. Dossiê 52-Z-O-32158. São Paulo: APESP.

⁷³⁷ Paulo Freire (1921 – 1997) nasceu em Recife – PE e estudou Direito na Universidade do Recife entre 1943 e 1946. No mesmo ano, tornou-se diretor do Departamento de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco. Foi preso logo em 1964 e depois se exilou na Bolívia e no Chile até 1969, quando foi aos Estados Unidos lecionar em Harvard. Com a Anistia de 1979, ele retornou ao Brasil e participou da formação do PT. Foi Secretário Municipal de Educação na gestão de Luíza Erundina de Souza entre 1989 e 1991. Escreveu livros como Pedagogia da Autonomia e Pedagogia do Oprimido. Criou o Instituto Paulo Freire em 1991 e faleceu em São Paulo. Foi declarado Patrono da Educação Brasileira em 2012. (INSTITUTO Paulo Freire. Pequena biografia. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1821773/mod_folder/content/0/Leitura%20complementar/Paulo%20freire%20pequena%20biografia.pdf?forcedownload=1 Acesso: 25/01/2021 às 15:22 hrs.).

chegada ao Brasil em 1979) e sua participação na reunião de fundação do Partido dos Trabalhadores em fevereiro de 1980:

Informação da divisão de Informações de 7 – agosto de 1979, que hoje desembarcou no Aeroporto de Viracopos/SP procedente de Amsterdam-Holanda pelo voo 793 da Cia Real Holandesa (KLM) o sociólogo Paulo Freire, acompanhado da esposa e filha do casal, aguardavam-no entre outras a deputada Irma Passoni.⁷³⁸

Informação da divisão de Informações de 10 de fevereiro de 1980, que Irma Passoni participou de uma reunião do Partido dos Trabalhadores (PT), a 1ª reunião preparatória para a sua Convenção Nacional a ser realizada em abril. (Colégio Sion)⁷³⁹

Alguns pontos chamam a atenção nesses dois trechos do dossiê de Irma. Primeiramente, nota-se que as investigações policiais partiam muitas vezes de outros inquéritos referentes a pessoas diferentes, que acabavam sendo conectadas à medida que as investigações se aprofundavam e que as informações eram cruzadas. A repressão, assim, estabelecia uma *rede de subversão* a partir dos laços familiares, de amizade, de afinidade política e até mesmo pela frequência às mesmas atividades. Irma ganhou visibilidade não só por sua atividade político-partidária na ALESP, mas também pela liderança frente ao MCV/MCC. Assim como Lélia e Luíza, a sua participação em eventos referentes a movimentos de mulheres era destacada:

Informação da Divisão de Informações de 30 de agosto de 1979 sobre a sessão ordinária de ontem na Assembleia Legislativa Estadual, que a deputada Irma Passoni divulgando a realização do próximo Congresso da Mulher Metalúrgica brasileira, tendo sempre sub-empregos e sub-salários.⁷⁴⁰

Documento arquivado na Divisão de Informações datado de 6-10-79 que no dia 8 de outubro, Irma Passoni debatera sobre o tema “A mulher e a sociedade” programação do C.A.V.C. ajudando a piantare il dibattito [plantar o debate].⁷⁴¹

Em 1979 muitos grupos de mulheres ganhavam força no Brasil. Dentre esses, havia aqueles formados por feministas, sindicalistas, moradoras da periferia, intelectuais e mães/familiares de presos políticos. Se observarmos as informações acima, a suspeita sobre Irma estava relacionada ao tema *Mulher* devido ao fato dos grupos onde ela se inseria serem associados à contestação de papéis sociais ditos masculinos e femininos e,

⁷³⁸ DEOPS-SP. Informações 21-Z-14-7437/20-C-44-4462/4461. Dossiê 52-Z-O-32158. São Paulo: APESP.

⁷³⁹ DEOPS-SP. Informações 20-C-44-8221/8218. Dossiê 52-Z-O-32158. São Paulo: APESP.

⁷⁴⁰ DEOPS-SP. Informações. 21-Z-14-7597/20-C-44-5066. Dossiê 52-Z-O-32158. fl. 6. São Paulo: APESP.

⁷⁴¹ DEOPS-SP. Informação 20-C-44-5731. Dossiê 52-Z-O-32158. fl. 7. São Paulo: APESP.

de forma essencialista, muito provavelmente à sua condição de gênero. De acordo com Pâmela de Almeida Resende,⁷⁴² a lógica da suspeição estava alicerçada na busca por contatos, mesmo que superficiais, com grupos e pessoas apontadas como subversivas. A autora também mostra que, no final dos anos 1970, o Movimento Feminino pela Anistia (MFPA) começou a ganhar destaque aos olhos da polícia, pois, além de questionar a legitimidade de ações do governo e expor seus problemas, aglutinava pessoas de diferentes setores sociais, como sindicalistas, moradoras da periferia e intelectuais. Ao mesmo tempo, Resende expõe que o MFPA buscava, para além de questões voltadas aos direitos humanos, promover a mulher, dando publicidade a suas pautas, o que poderia talvez gerar uma associação entre o feminismo e tais movimentos no imaginário dos agentes do DEOPS. Nesse sentido, o perigo que Irma representava poderia ser também, aos olhos da polícia, fruto de sua aproximação com esses sujeitos e, conseqüentemente, com os seus debates.

Os discursos de Irma ganharam visibilidade entre os fatos levantados pelo DEOPS-SP. Diferente de Lélia (11 folhas) e de Luíza (não encontrado no DEOPS-SP), a deputada estadual tem um dossiê com quarenta e seis páginas. Nesse sentido, o tamanho do documento e os termos nele utilizados ajudam a refletir sobre algumas questões referentes ao seu trabalho na política institucional. Sua presença na tribuna da ALESP lhe abria um campo de atuação maior para a divulgação de ideias. Por outro lado, a polícia conseguia colher com mais facilidade informações acerca daquilo que era dito, escrito ou feito por Irma. Além disso, seu nome aparece mais vezes nas citações do que o termo *epigrafada*, algo que talvez tenha ocorrido devido ao seu posto de poder naquele momento. Apesar de ser tida como subversiva, ela era uma deputada, diferente das outras militantes aqui estudadas.

Além de temas referentes às esquerdas ou ao movimento de mulheres, Irma foi investigada, como vimos, pela sua relação com os atos do MCC na Praça da Sé, tendo sua fala recortada como prova de que era suspeita:

Informação da Divisão de Informações de 26 de agosto de 1979 sobre Ato Público das Panelas Vazias do Movimento do Custo de Vida na Praça da Sé, que contou com a presença da Deputada Irma Passoni que usou a palavra nos seguintes termos: que representa os parlamentares e disse a chuva está caindo em cima de nós e nós dizemos ao governo, que queremos a chuva de salários, precisamos acabar com esse governo que nos oprime, nos tortura e nos mata.

⁷⁴² RESENDE, Pâmela de Almeida. *Os vigilantes da ordem: a cooperação DEOPS/SP e SNI e a suspeição aos movimentos pela anistia (1975-1983)*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013.

Que rouba o leite de nossas crianças, que estão morrendo de fome. Que nos nega a assistência médica, que defende os interesses das multinacionais.⁷⁴³

O evento chegou a ter cobertura da imprensa, a qual transcreveu trechos da fala da deputada e abordou a presença da polícia no local e a proibição de passeatas. O delegado do DEOPS-SP ainda ameaçou, segundo os jornalistas, reprimir o ato caso os manifestantes saíssem da praça. Mesmo assim, os agentes do DEOPS escreveram que as pessoas ali presentes partiram em cortejo até o Largo São Bento, contrariando as recomendações de Irma.⁷⁴⁴ De modo geral, a desqualificação de sua militância era recorrente nas fichas do DEOPS. Seja em sua atividade parlamentar, seja no trabalho junto a movimentos populares, a polícia questionava as intenções e a eficiência daquilo que era feito por ela:

Relatório DOPS datado de 5 de fevereiro de 1979 sobre “Encontro Mensal e Ordinário do Conselho da FNT” dia que a epigrafada e outros políticos se comprometeram a arcar com as despesas de compra de uma “Off-Set” para a organização, mas não cumpriram as suas palavras.⁷⁴⁵

1. Um grupo de políticos, no qual se incluem os Deputados Estaduais Irma Rosseto Passoni e Geraldo Augusto Siqueira Filho, ambos do PT/SP, está doutrinando favelados, no sentido de reinviadirem a fazenda “Itupu”, pertencente ao IAPAS.
2. A pretensa reinvasão deverá ocorrer, após a 2ª quinzena de setembro, tendo por finalidade fazer “Justiça Social” e, com o slogan “Terra para Todos”, angariar votos para as oposições nas próximas eleições.⁷⁴⁶

A condição de classe de Irma e sua relação com moradores da periferia aparecem em vários momentos do seu dossiê. Partindo dessas questões, a ideia de que os sujeitos presentes naqueles movimentos eram influenciados por militantes de classe média foi uma das formas pelas quais a polícia e o governo construíram seus imaginários acerca do MCV/MCC, como mostra Monteiro.⁷⁴⁷ Ele escreve também que a negativa da validade das reivindicações desses grupos era uma estratégia para silenciá-los, atribuindo-lhes a imagem de que venderiam votos, do discurso utópico ou do assistencialismo. Dessa forma, a polícia criava, para Irma e demais lideranças, uma imagem vinculada a interesses individuais, não sociais.⁷⁴⁸

⁷⁴³ DEOPS-SP. Informações 50-D-19-1305/50-Z-130-2476. Dossiê 52-Z-O-32158. Fl. 6. São Paulo: APESP.

⁷⁴⁴ S/A. Três mil vão à manifestação. Folha de São Paulo. 27 de agosto de 1979. p. 12. Acervo Digital: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso: 25/01/2021 às 15:22 hrs.

⁷⁴⁵ DEOPS-SP. Informação 30-Z-161-197. Dossiê 52-Z-O-32158. São Paulo: APESP.

⁷⁴⁶ DEOPS-SP. Informe número 2910/82/E231. 26 de outubro de 1982. 50-Z-9-45224. São Paulo: APESP.

⁷⁴⁷ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit. 2017.

⁷⁴⁸ Idem.

Lélia, Luíza e Irma, portanto, foram investigadas por órgãos vinculados ao regime autoritário. Apesar da mesma condição de *subversivas* frente à polícia e das denominações semelhantes atribuídas (epigrafadas, marginadas ou declarantes), cada uma foi observada de maneiras específicas. Dessa forma, a visibilidade que tiveram para a polícia variou de acordo com a atividade desempenhada no período em que foram espionadas. Além do mais, o espaço que ganharam nos arquivos do DEOPS foi também influenciado pela quantidade de vezes em que apareceram na mídia ou em eventos, gerando material para alimentar as suspeitas de um grupo que agia contra a modificação do *status quo*.

De acordo com Carlos Fico,⁷⁴⁹ ao pensarmos sobre a repressão, não podemos homogeneizar a estrutura burocrática do regime por meio de termos genéricos, como *porões da ditadura*, mas sim atentar para a quantidade de setores de investigação, espionagem e repressão, bem como suas respectivas funções e ordens na hierarquia do governo. Assim, ao observar os órgãos que produziram material sobre as militantes aqui analisadas, podemos refletir sobre suas atividades políticas e o alcance do trabalho dos agentes da repressão. Luíza foi investigada pela ASI da UFPB, Lélia pelo Ministério do Trabalho e, assim como Irma, pelo SNI. Todas tiveram seus nomes citados em algum momento pelo DEOPS ou por outras instituições policiais. Nesse sentido, as suspeitas levantadas sobre elas foram construídas com base nos espaços por onde circulavam e nas atividades com as quais se envolveram.

Por fim, como mulheres brancas, elas seriam vistas de maneiras diferentes pela sociedade (inclusive nas delegacias de polícia), o que também ocorria em outros setores da sociedade, como veremos no próximo capítulo. O local que ocupavam e a origem familiar, regional ou de classe mudavam a forma pela qual poderiam ser investigadas e os seus campos de possibilidades. No jogo das representações sociais, o DEOPS e os demais órgãos de investigação não estavam, obviamente, apartados da sociedade. Entretanto, tal documentação deve ser lida com ética e cuidado, para que não se torne uma descrição superficial que acabe por reforçar aquilo que o governo e seus agentes queriam preservar sobre essas mulheres. Mas, devido aos limites desta pesquisa, vamos encerrar nossas análises por aqui e partir para uma arena de embate distinta: a conquista de espaço numa agremiação política durante o processo de abetura política brasileira.

⁷⁴⁹ FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília (org.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura. Regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Capítulo 3

E agora companheiras? A construção de identidades e trajetórias políticas



Bancada Feminina da Assembleia Nacional Constituinte (1988). Arquivo da Câmara dos Deputados. In: Agência Senado. Diploma Bertha Lutz reconhece importância da bancada feminina na Constituinte. 06/03/2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/03/06/diploma-bertha-lutz-reconhece-importancia-da-bancada-feminina-na-constituente> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.



Promulgação da Constituição de 1988. Arquivo da Câmara dos Deputados. In: Senado Federal. Galeria de Fotos. 30 anos Constituição da Cidadania. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/agencia/infograficos-htm15/constituente/index.html> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.

Brasília, 1988.

Mais de quinhentos parlamentares prestaram juramento à Constituição recém-promulgada. Quase todos eram homens e não havia mulheres dentre os líderes dos três poderes presentes na tribuna. Todos erguiam as mãos e repetiam o que era dito por aquela mesa masculina. Onde estavam as mulheres? Naquela legislatura eram vinte e seis deputadas e nenhuma senadora. Voltando nossos olhos para a primeira imagem, vemos os seus rostos. A escolha do local para o registro não se deu por acaso. Diante da rampa do Congresso, o fotógrafo provavelmente teve a intenção de transmitir o poder por elas exercido, o que contrasta com o enquadramento realizado pelo autor da segunda imagem.

As mulheres não tinham representação apenas na esfera federal, mas também nas Assembleias Estaduais, além de ocuparem prefeituras, câmaras municipais, secretarias e assessorias. Os homens, contudo, não deixavam de ser a esmagadora maioria naqueles espaços. No estado de São Paulo, por exemplo, elas eram oito dentre cento e dois legisladores (contando efetivos e suplentes).⁷⁵⁰ Essa composição também estava presente em outros estados, como nas câmaras legislativas gaúchas.⁷⁵¹ Apesar das desigualdades, muitas se utilizaram do parentesco e dos laços de amizade com outros políticos, além de trabalhos assistencialistas e de militância (em movimentos populares ou sindicais, por exemplo) para conquistar espaço e ganhar visibilidade.⁷⁵²

Naquilo que diz respeito ao PT, a sua militância era formada por um número expressivo de mulheres atuantes em seus núcleos e no trabalho de base. Mesmo assim, suas lideranças eram majoritariamente masculinas⁷⁵³ e a agremiação tinha duas deputadas dentre os dezesseis parlamentares da sua bancada na Câmara. Além do mais, eram três mulheres e sete homens na Assembleia Legislativa de São Paulo. Tal desigualdade já havia sido denunciada no Primeiro Encontro de Mulheres do PT

⁷⁵⁰ ASSEMBLEIA Legislativa de São Paulo. Deputados Estaduais Constituintes. Disponível em: http://www3.al.sp.gov.br/historia/constituente-estadual-1988-89/constituente/Deputados_11_legislatura.htm#inicio Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.

⁷⁵¹ PINTO, Céli Regina; MORIZ, Maria Lúcia; SCHULZ, Rosângela; MORAES, Taís Flaviana. *Perfis, trajetórias, desempenhos: uma pesquisa com as vereadoras gaúchas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

⁷⁵² PINTO, Celi Regina J.; SILVEIRA, Augusta. Mulheres com carreiras políticas longevas no legislativo brasileiro (1950-2014). *Opinião Pública*. vol. 24, nº 1, jan.-abr. 2018.

⁷⁵³ SANTOS, João Marcelo Pereira dos. Identidade e diferença: A trajetória das mulheres no Partido dos Trabalhadores. *Perseu: História, Memória e Política*. Número 4, ano 3, 2009.

(1982).⁷⁵⁴ O vereador Eduardo Suplicy, inclusive, fez coro a essas insatisfações e anos depois publicou um texto para o Boletim Nacional do PT com o título *Mulher: ganha menos, trabalha mais, é a primeira a perder o emprego e a última a ser eleita para uma Constituinte* (1988).⁷⁵⁵ Apesar dos números e dos alertas, o problema não era exclusivo da agremiação, pois essa discrepância chegou a causar desilusões entre mulheres que atuavam em outras organizações de esquerda do Brasil⁷⁵⁶ e de outros países.⁷⁵⁷ Apesar das barreiras, a bancada feminina de Brasília conseguiu aprovar uma Carta Magna que reconhecia a igualdade entre os sexos e a licença maternidade. Contudo, não era apenas por meio do Congresso que essas pessoas ganhavam visibilidade e conquistavam direitos.

Como veremos no decorrer deste capítulo, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) debatia a questão da inserção política feminina desde 1985,⁷⁵⁸ levantando temáticas como a desigualdade de gênero e a importância da representatividade dessas sujeitas no Parlamento. Dentre as militantes que compunham o CNDM havia aquelas que já vinham levantando tais bandeiras desde os anos 1970 e que trouxeram muitas dessas experiências para criação do referido Conselho. Elas igualmente não deixaram de contribuir com a pauta da Constituinte ao defenderem a igualdade entre os sexos, a equidade salarial entre homens e mulheres e a implantação de creches nos locais de trabalho. Vários desses debates emergiram na pauta dos partidos de esquerda, pois muitos deles dialogavam com movimentos de trabalhadoras e moradoras da periferia.⁷⁵⁹

Dentre as que conseguiram ter visibilidade naquele momento, podemos citar algumas que atuavam como parlamentares. Ruth Escobar⁷⁶⁰, atriz como Lélia, foi eleita

⁷⁵⁴ Idem.

⁷⁵⁵ SUP LIC Y, Eduardo. *Mulher: ganha menos, trabalha mais, é a primeira a perder o emprego e a última a ser eleita para uma Constituinte*. Boletim Nacional, nº 26, abril de 1987. *Perseu: História, Memória e Política*. nº 7, ano 5, 2011. p. 129 – 130

⁷⁵⁶ RAGO, Luzia Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

⁷⁵⁷ ELEY, Geoff. *Feminismo: A esquerda e as novas questões relativas a gênero*. In: *Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

⁷⁵⁸ COSTA, Ana Alice Alcantara. *O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política*. *Revista Gênero*, v. 5, n. 2, 2005.

⁷⁵⁹ PINTO, Celi Regina J.; SILVEIRA, Augusta. *Op Cit*, 2018.

⁷⁶⁰ Maria Ruth Escobar (1935 – 2017) nasceu em Campanhã (Portugal), era filha de trabalhadores e migrou para o Brasil em 1951. Estudou interpretação na França e foi opositora do regime civil-militar brasileiro. Auxiliou na acolhida de presos e perseguidos políticos. Tornou-se deputada estadual em 1983 e 1987, mas deixou a carreira política em 1991, vindo a se aposentar em 2001. Faleceu em São Paulo.

deputada estadual pelo PDT de São Paulo e atuou nos trabalhos da *Carta Magna* paulista. Telma de Souza⁷⁶¹ teve atuação semelhante, mas deixou o cargo ao se tornar prefeita de Santos – SP pelo PT. Bete Mendes, também atriz, havia sido expulsa do partido em 1985,⁷⁶² mas retornou à Câmara Federal no ano seguinte (pelo PMDB). Dirce Quadros⁷⁶³ e Márcia Kubitschek⁷⁶⁴ usavam da memória de seus pais para se inserir naqueles espaços e também participaram da bancada feminina da ANC. Essas legisladoras tinham um campo de atuação maior do que suas predecessoras na política institucional devido à ascensão de grupos e movimentos que defendiam as demandas das mulheres, o que foi impulsionado pelo processo de abertura política do Brasil. Essa *atmosfera* não deixou de surgir nas falas de Luíza e Irma, o que será analisado mais adiante neste mesmo capítulo.

Independente das motivações, o ano de 1988 aparece como um marco nas memórias de nossas três personagens. Irma havia sido eleita em 1986 e fez parte da bancada feminina do Congresso. Ela também foi atuante na proposição e formação do CNDM. Esses fatos servem de material para a construção de sua imagem pública

(S/A. Ruth Escobar. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18616/ruth-escobar> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.)

⁷⁶¹ Telma de Souza (1944 -) nasceu em Santos – SP e atuou como professora e advogada. Participou do ato de fundação do PT em 1980 e foi a vereadora mais votada da sua cidade em 1982. Tornou-se deputada estadual em 1987 e Prefeita de Santos em 1989. Deixou o cargo em 1993 e foi deputada federal de 1995 a 2007. Voltou a ser vereadora em 2009 e deputada estadual em 2011. No ano de 2017 tornou-se mais uma vez legisladora na Câmara Municipal santista. (SOUSA, Luís Otávio de; COSTA, Marcelo; CAMARGO, Orson. Telma de Souza. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/telma-sandra-augusto-de-sousa> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.)

⁷⁶² Os parlamentares Bete Mendes, Aírton Soares e José Eudes foram expulsos do PT por contrariarem a orientação da bancada de se abster do Colégio Eleitoral de 1985. O partido não reconhecia a representatividade da chapa da Aliança Liberal (AL), pois esta seguiria representando os interesses das elites e do regime que findava. Sobre o fato, cito: SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

⁷⁶³ Dirce Maria Quadros (1943 – 2014) nasceu em São Paulo – SP e estudou Biologia em Austin (Texas – EUA). Era filha de Jânio Quadros. Elegeu-se deputada federal constituinte em 1986 e permaneceu no posto até 1991. Participou dos debates da bancada feminina e apoiou algumas pautas de gênero. Mudou-se para os Estados Unidos após a morte do seu pai. Faleceu em Los Angeles (EUA). (XAVIER, Libânia. Dirce Tutu Quadros. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dirce-maria-do-vale-quadros> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.)

⁷⁶⁴ Márcia Kubitschek (1943 – 2000) nasceu em Belo Horizonte – MG e estudou Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – RJ). Era filha de Juscelino Kubitschek e fez Mestrado em Nova Iorque (EUA). Filiou-se ao PMDB e foi deputada federal de 1986 a 1991. Em 1989 migrou para o PRN e apoiou a candidatura de Fernando Collor. Tornou-se vice-governadora do Distrito Federal em 1991 (na chapa de Joaquim Roriz), permanecendo no posto até 1995. Faleceu em Brasília. (QUARTI, Márcia. Márcia Kubitschek. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/marcia-de-oliveira-kubitschek> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.)

enquanto mulher, bem como das representações moldadas externamente sobre ela. Luíza havia se tornado deputada estadual Constituinte em 1986, mas deixou o cargo em 1988 para concorrer à prefeitura de São Paulo. Sua vitória impactou na gestão de suas lembranças e na construção posterior de sua imagem. Erundina *já* deixaria de ser prefeita de São Paulo aos olhos de muitos, dado que analisaremos no último capítulo desta tese. Por fim, Lélia foi nomeada assessora da secretária Marilena Chauí⁷⁶⁵ e, apesar de não conferir tanto espaço a esse momento em sua autobiografia, recorda dele como o período no qual pôde dar prosseguimento aos projetos construídos no SATED- SP. Todas haviam ingressado no PT em 1980 e construíram uma relação pessoal com o partido. Essas questões são pertinentes para refletirmos sobre os capitais construídos por elas nos anos de 1980 e 1990. Vamos então observar como nossas personagens recordam do emblemático ano de 1988:

Lélia:

Em 1988 ocorreram eleições para prefeitos de capitais. Fui convidada para participar da campanha da candidata do PT, Luíza Erundina, quando tive a oportunidade de constatar a dimensão desta cidade. Viajávamos horas para alcançar bairros distantes, cuja existência eu ignorava. A partir da Penha, por exemplo, havia uma quantidade enorme de outros bairros. Se partíamos da Mooca, sucedia a mesma coisa. De qualquer bairro podíamos avançar por uma dezena de outros. Parecia-me incrível o tamanho da cidade espalhada pela periferia (...). [Erundina] Teve a generosidade de me convidar para uma das assessorias da professora Marilena Chauí, que ocupou a Secretaria Municipal de Cultura. Fiquei confusa, pois jamais pensara, algum dia na vida, em ocupar um cargo público, nem mesmo provisoriamente, como se dava agora.⁷⁶⁶

Luíza:

No dia 16 de novembro de 1988, quando as apurações dos votos me consideraram candidata vencedora, um numeroso grupo de vizinhos se reuniu nos pequenos cômodos do meu apartamento; não havia para todos e muitos ficaram do lado de fora, nas escadas. Pediam que não mudasse de residência, que continuasse com eles no modesto bairro de Mirandópolis; estavam lá as mães com pratos de doces feitos em casa e as crianças com buquês de rosas

⁷⁶⁵ Marilena de Souza Chauí (1941 -) nasceu em Pindorama – SP e graduou-se em Filosofia na USP. Tornou-se professora assistente no departamento de Filosofia da USP em 1967, doutora em 1971, associada em 1977 e titular em 1986. Participou da fundação do Partido dos Trabalhadores (1980) e foi secretária de cultura na gestão da prefeita Luíza Erundina entre 1989 e 1993. Permanece como militante do PT até hoje. (GUERRA, Luiza. Marilena Chauí compartilha momentos de sua história. *Jornal do Campus*. USP, 2 de julho de 2013. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2013/07/marilena-chau-i-compartilha-momentos-de-sua-historia/> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.; SANTIAGO, Homero Silveira; SILVEIRA, Paulo Henrique Fernandes. Percursos de Marilena Chaui: filosofia, política e educação. *Educação e Pesquisa*, v. 42, n. 1, p. 259-277, 2016.)

⁷⁶⁶ ABRAMO, Lélia. *Vida e arte: Memórias de Lélia Abramo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 241 – 242

amarelas; houve também o discurso da “comissão”. Foi um momento de recomposição emotiva para mim, entre aquela gente simples que fazia eu me sentir uma pessoa na megalópole.⁷⁶⁷

Irma:

A nossa época foi muito rica, porque havia muita efervescência, era época da Constituinte (...). Na década de 1980, 1990, o Parlamento tinha um grande nível de compromisso público (...). Tudo estava em ebulição, era a democracia nascendo. No PT, a cada ano um parlamentar ocupava a função de líder... Eu assumi pela primeira vez depois da saída do Ayrton Soares (). Ocupei a presidência de comissões, coisa que nunca tinha ocorrido com uma mulher. Não tinha nem banheiro para mulheres, só tinha banheiro de homem, na Câmara Federal. Houve toda uma articulação de mulheres, do movimento popular, preparando propostas para a Constituinte. Isso foi muito bom, porque a gente conseguiu fazer um trabalho organizado que permeou todas as áreas: educação, direitos de igualdade da mulher... E trabalhamos suprapartidariamente. Eu fiquei na Subcomissão de Comunicação, que foi um desastre, porque veio um pacotinho fechado dos meios de comunicação, dando a receita de como seria. A gente trabalhou também na questão da reforma agrária, dos direitos dos trabalhadores e da educação, porque eu fui professora.⁷⁶⁸

Nossas três personagens têm uma memória heroica daqueles anos. Lélia e Luíza recordam da campanha para a prefeitura de São Paulo. A primeira resalta seu espanto ao perceber como a sua cidade natal havia crescido no decorrer do século XX. Erundina, por outro lado, não vê sua origem na capital paulista, mas lembra das pessoas que a acolheram, reforçando uma proveniência popular/trabalhadora, permitindo-lhe sentir-se uma *pessoa*. Diferente delas, Irma volta seus olhos para Brasília e fala do processo de abertura política e da Constituinte dos anos 1980, lembrando da oposição parlamentar e das barreiras e conquistas das mulheres, inclusive no que tange a aspectos cotidianos, mas não menos importantes, como a não existência de banheiros destinadas às que assumiam posições de liderança.

Cada uma escreveu em um momento específico de sua vida. Abramo fala por meio da sua autobiografia, publicada em 1997, e em um contexto no qual o seu partido ascendia. Luíza relatou suas lembranças um ano antes (1996), trazendo à tona recordações de quando foi prefeita no ano em que tentava retornar ao Executivo paulistano. Irma, por seu turno, elaborou sua narrativa dez anos depois (2006) e em um período no qual o PT estava no seu auge, apesar das tensões com a oposição. Entre uma

⁷⁶⁷ SOUSA, Luíza Erundina de. Relato. In: BIMBI, Linda. *Uma veia de utopia: a trajetória de Luíza Erundina*. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 91

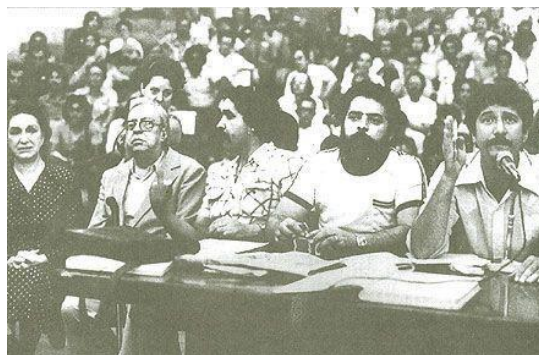
⁷⁶⁸ PASSONI, Irma. Entrevista realizada em São Paulo em 28 de agosto de 2006. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre (orgs.). *Muitos caminhos, uma estrela: memórias de militantes do PT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 322

legenda que se somava a outras para barrar a agenda neoliberal e aquela que foi eleita para o Executivo Federal muita coisa mudou, inclusive as perspectivas das nossas personagens. Mesmo assim, partilhavam de uma memória esperançosa sobre o processo de abertura política e o fim do regime autoritário, fazendo coro a muitos e muitas outras que se posicionaram contra a ditadura. Entretanto, havia quem estivesse descontente devido aos acordos que matizaram a redemocratização e com os desdobramentos da lei de Anistia (a qual perdoava seus algozes).⁷⁶⁹

Mesmo com as diferenças temporais e experienciais, as três militantes partem dos seus pertencimentos de gênero, classe ou origem para moldar suas escritas de si. A identidade política com o PT é igualmente um traço comum, mas outros vetores surgem na interpretação de seus próprios passados, como as experiências vivenciadas e os repertórios construídos no decorrer de suas vidas. Levando em conta todos esses fatos, debates e reflexões, vamos analisar como cada uma se inseriu no Partido dos Trabalhadores e construiu uma relação com a agremiação e seus projetos, atraindo, conseqüentemente, a atenção da grande mídia comercial e da imprensa alternativa.

Não foi tão fácil: Ganhando espaço no interior do Partido dos Trabalhadores

Somos parte dessa estrela? Memórias e pertencimentos na relação com um partido político



S/A. Mesa Diretora do ato de fundação do PT (Colégio Sion, São Paulo, 10 de fevereiro de 1980). In: OLIVEIRA, Fátima. A lista da amada, perseguida e inesquecível Lélia Abramo. Fórum. 15 de fevereiro de 2011. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/blogs/mariafro/bmariafro-a-lista-da-amada-perseguida-e-inesquecivel-lelia-abramo/amp/> Acesso: 26/01/2021 às 00:18 hrs.

⁷⁶⁹ MARTINS FILHO, João Roberto. A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares. *Varia História*, v. 28, p. 178-201, 2002.

Lélia, como vimos antes, esteve presente na reunião de fundação do Partido dos Trabalhadores no dia 10 de fevereiro de 1980. O momento era de festa e pessoas de diferentes lugares discutiam os principais pontos do documento que nortearia aquela agremiação. Com o intuito de registrar o evento e os rostos de suas lideranças, o fotógrafo Juca Martins captou o instante em que Abramo sentava-se ao lado do professor Sérgio Buarque de Holanda,⁷⁷⁰ do bancário Olívio Dutra,⁷⁷¹ do metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva e do petroleiro Jacó Bittar.⁷⁷² O público atrás de nossa personagem é predominantemente masculino. Como ela narra este momento de sua *longa* trajetória no PT? Em sua autobiografia Lélia diz:

(...) o movimento dos trabalhadores levava à decorrente necessidade de criação de um novo partido político. As pressões populares exerceram seu papel: ainda em 1979 foi reformulada a legislação eleitoral permitindo a criação de novos partidos; o governo ditatorial estava no fim.

Dois anos antes, parte das oposições estava se articulando para a criação de um novo partido de caráter socialista; essa iniciativa, no entanto, não teve êxito. (...). Para isso, a estrutura sindical era insuficiente (...). O Partido dos Trabalhadores iria nascer exatamente de todas as bases populares de oposição que vinham lutando contra a opressão naquele momento, especialmente a dos metalúrgicos do ABC.

Foi assim que chegamos, em fevereiro de 1980, ao ato de lançamento do Manifesto do Partido dos Trabalhadores, nome que já vinha se impondo nas

⁷⁷⁰ Sérgio Buarque de Holanda (1902 – 1982) nasceu em São Paulo – SP e teve contato com o movimento modernista na década de 1920. Graduiu-se em Direito pela Universidade do Brasil em 1925 e publicou o livro *Raízes do Brasil* em 1936. Casou-se com Maria Amélia de Carvalho Cesário Alvim e foi pai de Ana de Holanda, Cristina Buarque, Heloísa Maria e Chico Buarque. Atuou como diretor do Museu Paulista entre 1946 e 1956, lecionou na Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP- SP) e foi presidente do Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB – USP), a partir de 1962. Participou da Fundação do Partido dos Trabalhadores em 1980 e escreveu até 1982, quando faleceu. (FERREIRA, Ana L. O. D. El hombre y su obra. Portal Ensayistas. Página Online. Disponível em: <https://www.ensayistas.org/filosofos/brasil/holanda/bio.htm> Acesso: 26/01/2021 às 00:18 hrs.)

⁷⁷¹ Olívio de Oliveira Dutra (1941 -) nasceu em Bossoroca – RS e graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Trabalhou no Bannisul a partir de 1961 e se tornou presidente do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre em 1975. Participou da fundação do Partido dos Trabalhadores em 1980 e atuou como seu presidente desse ano até 1986, quando foi eleito deputado federal constituinte. Em 1988 tomou posse como prefeito de Porto Alegre, permanecendo no cargo até 1993. Ainda foi governador do Rio Grande do Sul entre 1999 e 2003. Nesse ano ele foi nomeado Ministro das Cidades pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, posto que ocupou até 2005. (MOURA, Gisela; SOUSA, Luís Otávio de. Olívio Dutra. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/olivio-de-oliveira-dutra> Acesso: 26/01/2021 às 00:18 hrs.)

⁷⁷² Jacó Bittar (1940 -) nasceu em Manduri – SP e começou a trabalhar na Petrobrás em 1962. Foi fundador do Sindicato dos Petroleiros de Paulínia e Campinas, bem como do PT e da CUT. Candidatou-se a senador em 1982 tendo Lélia Abramo como suplente. Elegeram-se prefeito de Campinas em 1988, permanecendo no cargo até 1993. Após divergências, desligou-se do Partido dos Trabalhadores e se filiou ao PSB no ano de 1991. Foi nomeado conselheiro da Petros em 2003. (S/A. Jacó Bittar. Museu da Pessoa. Página Online. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/pessoa/jaco-bittar-98307> Acesso: 26/01/2021 às 00:18 hrs.)

etapas preparatórias de sua organização (...). Foi-me dada a honra de assinar, entre os seis primeiros, aquela ata. Foi gentileza de Lula, talvez porque eu estivesse entre os primeiros presidentes de sindicato não-operário a aproximar-me e a reconhece-lo como líder. (...)⁷⁷³

Lélia associa a fundação do PT ao processo de abertura política do final dos anos 1970. Enfocando os sindicatos e grupos de trabalhadores, ela entende o partido como fruto de movimentos de base, ponto de vista este que não é, obviamente, apenas seu. De acordo com Lincoln Secco,⁷⁷⁴ por muito tempo reforçou-se uma memória focada na contribuição exclusiva das bases populares e dos sindicatos na construção da agremiação. Essa perspectiva silenciaria a presença de agentes das camadas médias, apesar da participação de alguns destes em cargos de liderança, como vimos na foto acima. Boa parte deles (as) vinha dos meios estudantis, intelectuais e artísticos (como era o caso da própria Lélia). Muito dessa visão estaria embasada nos referenciais advindos do *Novo Sindicalismo* e da retórica da autonomia popular, a qual recusava a interferência daqueles que fossem vistos como burgueses.⁷⁷⁵ Observando de perto os fatos, Margareth Keck afirma que o PT buscava se distanciar da oposição peemedebista e se colocar como alternativa a esta que para muitos representava a elite, o que desagradava uma parcela considerável da militância petista.⁷⁷⁶ Já Paulo Henrique Martinez diz que o partido se construiu em torno de uma identidade com os mundos do trabalho (expresso inclusive no seu próprio nome). Tal ponto de vista daria prioridade à participação desses sujeitos, partindo da ideia de construir um governo de trabalhadores. Assim, surgia uma legenda que negava tudo aquilo que não fosse popular, além de se colocar como barreira ao regime em vigor e contra a ordem estabelecida.⁷⁷⁷

Nossa personagem não estava isenta de compartilhar desse ponto de vista por meio do contato que teve com sindicalistas e militantes de movimentos de base no Partido. Apesar dessa memória, ela reconhece que o SATED-SP não era operário e

⁷⁷³ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 228 – 229.

⁷⁷⁴ SECCO, Lincoln. Op Cit, 2011.

⁷⁷⁵ OLIVEIRA, Roberto Vêras de. *Sindicalismo e Democracia no Brasil: do novo sindicalismo ao sindicato cidadão*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2011. p. 85; RODRIGUES, Iram Jácome. *Sindicalismo e política: a trajetória da CUT (1983-1993)*. São Paulo: Scritta, 1997. p. 18 – 19.

⁷⁷⁶ KECK, Margaret E. *PT - A lógica da diferença: o partido dos trabalhadores na construção da democracia brasileira*. São Paulo: Ática, 1991.

⁷⁷⁷ MARTINEZ, Paulo Henrique. O Partido dos Trabalhadores e a conquista do Estado: 1980-2005. In: RIDENTI, Marcelo; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *História do marxismo no Brasil: Partidos e movimentos após os anos 1960* (volume 6). Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

entende que sua presença na mesa diretora foi um gesto de gentileza por ter se aproximado dos grevistas de 1978, 1979 e 1980.

Mesmo assim, é importante atentarmos para a presença de Lélia naquela mesa, pois, como dito anteriormente, poucas foram as mulheres signatárias da ata de fundação do PT.⁷⁷⁸ Se considerarmos aquelas (es) que porventura não a assinaram, essa proporção poderia variar, mas a superioridade numérica masculina não deixava de ser um fato, como notamos na fotografia anterior e naquelas que abrem o segundo capítulo desta tese. Apesar de lembrar das resistências do metalúrgico à presença de estudantes e intelectuais, essas tensões desaparecem quando ela passa a narrar os eventos posteriores à reunião de 1980, o que não significa que tais conflitos deixaram de existir, pois, apesar da amizade construída entre Lélia e Lula, outros sujeitos de classe média alta seguiram sendo alvos de sua desconfiança. Em uma entrevista realizada naquele ano (1980), ele disse:

(...) é diferente deixar o cabelo do sovaco crescer e ficar pedindo liberdade pra mulher aí. Ora, meu Deus do céu, será que cada madame que anda defendendo a liberdade aí não é melhor ela pegar duas prostitutas e pagar um salário digno pra elas trabalharem em sua casa fazendo limpeza? Você vê madame de *sovacão* cabeludo aí pagando Cr\$ 2500,00 pra empregada doméstica trabalhar das 8 da manhã às 8 da noite e ainda vir no sábado e domingo. Está querendo liberdade pro “eu” e não tem liberdade pra todo mundo. É fácil, sabe.⁷⁷⁹

Lélia não era formalmente alinhada a grupos feministas. Contudo, a crítica acima poderia atingir pessoas com posições de classe e identidades de gênero semelhantes às dela. Essa postura se somava a um tom moralizante com relação à prostituição, o que vinha de uma cultura patriarcal que regravava a sexualidade feminina, em muito alimentada pela tradição cristã predominante no Brasil⁷⁸⁰ e de culturas de classe que reforçavam padrões de gênero (como a virilidade masculina e o resguardo

⁷⁷⁸ Ata de Fundação do Partido dos Trabalhadores. De 31 de maio a 1 de junho de 1980. Livro Ata nº 1. fl.: 13. Campinas: AEL-UNICAMP.

⁷⁷⁹ Entrevista concedida à apresentadora de rádio e televisão Xênia Bier e publicada na Revista Especial, nº 5, abril de 1980. In: PARTIDO dos Trabalhadores. *Lula: Entrevistas e Discursos*. São Bernardo do Campo: ABCD – Sociedade Cultural, 1980. p. 273 – 274.

⁷⁸⁰ Sobre esse assunto, Vânia Vasconcelos diz que as mulheres foram associadas desde a Idade Média ao pecado, mas também à santidade. Essa percepção foi reproduzida em diferentes momentos, vindo a aparecer na fala de sujeitos entrevistados pela pesquisadora durante a sua pesquisa. (VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. *Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações sobre as mulheres em uma cidade do interior (1970 – 1990)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.). Mesmo assim, não podemos tomar essas posturas como regra entre sindicalistas ou religiosos (ROHDEN, Fabíola. *Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente. Cadernos Pagu*, n. 8/9, p. 51-97, 1997.).

feminino).⁷⁸¹ Retornando às memórias de Lélia, ela não trata das discriminações presentes no cotidiano sindical (no caso dos movimentos do ABC) e partidário. Como analisou João Marcelo Pereira dos Santos,⁷⁸² no PT era recorrente a resistência às discussões de gênero e mesmo à presença de mulheres em certos locais, como nos microfones e palanques. O autor também atentou para o fato de que grupos femininos internos denunciavam essa ausência, questionando a falta das *companheiras* nos postos de liderança.

Tal problema não era exclusivo da agremiação, mas ocorria também em outros partidos de esquerda e não apenas do Brasil. Indo além, Margareth Rago chega a apresentar o partido político (no sentido amplo do termo) como uma estrutura masculinizada e feita para barrar a participação de mulheres.⁷⁸³ Contudo, como os sujeitos nem sempre se conformam às regras, parte delas se inseria nesses locais e, assim como Lélia, conseguiu se alçar a cargos de direção ou gestão. Outras seguiram realizando trabalhos de base, contatando moradores (as) nos bairros, realizando filiações ou distribuindo material de campanha. Nossa personagem atuou tanto no *corpo a corpo* quanto nas cúpulas e recorda:

De fevereiro de 1980 a fevereiro de 1981 trabalhamos para a legalização do PT; a nossa atividade na criação de núcleos, na formação de diretórios e na campanha de filiação exigiu um esforço constante e diário de todos os simpatizantes, não apenas nesta capital de São Paulo, mas em todos os cantos do país. Andávamos com as fichas de inscrição no bolso e, a cada pessoa que encontrávamos, explicávamos a importância e a necessidade de se obter o número de filiados exigido para a legalização do partido. Fazíamos igualmente mutirões, bairro por bairro, rua por rua, casa por casa, com o mesmo objetivo, e finalmente o número de filiados ultrapassou em muito o exigido pela lei de organização dos partidos. (...)

Os núcleos do PT não só se espalharam por toda parte, mas iam sempre aumentando em número de filiados. Por exemplo: o núcleo de Perdizes, bairro da classe média de São Paulo, onde se situa a PUC, chegou a ter cerca de 300 pessoas (...). O núcleo da rua Augusta, também na cidade de São Paulo, no Sindicato dos Arquitetos, ficava lotado por militantes professores, artistas plásticos, engenheiros, estudantes, arquitetos, médicos, etc., enfim, membros de várias categorias sociais e profissionais iam para aquelas reuniões.⁷⁸⁴

Apesar de entender o projeto do PT como fruto de mobilizações operárias, Lélia reconhece a presença de agentes de classe média e alta na agremiação. Ao narrar seu

⁷⁸¹ REZENDE, Vinícius Donizete. A Experiência de Sapateiras no Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçados de Franca nos anos 1980. *XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Leopoldo, 2007.

⁷⁸² SANTOS, João Marcelo Pereira dos. Op Cit, 2009.

⁷⁸³ RAGO, Luzia Margareth. Op Cit, 2013.

⁷⁸⁴ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 229 – 230.

trabalho, ela reforça que se empenhou para buscar novas filiações, compreendendo-se como sujeito ativo no processo de legalização do PT. Para tanto, ela parte daquilo que viu naqueles eventos e recorda de dois núcleos formados por membros da elite paulistana (Perdizes – Zona Oeste e Augusta – Centro), o que talvez seja fruto de sua proximidade com os seus membros. A resistência à presença de estudantes e intelectuais poderia contribuir com a formação de guetos, como os núcleos por atividade profissional. Nesse sentido, as correntes internas trotskistas (*mais velhas* que o próprio partido) já serviam de abrigo para militantes de classe média e elite.⁷⁸⁵ Lélia, por exemplo, tinha proximidade com um desses grupos, a Convergência Socialista (CS), e seu irmão Fúlvio atuou na Organização Socialista Internacionalista (OSI). Essas tendências não deixavam de entrar em conflito com as bases populares do PT e muito dessas tensões vinha da desconfiança que elas tinham com a posição de classe desses sujeitos.

Os trotskistas haviam conseguido um espaço significativo naqueles anos, mas vinham sofrendo cobranças após os resultados eleitorais de 1982. De acordo com Daniel Aarão Reis Filho,⁷⁸⁶ o crescimento dessas correntes gerava descontentamentos no campo majoritário (sindicalistas, movimentos populares, religiosos) devido à sua interferência ideológica e tática no PT. Já Marco Antônio Brandão⁷⁸⁷ mostra que havia também a preocupação com a possibilidade do PT deixar de lado as suas bases por atender demasiadamente aos anseios dessas tendências. Todos esses fatores tiveram como reação o lançamento da Articulação, surgida em 1983 a partir do Manifesto dos 113. Esse grupo rejeitava a interferência daqueles que até então tinham peso nas decisões partidárias e pregava uma pretensa *volta às origens*, ou seja, um espaço maior para os setores populares nas instâncias deliberativas e nas eleições internas do Partido dos Trabalhadores.⁷⁸⁸ Lélia se absteve de assinar esse documento.⁷⁸⁹ Em suas memórias, não há aprofundamento sobre tais conflitos. Mesmo assim, ela realizou uma crítica ao PT em 1997, a qual foi publicada pelo jornal sindicalista *Unidade*:

⁷⁸⁵ KAREPOVS, Dainis; LEAL, Murilo. Op Cit, 2007.

⁷⁸⁶ REIS FILHO, Daniel Aarão. O Partido dos Trabalhadores: trajetória, metamorfoses, perspectivas. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. *As Esquerdas no Brasil*. Revolução e Democracia (1964 -), v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

⁷⁸⁷ BRANDÃO, Marco Antônio. *O socialismo democrático do Partido dos Trabalhadores: a história de uma utopia (1979 – 1994)*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.

⁷⁸⁸ BARRERO JUNIOR, Roger Camacho. *Companheiras e Companheiros: As mulheres e a inserção de suas pautas no Partido dos Trabalhadores (1978 – 1988)*. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2015. p. 101 – 106.

⁷⁸⁹ Articulação. *Companheiros do PT*. 1983. São Paulo: CSBH-FPA.

O PT é um partido eivado de pequenos grupos, que até se unem em momentos de crise. Isso desmantela a unidade e a solidez de uma organização de oposição. Os militantes precisam ser unidos e coesos para poder mostrar à sociedade os erros do capitalismo. Isso seria o ideal, mas não acontece. As oposições são autofágicas. Tudo é restrito, cada um fica olhando o próprio umbigo. Contudo, acredito que o PT poderá reforçar suas bases, se entender o momento histórico que vivemos.⁷⁹⁰

Lélia deu esse depoimento em 1997 e talvez tenha se sentido livre para tecer críticas por se tratar de um jornal também de esquerda. Mesmo assim, ela não deixa de ter uma visão esperançosa e busca alertar a militância para a necessidade de construir uma unidade. Em um momento em que o governo federal se amparava na estabilidade econômica para legitimar suas medidas liberais,⁷⁹¹ o tom de nossa personagem soa como uma reação contra o comportamento da militância petista e o desempenho eleitoral da agremiação nos pleitos em que participou (lembrando da disputa pela presidência de 1989 e 1994, mas também das prefeituras em 1992 e 1996). A visão de Abramo sobre o partido também deve ser observada por meio das relações políticas e de amizade que ela estabeleceu com outros militantes. Dentre os personagens exaltados em sua autobiografia, a maioria é composta por homens: Lula, Jacó Bittar e Mário Pedrosa, mas uma mulher ganha destaque:

Erundina sabia falar ao povo; transmitia confiança e sinceridade. Foi eleita prefeita desta metrópole não só pelos petistas, mas também pelos simpatizantes, inclusive por significativa parcela da pequena e média burguesia. No dia 1 de janeiro de 1989, Erundina tomou posse na prefeitura de São Paulo, em comovente cerimônia.⁷⁹²

O espaço dado à prefeita de São Paulo pode ser fruto da proximidade que Lélia tinha com ela. Ao referenciar o seu texto, ela mostra uma fotografia na qual está abraçada a Erundina. A ideia seria a de reforçar a sua amizade com ela. Contudo, para entendermos o porquê dos homens serem predominantes em sua narrativa, devemos ter em mente que a maioria dos quadros petistas era masculina, o que provavelmente a fez lembrar mais deles. Entretanto, os referenciais femininos não deixaram de surgir,

⁷⁹⁰ MIRANDA, Jorge de Sá. Lélia Abramo, uma crítica contundente. Unidade, 1997. Recorte de Jornal. p. 10. São Paulo: Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

⁷⁹¹ MOTTA, Marly. A estabilização e a estabilidade: do Plano Real aos governos FHC (1993 – 2002). In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano* (volume 5): O tempo da Nova República. Da transição democrática à crise política de 2016. Quinta República (1985 – 2016). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

⁷⁹² ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 242.

mesmo que amparados na imagem de Luíza. Muito dessa visibilidade emergiu do impacto de sua vitória em 1988.⁷⁹³



Luíza Erundina (à direita) abraçada a Lélia Abramo (à esquerda). Foto utilizada por Lélia Abramo em sua autobiografia. (ABRAMO, Lélia. *Vida e arte: Memórias de Lélia Abramo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 247)

Seja como for, o partido é lembrado por Lélia como um grupo formado pelas bases populares e pioneiro nos movimentos que exigiam a abertura política.⁷⁹⁴ Apesar de apontar para a presença de setores médios e de elite em suas reuniões, ela destaca, como no trecho acima, que os petistas não poderiam ser associados predominantemente a eles. De maneiras semelhantes, nossas outras personagens também partilhavam dessa memória coletiva. Com essa deixa podemos passar para as lembranças de Luíza, a qual narra a sua entrada no PT da seguinte maneira:

Depois de alguns anos na militância sindical, ficou claro para mim que as causas estruturais dos problemas sociais só seriam eliminadas com a ação da sociedade, sob a direção de partidos políticos verdadeiramente comprometidos com a sua transformação. E também com legitimidade para construir um projeto capaz de resolver as contradições e de fazer nascer um novo modelo de organização social. Por esse motivo, resolvi participar da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), sem deixar de lado minha atuação profissional e a militância sindical. Isso ocorreu em 1980.⁷⁹⁵

Luíza escreveu essas memórias enquanto era prefeita de São Paulo e não deixa de relacionar a militância sindical à partidária. Como abordamos no capítulo anterior, a

⁷⁹³ Além de Luíza Erundina, podemos citar Maria Luíza Fontenelle. Eleita em 1985 para a prefeitura de Fortaleza – CE, ela desligou-se do partido em 1988. Nesse mesmo ano Telma de Sousa havia se tornado prefeita de Santos – SP. No legislativo, Bete Mendes ganhara visibilidade no PT até seu desligamento (1985). Irma Passoni e Benedita da Silva representavam-no no congresso em 1988. Há ainda aquelas que não tinham cargo eletivo, mas conquistaram espaço nesse e em outros momentos, como Lélia Abramo, Marta Suplicy ou Elisabeth Souza-Lobo.

⁷⁹⁴ Além do que analisamos nesta tese, Lélia escreve em sua autobiografia: “A campanha pelas diretas foi crescendo com o apoio dos núcleos e diretórios do PT, dos sindicatos e associações de bairros, das CEBs e de toda a sociedade civil organizada. Ganhou as ruas e teve a adesão de outros partidos como o PMDB e o PDT, além dos demais partidos de esquerda, formando-se então uma frente suprapartidária. Tornou-se o maior movimento popular do país até então.” (Idem. p. 235.)

⁷⁹⁵ SOUSA, Luíza Erundina de. *Exercício da paixão política*. São Paulo: Cortez Editora, 1991. p. 124 – 125.

atuação na APASSP foi algo que lhe possibilitou construir laços com os grevistas do ABC, tornando-se assim um marco em suas memórias. Mas devemos atentar para os repertórios que serviram de base para a modelagem dessas lembranças. Erundina utiliza-se de referenciais reconceitualistas do Serviço Social para compreender a sua entrada no PT, e, portanto, rejeita uma postura assistencialista ao mesmo tempo em que ressalta o viés desenvolvimentista do seu trabalho, como analisamos no capítulo anterior.⁷⁹⁶ A busca por um grupo que servisse de apoio para esse projeto viria igualmente de um ponto de vista marxista iniciado na academia e reformulado durante a sua militância. Tal relação entre profissão e política aparece em uma entrevista posterior:

– *Você dedicou uma parte de seu programa à assistência social?*

– Sim, claro. Aos direitos sociais, à organização do povo pelos direitos sociais. No meu mandato, e no de outros companheiros do PT, a assistência social teve um papel fundamental no fortalecimento da organização popular, em trazer o movimento para dentro da Câmara dos Vereadores, em ter uma influência na atuação dos vereadores. Enfim, eu percebo que toda a minha militância como vereadora, como deputada estadual, como prefeita foi muito marcada pela minha posição profissional.⁷⁹⁷

Luíza solidifica as memórias sobre o seu trabalho de assistente social para gerir sua identidade e assim se compreender como parte de uma classe e de um grupo político. Além do mais, ela foi eleita vereadora em 1982 e deputada estadual em 1986, costurando uma linha temporal entre a graduação, a profissão, a militância e esses dois mandatos. Para tanto, ela entende que muitas das pautas levantadas pelo PT serviram como uma maneira de seguir trabalhando no Serviço Social. Devemos ter em mente também que Luíza narra de outro momento e lugar. Assim como as demais pessoas, ela se baseia em suas próprias referências para construir essa narrativa, apoiando-se naquilo com o que teve contato no decorrer da sua trajetória profissional. Nela, o PT aparece como uma legenda popular, apesar de não negar a participação de setores médios e intelectualizados (como era o seu caso e de outras assistentes sociais). Dessa maneira, Erundina pontua a importância das bases e reafirma o seu compromisso com o projeto político-partidário petista. Em um texto de sua campanha para vereadora foi dito:

Nós trabalhadores, temos agora um instrumento construído por nós mesmos, que é o nosso partido, o PT.

⁷⁹⁶ IAMAMOTO, Marilda Villela; DE CARVALHO, Raul. *Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. São Paulo: Cortez [Lima, Peru] CELATS, 2006.

⁷⁹⁷ SOUSA, Luiza Erundina de. *Luiza Erundina (depoimento, 2001)*. Rio de Janeiro, CPDOC/Ministério da Previdência e Assistência Social – Secretaria de Estado de Assistência Social, 2002.

Nós trabalhadores, somos considerados de segunda categoria e incapazes de fazer política por quem se julga no direito de falar e decidir por nós. Estamos hoje, através do PT, participando ativa e conscientemente da política (...). O PT é expressão da consciência do trabalhador e se constrói como fruto do avanço dessa consciência.

No PT, o trabalhador participa das decisões, escolhe seus candidatos e também é candidato. Precisamos acabar com essa mentira de que o trabalhador não sabe fazer política, não é capaz de governar.⁷⁹⁸

Erundina falava para as (os) eleitoras (es). Como nordestina, ela poderia ter a identificação de boa parte das periferias paulistanas, composta em grande parte por essas (es) migrantes ou pelas (os) filhas (os) delas (es). Pensando no texto em si, podemos notar como a proposta petista do governo de trabalhadores constitui a sua fala.⁷⁹⁹ Para além da apropriação mnemônica deste lema em sua autobiografia, ele serviria naquele momento para identificar o seu plano de governo como parte da agremiação. Ela segue o lema do partido para o povo, o que teria igualmente o objetivo de chamar a atenção daquelas (es) que participavam de movimentos de base e sindicais, parte expressiva do seu eleitorado.⁸⁰⁰ Utilizando-se dessas noções, sua relação com as (os) demais companheiras (os) foi apresentada como harmônica, silenciando possíveis conflitos. Como documento utilizado para referenciar sua autobiografia, ele serve para reforçar uma lembrança popular e unitária sobre o PT no momento em que ela se tornava um de seus quadros.

De acordo com Lincoln Secco,⁸⁰¹ essa memória permaneceu no imaginário de seus militantes e influenciou inclusive em estudos realizados posteriormente. Entretanto, ele reforça que a heterogeneidade do PT trazia conflitos devido a diferenças de classe, gênero ou posicionamento político. Anos depois do texto acima, em um discurso na Assembleia Legislativa, Luíza disse:

Quero agradecer aos meus companheiros da assessoria coletiva, em especial ao companheiro Amir Khair como chefe de gabinete e que comigo conseguiu articular, coordenar e levar o trabalho da bancada durante esses meses com a máxima dedicação e com máximo empenho e com o compromisso real de servir ao novo partido, à população trabalhadora do nosso município (...). Agradeço a todos os companheiros de bancada (...) na esperança de que daqui pra frente continuemos juntos na defesa daquilo que é comum, daquilo que

⁷⁹⁸ Partido dos Trabalhadores. Lutar é preciso. In: SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit, 1991. p. 130.

⁷⁹⁹ De acordo com Paulo Henrique Martinez, durante a década de 1980 o PT adotou a estratégia de conquistar o Estado construindo assim um governo de trabalhadores. Tal ponto de vista estava embasado em repertórios socialistas e na valorização da democracia, esta entendida como o fim das desigualdades políticas fomentadas por problemas de classe, dentre outros fatores. (MARTINEZ, Paulo Henrique. Op Cit, 2007.).

⁸⁰⁰ OLIVEIRA, Roberto Vêras de. Op Cit, 2011.

⁸⁰¹ SECCO, Lincoln. Op Cit, 2011.

do interesse de todos, que é a melhor condição de vida para a população paulista, sobretudo a população trabalhadora, a população sofrida, a população oprimida e a população tão discriminada nesta sociedade e neste país. Minha opção pelo PT é a opção pelos trabalhadores, e minha opção pelos trabalhadores é a opção pela transformação da sociedade, pela construção do socialismo.⁸⁰²

Na tribuna, a fala de Luíza permanecia voltada para o trabalho da bancada, a sua unidade e o caráter popular do PT. Todavia, a relação de nossa personagem com a legenda nem sempre foi harmônica, pois sua visão dos fatos ganhou *novos* contornos com o passar do tempo. Se, naquele momento, as tensões eram silenciadas, após a experiência com a prefeitura (1989 – 1993) e o ministério (1993) o projeto petista passa a ser lembrado com certo desânimo:

Guardo recordações apaixonadas do processo de constituição e crescimento do PT, que era alegre, era um sonho, era uma utopia. No começo, tudo era realmente uma festa. Hoje, já envelheceu um pouco. Quando era mais movimento que partido, despertava a atuação entusiasta dos jovens; hoje as propostas originais estão escassas. (...). Surgiu a disciplina do partido, que consistia no programa da corrente interna vitoriosa naquele momento. Essa é a minha pedra no caminho e meu profundo sofrimento. Amo as pessoas e os ideais, e creio que o PT exerça uma função insubstituível na evolução do nosso país. Mas todos esses fragmentos formam um mosaico, no qual me reconheço cada vez menos. Tenho muita saudade da festa daqueles tempos.⁸⁰³

Luíza não era alinhada a uma corrente trotskista como Lélia. Ela fez parte do campo majoritário até 1983 e assinou o Manifesto da Articulação, sendo uma dentre as vinte e uma mulheres signatárias,⁸⁰⁴ quantidade pequena se comparada aos homens, apesar delas terem uma presença expressiva nos núcleos e movimentos de base.⁸⁰⁵ Como dito anteriormente, muitas daquelas que ascendiam a cargos de liderança usavam do capital cultural ou político construído nos sindicatos ou movimentos sociais para

⁸⁰² SOUSA, Luíza Erundina de. Discurso no Pequeno Expediente ALESP. 22 de junho de 1988. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 17 de julho de 1988. p. 52. Acervo Online. Disponível em: https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f1988%2fexecutivo%2520secao%2520i%2fjulho%2f13%2fpag_0048_4A2184FPRGE12eCIRGOTBKJLH5B.pdf&pagina=48&data=13/07/1988&caderno=Executivo%20I&paginaordenacao=100048 Acesso: 26/01/2021 às 00:18 hrs.

⁸⁰³ SOUSA, Luíza Erundina. Relato. In: BIMBI, Linda. Op Cit, 1996. p. 76 – 77.

⁸⁰⁴ Assinaram o Manifesto dos 113 as seguintes mulheres: Irma Passoni, Irede Cardoso, Janete Rocha Pietá, Maridite de Oliveira, Lêda Rejane Queiroz, Graça Mentor, Elizabeth Souza-Lobo, Lizete D. Silvio, Leonide Tatto, Maria de Lourdes Silva, Marcia Mulin Firmino da Silva, Rosaly Aparecida Rodrigues Silveira, Lucia Holanda, Terezinha Martins, Clara Charf, Helena Segundo, Marta Balieiro, Therezinha Santos Fini, Mayumi Watanabe de Souza Lima, Erminia Maricato e Luíza Erundina (Articulação. Companheiros do PT. 1983. p. 3 – 4. São Paulo: CSBH-FPA.).

⁸⁰⁵ SECCO, Lincoln. Op Cit, 2011.

ganhar o reconhecimento de seus pares,⁸⁰⁶ como foi o caso de Lélia. Luíza era vereadora e tinha histórico de militância em uma associação profissional e Irma vinha do MCV e da Pastoral Operária. Assim como nossas personagens, a nova corrente era formada por uma diversidade de grupos que iam desde religiosas, como a própria Irma Passoni, até feministas, como Irede Cardoso.⁸⁰⁷ Ao narrar a sua experiência na prefeitura, Luiza não deixa de mencionar a contribuição das companheiras do PT:

Sempre considerei a administração da cidade de São Paulo uma tarefa coletiva. Tive a sorte de contar com uma equipe de colaboradores à altura de um governo nacional. (...). Davam-se um apoio formidável (ainda que não substituíssem a falta crônica de um ombro para chorar). Trata-se de profissionais competentes, como Dalmo Dallari, Paulo Freire, Marilena de Souza Chauí, Paul Singer, Raquel Rolnik, Maria José de Oliveira Araújo, Zoraide Inês Faustinoni da Silva, Paulo Sandroni e Ermínia Maricato, para citar só alguns. Essas pessoas traziam nas costas belas histórias de vida e de batalhas, cada um deles me dava segurança na área em que atuava. Porém, eram personalidades diferentes uma da outra, que nunca tinham trabalhado juntos, heterogêneas também com relação à ala de origem dentro do PT.⁸⁰⁸

Essas mulheres, junto a companheiros homens, surgem nas suas memórias, mas as divergências não deixam de ser consideradas, talvez pelas pressões do partido em indicar nomes para compor o seu secretariado. Como dito anteriormente, a heterogeneidade do PT gerava conflitos, o que não deixou de ser lembrado por nossa personagem. Essas lembranças quebram com a unidade que aparece nas suas falas anteriores, formuladas em contextos diferentes, o que se acentuou em uma entrevista que foi realizada ano depois com pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas:

Achava que poderia ajudar o meu país e vim [para o governo Itamar Franco], mesmo contrariando uma decisão partidária. Aquilo foi considerado algo inaceitável para um partido de esquerda. Até compreendo que, de fato, para um partido de esquerda, você se insurgir contra uma decisão – a maioria de um voto, foi um diretório com um voto de diferença – é grave (...). Não posso me submeter. Entendo que a democracia interna é importante, mas não posso subordinar meus compromissos de consciência a uma decisão, a meu ver, meramente oportunista, eleitoral (...). Política não é isso. A realidade não é linear, não é mecânica, não é funcional. Ela é dialética. E eu achava que se o PT fosse para o governo Itamar, levando um projeto – o Itamar queria isso, sou testemunha que ele preferia ter-se coligado com o PT, com a esquerda,

⁸⁰⁶ PINTO, Celi Regina J.; SILVEIRA, Augusta. Op Cit, 2018.

⁸⁰⁷ Irede Cardoso (1938 – 2000) nasceu em Jundiá – SP e graduou-se em Jornalismo. Trabalhou na *Folha de São Paulo* e escreveu textos sobre gênero e feminismo. Publicou o livro *Os tempos dramáticos da mulher brasileira* em 1981. Próxima desses movimentos, elegeu-se vereadora na cidade de São Paulo em 1982 e 1986. Auxiliou na campanha e na gestão da prefeita Luíza Erundina, mas desligou-se do PT em 1990. Migrou para o PV e depois para o PMDB, mas permaneceu na Câmara Municipal até 1992. Filiou-se ao PPB em 1995, partido em que atuou até a sua morte. (S/A. Morre em São Paulo a ex-vereadora Irede Cardoso. *Folha de São Paulo*. 08/12/2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u16283.shtml> Acesso: 26/01/2021 às 00:18 hrs.)

⁸⁰⁸ SOUSA, Luíza Erundina. Relato. BIMBI, Linda. Op Cit, 1996. p. 101.

do que com o PFL e companhia. (...) E eu provoquei a minha saída, eu sei que provoquei. Mas provoquei exatamente porque não ia conceder, não ia compactuar com coisas que não tinham nada a ver com meus compromissos.⁸⁰⁹

As tensões com o PT são ressaltadas nessa entrevista. Se analisarmos as diferenças temporais entre os relatos, podemos compreender melhor as mudanças de posição de Luíza. Se no início a unidade e a harmonia eram o enfoque, o saudosismo surge em um segundo momento e as angústias logo em seguida. Tal ponto de vista se acentuaria na medida em que recebeu críticas dentro e fora do seu partido e principalmente após a sua desfiliação (1997), o que analisaremos melhor no próximo capítulo. Erundina não era a única a ter essa sensação, pois sua companheira de partido, Irma Passoni, expressa lembranças semelhantes. Apesar da saudade dos anos iniciais, ela também reconhece como certos conflitos interferiram no seu trabalho:

Foram realizadas 750 assembleias no Estado de São Paulo, quando examinamos essa possibilidade de surgimento e construção do PT: foi uma tomada de decisão coletiva, muito bem pensada. (...) eu sentia que a Igreja, de repente, me via como um “político eleito”... E, para o partido, éramos basistas, os igrejeiros, não é? Enfrentávamos questionamento de todos os lados. As dificuldades aumentaram quando eu fui Secretária de Organização do PT e fui formar as comissões provisórias do partido. Se aqui na capital já era difícil, no interior era muito pior (...). Era um trabalho insano.⁸¹⁰

Irma lembra da construção do PT a partir da sua experiência como deputada estadual. Partindo de um tom heroico, ela resalta a dificuldade de organizar a legenda e as distâncias percorridas com essa finalidade. As assembleias de moradores do MCV servem para compreender os motivos de sua filiação, atribuindo o fato a um movimento coletivo. Mesmo assim, as tensões não deixaram de surgir, pois tanto da parte dos religiosos quanto do partido Irma e seus pares sofriam com desconfiças e acusações. Elas vinham, de um lado, da resistência de setores da Igreja com as esquerdas tradicionais e, de outro, do rechaço de alguns companheiros a doutrinas religiosas. De acordo com Adriano Henriques Machado,⁸¹¹ grupos católicos contestavam a criação do PT. Se para os conservadores havia o temor da influência marxista, para os progressistas a ideia soava precipitada em um primeiro momento, pois era entendida como algo que

⁸⁰⁹ SOUSA, Luiza Erundina de. *Luiza Erundina (depoimento, 2001)*. Rio de Janeiro, CPDOC/Ministério da Previdência e Assistência Social – Secretaria de Estado de Assistência Social, 2002.

⁸¹⁰ PASSONI, Irma. Entrevista realizada em São Paulo em 28 de agosto de 2006. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre (orgs.). *Op Cit*, 2008. p. 318.

⁸¹¹ MACHADO, Adriano Henriques. Os católicos e o Partido dos Trabalhadores: Aproximações, distanciamentos e suas diversas tensões. *Perseu: História, Memória e Política*. nº 7, ano 5, 2011.

dividiria a oposição à ditadura. O autor ainda mostra que o MCV e outros movimentos de base da Igreja Católica questionavam se o partido não desviaria o foco dos grupos de bairro, pois estaria apoiado nos anseios de sindicalistas. Mesmo assim, Machado não deixa de tratar daqueles que viam o projeto petista com simpatia.

Do outro lado dessa relação, Claudete Gomes Soares mostra que muitas discussões eram rejeitadas no interior do PT por não serem identificadas com o operariado,⁸¹² o que incluiria parte dos debates trazidos pelas CEBs. Outras questões não deixam de aparecer nas lembranças de nossa personagem. Ao recordar de sua atuação no PT, ela fala da falta de estrutura do partido:

Fui secretária de Organização sem nenhuma estrutura, sem nenhum tostão. A gente dormia na casa das pessoas que participavam das comunidades, comia na casa delas, que, muitas vezes, mal tinha o que comer. Construimos o PT assim. Isso também aconteceu na organização nacional do PT. A estrutura disponível era a dos mandatos dos deputados (...). Os deputados eleitos tinham que dar 30% do seu salário diretamente ao PT. Mas, ao mesmo tempo, todas as despesas eram por conta da gente. (...). Formamos uma equipe, em nível nacional, de personalidades históricas: o Carlos Eduardo Zanatta, de Brasília, e o César Álvarez, do Rio Grande do Sul (...). E assim fomos construindo o PT no Brasil inteiro, com os esforços de cada indivíduo, em cada lugar, com recursos próprios.⁸¹³

Irma compreende que a sua contribuição para a formação do PT estava no trabalho na Secretaria de Organização. Mesmo entendendo que haveria uma diferença de classe em relação aos militantes das CEBs, ela não deixa de se identificar com eles. Ela também reconhece que o partido representaria os setores populares e lembra de ter dito em uma reunião do MCV que: “Nós não temos compromisso com o MDB. O MDB era apenas um instrumento para nós. Se agora tem um partido que tem mais a cara da gente, uma expressão do movimento popular e operário, então nós temos que construir o PT”.⁸¹⁴ Essa perspectiva persistiu nos anos em que foi deputada estadual. Respondendo a boatos de que se utilizaria da agremiação como legenda temporária, ela respondeu na plenária:

A medida que esses Deputados ingressaram no Partido dos Trabalhadores fica muito clara a opção, fica muito claro o sentido de entrar para o Partido dos Trabalhadores que é a construção desse partido (...) Quero deixar claro também que o compromisso que os Deputados assumirem, não é um

⁸¹² SOARES, Claudete Gomes. *Raça, classe e cidadania: a trajetória do debate racial no Partido dos Trabalhadores (1980 – 2003)*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009. p. 40.

⁸¹³ PASSONI, Irma. Entrevista realizada em São Paulo em 28 de agosto de 2006. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre (orgs.). *Op Cit*, 2008. p. 318 – 319.

⁸¹⁴ *Idem*. p. 317.

compromisso passageiro, oportunista, em busca de reeleição (...) Há um compromisso importante com a classe trabalhadora deste país (...) Para nós, tudo isso tem sentido; tem um sentido profundo, de participação política da classe dos trabalhadores, que foi colocada à margem, foi tolhida na sua liberdade de participação, e que, na verdade, foi massacrada.⁸¹⁵

Como deputada, Irma tinha mais visibilidade e dispunha de outras ferramentas para divulgar o partido. De fato, a legenda tinha o projeto de trazer os setores de base para os espaços políticos e essa postura serviria para distingui-lo de outras agremiações, construindo o seu eleitorado entre trabalhadores, movimentos de base e grupos de esquerda.⁸¹⁶ Essas referências permaneceram na fala de nossa personagem. Em 1987, Irma denunciou ao jornal *Mulherio* a falta de espaço que o PT deu para a sua campanha:

Queixas dos partidos não faltam, até mesmo a líder do PT na Câmara Federal, Irma Passoni, reeleita a duras penas, tem as suas: “Nessas eleições o coro do „já ganhou“ dentro do partido acabou comprometendo a eleição de muitos candidatos, sem falar que não houve qualquer tipo de apoio durante a campanha. Não tive espaço no horário político, nem nos palanques”.⁸¹⁷

Se, por um lado, a insatisfação de Irma ocorria devido às disputas internas, por outro, ela poderia ser fruto também de discriminações de gênero. Como dito anteriormente, nos anos 1980 a presença de mulheres era negligenciada por parte da militância do PT.⁸¹⁸ Além do mais, o texto acima foi publicado em um jornal feminista, o qual tinha o interesse de denunciar a invisibilidade feminina e as barreiras impostas às mulheres, atentando assim para aquilo que era considerado injusto aos olhos de parte destes movimentos, como a já mencionada predominância masculina e o silenciamento da presença feminina nos partidos políticos. A insatisfação de Passoni reapareceu em um relato realizado em 2006 a Marieta de Moraes Ferreira e Alexandre Fortes:

Na posse dela [Luíza Erundina], a gente tentou ir lá e dizer: “Nós estamos aqui também”. E a gente não conseguiu ser parte do governo. O poder também a cercou, do mesmo jeito que com governos anteriores, e nos restou como sempre a organização e a pressão popular. A gente não tinha canais de diálogo. Eu sou amiga da Erundina, mas nós não tínhamos nenhuma facilidade a mais por ela ser do PT. Mas eu acho que o poder é assim. Ele captura quem está lá, cria uma redoma e não deixa ninguém penetrar (...) Pessoas que nunca tinham usado a estrela põem uma baita estrela no peito – de prata, não é? – e tomam o poder. E eles dizem quem entra e quem não entra. Com a Erundina foi a mesma coisa. Ela era muito mais uma militante sindical, da categoria dos assistentes sociais, não tinha esse envolvimento

⁸¹⁵ PASSONI, Irma. Discurso no grande expediente. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 15 de abril de 1981. p. 36.

⁸¹⁶ KECK, Margareth. Op Cit, 1991.

⁸¹⁷ S/A. Um Record nacional. Mulherio. Número 27. De dezembro de 1986 a fevereiro de 1987. p. 11. São Paulo: CEDEM-UNESP.

⁸¹⁸ SANTOS, João Marcelo Pereira dos. Op Cit, 2009.

popular que a gente tinha. Então, ela não nos enxergava, ela não nos entendia. Foi guerra o tempo todo.⁸¹⁹

Irma, ao contrário de Lélia, lembra com angústia da gestão de Luíza Erundina. Pensando na estrutura burocrática do partido, ela afirma que não havia espaço para a participação das bases, apesar da retórica petista pregar a aproximação com esses setores. Nesse caso, a diferença entre as inserções das militantes – uma no movimento popular e outra no movimento sindical – parece se sobrepor ao fato de serem mulheres.

Como já foi dito neste capítulo, o rechaço àqueles que não vinham das bases era parte da retórica do PT e do MCV.⁸²⁰ Irma estava imersa nesses dois espaços e absorveu parte de seus debates, utilizando-se deles para interpretar sua militância. Sendo assim, o fato de acusar Erundina de “não ter esse envolvimento popular que a gente tinha”⁸²¹ representaria mais uma crítica à posição que a última conseguiu no partido do que um ataque pessoal. Outro dado que devemos levar em consideração neste caso é que não temos como analisar a participação de mulheres no partido como se elas fossem um bloco homogêneo. Ao mesmo tempo que a legenda foi representada como unitária, harmônica e popular, há o equívoco de reproduzir uma *visão generalista* sobre seus grupos internos, pois as tensões se fizeram presentes entre as mulheres petistas, assim como entre religiosos ou sindicalistas.⁸²² Seja como for, o nosso objetivo aqui é o de analisar as relações de Irma com outras companheiras e não nos restringirmos apenas à memória dela sobre a maioria masculina. Retornando às angústias de nossa personagem, ela ainda diz:

Quando vem uma crise dessas do ano passado [2005], é incompreensível para as pessoas (...). Por isso é que muita gente nesse momento preferiu ir para o PSOL (...). Somos testemunhas de cinquenta, sessenta anos de história, para conquistar o governo, e agora não somos parte dele (...). Falta muito ainda, na nossa ação política, para passar da militância “voluntarista” para a militância com capacidade estratégica de efetivamente ser parte do governo e do poder de se fazer respeitar (...). Os chamados intelectuais têm mais facilidade. Os militantes de grupos de dentro do partido, eles se reuniam e liam, liam e liam, e eram mais rápidos (...). Eu acho que os sindicalistas conseguiram se estruturar, se fortalecer e se manter. Mas o movimento popular se perdeu. Ele

⁸¹⁹ PASSONI, Irma. Entrevista realizada em São Paulo em 28 de agosto de 2006. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre (orgs.). Op Cit, 2008. p. 322.

⁸²⁰ SECCO, Lincoln. Op Cit, 2011; MONTEIRO, Thiago William Nunes. *'Como pode um povo vivo viver nesta carestia': o movimento do custo de vida em São Paulo (1973-1982)*. São Paulo: Humanitas, 2017.

⁸²¹ PASSONI, Irma. Entrevista realizada em São Paulo em 28 de agosto de 2006. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre (orgs.). Op Cit, 2008. p. 322.

⁸²² SECCO, Lincoln. Op Cit, 2011.

não tem expressão no partido. Assim como os intelectuais. Eu acho que eles também ficaram sem papel, especialmente na hora do poder, do governo...⁸²³

Irma faz referência ao episódio das denúncias de compra de votos de 2005, quando o partido já ocupava a presidência da República. De acordo com Lincoln Secco,⁸²⁴ o problema desconstruiu muitos dos simbolismos que cercavam o PT. Além disso, ele mostra como as denúncias foram fomentadas por partidos de oposição que estavam de olho no pleito do ano seguinte (2006). Segundo Rodrigo Patto de Sá Motta,⁸²⁵ a mídia serviu de apoio para o fortalecimento da crise, visando desconstruir a imagem do PT e favorecer candidaturas de centro-direita. Nesse sentido, Irma tentou fazer um balanço do partido a partir do momento em que relatava e ressaltou aquilo que a incomodava: falta de espaço, tensões com grupos internos e diferenças de classe com setores estudantis ou intelectuais.

Apesar de convergirem em alguns momentos, cada uma de nossas três personagens possui uma trajetória e um ponto de vista sobre o partido. Lélia não narra tensões e lembra de um PT popular que contemplava os anseios de professores e intelectuais. Posteriormente, suas críticas são feitas para ensinar a militância. Luíza demonstra saudosismo com as origens da legenda, mas entende que o plano inicial havia se transfigurado, gerando decepções. Já Irma compartilha dessa visão alegre e heroica das *origens*, mas interpreta que as brigas internas boicotaram parte de seus anseios. Seja como for, o PT possuía seus conflitos, muitos deles motivados por uma ideia masculinizada de partido (silenciando ou omitindo a presença de mulheres), discordância da relevância de certas demandas (como a violência doméstica ou o debate do racismo) e a luta entre correntes (como a tensão entre trotskistas e o campo majoritário).⁸²⁶ Nossas três personagens certamente tiveram contato com esses problemas. Contudo, ao ganharem espaço interno (seja por seus mandatos ou capitais políticos) podem ter esquecido, ou mesmo silenciado, os conflitos de gênero nas suas falas públicas.

⁸²³ PASSONI, Irma. Entrevista realizada em São Paulo em 28 de agosto de 2006. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre (orgs.). Op Cit, 2008. p. 320.

⁸²⁴ SECCO, Lincoln. Op Cit, 2011.

⁸²⁵ MOTTA, Rodrigo Patto de Sá. O lulismo e os governos do PT: ascensão e queda. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Op Cit, 2018.

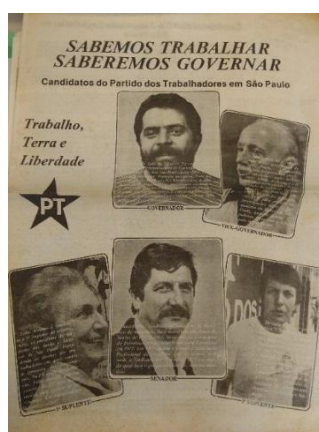
⁸²⁶ SANTOS, João Marcelo Pereira dos. Op Cit, 2009; SECCO, Lincoln. Op Cit, 2011; REIS FILHO, Daniel Aarão. Op Cit, 2007.

Lélia não teve vivência em plenário e não presenciou as denúncias de 2005. A partir de seu posto no diretório, ela também não conviveu diretamente com as alianças e acordos que contribuíram para decepcionar Luíza e Irma. Seja como for, as maneiras como elas se relacionam com o PT deve ser historicizada e não pensada como algo imutável ou isento da interferência de certos eventos (externos ou internos ao Partido). As mudanças nos relatos mostram como um sujeito pode rever seus pontos de vista de acordo com seus interesses e necessidades, rompendo com imagens de coerência ou homogeneidade postas sobre suas vidas.

Companheiras? Trabalhadoras? O Partido olha para nossas personagens

Lélia foi candidata a suplente de senadora nas eleições de 1982. A chapa era encabeçada por Lula. Com o intuito de divulgar nomes e dar visibilidade ao novo partido, a militância produziu uma série de materiais para apresentar as propostas daqueles quatro homens e daquela mulher. Em um deles foi escrito:

Lélia Abramo é candidata a 1ª suplente de senador. Atriz, ex-presidente do Sindicato dos Atores e Técnicos de São Paulo. Defendendo os direitos dos trabalhadores em artes contra a ganância dos empresários. No PT desde sua fundação, Lélia entende que um governo do PT será fundamental para ampliar os movimentos dos trabalhadores visando o poder.⁸²⁷



Partido dos Trabalhadores. Sabemos trabalhar. Sabemos governar. Trabalho, terra e liberdade. 1982. São Paulo: Coleção Lélia Abramo, IEB – USP.

⁸²⁷ Partido dos Trabalhadores. Sabemos trabalhar. Sabemos governar. Trabalho, terra e liberdade. Material de campanha. 1982. São Paulo: Coleção Lélia Abramo, IEB – USP.

Lélia foi apresentada ao lado de três sindicalistas e um jurista. Sua experiência no SATED-SP foi utilizada para legitimar a sua candidatura, mas sua condição de mulher não. De acordo com Flávia Biroli,⁸²⁸ as oposições de esquerda seguidamente silenciavam debates sobre a participação política feminina por entender que deveriam se voltar para o *interesse geral* dos trabalhadores (vistos genericamente no masculino). Mas essa perspectiva masculina da política operária não se restringia aos partidos. Marta Rovai⁸²⁹, por exemplo, escreve que a participação feminina foi omitida naquilo que foi lembrado da greve dos metalúrgicos de Osasco (1968), imagem essa presente inclusive no decorrer daqueles fatos. Analisando outro caso, Vinícius Donizete Rezende⁸³⁰ mostra que a ausência de mulheres na liderança dos sindicatos calçadistas de Franca – SP era recorrente e tornou-se pauta entre trabalhadores (as) na década de 1980. Imaginários, memórias e pontos de vista como esses não deixaram de perpassar o PT e seus militantes.

Associada ao SATED-SP, Lélia surge como representante da parcela explorada dos atores e atrizes brasileiros (as), o que a aproximaria das lideranças e bases sindicais do PT. Apesar de a atriz não ter sido escolhida para um cargo eletivo, ela não deixaria de se utilizar de estratégias como essas, pois o fato de ter sido presidente de um sindicato lhe abria um canal de comunicação com as lideranças metalúrgicas de São Bernardo do Campo (e que agora estavam na cúpula de seu partido). Essa representação apareceu também em outro material de campanha:

– Nunca me imaginei candidata a nada dentro do Partido. Estou no PT como qualquer militante, pois minha luta junto aos trabalhadores é de longa data.

Lélia foi secretária, trabalhou em banco e, mais tarde, na agência Hansa [sic.] [ANSA] de notícias. Quando jovem, fez parte da diretoria do Sindicato dos Comerciários, na época (1933 – 1934) uma das entidades de classe mais combativas do país. (...)

– Em 1977 fui eleita presidente do Sindicato dos Atores e Técnicos em Espetáculos e Diversões. Nesse ano exatamente, a profissão de ator foi reconhecida pelo governo. Daí minha batalha para fazer valer a lei, o que me levou a atritos faribundos com empresários de televisão, cinema e teatro. Minha atuação no Sindicato fez com que encontrasse as portas do mercado fechadas.

Em 1978, estoura o movimento grevista dos metalúrgicos de São Bernardo. Lélia reconhece neste movimento toda sua legitimidade, vê a importância do

⁸²⁸ BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

⁸²⁹ ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *A greve no masculino e no feminino: Osasco, 1968*. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

⁸³⁰ REZENDE, Vinícius Donizete. Op Cit, 2007.

reanimar do movimento operário desvinculado de qualquer partido, sua força, sua independência.

– Resolvi então me aproximar do Lula, de quem nunca mais me afastei. Entrei para o PT certa de que ele representava e representa um avanço histórico na luta dos trabalhadores brasileiros, uma grande esperança. (...) ⁸³¹

O texto acima circulava tanto dentro quanto fora do partido (nas ruas, portas de fábricas, sindicatos ou universidades) e a sua intenção era aproximar Lélia das bases do PT. Em um folheto desenhado a mão, ela e sua chapa aparecem sob a expressão “Trabalhador vota em trabalhador”. ⁸³² O material foi feito para estimular a formação de núcleos nos bairros paulistanos e também para divulgar candidaturas. Devemos lembrar que esses papéis poderiam circular inclusive em bairros da periferia, como ocorria com os panfletos do MCV ⁸³³ e de outros grupos organizados junto às CEBs.



Partido dos Trabalhadores. Forme um Núcleo do PT. 1982. São Paulo: Coleção Lélia Abramo, IEB – USP.

Se observarmos os nomes que compunham os panfletos de 1982 (Lula, Lélia, Hélio Bicudo, Jacó Bittar), notamos que todos eram brancos. Como bem alerta Flávia Biroli, ⁸³⁴ a raça também é constituinte das barreiras e possibilidades por meio das quais as mulheres participam da política institucional. Lembrando da participação expressiva

⁸³¹ Partido dos Trabalhadores. Estes são os candidatos do PT! Material de campanha. 1982. São Paulo: Coleção Lélia Abramo, IEB – USP.

⁸³² Partido dos Trabalhadores. Forme um núcleo do PT. Material de Campanha. 1982. São Paulo: Coleção Lélia Abramo, IEB – USP.

⁸³³ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 165.

⁸³⁴ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018.

de negras (os) nas bases do PT,⁸³⁵ salta aos nossos olhos o fato de não haver uma (um) representante não-branco na chapa paulista. Sem desconsiderar o problema, devemos, por outro lado, ter em mente que a preocupação do partido era de, neste caso, representar diferentes setores profissionais, independente de gênero ou raça, reafirmando assim sua identidade com os mundos do trabalho.⁸³⁶

Lélia não foi eleita naquele ano, mas o partido continuou utilizando seu nome para convocar eventos, provavelmente levando em conta seu prestígio artístico e a respeitabilidade que vinha de longa data junto à esquerda.⁸³⁷ Além do mais, ela era requisitada em diferentes momentos para plenárias ou reuniões, algumas das quais realizadas em sua residência (o que ocorreria talvez pela sua localização no bairro da República, Centro de São Paulo).⁸³⁸ Em uma carta assinada pela Secretária Geral do PT (Irma Passoni), vê-se que Lélia ganhou destaque em reuniões onde se escolheriam os candidatos de 1982,⁸³⁹ o que ocorreu também nos pleitos seguintes, na medida em que ela era membro do Diretório Nacional (DN).



Partido dos Trabalhadores. Convocatória. s/d. São Paulo: Coleção Lélia Abramo, IEB – USP.

⁸³⁵ SOARES, Claudete Gomes. Op Cit, 2009. Em outros estados havia candidaturas como as de Benedita da Silva, no Rio de Janeiro, mas para um cargo de vereadora. Em outros níveis essa proporção poderia ser modificar, mas analisamos aqui o caso paulista (do qual Lélia foi parte).

⁸³⁶ MARTINEZ, Paulo Henrique. Op Cit, 2007.

⁸³⁷ Partido dos Trabalhadores. Convocatória. s/d; S/A. Venha conversar com Lélia Abramo. s/d. São Paulo: Coleção Lélia Abramo, IEB – USP.

⁸³⁸ Nos fundos pessoais de Lélia Abramo há uma série de telegramas que a convocam para reuniões do Diretório Nacional do PT. Neles, podemos notar o local e o dia marcados para os eventos. Essas fontes estão disponíveis em seu acervo pessoal sob custódia do IEB – USP. Elas só podem ser reproduzidas mediante autorização expressa de sua família.

⁸³⁹ PASSONI, Irma Rossetto. Aos presidentes, secretários e membros dos diretórios municipais e distritais do PT. 1982. São Paulo: Coleção Lélia Abramo, IEB – USP.

Lélia não se candidatou a outros cargos durante a sua militância partidária. Entretanto, foi convidada por Luíza Erundina e Marilena Chauí para compor a sua equipe na prefeitura de São Paulo, atuando como assessora especial de teatros da Secretaria Municipal de Cultura. Após quatro anos de trabalho, nossa personagem foi apresentada da seguinte maneira no balanço final da prefeitura (1992):

Queremos, em especial, agradecer toda a colaboração que nos foi, tem sido e esperamos continua a ser dada pelos companheiros Alípio Vianna Freire, Maurício Segalle, e Irede Cardoso. Queremos, finalmente, anunciar a honra que nos foi feita por essa mulher admirável e artista inigualável que aceitou fazer parte da Direção da Secretaria Municipal de Cultura, Lélia Abramo.⁸⁴⁰

A posição de mulher de Lélia é destacada no texto assinado por Marilena Chauí. Dentre os possíveis fatores que contribuiriam para essa abordagem, devemos lembrar que a secretária era próxima de grupos feministas e a gestão possuía a marca de ser encabeçada por uma mulher (fato inédito até então em São Paulo). Também, esse governo teve um programa voltado para demandas de gênero,⁸⁴¹ o que analisaremos melhor mais adiante. Por fim, o material foi produzido num período posterior aos debates da Assembleia Nacional Constituinte (1988), nos quais discutiu-se amplamente os direitos e a participação política femininas,⁸⁴² o que poderia chamar a atenção para a questão da representatividade política desses sujeitos.

Abramo apareceu também em um vídeo produzido pela Secretaria Municipal de Cultura em 1992.⁸⁴³ Ela ainda participava de filmes e peças de teatro (apesar dos boicotes sofridos na televisão), o que poderia ser utilizado como ferramenta política. Além do mais, devemos lembrar que a idade e a trajetória política de Lélia moldariam a sua relação com as (os) demais companheiras (os). Como analisaremos mais a fundo na seção seguinte, a posição geracional de Lélia e suas experiências com discriminações etárias influíram na elaboração de projetos de políticas públicas, além de servirem para a construção de capitais políticos com a militância.

⁸⁴⁰ SECRETARIA Municipal de Cultura de São Paulo. Balanço dos anos de 1989 e 1990. 1990. P. 7. São Paulo: Coleção Lélia Abramo, IEB – USP.

⁸⁴¹ DELGADO, Maria do Carmo Godinho. Op Cit, 2007.

⁸⁴² Dentre os trabalhos sobre o assunto cito: AMÂNCIO, Kerley Cristina Braz. “Lobby do Batom”: uma mobilização por direitos das mulheres. *Revista Trilhas da História*, v. 3, n. 5, p. 72-85, 2013; SANTOS, Maria do Carmo Carvalho Lima. *Bancada Feminina na Assembleia Constituinte de 1987/1988*. Brasília: Universidade do Legislativo Brasileiro; Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2008.

⁸⁴³ Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Lélia Abramo no balanço final da Secretaria Municipal de Cultura (SMC). 1992. Youtube. Canal Luíza Erundina. Postagem: 7 de fevereiro de 2012. (2 m 20 s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IMKSq2ZlebU> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.



Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Lélia Abramo no balanço final da Secretaria Municipal de Cultura (SMC). 1992. Youtube. Canal Luíza Erundina. Postagem: 7 de fevereiro de 2012. (2 m 20 s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IMKSq2ZlebU> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

O rosto de Lélia foi focado dentre os títulos de projetos desenvolvidos na gestão da prefeita Luíza Erundina pela pasta da Cultura. Marilena Chauí não individualizou outros servidores além dela. O partido seguiu utilizando de seu nome para tratar da história das esquerdas brasileiras e da sua, o que veremos no quarto capítulo. Por enquanto, vamos voltar nossas atenções para a relação do partido com outra de nossas personagens.

O PT apresentava Erundina ao eleitorado em 1982. Era a primeira vez que seu nome era trazido à tona e o cargo almejado era o de vereadora da cidade de São Paulo. Como parte do seu material de campanha, um texto com o título “Lutar é preciso” diz:

Aprendi, muito cedo, como nordestina e filha de camponeses que a vida não é a mesma para todas as pessoas.

Quando criança eu olhava o céu procurando descobrir sinais de chuva. Eu pressentia quando ela não vinha pela expressão aflita dos meus pais. Daí começava a desarrumação na vida da minha e de todas as famílias que, como nós, tinham que arribar para escapar da seca. (...)

Vindo para São Paulo, me liguei aos movimentos populares com os quais aprendi que a libertação das classes trabalhadoras supõe a transformação econômica e política realizadas por eles próprios. Por isso me empenhei na organização da minha categoria profissional, reativando a Associação Profissional dos Assistentes Sociais de São Paulo (APASSP), e fui eleita sua presidente de 1978 a 1981. (...)

Como professora universitária, tenho insistido para que a Universidade coloque o saber a serviço da coletividade e me empenho na formação de profissionais verdadeiramente comprometidos com uma ação transformadora, no interesse das camadas populares.⁸⁴⁴

O texto foi retirado de uma fala da candidata e a apresentava para a militância e as bases eleitorais. A imagem do Nordeste e da seca são o elo condutor da narrativa, a

⁸⁴⁴ Partido dos Trabalhadores; SOUSA, Luíza Erundina de. Lutar é preciso. In: SOUSA, Luíza Erundina de. *Exercício da paixão política*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

qual associa o trabalhador rural à natureza e legitima seus atos de revolta, reforçado por diferentes vozes no decorrer do século XX.⁸⁴⁵ Essa representação era partilhada por Luíza e por parte daqueles que votariam nela, lembrando que muitos deles eram dessa região e haviam migrado para São Paulo nas levas dos anos 1950, 1960 e 1970.⁸⁴⁶

A associação do Serviço Social à militância sindical e aos movimentos de moradores serviriam igualmente para apresentar a candidata às bases. Outro ponto que devemos observar é que as (os) organizadoras (es) do texto lembraram de dizer que Luíza era professora universitária, porém que seu trabalho serviria não apenas para mobilizar as (os) estudantes do Serviço Social, mas também para atender aos interesses das camadas populares. Essa estratégia poderia ter o intuito de chamar a atenção do eleitorado universitário, o que não deixou de aparecer em um folheto do partido que apresentava as (os) candidatas (os) a vereadora (or) no pleito de 1982: “Luíza Erundina de Sousa, nº 3605 – É professora universitária. Foi Presidente da Associação Profissional dos Assistentes Sociais de São Paulo, de 78 a 81. Liderou a greve dos funcionários municipais em 79.”⁸⁴⁷

Outro caminho seria o de atrair grupos de esquerda e a imagem da greve serviria igualmente para esse fim. Como terceira colocada entre os candidatos do partido e décima primeira na lista geral,⁸⁴⁸ Luíza foi eleita e sua vitória lhe dava abertura para tentar um cargo maior. Nas prévias para a prefeitura da cidade (1985), ela foi escolhida como vice na chapa de Eduardo Suplicy, não foi eleita, mas ficou em terceiro lugar. Apesar dos capitais construídos a partir dos resultados eleitorais, grande parte das lideranças do PT acreditavam que a radicalidade das ações de Erundina seria um empecilho para a sua campanha, medo este que durou até 1988.⁸⁴⁹ Por outro lado, devemos questionar essas explicações e entender que tal representação (radical, extremista) estaria em grande parte ancorada em concepções de gênero. A ideia de uma mulher solteira que participava da resistência a reintegrações de posse poderia causar estranheza, o que seria somado a preconceitos estéticos (na medida em que nossa

⁸⁴⁵ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

⁸⁴⁶ FONTES, Paulo. *Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel paulista (1945-66)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2008.

⁸⁴⁷ Partido dos Trabalhadores. Estes são os candidatos do PT! Material de campanha. 1982. São Paulo: Coleção Lélia Abramo, IEB – USP.

⁸⁴⁸ TRIBUNAL Regional Eleitoral de São Paulo. Resultados eleitorais. Consulta por nome. Sistema Paulística. Disponível em: <http://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/sistema-paulistica> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

⁸⁴⁹ SECCO, Lincoln. Op Cit, 2011.

personagem não se enquadrava ao padrão hegemônico de *beleza feminina*, em geral estereotipado a partir de um ideal eurocêntrico).

De acordo com Melina Izar Marson,⁸⁵⁰ a imagem de uma mulher contrária àquilo que a sociedade lhe impunha gerava temores e constrangimentos. Assim, ela mostra que desde o início do século XX a militância feminista seria representada como masculinizada, radical ou perigosa por ameaçar a divisão familiar tradicional e a maternidade. Esse ponto de vista não se restringia apenas a grupos organizados, mas atingia também aquelas que fossem reconhecidas como “subversivas”. No caso de Luíza, ela era associada a esses estereótipos pela sua militância (temor esse compartilhado pela mídia), o que veremos mais adiante nesse capítulo.

Como dito acima, sua chapa ficou em terceiro lugar no pleito de 1985, atrás de Jânio Quadros⁸⁵¹ (eleito) pela coligação PTB/PFL e de Fernando Henrique Cardoso,⁸⁵² do PMDB. Em 1986, Luíza foi eleita deputada estadual de São Paulo em oitavo lugar na lista geral (segunda do partido).⁸⁵³ Essas vitórias dariam visibilidade à candidata e aumentavam a possibilidade de ela ser escolhida para encabeçar uma chapa, o que de fato ocorreu dois anos depois. Agora candidata à prefeita, Erundina teve a sua condição

⁸⁵⁰ MARSON, Melina Izar. Da feminista "macha" aos homens sensíveis: o feminismo no Brasil e as (des) construções das identidades sexuais. *Cadernos AEL*, v. 2, nº 3/4, 1996.

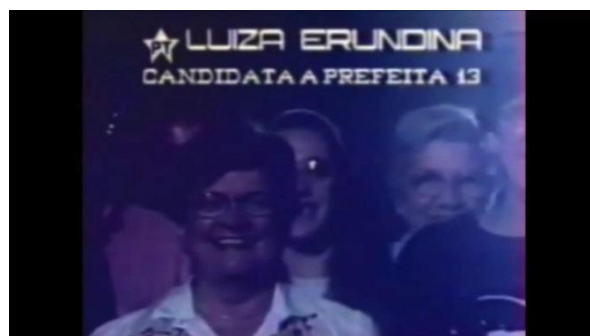
⁸⁵¹ Jânio da Silva Quadros (1917 – 1992) nasceu em Campo Grande – MS (na época Mato Grosso) e graduou-se em Direito pela USP. Foi vereador na cidade de São Paulo (1947 – 1951) e deputado estadual (1951 – 1953) pelo PDC. Foi prefeito de São Paulo (1953 – 1955) e governador do Estado (1955 – 1959), pelo PTN e também deputado federal pelo Paraná (1959 - 1961). Deixou o cargo ao ser eleito Presidente da República em 1961, mas renunciou seis meses depois. Teve seus direitos políticos cassados após o golpe de 1964 e foi detido em 1968. Anistiado em 1974, filiou-se ao MDB e posteriormente ao PTB, vindo a se eleger novamente prefeito de São Paulo (1985 – 1989). Entrou ainda no PSD e no PRN, vindo a apoiar Fernando Collor no pleito de 1989. Faleceu em São Paulo três anos depois. (MAYER, Jorge Miguel; XAVIER, Libânia. Jânio Quadros. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/janio-da-silva-quadros> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.).

⁸⁵² Fernando Henrique Cardoso (1931 -) nasceu no Rio de Janeiro – RJ e graduou-se em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Foi professor no departamento de Sociologia desta instituição até se exilar no Chile em 1967. Viveu na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos, trabalhando como docente. Retornou ao Brasil em 1968, mas teve seus direitos políticos cassados no ano seguinte. Entrou para o MDB em 1974 e se tornou suplente de senador em 1978, vindo a assumir a vaga de André Franco Montoro em 1983. Candidatou-se à prefeitura de São Paulo em 1985, mas ficou em segundo lugar. Reelegeu-se senador em 1986, permanecendo no posto até 1992. Foi nomeado Ministro da Fazenda do presidente Itamar Franco em 1993. Participou da fundação do PSDB em 1988 e se tornou Presidente da República em 1995. Reeleito em 1998, deixou o cargo em 2003. (LEMOS, Renato; CARNEIRO, Alan. Fernando Henrique Cardoso. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cardoso-fernando-henrique> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.).

⁸⁵³ Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo. Resultados eleitorais. Consulta por nome. Sistema Paulista. Disponível em: <http://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-antecedentes/sistema-paulistica> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

de mulher ressaltada, em parte pelos temores que já mencionamos e pelas expectativas em torno da possibilidade de a capital paulista ter uma mulher na prefeitura, fato inédito. Utilizando-se dessa estratégia, a militância criou um *jingle* que dizia:

Quando todos souberem bem do carinho e coragem que você tem
Como naquela canção, se deram as mãos, homem e mulher
É, aí você bota ordem na casa como tem que ser
Com carinho e coragem, Luíza
São Paulo tem você
Luíza, Luíza
Só sendo mulher para acabar com esse tipo de gente
Que não é vidente⁸⁵⁴



PARTIDO dos Trabalhadores. Programa Luíza Prefeita. 1988. Youtube. Canal Uirá Ramos. Erundina prefeita 1988. Postagem: 14 de janeiro de 2013. (8 m 23 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=109YDb5V_sU&t=36s Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

Alguns estereótipos de gênero se fazem presentes na canção. Partilhando da ideia de que a mulher seria quem organiza a casa,⁸⁵⁵ o partido resalta traços como o carinho e transmite uma imagem maternal de Luíza. No vídeo feito para a música, ela foi filmada descendo um dos becos da Vila Madalena acompanhada de operários, jovens, negros e mulheres. A candidata está com um vestido branco e um colar de metal, reforçando uma performatividade feminina. Essa composição poderia servir para transmitir serenidade aos telespectadores e amenizar a ideia de que a candidata era radical, apesar de o partido não deixar de representá-la como uma contestadora. Em outro vídeo, sua imagem foi sobreposta a eventos com a presença de personagens políticos brasileiros e estrangeiros. Dentre as cenas, Luíza retira um papel com a palavra *Não* do paletó do ditador chileno (fazendo campanha contrária ao seu objetivo de se manter no poder por plebiscito) e apresenta um cartaz de campanha ao líder soviético

⁸⁵⁴ PARTIDO dos Trabalhadores. Programa Luíza Prefeita. 1988. Youtube. Canal Uirá Ramos. Erundina prefeita 1988. Postagem: 14 de janeiro de 2013. (8 m 23 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=109YDb5V_sU&t=36s Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

⁸⁵⁵ Flávia Biroli escreve que a divisão sexual do trabalho é um dos elementos constituintes do gênero. Assim, o cuidado da casa e dos filhos ficaria delegado às mulheres, o que seria reproduzido em diferentes espaços e grupos sociais. (BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018.)

Mikhail Gorbatchov, o qual tem uma estrela do PT atrás de si. Com montagens como essas, o partido passava pelo humor a ideia de que Erundina seria alguém que não aceita passivamente aquilo que lhe é dado e tem coragem para interferir nas grandes questões políticas do momento.⁸⁵⁶



Sobreposições de imagem em estúdio. Rede Globo de Televisão. Globo Repórter. 18 de novembro de 1988. Rede Globo de Televisão. Globo Repórter. 18 de novembro de 1988. Propaganda Eleitoral Luíza Erundina 1988 PT. Youtube. Canal Bibosan 185. Postagem: 22 de abril de 2016. (25 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0IbBHoZK9ww> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

Após tomar posse, Luíza teve suas contas rejeitadas pelo Tribunal de Contas do Município de São Paulo. Absolvida pelo plenário da Câmara (41 votos a 9 e 3 abstenções), o episódio foi registrado no livro *Erundina: uma razão*, de autoria conjunta do partido e de sua assessoria e publicado em 1992. Ele explica as etapas do julgamento e ressalta o apoio de agentes políticos e da população. O texto ainda acusa o TCM de perseguição e reforça seu aparelhamento por setores malufistas. Em sua seção inicial, foi escrito:

O que estava em jogo naquela tarde fria e garoenta de 8 de outubro de 1991 não era apenas o mandato de uma prefeita, o futuro político de uma migrante nordestina que, vinda da luta dos movimentos populares, surpreendeu a nação ao ser eleita em 15 de novembro de 1988, por um milhão 534 mil votos, para comandar a cidade de São Paulo. Reunidos na Câmara Municipal de São Paulo, 53 vereadores decidiam o futuro da democracia no país. Do lado de fora, uma multidão lotava as calçadas e uma pista do viaduto Jacaré, no

⁸⁵⁶ REDE Globo de Televisão. Globo Repórter. 18 de novembro de 1988. Propaganda Eleitoral Luíza Erundina 1988 PT. Youtube. Canal Bibosan 185. Postagem: 22 de abril de 2016. (25 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0IbBHoZK9ww> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

centro da cidade, acompanhando cada lance da votação através de um telão. Centenas de guarda-chuvas compunham o cenário de expectativa. A poucos quilômetros dali, em seu gabinete, no Parque do Ibirapuera, a prefeita Luíza Erundina aguardava o resultado do julgamento (...) era derrubado o parecer do Tribunal de Contas do Município de São Paulo (...) que rejeitou as contas de 1990 da prefeita, colocando sob suspeita a sua honestidade, dignidade e integridade moral – marcas de uma trajetória pessoal e política reconhecidas unanimemente pela opinião pública.⁸⁵⁷

A imagem da migrante surge no texto. Atentando para os vícios do julgamento, os autores defendem que o seu desfecho teria impacto na democracia a nível nacional. Se pensarmos que a abertura política e a Constituinte eram recentes, o debate em torno do tema ainda se mostrava recorrente. No final do documento foram listados todos os grupos e pessoas que deram apoio formal à prefeita (dentre os quais Lélia Abramo, na categoria de atriz, e Irma Passoni, como deputada federal).⁸⁵⁸

Após deixar a prefeitura em 1993, Luíza foi convidada pelo presidente Itamar Franco⁸⁵⁹ para ser Ministra-Chefe da Secretaria da Administração Federal. A ideia era de compor uma frente de coalizão entre diferentes partidos. De acordo com Basílio Salum Júnior,⁸⁶⁰ esse governo buscou estreitar relações com o Congresso Nacional com o intuito de se prevenir de possíveis desgastes e de se distanciar do seu antecessor (Fernando Collor de Mello)⁸⁶¹, visto como avesso ao diálogo. Por outro lado, se a

⁸⁵⁷ ASSESSORIA de Imprensa do Gabinete da Prefeita. Erundina: uma razão. São Paulo: MPM Lintas, 1992. p. 9.

⁸⁵⁸ Dentre os órgãos citados estão a APEOESP, a CGT, a CUT e mais vinte e cinco sindicatos de São Paulo e outros estados. (ASSESSORIA de Imprensa do Gabinete da Prefeita. Op Cit, 1992. p. 139 – 141)

⁸⁵⁹ Itamar Augusto Cautiero Franco (1930 – 2011) nasceu no litoral baiano e graduou-se em Engenharia na cidade de Juiz de Fora – MG. Foi seu prefeito em dois momentos (1967 – 1971; 1973 – 1974), pelo MDB, e senador por Minas Gerais entre 1975 e 1990. Passou pelo PL e depois pelo PRN, quando se tornou vice-presidente na chapa de Fernando Collor de Melo (1990). Com o impeachment deste, Itamar foi Presidente da República de 1992 a 1995 e implementou o plano Real (1994). Retornou ao PMDB e foi eleito governador de Minas Gerais (1999 – 2003). Migrou para o PPS e ainda assumiu um mandato de senador em 2011. Devido a problemas de saúde se afastou do posto e faleceu naquele mesmo ano. (LEMOS, Renato; CARNEIRO, Alan. Itamar Franco. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/itamar-augusto-cautiero-franco> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.)

⁸⁶⁰ SALUM JUNIOR. Basílio. O governo e o impeachment de Fernando Collor de Melo. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Op Cit, 2018.

⁸⁶¹ Fernando Collor de Mello (1949 -) nasceu no Rio de Janeiro – RJ, mas mudou-se com sua família para Maceió – AL, onde estudou Ciências Econômicas na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Filiou-se à ARENA e foi prefeito de Maceió – AL em 1979, deputado federal, pelo PDS, entre 1983 e 1987, e governador de Alagoas pelo PMDB (1987 – 1989). Deixou o posto ao ser eleito Presidente da República, agora pelo PRN. Após denúncias de corrupção e desgastes com as bases eleitorais sofreu um processo de impeachment e renunciou em 1992, passando o cargo para o vice, Itamar Franco. Após oito anos com os direitos políticos cassados, filiou-se ao PRTB, ao PTB, ao PTC e ao PROS. Tornou-se Senador por Alagoas (2007), cargo que ocupa até hoje. (LEMOS, Renato. Fernando Collor. Dicionário Histórico e

princípio Itamar se identificava com o desenvolvimentismo, após assumir a presidência passou a adotar políticas liberais, o que descontentava as esquerdas.⁸⁶² Tais conflitos seriam somados aos receios quanto ao desmonte dos direitos trabalhistas promovido no governo anterior (o que não foi negado por Itamar ao tomar posse).⁸⁶³ Temerosos com o *novo* governo, parte da militância do PT ficou insatisfeita com o aceite de Erundina e a suspendeu do partido por um ano. Contudo, ela pôde se candidatar ao Senado em 1994 e concorrer mais uma vez à Prefeitura em 1996. Nessa campanha, o partido optou por uma imagem serena de Erundina. Em tom de reflexão, ela é filmada no Parque do Ibirapuera falando do seu mandato na prefeitura:

Olha gente, eu não acertei tanto quanto queria. Mas eu aprendi. Aprendi o que eu posso e o que eu não posso fazer. O que dá certo e o que não dá. Aprendi a diferença entre o que São Paulo precisa e o que a gente só imagina que precisa. Porque é diferente ser candidato e ser prefeito. Quando você é candidato acha que pode tudo. Acha que sabe resolver todos os problemas, mas não é bem assim. Quando você chega lá, tem que tomar decisões, fazer escolhas. Eu fiz as minhas. Quando eu fui prefeita, decidi priorizar os mais pobres e os mais necessitados. Aqueles que não tem escola, não tem comida, não tem assistência médica, não tem saneamento básico, não pode nem se sentir cidadão. Foi importante, mas não foi suficiente (...). A minha experiência de prefeita e as experiências do PT em outras cidades me dão a certeza de que sabemos fazer com que as pessoas vivam melhor, se sintam mais seguras, mais confortáveis.⁸⁶⁴



Partido dos Trabalhadores. Sim Por São Paulo. 1996. Youtube. Canal Uirá Ramos. Erundina prefeita 1996. Postagem: 24 de março de 2011. (9 m 30 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=up_qFJq_IXE&t=22s Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/collor-fernando> Acesso: 26/01/2021 às 14:50 hrs.).

⁸⁶² MOTTA, Marly. Op Cit, 2018.

⁸⁶³ RAMALHO, José Ricardo. Reestruturação produtiva, neoliberalismo e o mundo do trabalho no Brasil: anos 1990 e 2000. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Op Cit, 2018.

⁸⁶⁴ Partido dos Trabalhadores. Sim Por São Paulo. 1996. Youtube. Canal Uirá Ramos. Erundina prefeita 1996. Postagem: 24 de março de 2011. (9 m 30 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=up_qFJq_IXE&t=22s Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

Com uma imagem cristalizada do seu passado recente, o PT não precisaria apresentar novamente a candidata, mas reforçar os pontos positivos do seu mandato anterior. Apesar da condição de mulher de Luíza não ser considerada diretamente, o programa enfatiza sua sensibilidade ao apresentar as propostas e traz um tom de esperança fazendo referência aos problemas da gestão vigente. Complementando a sua campanha, o *jingle* transmitido no horário eleitoral passava um ar de saudosismo aos seus telespectadores e ouvintes:

Ó meu São Paulo, minha cidade linda
Que grande festa vamos fazer ainda
E em toda parte, em todo canto ver
Um novo amanhecer pra todos nós
Os filhos seus, mãe de todos nós
Pra isso eu digo Sim
Penso sim, quero sim
Pra Erundina eu digo sim
Quero sim, digo sim
Porque daqui pra frente
Erundina vai fazer melhor pra toda gente⁸⁶⁵



Partido dos Trabalhadores. Sim Por São Paulo. 1996. Youtube. Canal Uirá Ramos. Erundina prefeita 1996. Postagem: 24 de março de 2011. (9 m 30 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=up_qFJq_IXE&t=22s Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

Apresentada como mãe da população, a cidade é vista como um local de esperança, onde a recondução de Luíza seria o novo amanhecer, distanciando-se do prefeito Paulo Maluf,⁸⁶⁶ então no poder. Nas imagens do referido programa eleitoral, a

⁸⁶⁵ Partido dos Trabalhadores. Sim Por São Paulo. 1996. Youtube. Canal Uirá Ramos. Erundina prefeita 1996. Postagem: 24 de março de 2011. (9 m 30 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=up_qFJq_IXE&t=22s Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

⁸⁶⁶ Paulo Salim Maluf (1931 -) nasceu em São Paulo – SP e graduou-se em Engenharia pela Universidade de São Paulo. Filiou-se à ARENA em 1967 e foi nomeado prefeito de São Paulo em 1969, permanecendo no posto até 1971. Foi secretário Estadual de Transportes no governo de Laudo Natel (1971 – 1975). Em 1979 tornou-se governador de São Paulo, mas afastou-se em 1982 ao se eleger deputado federal, já pelo PDS. Foi candidato à presidência da República no colégio eleitoral de 1985, mas não obteve êxito. Voltou a ser eleito prefeito da capital paulista entre 1993 e 1997 (PPB) e ocupou o posto de deputado federal entre 2007 e 2018, já no PP, quando foi cassado após escândalos de corrupção. (CAMPOS, Patrícia; ALDÉ, Lorenzo; BASTOS, Manoel Dourado. Paulo Maluf. Verbete. Dicionário Histórico e

candidata é acompanhada de seu vice, Aloízio Mercadante⁸⁶⁷, e de diferentes pessoas, dentre idosos, adultos e crianças. Há também a presença de operários e, entre soldas, vigas, tijolos e blocos, constrói-se uma edificação com o formato da palavra *Sim*. A composição das imagens apresenta uma Erundina sensível, trabalhadora e popular, a qual convidava crianças para contemplar o que ocorreria com a conclusão do seu projeto, mostrando o futuro como um novo amanhecer para aqueles que um dia seriam adultos. Apesar dos esforços, Erundina ficou em segundo lugar, perdendo para o candidato malufista, Celso Pitta⁸⁶⁸ e, após o pleito, a sua relação com o partido se desgastou, o que foi explorado pela mídia paulista:

Os problemas de Erundina com o PT remontam à sua administração municipal (89 a 92) e se agravaram com a sua ida para o ministério de Itamar Franco, quando teve seus direitos políticos suspensos no partido. A condução da última campanha de Erundina foi criticada por Luiz Inácio Lula da Silva, o que elevou em mais um tom à reconhecidamente tensa relação entre ambos. Hostilizada pela ala esquerda do petismo, que não perdoou a campanha de 96 pelo slogan "O PT que diz sim", e sem disposição para participar da luta interna ao lado do setor moderado, Erundina chegou à conclusão de que não mais teria espaço na legenda.⁸⁶⁹

Em conflito com o PT, Luíza desligou-se do partido em 1997, filiando-se ao PSB. A intenção do jornal (de linha editorial anti-petista) era de noticiar sua saída, mas também de criticar a legenda e mostrar a decepção de alguns com o projeto adotado naquele momento. Como nos mostra Lincoln Secco, o PT sofreu uma série de

Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/paulo-salim-maluf> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.).

⁸⁶⁷ Aloízio Mercadante Oliva (1954 -) nasceu em Santos – SP e graduou-se em Economia pela Universidade de São Paulo. Filiou-se ao PT em 1980 e foi seu presidente nacional. Trabalhou como deputado federal de 1990 a 1995 e de 1999 a 2003. Nesse ano, ele se elegeu senador por São Paulo e permaneceu no posto até 2011, quando foi nomeado Ministro de Ciência e Tecnologia. Foi também Ministro da Educação de 2012 a 2015 e Ministro Chefe da Casa Civil entre 2014 e 2015. Todos esses cargos foram exercidos no mandato da presidenta Dilma Rousseff. (CORREIA, Maria Letícia; CARNEIRO, Alan. Aluísio Mercadante. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/aluisio-mercadante-oliva> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.).

⁸⁶⁸ Celso Roberto Pitta do Nascimento (1946 – 2009) nasceu no Rio de Janeiro – RJ e graduou-se em Economia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi membro do ARENA e posteriormente do PDS, do PPR e do PPB, pelo qual foi eleito o primeiro prefeito negro de São Paulo (1996). Deixou o cargo em 2001. Tinha o apoio de Paulo Maluf e teve o seu mandato ameaçado em mais de um momento por escândalos de corrupção. Condenado por diversos crimes, foi preso mais de uma vez. Candidatou-se a deputado federal em 2002 e 2006, mas não foi eleito. Morreu vítima de câncer em São Paulo. (S/A. Celso Pitta. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/celso-roberto-pitta-do-nascimento> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.).

⁸⁶⁹ ALVES, Carlos Eduardo. Erundina decide deixar o PT e pode entrar no PSB. Folha de São Paulo. São Paulo, 4 de setembro de 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc040913.htm> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

transformações no decorrer da sua história. Uma delas foi a sua reformulação após a eleição de 1989, ocorrida devido à derrota eleitoral e à ascensão de governos neoliberais no Brasil e na América Latina.⁸⁷⁰ Paulo Henrique Martinez escreve que nesses anos a agremiação passou a formular propostas que contemplassem a sua relação com a ordem estabelecida, uma mudança em relação à ideia da tomada do poder de fora para dentro.⁸⁷¹ Em meio a esse processo, Erundina passou a discordar dos atos e dos rumos tomados pelo seu partido, estabelecendo uma linha de comparação com os seus anos iniciais, como analisado anteriormente em suas memórias. Mas essa decepção não era apenas sua.

Em 1987 a prefeita de Fortaleza, Maria Luíza Fontenelle,⁸⁷² eleita em 1985, foi expulsa do partido. No ano em que Erundina saiu, Vitor Buaiz,⁸⁷³ governador do Espírito Santo, também havia se desligado. As motivações poderiam ser variadas, mas o que é importante frisar aqui é que o PT, como outras legendas, era heterogêneo e não estava isento de tensões, as quais não eram todas dadas desde o seu surgimento em 1980. Os desdobramentos da saída de Luíza serão analisados no próximo capítulo. Por enquanto, vamos nos voltar para nossa terceira personagem, a qual também fez parte da liderança petista na sua primeira década.

Irma foi escolhida para secretariar o ato de fundação do PT, típica função atribuída às mulheres. Entre dados das pessoas presentes, transcrições de falas e resumos dos principais pontos debatidos, ela lavrou trechos de sua ata e foi nomeada para um cargo: “Iniciados os trabalhos, foi escolhido o Sr. Francisco Corrêa Weffort para coordenar a reunião e os Srs. José Cicote, Irma Rossetto, Eduardo Matarazzo

⁸⁷⁰ SECCO, Lincoln. Op Cit, 2011.

⁸⁷¹ MARTINEZ, Paulo Henrique. Op Cit, 2007.

⁸⁷² Maria Luíza Fontenele (1942 -) nasceu em Quixadá – CE e graduou-se em Serviço Social. Fez parte do movimento estudantil e da Juventude Estudantil Católica (JEC). Foi eleita deputada estadual pelo MDB no Ceará em 1979, permanecendo no cargo até 1985, quando se tornou prefeita de Fortaleza – CE. Deixou o posto em 1989 já desligada do PT. Filiada ao PSB exerceu um mandato de deputada federal de 1991 a 1995, mas desligou-se da legenda e passou para o PSTU. (Câmara dos Deputados. Maria Luíza Fontenelle. Biografia. (Site institucional). Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/73796/biografia> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.).

⁸⁷³ Vitor Buaiz (1943 -) nasceu em Vitória – ES e estudou Medicina na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Fez parte do Sindicato dos Médicos do seu estado e participou da fundação do PT. Foi eleito deputado federal constituinte em 1986, prefeito de Vitória (1989 – 1993) e exerceu um mandato como governador do Espírito Santo (1995 – 1999). Desligou-se do PT em 1997 e filiou-se ao PV. (Câmara dos Deputados. Vitor Buaiz. Biografia. (Site institucional). Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/139383/biografia> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.).

Suplicy e Marcos Aurélio Ribeiro para secretariá-la.”⁸⁷⁴ Passoni era a única mulher dentre os membros escolhidos, o que poderia ser decorrente da presença majoritariamente masculina naquele evento, como vimos anteriormente.

Sua escolha, porém, também se deu por outros motivos. Primeiramente, pelo seu cargo de deputada estadual, o que lhe conferia capital político e possibilidade de circular em espaços distintos de outros militantes. Em segundo lugar, ela era reconhecida como líder de um movimento popular e, como tal, representaria uma parcela das bases do partido e das pessoas ali presentes. Por fim, seu trabalho como administradora e docente poderia servir para compreendê-la como alguém apta a organizar e gerir um evento. Traços como esses serviram para a construção da imagem de Irma na eleição de 1982: “Irma Passoni, nº 333 – Eleita deputada estadual em 78. É professora. Participa das comunidades de base, do movimento contra o custo de vida, direito à moradia, creches, escolas públicas e do movimento de mulheres. Participou da defesa dos posseiros do Vale do Ribeira.”⁸⁷⁵

Diferente de Lélia e Luíza, Irma não precisava ser apresentada como uma novidade, pois já era deputada estadual desde 1979. Outro ponto que a difere das demais personagens é o não-silenciamento da sua condição de mulher nesse momento. Assim, ela foi reconhecida como parte de um movimento que se identificava como feminino,⁸⁷⁶ além das Comunidades Eclesiais de Base, em grande parte identificadas com os grupos de mulheres.⁸⁷⁷ A estratégia do partido era ressaltar certos fatos de sua trajetória para gerar identificação com o eleitorado, fazendo uma ponte com trabalhadoras (es), donas de casa, professores e movimentos de mulheres e religiosos. A sua identificação como mulher ganhou ainda mais espaço nas eleições de 1986. Em um jornal distribuído ao público foi ressaltado que:

Dois projetos da Deputada Irma Passoni, tratando dos interesses da mulher trabalhadora, mobilizaram a atenção da Câmara este ano. Trata-se do projeto nº 317/85, que concede à trabalhadora rural aposentadoria por tempo de serviço aos 25 anos de serviço. E do projeto nº 5584/85, que elimina discriminações contra as empregadas domésticas.

⁸⁷⁴ Ata de Fundação do Partido dos Trabalhadores. De 31 de maio a 1 de junho de 1980. Livro Ata nº 1. Fl.: 13. Campinas: AEL-UNICAMP.

⁸⁷⁵ Partido dos Trabalhadores. Estes são os candidatos do PT! Material de campanha. 1982. São Paulo: Coleção Lélia Abramo, IEB – USP.

⁸⁷⁶ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 159.

⁸⁷⁷ Dentre os estudos sobre o tema cito: SANTOS, Irinéia Maria Franco dos. *Luta e Perspectivas da Teologia da Libertação: O caso da Comunidade São João Batista, Vila Rica, São Paulo: 1980 – 2000*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006. pp: 13 – 14.

Os dois projetos estão em tramitação na Câmara dos Deputados. Mas não serão aprovados sem a pressão e a cobrança das categorias interessadas. Esta pelo menos tem sido a experiência. É por isso que tanto trabalhadoras rurais, como domésticas, têm se deslocado até Brasília para pressionar o governo e os deputados, a fim de que se reconheçam seus direitos.⁸⁷⁸

Irma é apresentada como uma representante das mulheres trabalhadoras. Além do texto, essa imagem foi reforçada por uma fotografia que tinha como legenda: “Trabalhadoras rurais dialogam com a deputada Irma Passoni na liderança do PT na Câmara. Elas representam 32 mil mulheres que se reuniram em vários Estados e trouxeram suas reivindicações ao Governo Federal”.⁸⁷⁹ A parlamentar está ao fundo com uma roupa cinza e apoiada na mesa:



Partido dos Trabalhadores. O sentido da caminhada. 1986. São Paulo: Arquivo Pessoal de Irma Passoni, ITS-Brasil.

Passoni não é associada aos movimentos feministas de classe média, o que talvez fosse uma estratégia para afastá-la daqueles estereótipos que citamos anteriormente⁸⁸⁰ e, ao mesmo tempo, para aproximá-la de sua base eleitoral (em grande parte formada pelas militantes do MCV e religiosos). Além do mais, seu trabalho é colocado como uma atividade coletiva, pois a efetivação de seus projetos seria produto da mobilização de categorias profissionais, reforçando uma imagem de compromisso com as necessidades desses sujeitos e dialogando simultaneamente com seus pares. Com um número de votos expressivo,⁸⁸¹ Irma foi escolhida como líder da bancada na

⁸⁷⁸ Partido dos Trabalhadores. O sentido da caminhada. 1986. São Paulo: Acervo Pessoal de Irma Passoni, Instituto de Tecnologia Social.

⁸⁷⁹ Idem.

⁸⁸⁰ MARSON, Melina Izar. Op Cit, 1996.

⁸⁸¹ Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo. Resultados eleitorais. Consulta por nome. Sistema Paulística. Disponível em: <http://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/sistema-paulistica> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

Câmara dos Deputados para o biênio 1986 – 1987, a primeira mulher a ocupar o cargo.

Sobre o fato, Lula disse:

Deputada combativa e fiel à linha do PT, Irma nunca abandonou a sua origem: os movimentos populares dos bairros, as CEBs, o apoio ao movimento sindical combativo e a luta pela reforma agrária. Todas estas qualidades fizeram de Irma Passoni, Líder do PT na Câmara dos Deputados, uma referência nacional de nosso partido, o que a credencia para uma cadeira no Congresso Constituinte.⁸⁸²

O excerto foi publicado num material de campanha para as eleições daquele ano. Além de Lula, falou também o jurista Hélio Bicudo,⁸⁸³ o qual era contrário a pautas referentes ao corpo e à sexualidade femininas, reforçando o afastamento de Irma do feminismo:

A deputada Irma Passoni tem o reconhecimento do PT e da Classe Trabalhadora, pelo seu desempenho na Câmara Federal. Como participante da bancada e como sua líder, Irma Passoni tem dado significativa contribuição na luta pela construção de um Estado Democrático. Identificada com a questão da terra, não tem deixado um instante sequer de apoiar o clamor popular que reivindica o direito de acesso à terra, em busca de uma reforma agrária que seja instrumento de justiça e de paz para todos os brasileiros.⁸⁸⁴

Bicudo foi além dos movimentos urbanos e buscou dialogar com o eleitorado do campo. Irma havia participado de movimentos por moradia e deu apoio a ocupantes de terrenos na periferia sul de São Paulo, o que poderia servir para estabelecer uma relação com sujeitos que reivindicavam terra no âmbito rural. Assim, ao concorrer para a Constituinte, outras temáticas passariam a nortear a sua candidatura. Daqueles que deram depoimento, Eduardo Suplicy tocou em sua condição de mulher:

⁸⁸² Partido dos Trabalhadores. O sentido da caminhada. 1986. São Paulo: Acervo Pessoal de Irma Passoni, Instituto de Tecnologia Social.

⁸⁸³ Hélio Pereira Bicudo (1922 – 2018) nasceu em Mogi das Cruzes – SP e graduou-se em Direito na Universidade de São Paulo no ano de 1947. Foi Ministro Interino da Fazenda do presidente João Goulart em 1963. Tornou-se Procurador de Justiça de São Paulo e fez oposição aos Esquadrões da Morte, atividade pela qual sofreu ameaças de morte. Próximo de setores religiosos católicos, era contrário a pautas referentes ao corpo e à sexualidade feminina. Foi nomeado Secretário de Negócios Jurídicos de São Paulo na gestão da prefeita Luíza Erundina. Exerceu mandato de deputado federal entre 1991 e 1999. De 2001 a 2005 foi vice-prefeito de São Paulo na gestão de Marta Suplicy. Em 2005 desligou-se do PT e em 2015 auxiliou na escrita do pedido de impeachment da presidenta Dilma Vana Rousseff. Faleceu em sua casa. (CARNEIRO, Alan; MATTOS, Marco Aurélio Vannuchi de. Hélio Bicudo. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/helio-pereira-bicudo> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.).

⁸⁸⁴ Partido dos Trabalhadores. O sentido da caminhada. 1986. São Paulo: Acervo Pessoal de Irma Passoni, Instituto de Tecnologia Social.

Como líder do PT na Câmara Federal, lutou com muita firmeza para que jamais fossem feridos os princípios em defesa da democracia, de retidão e dos interesses da maioria do povo brasileiro. Irma Passoni, ademais, tem sido um exemplo de participação da mulher na vida política. Na Constituinte, sua presença será uma necessidade.⁸⁸⁵

Irma foi eleita. Dos dezesseis deputados petistas da Constituinte, somente ela e Benedita da Silva eram mulheres.⁸⁸⁶ Apesar da participação nas bases, muitas delas, como já dissemos, ainda sofriam com barreiras para se inserir nos espaços da política institucional. Além do vetor do gênero, a classe também trazia empecilhos, pois uma parte delas trabalhava em casa, não dispondo de tempo para deixar as tarefas domésticas.⁸⁸⁷ Mesmo assim, as estratégias de organização femininas seguiam outros caminhos e o MCV era um exemplo de como o cotidiano doméstico poderia servir como espaço de militância. Além do mais, insistimos que a discriminação de gênero não era um problema exclusivo do PT, mas era (e é) estrutural na organização política brasileira e de muitos outros países.

De fato, Irma teve uma visibilidade expressiva nas eleições de 1986 e isso continuou durante os trabalhos da Assembleia Constituinte, o que seria fruto dos seus resultados eleitorais nos anos anteriores e do trabalho com movimentos populares. Contudo, devemos lembrar que a sua condição de mulher também influiria na construção de capitais políticos. Entendida como mãe e casada, ela atendia a certas expectativas,⁸⁸⁸ evitando certos estereótipos colocados sobre aquelas que ingressavam na política por meio de grupos feministas e/ou de esquerda. Com sua fama consolidada após a liderança da Câmara (1986 – 1987) e a Constituinte (1987 – 1988), Irma foi lançada mais uma vez como deputada federal em 1990. Em seu material de campanha foram utilizados depoimentos de lideranças do PT, associando a sua imagem a pessoas com uma visibilidade igual ou maior que a dela. Dentre eles estava a prefeita Luíza Erundina de Souza:

Conheci Irma Passoni muitos anos atrás nos movimentos populares. Ela é uma mulher de muita coragem e muito civismo. Na Câmara Federal, Irma realizou um trabalho muito importante, dando continuidade aos seus compromissos de luta junto aos trabalhadores. Ela tem dado também uma ajuda muito grande à Frente Nacional de Prefeitos. Além disso, Irma é um dos símbolos da luta das mulheres em defesa de nossos direitos e contra a

⁸⁸⁵ Idem.

⁸⁸⁶ SANTOS, Maria do Carmo Carvalho Lima. Op Cit, 2008.

⁸⁸⁷ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018.

⁸⁸⁸ BADINTER, Elisabeth. Op Cit, 2011; BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018.

discriminação. É preciso reelegermos a companheira Irma Passoni para a Câmara Federal.⁸⁸⁹



Partido dos Trabalhadores. Afirmação. Material de Campanha, 1990. São Paulo: Arquivo Pessoal de Irma Passoni, ITS-Brasil.

Junto ao depoimento foi colocada uma foto das militantes abraçadas e outra de Eduardo Suplicy e Plínio de Arruda Sampaio. Líderes religiosos e militantes de movimentos de base também foram chamados para justificar o voto em Irma Passoni, mas apenas Luíza ressalta a condição de mulher da candidata. Apesar do MCV ter se diluído no início dos anos 1980,⁸⁹⁰ a ideia de rememorar o grupo serviria para reforçar mais uma vez a proximidade de nossa personagem com setores populares. Com uma trajetória longa no legislativo,⁸⁹¹ a atuação na Constituinte concluiria a apresentação do material, relacionando a candidata às oposições à ditadura e ao processo de abertura política brasileira.

⁸⁸⁹ Partido dos Trabalhadores. Afirmação Popular. Material de Campanha. 1990. São Paulo: Acervo Pessoal de Irma Passoni, Instituto de Tecnologia Social.

⁸⁹⁰ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 141 – 142.

⁸⁹¹ Irma Passoni aparece entre as parlamentares levantadas na pesquisa de Céli Pinto e Augusta Silveira com exercendo um mandato de deputada estadual (1979 – 1983) e três de federal (1983 – 1987; 1987 – 1991; 1991 – 1995) (PINTO, Celi Regina J.; SILVEIRA, Augusta. Op Cit, 2018.).

Irma foi eleita e permaneceu no cargo até 1995. Nesse momento, ela começou a se debruçar sobre a questão da tecnologia e das comunicações. Como não se reelegeu no pleito seguinte, foi convidada para uma das secretarias do Ministério de Comunicação, Ciência e Tecnologia do governo Fernando Henrique Cardoso, o que gerou tensões com setores do PT. Em meio às pressões, Irma decidiu se licenciar da legenda e filiar-se ao Partido Popular Socialista (PPS). Ela retornou posteriormente à primeira agremiação, mas não se envolveu com a direção da legenda, apesar de tentar candidatar-se a vereadora e participar de eventos do PT. Todavia, como o recorte deste capítulo são os cargos públicos que as personagens ocuparam pelo Partido dos Trabalhadores, aquilo que Irma realizou nos anos seguintes será abordado depois.

A quem representamos afinal?

Atuar no presente, encenar o passado e criar o futuro

Lélia foi assessora da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo (SMC)⁸⁹² entre 1989 e 1993, na gestão de Marilena Chauí. Como na liderança do PT, suas atividades artísticas e culturais davam-lhe visibilidade e agora igualmente legitimavam a sua escolha para o posto. Sua *chefa*, inclusive, a definiu como uma “artista inigualável.”⁸⁹³ Lembrando daqueles dias, Abramo escreve em sua autobiografia:

Durante os quatro anos da gestão petista procurei apresentar alguns projetos. No primeiro, tentei realizar um sonho que tivera desde a minha gestão de presidente do Sindicato dos Artistas. Tratava-se da criação de uma escola para técnicos e demais funções inerentes ao teatro (...). Minha ideia vinha de longe, mas para montar o esquema da empreitada recorri a Cláudio Lucchesi, então professor da Escola de Arte Dramática da USP (...). Minha intenção era preservar a tradição do teatro para que não se perdessem totalmente as

⁸⁹² Segundo André de Godoy Bueno, a Secretaria Municipal de Cultura (SMC) foi criada no final da gestão do prefeito Miguel Colasuonno (1973 – 1975) e oficializada na de Olavo Setúbal (1975 – 1979), sendo entregue inicialmente ao crítico teatral Sábato Magaldi (1975 – 1979). Na gestão Reynaldo de Barros teve o poeta Mário Chamie à sua frente (1979 – 1983). Com Mário Covas, foram nomeados o historiador da arte Fábio Magalhães (1983 – 1984) e o ator Gianfrancesco Guarnieri (1984 – 1985). Jânio Quadros (1985 – 1989) escolheu o empresário Jorge Yunes e o advogado Renato Ferrari. Finalmente, Luíza Erundina de Sousa (1989 – 1993) empossou a professora Marilena Chauí. (BUENO, André de Godoy. *Políticas culturais: cidadania cultural e o Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo (1990 – 1992)*. Monografia (Graduação). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2018. p. 18.).

⁸⁹³ Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Balanço dos anos de 1989 e 1990. 1990. p. 7. São Paulo: Coleção Lélia Abramo, IEB – USP.

experiências até então vividas por talentosos técnicos e trabalhadores da arte cênica. Dentre as disposições do projeto havia cláusulas específicas, tais como: a escola manteria bolsas para técnicos de outros estados brasileiros em número de dois para cada capital, para um período de aprendizado ou aperfeiçoamento; os cursos teriam horários de acordo com sua especificidade e sua duração. A Secretária de Cultura aprovou o projeto que, infelizmente, ficou na gaveta de seu gabinete, não tendo sido realizado por falta de verbas.⁸⁹⁴

Lélia reforça seu pacto autobiográfico de dizer “somente a verdade” ao descrever detalhadamente o projeto, como se estivesse extraindo aquelas informações do texto do documento. Ao narrar, ela explica que tinha a intenção de desenvolver projetos para a sua categoria profissional, apesar das dificuldades existentes. Contudo, essa proposta não era uma novidade, pois já vinha sendo costurada desde a época em que foi presidenta do SATED-SP (1978 – 1981). O que acontece é que ela estava sendo reformulada para atender aos anseios da prefeitura. De acordo com Valmir de Souza,⁸⁹⁵ o projeto *Cidadania Cultural*, de autoria de Chauí, mesclava as ideias de *democratização da cultura* e de *democracia cultural*. A primeira defendia que o Estado seria o responsável pelo acesso à cultura, priorizando a difusão de bens simbólicos entre aqueles que eram excluídos. Já a segunda incentivava a produção de grupos locais. Entretanto, Souza diz que a SMC priorizou a divulgação da *arte erudita*, considerando o *acesso à cultura* como essencial para o exercício de uma cidadania plena.⁸⁹⁶

A ideia de Lélia teve o apoio tanto da Secretária de Cultura, quanto da prefeitura. Em uma mensagem, Marilena Chauí mostrou-se aberta ao escrever: “Espero que você se recupere rapidamente para completar o livro e me ajudar a entregar a Suplicy o projeto da Escola Cenotécnica e pensar o da Companhia de Repertório Dramático.”⁸⁹⁷ Lélia havia sofrido um enfarte naqueles dias e teve de se afastar do cargo temporariamente, recebendo a atenção de sua chefe e amiga. Se observarmos a data do bilhete (1992) podemos notar que o projeto da escola de técnicos de teatro não foi imediatamente posto em prática após a posse de Abramo, mas moldado no decorrer de seus quatro anos de mandato. Esse dado nos faz notar que seus planos não foram realizados de forma contínua. De acordo com André de Godoy Bueno, a SMC teria muitos projetos barrados pelos interesses eleitorais do legislativo e pelas demandas da

⁸⁹⁴ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 242.

⁸⁹⁵ SOUZA, Valmir de. *Cidadania Cultural: entre a democratização da cultura e a democracia cultural. Pragmatizes* (UFF). Ano 8, n 14, out/2017 – mar/2018. p. 105.

⁸⁹⁶ Idem. p. 106.

⁸⁹⁷ CHAUÍ, Marilena. Bilhete para Lélia Abramo. São Paulo, 29 de setembro de 1992. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. Fundo Lélia Abramo.

mídia e da indústria cultural. Além do mais, problemas estruturais herdados de gestões anteriores afetariam a Secretaria.⁸⁹⁸ Em um ofício dirigido à SMC, Lélia cobra explicações sobre os passos a serem seguidos:

Em virtude de uma reunião mantida ontem, dia 24 do mês em curso, por este Conselho de Cultura ficou decidido que cada um de nós forneceria um relatório sobre o andamento dos trabalhos efetuados no decorrer destes últimos meses (...). Quanto a mim confesso que me sinto bastante confusa nesta análise, talvez em consequência da própria indefinição de critérios e do organograma do CAC. (...) temos de admitir que urge modificar toda a estrutura do nosso departamento se não quisermos cair na inércia e no desânimo. (...) estou convencida que a causa desse impasse é mais derivada da precária condição econômico-financeira desta secretaria.⁸⁹⁹

Apesar de reconhecer que a SMC sofria com a falta de recursos, Lélia usa de um tom incisivo para cobrar uma atitude. Mesmo sem aparecer na carta, ela talvez tenha passado por conflitos com outros membros da prefeitura.⁹⁰⁰ Entretanto, como não tivemos acesso à documentação que toque nessa questão, temos que permanecer no campo da hipótese. Mesmo assim, podemos compreender a gestão dessas relações por meio dos capitais políticos e culturais que a personagem construiu. Como vimos nos materiais de campanha analisados na seção anterior, a memória da militância dos anos 1930 e de sua atividade sindical dos anos 1960 e 1970 se tornariam ferramentas para a conquista de espaço no seu partido e na prefeitura. Esses traços são reforçados pela forma como foi mencionada por Chauí na mensagem supracitada, o que poderia ser acrescido da sua amizade com Erundina e da sua idade. Esta serviria igualmente para a legitimação de alguns projetos políticos. Identificando-se como uma mulher idosa, Lélia recorda:

Meu segundo projeto foi (...) uma forma de aproximação entre as crianças e as pessoas da terceira idade, visando a superar a separação existente entre as gerações. (...). Comecei o projeto enviando convites aos alunos de primeiro grau, até 10 anos de idade, para responder a três questões: uma frase sobre seus avós, um pequeno texto sobre a relação com eles e um desenho referente às relações com a família. Escolhi três categorias de escolas: uma localizada em bairro pobre, outra de classe média e a terceira em escola particular da alta burguesia (...). Quando me certifiquei do resultado positivo, solicitei a presença de um pedagogo, um psicólogo, um psiquiatra e um professor primário (...). A maioria manifestou respeito, amor e confiança pelos avós, mas sempre pelos avós maternos; não recebi senão pouquíssimas respostas sobre avós paternos. Era um dado cultural e psicológico curioso para inferir hipóteses sobre a formação das crianças (...). Quando fui informada de que

⁸⁹⁸ BUENO, André de Godoy. Op Cit, 2018. p. 31 – 32.

⁸⁹⁹ PREFEITURA Municipal de São Paulo. Ofício s/n. São Paulo, 25 de abril de 1989. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. Fundo Lélia Abramo.

⁹⁰⁰ Referimo-nos aqui aos conflitos decorrentes da diversidade sócio-cultural do PT e dos impasses gestados pela disputa por espaço interno. (SECCO, Lincoln. Op Cit, 2011.).

não haveria verba para a realização do projeto, solicitei a presença de estagiários, o que não pesaria economicamente no orçamento (...). Não havia verba. Fiquei frustrada e terminei os dois anos restantes da minha função percorrendo a cidade toda, os bairros mais pobres e os menos pobres, fazendo palestras para pessoas da terceira idade, que lotavam os espaços colocados à nossa disposição.⁹⁰¹

Mais uma vez nossa personagem detalha alguns traços do seu projeto para reforçar o pacto com quem a lê. Apesar de não expor o plano, ela possivelmente se apoiou nos documentos que guardava em casa para escrever seu texto.⁹⁰² Lélia exerceu esse cargo entre os setenta e sete e os oitenta e um anos de idade. Percebendo-se como idosa, ela entende que era necessário construir uma ponte entre a infância e a terceira idade, reforçando assim que o passado seria um guia para entender o presente e construir o futuro.⁹⁰³

De acordo com Flávia Biroli,⁹⁰⁴ a representação de uma família universal esconderia a diversidade de composições e mesmo os problemas presentes em muitos desses grupos. Abramo não tinha, a priori, a intenção de projetar uma imagem elitista da vida das crianças e idosos a quem era direcionado o projeto, por isso escolheu escolas ligadas a diferentes classes sociais. Entretanto, devemos ter em mente que ela parte de repertórios construídos desde a sua origem familiar e circunscritos local e temporalmente, os quais possivelmente tomou como lentes para ler outros arranjos familiares. Biroli ainda atenta para o fato de que a preocupação com uma politização do ambiente familiar é algo recente.⁹⁰⁵ Nesse sentido, não podemos cobrar de Lélia que ela pressupusesse as causas desses silenciamentos ou que tivesse obrigatoriamente contato com tais debates.

Como no projeto anterior, os impasses com a prefeitura não deixaram de se fazer presentes. Em um ofício dirigido ao setor de Estágio Supervisionado, Lélia solicitou (como recorda em sua autobiografia) o apoio de educadoras para analisar os trabalhos coletados. Como resposta foi dito que:

⁹⁰¹ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 242 – 243.

⁹⁰² No acervo pessoal de Lélia Abramo (IEB – USP) encontramos cartas, projetos e bilhetes referentes à sua atuação na SMC. Como esses papéis estavam guardados consigo no momento em que escreveu sua autobiografia, ela pode ter se utilizado deles e de outras fontes para apoiar suas memórias.

⁹⁰³ A antropóloga Guita Debert mostra como os grupos e associações de idosos se apropriam do fator experiencial para valorizar a velhice e o envelhecimento. Lélia certamente estava inteirada desses debates e se apoiou nesses repertórios para construir a sua memória. (DEBERT, Guita Grin. Gênero e envelhecimento. *Revista Estudos Feministas*, v. 2, n. 3, p. 33, 1994.).

⁹⁰⁴ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018.

⁹⁰⁵ Idem.

Nosso sistema de Estágio para estudantes universitários é de Estágio Curricular, (...) cada estagiário deve conter um rigoroso Plano de Estágio Individual, o qual é elaborado pelo supervisor de cada área (profissional, com a mesma formação acadêmica do estagiário) baseado no Histórico Escolar que o estudante traz a cada ano ou semestre, dependendo do regime adotado pela universidade. Esse procedimento é adotado para que cada vez mais se assegure a qualidade técnica do estágio na FMSP, evitando assim a “mão de obra barata”, que o estagiário em algumas vezes é considerado (...). Face ao exposto, informamos ainda, que o atual quadro de vagas para estagiários da SMC está totalmente preenchido, impossibilitando-nos, enquanto Coordenação Setorial de Estágios, de atender a presente solicitação. Caso haja qualquer liberação por parte da Secretaria Municipal de Administração de novas vagas, poderemos contatar Vossa Senhoria para o estabelecimento dos procedimentos de rotina, visando a contratação de estagiários.⁹⁰⁶

Como afirmamos anteriormente, as relações entre os membros da prefeitura não eram necessariamente harmônicas. Todavia, no caso em tela, o impasse não parece residir na diferença de posicionamentos sobre um tema específico, mas na burocracia imposta à realização do projeto, provavelmente desconhecida e considerada estranha pela secretária, causando-lhe grande descontentamento. Uma das parceiras de Lélia nesse trabalho foi a professora Ecléa Bosi,⁹⁰⁷ a qual analisou os dados coletados e produziu um parecer que serviu para prestar contas à prefeitura.⁹⁰⁸ Em meio a debates sobre a *inclusão* de pessoas da terceira idade, Abramo escreveu o projeto *O Idoso e suas dificuldades*, o qual teve dentre seus objetivos:

Promover a adoção de medidas mediante as quais os direitos básicos e elementares do cidadão seriam reintegrados e devolvidos ao idoso que vem sofrendo, no Brasil, toda forma de marginalização. As medidas a serem tomadas visam neutralizar o comportamento preconceituoso da sociedade contra o idoso submetido a vexames e humilhações desde simples ato cotidiano de montar em um ônibus até a marginalização total, afetiva e social.

Criar instâncias jurídicas, sociais, trabalhistas, culturais e artísticas destinadas a inserir o idoso aposentado ou em vias de o ser, nas atividades globais da comunidade, permitindo-lhe a plena satisfação dos direitos de viver, ocupando-se não só em trabalhos e afazeres, como em lazeres e diversões.⁹⁰⁹

⁹⁰⁶ SMC – GABINETE. Memorando nº 2924/92. Assinado por Anna Virgínia T. Tibúrcio. São Paulo: IEB – USP. Fundo Pessoal de Lélia Abramo.

⁹⁰⁷ Ecléa Bosi (1936 – 2017) nasceu em São Paulo – SP e estudou Psicologia na Universidade de São Paulo (USP). Graduiu-se em 1966, tornou-se mestra em 1970 e doutora em 1971. Focou-se nos estudos da memória. Foi professora do departamento de Psicologia da USP e teve laços de amizade com Marilena Chauí e Luíza Erundina de Sousa. Auxiliou na gestão da prefeita e foi parecerista em alguns de seus projetos. Faleceu em São Paulo. (S/A. Ecléa Bosi. Departamento de Psicologia da USPA. Página Online. Disponível em: <http://www.ip.usp.br/site/ecléa-bosi/>. Acesso: 26/01/2021 às 14:32 hrs.).

⁹⁰⁸ BOSI, Ecléa. *Parecer sobre a imagem que a criança tem do idoso com base no exame de trabalho infantil*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura (SMC), 1992. São Paulo: IEB – USP. Fundo Pessoal de Lélia Abramo.

⁹⁰⁹ ABRAMO, Lélia. *O idoso e suas dificuldades: estudos e considerações por Lélia Abramo*. Outubro de 1990. p. 2. São Paulo: IEB – USP. Fundo Pessoal de Lélia Abramo.

Lélia tinha o objetivo de desconstruir estereótipos e combater situações de opressão que provavelmente também vivia no seu dia-a-dia. De acordo com Ada Kesea Guedes Bezerra, a mídia contribuiu para apresentar as pessoas da terceira idade como propensas a doenças e à perda de capacidade para o trabalho. O setor comercial, por outro lado, se apropriou de uma visão oposta para atrair tal público, como potencial consumidor.⁹¹⁰ Partindo de um ponto de vista semelhante, Alda Motta escreve que a sociedade brasileira se nega a dar espaço às pessoas idosas, pois entende que suas vidas estão no passado.⁹¹¹ Em outro texto ela acrescenta que esses preconceitos seriam reforçados também pela lembrança do desgaste físico e da proximidade com a morte. A autora diz também que a geração e o fator etário devem ser observados como um vetor de opressão, pois os adultos jovens ocupam um espaço maior nos postos de trabalho e na política, problema esse que se soma às desigualdades de raça, classe e gênero. Dessa maneira, as hierarquias familiares dos grupos médios reservariam o ambiente doméstico para as pessoas idosas, delimitando atividades distintas entre avôs e avós. Por outro lado, esses sujeitos se tornam os responsáveis pela renda principal de suas casas nas camadas mais pobres na medida em que a sua aposentadoria é utilizada para manter crianças e/ou adultos desempregados.⁹¹²

Atentos a esses problemas, Abramo e a prefeitura buscaram alterar tais concepções. A sua argumentação poderia vir tanto da experiência pessoal com o envelhecimento (e das discriminações sofridas no meio artístico) quanto do reconhecimento de que outros sujeitos sofriam com opressões iguais às dela ou às acima descritas. Em seu projeto também foi escrito:

Não nos parece lógico construir logradouros públicos destinados somente a poucas faixas etárias como se somente os heróis olímpicos tivessem direito de usufruir de espaços abertos destinados ao lazer: um exemplo é o Memorial da América Latina, onde um idoso sem recursos econômicos (possuidor de carro p. e.) jamais poderia nele transitar. Ao descer do metrô, na Estação Barra Funda, teria que percorrer um longo caminho. Em seguida, galgar uma rampa tão fatigante (sobretudo para os cardíacos) quanto absurda, tendo ainda outro longo percurso a fazer até finalmente chegar ao tão sonhado teatro. Uma vez atingido este local, o idoso se encontraria de frente a rampas

⁹¹⁰ BEZERRA, Ada Kesea Guedes. A construção e reconstrução da imagem do idoso pela mídia televisiva. *Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação*. Campina Grande, jan, 2006.

⁹¹¹ MOTTA, Alda Britto da. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*, n. 13, p. 191-221, 1999.

⁹¹² MOTTA, Alda Britto da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. *Sociedade e estado*, v. 25, n. 2, p. 225-250, 2010.

e escadarias quase impossíveis de serem enfrentadas por quem não é mais jovem.⁹¹³

A ideia era a de apresentar as limitações físicas das (os) idosas (os) sem dizer com isso que elas (es) precisariam se reservar aos espaços privados. Tal ponto de vista se afastava de uma imagem que reforçaria que essas pessoas não teriam um papel ativo na sociedade e que por isso deveriam se limitar ao ambiente doméstico e à sua família.⁹¹⁴ Mais uma vez, a proposta da *democratização da cultura* aparece, mas agora para nortear um programa de integração desses sujeitos sem deixar de tratá-los como cidadãos com necessidades específicas.

Lélia também participou de eventos sobre a terceira idade e o envelhecimento. Por exemplo: no teatro Alfredo Mesquita (bairro de Santana – Zona Norte de São Paulo), ela apresentou a palestra *A criança, o adolescente e o idoso*⁹¹⁵ e, na Lapa (Zona Oeste), falou sobre *O Idoso no imaginário da criança*. Esta última palestra fez parte da *Semana da Mulher – A cidadania da mulher da terceira idade*.⁹¹⁶ Tais atividades eram parte das estratégias de difusão cultural da Secretaria, a qual realizava cursos, oficinas e atividades em espaços públicos.⁹¹⁷ Tais ações não eram isoladas, mas estavam relacionadas a um processo mais amplo. De acordo com Guita Debert, os projetos de inserção das pessoas idosas cresceram, ganharam visibilidade nos anos 1980 e 1990 e passaram a se voltar para a desconstrução de estereótipos e preconceitos. Dentre suas premissas, a terceira idade seria um momento de valorização da experiência e de reforçar a dívida dos mais jovens com esses sujeitos. Contudo, a antropóloga salienta que, apesar do objetivo de contemplar um leque amplo de pessoas, tais iniciativas atingiram uma parcela diminuta de idosos, em sua maioria mulheres de classe média.⁹¹⁸ Após deixar o cargo em 1993, Abramo foi convidada pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo a dar aulas de teatro para jovens em situação de rua. Ao recordar desse trabalho ela diz:

⁹¹³ ABRAMO, Lélia. *O idoso e suas dificuldades*: estudos e considerações por Lélia Abramo. Outubro de 1990. p. 7. São Paulo: IEB – USP. Fundo Pessoal de Lélia Abramo.

⁹¹⁴ BEZERRA, Ada Kesea Guedes. Op Cit, 2006; MOTTA, Alda Brito da. Op Cit, 1999; MOTTA, Alda Brito da. Op Cit, 2010.

⁹¹⁵ SECRETARIA Municipal de Cultura. Sem título. Cronograma de Evento. De 18 a 22 de maio. São Paulo: Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

⁹¹⁶ SECRETARIA Municipal de Cultura. *Semana da mulher – a cidadania da mulher na 3ª idade*. De 8 de março a 14 de março de 1992. São Paulo: Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

⁹¹⁷ SOUZA, Valmir de. Op Cit, 2018. p. 106.

⁹¹⁸ DEBERT, Guita Grin. Op Cit, 1994.

(...) fui convidada a participar do projeto Teatro Comunitário, da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo (...). A mim coube dar aulas num município um tanto distante da capital (...). Assim foi que, uma vez lá, vi-me à frente de um grupo de jovens de ambos os sexos, a maioria negros e mulatos, (...) eram meninas e meninos de rua, sem domicílio certo (...). Sentia-me incapaz de convencer a turma, que era, além de tudo, chefiada por uma mocinha de pouco mais de 15 anos, sempre armada com um belo revólver na cintura. Repentinamente veio-me uma ideia: convidei-os a apresentarem cenas sobre suas próprias vidas (...). Eles representaram magnificamente: eram personagens de si mesmos e viveram seus próprios papéis. Fugas, assaltos, estupros, violência, prisão e morte. Sabiam “morrer” lindamente. Corriam e usavam armas com desenvoltura (...). Mas infelizmente a Secretaria de Cultura local retirou-me o direito à condução e o meu transcurso para esse município afastado tornou-se praticamente impossível. (...). Saí de lá com o coração apertado, pensando na pouca atenção e na displicência de quem, ao impossibilitar a sua continuação, não estava entendendo a importância e dimensão daquela atividade.⁹¹⁹

A única fonte que encontramos para falar desse trabalho é a autobiografia de nossa personagem. Como fruto de um período posterior, devemos analisá-la com cuidado, focando-nos nos imaginários e repertórios expostos no seu texto. Além do mais, sabemos que Lélia não criou o projeto Teatro Comunitário e muito menos era servidora do governo do estado de São Paulo, mas, mesmo assim, optou por fazer parte de suas atividades. Esse convite se deu provavelmente pela visibilidade que construiu na mídia e nos palcos, além do seu trabalho na prefeitura. Outro ponto que devemos considerar é que Abramo sublinhou o gênero, a classe e a raça de suas (seus) alunas (os). Primeiramente, ela recorda da liderança de uma menina sobre os educandos, além de perceber a predominância de jovens negros e a experiência deles com a violência e a carência material e afetiva.

Entre projetos não realizados, por obstáculos atribuídos à burocracia e à pouca compreensão de determinados gestores, e lembranças afetivas, nossa personagem mostra desanimação ao falar do trabalho realizado na SMC. Tendo sentido na pele a discriminação por ser idosa (como analisamos no primeiro capítulo), Abramo entendia que precisava utilizar-se da educação para sanar certos comportamentos preconceituosos em termos de geração. Contudo, suas lembranças não deixam de expressar frustrações, pois os seus planos estavam sujeitos aos projetos de outras pessoas e a possibilidade de realizá-los era regrada pelas demandas de um determinado grupo e momento, e pelo próprio funcionamento da máquina administrativa pública. Para melhor entendermos esses pontos, vamos voltar no tempo para tratar da trajetória pública de sua *chefe*, Luíza Erundina de Souza.

⁹¹⁹ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 244 – 245.

Luíza Erundina de Sousa foi candidata a vereadora da cidade de São Paulo em 1982. Permeada pelas greves dos anos anteriores e as pautas trazidas por movimentos populares e de mulheres, sua campanha se voltou para diferentes frentes. Buscando apresentar seus posicionamentos, ela deu uma entrevista ao jornal *Em Tempo*, na qual tratou de questões como a maternidade:

Acho que é responsabilidade do Estado não impor este controle de natalidade, mas criar condições para que esta opção possa ser feita de forma adequada, de forma consequente, de forma satisfatória do ponto de vista da saúde (...). Eu acho que não é questão de dizer: “Não queremos pílula, queremos um salário melhor”. Queremos pílula também. Mas não só pílula para evitar o número de filhos, porque não se tem salário adequado para mantê-los. Acho que a questão que se coloca é da liberdade: de escolher se usa pílula, que pílula vai usar, que método vai usar, mas também a liberdade de ter um emprego estável, um salário justo para as necessidades e os direitos da população trabalhadora.⁹²⁰

Luíza afirma que o Estado não deveria interferir no direito de escolha das mulheres em relação à maternidade. Ela também ressalta a necessidade de pensá-la em termos de classe, apontando para a importância de se garantir certos direitos, como um salário justo. Afinal, devemos lembrar que a maternidade é vivenciada de formas variadas em função das diferenças sociais, pois muitas mães sofrem com a violência e a pobreza.⁹²¹ Tais problemas, segundo a personagem, trariam a necessidade de propostas que contemplassem as especificidades de cada grupo. Ela também entende a importância de democratizar o acesso ao anticoncepcional, mas que este deveria ser uma escolha e não uma imposição, atribuindo às trabalhadoras a decisão de usá-lo ou não. Tal debate se opunha àquilo que era postulado por grupos que defendiam a separação entre maternidade e liberdade. Biroli chega a alertar que essa concepção seria restrita a um grupo específico (classe média e elite) e não pode ser utilizado para pensar as demandas de todas as mulheres.⁹²²

⁹²⁰ GODINHO, Tatau. O direito de decidirmos nossas vidas. *Em Tempo*. nº 155. De 29 de julho a 11 de agosto de 1982. p. 14. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. Fundo Democracia Socialista.

⁹²¹ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018.

⁹²² Idem.

Seguindo a pauta do *governo dos trabalhadores*,⁹²³ Luíza se afastava desses sujeitos e se colocava próxima aos setores populares. Mesmo assim, ela não deixava de dialogar com outros movimentos de mulheres:

É um direito da mulher deliberar sobre o seu corpo, sobre sua vida, sobre seu projeto de vida. Eu acho que a luta do movimento feminista passa por aí, não é a questão de defender a natalidade pela natalidade, ou controle pelo controle, mas de defender o direito da mulher de uma opção, de uma liberdade em relação àquilo que lhe diz respeito.⁹²⁴



GODINHO, Tatau. O direito de decidirmos nossas vidas. *Em Tempo*. nº 155. De 29 de julho a 11 de agosto de 1982. p. 14. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. Fundo Democracia Socialista.

A página do jornal com a entrevista de Luíza fazia uma alusão à imagem da atriz Leila Diniz quando esta posou de biquíni grávida nos anos 1970. A ideia dos seus redatores era estabelecer uma relação entre tal feito e o fato de uma vereadora dizer abertamente que a maternidade é uma opção. Na *chamada* da entrevista consta: “Em 1970 Leila Diniz mostrava a barriga grávida em Ipanema, quebrando um dos tabus que cercam a maternidade, que Luíza considera uma opção.”⁹²⁵ O diálogo entre essas conjunturas talvez acontecesse, consciente ou inconscientemente, para Luíza, nos espaços de militância ou mesmo pelas leituras que nossa personagem realizou até aquele momento. Como analisado no primeiro capítulo, Vânia Vasconcelos mostra que um grupo de mulheres do interior baiano se apropriou de discussões referentes ao gênero que emergiram nos anos 1960 e 1970. Nas entrevistas realizadas pela historiadora, ela

⁹²³ MARTINEZ, Paulo Henrique. Op Cit, 2007.

⁹²⁴ GODINHO, Tatau. *Em Tempo*. nº 155. De 29 de julho a 11 de agosto de 1982. p. 14. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. Fundo Democracia Socialista.

⁹²⁵ GODINHO, Tatau. *Em Tempo*. nº 155. De 29 de julho a 11 de agosto de 1982. p. 14. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. Fundo Democracia Socialista.

pôde perceber como essas referências moldaram suas falas no decorrer daquelas décadas.⁹²⁶ Como parte daquelas que se apropriaram desses *novos* repertórios, Luíza construiu um ponto de vista que a possibilitou compreender a necessidade desses debates. A matéria ocupa uma página inteira no *Em Tempo*, o que pode ter ocorrido pelo fato de várias (os) militantes da DS se voltarem a temáticas relacionadas à condição da mulher.⁹²⁷

A atuação de Luíza não se restringiu a essas questões, mas também tratou de propostas relacionadas, por exemplo, aos movimentos por moradia:

Juntos estamos construindo uma organização que unifique as diversas lutas em torno da questão habitacional no Município de São Paulo e que já se estende por vários outros municípios. O parlamento, por outro lado, tem servido ao Movimento em termos de infraestrutura e como apoio político no encaminhamento de suas propostas sob a forma de moções, requerimentos, pronunciamentos, etc. Finalmente, as alternativas de solução encontradas por este e outros movimentos para os vários problemas que enfrentam constituem subsídios para o Partido formular políticas e orientar a atuação de seus militantes.⁹²⁸

Luíza seguiu a pauta do PT ao entender que os movimentos populares ditariam a agenda da sua bancada. Dentre os grupos citados, ela enfocou os que reivindicavam habitação. Como analisamos no capítulo anterior, sua profissão lhe possibilitou se aproximar desses sujeitos e construir uma pauta comum, na medida em que poderia atuar de dentro do Estado para auxiliar essas pessoas. Tais fatores interferiram na configuração do seu mandato e permaneceram no material de campanha para o pleito de 1986 (no qual concorreu à deputada estadual):

Dar continuidade ao trabalho desenvolvido como vereadora do PT na cidade de São Paulo.

É necessário levar até outras regiões de nosso Estado (...) a experiência de luta já acumulada na cidade de São Paulo. Experiência esta que, se adequada à realidade de cada cidade ou região e combinada com a luta dos trabalhadores do campo (...), em muito contribuirá para o estabelecimento de um patamar de vida de acordo com as reais necessidades da população de nosso Estado.⁹²⁹

⁹²⁶ VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Op Cit, 2006.

⁹²⁷ MACEDO, Edmar Almeida. Op Cit, 2013. p. 76 – 77.

⁹²⁸ SOUSA, Luíza Erundina de. Depoimento prestado durante o Encontro de Petistas que atuam em Movimentos Populares de São Paulo. Câmara Municipal, 1985. In: SOUSA, Luíza Erundina de. *Exercício da paixão política*. São Paulo: Cortez, 1991. p. 154 – 155.

⁹²⁹ SOUSA, Luíza Erundina de. Plataforma de Trabalho. 1986. In: SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit, 1991. p. 160 – 161.

Luíza havia construído parte de suas bases eleitorais entre esses sujeitos. A proposta de seguir dando visibilidade a suas pautas poderia ser fruto tanto de suas experiências e relações afetivas, quanto de uma estratégia para ampliar e manter o seu eleitorado, ou, mais provavelmente, de ambas as coisas. Ela igualmente passa a agregar os trabalhadores rurais na sua plataforma, o que pode ter ocorrido pelo desejo de aumentar a sua esfera de atuação, do município para o estado, e volta também a tratar de questões de gênero:

Continuar a luta pela participação da mulher na vida política de nosso país.

Apesar do machismo e da opressão, defendo que a mulher tem condições de, em igualdade e ao lado do homem, lutar pela transformação de nossa sociedade. Na Assembleia Legislativa, pretendo dar continuidade a esse trabalho de valorização da mulher em nossa sociedade.⁹³⁰

Identificando-se com outras mulheres, Luíza trouxe para o centro da discussão as desigualdades de gênero. Sendo uma das três vereadoras da cidade de São Paulo entre 1983 e 1987,⁹³¹ ela pode ter se sentido impelida, a partir das restrições e discriminações que sofreu quotidianamente por ser uma mulher atuando no campo político institucional, a estimular outras a fazerem o mesmo. Esse problema não era exclusivo da capital paulista, mas ocorria também em outras municipalidades, como Porto Alegre.⁹³² Refletindo sobre tal questão, Céli Pinto⁹³³ pontua a escassez de parlamentares do sexo feminino com carreiras longevas, o que seria decorrente das barreiras que uma parte delas enfrentava para se inserir e permanecer nesses espaços. Contudo, não podemos tomar o posicionamento de Erundina como algo unívoco entre as parlamentares brasileiras, pois as demandas de gênero não eram o foco de todas elas e as teses do feminismo sofriam resistência inclusive entre os diferentes movimentos de mulheres.⁹³⁴

⁹³⁰ Idem. p. 162.

⁹³¹ Naquela legislatura foram eleitas a assistente social Luíza Erundina de Sousa, a jornalista feminista Irede Cardoso e a professora Tereza Lajolo, todas do PT.

⁹³² PINTO, Céli Regina; MORIZ, Maria Lúcia; SCHULZ, Rosângela; MORAES, Tais Flaviana. Op Cit, 2000.

⁹³³ PINTO, Celi Regina J.; SILVEIRA, Augusta. Op Cit, 2018.

⁹³⁴ Na década de 1980 podemos tomar como exemplo a deputada Sandra Cavalcanti (PFL – RJ), a qual se opunha a pautas trazidas por movimentos de mulheres de esquerda e reforçava as divisões binárias de gênero.

Luíza tomou posse como deputada estadual em 1987 entre oito mulheres e noventa e quatro homens.⁹³⁵ Seu foco seguiu sendo os movimentos populares. Muito dos seus projetos não seriam efetivados devido a fatores alheios à sua vontade (como o choque com propostas diferentes ou o interesse de outras bancadas). Não encontramos pronunciamentos referentes às pautas de mulheres nesse momento, o que não quer dizer que ela não tenha atuado em torno dessa temática, mas que outras questões ganharam mais visibilidade na ALESP. A oposição ao governador Orestes Quércia,⁹³⁶ do PMDB, também é recorrente em suas falas. Em uma entrevista para o Boletim Informativo do PT, em 1987, ela disse:

O PT teve um plano de governo que foi a base da campanha para o governo de São Paulo. Agora, nós estamos realizando, colocando-o em confronto com o que se prevê que será o governo Quércia e vamos estabelecer um plano de lutas com propostas alternativas em relação ao que ele vier propor. Sobretudo, naqueles pontos em que o PT tem grande experiência, como transporte, habitação e a política social de um modo geral. Vamos lutar por um processo de reestruturação administrativa dentro do Estado. Por outro lado, estamos avaliando como o governo está se comportando na criação das secretarias e na extinção de alguns órgãos. Fica claro para nós que não houve um plano racional, lógico e funcional para essa mudança da máquina administrativa que ele começou a implantar. Foi muito mais uma distribuição de cargos, em resposta a promessas de campanha, do que uma preocupação em dar um tratamento racional à máquina do Estado.⁹³⁷

Luíza seguia sua bancada ao fazer críticas ao governador. Conversando com seus pares ao dar uma entrevista, ela reforça suas posições e ressalta pontos como a questão da habitação, do transporte e das políticas públicas. Um dos principais aspectos de confronto com o Executivo foi a proposta de extinção do gatilho salarial. O período era de discussão em torno da Constituinte Estadual (1988 – 1989) e a deputada não deixou de se posicionar sobre temas como a reforma administrativa gerada pela nova

⁹³⁵ Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo. Resultados eleitorais. Consulta por nome. Sistema Paulística. Disponível em: <http://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/sistema-paulistica> Acesso: 26/01/2021 às 14:50 hrs.

⁹³⁶ Orestes Quércia (1938 – 2010) nasceu em Pedregulho – SP e estudou Direito na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP). Foi vereador nesta cidade entre 1963 e 1966 e deputado estadual de 1967 a 1969. Foi eleito prefeito de Campinas (MDB) (1969) e Senador (1975). Em 1983, ele foi escolhido como vice-governador na chapa de André Franco Montoro. No ano de 1986 ganhou as eleições para o executivo estadual e ocupou o posto de 1987 a 1991. Foi candidato à presidência da República em 1994 e novamente ao governo de São Paulo em 1998. Sem êxito, concorreu ao Senado em 2002 e em 2010, quando teve de renunciar à sua candidatura por problemas de saúde. Faleceu pouco depois em São Paulo. (GOUGET, Gisele; ALDÉ, Lorenzo; SETEMY, Adrianna. Orestes Quércia. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOCA/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoca/acervo/dicionarios/verbete-biografico/orestes-quercia> Acesso: 26/01/2021 às 14:50 hrs.).

⁹³⁷ SOUSA, Luíza Erundina de. Entrevista. Boletim Informativo do PT, 1987. In: SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit, 1991. p. 170 – 171.

carta magna. Erundina ainda leu cartas de professores (as) e alunos (as) sobre a estrutura e alimentação nas escolas⁹³⁸ e tratou da epidemia de AIDS, como nesse trecho:

Senhor Presidente, Senhores deputados, comemora-se hoje em todo o país o “Dia de Luta contra a AIDS”. Aqui em São Paulo este dia será comemorado com um culto ecumênico a ser celebrado na Catedral da Sé, hoje às 19 horas, com as comunidades da sociedade civil e todas as pessoas interessadas na luta contra esse problema de saúde pública que ameaça o nosso país, a nossa sociedade. Aproveitamos a oportunidade para nos associarmos às comemorações e às denúncias contra as autoridades, contra o Governo pelo descaso, pela omissão e irresponsabilidade no trato desse e de outros graves problemas de saúde pública em nosso país. Aproveitamos (...) [para] nos solidarizarmos com o grupo de apoio e prevenção à AIDS (...) que desde o início vem (...) denunciando aqueles que têm a responsabilidade de prevenir o aparecimento deste mal ou de trata-lo quando pela incúria das autoridades públicas federais, estaduais e municipais já tenha se manifestado.⁹³⁹

A crítica ao governo do estado e à prefeitura janista era a tônica de sua fala. A AIDS havia sido descoberta em 1981 nos Estados Unidos e se espalhou por diferentes países. No Brasil, o primeiro caso reconhecido ocorreu em 1982. Independente da região, ela foi utilizada para discriminar homossexuais, hemofílicos e prostitutas.⁹⁴⁰ Dentre aqueles que morreram em função da síndrome, Henrique de Souza Filho (Henfil)⁹⁴¹ era companheiro de partido e amigo de Luíza e havia falecido dias antes. Ele desenhava charges para os periódicos e campanhas do PT. Essa perda pode ter sido um dos fatores para que Erundina levantasse a questão no plenário (além disso, Eder Sader estava hospitalizado naquele momento também em função do HIV-AIDS). Tal fala

⁹³⁸ SOUSA, Luíza Erundina de. Lê carta de menina sobre extinção do gatilho dos professores. 30/04/1987. Diário Oficial da União. 21 de maio de 1987; SOUSA, Luíza Erundina de. Carta de aluno sobre gatilho salarial de professores. 30/04/1987. Diário Oficial da União. 21 de maio de 1987; SOUSA, Luíza Erundina de. Lê carta de aluna pedindo gatilho salarial para professores. 06/05/1987. Diário Oficial da União. 19 de maio de 1987.

⁹³⁹ SOUSA, Luíza Erundina de. Discurso na sessão ordinária da ALESP. 27/04/ 1988. Diário Oficial da União. 15 de maio de 1988. p. 54.

⁹⁴⁰ Dentre os estudos sobre o assunto, podemos citar: PAULA, Paulo Sergio Rodrigues de; LAGO, Mara Coelho de Souza. Da peste gay ao barebacking sex: AIDS, biopolítica e risco em saúde. *Ciencias Sociales y Educación*, v. 2, n. 4, 2013; CARVALHO, Carlos Alberto de. Afetar e ser afetado pelo acontecimento: coberturas jornalísticas da Aids e impactos sociais. *Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 38, n. 2, p. 253-272, 2015; BARRETO, Letícia Cardoso. “Somos sujeitas políticas de nossa própria história”: prostituição e feminismos em Belo Horizonte. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

⁹⁴¹ Henrique de Souza Filho (Henfil) (1944 – 1988) nasceu em Ribeirão das Neves – MG e cursou Sociologia na UFMG. Trabalhou como cartunista desde 1964 e entrou para a redação da revista *O Pasquim* em 1969. Era irmão do sociólogo Herbert José de Souza (Betinho) (1935 – 1997) e do músico Francisco Mário de Souza (Chico Mário) (1948 – 1988). Participou da fundação do PT em 1980 e desenhava para muitas de suas campanhas. Contraiu AIDS em uma transfusão de sangue e faleceu em decorrência de complicações com a doença no Rio de Janeiro. (S/A. Henfil. Memórias da Ditadura. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/henfil/>. Acesso: 26/01/2021 às 14:50 hrs.).

também nos ajuda a entender como Luíza dialogava com diferentes sujeitos ao utilizar-se do seu mandato para tocar em múltiplas questões.

Ao se tornar prefeita em 1988, Luíza ampliou sua esfera de atuação, o que lhe abriu a possibilidade de tocar em outros temas. Em seu discurso de posse, ela afirmou:

Desejo transformar esta solenidade de posse como prefeita da maior cidade do país, numa homenagem e num ato de reparação pelos hediondos crimes cometidos contra a vida de trabalhadores camponeses na Paraíba, garimpeiros de Serra Pelada, metalúrgicos de Volta Redonda, seringueiros do Acre, crianças e adultos levados pelas cheias de São Paulo, índios, negros e mulheres desrespeitados em seus direitos fundamentais em todos os recantos deste imenso país (...). A opção por uma mulher, uma nordestina, uma filha de camponeses, marca o começo de um novo tempo gestado pelo próprio povo, e que se desdobrará num processo de amplas e profundas transformações (...). O caráter popular deste governo será dado pela inversão de prioridades, no sentido de atender aos direitos sociais da população trabalhadora, historicamente preterida quando da elaboração e implementação das políticas públicas (...) além de estimular e respeitar a organização autônoma e independente dos trabalhadores, na perspectiva de construção do autêntico poder popular.⁹⁴²

Luíza reforça seus pertencimentos. Ela retorna aos camponeses paraibanos, aos metalúrgicos assassinados em Volta Redonda – RJ no ano anterior, às arbitrariedades ocorridas no garimpo de Serra Pelada e aos seringueiros do Acre, fazendo alusão a Chico Mendes,⁹⁴³ assassinado dias antes de seu discurso. A referência a esses fatos era uma forma de marcar posição naquela conjuntura e se identificar com aquelas pessoas. Erundina também cita grupos como os indígenas, os negros e as mulheres, populações historicamente vulnerabilizadas e subalternizadas na sociedade brasileira. Colocando-se como nordestina, ela também buscou dialogar com a população migrante de São Paulo, parte expressiva do seu eleitorado.

⁹⁴² SOUSA, Luíza Erundina de. Discurso de posse. São Paulo, 1 de janeiro de 1989. In: PATARRA, Ivo. O governo Luiza Erundina: cronologia de quatro anos de administração do PT na cidade de São Paulo (1989 – 1992). São Paulo: Geração Editorial, 1996. p. 33 – 34.

⁹⁴³ Francisco Alves Mendes Filho (Chico Mendes) (1944 – 1988) nasceu em Xapuri – AC e era filho de seringueiros. Trabalhou no mesmo ofício dos seus genitores e se tornou sindicalista em 1975. Filiou-se ao MDB e elegeu-se vereador de Xapuri em 1977. Foi perseguido e acusado de subversão posteriormente. No ano de 1980 participou da fundação do PT. Em 1981 tornou-se presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri. Tentou eleger-se deputado estadual no Acre em 1982, mas não obteve êxito. Atuou ainda em defesa de pautas ambientalistas. Ameaçado de morte, foi assassinado em sua casa na cidade de Xapuri. (ZAYLBERBERG, Sônia. Chico Mendes. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-alves-mendes-filho> Acesso: 26/01/2021 às 14:50 hrs.).

Analisando os eventos de perto, Maura Lúcia Penna⁹⁴⁴ escreve que as identidades de Erundina eram reforçadas ou silenciadas de acordo com as necessidades do momento (no que não difere de outras pessoas). Assim, no contexto em tela, sua *nordestinidade* ganhava mais espaço, pois ela repetiria em diversos momentos que era paraibana e filha de trabalhadores sertanejos. Como vimos no capítulo anterior, os pertencimentos regionais de Luíza não estavam postos logo no início de sua militância, mas foram agenciados pela relação afetiva com o seu passado familiar e regional. No que tange à classe, os fatores seriam semelhantes. A prefeita voltou a sua fala para os direitos da população trabalhadora e buscou romper com aquilo que considerava elitista. De fato, tratava-se do primeiro governo de esquerda da cidade de São Paulo, o que gerava uma série de expectativas tanto de sua parte quanto da de suas (seus) companheiras (os) de partido.

Seguindo seus anseios pessoais, bem como os do seu partido, Luíza também se reconheceu como uma representante dos perseguidos pela ditadura civil-militar brasileira. Assim, ela se uniu aos familiares de vítimas e desaparecidos para pressionar pelas investigações sobre a descoberta de uma vala clandestina no Cemitério de Perus (extremo da Zona Norte de São Paulo).⁹⁴⁵ Em um balanço do governo foi dito que:

A partir de denúncias de familiares de presos políticos desaparecidos, a Prefeitura de São Paulo localizou 1049 ossadas enterradas clandestinamente no Cemitério Dom Bosco, em Perus. Inaugurado pelo então prefeito Paulo Maluf, o cemitério serviu como cenário para um dos períodos mais violentos da história da Brasil (...). Para a prefeita Luíza Erundina, era preciso seguir em frente, identificando, entre as ossadas localizadas em Perus, os presos políticos desaparecidos. Com o apoio e a coragem de Erundina, foi assinado

⁹⁴⁴ Maura Lúcia Penna defendeu sua dissertação de mestrado em 1990 pela UFPB (PENNA, Maura Lúcia. *O que faz ser nordestino: a questão das identidades sociais e o jogo de reconhecimento no caso Erundina*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1990.). Posteriormente, ela a publicou como livro (PENNA, Maura. *O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina*. São Paulo: Cortez Editora, 1992.).

⁹⁴⁵ O Cemitério Dom Bosco foi inaugurado na primeira gestão do prefeito Paulo Maluf (1969 – 1971) e tinha o objetivo de ser um crematório. Após a negativa do projeto, se tornou um local para o sepultamento de moradores de rua e corpos não identificados. Após investigação do jornalista Caco Barcelos em 1990, levantou-se a suspeita de que o espaço servia para esconder militantes de oposição assassinados pelo Estado. Em setembro daquele ano confirmou-se a presença de uma vala clandestina, a qual foi aberta com a supervisão da prefeita Luíza Erundina e representantes de mortos e desaparecidos na ditadura civil-militar. Cito dentre os estudos realizados a respeito do assunto: BARRERO JUNIOR, Roger Camacho. Lágrimas que vertem do solo: lutos e supressões nas disputas da memória em torno de mais uma vala sul-americana (Bairro de Perus, São Paulo, 1990-1993). *Aedos*, v. 9, n. 21, p. 132-154, 2017; TELES, Janaina Almeida. A constituição das memórias sobre a repressão da ditadura: o projeto Brasil Nunca Mais e a abertura da vala de Perus. *Anos 90*, v. 19, n. 35, p. 261-298, 2012; TELES, Janaina de Almeida. Ditadura e Repressão: Locais de Recordação e memória social na cidade de São Paulo. *Lua Nova*, n. 96, 2015.

um convênio com o Departamento de Medicina Legal da Unicamp, permitindo a realização desse trabalho e resultando na identificação de Denis Casemiro, Antonio Carlos Bicalho Lana e Sonia Maria de Moraes Angel Lopes, que tiveram, junto com outros desaparecidos políticos, seus nomes colocados em ruas da capital.⁹⁴⁶

Como analisamos no capítulo anterior, Luíza tem uma memória dolorosa em relação ao regime ditatorial iniciado em 1964. Buscando ressignificar nomes e lugares, sua gestão homenageou as vítimas da ditadura e deu outros usos a certos espaços. Tais atitudes iam além da sua identidade pessoal, mas eram uma reação às disputas mnemônicas acerca daquele passado. No final dos anos 1980 e início dos 1990 os *antigos* apoiadores do regime diziam que os seus opositores buscavam um enfrentamento “revanchista” com seus algozes, além de contrariarem a lei de Anistia (1979). Na fala desses agentes, tais pessoas somente conseguiriam combatê-los com palavras, pois não se equipararam nas armas.⁹⁴⁷ Buscando dar visibilidade às lembranças de quem foi reprimido (e às suas), Luíza deu um depoimento à televisão, no qual disse:

Esse fato aqui tem importância. No sentido de passar para a opinião pública que pelo menos o governo municipal não vai abrir mão dos resultados desses encaminhamentos. Temos que levá-los às últimas consequências, dure o tempo que durar, custe o que custar. Isso que é importante e que nos dá vontade e certeza dos resultados desse esforço que não é só do governo municipal, mas é também da sociedade, dos familiares, das entidades que lutam pelos direitos humanos em nossa cidade e em nosso país.⁹⁴⁸

Se antes essas memórias eram subterrâneas,⁹⁴⁹ agora a prefeita poderia expor seu ponto de vista e dar visibilidade aos familiares de desaparecidos políticos. Como prefeita, Erundina também teria mais possibilidade de modificar a postura do governo municipal e igualmente de ajudar essas pessoas, dando apoio logístico e material às suas necessidades.

Durante a sua gestão, a prefeita também se reuniu com grupos feministas para discutir a criação de uma Coordenadoria Especial da Mulher na cidade de São Paulo.⁹⁵⁰

⁹⁴⁶ PREFEITURA Municipal de São Paulo. São Paulo para todos: Relatório final de governo (1989 – 1992). São Paulo: PMSP, 1992. p. 40. São Paulo: Fundo Lélia Abramo, Fundação Perseu Abramo.

⁹⁴⁷ MARTINS FILHO, João Roberto. Op Cit, 2002.

⁹⁴⁸ REDE Globo de Televisão. Descoberta da Vala de Perus. Setembro de 1990. Canal Núcleo de Preservação da Memória Política. Descoberta da Vala de Perus. Postagem: 14 de outubro de 2011. (6 m 20 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UFCOr5QbxcE&t=3s> Acesso: 26/01/2021 às 14:50 hrs.

⁹⁴⁹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, nº 3, 1989.

⁹⁵⁰ DELGADO, Maria do Carmo Godinho. Op Cit, 2007.

Dentre as propostas, buscou-se considerar a participação política feminina e o saneamento de problemas como a violência doméstica e sexual. Apesar das reuniões, o órgão somente foi oficializado pela Câmara Municipal em 1992.⁹⁵¹ Sua gestão também se utilizou do diálogo com feministas para criar um serviço de aborto legal no Hospital Municipal do Jabaquara (Zona Sul de São Paulo). De acordo com Lucila Scavone,⁹⁵² o programa foi o primeiro no país a assegurar uma assistência médica segura para casos previstos em lei e foi criado a partir de uma série de discussões com grupos feministas. Vale lembrar que a Coordenadoria Especial da Mulher era gerida por elas.⁹⁵³

Contudo, como era de se esperar, nem todos os projetos da gestão Erundina foram postos em prática ou oficializados pela Câmara Municipal, nem receberam os financiamentos necessários. Após quatro anos de mandato, e em meio a angústias e felicitações, a prefeita disse no balanço final do seu governo:

Nos últimos quatro anos, São Paulo, como os demais municípios brasileiros, sofreu os efeitos perversos da política econômica recessiva do Governo Federal, que provocou acentuada queda de receita, ao mesmo tempo que cresceu a demanda de serviços públicos em consequência do desemprego em massa. Além disso, nossa cidade foi discriminada pelo Governo Federal que não concedeu um único financiamento e negou autorização para que o nosso governo contraísse qualquer financiamento externo. Tendo que sobreviver com recursos próprios, ainda fomos obrigados a pagar dívidas vencidas de governos anteriores ao nosso, num total de 700 milhões de dólares. A relação com a Câmara Municipal foi extremamente difícil. Com minoria durante todo o governo, o Executivo teve retardada a votação de importantes projetos de Lei (...). Finalmente, saímos do governo com a consciência do dever cumprido e a certeza de termos dado o melhor de nós mesmos no cumprimento da histórica tarefa que o povo de São Paulo nos confiou.⁹⁵⁴

Tendo um olhar posterior aos fatos, Luíza e sua equipe evidenciavam que parte de seus projetos não foram concretizados. Se em 1989 imperava a esperança do primeiro governo de esquerda da cidade de São Paulo, agora eram acentuadas as dificuldades políticas para a implementação das metas almejadas. Uma das dificuldades assinaladas foi o regime de austeridade provocado pelo governo de Fernando Collor de Mello, o qual cortou recursos para diferentes áreas, além de proceder o confisco das

⁹⁵¹ PREFEITURA Municipal de São Paulo. Lei Ordinária nº 11336/92. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/lei-ordinaria/1992/1133/11336/lei-ordinaria-n-11336-1992-cria-a-coordenadoria-especial-da-mulher-cem-e-da-outras-providencias> Acesso: 26/01/2021 às 14:50 hrs. A Lei também está disponível como anexo na tese de Maria do Carmo Godinho Delgado (DELGADO, Maria do Carmo Godinho. Op Cit, 2007. p. 239.).

⁹⁵² SCAVONE, Lucila. Políticas feministas do aborto. *Estudos Feministas*, p. 675-680, 2008. p. 678.

⁹⁵³ DELGADO, Maria do Carmo Godinho. Op Cit, 2007. p. 242.

⁹⁵⁴ PREFEITURA Municipal de São Paulo. *São Paulo para todos: Relatório final de governo (1989 – 1992)*. São Paulo: PMSP, 1992. p. 4 – 5 São Paulo: Fundo Lélia Abramo, Fundação Perseu Abramo.

poupanças. De acordo com Basílio Salum Junior,⁹⁵⁵ a medida atingiu principalmente as elites e não teve êxito em amenizar a inflação. Contudo, José Ricardo Ramalho⁹⁵⁶ diz que, para além desses grupos, os setores populares sofreram com o aumento dos preços, o desemprego e o desmonte de direitos trabalhistas.

As angústias de Luíza e sua equipe poderiam ser maiores naquele momento pelo fato de Eduardo Suplicy não ter conseguido se eleger para a prefeitura de São Paulo. Passando o cargo para Paulo Maluf, a ideia era de mostrar que a sua gestão provocou mudanças substanciais na cidade, apesar das barreiras impostas pela Câmara e pelo governo federal. Luíza ainda tentou se eleger senadora nas eleições de 1994 e novamente prefeita em 1996, mas não obteve êxito. Ela deixou o PT após essa campanha. Como o objetivo aqui é analisar a trajetória de nossas personagens nesse partido, devemos encerrar por ora a análise sobre Erundina e partir para a trajetória de Irma Passoni. Aquilo que ocorreu após 1997 será tratado no próximo capítulo.

Entre movimentos populares, de mulheres e religiosos

Irma já era deputada estadual em 1980 quando foi eleita representante do MCV na ALESP. Utilizando-se do que era debatido pelo seu movimento, ela deu uma entrevista ao jornal trotskista *Em Tempo*:

O que nós queremos é juntar a luta popular com a luta política. E essa consciência de unir as lutas é muito importante. Ela é própria do trabalhador, ele não quer muita teoria, ele quer juntar a teoria com a prática. Ainda ontem fiz uma reunião com seis bairros onde o pessoal acha que ou se faz uma política ligada à luta popular, à luta dos bairros, ou então não se faz política (...). O caminho para a solução dos problemas tem de ser discutido, assumido, levado em frente por todo mundo. E não por uma pessoa que queira avançar demais. Tem que haver um levantamento dos problemas juntos, discussão desses problemas e de suas causas juntos, o que a gente vai fazer, os passos a serem dados (...). Nossa tarefa é participar desses movimentos tentando fermentar suas atividades, isto é, entrar neles e fazer eles crescerem de dentro para fora e não porque o partido disse, o partido mandou ou porque as ideias políticas disseram.⁹⁵⁷

A noção de que a militância deveria ocorrer por meio de decisões horizontais desde a base permanecia na fala de Irma. Se, por um lado, essa era uma estratégia para

⁹⁵⁵ SALUM JUNIOR, Basílio. Op Cit, 2018.

⁹⁵⁶ RAMALHO, José Ricardo. Op Cit, 2018.

⁹⁵⁷ BAVA, Silvio Caccia. O PT e as lutas populares. *Em Tempo*. Ano 3, nº 109, 3 a 16 de julho de 1980. p. 6. São Paulo: CSBH – FPA, Fundo Democracia Socialista.

marcar posição em seu novo partido (PT), por outro, ela também mostrou aos seus eleitores que ainda defendia as pautas e estratégias do MCC. Afinal, Passoni havia construído a sua carreira política, e foi eleita, pelo trabalho junto a esses sujeitos. Tal fator igualmente serviria para moldar a sua agenda e direcionar a sua atuação no Legislativo, apesar das críticas que vinha recebendo por estar se afastando do bairro de Vila Remo desde 1979.⁹⁵⁸ Assim, a deputada pode ter sentido a necessidade de lembrar o trabalho ali realizado com o intuito de reforçar compromissos estabelecidos desde a sua primeira campanha eleitoral (1978). Seguindo essa linha de atuação, Irma também se utilizou do espaço da ALESP para expor as pautas do MCC. Por exemplo:

Protesto pelo fato de o Sr. Presidente da República e seus assessores não terem a sensibilidade de ouvir e receber o povo. Ao contrário, ao povo eles sempre dão a mesma recepção: prisão e violência. Foi isso que aconteceu hoje de manhã em Brasília aos representantes do Movimento Contra a Carestia. A carestia é uma realidade neste país (...). Vemos as tentativas da propaganda para boicotar a carne, as tentativas de se substituir o feijão pela soja com o “slogan”: “Coma feijão de soja em vez de comer feijão roxinho” a que o povo brasileiro está acostumado, a tomar leite, etc, os hábitos alimentares brasileiros têm de ser mudados, porque o que importa é a exportação, o que importa são os grandes negócios estrangeiros (...). Negar que o povo passa fome eu quero ver quem nega. Quero ver quem prova ser possível viver com 4 mil cruzeiros por mês.⁹⁵⁹

Entre 1980 e 1983, Irma se pronunciou na ALESP sobre o custo de vida três vezes, além de tocar no problema da habitação e dos despejos constantes. A partir de 1982, o MCC não aparece mais em suas falas, mas a questão da moradia e dos direitos dos trabalhadores seguiram em seus discursos.⁹⁶⁰ A diminuição do espaço dado ao

⁹⁵⁸ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 119.

⁹⁵⁹ PASSONI, Irma. Discurso no plenário da ALESP. Grande Expediente. 27 de agosto de 1980. Diário Oficial do Estado de São Paulo. São Paulo: 5 de setembro de 1980. p. 92. Acervo Online: <https://www.imprensaoficial.com.br/#25/09/2019> Acesso: 26/01/2021 às 15:34 hrs.

⁹⁶⁰ Sobre a habitação temos os seguintes discursos: Comentário sobre violência ocorrida em Campo Limpo. 22 de março de 1982; Repúdio ao despejo ocorrido no Jardim São Paulo, em Guaianazes. 29 de setembro de 1982; Leitura da petição dos advogados das famílias despejadas do terreno da Cia Têxtil Tuzuki, no Jardim São Paulo – Zona Leste. 22 de novembro de 1982. Sobre trabalho, classe e sindicalismo: Verberação contra aumento do funcionalismo público e leitura de ofício da Câmara de Botucatu. 10 de março de 1982; Responsabilização do Governo Estadual pela greve do funcionalismo. 22 de março de 1982; Leitura de ofício da Federação Paulista dos Funcionários Públicos ao governador Maluf. 24 de março de 1982; Protesto contra o enquadramento da Diretoria da UDEMO. 31 de março de 1982; Comentário sobre acidente ocorrido com “boias-frias”. 15 de abril de 1982; Comentário sobre a crise da Previdência Social e protesto contra os credenciamentos feitos pelo ex-ministro. 25 de maio de 1982; Comunicação a respeito das eleições no Sindicato dos Sapateiros e considerações a respeito. 25 de agosto de 1982; Manifestação de solidariedade ao pronunciamento do Dep. José Felício Castellano sobre acidente com caminhão que vitimou vários trabalhadores rurais. 3 de dezembro de 1982; Leitura de carta da UDEMO (União dos Diretores de Escola do Magistério Oficial) sobre a rejeição do projeto de lei complementar nº 2982. 19 de janeiro de 1983. São Paulo: Acervo Online da ALESP: <https://www.al.sp.gov.br/acervo-historico/> Acesso: 26/01/2021 às 15:34 hrs.

Custo de Vida não significou que a deputada tenha se afastado do movimento, mas provavelmente foi decorrente do enfraquecimento desse último e consequente dissolução naqueles anos.⁹⁶¹ Sem deixar de lado as demandas das mães da periferia, e já deputada estadual, Passoni participou do III Congresso da Mulher Paulista e foi entrevistada mais uma vez pelo *Em Tempo*:

Este Congresso foi acima de tudo um ato político. Vários grupos tiveram que ceder até na definição de suas linhas políticas, para poderem chegar juntos. É um desafio democrático para as mulheres, manter esse espírito de trabalho apesar das divergências. De todos os temas, mulher e trabalho, onde a mulher é barrada só por ser mulher, mulher e saúde, creches, escola para os menores, a questão do adolescente e do serviço militar, etc, o mais difícil é exatamente o tema mulher e política. Este congresso pode ser comparado ao parto. Foi uma gestação difícil, mas valeu a pena.⁹⁶²

Identificando-se com as trabalhadoras, Irma reforça o compromisso com esse grupo social, se distancia de movimentos de classe média e elite, e enfatiza a necessidade de estimular a militância das camadas populares. De acordo com Soraia Carolina de Mello,⁹⁶³ as discussões em torno da inclusão política das mulheres ganharam visibilidade nos anos 1970 e 1980, em muito impulsionadas pela ascensão de grupos de moradoras, mães e feministas. Contudo, a autora mostra que estas últimas não deixaram de sofrer resistências por parte dos movimentos populares, os quais tentavam se afastar da imagem de radicalismo imposta aos seus membros.⁹⁶⁴ Como integrante de grupos que reforçavam a dignidade materna, Passoni se utiliza da metáfora da maternidade para falar da organização do evento. Dias depois, registrou suas percepções do III Congresso da Mulher Paulista:

(...) o que nos interessa e o que é sério para nós, mulheres, são as reivindicações profundas que as mulheres exigem hoje da sociedade brasileira, não como separatistas ou feministas, no sentido pleno da palavra, quer dizer, movimentos distanciados dos homens, mas, sim, a formação de uma sociedade onde o homem e a mulher, ombro a ombro, lutem por melhores condições de vida (...) E ocorreu no 2º Congresso o que não acontecera no 1º: nos grupos de trabalho infiltraram-se mulheres portadoras de certas palavras de ordem, impedindo pela violência verbal, a livre discussão. Incapazes de respeitar o direito democrático de ter dúvidas, querem decidir pelos outros, impedindo o debate, a troca de experiências, a conclusão assumida e não imposta (...) a provável reunião de milhares de mulheres, nos próximos dias 7 e 8, ocasião do 3º Congresso da Mulher, está, mais uma vez atraindo o interesse de vários grupos políticos que querem

⁹⁶¹ MONTEIRO, Tiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 142.

⁹⁶² S/A. O que pensam as delegadas do Congresso. *Em Tempo*. Ano 4, nº 124, de 12 a 25 de março de 1981. p. 15. São Paulo: CSBH – FPA, Fundo Democracia Socialista.

⁹⁶³ MELLO, Soraia Carolina de. Uma profissão invisível: Dona de casa (1970 – 1989). *Perseu: História, Memória e Política*. nº 7, ano 5, 2011. p. 60.

⁹⁶⁴ Idem. p. 80. Sobre esses imaginários, citamos novamente: MARSON, Melina Izar. Op Cit, 1996.

impor temas, rompendo assim com a unidade que se antevia. Tais problemas talvez façam parte do processo de avanço do feminismo. Avanço cheio de obstáculos e, quem sabe, até de retrocessos. O autoritarismo já é nosso velho conhecido e sabemos que seu sucesso é passageiro.⁹⁶⁵

As tensões com determinados grupos feministas, caracterizados por Irma como autoritários, seriam decorrentes, entre outros fatores, das diferenças de classe e religião. Se, por um lado, o problema era a não identificação com os setores médios, por outro, ela partia da ideia da luta conjunta entre mulheres e homens para interpretar os fatos. De acordo com Fabíola Rohden, a Teologia da Libertação tinha como base essa mesma perspectiva. Nesse sentido, a autora ressalta que aquelas que não se adequassem a essa abordagem ou que questionassem certos dogmas eram taxadas de radicais.⁹⁶⁶ Por outro lado, como vimos no capítulo anterior, Irma não seguia à risca tais perspectivas, pois se utilizava de uma leitura feminina dos textos bíblicos para dialogar com moradoras da periferia e donas de casa. Rohden escreve que esse ponto de vista vinha da Teologia Feminista dos anos 1970 e rompia com a ideia da pauta comum ao se debruçar sobre a singularidade das mulheres, apesar de reforçar as estruturas patriarcais católicas.⁹⁶⁷

De qualquer forma, devemos entender que certas pautas não eram, obviamente, uníssonas entre as mulheres, mas que cada qual representa os interesses e necessidades de grupos específicos, configurados por diferentes marcadores sociais como raça, etnia, classe, origem regional, religião e geração.⁹⁶⁸ Assim, parte das moradoras de Vila Remo poderia não se identificar com as feministas denunciadas por Irma (em muito pelas diferenças sociais), mas isso não excluía a possibilidade de diálogo e a construção de uma agenda mínima mútua.⁹⁶⁹ Essa postura não deixaria de ser questionada pelo jornal *Mulherio* no ano seguinte:

– *Você é feminista, Irma?*

– Sim, mas não assumo o feminismo da Federação das Mulheres, por exemplo. Assumo a necessidade de discussão específica dos problemas das mulheres, assim como dos problemas dos negros, pelo conjunto da sociedade. Estou convencida de que não exista mudança política e econômica real no país sem a participação da mulher. Nós temos sido muito utilizadas pelo sistema para breçar mudanças no país, como em 64, daí a urgência de nos conscientizarmos para interferir decisivamente no processo atual de mudança

⁹⁶⁵ PASSONI, Irma. Discurso no plenário da ALESP. Grande Expediente. 6 de março de 1981. Diário Oficial do Estado de São Paulo. São Paulo: 14 de março de 1981. p. 76. Acervo Online: <https://www.imprensaoficial.com.br/#25/09/2019> Acesso: 26/01/2021 às 15:34 hrs.

⁹⁶⁶ ROHDEN, Fabíola. Op Cit, 1997.

⁹⁶⁷ Idem.

⁹⁶⁸ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018.

⁹⁶⁹ PINTO, Céli Regina J. Op Cit, 2002.

e no que vem depois. Queiramos ou não, nós marcamos profundamente a educação de nossos filhos e, através disso, temos a responsabilidade de garantir a continuidade que desejamos.⁹⁷⁰

Já em campanha para a Câmara dos Deputados (1982), Irma foi convidada pelas feministas do jornal para expor seus pontos de vista. Além de ressaltar o seu distanciamento com a Federação das Mulheres, ela destaca que grupos femininos de classe média foram utilizados como massa de manobra para o golpe de 1964. A ideia de uma mãe dedicada se faz igualmente presente.⁹⁷¹ Apesar disso, ela se reconhece como feminista, atentando para a diversidade dessa designação, e resalta a necessidade de se estimular a presença de mulheres na política, entendendo-as como essenciais para a efetivação de projetos coletivos progressistas. Ao entender a singularidade feminina como algo a ser valorizado,⁹⁷² a deputada repete mais uma vez as suas percepções sobre o elitismo de algumas e o radicalismo de outras.

A atuação de Irma não se restringiu aos movimentos da periferia, às questões da maternidade ou ao problema da carestia no seu primeiro mandato como deputada federal (1983 – 1987). Como membro do PT, ela seguia a sua bancada em algumas discussões, como no boicote ao Colégio Eleitoral de 1985, pois este estaria aquém dos interesses dos trabalhadores.⁹⁷³ Em meio aos projetos da agremiação partidária, ela teve o objetivo de criar um imposto sobre o capital investido na automação de linhas de produção para incentivar a preservação dos postos de trabalho na indústria. O dinheiro arrecadado seria investido no Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), no Ministério da Educação (MEC) e na Legião Brasileira de Assistência (LBA).⁹⁷⁴ Sua preocupação era com os impactos que esse processo vinha causando, como o aumento do desemprego em um momento de inflação e arrocho salarial. Tal ideia poderia ter vindo de preocupações pessoais, demandas levantadas pelos movimentos da periferia e igualmente dos seus companheiros do PT, ou de todos esses vetores conjuntamente. Seja como for, Passoni tinha um mandato voltado para as (os) trabalhadoras (es) e justifica o seu projeto da seguinte maneira:

⁹⁷⁰ S/A. Irma Passoni, candidata a deputada federal pelo PT – SP. *Mulherio*. Ano 2, nº 9, setembro – outubro 1982. p. 9. São Paulo: CEDEM – UNESP. Coleção *Mulherio*.

⁹⁷¹ BADINTER, Elisabeth. *Op Cit*, 2011.

⁹⁷² ROHDEN, Fabíola. *Op Cit*, 1997.

⁹⁷³ MARTINEZ, Paulo Henrique. *Op Cit*, 2007.

⁹⁷⁴ PASSONI, Irma. Projeto de lei nº 1664/83; Câmara dos Deputados. p. 1. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=C33FB99212CC68CE812329CD6461CCC1.proposicoesWeb2?codteor=1164713&filename=Dossie+-PL+1664/1983 Acesso: 26/01/2021 às 15:34 hrs.

(...) a decisão quanto ao uso da automação em economias em transição, como a brasileira, deve subordinar-se às reais necessidades do país, de tal forma que se ofereça trabalho suficiente e conveniente a cada trabalhador. Inegavelmente, é o trabalho o princípio básico que deve reger a atividade econômica, mediante o qual o homem sustenta a si próprio e aos seus (...). Ademais, há que se considerar a gravidade do momento que atravessamos. Com a economia mergulhada em recessão profunda, a questão do desemprego é deveras preocupante. São milhões de brasileiros sem condições de prover seu próprio sustento, simplesmente à beira do desespero.⁹⁷⁵

A fala de Irma se volta para questões de classe e reafirma a dignidade do trabalhador e da trabalhadora ao valorizar seus empregos. O projeto foi aprovado na Comissão de Constituição e Justiça, mas rejeitado na de Ciência e Tecnologia. Os argumentos apresentados contra a proposta se voltavam para o prejuízo financeiro do empresariado e a necessidade da automação como fonte de desenvolvimento para o país.⁹⁷⁶ A comissão se amparou também numa reclamação da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Devemos lembrar que as bancadas faziam e fazem *lobby* no Congresso em torno de certas questões. Como as elites predominavam (como predominam até hoje) na Câmara e no Senado, elas poderiam barrar ou dificultar a tramitação daquilo que vinha das esquerdas ou mesmo das oposições ao regime.⁹⁷⁷ Contudo, isso não isentava o governo de sofrer vetos, pois o PMDB havia crescido substancialmente nos últimos pleitos, além de se verificar o surgimento e consolidação de outras legendas, como o PT, o PDT e o PC do B.⁹⁷⁸ Mesmo assim, os grupos contrários à proposta de Irma estavam dispersos nos partidos governistas (PDS, PFL e PTB) e inclusive entre aqueles que se colocavam como oposição formal (PMDB).

Apesar de se voltar para questões de classe e criticar o feminismo, nossa personagem foi convidada a participar de eventos organizados por agrupamentos ligados a essa pauta em outros momentos. Tecendo relações com grupos de mulheres e concordando com parte de suas bandeiras, Irma também participou da criação do

⁹⁷⁵ Idem. p. 2 – 4.

⁹⁷⁶ Ibidem. p. 17 – 18.

⁹⁷⁷ ALENCAR JÚNIOR, Moacir Pereira. TFP – Tradição, Família, Propriedade – Um movimento católico conservador atuando na Assembleia Constituinte de 1987/1988. *Anais da I Semana de Ciência Política*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2013.

⁹⁷⁸ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia (orgs). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura. Regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Conselho Nacional da Mulher (CNDM).⁹⁷⁹ As fontes a que tivemos acesso foram preservadas pela parlamentar em diferentes momentos de sua vida. Elas nos fazem refletir sobre a visibilidade que o cargo de liderança dava a Irma e como ela pode ter se valido de seu posto para atrair a atenção da mídia a certos temas. Seja como for, esses fatos serviriam para a construção e manutenção de capitais políticos junto a setores feministas, de esquerda e populares.

O CNDM foi criado em 1985 e era subordinado ao Ministério da Justiça. Como órgão do Estado, tinha por função estimular a participação política feminina, reduzir desigualdades e barrar discriminações. De acordo com Ana Alice Alcântara Costa,⁹⁸⁰ ele foi elaborado a partir de demandas de grupos feministas e com base nas negociações realizadas entre a ala militante do PMDB e o governo. Apesar de se colocar em outros momentos como alguém distante desses sujeitos, Irma se unia a eles quando precisava defender certas pautas. O CNDM permaneceu atuando em conjunto com as parlamentares na legislatura seguinte (1987 – 1991) e interferiu inclusive na Assembleia Nacional Constituinte (1987 – 1988), da qual Irma fez parte.⁹⁸¹

Irma foi reeleita em 1986 e se tornou uma dentre as vinte e seis deputadas constituintes junto a um total de quinhentos e cinquenta e nove homens. Assim como em seu mandato anterior, e ainda mais em um momento tão decisivo de construção de um marco constitucional para o país, as bancadas formavam *lobbies* e muito daquilo que ela e seu partido defendiam (como a reforma agrária e a ampliação dos direitos dos trabalhadores do campo e da cidade) foi impedido por grupos financiados, por exemplo, pela União Democrática Ruralista (UDR) e pelo grupo católico Tradição, Família e Propriedade (TFP).⁹⁸² Como estratégia de atuação, Passoni aderiu à bancada feminina (formada por mulheres de diferentes posições sociais, progressistas ou conservadoras) para proteger, aprovar ou ampliar demandas como a igualdade entre os sexos e a licença maternidade.⁹⁸³ Em um de seus discursos, ela disse:

⁹⁷⁹ O fato foi noticiado, entre outros periódicos, pela *Folha de São Paulo* e pela *Gazeta de Vitória*. Câmara aprova criação do Conselho Nacional da Mulher. *Folha de São Paulo*. 15 de agosto de 1985; Criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. *Gazeta de Vitória*. 3 de setembro de 1985. Recortes de Jornal. São Paulo: Acervo pessoal de Irma Passoni, ITS – Brasil.

⁹⁸⁰ COSTA, Ana Alice Alcântara. Op Cit, 2005.

⁹⁸¹ Idem; MOREIRA, Laís de Araújo. Direito e Gênero: a contribuição feminista para a formação política das mulheres no processo de (re) democratização brasileiro. *Gênero e Direito*, v. 5, nº 01, 2016.

⁹⁸² JÚNIOR, Moacir Pereira Alencar. Op Cit, 2013.

⁹⁸³ COSTA, Ana Alice Alcântara. Op Cit, 2005.

(...) no campo da ampliação dos espaços democráticos, cabe chamar a atenção para o fato de que não haverá democracia sem a incorporação integral das mulheres no processo político, econômico e social em igualdade de condições com o homem. É por isso que lutaremos para que a nova Constituição inspire diversas mudanças na legislação civil, estabelecendo: a) – A completa igualdade entre os cônjuges no que diz respeito à direção da sociedade conjugal, à administração dos bens do casal, à responsabilidade em relação aos filhos, à fixação do domicílio da família e ao pátrio poder. b) – A igualdade dos cônjuges no que diz respeito ao registro dos filhos. c) – A igualdade entre filhos, independentemente do vínculo matrimonial existente entre os pais. d) – Proteção da família, seja ela instituída civil ou naturalmente. e) – Acesso da mulher rural a todos os benefícios da Reforma Agrária, qualquer que seja seu estado civil. f) – O Estado deve assegurar os mecanismos do desempenho da maternidade e da paternidade. g) – A lei deve coibir a violência na constância das relações familiares, bem como o abandono dos filhos menores.⁹⁸⁴

A longa citação se faz necessária para analisarmos aquilo que era defendido por nossa personagem. Focada na estrutura familiar, ela defende a equiparação dos direitos em relação aos filhos e aos bens materiais. Também reflete sobre a proteção de crianças e adolescentes e trata do reconhecimento civil destes independentemente da maneira como se constituiu o casal (união estável, filhos de outro casamento). Tal postura contrariava aquilo que era dito por setores religiosos. Entretanto, a defesa dessas pautas não significa que ela tenha deixado de lado a temática do custo de vida ou a Igreja Católica, mas que a suas falas se adaptavam a *novas* referências.⁹⁸⁵ Como veremos na próxima seção, apesar de negar o feminismo de classe média mais de uma vez, Irma era reconhecida pela mídia feminista como alguém sensível a algumas de suas demandas. Na entrega da Carta das Mulheres à Assembleia Constituinte, em 1987, ela disse ao plenário:

Desejamos homenagear a vocês todas que estão representando 51% do povo brasileiro, que são as mulheres. Temos certeza de que as reivindicações que as mulheres trazem são reivindicações que fazem com que avancemos, que nós mulheres, companheiras dos homens, possamos somar, com a introdução no Direito Constitucional, a plena igualdade do Direito da Cidadania de homens e de mulheres, e de mulheres especificamente. (...)

As mulheres podem ter certeza que nós, as Constituintes desta Casa, lutaremos, batalharemos, para introduzir os itens que a luta das mulheres fez chegar a esta Casa, à Constituição, em várias Comissões e nos vários itens. Saberemos honrar a luta de vocês.⁹⁸⁶

⁹⁸⁴ PASSONI, Irma. Discurso pronunciado em 9 de abril de 1987- Publicado em 10 de abril de 1987, p. 1255 (Política econômica- Forças Armadas- Segurança Nacional- Participação popular - Constituição Democrática). In: CÂMARA dos Deputados. *Mulheres Constituintes de 1988*. Brasília: Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação Coordenação de Histórico de Debates, 2011. p. 78 – 79.

⁹⁸⁵ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 119 – 142.

⁹⁸⁶ PASSONI, Irma. Discurso na sessão de 26 de março de 1987 – Entrega da Carta das Mulheres à Constituinte. In: CÂMARA dos Deputados. Op Cit, 2011. p. 225.

Alguns traços permaneceram na fala de Irma. A ideia da mulher como companheira do homem tanto faz alusão a uma igualdade de direitos, quanto reforça o valor da maternidade. Nesse sentido, não se pode esquecer que as questões relacionadas ao gênero não eram, obviamente, a única pauta das parlamentares que compunham a bancada das mulheres, pois, como um grupo composto por diferentes partidos, elas se direcionariam para lados distintos várias vezes, apesar da retórica da unidade. De acordo com um levantamento realizado pela Câmara dos Deputados, as falas das constituintes se voltaram principalmente para a política e a administração pública.⁹⁸⁷ Além do mais, a reforma agrária e os direitos e garantias individuais (o que inclui a temática da democracia e da reparação aos ex-presos políticos) ganham destaque dentre o que disseram.⁹⁸⁸ A questão da mulher surge nos pronunciamentos de todas as parlamentares, mas não foi predominante na atuação de nenhuma.⁹⁸⁹ No caso de Irma, a economia foi o tema mais tratado, o que é fruto da sua participação nas Comissões de Finanças e Ordem Econômica.

Após a Constituinte, Irma passou a trabalhar com outros projetos. Dentre os seus pronunciamentos, ela tocou na regulamentação da TV à Cabo e no desenvolvimento científico nacional.⁹⁹⁰ Além do mais, foi membro da Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática da Câmara dos Deputados entre 1991 e 1995, chegando a presidi-la em 1992.⁹⁹¹ Nesse momento, ela alertou novamente para os problemas decorrentes do processo de automação industrial no Brasil e buscou estabelecer uma ligação entre inclusão digital e valorização dos postos de trabalho.⁹⁹² O gênero não deixou de aparecer, mas Irma voltou a se distanciar de grupos feministas de classe média e elite. Em uma matéria da *Folha de São Paulo*, a imprensa apresentou a posição da deputada e de outros parlamentares sobre a exclusão da legalização do aborto do

⁹⁸⁷ CÂMARA dos Deputados. Op Cit, 2011. p. 9.

⁹⁸⁸ Idem.

⁹⁸⁹ Ibidem.

⁹⁹⁰ Dentre os discursos sobre o tema realizados no seu último mandato de deputada federal (1991 – 1995), destacamos: PASSONI, Irma. Pronunciamento. Brasília: 3 de março de 1994; Primeiro Mundo também é aqui! s/d; Pronunciamento. Brasília: 20 de outubro de 1993; Nova derrama de concessões? Brasília: 22 de fevereiro de 1994; O código brasileiro de telecomunicações. Brasília: 25 de março de 1994; Pronunciamento. Brasília: 2 de junho de 1993; Telecomunicações – necessidade e desafio. Brasília: 10 de outubro de 1993; A pesquisa brasileira está a serviço do povo brasileiro. Brasília: 20 de outubro de 1993; Discurso. Brasília: 25 de março de 1993. São Paulo: Acervo Pessoal de Irma Passoni, Instituto de Tecnologia Social.

⁹⁹¹ CÂMARA dos Deputados. Deputados. Irma Passoni. Biografia. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/133915/biografia> Acesso: 26/01/2021 às 15:34 hrs.

⁹⁹² PASSONI, Irma. Projeto de proteção do trabalhador em face da automação. Brasília: 30 de setembro de 1993. São Paulo: Acervo Pessoal de Irma Passoni, Instituto de Tecnologia Social.

programa eleitoral de Luís Inácio Lula da Silva (1994). Contrariando parte de suas companheiras do PT, Passoni disse que era inadmissível incluir a pauta, o que não deixou de ser pontuado como algo decorrente de sua atuação religiosa.⁹⁹³

Naquele ano, Irma não conseguiu se reeleger, mas foi convidada a ocupar um cargo no Ministério de Comunicações, Ciência e Tecnologia, fato que analisaremos no próximo capítulo. O seu projeto de permanecer na Câmara pode ter sido dificultado por uma gama de fatores. Primeiramente, porque o seu eleitorado havia se modificado, pois os movimentos de moradoras (es) da periferia possuíam outras demandas e a ala progressista da Igreja Católica perdia sua capilaridade. Segundo, suas novas pautas (tecnologia e comunicação) não eram recebidas da mesma maneira pela militância do PT. Por fim, ao aceitar um cargo no governo de Fernando Henrique Cardoso, junto ao ministro Sérgio Motta,⁹⁹⁴ ela passava a ser associada ao seu projeto de privatização das telecomunicações,⁹⁹⁵ pauta questionada contundentemente por suas (seus) companheiras (os) de partido.⁹⁹⁶ Esses fatores contribuíram para o desgaste das suas relações com o PT, o que a fez licenciar-se da agremiação em 1995 e ingressar no PPS. Como o foco deste capítulo é aquilo que foi realizado no primeiro partido, as experiências posteriores de Irma serão analisadas mais adiante nesta tese.

Em geral, um (a) político (a) não defende uma única pauta durante toda a sua carreira. Assim como todas as pessoas, também eles (as) não são sujeitos lineares e seus campos de possibilidades se transformam no decorrer do tempo. Aquilo que Irma e nossas outras personagens planejaram em um determinado momento poderia tomar novos rumos ou mesmo ser suprimido em outras circunstâncias. Essas metamorfoses ocorreriam também, o que é bastante comum na vida política, entre aquilo que diziam

⁹⁹³ S/A. PT recua e pode tirar aborto de programa. Folha de São Paulo. São Paulo, 17 de março de 1994. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/3/17/brasil/1.html> Acesso: 26/01/2021 às 15:34 hrs.

⁹⁹⁴ Sérgio Ribeiro Vieira da Motta (1940 – 1998) nasceu em São Paulo – SP e se graduou em Engenharia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP). Trabalhou nas campanhas de Fernando Henrique Cardoso a partir de 1975 e participou da fundação do PSDB em 1988. Coordenou a campanha vitoriosa de 1994 e trabalhou como Ministro das Comunicações no governo do presidente Cardoso, permanecendo no posto de 1995 a 1998, quando faleceu. (CORREIO IMS. Disponível em: <https://www.correioims.com.br/perfil/sergio-motta/> Acesso: 26/01/2021 às 15:34 hrs.; SENADO Notícias. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2000/04/25/biografia-de-sergio-motta> Acesso: 26/01/2021 às 15:34 hrs.).

⁹⁹⁵ MOTTA, Marly. Op Cit, 2018.

⁹⁹⁶ SECCO, Lincoln. Op Cit, 2011.

ao planejarem suas gestões e no final de seus mandatos. Elas também são perceptíveis entre o que fizeram nos sindicatos/movimentos populares e posteriormente no PT, afinal, se tratam de esferas diferentes de atuação política. As mudanças de cargo igualmente trariam novas demandas e modificariam projetos e pontos de vista.

Seja como for, não há, obviamente, uma linha de continuidade estrita entre o início de suas trajetórias públicas e aquilo que foi posto em prática nos cargos que exerceram. Seus projetos devem ser analisados como algo moldado em uma determinada conjuntura e que por isso não são atemporais e muito menos uma *meta de vida*. Como sujeitos complexos, elas também entrariam em contradição com posturas tomadas no passado, o que nos ajuda a romper com a imagem de um indivíduo indivisível e homogêneo, guiado por uma trajetória linear e progressiva.⁹⁹⁷ Nesta seção analisamos o que elas realizaram enquanto militantes do PT, mas suas posturas e projetos seguiram se modificando nos anos seguintes. Sendo assim, não deixaremos de examinar aquilo que foi feito posteriormente, mas no próximo capítulo. Por enquanto, vamos nos voltar para a relação delas com a imprensa corporativa e a militante.

Sob o olhar de companheiras (os) e jornalistas

Diferentes feminilidades, distintas branquitudes

Lélia, Luíza e Irma chamaram a atenção da mídia em diferentes momentos e por fatores distintos. Seja pelo trabalho na televisão, no teatro e no cinema (como Lélia) ou pela atividade política (como Luíza e Irma), essa visibilidade trazia consigo novos campos de possibilidades, e também preconceitos e estereótipos que, inclusive, ajudaram a moldar esses campos. Como esses veículos midiáticos não estavam apartados de um imaginário social mais amplo,⁹⁹⁸ acabaram interpretando-as de maneiras variadas, utilizando-se de sua origem, raça, classe e padrão estético para categorizá-las arbitrariamente.

⁹⁹⁷ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015.

⁹⁹⁸ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

Começando pelo caso de Lélia, devemos lembrar que ela trabalhava na televisão desde os anos 1960 e teve a sua atividade sindical intensificada na década de 1970. Por esse motivo, precisamos voltar no tempo (em relação à seção anterior) para entender como a imprensa construiu a sua imagem, principalmente através dos periódicos, fonte central dessa seção. Eleita para presidir o SATED-SP em 1978, Abramo foi descrita da seguinte maneira pelo jornalista Sérgio Gomes:

Vestido novo, bem arrumada, cabelo alinhado, Lélia Abramo toma a palavra como presidente do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões de São Paulo (...). Lélia está visivelmente emocionada – ouvira o discurso de Ruthnéia de Moraes, presidente da entidade nos últimos quatro meses; acompanhara, com os olhos, o rosto e os gestos de cada um dos que compõem a sua equipe; recordara-se dos tempos em que em pleno Estado Novo combatia pelo sindicalismo livre e autêntico e que, por isso mesmo, foi expulsa do Sindicato dos Comerciários, quando trabalhava como secretária. Lélia está emocionada, a grave emoção dos que entendem o futuro como cria do presente e do passado, a grave emoção dos que acompanham as esperanças e os presságios da sua gente, do seu tempo.⁹⁹⁹



Fotografia que compõe a matéria supracitada. GOMES, Sérgio. Lélia e a esperança de sua gente. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 16 de maio de 1978. Recorte de Jornal. São Paulo: Acervo pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

Dois pontos são o foco da descrição: a feminilidade e a carreira política. Como já analisamos no segundo capítulo, Lélia fez parte do Sindicato dos Comerciários entre 1932 e 1935. Refletindo sobre esse fato, a *Folha de São Paulo* reforça uma memória anti-getulista ao apoiar-se nos ressentimentos das elites paulistas com a Revolução de 1932 para entender esse período como repressivo.¹⁰⁰⁰ Tal dado é interessante, pois foi utilizado para exaltar a militância de Lélia contra aqueles que eram vistos como

⁹⁹⁹ GOMES, Sérgio. Lélia e a esperança de sua gente. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 16 de maio de 1978. Recorte de Jornal. São Paulo: Acervo pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

¹⁰⁰⁰ Essa noção não deixou de circular em outros veículos da mídia paulista. Sobre essa questão, podemos citar: RODRIGUES, João Paulo. *O levante "Constitucionalista" de 1932 e a força da tradição: do confronto bélico à batalha pela memória (1932-1934)*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2009; ABREU, Marcelo Santos de. Luto e culto cívico dos mortos: as tensões da memória pública da Revolução Constitucionalista de 1932 (São Paulo, 1932-1937). *Revista Brasileira de História*, v. 31, n. 61, p. 105-123, 2011.

inimigos dos paulistas. É importante observar também que a atriz era descrita pelas suas roupas e penteados. Ao estudar a trajetória de uma parlamentar gaúcha dos anos 1950, Céli Pinto¹⁰⁰¹ mostra que as características físicas eram sobrepostas às suas falas, silenciando o seu trabalho no Legislativo. Essa perspectiva persistia naquele momento e ia além da política institucional. O jornalista também trata de atributos como a elegância e o padrão estético para reforçar a posição social de Lélia. Essas características definiriam sua feminilidade a partir da branquitude e da posição de classe, o que atendia a padrões estéticos europeus e às expectativas das elites que liam o jornal.¹⁰⁰² Abramo, porém, rompia com o fator etário, pois a juventude era critério de avaliação no “*Star system*” brasileiro.¹⁰⁰³ Mesmo assim, ela poderia utilizar-se dessa representação criada pela imprensa como estratégia para ganhar visibilidade (necessária no seu campo de atuação profissional). Os redatores do *Jornal de Ipanema* também tocaram na branquitude de Lélia:

Que tremenda atriz é Lélia Abramo! Seu trabalho em uma das histórias do Especial De Natal da Globo foi apenas mais um banho. Agora, A Globo precisa descobrir porque por um ator fazer bem determinado tipo não quer dizer que ele só sabe fazer aquele tipo. Lélia Abramo faz ótimas mães italianas? Então ela só vai fazer mãe italiana. A carreira de Lélia na Globo, embora com bons papéis, é toda italiana. Tem que variar, né. Sotaque o tempo todo acaba cansando e Lélia não tem a menor culpa disso.¹⁰⁰⁴

Ao exaltar a atriz, o texto nos faz refletir sobre os capitais por ela construídos no meio artístico. A ascendência itálica é definida como um empecilho, pois acabaria limitando o leque de atuação de Lélia. Diferente de outras pessoas, a sua branquitude europeia não aparece como fator para exaltá-la, o que estaria relacionado às diferentes hierarquias existentes entre sujeitos da mesma *cor de pele*. De acordo com Lourenço Cardoso, há discrepâncias na maneira como os povos europeus foram categorizados,

¹⁰⁰¹ PINTO, Céli Regina Jardim. Uma mulher "recatada": a deputada Suely de Oliveira (1950-1974). *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 15, n. 29, p. 565-587, 2014.

¹⁰⁰² De acordo com Lia Vainer Schucmann, a questão do fenótipo e da estética são constituintes das hierarquias de branquitude da sociedade paulista. Assim, enquanto o rosto feminino exigira certos traços para ser considerado belo, o masculino teria outros. (SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto De Psicologia. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2012.).

¹⁰⁰³ MACIEL, Ana Carolina de Moura Delfim. “*Yes nós temos bananas*”. *Cinema industrial paulista: a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, atrizes de cinema e Eliane Lage*. Brasil, anos 1950. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

¹⁰⁰⁴ FONTA, Sérgio. Mercado. *Jornal de Ipanema*. Rio de Janeiro: janeiro de 1975. São Paulo: Acervo pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

delegando uma posição superior a alguns (como anglo-saxões e escandinavos) e inferior a outros (como ibéricos, latinos e itálicos). Essas disparidades ainda seriam maiores quando somadas à classe e ao gênero¹⁰⁰⁵. Lia Vainer Schucman, por seu turno, escreve que há padrões estéticos a serem seguidos pelas mulheres brancas paulistanas.¹⁰⁰⁶ No *Diário da Noite* encontramos a seguinte passagem:

Além de muito estimada como ser humano, Lélia Abramo, a nova presidente do Sindicato dos Artistas e Técnicos do Estado de São Paulo, tem revelado um dinamismo fora do comum (...). De descendência italiana, moradora do bairro Bela Vista – O tradicional Bexiga – a paulista Lélia começou a fazer teatro com grupos amadores de língua italiana (...). Uma atriz de temperamento e personalidade muito fortes, Lélia especializou-se em personagens marcantes, dos quais o público não se esquece facilmente.¹⁰⁰⁷

No trecho, a italianidade é utilizada para afirmar que o temperamento “forte” seria o atributo que lhe garantiria a criação de personagens marcantes. Entretanto, devemos lembrar que a carreira de Lélia cresceu também devido aos contatos e redes de sociabilidade construídas no decorrer de sua trajetória e não somente por um *dom natural*. Além do mais, há que se questionar o que seria uma “personalidade forte” quando se trata de uma mulher. A linha tênue entre ter ou não um comportamento incisivo diferiria os padrões femininos e masculinos dominantes, pois, desde essa perspectiva, se as mulheres eram vistas como seres sensíveis e, logo, avessos a posicionamentos pragmáticos, os homens teriam mais liberdade para ser enérgicos, na medida em que essa *firmeza* seria associada à sua masculinidade.¹⁰⁰⁸ Apesar de atender a algumas das expectativas sociais daquele momento, Lélia rompia com outras, pois ocupava espaços políticos, não era casada e tampouco tinha filhos. Essa *feminilidade rebelde* poderia ser incorporada em alguns momentos por ela, mas, de modo geral, vale salientar como os imaginários em torno do gênero serviriam de base para a construção e gestão de sua imagem.

¹⁰⁰⁵ CARDOSO, Lourenço. O branco não branco e o branco-branco. In: MÜLLER, Tânia; CARDOSO, Lourenço (orgs.). *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017.

¹⁰⁰⁶ SCHUCMAN, Lia Vainer. Op Cit, 2012.

¹⁰⁰⁷ S/A. Lélia Abramo: a atriz e líder sindical. *Diário da Noite*. São Paulo: 2 de junho de 1978. São Paulo: Acervo pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

¹⁰⁰⁸ Sobre as representações do comportamento feminino e masculino podemos citar, entre várias outras pesquisas: BADINTER, Op Cit, 2011; BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018; VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Op Cit, 2006; REZENDE, Vinícius Donizete. Op Cit, 2007; SILVA, Fernando Teixeira da. Valentia e cultura do trabalho na estiva de Santos. In: BATALHA, Claudio; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (orgs.). *Culturas de Classe*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

Além do enfoque em sua atuação como presidente de sindicato (1978 – 1981), a participação no pleito de 1982 surge em breves citações do *Estado de São Paulo*.¹⁰⁰⁹ O pouco espaço que deram a Lélia naquele momento silenciava a sua atuação nas eleições e centrava-se no trabalho realizado pelas lideranças masculinas. Contudo, ela teve mais visibilidade anos mais tarde, quando se tornou assessora na Secretaria Municipal de Cultura. Um jornal produzido pela colônia italiana de São Paulo atentou para esse fato e ressaltou um dos seus projetos, já examinado anteriormente nessa tese:

Lélia Abramo, uma das poucas atrizes brasileiras que acumula prêmios de teatro, televisão e cinema, está trabalhando em um projeto de sua autoria, cujo objetivo é o resgate da cidadania do idoso. Aos 81 anos de idade, ela é assessora da secretária Municipal de Cultura, Marilena Chauí. O projeto visa derrubar o preconceito que marginaliza o velho, restabelecer seus direitos de cidadão e reintegrá-lo na sociedade e na família (...). Lélia é filha de italianos. O pai era de Salerno e a mãe veneta. Ela trabalhou durante cinco anos em uma companhia de teatro amador, que apresentava peças em italiano, dirigida por seu irmão, o crítico teatral Athos Abramo.¹⁰¹⁰



Fotografias de Lélia Abramo utilizadas pelo jornal. *Gazetta d'Italia*. São Paulo: fevereiro de 1992. São Paulo: Acervo pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

O objetivo do jornal era ressaltar o trabalho dos membros da colônia italiana. A matéria sobre Lélia Abramo rendeu a capa daquela edição, o que provavelmente se deu pelo espaço que ela já tinha na mídia impressa, nos palcos e na televisão. Apesar de ser apresentada como filha de italianos, para os conterrâneos da sua família ela talvez era brasileira. Como a branquitude varia por região, período ou grupo,¹⁰¹¹ a mídia paulista usa o termo ítalo-brasileira, já os responsáveis pelo jornal omitem o sufixo que faz referência à origem nacional dos Abramós (afastando-a em certa medida da Europa). Tais discrepâncias são importantes para que lembremos que uma representação é construída por diferentes vozes, aproximando-se ou distanciando-se de acordo com os

¹⁰⁰⁹ S/A. PT faz comício-festa e ratifica Luís Ignácio. *O Estado de São Paulo*. 20 de julho de 1982. p. 4. Acervo Online. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

¹⁰¹⁰ NAIM, Maria Cecília. Projeto de Lélia defende idoso. *Gazetta d'Italia*. São Paulo: fevereiro de 1992. São Paulo: Acervo pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

¹⁰¹¹ CARDOSO, Lourenço. *Op Cit*, 2017.

interesses e os repertórios de quem fala. Nesse sentido, aquilo que analisamos no *Jornal de Ipanema* destoaria da *Gazetta d'Itália* não apenas pelos interesses distintos (o estrelato e a atuação política), mas também devido à identidade nacional de quem escreve.

A idade de Lélia também deve ser levada em consideração, pois tanto na matéria acima como em outras, tal fator serviu para compor a sua imagem. Ao completar oitenta anos (1991), ela foi tema de um texto apresentado em outro periódico:

Um dia antes de completar oito gerações, como convencionou chamar a data, Lélia sente-se ainda disposta, “em movimento”, somente um pouco em débito com a saúde. “Incrível como passou tanto tempo e eu não me dei conta, sempre achei uma bobagem dividir o tempo em compartimentos. Também não olho o passado com nostalgia, o meu tempo é o atual”, sinaliza ela, que há dois anos tornou-se assessora cultural da Secretaria Municipal de Cultura. Combatente, engajada, militante, Lélia acumula em sua carreira (...) 13 filmes, 24 novelas, 28 peças e uma infinidade de casos especiais e seriados.¹⁰¹²



Fotografias que compõem a matéria. SOUZA, Edgar Olimpio de. A atriz Lélia Abramo festeja hoje 80 anos. Recorte de Jornal. São Paulo: 5 de fevereiro de 1991. São Paulo: Acervo pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

A questão da geração surge como um distintivo para o trabalho de Lélia. Apesar dos estereótipos postos sobre as pessoas idosas, ela é apresentada como dinâmica e engajada, distanciando-se da imagem da avó ou daquela que deveria se aposentar e se resguardar das atividades públicas.¹⁰¹³ Mesmo assim, outros traços são utilizados para lembrar a quem lê de que se trata de uma pessoa da terceira idade, como por exemplo, o destaque para os seus problemas de saúde.¹⁰¹⁴ Como bem lembra a antropóloga Guita Debert, a velhice e o envelhecimento devem ser analisados em conjunto com outros

¹⁰¹² SOUZA, Edgar Olimpio de. A atriz Lélia Abramo festeja hoje 80 anos. Recorte de Jornal. São Paulo: 5 de fevereiro de 1991. São Paulo: Acervo pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

¹⁰¹³ MOTTA, Alda Brito da. Op Cit, 1999; MOTTA, Alda Brito da. Op Cit, 2010.

¹⁰¹⁴ Quanto a essa questão, Ada Keesa Guedes Bezerra mostra que se construiu a ideia de que o envelhecimento estaria necessariamente associado ao desgaste da saúde física e mental. (BEZERRA, Ada Keesa Guedes. Op Cit, 2006.).

marcadores sociais (como o gênero e a classe). Nesse sentido, a autora escreve que nos anos 1980 e 1990 a imagem do idoso ativo foi modelada por associações de aposentados (compostos por uma maioria masculina e operária) e projetos culturais (frequentados por mulheres de classe média). Quanto aos últimos, ela mostra que muitas de suas participantes enxergariam a terceira idade como um momento de libertação das imposições sociais e que essas pessoas reconheciam que as idosas do passado não tiveram as mesmas oportunidades que elas (pois não eram reconhecidas pela sociedade como sujeitos autônomos e se tornariam dependentes de seus familiares), valorizando assim o seu presente.¹⁰¹⁵ Mirian Goldenberg também percebeu esse ponto de vista entre suas entrevistadas. Como no estudo de Debert (realizado dezesseis anos antes), a maioria das mulheres pesquisadas ressaltaram como a terceira idade seria um momento de olhar mais para si e *se livrar* de amarras sociais.¹⁰¹⁶ Valorizando o seu presente e mostrando que não se prende a categorias (ou *compartimentos*) etárias, Lélia certamente se apropriou de muito dessas ideias, pois trabalhava junto a grupos e associações da terceira idade e na construção de projetos de inserção cultural. Como analisado em outros momentos desta tese, devemos lembrar que ela não deixa de reconhecer as barreiras e discriminações sofridas por seus pares (e por si mesma) para se inserir social e profissionalmente, o que igualmente pode ter motivado colocações como aquelas dadas ao jornal acima.

Em todos os casos aqui analisados, a imprensa expõe Abramo com expressões serenas, penteados volumosos e roupas elegantes. Esse enquadramento reforça a posição de classe da atriz e ressalta a sua apresentação estética, a qual estaria associada também ao seu trabalho artístico. Tal construção não deixava de contar com a participação da própria Lélia, pois essas fotografias seriam moldadas a partir do diálogo entre quem segurou a câmera e aquela que posou para ela.¹⁰¹⁷ Assim, insistimos que a produção dessas imagens poderiam servir, em certa medida, para a obtenção e a gestão de capitais simbólicos na mídia e em outros meios culturais.

Diferente de Lélia, Luíza passou a ganhar visibilidade na *grande imprensa* durante a campanha de 1988. Ela já havia passado por outros cargos eletivos, mas o

¹⁰¹⁵ DEBERT, Guita Grin. Op Cit, 1994.

¹⁰¹⁶ GOLDENBERG, Mirian. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. *Contemporânea (Título não-corrente)*, v. 9, n. 2, 2011.

¹⁰¹⁷ GRANET-ABISSET, Anne Marie. O historiador e a fotografia. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 24, 2002.

resultado daquele pleito intensificou a atenção dos meios de comunicação. No dia da eleição, por exemplo, ela foi acompanhada por jornalistas da *Folha de São Paulo*. Da reportagem local do referido periódico, João Batista Natali escreveu:

Os abraços se sucediam. A vizinhança, ainda desinformada sobre o resultado das pesquisas de boca de urna, limitava-se a receber com indisfarçável afeto essa senhora de 53 anos, a assistente social do apartamento 32 do único prédio de uma rua dominada por sobradinhos. Vinte minutos depois, banho tomado e uma blusa estampada substituindo o vestido de seda javanesa de cor pérola que vestia desde as 6h30, ela recebeu as cifras finais do Datafolha (...). Prevendo que seu pequeno apartamento de dois quartos estaria em ebulição pela chegada de assessores e jornalistas, abriu a mesinha de fórmica da cozinha, cobriu-a com uma toalha de linho branco, e deixou tudo arrumado (...). São quase 8h quando, com a escolta engrossada por seis outros veículos com jornalistas, e com uma velha Brasília encabeçando o cortejo, desfraldando pela janelinha do lado direito uma bandeira do PT, Erundina ruma em direção a Ermelino Matarazzo, onde votaria (...). Como candidata, Erundina poderia ter votado em qualquer lugar (...). Mas declara ter escolhido aquele bairro da zona leste porque ele possui a maior concentração de nordestinos, “o meu povo”. Foi essa uma das raríssimas ocasiões em que ela enfatizou a sua condição de nordestina.¹⁰¹⁸

A atenção do jornalista se volta para a roupa de Luíza e para as características do seu bairro e apartamento. A ideia seria enfatizar a simplicidade da prefeita eleita, bem como o seu *capricho* mesmo naquele ambiente modesto, entendendo que a sua casa seria pequena para acomodar as pessoas que a acompanhavam no dia da eleição. Outro ponto a ser levado em consideração é a representação do gênero e da branquitude de nossa personagem, pois a sua imagem passaria por diversos imaginários e estereótipos utilizados para representar a população do Nordeste.¹⁰¹⁹ No caso acima, o texto ressalta que Luíza tratou apenas uma vez da sua origem regional, o que poderia ser uma crítica sutil ao fato de a prefeita reforçar essa identidade durante a sua campanha.¹⁰²⁰ Como já apontado neste capítulo, esse pertencimento já aparecia no seu material eleitoral desde 1982. Em um programa televisivo de reportagem (Globo Repórter) realizado na semana da eleição, o jornalista Joelmir Beting reforçou a *nordestinidade* de Luíza e apresentou os desafios com os quais ela teria que lidar. Ao apresentá-la ele disse:

São mais de quatro mil novos prefeitos no Brasil, mas apenas um virou notícia em jornais do mundo inteiro essa semana. A sertaneja de Uiraúna que passa agora a governar agora a quarta maior cidade do mundo. Ela veio de uma cidadezinha da Paraíba cuja população todinha caberia no estádio do

¹⁰¹⁸ NATALI, João Batista. Erundina quer fechar sua rua para a festa da vitória. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 16 de novembro de 1988. Acervo Online. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

¹⁰¹⁹ Paulo Fontes mostra como a imprensa paulista auxiliou na construção de um imaginário de irracionalidade e violência sobre os migrantes nordestinos. (FONTES, Paulo. Op Cit, 2008.).

¹⁰²⁰ PENNA, Maura Lúcia. Op Cit, 1992.

Juventus, na rua Javari. Agora, em menos de uma semana, Erundina toma o choque da fama a caminho do poder na grande aventura do vencer.¹⁰²¹

A fala do jornalista logo é cortada para uma imagem de casas de Uiraúna ao pôr do sol. Na sequência surge o repentista Zé Gonçalves que toca uma viola e canta:

Paraíba, mulher macho,
Como tu és retumbante.
Daqui mudou Erundina pra se tornar mais brilhante
E comandar os destinos da capital Bandeirante.¹⁰²²



Imagem de Uiraúna ao pôr do Sol. (Rede Globo de Televisão. Globo Repórter. 18 de novembro de 1988. Canal Pedro Janov. Globo Repórter: Erundina, a nova prefeita de SP. Postagem: 27 de agosto de 2015. (42 m 10 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hw0yXzgW_HY&t=1288s Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.)

O repente apresentado utiliza-se do termo mulher-macho, o qual pode remeter tanto a Luíza quanto ao estado da Paraíba. De acordo com Alômia Abrantes, a expressão foi construída no decorrer do século XX por meio de cordéis, músicas e romances, e estava embasada em imaginários que remetiam à figura do sertanejo. Nesse sentido, as mulheres do sertão seriam associadas às intempéries da natureza e vistas como fortes por resistir e lutar em um ambiente hostil. Mesmo assim, essa representação não deixou de reforçar divisões de gênero, pois essa feminilidade dissonante seria apresentada como algo exótico ou com estranheza.¹⁰²³ Abrantes também escreve que a ideia da mulher-macho foi incorporada ao estado nos exercícios de rememoração da *Revolução de 1930*. Segundo a historiadora, em 1946, Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira compuseram o baião Paraíba como um *jingle* eleitoral, tendo o cantor afirmado

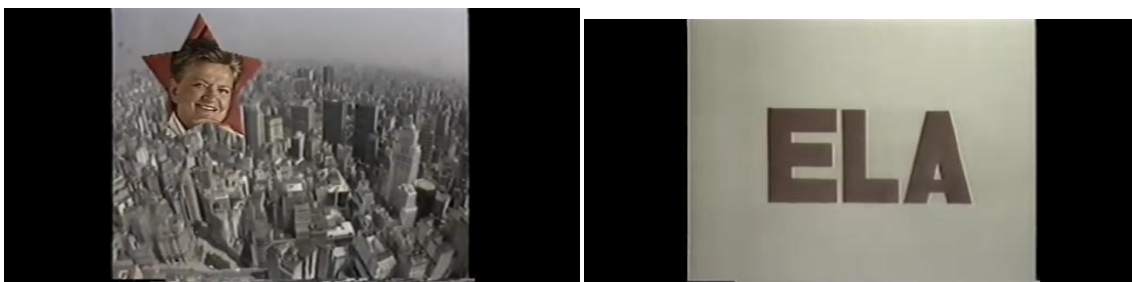
¹⁰²¹ REDE Globo de Televisão. Globo Repórter. 18 de novembro de 1988. Canal Pedro Janov. Globo Repórter: Erundina, a nova prefeita de SP. Postagem: 27 de agosto de 2015. (42 m 10 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hw0yXzgW_HY&t=1288s Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

¹⁰²² Idem.

¹⁰²³ SILVA, Alômia Abrantes da. *Paraíba, mulher-macho: Tessituras de Gênero, desafios da história (Paraíba, Século XX)*. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008. p. 111 – 114.

que a música seria uma homenagem às mulheres valentes daquela região. Tal associação não deixaria de reforçar arquétipos de gênero, pois o estado era visto como pequeno, mas forte, além de ser apropriada para lembrar da *macheza* dos líderes de 1930.¹⁰²⁴

Seja como for, o repentista Zé Gonçalves certamente estava prestando uma homenagem à conterrânea que foi eleita a primeira prefeita da maior cidade do país. Por outro lado, o recorte exposto pela reportagem poderia servir para reforçar a *dissonância de gênero* de Luíza, a qual foi masculinizada pela imprensa e pela mídia mais de uma vez, como veremos ainda nesta seção. Por outro lado, o Globo Repórter não deixa de lembrar quem assiste de que se trata de uma mulher, o que surge em outro momento da reportagem: acompanhando a prefeita, a equipe da jornalista Neide Duarte filmou o momento no qual Luíza se preparava para entrar ao vivo em um programa da TV Gazeta. Apressada, ela teve de entrar em um banheiro para trocar de roupa e a câmera volta-se para a sua porta, na qual pode-se ler a palavra *ela*. Após apresentar a vida de sua *homenageada*, o programa é encerrado com imagens das greves do ABC (1978 – 1979), da fundação do PT e da campanha de 1988, focando-se no rosto da prefeita. Nessa montagem, a trilha sonora é Asa Branca, ouvida em versão instrumental (com violas, triângulos e sanfonas) e a cena final é uma estrela que sobe ao céu mostrando o rosto de Erundina. Ao fundo, vemos o Centro de São Paulo. A intenção era associar a face de Luíza ao PT e ao Nordeste.



Primeira imagem: Cena final do Globo repórter. Segunda imagem: Enfoque na porta do banheiro no qual Luíza Erundina foi se maquiuar. (Rede Globo de Televisão. Globo Repórter. 18 de novembro de 1988. Canal Pedro Janov. Globo Repórter: Erundina, a nova prefeita de SP. Postagem: 27 de agosto de 2015. (42 m 10 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hw0yXzgW_HY&t=1288s Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.)

¹⁰²⁴ Idem. p. 121 – 123.

Outro veículo de comunicação que deu espaço para a eleição de Erundina foi a revista semanal *Veja*, aquela de maior circulação do país.¹⁰²⁵ Apesar de atentarem para a condição de mulher da militante, seus redatores usaram de um tom pejorativo para se referir a ela:

(...) para que não desse Maluf, Luíza Erundina, uma paraibana de 53 anos com as formas de um Fusca, teve antes de vencer os líderes do PT (...). Na ecologia do partido, ela era considerada uma “xiita”, ou seja: uma radical, incendiária e extremada (...). “Tínhamos medo do desastre que representaria a candidatura, em São Paulo, de uma paraibana, mulher, xiita e, principalmente, solteira” conta uma intelectual do partido. Era demais (...). Carregada pelas formigas, mas levíssima devido à gravidade da irritação contra tudo isso que está aí, tudo aquilo que antes parecia um peso incrível na candidatura de Erundina se transformou no seu contrário. Primeiro, ser mulher virou um trunfo (...). Depois foi a vez do nordestinismo (...). Durante a campanha eleitoral, mudou minimamente a sua imagem. Trocou suas calças jeans habituais por saias e blusas que disfarçaram um pouco seus problemas com a balança (tem 60 quilos e em 1,53 metro de altura), usou um tanto de maquilagem e deu um trato no penteado e, pelo menos depois de eleita, revelou-se algo vaidosa.¹⁰²⁶

O título do texto é *A vitória da fera radical*. A discriminação por ser nordestina e solteira poderia estar presente no interior do partido, mas vale salientar que a revista buscou explorar esses traços para construir a imagem da nova governante de São Paulo. Como um objeto, seu corpo foi associado a um fusca, delegando-lhe uma posição estética inferior a outras mulheres por estar *acima do peso*. Um conjunto de fotografias dialoga com o texto e reforça que Erundina estava começando a se preocupar com a sua beleza, apesar de distante dos padrões desejáveis. As legendas dizem que ela é vaidosa, que cuida da sua imagem e que preferiria comer arroz e lentilha por viver sozinha.¹⁰²⁷ A feminilidade de Luíza ainda é definida pelos seus posicionamentos, pois, como alguém *radical*, distinguiria-se por não se enquadrar em um padrão de solicitude e sensibilidade,¹⁰²⁸ entendido pelos redatores da *Veja* como ideais para as mulheres.

¹⁰²⁵ BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz; ABREU, Karen Cristina Kraemer. *A História das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial*. São Leopoldo: Unisinos/Unisul, 2010. p. 17 – 18. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

¹⁰²⁶ S/A. A vitória da fera Radical. *Veja*. Ano 21, nº 47, São Paulo: Editora Abril, 23 de novembro de 1988. p. 34 – 39. Guarulhos: Acervo pessoal de Roger Camacho Barrero Junior.

¹⁰²⁷ Idem. p. 39.

¹⁰²⁸ BADINTER, Elisabeth. *Op Cit*, 2011.



Fotografias de Luíza Erundina no dia de uma entrevista. A vitória da fera Radical. *Veja*. Ano 21, nº 47, São Paulo: Editora Abril, 23 de novembro de 1988. p. 39.

Em outro momento, um programa de televisão (1990) satiriza o fato de Luíza repetir diversas vezes que era nordestina. Nele, a prefeita foi interpretada pelo humorista Geraldo Alves, o qual repete: “Como nordestina, como paraibana, como mulher, como prefeita”.¹⁰²⁹ A fala aparece toda vez que a personagem é solicitada e precede todos os seus diálogos. Para além dos preconceitos de origem, essa construção nos faz refletir sobre qual feminilidade era delegada a Luíza, pois escolheram um homem para interpretá-la.



Sistema Brasileiro de Televisão. *Romeu e Julieta*. Programa Hebe Camargo. 1990. Canal Cesar Ricardo Moreira. Ronald Golias e Hebe Camargo – *Romeu e Julieta* (2ª versão) – Completo – SBT – 1990.

Postagem: 26 de agosto de 2019. (1 h 14 m 44 s). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=VBOtCVpQzyg&t=3791s> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

¹⁰²⁹ SISTEMA Brasileiro de Televisão. *Romeu e Julieta*. Programa Hebe Camargo. 1990. Canal Cesar Ricardo Moreira. Ronald Golias e Hebe Camargo – *Romeu e Julieta* (2ª versão) – Completo – SBT – 1990. Postagem: 26 de agosto de 2019. (1 h 14 m 44 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VBOtCVpQzyg&t=3791s> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

Mas a negação da feminilidade de Luíza não se restringiu à televisão ou às revistas. Em uma biografia escrita pelo jornalista José Nêumanne Pinto (1989) foi dito:

Ao contrário da mãe, que tinha altos pendores culinários, não lhe apetece cozinhar e seus pratos preferidos são degustados em restaurantes como o Andrade, especializado em cozinha nordestina (...). Na verdade a sua paixão é o arrubacão, ou baião de dois, um feijão sertanejo cozinhado junto com arroz e queijo de coalho.¹⁰³⁰

Partindo de estereótipos sobre o sertanejo nordestino, o jornalista define as posturas de Luíza distanciando-a do ideal da mulher dona de casa almejado por setores médios e de elite da sociedade.¹⁰³¹ Seus atributos físicos também são utilizados para descrevê-la:

Desprovida dos encantos físicos que ornaram o corpo da mãe e se fazem presentes na irmã caçula (...) Erundina, solteira como a irmã Lourdinha, define o celibato como uma opção consciente. “Beleza não me faz falta” (...) Para Erundina, militante do básico, fanática do essencial, o casamento e a maternidade não fazem parte de seu projeto de vida. Sua vida, primeiro foi dedicada à educação das irmãs e, depois, voltada para algo que ela define como “a luta dos trabalhadores”. Não havia lugar para fraldas, cueiros e roupa suja de marido.¹⁰³²

Se levarmos em consideração a fala recortada de Luíza, podemos pensar que nossa personagem se apropriou de parte dessa imagem para reforçar traços como a rebeldia e a simplicidade. Nesse sentido, o que a biografada disse contrastaria com o tom machista do jornalista, focado em atributos físicos para justificar a opção por não se casar, perspectiva esta que vinha de um imaginário social de longa duração. De acordo com Cláudia Maia,¹⁰³³ a imagem da mulher solteira ganhou força no final do século XIX, quando o ideal de feminilidade passou a ser pautado pela família (esposa, mãe). A autora mostra, contudo, que a marginalização das solteiras já circulava na Europa desde o século XVIII, mas que foi melhor delimitada posteriormente. Se, por um lado, os lares de pessoas solitárias e o celibato eram uma realidade desde o período colonial, o ideal republicano de progresso passou a entender que o matrimônio e a maternidade seriam as matrizes de uma sociedade ideal e maneira de evitar a degeneração de seus cidadãos.¹⁰³⁴

¹⁰³⁰ PINTO, José Nêumanne. *Erundina: a mulher que veio com a chuva*. Espaço e tempo, Rio de Janeiro, 1989. p. 141.

¹⁰³¹ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018.

¹⁰³² PINTO, José Nêumanne. Op Cit, 1989. p. 50 – 51.

¹⁰³³ MAIA, Cláudia de Jesus. *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral - Minas Gerais (1890-1948)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília. Brasília, 2007. p. 75.

¹⁰³⁴ Idem. p. 45 – 53.

Tal ponto de vista fomentou a marginalização da solteirice, trazendo para esse estado civil uma série de estereótipos e imaginários. Maia reforça também que a urbanização ampliava o leque de possibilidades para as mulheres, fazendo com que passassem a ocupar outros espaços, gerando temores naqueles que viam o trabalho feminino como uma ameaça à organização e reprodução da família burguesa.¹⁰³⁵ Pensando na maneira como as próprias solteiras se compreendem, Cláudia Fonseca entrevistou um grupo de mulheres de elite e mostra que parte delas destacou que não se casou devido à necessidade de cuidar dos seus genitores.¹⁰³⁶ Nesse sentido, ela escreve que, apesar dos estereótipos negativos associados ao celibato (rigidez, egoísmo, melancolia), essas pessoas tinham a possibilidade de ser absorvidas por atividades como a educação de crianças, a governança e a tutela dos idosos.¹⁰³⁷

Seja pelo humor ou pelas notícias, a proximidade com setores populares é reforçada em alguns momentos. Entretanto, essa mesma representação poderia servir para satirizar a assistente social, dizendo que ela a ativaria somente por querer atrair a população mais pobre. A ideia poderia variar entre a simpatia e o populismo de acordo com o interesse de quem produzia essas imagens. Seja como for, devemos ter cuidado ao interpretar certos elogios, pois esses podem partir da ironia para afirmar que o PT e Luíza seriam ruins por serem radicais.

No calor dos eventos de 1988, a imagem masculinizada de Erundina também surgiu em charges que aludiam ao suposto “populismo” da prefeita. Em sua volta para a Paraíba após a eleição, Luíza foi desenhada em cima de um palanque, de óculos escuros e com expressão séria. O público que a observa é magro e está com as mãos em posição de súplica, como se pedissem algo. O texto que compõe o desenho foi escrito por José Nêumanne Pinto e tem como título: *De volta ao sertão carente*, reforçando a associação do Nordeste à seca e à opressão.¹⁰³⁸ A caricatura também passa a sensação de poder e de indiferença, associando Luíza ao coronelismo. Em outra charge, a prefeita aparece em seu gabinete enquanto um jardineiro poda uma árvore. Com traços igualmente sérios e masculinizados, ela esboça rigidez e omissão em relação ao trabalho daquele que esculpe uma estrela. Esse conjunto de imagens e palavras teria a intenção de

¹⁰³⁵ Ibidem. p. 75 – 77.

¹⁰³⁶ FONSECA, Cláudia. Solteironas de fino trato: reflexões em torno do não-casamento entre pequeno-burguesas no início do século. *Revista Brasileira de História*, v. 18, p. 99-120, 1989.

¹⁰³⁷ Idem.

¹⁰³⁸ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Op Cit, 2011.

desconstruir o PT e Erundina, afastando-os dos setores populares e aproximando-os daqueles que acusavam de corruptos ou opressores.



Primeira imagem: Charge. In: PINTO, José Nêumane. De volta ao sertão carente. *O Estado de São Paulo*. 26 de novembro de 1988. p. 3. Segunda imagem: Charge. In: S/A. Canal 3. O Estado de São Paulo. 29 de novembro de 1988. p. 3. Acervo digital. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

Em uma reportagem apresentada pelo jornalista Bóris Casoy (1993), Luíza surge como uma pessoa emocionalmente instável. A ideia era falar da sua demissão do Ministério da Administração Pública Federal e mostrar suas críticas ao governo. Exposta como uma “metralhadora”¹⁰³⁹ verbal, Erundina seria aquela que não se pouparia de ofender seus opositores. Tal ponto de vista apareceu também na campanha de 1996, quando a *Folha de São Paulo* expôs um comentário do então Ministro das Comunicações, Sérgio Motta, que dizia: “Eu só lamentei que ela é prepotente, né? Deve ser a idade, a menopausa...”¹⁰⁴⁰

O comentário do ministro partia do imaginário coletivo de que as mulheres seriam instáveis, o que se agravaria com as mudanças hormonais decorrentes da idade, ficando-se em referenciais socioculturais costurados no passado. De acordo com Magali Engel,¹⁰⁴¹ a ideia de que as mulheres seriam predispostas à loucura e à instabilidade emocional foram delegadas a partir do século XIX. Entendidas como um apanhado desorganizado de características boas e más, elas seriam perigosas e, portanto, deveriam ser regradas. Um dos dados utilizados para identificar e medicalizar essas

¹⁰³⁹ SISTEMA Brasileiro de Televisão. TJ Brasil. 1993. Canal Luíza Erundina. Matéria de Bóris Casoy no SBT sobre Demissão da Ministra Luíza Erundina. Postagem: 4 de janeiro de 2012. (4 m 28 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vFqpx7fDpa4> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

¹⁰⁴⁰ S/A. Isto é Erundina. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 15 de novembro de 1996. Página online. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/11/15/caderno_especial/9.html Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

¹⁰⁴¹ ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 333 – 334.

peças era a menstruação. Engel mostra que, na virada do século XIX para o XX, o início e o término desse período (puberdade-menopausa) seriam entendidos como momentos de risco para o surgimento de distúrbios psíquicos. O imaginário em torno do sangue uterino era anterior à Psiquiatria, mas estava apoiado em premissas religiosas e crenças populares que o enxergavam como algo místico e oculto.¹⁰⁴² Voltemos à nossa fonte.

Ironicamente, coube a Paulo Maluf defender Erundina: “O sr. Paulo Pinto Ramos Motta foi de uma crueldade desnecessária com alguém que tem muito valor pessoal. Posso discordar das ideias. Mas, como meu pai, que deixou o Líbano, ela também veio de fora e venceu em São Paulo.”¹⁰⁴³ Devemos lembrar que o então prefeito não disse essas palavras, provavelmente, somente por discordar daquela imagem, mas também para criticar Motta, seu inimigo. Seja como for, na fala desses sujeitos, e do jornal, o gênero e a origem são constituintes da imagem da nossa personagem. A ideia de que ela era prepotente poderia aludir aos seus posicionamentos, o que deve ser visto com cuidado, pois as mulheres que se posicionavam de maneira incisiva corriam o risco de serem encaradas como rígidas, histéricas ou grosseiras, o que foi associado em diferentes momentos ao feminismo.¹⁰⁴⁴ Tais atributos, por outro lado, destoam do que é dito de Irma.

Com experiências e uma imagem de feminilidade distintas de Lélia e Luíza, Passoni ganhou visibilidade na imprensa paulista durante o seu mandato de deputada estadual (1979 – 1983). Lembrando-se de que havia se tornado mãe, o *Estado de São Paulo* publicou uma charge após ela reivindicar a instalação de um berçário na ALESP. Os traços da caricatura que complementam o texto reforçam arquétipos, pois ela é representada de vestido, sapatos de salto e com cabelos longos e amarrados, além de sorridente ao ver que sua filha estava aos cuidados de uma enfermeira. Esse conjunto de imagens lembra o público de que se trata de uma mulher e de uma mãe, reforçando que Irma atendia a certos padrões

¹⁰⁴² Idem. p. 334 – 336.

¹⁰⁴³ S/A. Isto é Erundina. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 15 de novembro de 1996. Página online. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/11/15/caderno_especial/9.html Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

¹⁰⁴⁴ MARSON, Melina Izar. Op Cit, 1996.

sociais, mas também se distanciava de outros, por não estar no espaço doméstico.¹⁰⁴⁵



Charge de Irma Passoni. In: S/A. *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 19 de maio de 1979. p. 5. Acervo digital. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

Sua maternidade seria provavelmente valorizada por uma parcela expressiva da sociedade, o que interferiria no ponto de vista dos redatores do jornal, contrário ao PT. Como analisamos nos capítulos anteriores, esse traço serviu inclusive para a construção da autoimagem de Irma, pois ela se identificava com as mães que tinham de trabalhar e cuidar de seus filhos. Tal projeto definiria não apenas seus pertencimentos, mas as imagens elaboradas sobre ela. No texto em questão foi dito:

Irma Passoni (MDB) conseguiu que o chefe do legislativo paulista, deputado Robson Marinho (MDB), determinasse a instalação de um berçário no Palácio Nove de Julho (...). Parlamentares arenistas ironizaram, veladamente, a iniciativa de Robson, dizendo que também discutirão a conveniência de reivindicar da Mesa a instalação de uma creche, em dependências da Assembleia, onde poderiam deixar seus filhos enquanto permanecerem em plenário.¹⁰⁴⁶

Se, por um lado, a iniciativa da deputada poderia ser elogiada como uma manifestação de *instintos maternos naturais*, por outro, geraria a reação de grupos que acreditavam que aquilo era desnecessário. Essa percepção estaria amparada na ideia de que o parlamento era um espaço masculino, não tendo, conseqüentemente, que atender às necessidades das deputadas mães e muito menos de outras funcionárias. Irma seria

¹⁰⁴⁵ S/A. *O Estado de São Paulo*. São Paulo: 19 de maio de 1979. p. 5. Acervo digital. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

¹⁰⁴⁶ Idem.

assim cobrada pelo tempo que dedicava aos filhos, o que ocorria também com muitas outras mulheres.¹⁰⁴⁷ Vale salientar que, apesar da iniciativa da parlamentar, o texto atribui ao presidente da ALESP o crédito pela instalação da creche, retomando papéis de gênero que definem o homem como a liderança, silenciando conseqüentemente o trabalho de nossa personagem.

Em outros momentos, a atuação de Irma em movimentos de mulheres foi utilizada igualmente para reforçar sua feminilidade. O jornal *Última Hora*, de Brasília, publicou o seguinte:

A aprovação pelo Plenário da Câmara, do projeto que cria o Conselho da Mulher, motivou uma inédita e ruidosamente feminina comemoração, de um grupo diretamente envolvido na mobilização em torno da matéria. Junto ao plenário foram servidas duas garrafas de champanha, uma das quais só a muito custo foi aberta. A vice-líder do PT, Irma Passoni, não conseguiu retirar a rolha. Várias das presentes sugeriram que “chamassem um homem”. Veio a deputada estadual Ruth Escobar, do PMDB paulista, e conseguiu abrir a garrafa.¹⁰⁴⁸

A ideia de que as deputadas não conseguiriam abrir uma garrafa reforça estereótipos. Entendendo que era um evento de mulheres, o texto pontua que elas tiveram essa dificuldade pois aquela seria uma tarefa *destinada aos homens*. Como vimos no caso anterior, a feminilidade de Irma seria reforçada ainda pelo seu *status* de mãe e casada, o que poderia ser acrescido da sua religiosidade e do distanciamento do feminismo de classe média. Entretanto, ela também quebrava regras e estereótipos ao participar de manifestações e atos políticos, o que não deixou de ser acompanhado pela mídia. Dentre os recortes de jornal coletados pelo PT, um periódico apresenta Irma da seguinte maneira:

Irma Rossetto Passoni, 44 anos, é ex-freira da congregação das “damas inglesas”. Ela nasceu em Concórdia, Santa Catarina, é professora, casada, e exerce sua primeira legislatura na Câmara Federal. Antes de ser eleita deputada federal, foi deputada estadual (1979 – 1983). A nova líder pertence à corrente do PT ligada aos movimentos de base coordenados pela Igreja Católica. A sua atuação este ano, como do resto da bancada do PT, terá como prioridade a popularização da discussão sobre a Constituinte, a questão da Reforma Agrária, Dívida Externa e a Regulamentação da lei dos Partidos Políticos, Código Eleitoral, Prerrogativas do poder Legislativo e revogação do entulho autoritário.¹⁰⁴⁹

¹⁰⁴⁷ BADINTER, Elisabeth. Op Cit, 2011; BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018.

¹⁰⁴⁸ S/A. Comemoração. *Última Hora*. Brasília: 15 de agosto de 1985. São Paulo: Acervo Pessoal de Irma Passoni, ITS – Brasil.

¹⁰⁴⁹ S/A. PT elege Passoni para liderança. 1986. Recorte de Jornal. Campinas: AEL – UNICAMP, Fundo Partido dos Trabalhadores.

Talvez se possa dizer que, aos olhos da imprensa, Irma seria mais feminina do que outras mulheres atuantes no campo político-institucional. Mesmo assim, sua militância romperia com a ideia de que elas deveriam se restringir aos cuidados do marido, dos filhos e de sua casa.¹⁰⁵⁰ Diferente de Lélia e Luíza, seu corpo não é questionado, o que talvez se dava pela sua atuação religiosa, elemento que traria a ela uma aura de sacralidade em muito associada à figura de Maria.¹⁰⁵¹ Contudo, se, por um lado, ela representa a mulher casada, de classe média e mãe, por outro é associada aos movimentos populares e, por isso, talvez *menos branca* por romper com aquilo que se esperava de pessoas com a mesma posição social e fenótipo. No jornal *O Dia*, por exemplo, foi dito:

Afinada com o que considera a linha mais combativa do PT, a nova líder já elegeu como prioridade número um de sua atuação em plenário o exame aprofundado do pacote do congelamento, sobretudo no que diz respeito à questão salarial, seguido da defesa da reforma agrária e de uma solução política para a dívida externa.¹⁰⁵²

Aos olhos do periódico, Irma seria combativa e estaria associada ao que havia de mais radical no PT, tratando de temas não associados diretamente ao cuidado, como se esperaria das mulheres na política. Outro ponto que chama a atenção é a surpresa com a indicação da deputada para o cargo de líder da bancada. Em um jornal recolhido pela direção petista, consta o seguinte trecho: “a Deputada Irma Passoni é desde ontem a nova líder da reduzida bancada do PT na Câmara (...). Antes de Irma Passoni, Ivete Vargas (PTB) tinha sido a única mulher a liderar uma bancada (...).”¹⁰⁵³ O título do texto é *Mulher ocupa Liderança do PT na Câmara*. A associação ao PT traria ainda desconfianças, como em uma coluna do *Jornal do Brasil* intitulada *Desorientação*:

Para não fugir muito à regra, circulam pelo Congresso Nacional os mais disparatados projetos (...). A deputada Irma Passoni propõe que se impeça a projeção de trailers de filmes impróprios quando o cinema estiver passando programas voltados para o público infantil (...). Mas é preciso que o Congresso Nacional tome conta disso? Não se trata de um caso típico de postura municipal?¹⁰⁵⁴

¹⁰⁵⁰ BIROLI, Flávia. Op Cit, 2018.

¹⁰⁵¹ VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Op Cit, 2006.

¹⁰⁵² S/A. Partido escolhe nova liderança na Câmara. *O Dia*. Recorte de Jornal. Rio de Janeiro: 1986. Campinas: AEL – UNICAMP, Fundo Partido dos Trabalhadores.

¹⁰⁵³ S/A. Mulher ocupa liderança do PT na Câmara. 1986. Recorte de Jornal. Campinas: AEL – UNICAMP, Fundo Partido dos Trabalhadores.

¹⁰⁵⁴ S/A. Desorientação. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 10 de julho de 1985. Recorte de Jornal. São Paulo: Acervo Pessoal de Irma Passoni, ITS – Brasil.

A ideia do texto era criticar propostas tidas como desnecessárias e, no caso de Irma, reforçar também uma imagem moralista associada à sua religiosidade. Como no caso de Luíza, sua atuação foi, em geral, tratada de forma hostil pela grande imprensa brasileira, de forma a atingir, também, o partido ao qual eram filiadas. Em 1984, *O Estado de São Paulo* denunciava:

Os jornais e as emissoras de rádio e televisão de São Paulo receberam, há dias, telefonema da sra. Deputada Irma Passoni, eleita pelo Partido dos Trabalhadores (PT), informando-os de que aproximadamente mil trabalhadores tinham invadido a Secretaria Municipal de Transportes e que só a deixariam depois que o titular da pasta, Getúlio Hanashiro, atendesse a uma reivindicação constante da criação de uma linha de ônibus (já em estudo naquela secretaria) ligando o Jardim Colonial à Praça da Bandeira. Por estranho que pareça, a sra. Deputada simplesmente mentia. Ao seu lado estavam cerca de 30 moradores de alguns bairros periféricos e nenhuma secretaria municipal tinha sido invadida. Não há dúvida de que ajudar determinadas camadas sociais a reivindicar junto à autoridade constituída é parte da atuação política dos representantes do povo nas diversas Casas Legislativas. É uma forma de manterem os parlamentares em ligação com os eleitores para garantir uma possível reeleição.¹⁰⁵⁵

Com interesses distintos da militante e do PT, os redatores do *Estado de São Paulo* viam com desconfiança a aproximação dos parlamentares com movimentos populares, o que já ocorria no período em que Passoni atuava no MCV.¹⁰⁵⁶ Em ambos os textos, a intenção é pontuar que o trabalho dela era pautado unicamente por interesses pessoais. No caso do *Estado de São Paulo*, a discussão ainda teve uma réplica e uma tréplica. Discordando do que foi escrito, Irma exigiu uma retratação. Sua carta foi publicada na edição do dia seguinte:

Li com espanto a matéria intitulada “Deputada e a falsa invasão” (...). Com interesse de restabelecer a verdade, gostaria de informar o seguinte: Junto com um grupo de aproximadamente 70 pessoas, estivemos na Secretaria Municipal de Transportes no dia 31 de agosto, às 11 horas, a pedido de moradores do bairro Barragem, para reivindicar a criação de uma linha de ônibus (...). Esclarecemos que a reivindicação se deve ao fato de que os moradores daquele bairro são obrigados a andar a pé 20 quilômetros por dia para chegarem ao ponto de ônibus Jardim Colônia (...) Nossa chegada à Secretaria se deu no dia e horário marcados pelo senhor secretário (...) A entrevista transcorreu tranquilamente dentro das normas da civilidade (...) Esclareço finalmente que não telefonei nem mandei telefonar a nenhum jornal, rádio ou televisão para informar a respeito de uma suposta ocupação da Secretaria de Transportes (...) Lamentando que um profissional da imprensa tenha cometido grave injustiça contra a minha pessoa, expresso aqui a certeza de que o jornal O Estado de São Paulo saberá repará-la,

¹⁰⁵⁵ S/A. Deputada e a falsa invasão. *O Estado de São Paulo*. 5 de setembro de 1984. P. 12. Acervo digital. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

¹⁰⁵⁶ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 182 – 183.

divulgando esses esclarecimentos com o mesmo destaque que concedeu à matéria referida no primeiro parágrafo deste texto.¹⁰⁵⁷

Irma ressaltou que não havia apoiado uma ocupação a um prédio público. Buscando a conciliação e pautada em protocolos epistolares, ela solicitou a correção do texto. Logo em seguida, o jornal publicou uma tréplica, na qual contestava a versão dada pela deputada:

A deputada Irma Passoni tem o direito de contestar e cabe aos leitores julgar seus argumentos. O Estado realmente recebeu o telefonema de pessoa que se intitulava “assessora da deputada Irma Passoni”, informando a respeito da ocupação da Secretaria de Transportes. O repórter de O Estado foi ao local e mantém o que escreveu. Em sua carta, a deputada mostra-se irritada, o que pode explicar o fato de ela cometer vários erros, entre os quais a afirmação de que “os moradores do bairro Barragem são obrigados a andarem (sic.) a pé 30 quilômetros por dia para chegarem ao ponto de ônibus”. Não há bairro em São Paulo em que é preciso caminhar tanto ou mesmo a metade disso.¹⁰⁵⁸

A desqualificação da carta de Passoni ocorria de duas maneiras. Primeiramente, por dizer, novamente acionando estereótipos que associam as mulheres ao descontrole emocional, que a deputada estava irritada e que por isso não soube se expressar. O jornal também aumenta a distância descrita por Irma em dez quilômetros. Segundo, o texto, como era de se esperar, deu mais credibilidade à versão do repórter do que ao ponto de vista da parlamentar ou do grupo que ocupou o prédio. Assim, se, para alguns, ela era a mãe religiosa, para outros, essa imagem seria suprimida por uma série de estereótipos, como a da militante socialista radical ou a da líder da periferia que ocupava propriedades particulares.¹⁰⁵⁹ Tal representação a faria descer na escala do que era desejado de uma mulher (pois não se dedicaria à prole por estar militando) e

¹⁰⁵⁷ S/A. Queixas e reclamações. “Deputada e a falsa invasão”. *O Estado de São Paulo*. 6 de setembro de 1984. p. 33. Acervo digital. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

¹⁰⁵⁸ Idem.

¹⁰⁵⁹ Muito dessa imagem estaria amparada em imaginários anticomunistas. Dentre o que foi produzido sobre o tema cito: MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. O comunismo imaginário. Práticas discursivas da imprensa sobre o Comunismo. *Sínteses – Revista dos Cursos de Pós-Graduação*, v. 2, 1997; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil, 1917-1964*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O Perigo é Vermelho e vem de Fora: O Brasil e a URSS. *Locus-Revista de História*, v. 13, n. 2, 2007; REICHEL, Heloisa Jochims. O “perigo vermelho” na América Latina e a grande imprensa durante os primeiros anos da Guerra-Fria (1947-1955). *Diálogos*, v. 8, n. 1, p. 189-208, 2004; RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul, 1945-1964*. Passo Fundo: Ediupf Universidade de Passo Fundo, 1998; RODEGHERO, Carla Simone. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. *Revista Brasileira de história*, v. 22, n. 44, p. 463-488, 2002; RODEGHERO, Carla Simone. Viva o Comunismo X Viva Cristo Rei: um estudo de recepção do anticomunismo católico a partir de fontes orais. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 32, n. 1, p. 157-173, 2006.

igualmente de uma pessoa branca (pois estaria ligada à periferia, a qual era vista como oposta a um padrão estético e cultural elitista).

Seja como for, a imagem de Irma foi pautada pela sua maternidade, branquitude e militância. Parte dessa representação também seria apropriada pela própria deputada na medida em que se colocava como representante de mães trabalhadoras e moradoras da periferia. Dessa maneira, há que se notar como as relações de gênero, classe e raça são essenciais na construção de imaginários e interpretações sobre os indivíduos. No nosso caso específico de análise, Passoni foi definida em diferentes momentos como a mãe e ex-freira que, apesar de representar um modelo adequado (casada e religiosa), teria proximidade com militantes de esquerda e movimentos da periferia. Irma seria, pois, construída por dois padrões socioculturais de feminilidade, o celibato religioso e a maternidade, mas colocaria ambos em tensão ao ocupar espaços de poder e participar de manifestações nas ruas. Da mesma forma, atendia a uma estética europeia (pele clara e olhos azuis), mas não se aproximaria dos grupos nos quais esse fenótipo seria mais valorizado como modelo de feminilidade.

Todas as mulheres estudadas nesta pesquisa atuaram em movimentos sociais e agremiações de esquerda. Esse atributo atrairia o receio de alguns, o que somado a outros vetores agravariam ou amenizariam suas imagens. Se Lélia era a atriz de elite e filha de italianos, Luíza foi a migrante paraibana, solteira e distante de padrões estéticos hegemônicos, e Irma, a parlamentar mãe e religiosa. Enquanto a primeira foi construída pela imagem da beleza feminina europeia na terceira idade, a segunda foi associada ao radicalismo e teria sua feminilidade negada. A última não teve menções quanto ao seu corpo nas fontes que consultamos, o que poderia ser resultado de uma certa aura de sacralidade posta sobre ela, mas foi ligada à radicalidade política em outros momentos.

Irma seria associada às periferias e, por isso, estaria apartada daquilo que se esperava de uma mulher branca de elite, o que também ocorria com Luíza,¹⁰⁶⁰ a qual ainda seria inferiorizada em relação à primeira devido à sua origem regional. Mesmo assim, essas imagens poderiam ser utilizadas por nossas personagens em outros momentos como uma estratégia para a obtenção de capitais políticos. O reconhecimento gestado nos palcos faria Lélia ser representante de classe das atrizes e atores. Sua

¹⁰⁶⁰ SCHUCMAN, Lia Vainer. Op Cit, 2012.

trajetória entre os comerciários e os trotskistas serviria igualmente para sua inserção na militância. Luíza se valeu de sua nordestinidade para se aproximar de setores operários e periféricos de São Paulo, pois muitos deles tinham uma origem e experiências comuns às suas.¹⁰⁶¹ Por fim, Irma criava laços com moradoras (es) da periferia a partir do seu trabalho como religiosa e como mãe, na medida em que aqueles grupos prezavam pela dignidade e sacralidade desses sujeitos.¹⁰⁶² Em comum, todas partiram de suas experiências em movimentos de trabalhadores para ganhar visibilidade no PT. Com base nesses aspectos, vamos nos debruçar sobre a gestão dessas imagens na imprensa militante.

Militâncias diferentes? Entre companheiras e companheiros

Se para a mídia corporativa nossas personagens ganharam visibilidade em momentos distintos, nos periódicos produzidos por feministas e outros grupos de esquerda não foi diferente. Entretanto, o espaço que elas tiveram nesses veículos de comunicação foi decorrente de outros interesses, apesar de ambos os lados convergirem algumas vezes. Para as redatoras do jornal *Mulherio*, por exemplo, as eleições de 1982 foram um marco:

O PT lançou um grande número de candidatas no Estado, algumas delas com militância no movimento de mulheres. A jornalista Ireda Cardoso concorre à vereadora, a militante política Clara Sharf à deputada estadual; e a atual deputada estadual Irma Passoni e a atriz Bete Mendes à deputada federal. Muitas outras candidatas, contudo, têm participado de reuniões na Assembleia Legislativa destinadas a discutir os assuntos que afetam mais de perto a mulher - creches, planejamento familiar, violência, aborto, Código Civil etc. - e a elaborar um programa de ação em comum. Entre elas, estão a assistente social Luiza Erundina (vereadora), a atriz Lélia Abramo (suplente de senadora) e a operária Janete [Pietá], de Guarulhos (deputada federal).¹⁰⁶³

O jornal supracitado surgiu do trabalho de intelectuais ligadas à Fundação Carlos Chagas, do Rio de Janeiro. Muitas delas eram feministas e/ou vinham de grupos de esquerda.¹⁰⁶⁴ Além do mais, como parte expressiva de suas redatoras militava no PT,

¹⁰⁶¹ FONTES, Paulo. Op Cit, 2008.

¹⁰⁶² MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 58; 159.

¹⁰⁶³ S/A. Tentando participar da gestão do poder. *Mulherio*. Ano 2. nº 7, julho – agosto 1982. p. 10. São Paulo: Coleção Mulherio, CEDEM – UNESP.

¹⁰⁶⁴ WOITOWICZ, Karina Janz. Páginas que persistem: A imprensa feminista na luta pelos direitos das mulheres no Brasil. *IV Congresso Nacional de História da Mídia*. Niterói: UFF, 2008. p. 12 – 13.

essa articulação se deu também com base em afinidades político-partidárias. Devemos lembrar ainda que as eleições de 1982 despertaram muitas expectativas por ser a estreia dos partidos recém-criados após o fim do bipartidarismo imposto pela ditadura. Tratava-se também de um momento pós-Anistia, o que abria possibilidades maiores para a entrada daqueles (as) antes perseguidos (as) pelo regime autoritário (ainda em vigor) no sistema político.

Voltando nossos olhos para as três personagens, notamos que há uma diferença expressiva na quantidade de citações que cada uma teve durante a circulação do jornal (1981 – 1988). Além do *Mulherio*, o *Nós Mulheres* e o *Brasil Mulher* também se debruçavam sobre a temática do gênero, mas o primeiro foi o que teve o maior tempo de duração¹⁰⁶⁵ e o único dos três no qual elas são mencionadas. Lélia foi citada uma única vez após o texto acima. A matéria em questão trata do trabalho de um professor de educação infantil que rompia com padrões de gênero por se mostrar *solícito* com seus alunos. Ao realizar uma atividade em sala de aula, ele relata: “Tinha uma coisa de teatro. Eles queriam representar o Lula, o Montoro, a Sílvia Pimentel, a Lélia Abramo. As crianças da 3ª série organizaram tudo. Fizeram chapas com participação de pessoas de todas as classes”.¹⁰⁶⁶ Nossa personagem dispunha de mais espaço na imprensa operária, como no *Jornal do Metalúrgico*,¹⁰⁶⁷ de 1978, o qual já havia tratado do seu trabalho no SAT-ED-SP:

Os dois, o homem e a mulher, devem estar juntos discutindo e participando em todos os momentos: em casa, na fábrica, no sindicato (...). Um exemplo disso é Lélia Abramo, atriz e dirigente sindical. Há um ano ela é presidente do Sindicato dos Artistas e Técnicos de Espetáculos de Diversão do Estado de São Paulo. Lá mesmo na sede do sindicato dos artistas, na avenida São João, batemos um papo com Lélia que logo de cara foi defendendo uma maior participação da mulher nas atividades sindicais: “Não se pode dividir em sexo a luta pela defesa dos direitos. A presença da mulher é absolutamente necessária (...)”. De duas coisas Lélia gostou muito de saber a respeito do nosso sindicato: o grande número de metalúrgicos associados e a existência aqui de um teatro, o Temetal. Como atriz, ela considera fundamental a criação de um núcleo teatral dentro do sindicato, “porque o

¹⁰⁶⁵ Idem. p. 10 – 11.

¹⁰⁶⁶ BORGES, Adélia. Homem sweet homem. *Mulherio*. Ano 3, nº 11, janeiro – fevereiro 1983. p. 17. São Paulo: Coleção Mulherio, CEDEM – UNESP.

¹⁰⁶⁷ O *Jornal do Metalúrgico* é a imprensa oficial do Sindicato dos Metalúrgicos da Baixada Santista (fundado em 1933), começou a ser impresso em 1978 e segue sendo produzido até o momento da escrita desta tese (SINDICATO dos Siderúrgicos e Metalúrgicos da Baixada Santista. Disponível em: <http://metalurgicosbs.org.br/> Acesso: 27/01/2021 às 10:15 hrs.; BIBLIOTECA Digital da UNESP. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/8994> Acesso: 27/01/2021 às 10:15 hrs.).

teatro, de todas as artes, é aquela que consegue transmitir melhor a mensagem do autor de uma peça”.¹⁰⁶⁸

O jornal em questão se voltava preponderantemente para questões de classe. Ao entrevistar Lélia, os redatores apresentam suas expectativas com relação ao arrocho salarial e o aumento do custo de vida. Apesar de dizer que ela representa as mulheres, valorizando a sua participação política e sindical, a matéria parte da ideia de *pauta comum*, ou seja, a luta pela defesa dos direitos da *classe trabalhadora*, a qual não deveria ser dividida “em sexo”. De acordo com Paola Capellin Giuliani, o sindicalismo dos anos 1970 se abriu para demandas distintas, como as de raça e gênero. Contudo, se na teoria havia união, na prática seus líderes ainda viam com estranheza aquilo que até pouco tempo não era tão discutido em suas reuniões.¹⁰⁶⁹ Pautados nesses debates, os responsáveis do jornal reforçavam a ruptura entre os grupos atrelados ao Estado e aqueles que se diziam *autênticos*. Como analisamos no segundo capítulo, desde a década de 1950 vinha se construindo uma perspectiva crítica do sindicalismo criado no governo Vargas, a qual se somava aos anseios de operários que iniciaram a sua militância nos anos 1960.¹⁰⁷⁰ Mesmo assim, aquilo que se convencionou chamar de *novo* ainda tinha traços do *velho*.¹⁰⁷¹

Ainda sobre a presença de Lélia na imprensa alternativa, os trotskistas da DS *lembraram* da sua experiência e a convidaram para analisar filmes e peças de teatro.¹⁰⁷² Nesse sentido, vale lembrar que a atuação dela em *Eles não usam Black-Tie* nas décadas de 1950 e 1960 talvez lhe conferisse “autoridade” para participar dessas discussões. A peça, inclusive, trata dos conflitos entre trabalhadores *combativos* e *pelegos*, o que poderia legitimar ainda mais o convite realizado pelo *Em Tempo*. Além dessa matéria, o jornal também divulgou a candidatura da atriz em 1982:

(...) a maioria dos delegados entendeu que esta composição finalmente aprovada, com o sindicalista e Secretário Geral do partido, Jacó Bittar, no senado, o jurista Hélio Bicudo na vice-governança, a atriz e dirigente sindical

¹⁰⁶⁸ S/A. O país depende dos trabalhadores. *Jornal do Metalúrgico*. n.º 4, novembro – dezembro 1978. São Paulo: Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

¹⁰⁶⁹ GIULIANI, Paola Cappellin. “Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira.” In: PRIORI, Mary Del (org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 645.

¹⁰⁷⁰ MATTOS, Marcelo Badaró. *Novos e velhos sindicalismos: Rio de Janeiro, 1955/1988*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.

¹⁰⁷¹ SANTANA, Marco Aurélio. O “novo” e o “velho” sindicalismo: análise de um debate. *Revista de Sociologia e Política*, 10/11, 1998. p. 19-35.

¹⁰⁷² S/A. Eles não usam Black-tie (Debate). *Em Tempo*. Ano 3, n.º 140, de 12 de novembro a 2 de dezembro de 1981. p. 13. São Paulo: Fundo DS, Fundação Perseu Abramo.

de sua categoria, Lélia Abramo, na suplência era a que melhor armaria o PT para a batalha de 82.¹⁰⁷³



Fotografia que compõe a matéria supracitada. (S/A. Eles não usam Black-tie (Debate). *Em Tempo*. Ano 3, nº 140, de 12 de novembro a 2 de dezembro de 1981. p. 13. São Paulo: Fundo DS, Fundação Perseu Abramo.)

O texto se volta para a campanha de Luiz Inácio da Silva e tem como título *Lula 82*. Nele, Lélia aparece na fotografia da chapa escolhida pelo Partido. Anos mais tarde, ela foi entrevistada por Jorge Sá de Miranda para o jornal *Unidade*. A matéria fala da sua presidência no SATED-SP, do boicote midiático e dos problemas de saúde decorrentes desse silenciamento: “A greve [1978] foi vitoriosa, mas ao mesmo tempo sua personagem na novela *Pai Herói* foi morta pela direção da Globo. Isso lhe causou um infarto (...). Superou mais três (...). Às vezes, era chamada para trabalhar em minisséries e casos especiais”.¹⁰⁷⁴ Ressaltando o sacrifício pessoal da atriz, sua intenção foi a de expor seu posicionamento sobre certas questões. Se a imprensa corporativa se voltava para a atuação de Lélia nas artes cênicas e tendia a suprimir as suas atividades políticas (como a campanha de 1982), os periódicos de esquerda ditos alternativos reforçavam a sua militância e contribuía para a ampliação do seu capital político. Contudo, não deixaram de exaltar a sua trajetória nas artes cênicas, combinando ambas as facetas. Seja no *Mulherio* ou na mídia sindicalista, Lélia era uma atriz, mas, antes de tudo, uma militante. A memória sobre ela continuou sendo construída posteriormente e não deixou de agregar esses mesmos traços, o que iremos analisar no próximo capítulo. Por enquanto, passemos para a maneira como nossa segunda personagem foi apresentada pela imprensa escrita de esquerda.

¹⁰⁷³ S/A. *Lula 82*. *Em Tempo*. Ano 4, nº 143, de 28 de janeiro a 11 de fevereiro de 1982. p. 3. São Paulo: Fundo DS, Fundação Perseu Abramo.

¹⁰⁷⁴ MIRANDA, Jorge de Sá. Lélia Abramo, uma crítica contundente. *Unidade*, 1997. Recorte de Jornal. p. 10. São Paulo: Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

Luíza foi citada três vezes no jornal *Mulherio* (se contarmos a primeira citação desta seção).¹⁰⁷⁵ Diferente de Lélia, o feminismo aparece como questão, apesar da vereadora ser apresentada como distante de tal movimento:

Para Tereza [Lajolo],¹⁰⁷⁶ a presença das mulheres na Câmara Municipal, neste momento, reflete muito a proposta do seu partido (...). Mas quem faz questão de reforçar essa ideia é Luíza Erundina de Sousa, a segunda mais votada (26043 votos), também do PT. Erundina, como Tereza, sente certa dificuldade em se colocar como feminista; Como assistente social do Estado, tem sido uma figura muito importante no Movimento por Creches, dentro da área do funcionalismo público e acredita que “o movimento de mulheres avançou, porque se encontra no bojo dos movimentos populares”. “As diversas mulheres que no decorrer da história passaram pela Câmara Municipal na maioria dos casos foram eleitas, porque tinham uma herança de família de homens políticos e famosos. As mulheres agora eleitas são representantes de movimentos, lideranças autênticas, indicadas pelo seu trabalho, sem discriminação”.¹⁰⁷⁷

A ideia da redatora Hermínia Brandão era apresentar as eleitas de 1982 e contabilizar quem se aproximava do feminismo ou não. Além da preocupação com a representatividade nas casas legislativas, a autora buscou se focar naquelas que eram próximas de movimentos populares, o que não se deu por acaso. As feministas, como vimos, nem sempre tinham uma relação harmônica com grupos de trabalhadoras e mães, mas, como também dito anteriormente, o diálogo não deixou de ocorrer. Aprofundando a análise, e comparando personagens, notamos desde já algumas diferenças. Se Lélia é apresentada como a candidata do PT ou a atriz que mobiliza o imaginário de uma escola, Luíza surge como a líder popular distante de setores feministas.

De toda maneira, a equipe do *Mulherio* tinha a preocupação em *dar voz* e rosto às mulheres que se inseriam na política institucional e/ou se mobilizavam nas ruas, sindicatos e bairros da periferia.¹⁰⁷⁸ Em outra matéria, o jornal afirmou:

¹⁰⁷⁵ S/A. Tentando participar da gestão do poder. *Mulherio*. Ano 2. nº 7, julho – agosto 1982. p. 10. São Paulo: Coleção Mulherio, CEDEM – UNESP.

¹⁰⁷⁶ Tereza Lajolo (1947 –) nasceu em São Joaquim da Barra – SP e é filha de um casal de classe média. Mudou-se para São Paulo, estudou Geografia na Universidade de São Paulo (USP), atuou no movimento estudantil e mudou-se para o bairro da Brasilândia (periferia norte de São Paulo). Trabalhou como professora e auxiliou na construção de clubes de mães. Tornou-se vereadora em 1983, atuou como base do governo Erundina (1989 – 1993) e nas investigações sobre a Vala Clandestina de Perus (1990). Deixou a Câmara dos Vereadores em 1997, mas retornou à casa como suplente (1999 – 2000), aposentando-se do magistério em 2015. (MACHADO, Gisele; OLIVEIRA, Renata. Pimentinha da Brasilândia. *Apartes*: Revista da Câmara Municipal de São Paulo. nº 25, jul-dez de 2017. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.leg.br/apartes-antecedentes/revista-apartes/numero-25-jul-dez2017/pimentinha-da-brasilandia/> Acesso: 27/01/2021 às 10:15 hrs.).

¹⁰⁷⁷ BRANDÃO, Hermínia. Eleições: O que ganhamos, o que perdemos. *Mulherio*. Ano 3, nº 11, janeiro – fevereiro 1983. p. 4 – 5. São Paulo: Coleção Mulherio, CEDEM – UNESP.

¹⁰⁷⁸ WOITOWICZ, Karina Janz. Op Cit, 2008. p. 12 – 13.

São Paulo fez três deputadas federais – Bete Mendes (PMDB), Irma Passoni (PT) e Tutu Quadros (PTB) – e sete estaduais – (PT), Eni Galante (PMDB), Erci Ayala (PMDB), Guiomar de Mello (PMDB), Luíza Erundina (PT), Ruth Escobar (PMDB) e Telma de Souza (PT) (...). Voltadas para os limites e problemas estaduais, as outras candidatas paulistas estão preocupadas com o primeiro ano legislativo. Luíza Erundina pretende agilizar a discussão da Constituição Estadual, defender a bandeira da autonomia municipal, a reforma tributária e um novo ordenamento jurídico na questão do solo urbano.¹⁰⁷⁹



Fotografia que compõe a matéria supracitada. (SILVEIRA, Santamaria. A nova cara da Constituinte. *Mulherio*. Ano 7, nº 27, dezembro 1986 – fevereiro 1987. p. 11. São Paulo: Coleção Mulherio, CEDEM – UNESP.)

Esse texto foi escrito após as eleições de 1986 e tinha o objetivo de mostrar o leque de pautas das parlamentares eleitas. Dentre as fotos daquela edição, nossa personagem aparece sentada ao lado da deputada petista Clara Ant. Essa imagem progressista e comprometida com as lutas populares de Luíza emergiu também em outras matérias da imprensa alternativa. Por exemplo: o jornal *Em Tempo* publicou o seguinte texto, já citado anteriormente:

No dia 17 de junho último, o prefeito substituto de São Paulo, Curiat, transformava o COBES (Coordenadoria do Bem Estar Social) em Secretaria, numa verdadeira intervenção, que visava diminuir o espaço de participação conquistado pelas assistentes sociais e pelos movimentos populares na COBES e implantar na capital o Pró-Família. Trata-se de um plano de controle de natalidade gestado nos corredores palacianos do Maluf e cuja implantação será um passo para planos semelhantes a nível nacional. Aqui, Luíza Erundina, ex-presidente da Associação Profissional das Assistentes Sociais e candidata à vereadora pelo PT da capital fala sobre o Pró-família, defendendo o planejamento familiar consciente como o direito de nós, mulheres, decidirmos sobre o nosso próprio corpo, como o direito de decidirmos nossas vidas.¹⁰⁸⁰

¹⁰⁷⁹ SILVEIRA, Santamaria. A nova cara da Constituinte. *Mulherio*. Ano 7, nº 27, dezembro 1986 – fevereiro 1987. p. 11. São Paulo: Coleção Mulherio, CEDEM – UNESP.

¹⁰⁸⁰ GODINHO, Tatau. O direito de decidirmos nossas vidas. *Em Tempo*. Ano 6, nº 155, de 29 de julho a 11 de agosto de 1982. p. 14. São Paulo: Fundo DS, Fundação Perseu Abramo.

O texto e a entrevista foram elaborados por Maria do Carmo Godinho Delgado (Tatau Godinho).¹⁰⁸¹ Falando de um jornal de esquerda, vinculado ao PT e preocupado em levantar pautas de movimentos de mulheres, negros e homossexuais,¹⁰⁸² Godinho parte da atuação de classe de Luíza para apresentá-la ao leitor (a). Como analisado no segundo capítulo, Luíza já havia sido entrevistada pela Convergência Socialista para falar da greve do funcionalismo público,¹⁰⁸³ mas o interesse agora se deslocava para sua condição de mulher. Posteriormente, o *Em Tempo* tratou de sua eleição para a prefeitura de São Paulo, mas para refletir sobre as posições da nova prefeita sobre a organização partidária e a democracia:

(...) a companheira Luíza Erundina apresenta uma visão indiscutivelmente mais à esquerda. Sua ideia central para o PT no governo é “acumular forças para a construção de uma alternativa socialista”. Erundina também se preocupa com a democracia, mas a partir de uma ótica classista (...)¹⁰⁸⁴



Fotografia que compõe a matéria supracitada. (GODINHO, Tatau. O significado da vitória de Luíza Erundina. *Em Tempo*. Ano 11, nº 227, junho 1988. p. 5. São Paulo: Fundo DS, Fundação Perseu Abramo.)

O texto em questão também foi escrito por Tatau Godinho. Se, para a imprensa corporativa, Luíza, seria radical (qualificativo associado a algo negativo), nesse outro espaço ela era chamada de *mais à esquerda* (algo positivo). Se, para a primeira, ela era desenhada com expressões sérias, a segunda a apresentou com um sorriso aberto. Em outros dois momentos, Erundina surge de maneiras semelhantes.¹⁰⁸⁵ Mesmo assim, há

¹⁰⁸¹ Idem.

¹⁰⁸² KAREPOVS, Dainis; LEAL, Murilo. Op Cit, 2007.

¹⁰⁸³ S/A. Entrevista. *Convergência Socialista*. Número Especial. De 1 a 15 de maio de 1979. p. 8. São Paulo: Coleção CS, CEDIC – PUC – SP.

¹⁰⁸⁴ GODINHO, Tatau. O significado da vitória de Luíza Erundina. *Em Tempo*. Ano 11, nº 227, junho 1988. p. 5. São Paulo: Fundo DS, Fundação Perseu Abramo.

¹⁰⁸⁵ S/A. Cinco faces de uma grande vitória. *Em Tempo*. Ano 11, nº 229, de dezembro de 1988 a janeiro de 1989. p. 2; CORRÊA, José. As lições dos primeiros dias. *Em Tempo*. Ano 12, nº 231, fevereiro de 1989. p. 7. São Paulo: Fundo DS, Fundação Perseu Abramo.

de se lembrar que os redatores do *Em Tempo* não trataram da condição de mulher de Luíza na campanha à Prefeitura. Tais diferenças de tom e ênfase auxiliam-nos a mapear as relações de certos grupos com nossas personagens, pois conseguimos observar quem e como tratavam das suas atividades políticas e qual o espaço era delegado a elas em suas matérias. Essas imagens de exaltação também foram produzidas em relação a Irma Passoni.

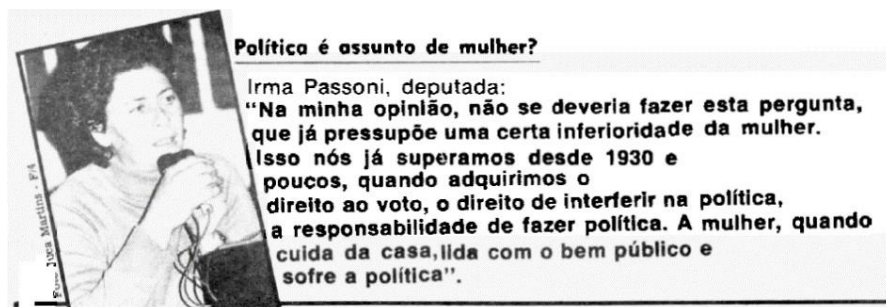


Primeira Imagem: Luíza durante a campanha (S/A. Cinco faces de uma grande vitória. *Em Tempo*. Ano 11, nº 229, de dezembro de 1988 a janeiro de 1989. p. 2). Segunda Imagem: Luíza discursa após a sua posse (CORRÊA, José. As lições dos primeiros dias. *Em Tempo*. Ano 12, nº 231, fevereiro de 1989. p. 7).

Irma foi citada em dez textos distribuídos entre sete edições do *Mulherio*.¹⁰⁸⁶ No primeiro deles, ela foi apresentada como deputada e questionada se “política é coisa de mulher”.¹⁰⁸⁷ A ideia das redatoras era apresentar a posição dessas militantes (feministas ou não) sobre a questão. Ao lado há uma fotografia que dá rosto a quem fala e a aproxima de suas (seus) leitoras (es). Apesar da receptividade em relação à participação política desses sujeitos, devemos lembrar que nem todas as candidatas tinham sua campanha apresentada.

¹⁰⁸⁶ Política é assunto de mulher? *Mulherio*, Ano 1, nº 3, setembro – outubro 1981. p. 16; Tentando participar da gestão do poder. *Mulherio*. Ano 2, nº 7, julho – agosto 1982. p. 10; Política feminina. *Mulherio*. Ano 2, nº 9, setembro – outubro 1982. p. 5; Irma Passoni, candidata a deputada federal pelo PT – SP. *Mulherio*. Ano 2, nº 9, setembro – outubro 1982. p. 9; BRANDÃO, Hermínia. Eleições: O que ganhamos, o que perdemos. *Mulherio*. Ano 3, nº 11, janeiro – fevereiro 1983. p. 5; A nova Constituição em gestação. *Mulherio*, Ano 6, nº 25, março – agosto 1986. p. 14; SILVEIRA, Santamaria. A nova cara da Constituinte. *Mulherio*. Ano 7, nº 27, dezembro 1986 – fevereiro 1987. p. 11; SILVEIRA, Santamaria. Três versões sobre a derrota. *Mulherio*. Ano 7, nº 27, dezembro 1986 – fevereiro 1987. p. 12; Deputadas cobram Mirad. *Mulherio*. Ano 7, nº 29, março – abril 1987. p. 14; Em movimento. *Mulherio*. Ano 7, nº 29, março – abril 1987. p. 20. São Paulo: Fundo DS, Fundação Perseu Abramo.

¹⁰⁸⁷ S/A. Política é assunto de mulher? *Mulherio*, Ano 1, nº 3, setembro – outubro 1981. p. 16. São Paulo: Coleção Mulherio, CEDEM – UNESP.



Fala de Irma exposta no jornal *Mulherio*. (S/A. Política é assunto de mulher? *Mulherio*, Ano 1, nº 3, setembro – outubro 1981. p. 16. São Paulo: Coleção *Mulherio*, CEDEM – UNESP.)

Irma é exposta como uma defensora da inserção de mulheres nos espaços políticos. Além do mais, ela trata de como a política institucional interfere no cotidiano doméstico de muitas delas, questionando a oposição entre o público e o privado. Em entrevista, Aparecida Pedra Kopkak, assistente social e representante das donas de casa, afirmou:

Estou com uma dificuldade muito grande para definir os meus candidatos, porque não acredito em eleições. Vou votar no PT porque, apesar de não ser ótimo, entre os que temos é o melhor. Eu voto em Santo André e lá eu não conheço nenhuma mulher candidata. Aqui em São Paulo eu acredito muito na Ireda Cardoso e na Irma Passoni. Mas acho que as mulheres estão levantando mais as bandeiras dos partidos do que as reivindicações dos movimentos de mulheres. A única que não faz isso é a Ireda. É importante eleger mulheres, mas desde que elas não se transformem em bonecos dos partidos. Eu votaria numa mulher que levantasse as bandeiras das mulheres. Eu não votaria numa mulher apenas porque ela é mulher. Eu não votaria na Sílvia Maluf,¹⁰⁸⁸ por exemplo.¹⁰⁸⁹

O depoimento acima é interessante por realizar uma articulação entre pertencimentos de classe e gênero. Se, por um lado, a assistente social reconhece uma militante feminista de esquerda (Ireda Cardoso) e uma representante de movimentos da periferia (Irma Passoni) como suas potenciais representantes no Legislativo, por outro, a empresária e ex-primeira dama Sílvia Maluf acaba sendo rejeitada para essa função. Sua fala se contrapõe a uma visão essencialista do “ser mulher”, mostrando que essa condição é perpassada por outros pertencimentos e projetos políticos. A ideia era

¹⁰⁸⁸ Sílvia Lutfalla Maluf (1935 -) nasceu em São Paulo – SP e é filha de empresários de origem libanesa. É esposa de Paulo Salim Maluf e foi primeira-dama da cidade e do Estado de São Paulo. Foi diretora do Fundo Social de São Paulo e trabalhou com programas de planejamento familiar, saúde da mulher, infância e adolescência. (FUNDO Social de São Paulo. Galeria dos presidentes. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160711193909/http://www.fundosocial.sp.gov.br/portal.php/sobre-galerias> Acesso: 27/01/2021 às 10:15 hrs.).

¹⁰⁸⁹ S/A. Política feminina. *Mulherio*. Ano 2, nº 9, setembro – outubro 1982. p. 5. São Paulo: Coleção *Mulherio*, CEDEM- UNESP.

mapear o voto feminino em São Paulo. Esta, no caso, havia construído boa parte de seu capital político nos movimentos de moradoras da periferia e na reivindicação por creches e melhores condições de vida para mães e trabalhadoras, estratégia adotada, insistimos, também por outras mulheres atuantes no campo político.¹⁰⁹⁰ Assim, tanto a militância do PT quanto as redatoras do *Mulherio* possivelmente viam com bons olhos a atuação de Irma na medida em que reconheciam e valorizavam o seu histórico político.¹⁰⁹¹ Na continuidade do texto, Passoni foi descrita da seguinte maneira:

Irma Passoni, candidata a deputada federal pelo PT-SP.

Pedagoga, Irma foi eleita deputada estadual pelo MDB, em São Paulo, em 1978, depois de ter-se destacado por sua atuação no Movimento Contra a Carestia. Durante seu mandato, continuou sempre presente nas lutas populares por reivindicações salariais, por água, luz e moradia. Atua junto aos clubes de mães da periferia da cidade.¹⁰⁹²



Fotografia de Irma Passoni apresentada em uma entrevista para o jornal *Mulherio*. (S/A. Irma Passoni, candidata a deputada federal pelo PT – SP. *Mulherio*. Ano 2, nº 9, setembro – outubro 1982. p. 9. São Paulo: Coleção Mulherio, CEDEM – UNESP.)

O Movimento Contra a Carestia aparece como um fator distintivo de sua atuação. Tanto neste caso, como em outros que já analisamos (e veremos mais adiante), o MCV/MCC se torna constituinte da imagem de Irma, despontando recorrentemente para criticá-la ou exaltá-la. Além do mais, sua formação acadêmica e profissional era utilizada para reforçar o vínculo com mulheres intelectualizadas que porventura lessem a matéria. Esses dados são complementados pela sua atuação na periferia, aliada às demandas por infraestrutura e mobilidade. Apesar do tom elogioso dos textos e da fotografia sorridente, o jornal não deixou de destacar certas desconfianças oriundas de

¹⁰⁹⁰ PINTO, Celi Regina J.; SILVEIRA, Augusta. Op Cit, 2018.

¹⁰⁹¹ WOITOWICZ, Karina Janz. Op Cit, 2008. p. 12 – 13.

¹⁰⁹² S/A. Irma Passoni, candidata a deputada federal pelo PT – SP. *Mulherio*. Ano 2, nº 9, setembro – outubro 1982. p. 9. São Paulo: Coleção Mulherio, CEDEM – UNESP.

seus pares. Em uma matéria sobre a Constituinte, a religiosidade de Irma foi questionada:

Para Irede Cardoso, nenhuma mulher com propostas feministas foi eleita por São Paulo para o Congresso Constituinte. “Tutu Quadros é herdeira da máfia janista”, afirma “Bete Mendes não passa de uma artista da Globo e a Irma Passoni só agora está se sensibilizando para a questão”. Zulaiê não concorda com essa observação, prefere a ótica positiva: “Bete Mendes, apesar de muito política, progrediu bastante no trato da problemática feminista; Tutu, independente das diferenças ideológicas bem nítidas, pode ser uma aliada; e Irma mostra-se acessível, a despeito de suas ligações com a Igreja – uma entidade de um machismo cruel, fato que revela um pacto conflitante com o PT, já que o partido se propõe a combater todas as injustiças sociais”.¹⁰⁹³

Apesar do trabalho junto a movimentos de mães e donas de casa, o passado (e presente) apostolar de Irma causava desconforto entre feministas e setores do partido. Tal diálogo não era totalmente conflituoso e vinha sendo costurado há algum tempo com a aproximação entre religiosas progressistas e as propostas do PT.¹⁰⁹⁴ Além do mais, como escreve Fabíola Rohden,¹⁰⁹⁵ as religiosas também vinham conversando com as feministas (não sem conflitos). Assim, esses grupos não eram totalmente antagônicos, mas seus membros convergiam ou divergiam de acordo com o que fosse posto em pauta.

Para os trotskistas do *Em Tempo*, Irma foi apresentada em um primeiro momento como parte dos movimentos populares, conforme exposto no capítulo anterior. Posteriormente, ela aparece em uma matéria de página inteira para tratar de seus pontos de vista sobre os movimentos da periferia. A ideia do autor do texto, Sílvio Caccia Bava, foi alertar para a importância de o partido lembrar desses setores e priorizar suas pautas, organização e problemas. A imagem que compõe o texto é de um momento em que Passoni discursava. Atrás dela, parte de uma faixa diz “Por um governo de trabalhadores”,¹⁰⁹⁶ lema do PT naqueles anos.¹⁰⁹⁷ A ideia era associar a deputada ao recém-criado Partido dos Trabalhadores, gerando uma relação imagética dela com a sua nova legenda. Como analisamos em outros momentos, essa não era a primeira vez que a DS apresentava Passoni como uma representante das trabalhadoras, pois ela já havia sido entrevistada pela equipe do seu jornal para falar das suas impressões sobre o III

¹⁰⁹³ SILVEIRA, Santamaria. Três versões sobre a derrota. *Mulherio*. Ano 7, nº 27, dezembro 1986 – fevereiro 1987. p. 12. São Paulo: Coleção Mulherio, CEDEM – UNESP.

¹⁰⁹⁴ MACHADO, Adriano Henriques. Op Cit, 2011.

¹⁰⁹⁵ ROHDEN, Fabíola. Op Cit, 1997.

¹⁰⁹⁶ BAVA. Sílvio Caccia. O PT e as lutas populares. *Em Tempo*. Ano 3, nº 109, 3 a 16 de julho de 1980. p. 6. São Paulo: Fundo DS, Fundação Perseu Abramo.

¹⁰⁹⁷ MARTINEZ, Paulo Henrique. Op Cit, 2007.

Congresso da Mulher Paulista¹⁰⁹⁸ e para debater sua plataforma política quando ainda era filiada ao MDB.¹⁰⁹⁹



Fotografia de Irma apresentada em entrevista para o jornal *Em Tempo*. (BAVA. Silvio Caccia. O PT e as lutas populares. *Em Tempo*. Ano 3, nº 109, 3 a 16 de julho de 1980. p. 6. São Paulo: Fundo DS, Fundação Perseu Abramo)

Em um texto sobre as pessoas eleitas para a Assembleia Nacional Constituinte, cinco homens tiveram seus rostos apresentados, mas nenhuma mulher o teve. Ambas as eleitas do PT (Irma e Benedita) foram descritas brevemente como militantes do partido.¹¹⁰⁰ Mesmo com a preocupação em apresentar demandas de gênero,¹¹⁰¹ o *Em Tempo* e a Democracia Socialista não estavam isentos de invisibilizar aquelas que levantavam essas bandeiras, pois a imprensa militante não deixou de reproduzir opressões como as que vimos nos jornais de *grande* circulação.¹¹⁰² Contudo, os interesses desses veículos obviamente divergiam e aquilo que, por um lado, seria utilizado para criticar, no outro poderia servir para exaltar. Com exceção do *Mulherio*, a maior parte do que foi produzido vinha das mãos de homens, os quais não estavam livres de naturalizar certas barreiras, preconceitos e estereótipos.

Seja como for, nossas personagens não podem ser vistas por meio de categorias e enquadramentos homogêneos. Com projetos e passados próprios, elas se aproximaram e se afastaram em mais de um momento, o que pode ser percebido pelas citações de

¹⁰⁹⁸ S/A. O que pensam as delegadas do Congresso. *Em Tempo*. Ano 4, nº 124, de 12 a 25 de março de 1981. p. 15. São Paulo: Fundo DS, Fundação Perseu Abramo.

¹⁰⁹⁹ S/A. E depois de 15 de novembro? *Em Tempo*. Ano 1, nº 36, de 8 a 12 de novembro de 1978. p. 4. São Paulo: Fundo DS, Fundação Perseu Abramo.

¹¹⁰⁰ S/A. Os eleitos do PT no Congresso Constituinte. *Em Tempo*. Ano 8, nº 230, dezembro de 1988. p. 9. São Paulo: Fundo DS, Fundação Perseu Abramo.

¹¹⁰¹ KAREPOVS, Dainis; LEAL, Murilo. Op Cit, 2007.

¹¹⁰² BARRERO JUNIOR, Roger Camacho. *Companheiras e Companheiros: As mulheres e a inserção de suas pautas no Partido dos Trabalhadores (1978 – 1988)*. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2015. p. 86 – 87.

alguns jornais e o silenciamento de outros. Se Lélia não dialogava tanto com grupos feministas na década de 1980, Irma realizou, não sem tensões, essa ponte por meio de seu trabalho nos bairros da periferia¹¹⁰³, e Luíza, no decorrer de sua carreira política.

Lélia, Luíza e Irma ganharam visibilidade em um momento no qual boa parte dos movimentos de base popular e de esquerda se voltavam para a construção e consolidação do PT, a abertura política e o debate de certas demandas. Convergindo para esses assuntos, suas imagens foram moldadas de acordo com os seus próprios projetos e os de seus companheiros de partido e/ou militância. Essas necessidades se modificaram com o tempo, mas as memórias sobre elas continuaram sendo trabalhadas, principalmente em períodos de campanha ou efemérides. Por enquanto, ficamos com a observação de que as referidas imagens são bastante variadas e multiplicam-se de acordo com os interesses de quem narra (por meio de palavras, fotografias, vídeos, etc.), podendo, ou não, convergir com aquilo que era dito por elas. Tais indagações serão contempladas no próximo capítulo, pois essas divergências seguiram sendo alimentadas por jornalistas e militantes nos anos de 1990 e 2000. Com esse gancho iniciamos a quarta parte desta tese.

¹¹⁰³ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 119 – 121; PINTO, Céli Regina J. Op Cit, 2002.

Capítulo 4

Quem fomos nós e para onde vamos? A (re) construção de três vidas militantes



Figura 1: REDE Globo de Televisão. Programa Fantástico (27 de outubro de 2002). Youtube. Canal Allan Nóbrega. Postagem: 1 de novembro de 2010. (11 m 09 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xWwpH4YoP_c&t=26s Acesso: 28/01/2021 às 09:14 hrs.

Figura 2: ALMEIDA, Vanderlei/AFP. Fotografia do público que assistia à posse de Luiz Inácio Lula da Silva na esplanada dos Ministérios (Brasília, 1 de janeiro de 2003). In: S/A. De Collor a Temer: relembre as cerimônias de posse dos presidentes. O Globo. 01/01/2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/de-collor-temer-relembre-as-cerimonias-de-posse-dos-presidentes-23336188> Acesso: 28/01/2021 às 09:14 hrs.

Figura 3: PARTIDO dos Trabalhadores. Convite para a Posse Presidencial, 1 de janeiro de 2003. 2002. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, Fundo Lélia Abramo.

Brasília, 1º de janeiro de 2003.

Milhares de pessoas se reúnem para acompanhar a posse do presidente da República recém-eleito, Luiz Inácio Lula da Silva. Uma parte estava dentro do Congresso Nacional, outra no Palácio do Planalto, mas a maioria assistia da Esplanada dos Ministérios em um telão instalado para a ocasião. Após o discurso no plenário, muitos migraram para a Praça dos Três Poderes para observar mais de perto o evento que se seguia. Entre militantes do PT, parlamentares, representantes de organizações, grupos e movimentos sociais havia quem tivesse vindo de avião, ônibus ou carro. A posse também era televisionada e acompanhada por milhões que, em suas casas, ainda comemoravam o Ano Novo. Feministas, estudantes, sindicalistas, militantes do movimento negro, LGBT e de grupos indígenas igualmente se faziam presentes em Brasília ou *testemunhavam* os fatos de outros lugares.

Como podemos notar na fala de Lula acima posta: “Que ninguém, nunca mais, ouse duvidar da classe trabalhadora brasileira” (Figura 1). Esta foi uma das frases ditas por ele naquele momento e acabou utilizada pela Rede Globo para sintetizar a sua imagem a partir da *classe* operária (da qual ele próprio era oriundo). Anos depois, a emissora escolheu lembrar daquele dia com a fotografia de pessoas que haviam entrado no espelho d’água do Congresso (Figura 2). Nela notamos a presença de bandeiras de movimentos sociais e do PT, lembrando aos expectadores quais grupos estavam ascendendo politicamente naquele momento. A militância, por sua vez, preferia significá-lo como a consagração de seus anseios. No convite acima exposto se lê: “O Partido dos Trabalhadores (PT) tem a honra de convidá-lo (a) para participar da festa de posse do presidente Lula, no dia 1º de janeiro de 2003, a partir do meio dia, em Brasília. O grande convidado desta festa serão povo brasileiro, você não pode faltar” (Figura 3). Esse texto retoma o lema petista do governo dos trabalhadores¹¹⁰⁴ (ampliado agora para todo o povo brasileiro), trazendo à tona novamente projetos e simbologias do início da agremiação (1980). Ele foi guardado por Lélia e preservado pela Fundação Perseu Abramo como fonte para recordar sua vida e o momento em que o PT alcançou o poder

¹¹⁰⁴ De acordo com Paulo Henrique Martinez, o PT adotou o lema *Por um governo de trabalhadores* durante boa parte da década de 1980. (MARTINEZ, Paulo Henrique. O Partido dos Trabalhadores e a conquista do Estado: 1980-2005. In: RIDENTI, Marcelo; REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do marxismo no Brasil: Partidos e movimentos após os anos 1960* (volume 6). Campinas: Editora da Unicamp, 2007.).

executivo nacional. Trataremos melhor da memória acerca dessa militante no decorrer deste capítulo. Por enquanto, vamos retornar àquele 1º de janeiro de 2003.

Grande parte dos presentes havia trabalhado na campanha eleitoral do ano anterior e se sentia representada por seu novo governante, vitória esta possibilitada (dentre outros fatores) pelos desgastes políticos e econômicos da pauta neoliberal em vigor. Fernando Henrique Cardoso deixava o Planalto com números altos de desemprego e em um momento de ascensão do PT nas prefeituras, casas legislativas e no governo de alguns estados.¹¹⁰⁵ Visando formar a sua base parlamentar, o novo governo passou a estabelecer alianças e a nomear seus ministros entre PT, PC do B, PV, PSB, PDT, PTB e PL.¹¹⁰⁶ O partido não era aquele de 1980 ou de 1989, pois passou por uma série de mudanças organizativas e programáticas no decorrer dos anos. Se inicialmente ele era contra a política de coligação com certos sujeitos, em 2002 adotou uma outra estratégia.¹¹⁰⁷ Contudo, suas bases seguiam reforçando muito do que fora dito no Colégio Sion em 1980, como a preservação e a ampliação de direitos trabalhistas e o combate à pobreza, pauta encarnada pelo projeto Fome Zero. Se, por um lado, reforçava-se o compromisso com setores populares, por outro, certas alianças antes condenadas buscavam amenizar receios e críticas que eram feitas pela mídia e por setores da elite.¹¹⁰⁸

Os fatos são relativamente próximos à escrita desta tese e por isso seu autor possui algumas memórias em relação à campanha de 2002 e à posse do presidente Lula. Para tanto, esclareço que este texto não deixa de sofrer a influência daquilo que *testemunhei* pela televisão ainda criança (quase adolescente). Para tanto, vale levantar

¹¹⁰⁵ Sobre o governo de Fernando Henrique Cardoso, cito: MOTTA, Marly. A estabilização e a estabilidade: do Plano Real aos governos FHC (1993 – 2002). In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano* (volume 5): O tempo da Nova República. Da transição democrática à crise política de 2016. Quinta República (1985 – 2016). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Sobre o governo Lula: MOTTA, Rodrigo Pato Sá. O lulismo e os governos do PT: ascensão e queda. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *Op Cit*, 2018. Sobre o desemprego nos anos 1990 e início dos 2000: RAMALHO, José Ricardo. Reestruturação produtiva, neoliberalismo e o mundo do trabalho no Brasil: anos 1990 e 2000. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *Op Cit*, 2018.

¹¹⁰⁶ Eram 24 ministros em 2003. Deles, 20 eram homens e 4 eram mulheres (Benedita da Silva, da Assistência Social, Marina Silva, do Meio Ambiente, Dilma Rousseff, de Minas e Energia, e Emília Fernandes, da Secretaria de Direitos da Mulher). Vale salientar ainda que o PSDB ficou com o comando do Banco Central, sob o nome de Henrique Meirelles. (S/A. Lula empossa sua equipe ministerial. Folha Online. 1 de janeiro de 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/foha/brasil/ult96u44261.shtml> Acesso: 27/08/2021 às 20:56 hrs.).

¹¹⁰⁷ SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

¹¹⁰⁸ Sobre o Lulismo, cito: SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

algumas discussões referentes à História do Tempo Presente. Primeiramente, devemos lembrar que ela não diz respeito ao agora, ao instante, mas à duração, ou seja, a um período que possui relação estreita com a vida e as referências de quem escreve.¹¹⁰⁹ Segundo, que, como dito acima, estudar o presente é arriscado e ao mesmo tempo vantajoso, pois a (o) historiadora (or) possui repertórios comuns com os sujeitos analisados, o que pode interferir significativamente na sua análise.¹¹¹⁰ Por fim, que os recortes estabelecidos não são naturais ou pautados única e exclusivamente pelos fatos, mas costurados pelos anseios de quem pesquisa.¹¹¹¹ Pensando em uma pessoa nascida em 1990, poderíamos estabelecer a Constituinte como marco inicial do Tempo Presente devido ao fato desta carta magna ainda estar vigente? A eleição de 1989, por ser a primeira direta e que, em certa medida, vem sendo o modelo corrente? O pleito de 2002, por ter a expansão universitária como uma de suas consequências, a qual possibilitou esta tese? Ou as manifestações de 2013 e o seu produto, o golpe de 2016?

Como os recortes não são dados espontâneos, estabeleço a posse de 2003 como o início do meu presente, pois possuo uma memória afetiva maior com os anos que se seguiram e uma consciência dos fatos mais apurada. Não deixo de ter lembranças de eventos anteriores, mas recordo deles a partir da minha infância e/ou de familiares, o que os torna nebulosos. Aquilo que se seguiu a 2013 ocorreu quando eu já acompanhava/participava diretamente de certos eventos, além de não me trazer bons sentimentos. Assim, reconheço a terceira opção como ideal para definir o ponto de partida do (meu) Tempo Presente. Porém, essa não é uma regra geral, pois há quem possua uma relação mais próxima com outras imagens/eventos ou mesmo quem não se reconheça naquilo que narrei acima, seja por ser mais novo ou por ter outra escrita de si e anseios em relação ao passado. De qualquer forma o tema é espinhoso e por si só renderia uma outra tese. Mesmo assim, não posso negar o caráter subjetivo do ofício do historiador, como se o meu olhar não estivesse presente neste e nos demais capítulos e que o trabalho aqui exposto fosse uma mera reprodução dos fatos e vidas abordadas. Este não é o caminho desta pesquisa e do texto que vocês estão lendo.

¹¹⁰⁹ RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. p. 207.

¹¹¹⁰ CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Op Cit, 2015. p. 216.

¹¹¹¹ PASSERINI, Luisa. A “lacuna” do presente. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Op Cit, 2015. p. 211 – 212.

Seja como for, pude conhecer melhor as três militantes desta tese no Tempo Presente, além de acompanhar alguns dos eventos dos quais elas participaram. Lélia, Luíza e Irma estavam na posse do presidente Lula, cada qual em um determinado local. A primeira era convidada pessoal do presidente, a segunda uma parlamentar reeleita e a terceira foi como representante da militância do PT. Abramo *experenciou* o primeiro ano do governo petista, mas faleceu em 2004. Mesmo assim, foi lembrada nos anos seguintes, como em uma peça teatral que a homenageia.¹¹¹² Luíza já havia saído do partido e estava no PSB, permanecendo, contudo, na base aliada. Irma, por fim, havia se afastado da vida parlamentar e havia fundado um ano antes o Instituto de Tecnologia Social.

As duas últimas militantes conseguiram acompanhar os dois mandatos do ex-metalúrgico, os de Dilma Rousseff e o golpe de 2016. Como veremos neste capítulo, a escolha do termo (golpe) não se deu somente pelas relações pessoais e políticas do autor com o fato, mas se ampara em debates que tratam da sua arbitrariedade e da quebra da ordem constitucional,¹¹¹³ fato este que não ocorreu apenas no Brasil (2016), mas também em Honduras (2009), Paraguai (2012) e Bolívia (2019), para ficarmos somente na América Latina. Cada qual com seus projetos, Luíza e Irma também partiram do momento acima para remodelar seus repertórios e escritas de si. A produção da tese está ocorrendo *pari passu* a esse movimento e, por isso, o recorte de 2018 se faz necessário, pois as fontes não deixam de se multiplicar. A escolha desse ano para Luíza e Irma se dá por este ter sido um momento no qual seus passados foram recorrentemente evocados, seja pela campanha e reeleição (no caso de Erundina) ou pelas efemérides dos 30 anos da Constituição Federal e 40 do Movimento da Praça da Sé (no caso de Passoni).

Embora nossas personagens não mencionem a posse nas autobiografias coletadas, a imprensa e a Fundação Perseu Abramo registraram suas percepções. Além disso, elas não deixaram de expô-las em jornais, mesas-redondas ou entrevistas. Se a posse trouxe uma série de expectativas para muitos, alguns discordavam da formação do novo governo, outros já haviam se desfilado do PT (mas apoiaram Lula) e uma última

¹¹¹² BARROS, Andréia; JANUZELLI, Antônio. No Palco com Lélia Abramo. São José dos Campos: Companhia Teatro da Cidade, 2015. A peça segue sendo encenada.

¹¹¹³ PRONER, Carol. Golpe Branco no Brasil: Dilma alerta na ONU. In: PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; TENENBAUM, Marcio; RAMOS FILHO, Wilson. *A resistência ao golpe de 2016*. Bauru: Canal 6 Editora, 2016. p. 58 – 59.

parcela se sentia deslocada em meio àquelas cerimônias. Como Lélia, Luíza e Irma lembram da posse ou dos fatos que se seguiram após esse evento? Vejamos suas falas:

Lélia:

Ele [Lula] era presidente do Sindicato de Metalúrgicos e eu era presidente do Sindicato dos Artistas. Naquela época, ele tinha barba comprida e dizia “nós vai”. Fizemos apresentações com o objetivo de angariar recursos para os grevistas liderados por Lula (...). Já apareci como a sexta assinatura [na ata de fundação do PT] e hoje devo estar lá para trás.¹¹¹⁴

Luíza:

Os governos do PT não contribuíram pra fazer avançar o poder popular. Eu sou socialista, do socialismo democrático, libertário. E lamentavelmente os nossos governos – (...), ajudei a eleger o Lula nas duas vezes, ajudei a eleger a Dilma, por um certo tempo dei sustentação a esses governos na Câmara, não em relação a tudo porque não fui pra lá pra fazer concessões daquilo que eu acredito – foram (...) como outro qualquer (...). Um governo de coalizão fazendo negócios, fazendo acordos, fazendo concessões. É (...) bem-sucedido nessa forma, mas mudou a cultura política? Mudou as relações de poder entre o povo e o Estado? Não mudou. E eu acho que para a gente dizer: „olha, nós fomos uma força política pra transformar o poder no país, o papel do Estado, construir cidadania política“, lamentavelmente essas experiências não contribuíram nesse sentido. Muito pelo contrário.¹¹¹⁵

Irma:

(...) eu acho que o poder é assim. Ele captura quem está lá, cria uma redoma e não deixa ninguém penetrar. O poder é privatizado, não é? O Lula me cobra: “Por que você não vai lá conversar comigo?”. Falei: “E quem é que chega lá?” Mesmo tendo sido deputada, eu nunca cheguei perto do Palácio do Planalto, a não ser no dia da posse. No governo Erundina foi a mesma coisa. Pessoas que nunca tinham usado a estrela põem uma baita estrela no peito – de prata, não é? – e tomam o poder. E eles dizem quem entra e quem não entra. Com Erundina foi a mesma coisa.¹¹¹⁶

Essas falas foram enunciadas em diferentes momentos, mas auxiliam-nos a refletir sobre como a subida do PT ao poder foi sentida por essas três mulheres. Lélia foi entrevistada no dia da posse (2003), Irma deu seu relato em 2006 (ainda no primeiro

¹¹¹⁴ ABRAMO, Lélia. Fala recortada. Apud. HASHIZUME, Maurício. A posse de Lula em quatro histórias: Fidel, Heloísa, Chávez e Lélia. *Agência Carta Maior*. Notícia Online Impressa. 6 de janeiro de 2003. São Paulo: Fundo Lélia Abramo, IEB-USP.

¹¹¹⁵ SOUSA, Luíza Erundina de. Fala recortada. Apud. MACHADO, Wagner. *'PT achou que eu não daria conta', diz Erundina nos 25 anos da grande vitória*. Portal Terra. São Paulo: 14 de novembro de 2013. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/pt-achou-que-eu-nao-daria-conta-diz-erundina-nos-25-anos-da-grande-vitoria,0517722515452410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html> Acesso: 27/08/2021 às 20:56 hrs.

¹¹¹⁶ PASSONI, Irma. Entrevista realizada em São Paulo em 28 de agosto de 2006. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre (orgs.). *Muitos caminhos, uma estrela: memórias de militantes do PT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 322.

mandato de Lula) e Luíza, por sua vez, fala em 2013 (após ter declinado de compor a chapa petista para a eleição municipal de 2012 em São Paulo). Todas as nossas três personagens registraram de alguma forma as suas impressões sobre o (s) governo (s) petista (s). Lélia Abramo escreveu sua autobiografia em 1997, mas concedeu o relato acima no dia da posse de Lula. As outras duas militantes, porém, tiveram a possibilidade de ver uma mulher ascender ao cargo de Presidenta da República em 2010, bem como o golpe que a derrubou em 2016. De uma forma ou de outra, todas as pessoas analisadas nesta tese mostraram suas expectativas e ressentimentos com o projeto petista, o que não *nasceu pronto* em 1980, mas foi moldado e remodelado com o passar do tempo e será melhor explicado no capítulo que se segue.

Fechando as cortinas para ser sempre reverenciada: uma autobiografia, uma carreira e uma memória

Arte, política ou ambas? O livro-monumento de 1997

A nós que vivemos no arco do tempo entre 1911 e 1997, foi permitido a assistir transformações políticas, sociais, científicas e tecnológicas de amplitude pouco comum na história. Tivemos a oportunidade de conhecer inventos audaciosos, principalmente na tecnologia, desde o humilde rádio a galena ao aumento crescente da velocidade dos carros, até chegarmos à telefonia sem fios, o advento da televisão, a viagem à Lua, o mágico computador e uma infinidade de avanços e saltos gigantescos aplicados à manutenção da vida e da saúde humanas, como a penicilina, as vacinas contra antigas doenças e tantas e tantas outras coisas.

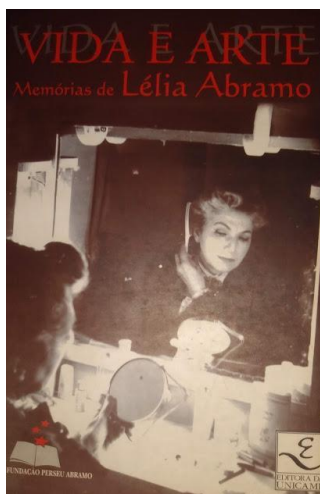
Não há dúvida de que foi um privilégio ter vivido neste século. (...)

Ouso dizer uma coisa que pode soar como uma heresia para muitos, mas creio não estar errada: o impressionante avanço tecnológico e científico do século teria tido resultados mais vantajosos para todos numa sociedade menos injusta, com equilíbrio na distribuição de renda e com maior respeito aos direitos humanos.¹¹¹⁷

A autobiografia de Lélia é um marco na construção e solidificação de sua memória. Publicada em 1997, ela foi citada pela imprensa, pela mídia e pelo PT, além de embasar convites para eventos políticos e acadêmicos (o que veremos no decorrer desta seção). Ademais, este *monumento textual* serviu para reforçar a militância e a

¹¹¹⁷ ABRAMO, Lélia. *Vida e Arte: Memórias de Lélia Abramo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 253 – 254.

carreira de Abramo, influenciando na maneira como era vista e trazendo-lhe uma outra possibilidade de expor sua vida. O próprio título, *Vida e Arte: Memórias de Lélia Abramo*, define o campo profissional como elo encadeador da sua trajetória. Como produto e produtor de vivências, esse livro não pode ser deixado de lado quando estudamos Lélia Abramo. Ao escrevê-lo, a militante, com 86 anos de idade, *olha para o espelho* buscando entender aquilo que *deixou para trás* e quais os caminhos a seguir. A metáfora escolhida para a construção desta afirmação não é apenas retórica, mas se inspira na imagem que estampa a capa da publicação, a qual não somente faz uma alusão ao trabalho reflexivo da autora, mas reforça a ideia de que o texto tratará de uma atriz.



Capa do livro *Vida e Arte: Memórias de Lélia Abramo* (ABRAMO, Lélia. *Vida e Arte: Memórias de Lélia Abramo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.)

Voltando ao trecho acima, Abramo partilha de um olhar dinâmico sobre o século XX e o entende como um momento de intensas mudanças. Tal ponto de vista é construído a partir daquilo que ela viveu diretamente ou *por tabela*,¹¹¹⁸ na medida em que aponta para momentos distintos a fim de reforçar pertencimentos geracionais. Alda Motta explica que a geração produz identidades pelo compartilhamento de lembranças referentes a certos fatos e processos históricos. Assim, um grupo pode se perceber como produtor de bens culturais ou de mudanças políticas, extrapolando o fator etário e indo ao encontro do social.¹¹¹⁹ Lélia partilha de uma sensação semelhante, pois se enxerga naqueles que foram *cidadãos do século XX* ao *vivenciar as mudanças daquele tempo*,

¹¹¹⁸ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

¹¹¹⁹ MOTTA, Alda Britto da. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*, n. 13, p. 191-221, 1999. p. 205 – 206.

sentindo (direta ou indiretamente) as angústias das guerras e criando esperanças a partir de diferentes processos históricos (como a Revolução Russa, a derrota do fascismo e a expansão do comunismo). Transcendendo a idade biológica, ela se vê como partícipe de um momento que considera importante para si e para os outros, reelaborando assim os seus próprios pertencimentos.

Em um momento de reflexão pela *virada do século*, outros sujeitos partilhavam de uma visão semelhante. Um deles era o diretor Marcelo Masagão, o qual produziu o documentário *Nós que aqui estamos por vós esperamos*.¹¹²⁰ Apesar de ser bem mais jovem que Lélia, o cineasta também faz uma retrospectiva parte nostálgica/parte catastrófica do período que findava. A película teve o intuito de apresentar uma série de imagens, músicas e textos para refletir sobre as rupturas e continuidades daquele *ciclo*. Sua primeira parte se volta para as mudanças tecnológicas de um século *dinamizado*. Contudo, ele também mostra como tais *novidades* impactaram no cotidiano e no trabalho nas fábricas e nas periferias, pois, apesar da euforia de alguns, as questões de classe seguiam oprimindo outros ao segregar quem usufruiria de certos bens e quem deveria se adaptar para sobreviver.¹¹²¹

Apesar do tom nostálgico, ela e Masagão tratam dos problemas decorrentes das guerras e regimes autoritários. Ambos se voltam para a luta de classes e reforçam o anseio pela construção de uma sociedade igualitária. Entretanto, Lélia recorda também do *perigo vermelho* e questiona as acusações feitas contra as esquerdas, das quais participava com seus irmãos. Em sua autobiografia, ela entende que esses medos vinham de longa data:

Desde criança ouço dizer que o socialismo e o marxismo seriam causa da destruição da família, da desagregação da sociedade, da depravação do amor, da dissolução do Estado nacional, da traição da pátria, da prostituição de menores, da decadência da cultura, da moral, da ética, da implantação do trabalho escravo, do relaxamento dos costumes, enfim, todas as sequelas que o diabo inventou para a decadência da humanidade.

Passaram-se os anos e o que constatamos hoje, na nossa humilde sociedade, é tudo o que foi elencado acima. É estranho como nós, seres humanos, estamos propensos a acreditar em mitos e conceitos que, não raro, serão mais tarde questionados e, em geral, renegados. Mas isso é história e nada podemos fazer senão ansiar pelo melhor.¹¹²²

¹¹²⁰ MASAGÃO, Marcelo. *Nós que aqui estamos, por vós esperamos*. Longa-metragem. Duração: 1:13 hrs. Rio de Janeiro: Riofilmes. 1999. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FxWfSkcVc_Y Acesso: 28/01/2021 às 09:46 hrs.

¹¹²¹ Idem.

¹¹²² ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 254.

Devemos lembrar que o anticomunismo vinha de diferentes frentes. Proveniente, entre outros, de setores religiosos, econômicos e nacionalistas, a ideia do *perigo vermelho* serviu para a construção de impressões sobre as esquerdas. Muitos desses receios atingiam inclusive o PT, o qual era acusado de promover a invasão de terras ou o fim da propriedade privada.¹¹²³ Lélia se identificava com aqueles que sofriam com tais afirmações e por isso as refutava, mostrando que o sistema capitalista era o que trazia problemas. Em sua escrita, a atriz busca reforçar seu pacto com a (o) leitora (or) ao se apresentar como alguém que viveu boa parte do século XX. Tal autoridade conferida pelo fato de *testemunhar* o passado não deixou de ser utilizada pelo seu partido. Naquele mesmo ano (1997), a Fundação Perseu Abramo publicou o livro *Rememória: entrevistas sobre o Brasil do século XX*,¹¹²⁴ o qual reúne entrevistas de militantes, políticos e religiosos publicadas na revista *Teoria e Debate*. Apesar dos relatos serem anteriores, a ideia era a de reunir vozes para refletir sobre a história das esquerdas e desconstruir preconceitos. No caso de Lélia, a fala se voltou principalmente para a sua militância em grupos trotskistas na década de 1930 e para a sua atuação no SATED-SP anos depois.¹¹²⁵

Essa obra foi produzida para monumentalizar a trajetória de militantes do PT e os grupos que contribuíram para a sua construção. A autobiografia de Lélia faz, de certa maneira, parte desse projeto ao reforçar, por meio de sua trajetória pessoal, a memória produzida pelas esquerdas, pelas oposições ao regime autoritário de 1964 e pelo PT para representar o seu próprio passado, o que analisaremos a fundo mais adiante. Para complementar suas memórias, o professor Antônio Cândido¹¹²⁶ foi convidado a prefaciar o livro e escreveu:

¹¹²³ Sobre a imagem do PT, cito: AZEVEDO, Fernando Antônio. A imprensa brasileira e o PT: um balanço das coberturas das eleições presidenciais (1989-2006). *Revista Eco-Pós*, v. 12, n. 3, 2009; LEAL, Paulo Roberto Figueira. A grande imprensa paulista e a imagem do PT pré-Mensalão: as coberturas das denúncias do caso CPEM em 1997 no Estadão e na Folha. *XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Brasília, UnB, 6 a 9 de setembro de 2006; SANTOS, Ivaldo Oliveira; SILVA, Regilberto José. O discurso da revista *Veja* e a construção da imagem do PT. *Recorte*, v. 9, n. 1, p. 6, 2012.

¹¹²⁴ AZEVEDO, Ricardo e MAUÉS, Flamarion (orgs.). *Rememória: entrevistas sobre o Brasil do século XX*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.

¹¹²⁵ ABRAMO, Lélia. Entrevista realizada por Alípio Freire e Eugênio Bucci. *Teoria e Debate*, nº 5, 1º trimestre de 1989. In: AZEVEDO, Ricardo e MAUÉS, Flamarion (orgs.). *Op Cit*, 1997. p. 63 – 82.

¹¹²⁶ Antônio Cândido de Mello e Souza (1918 – 2017) nasceu no Rio de Janeiro – RJ e era filho de um casal de elite. Graduiu-se em Ciências Sociais pela USP em 1942 e militou pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) nas décadas de 1950 e 1960. Foi professor assistente na USP e efetivo na UNESP da cidade de Assis – SP. Retornou à primeira instituição como titular na área de Teoria Literária, vindo a se aposentar em 1992. Casou-se com a professora e filósofa Gilda de Melo e Sousa (1919 – 2005) em 1943. Participou da reunião de fundação do Partido dos Trabalhadores em 1980. Faleceu em São Paulo. (S/A).

(...) é preciso destacar o fato da autora pertencer a uma família posta entre duas nações. No seu caso, a origem italiana não se tornou, como para a maioria absoluta dos descendentes de imigrantes, um passado esmaecido. Dado o alto nível cultural dos seus, a tradição da mãe-pátria se preservou por meio da língua (mantida no cotidiano), das leituras, da memória sistematicamente cultivada. (...)

Além da família, outro ponto de apoio foi a convicção socialista, nascida quando estava entrando na quadra dos 20 anos e mantida até hoje com extraordinária fidelidade, que a tem levado a atuar com firmeza e bravura, não apenas no âmbito das atividades profissionais, mas no quadro mais largo da vida partidária. (...)

O terceiro ponto de apoio que convém destacar é o profissional, a carreira surpreendente de uma grande artista que marcou o seu tempo e, no entanto, começou a pisar nos palcos depois dos 40 anos e só depois dos 47, como conta, entrou no estágio profissional. Mas com uma força e um brilho que fizeram dela figura eminente na dramaturgia brasileira do nosso tempo.¹¹²⁷

Antônio Cândido era companheiro de militância de Lélia no PT e há muito tempo possuía laços de amizade com ela e seus irmãos. Ao comentar o livro, ele a descreve por sua origem familiar, trajetória política e carreira profissional. Além do mais, destaca os sacrifícios realizados pela personagem, bem como sua coragem, pois “nunca vergou a espinha, nunca sacrificou a consciência à conveniência (...) preferiu perder empregos, arriscar a segurança, sofrer discriminações para poder dizer a verdade e agir de acordo com seus pontos de vista.”¹¹²⁸ Na posição de crítico literário e acadêmico, o texto legitima a autobiografia, além de reforçar o seu pacto referencial por se tratar do testemunho de alguém que *viu* muito daquilo que foi dito.¹¹²⁹ Lélia não deixa de contribuir com essa memória em seu texto, como vimos nos capítulos anteriores. Ao tratar da guerra, da ditadura civil-militar (1964 – 1985) e dos boicotes impostos pela mídia, a atriz compreende que se construiu por meio de sacrifícios, perspectiva compartilhada pelos editores do jornal sindical *Unidade*:

[Lélia]. Superou três infartos. Às vezes, era chamada para trabalhar em minisséries e casos especiais. Esses e outros episódios de sua vida ela os narra com competência e emoção no livro “Vida e Arte – memórias de Lélia Abramo”, lançado pela Editora da Unicamp e da Fundação Perseu Abramo (de quem era tia), no mês passado. No livro, relata sua passagem pelo jornalismo; sua vida na Itália durante a Segunda Grande Guerra Mundial; como apresentou seu irmão Cláudio a Vladimir Herzog, o Vlado; como levou o amigo Luís Inácio Lula da Silva a discursar num comício decisivo para a

Antônio Cândido. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa378/antonio-candido> Acesso: 28/01/2021 às 09:46 hrs.)

¹¹²⁷ ABRAMO, Lélia. Op Cit, 1997. p. 12 – 13.

¹¹²⁸ Idem. p. 13.

¹¹²⁹ LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

formação do PT; e sua convivência com seus pais e irmãos: os jornalistas Fúlvio e Cláudio e o artista plástico Lívio.¹¹³⁰

A ideia dos redatores do jornal era divulgar o livro recém-lançado e a entrevista que se seguia. Lélia é apresentada como uma pessoa que teve sua carreira artística desvalorizada em função de seus posicionamentos políticos e sua autobiografia surge como uma fonte para estudar o Tempo Presente.¹¹³¹ A matéria em questão se volta para a militância de classe da atriz e *faz coro* às afirmações de Antônio Cândido. Como já analisamos no capítulo anterior, a imprensa e a televisão já haviam apresentado a militante e exposto parte de sua trajetória. Se, por um lado, não podemos negar que Lélia contribuía com essa representação em falas e fotografias,¹¹³² a publicação de seu livro segue o caminho inverso daquele traçado pela mídia. Apesar de ter sido construída com a participação de um grupo de pessoas (entre familiares, amigos, revisores e editores),¹¹³³ sua escrita partia da autora para a imprensa, a qual não deixou de divulgá-la. Segundo os redatores do *Diário Popular*, por exemplo, a repressão sofrida no período do regime autoritário brasileiro desgastou a sua saúde física:

Depois de sofrer três enfartes, Lélia, hoje com 88 anos, não pôde mais subir no palco: “Minha respiração estava fraca e minhas esperanças eram o cinema e a TV”, justifica. Lélia, no entanto, não se arrepende de sua rebeldia contra o sistema. “Fiquei doente, magoada com a classe artística, mas descobri à época que era muito difícil lutar contra os poderosos”. Hoje pouca coisa mudou. Depois de lançar o livro *Vida e Arte – Memórias de Lélia Abramo*, em 97, aumentaram os pedidos para entrevistas e palestras.¹¹³⁴

A memória do silenciamento e dos enfartes foi solidificada. Identificando Lélia por meio desses eventos, essas vozes reforçam características como a força e a coragem, por meio das barreiras que ela sofreu no decorrer de sua vida. A idade biológica se soma para enfatizar a resistência física e mental a tais adversidades. Assim, o livro *preserva* a

¹¹³⁰ MIRANDA, Jorge de Sá. Lélia Abramo, uma crítica contundente. Unidade, 1997. Recorte de Jornal. p. 10. São Paulo: Fundo Lélia Abramo, IEB – USP.

¹¹³¹ De acordo com Phillippe Lejeune, no mundo contemporâneo, a divulgação de livros e autobiografias passa por um processo de midiaticização. Se antes partia-se do escrito para fomentar o interesse em conhecer seu autor, posteriormente a televisão e os jornais seguiram o caminho inverso e começaram a apresentar a face de quem escreve e, a partir dela, fomentar o interesse pela leitura de seu livro (LEJEUNE, Phillippe. Op Cit, 2008.). No caso da autobiografia de Lélia, tanto a imprensa petista quanto outros meios de comunicação usaram dessa ferramenta para divulgar a publicação e partiram da trajetória e das falas da autora para atrair possíveis leitores.

¹¹³² GRANET-ABISSET, Anne Marie. O historiador e a fotografia. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 24, 2002.

¹¹³³ LEJEUNE, Phillippe. Op Cit, 2008.

¹¹³⁴ BARBIERI JÚNIOR, Miguel. Atriz Lélia Abramo fala da vida e carreira. *Diário Popular*. 27 de julho de 1999. Recorte de Jornal. São Paulo: Fundo Lélia Abramo, IEB – USP.

sua memória, pois renova o interesse pela sua presença em eventos e palestras, apesar dos boicotes. A *Revista de Domingo*, de Marília – SP, preferiu tratar da origem familiar para compreender a militância de Abramo:

Filha de um engenheiro mineralogista e de mãe anarquista que incentivava a arte e literatura, a atriz Lélia Abramo, 88, sempre conviveu com personalidades e intelectuais. Desta experiência preserva a ética e ideologia. Inexatidões sobre sua família a fez escrever o livro “Vida e Arte – Memórias de Lélia Abramo”, Editora Fundação Perseu Abramo. Para ela “a posição social não significa nada. É o ser humano que vale.”¹¹³⁵

O título da matéria, *Atriz desvenda a arte da vida*, fazia referência ao livro. A ideia era de utilizar-se da entrevista que se seguia para convidar o público a lê-lo. A resistência física e psicológica não foi, desta vez, o foco, apesar da questão aparecer pontualmente. A intenção dos redatores era de conversar sobre a conjuntura política brasileira e *propor soluções*. Eles ainda deslocaram a militância de Lélia do PT para os projetos de regulamentação da profissão de ator defendidos por ela na presidência do SAT-SP. A sua atuação em grupos trotskistas foi igualmente silenciada.

A ideia de uma carreira artística natural ainda foi o foco de uma entrevista realizada pela apresentadora Hebe Camargo¹¹³⁶ naquele mesmo ano. Na ocasião, Lélia foi apresentada da seguinte maneira: “(...) eu não sei se vocês todos tem a consciência do que essa mulher se prejudicou em favor dos atores e atrizes da televisão, porque ela defendeu a classe, ela queria uma lei para defender. Por isso foi podada da televisão brasileira. Senhora Lélia Abramo.”¹¹³⁷ Assim como a *Revista de Domingo*, a ideia era de discutir a conjuntura presente. Após perguntar a ela: “Para onde vai o Brasil?”, a apresentadora disse: “Vocês sabiam que quando a Lélia foi presidente do Sindicato dos Artistas, defendendo a classe (...) ela foi realmente podada, cortaram a carreira de Lélia Abramo, que é uma atriz em potencial.”¹¹³⁸ Na sequência, a atriz Beth Goulart reforçou:

¹¹³⁵ S/A. Atriz desvenda a arte da vida. *Revista de Domingo*. Diário (Marília – SP). 29 de agosto de 1999. Recorte de Jornal. p. 9. São Paulo: Fundo Lélia Abramo, IEB – USP.

¹¹³⁶ Hebe Camargo (1929 – 2012) nasceu em Taubaté – SP e mudou-se para São Paulo em 1943. Fez parte do primeiro elenco da TV Tupi em 1950, atuando também como cantora e radialista. Trabalhou na Band (1979 – 1985) e no SBT (1986 – 2010). Faleceu em São Paulo. Após a morte, teve seu nome dado a uma avenida no bairro do Morumbi (Zona Oeste de São Paulo) e a um programa estadual para o tratamento do câncer. (S/A. Busca Hebe Camargo. Folha de São Paulo. Disponível em: <http://busca.folha.uol.com.br/search?q=Hebe%20Camargo&site=online&sr=176&sort=asc> Acesso: 28/01/2021 às 09:46 hrs.).

¹¹³⁷ Programa Hebe Camargo. 1999. Youtube: Hebe: Lélia Abramo, homenagem à atriz aos 88 anos. VHS TV 1991. 17 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G0Se1HAG6Zg> Acesso: 28/01/2021 às 09:46 hrs.

¹¹³⁸ Idem.

Ela é uma referência para todos nós do teatro brasileiro, da arte, da cultura (...). Ela é uma mulher de uma importância única. Ela escreveu um livro agora. Tivemos aliás o privilégio de poder compartilhar alguns momentos com Lélia (...) e ela estava nos contando sobre o livro que ela está escrevendo, que é maravilhoso, contando um pouco do que ela viu, do que ela sabe, de teatro, de vida, do ser humano... Então ela é uma mulher... Um patrimônio vivo.¹¹³⁹

Ao final da entrevista, Hebe deu um presente a Lélia com o seguinte cartão:

Lélia.

Algumas mulheres são belas, outras talentosas e outras privilegiadas, unem as duas coisas. E eu sinto orgulho em dizer que vivo no tempo de uma mulher plena, ética. Respeito e honestidade deveriam ser seu sinônimo, de Lélia Abramo. Com meu amor.

Hebe Camargo¹¹⁴⁰

O cartão em questão foi preservado por sua família e está na custódia do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, mas nosso foco aqui não é o seu valor material e sim como ele é uma referência para as memórias de Lélia Abramo. Assim, vale salientar como o seu trabalho sindical e artístico foi repetido por diferentes sujeitos a fim de lembrar e compreender a sua trajetória. A noção de que uma pessoa idosa não seria ativa é, igualmente, contestada pela postura apresentada, mas a ideia da avó- conselheira não deixa de conferir autoridade para que ela pudesse propor soluções.¹¹⁴¹ De acordo com Alda Motta, as mulheres idosas não deixam de ser associadas ao trabalho do cuidar, tornando-se, assim, conselheiras.¹¹⁴² No caso de Lélia há ainda uma aura de sabedoria, pois ela é vista como aquela que tem muito a ensinar pela *experiência* que a idade lhe trouxe. Esses atributos surgem também em uma revista escrita por profissionais das artes cênicas:

Dona de uma biografia admirável, que junta militância de esquerda no período das ditaduras de Getúlio Vargas e o do regime militar, além de uma fulminante carreira no teatro, no cinema e na televisão, Lélia Abramo comemorou 90 anos em fevereiro. Guardando uma lucidez absoluta, a atriz, que começou no teatro profissional aos 47 anos, encenando a montagem revolucionária de *Eles não usam Black Tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, esteve no Sesc Consolação, no seminário O idoso e o trabalho voluntário. A seguir, trechos de um depoimento exclusivo (...) de uma mulher que não será esquecida jamais.¹¹⁴³

¹¹³⁹ Ibidem.

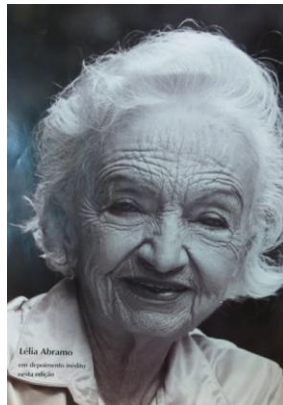
¹¹⁴⁰ Ibidem. O cartão pode ser consultado no Arquivo Pessoal de Lélia Abramo sob custódia do IEB-USP.

¹¹⁴¹ BEZERRA, Ada Kesea Guedes. A construção e reconstrução da imagem do idoso pela mídia televisiva. *Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação*. Campina Grande, jan, 2006.

¹¹⁴² MOTTA, Alda Britto da. Op Cit, 1999.

¹¹⁴³ S/A. Resistência Cultural. *Revista E*. 2001. p. 34. São Paulo: Fundo Lélia Abramo, IEB – USP.

Celebrando a chegada de Lélia aos 90 anos de idade, a revista divulga a sua participação em um evento sobre pessoas idosas. Apesar da homenagem, sua *lucidez* é vista com surpresa, o que *sem querer* reforça a ideia de que esses sujeitos seriam normalmente desprovidos de sanidade física e mental. Como analisado no capítulo anterior, essa perspectiva não era original, mas vinha de premissas que reservavam aos (às) idosos (as) papéis domésticos, contrapondo-os à atividade física e aos espaços públicos.¹¹⁴⁴ O fato de Lélia poder recordar de fatos distantes rompia com a imagem de dependência que se esperava dela e do público-alvo de sua palestra. Além do artigo, a contracapa da revista expunha uma foto da atriz, evidenciando sua idade e transmitindo serenidade.



Contracapa (Revista E. 2001. São Paulo: Fundo Lélia Abramo, IEB – USP.)

Como vimos anteriormente, Lélia se identificava com as pessoas idosas e chegou a gestar projetos para inserir esses sujeitos no mercado de trabalho e nos espaços públicos. Ao se deixar fotografar, ela participava da gestão de sua *imagem pública* enquanto pessoa ativa social e politicamente, além de buscar romper com tabus acerca da estética da terceira idade. Como a beleza feminina foi moldada a partir de traços associados à *delicadeza* e à juventude branca,¹¹⁴⁵ expor as marcas do tempo poderia trazer inquietações a quem visse a revista. Segundo Miriam Goldenberg, a sociedade brasileira transformou o corpo em um capital simbólico. Assim, o envelhecimento se torna um problema (na medida em que rompe com padrões), o que atinge principalmente as mulheres, as quais são taxadas a partir de critérios estéticos muito

¹¹⁴⁴ BEZERRA, Ada Kesea Guedes. Op Cit, 2006; MOTTA, Alda Britto da. Op Cit, 1999; MOTTA, Alda Britto da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. *Sociedade e estado*, v. 25, n. 2, p. 225-250, 2010.

¹¹⁴⁵ SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

estritos. Apesar da beleza também servir para reconhecer e interpretar os corpos masculinos, elas acabam sofrendo com outras pressões em relação ao fato de envelhecerem. Todavia, Goldenberg ressalta que muitas compreendem esse momento de suas vidas como uma libertação das imposições sociais, gerando assim uma resposta positiva às imagens delegadas à terceira idade.¹¹⁴⁶ Mas Lélia não era lida apenas pelo gênero e pela geração, mas também pela política. Entendida como personagem histórico pela mídia, pelo meio artístico e por seus companheiros de partido, ela foi escolhida pelos jornalistas da Carta Maior para relatar o que viu na posse do presidente Luís Inácio Lula da Silva, em 1º de janeiro de 2003. Na matéria, consta:

Em meio a tanta gente importante de comportamento e declarações interessantes durante a posse, a Agência Carta Maior destacou as figuras de dois presidentes, uma senadora e uma atriz para retratar como foi o dia histórico no interior do Parlamento (...).

Lélia Abramo

Importante personagem na história da formação do PT, a artista de 92 anos viu Lula subir a rampa do Palácio do Planalto em um telão no salão negro do Congresso (...). A atriz revelou ter dito, em rápido encontro que teve com o presidente Lula no dia da posse, que estava triste pela escolha do cantor e compositor Gilberto Gil para o cargo de ministro da Cultura. “Eu respeito muito o trabalho do Gil, mas...”¹¹⁴⁷

O jornal de esquerda exalta a trajetória de Lélia e dá luz à sua proximidade com o presidente Lula. Contudo, o texto critica o espaço delegado a ela no novo governo, pois a reconhece como um quadro de destaque no PT. Para tanto, eles recortam sua fala em dois momentos: primeiro, quando ela diz que sua posição na lista de fundação caiu e, segundo, quando faz críticas à escolha do cantor Gilberto Gil¹¹⁴⁸ para o Ministério da Cultura. Tal cobrança foi justificada devido ao receio de o PT se afastar dos seus princípios e daqueles que participaram de sua construção.¹¹⁴⁹ A ideia da Carta Maior foi de ressaltar sua militância na esquerda, mas volta-se também para sua presença no PT e

¹¹⁴⁶ GOLDENBERG, Mirian. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. *Contemporânea (Título não-corrente)*, v. 9, n. 2, 2011.

¹¹⁴⁷ HASHIZUME, Maurício. A posse de Lula em quatro histórias: Fidel, Heloísa, Chávez e Lélia. Agência Carta Maior. Notícia Online Impressa. 6 de janeiro de 2003. São Paulo: Fundo Lélia Abramo, IEB-USP.

¹¹⁴⁸ Gilberto Passos Gil Moreira (1942 -) nasceu em Salvador – BA e é filho de uma família de classe média alta baiana. Estudou Administração na Universidade da Bahia e foi um dos fundadores do movimento Tropicalista em 1968. Perseguido pelo regime autoritário em vigor, exilou-se no ano de 1970, retornando ao Brasil somente em 1972. Foi vereador na cidade de Salvador entre 1989 e 1993 pelo PMDB. Desligou-se do partido em 1990 e migrou para o PV. Foi nomeado Ministro da Cultura pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva em 2003, cargo que ocupou até 2008. (S/A. Gilberto Gil. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2914/gilberto-gil> Acesso: 28/01/2021 às 09:46 hrs.).

¹¹⁴⁹ KECK, Margaret E. *PT - A lógica da diferença: o partido dos trabalhadores na construção da democracia brasileira*. São Paulo: Ática, 1991.

apresenta memórias dissonantes sobre a posse e a agremiação. Diferente do livro *Rememória* (anteriormente citado), o periódico não tinha a intenção de fazer coro à militância do partido. Como analisado no capítulo anterior, Lélia tinha uma lembrança positiva sobre a construção e consolidação do PT, mas não deixou de fazer críticas à atuação de seus militantes. Observando esse texto, vemos que tais questões não deixaram de se fazer presentes na fala de Abramo, mas acabaram sendo articuladas pelo jornal para embasar suas críticas e descontentamentos. Apesar dos capitais políticos e culturais construídos por Lélia, ela não chegou a assumir um cargo no Governo Federal, mas foi *bem* lembrada pelos companheiros do partido após o seu falecimento.

Fechando as cortinas: quando uma estrela vermelha se apaga

Lélia permaneceu no PT até 2004. Sua filiação foi interrompida pela morte, a qual ocorreu em São Paulo, no dia 9 de abril daquele ano, quando tinha 93 anos de idade. Afastada da televisão e dos palcos, a atriz seguiu participando de palestras e eventos. De acordo com Rachel Añón e Jorge Blat, da *Folha de São Paulo*:

Morreu aos 93 anos, a atriz e escritora Lélia Abramo, em consequência de uma embolia pulmonar, por volta das 20h30 desta sexta-feira. Ela estava internada havia uma semana na UTI do Hospital Modelo, no bairro da Liberdade, em São Paulo.

Sua última aparição pública foi no dia 31 de março passado durante um evento internacional de educação, realizado no auditório do Anhembi, onde foi homenageada por sua luta contra a ditadura militar.

Segundo o dramaturgo Arthur Di Pietro, amigo de Lélia Abramo, nesse dia ela se queixou de dor nas pernas em decorrência de uma queda sofrida em casa. Dois dias depois, sofreu a embolia e foi internada pela família.

O velório da atriz será no Teatro Municipal, centro da cidade, a partir das 6h deste sábado. O enterro acontecerá no cemitério Getsêmani, bairro do Morumbi (Zona Oeste), às 16h.¹¹⁵⁰

O necrológio digital ainda era seguido de um resumo da trajetória de Lélia, apresentando-a como filha de imigrantes italianos, citando sua estreia na peça *Eles Não Usam Black Tie* (1958) e sua estadia na Itália durante a Segunda Guerra Mundial.¹¹⁵¹

¹¹⁵⁰ AÑÓN, Rachel; BLAT, Jorge. Morre a atriz e escritora Lélia Abramo. Folha Online. 10 de abril de 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u43174.shtm> Acesso: 28/01/2021 às 10:43 hrs.

¹¹⁵¹ Sobre a peça, a Folha escreve: “Lélia Abramo era filha de imigrantes italianos. Estreou nos palcos apenas aos 47 anos, na peça ‘Eles Não Usam Black-Tie’ (58), a primeira montagem de Gianfrancesco

Também aponta para os trabalhos que ela realizou em novelas, filmes e peças de teatro e não omite a sua atuação política, pois lembra que Abramo foi presidente do SATED-SP e fundadora do PT. Nas matérias relacionadas, lemos os pronunciamentos do presidente Luís Inácio Lula da Silva e da prefeita de São Paulo, Marta Suplicy,¹¹⁵² publicados na íntegra:

A perda da atriz Lélia Abramo entristece a todos os que lutam por um Brasil digno e justo. Lélia teve uma vida exemplar pela altivez e pela coragem com as quais soube enfrentar as vicissitudes do século 20, que ela percorreu quase inteiro.

Oriunda de família com inclinações socialistas, a futura atriz esteve presente já nas batalhas políticas dos anos 30, sempre ao lado da classe operária. Cerca de meio século mais tarde, acompanhamos Lélia como a combativa presidente do Sindicato dos Artistas de São Paulo e entre os signatários da fundação do Partido dos Trabalhadores.

Até o fim, Lélia Abramo manteve acesa a chama da esperança. Sua última aparição pública, há menos de quinze dias, foi para lembrar o 31 de março de 1964.

Por isso, a melhor homenagem que lhe podemos prestar é levar adiante os ideais que marcaram a sua existência.

O assessor especial da Presidência da República, Marco Aurélio Garcia, me representará na cerimônia de despedida de Lélia Abramo.¹¹⁵³

Guarnieri, contracenando com os atores Milton Gonçalves e Eugenio Kusnet. Entre 1938 e 1950, morou na Itália e sofreu as agruras da época da Segunda Guerra Mundial, quando testemunhou dramas coletivos (bombardeios, comida racionada, suspensão da liberdade de ir-e-vir) (...). Em 1978, Lélia presidiu o sindicato dos artistas em São Paulo e saiu em defesa dos direitos trabalhistas da classe, enfrentando a própria emissora na qual trabalhava, a TV Globo. Lélia foi uma das fundadoras do PT, ao assinar a ata de reunião que deu origem ao partido, em 1980, com intelectuais como Mário Pedrosa, Sérgio Buarque de Holanda, Apolônio de Carvalho, Paulo Freire e Antonio Candido.” (Idem.)

¹¹⁵² Marta Teresa Smith de Vasconcelos Suplicy (1945 -) nasceu em São Paulo – SP e é oriunda de uma família de elite. Estudou no colégio feminino Des Oiseaux, no Colégio Sion e cursou Psicologia na PUC- SP. Foi apresentadora em um programa que debatia sobre sexo na TV Globo nos anos 1980. Naqueles anos se posicionou publicamente a favor da legalização do aborto e de pautas trazidas por grupos e movimentos homossexuais. Filiou-se ao PT em 1981 e, entre 1989 e 1993, participou de um grupo de trabalho sobre orientação sexual vinculado à gestão da prefeita Luíza Erundina. Foi deputada federal de 1995 a 1999 e prefeita de São Paulo, entre 2001 e 2005. Ocupou o Ministério do Turismo entre 2007 e 2008. Elegeu-se Senadora em 2010 e foi vice-presidenta da casa (2011 – 2012). Ainda foi nomeada Ministra da Cultura da presidenta Dilma Rousseff (2012 – 2014). No ano de 2015 deixou o PT, ingressou no PMDB e candidatou-se novamente à Prefeitura de São Paulo, sem obter êxito. Apoiou o golpe de 2016. Tentou reeleger-se para o Senado em 2018, mas também não conseguiu, deixando o posto em 2019. Desfilou-se do MDB em 2018 e entrou para o Solidariedade em 2020, mas deixou a sigla alguns meses depois. (XAVIER, Libânia; ALDÉ, Lorenzo; JOFFLY, Mariana. Marta Suplicy. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/marta-teresa-suplicy> Acesso: 28/01/2021 às 10:43 hrs.; MARTINEZ-VARGAS. Marta Suplicy sai do Solidariedade após declarar apoio a Covas em São Paulo. O Globo. 13 de setembro de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2020/marta-suplicy-sai-do-solidariedade-apos-declarar-apoio-covas-em-sao-paulo-24638352> Acesso: 28/01/2021 às 10:43 hrs.).

¹¹⁵³ SILVA, Luís Inácio Lula da. Nota oficial. Apud: S/A. Lula lembra “batalhas” de Lélia Abramo, uma das fundadoras do PT. Folha Online. 10 de abril de 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u43176.shtml> Acesso: 28/01/2021 às 10:43 hrs.

Lélia Abramo, mulher extraordinária, que admiramos por sua integridade de caráter, enorme talento artístico e engajamento político e social de uma vida. Lélia, você partiu, mas sua luz e determinação por um mundo mais justo permanecem com milhares de trabalhadores, com o partido que você ajudou a construir e no coração de todos seus amigos.¹¹⁵⁴

O tom elogioso das notas dialoga com o necrológio da Folha de São Paulo. Se pensarmos inicialmente no texto jornalístico, notamos que ele segue o padrão das notas fúnebres estudadas por Lucas La Bella Costa. Esse historiador pesquisou as homenagens do IHGB aos seus falecidos e realizou uma reflexão teórico-metodológica sobre os obituários, vindo a compreender que eles transitam entre a biografia, a historiografia e o elogio.¹¹⁵⁵ Mesmo levando em consideração que a matéria acima não tinha a intenção de escrever história, notamos que ela não deixa de estabelecer uma relação entre a *vida singular* de Lélia Abramo e seu entorno político e social, circunscrevendo a homenageada em um espaço e tempo específicos. Bernardo Issler¹¹⁵⁶ atenta para a maneira como esses textos ajudam-nos a perceber a construção de capitais simbólicos entre jornalistas e falecidos. Segundo o pesquisador, uma morte não apresenta valor por si só, mas é ressaltada ou silenciada de acordo com a perspectiva e os interesses do comunicador ou do grupo que ele representa.

O historiador Douglas Marcelino também atenta para a influência dos capitais simbólicos na escrita de necrológios e elogios fúnebres. Ao analisar a virada do século XIX para o XX, ele mostra como a presença do Estado na organização e financiamento das cerimônias fúnebres tinha o intuito de educar os cidadãos a partir das *vidas exemplares* e de construir assim um Panteão para os *Heróis da República*. Além do mais, ele lembra que esse foi o momento no qual artistas e intelectuais passaram a ser vistos como *relevantes* para a *História Nacional*.¹¹⁵⁷ Podemos partir deste gancho para compreender como as cerimônias em torno da morte de Lélia foram engrandecidas pela presença do seu partido no governo federal e na prefeitura de São Paulo. A cessão do

¹¹⁵⁴ SUPLICY, Marta. Nota Oficial. Apud: S/A. Marta Suplicy destaca “engajamento político e social” de Lélia Abramo. Folha Online. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u43177.shtml> Acesso: 28/01/2021 às 10:43 hrs.

¹¹⁵⁵ COSTA, Lucas La Bella. *Monumentos de papel: a poética da morte nos necrológios de Manoel de Araújo Porto-Alegre (1839-1857)*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

¹¹⁵⁶ ISSLER, Bernardo. A morte como notícia ou anúncio. *XIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)*. São Bernardo do Campo, 2004.

¹¹⁵⁷ MARCELINO, Douglas Attila. Rituais políticos e representações do passado: sobre os funerais de “homens de letras” na passagem do império à república. *Tempo*, v. 22, n. 40, p. 260-282, 2016.

Teatro Municipal (a principal casa de espetáculos da cidade), por exemplo, provavelmente se deu também pela identificação da prefeita Marta Suplicy e de sua equipe com a homenageada, apesar de não ser único vetor, pois um ator contrário ao partido poderia talvez ter o seu funeral realizado naquele mesmo local em função de seu destaque no campo artístico. Seja como for, ser velada no salão nobre daquela edificação trouxe a mensagem de que Abramo se destacou pela sua trajetória nos palcos (mas também no PT). A presença de um representante da presidência advém do mesmo fator, pois Lula e Marta a apresentam como um exemplo a ser seguido e inspiração para seus pares. A partir de tais rituais o governo remodelava mais uma vez o passado, escolhendo quem mereceria ser reconhecido pelos seus serviços ao país, porém pautando-se agora na defesa da democracia, dos direitos humanos e trabalhistas e na contribuição das artes cênicas para a população brasileira.

Douglas Marcelino também ressalta que, diferente do que se escreveu sobre o declínio dos ritos cívicos no final do século XX, as cerimônias fúnebres oficiais não deixaram de ser momentos para o fortalecimento de sentimentos pátrios e de *panteonização* dos seus homenageados.¹¹⁵⁸ Lélia, assim, não deixa de ter seu velório ritualizado como um *fechar de cortinas*, visto que ela foi posta no salão nobre do principal teatro da sua cidade natal. Apesar de afastar-se da retórica nacionalista, a cerimônia é complementada pelas notas de pesar, as quais expõem valores como a democracia e a justiça social, além de definir o processo de abertura política brasileira como um momento central de sua vida e da história do Brasil.

Retornando à matéria da Folha, acima exposta, notamos que ela segue um roteiro: anunciar o falecimento e os ritos funerários e apresentar a falecida. O texto também explica as causas da morte e resume sua vida em tom de exaltação, o que é reforçado pelas notas de condolência publicadas na íntegra. Passando para as homenagens oficiais, vemos que as falas de duas autoridades (que também eram companheiras de partido de Lélia) ressaltam a sua atividade política e proximidade com movimentos de classe. Seguindo o tom do elogio, apresentam Abramo como uma pessoa que transcende o corpo físico para seguir viva como um ente social.¹¹⁵⁹ Esse atributo é acrescido pelo fator etário, na medida em que a sua idade é utilizada para apresentá-la como uma *cidadã do século XX*, o que já era dito pela imprensa e pela

¹¹⁵⁸ MARCELINO, Douglas Attila. A morte de Tancredo Neves pela TV: algumas reflexões sobre rituais, memória e identidade nacional. *Mosaico*, v. 1, n. 1, p. 30-57, 2009.

¹¹⁵⁹ COSTA, Lucas La Bella. Op Cit, 2015.

própria militante em sua autobiografia. Tal monumentalização surge em uma matéria impressa da Folha, a qual publica depoimentos de amigos e pessoas próximas à atriz:

“Ela trabalhou contra o fascismo na Itália e teve uma luta muito bonita pela democratização no Brasil”, disse a atriz Tônia Carrero. “Infelizmente, nunca trabalhamos juntas. Tínhamos uma ligação poética, de respeito. Fiquei sentida com sua morte, mas ela viveu longamente, e muito bem. Teve um fim digno.” (...)

“Ao longo dos últimos 20 anos a gente teve uma relação muito forte. Cheguei a começar a ensaiar com ela a peça „Uma Ausência“, mas sua saúde já estava muito debilitada”, afirmou Eduardo Tolentino, diretor do grupo Tapa, que trabalhou com a atriz nos espetáculos “Os Arcanos Maiores da Poesia Surrealista”, no final dos anos 80, e “Fragmentos e Canções”, em 94.

“Ela era uma mulher incrível, um papo ótimo, tinha ética de carreira, coerência de comportamento nas suas escolhas políticas e teatrais. Acho que ela só estava esperando o PT chegar ao poder. Ela precisava disso”, disse.¹¹⁶⁰



Página de jornal da Folha de São Paulo sobre a morte de Lélia Abramo; PINHEIRO, Lenise. Fotografia de Lélia Abramo. 4 de fevereiro de 2001, Folha Imagem; Lélia em Eles não usam Black Tie (1958). Folha Imagem. (Folha de São Paulo: 11 de abril de 2004. p. A-16. São Paulo: Dossiê organizado por Alcione Abramo, Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.)

Ocupando metade de uma página, o texto da Folha recorda da militância política e da carreira artística de nossa personagem e se apoia nos relatos de quem a conheceu. Tanto na notícia digital quanto na impressa, Lélia surge como escritora em referência à sua autobiografia, a qual não deixou de embasar seus necrológicos. Além do mais, eles se voltam para sua trajetória familiar e a apresentam como filha de imigrantes que “Tinha

¹¹⁶⁰ S/A. Morre aos 93 anos a atriz Lélia Abramo. Folha de São Paulo: 11 de abril de 2004. p. A-16. São Paulo: Dossiê organizado por Alcione Abramo, Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

seis irmãos, entre eles o jornalista Cláudio Abramo (1923 – 87) e o artista plástico Lívio Abramo (1903 – 1992).”¹¹⁶¹ Outro dado relevante são as imagens escolhidas para compor os textos acima. Como figura central, o rosto da militante aparece com a legenda “A atriz Lélia Abramo em 2001, quando comemorava 90 anos”.¹¹⁶² Há também uma cronologia da sua vida, a qual inclui uma fotografia de Abramo atuando em *Eles não usam Black-Tie*, ressaltando aquele que era considerado o seu principal trabalho, como analisado no primeiro capítulo. A Folha não deixa de lembrar da sua atuação política com a matéria “Artista viveu e representou seus ideais”,¹¹⁶³ mas a imagem que predomina é a da artista, seja pelos termos utilizados nos títulos ou pelo destaque dado aos palcos na síntese de sua trajetória. *O Estado de São Paulo* ocupou um espaço menor, dividindo a notícia com um anúncio de loja. Separando a carreira artística e a política em duas seções, seus jornalistas apresentam a atriz da seguinte maneira:

A atriz e militante política Lélia Abramo morreu na noite de anteontem, aos 93 anos, em São Paulo. (...) Lélia Abramo iniciou sua carreira de atriz aos 47 anos de idade, na década de 1950, ao voltar de uma longa estadia na Itália (...). Em seu retorno, o teatro brasileiro vivia um momento de renovação liderado por grupos amadores (...). Encenando peças no idioma italiano, ela foi vista por José Renato Pécora, fundador do Arena. Começou então sua carreira profissional no papel de Romana, na primeira encenação da peça *Eles Não Usam Black-Tie*, contracenando com Eugênio Kusnet e Gianfrancesco Guarnieri. Foi uma estreia com pé direito. Ganhou os mais importantes prêmios teatrais, no Rio e em São Paulo.

Militância – Sua carreira foi interrompida em 1978, quando teve o primeiro enfarte. Três outros vieram logo depois, tirando-a definitivamente dos palcos, mas não da militância política, cultivada desde os 21 anos (...) A assinatura de Lélia está entre as seis primeiras do lançamento do Manifesto do Partido dos Trabalhadores, em 1980 (...). A origem de Lélia nada tem de operária, ela passou a primeira infância num ambiente de riqueza material e cultural. Filha de imigrantes italianos, seu pai era industrial. Mas a má-fé de um sócio – auxiliada pela excessiva boa-fé do pai – levou a família à falência. Aos 21 anos, Lélia foi trabalhar no escritório de uma fábrica. “Não foi a influência do meu avô e nem a leitura de *O Capital* que me fizeram socialista, mas o trabalho naquela fábrica”, contou Lélia em entrevista ao Estado.¹¹⁶⁴

¹¹⁶¹ Idem.

¹¹⁶² Ibidem.

¹¹⁶³ Ibidem.

¹¹⁶⁴ NÉSPOLI, Beth. SPADA, Vanessa. Morre a atriz e militante política Lélia Abramo. *O Estado de São Paulo*. 11 de abril de 2004. p. A – 15. São Paulo: Dossiê organizado por Alcione Abramo, Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.



Página da notícia do Estado de São Paulo; Imagens selecionadas pelo jornal: Arquivo AE. Lélia e Cacilda Becker atuando em 1961 e JUNIOR, Celso. AE. Lélia com Lula em 2002. (O Estado de São Paulo. 11 de abril de 2004. p. A – 15. São Paulo: Dossiê organizado por Alcione Abramo, Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.)

Apesar de apresentar a origem familiar de Lélia como algo contraditório para os seus ideais, *O Estado de São Paulo* não deixa de usar do tom elogioso para falar da sua carreira artística. A matéria em questão se divide em duas partes: uma primeira, com a notícia do falecimento e um resumo de sua trajetória profissional, e outra, voltada para a militância política da atriz, na qual os seus laços ideológicos e partidários são expostos. Diferente da *Folha*, o afastamento do trabalho é atribuído aos enfartes e à deterioração de sua saúde, silenciando as tensões e os boicotes decorrentes de sua presidência no SATED-SP (o qual também desaparece nesta breve *biografia*). Contudo, também inicia a descrição da personagem pela sua atividade teatral e igualmente percebe *Eles Não Usam Black Tie* como o marco de sua carreira. Apesar do destaque dado ao estrelato, o jornal optou por colocar uma fotografia de Abramo encenando ao lado de outra em que ela abraça o presidente Lula. A ideia seria mostrar sua proximidade com o PT sem deixar de lembrar da sua atuação cênica. Diferente da *Folha*, o periódico não divulgou a nota da presidência em sua íntegra.¹¹⁶⁵

O Estado de São Paulo também exaltou o trabalho de Lélia em sua página digital, apresentando-a como alguém que ficou “Famosa tanto por sua atuação no teatro,

¹¹⁶⁵ O Estado de São Paulo publicou: “Em nota oficial, o presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT) afirmou que: ‘a perda de Lélia Abramo entristece a todos os que lutam por um Brasil digno e justo’. A prefeita Marta Suplicy (PT) também divulgou nota em homenagem a Lélia.” (NÉSPOLI, Beth. SPADA, Vanessa. Morre a atriz e militante política Lélia Abramo. O Estado de São Paulo. 11 de abril de 2004. p. A – 15).

no cinema e na TV, quanto pelas atividades e postura política socialista”, além de ser “irmã de dois dos profissionais mais atuantes da história do jornalismo brasileiro – Cláudio e Lívio Abramo.”¹¹⁶⁶ Seja no impresso ou no virtual, o jornal não esqueceu da militância de Abramo, mas volta os elogios para a sua carreira profissional. Além disso, a referência à atuação dos irmãos novamente é reforçada. A política, por outro lado, não deixa de ser um traço relevante, mas não é vista como uma virtude. Com perspectiva em parte semelhante, a revista *Veja* reservou um espaço ainda menor para noticiar a morte da atriz. Entre diferentes nomes, ela aparece numa seção chamada *Faleceram*. A nota tem dezessete linhas e está em uma dentre três colunas de uma página:

Lélia Abramo, atriz e dramaturga. Irmã dos jornalistas Cláudio e Lívio Abramo, começou tarde a carreira de atriz, depois dos 40 anos. Como líder do sindicato da categoria, foi uma das responsáveis pela regulamentação de sua profissão. Tornou-se conhecida pelo engajamento em movimentos políticos e sociais, como a campanha Diretas Já, em 1984. Integrou o grupo de fundadores do Partido dos Trabalhadores. Hospitalizada no dia 2 devido a uma queda em que fraturou a bacia, morreu em consequência de uma embolia pulmonar. Dia 9, aos 93 anos, em São Paulo.¹¹⁶⁷

Assim como a *Folha* e o *Estado*, a *Veja* também evidencia os nomes de seus irmãos Cláudio e Lívio para falar da trajetória de Lélia. Pensando nos interesses que fundamentam esse texto, devemos levar em consideração que, para a mídia corporativa, os capitais sociais de Abramo estavam apoiados principalmente na origem familiar e na carreira artística.¹¹⁶⁸ A militância não deixa de surgir como algo essencial em sua trajetória, mas é posta como secundária em relação à carreira nas artes cênicas. No caso do SATED-SP, este aparece atrelado à regulamentação da profissão de atriz/ator, omitindo a participação de Abramo nas greves do ABC e silenciando a sua relação com outros movimentos sociais.

Se uns ressaltam a italianidade de Lélia, outros se voltam para sua origem em uma família de elite. Contudo, todos lembram dela como a atriz famosa que se envolveu

¹¹⁶⁶ S/A. Morre aos 93 anos a atriz Lélia Abramo. O Estado Online, 10 de abril de 2004. Matéria impressa pela família. São Paulo: Fundo Lélia Abramo, Fundação Perseu Abramo.

¹¹⁶⁷ S/A. Faleceram. *Veja*, 21 de abril de 2004. Página de revista. p. 99. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Fundo Lélia Abramo.

¹¹⁶⁸ Além da revista *Veja*, o *Jornal Nacional* apresentou uma breve matéria sobre o falecimento da atriz, a qual foi transcrita em 11 linhas. Em respeito à nossa personagem, opto por não apresentá-la, mas deixo a citação: REDE Globo de Televisão. *Jornal Nacional*. Foi enterrada hoje, em São Paulo, a atriz Lélia Abramo. Ela morreu ontem, aos 93 anos. Rio de Janeiro: Rede Globo, 10 de abril de 2004. Disponível em: <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL554207-10406,00-FOI+ENTERRADA+HOJE+EM+SÃO+PAULO+A+ATRIZ+LELIA+ABRAMO+ELA+MORREU+ONTEM+AOS+A.html> Acesso: 28/01/2021 às 10:43 hrs.

com a política institucional e cumprem a função necrológica, pois anunciam o falecimento, apresentam a trajetória da pessoa e inserem-na em um grupo e período específicos.¹¹⁶⁹ Ao estudar os textos funerários de uma cidade do interior gaúcho, Adrianus Estevam Noronha escreve que esse gênero de notícia busca silenciar ou exaltar certos traços para o público leitor. Lembrando-se de *vidas relevantes*, os responsáveis por esses jornais buscavam moldar e criar imagens.¹¹⁷⁰ Assim, a vida familiar de nossa personagem (bem como o trabalho ou a militância política) pode sumir ou aparecer, aumentar ou diminuir de acordo com o interesse de quem escreve, pois a ideia seria sacralizar um ente que deixa de ser físico para se tornar memória, atendendo, claro, aos anseios de seu partido, de grupos políticos e profissionais ou da mídia. Nesse sentido, devemos lembrar que não foi apenas a imprensa corporativa que tratou do falecimento de Abramo. Em matéria de meia página, a revista *Linha Direta*, do PT, escreve:

Morreu no último dia 10, vítima de embolia pulmonar, a atriz, escritora e militante petista Lélia Abramo. Em 1980, Lélia assinou a ata de fundação do PT, no Colégio Sion, junto com Mário Pedrosa, Manuel da Conceição, Sérgio Buarque de Holanda, Apolônio de Carvalho. Suas primeiras ações políticas aconteceram nos anos 30, quando foi demitida de uma fábrica por criticar o governo Getúlio Vargas. Em 1978 presidiu o sindicato dos Artistas em São Paulo e foi uma das responsáveis pela regulamentação da categoria profissional; conheceu o presidente Lula em 1978, de quem tornou-se amiga e parceira de militância; esteve à frente dos mais importantes movimentos político-sociais brasileiros, como as manifestações contra a ditadura militar e a campanha pelas Diretas Já. Segundo nota assinada pela Secretaria Nacional de Cultura do PT, divulgada no dia 10, “Lélia foi um furacão de vida e de generosidade que fez das ruas e praças do Brasil o seu próprio palco. Atriz, escritora, militante política e sindical fez das lutas de nosso povo o seu próprio script, o seu próprio roteiro”. E finaliza, “ao nos deixar, Lélia deixa também saudade e muitas lições. Que nossa sociedade continue a luta desta grande brasileira. Que o Brasil reafirme, a cada dia, como ela sempre fez, a certeza na democracia, na justiça social e na cultura como instrumentos radicais na construção de um país mais saudável”.¹¹⁷¹

O interesse do periódico petista é homenagear uma de suas militantes e ressaltar a história do seu partido. Focados na carreira política e artística de Lélia, seus redatores acabam por silenciar sua vida familiar, diferente dos jornalistas da *Folha*. O necrológio é iniciado pela assinatura da ata de fundação do PT, em 1980, e ressalta a presença de

¹¹⁶⁹ COSTA, Lucas La Bella. Op Cit, 2015.

¹¹⁷⁰ NORONHA, Adrianus Estevam. “*Dados biográficos Do extinto*”: análise Das fontes para o estudo prosopográfico de elites locais (os necrológicos). *XI Encontro Estadual de História* (ANPUH-RS). Rio Grande, 2012.

¹¹⁷¹ S/A. Lélia Abramo morre aos 93. Diretório Estadual do PT São Paulo. *Linha Direta*. Ano XIII, n 604, de 12 a 19 de abril de 2004. p. 10. São Paulo: Dossiê organizado por Alcione Abramo, Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

outros militantes (tidos como relevantes em função de sua notoriedade intelectual e/ou política). Eles também lembram da amizade de Lélia com Lula. A atuação política, por sua vez, é apresentada a partir de atividades de classe (demissão de uma fábrica na década de 1930, a presidência do SATED-SP e a regulamentação da profissão de atriz/ator), estabelecendo uma ponte entre Abramo e as principais bandeiras do PT. Por fim, sua imagem é posta em um *panteão*, devendo ser lembrada como um exemplo do passado para a militância do futuro.¹¹⁷² Uma visão semelhante aparece no jornal do Sindicato dos Bancários:

A atriz Lélia Abramo que dá nome ao espaço cultural do Sindicato por sua importância para a sociedade brasileira nas artes e na política, morreu na última sexta-feira em São Paulo. Lélia tinha 93 anos, a maior parte deles dedicados à luta pela democracia. Brasileira, descendente de italianos, ela combateu o fascismo na Itália e foi uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores em 1980 (...). Coerência – Expulsa do Sindicato dos Comerciários de São Paulo em 1937 por criticar o governo Vargas, Lélia chegou à presidência do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões no Estado de São Paulo em 1978. O posto lhe valeu a demissão da rede Globo dias depois (...). No último 31 de março, quando o golpe militar brasileiro completou 40 anos, a atriz fez sua última aparição pública. Recebeu homenagens por sua atuação contra a ditadura e não deixou por menos, ao cantar, emocionada, o hino da Internacional Socialista (...). Homenageada em vida pelo Sindicato, Lélia deverá ser sempre lembrada em outras ocasiões pela entidade (...).¹¹⁷³



Imagens que compõem a matéria da Folha Bancária. (S/A. Morre, aos 93, a guerreira Lélia. Folha Bancária. 13 e 14 de abril de 2004. p. 4. São Paulo: Dossiê organizado por Alcione Abramo, Acervo pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.)

A imagem escolhida para complementar o texto é uma montagem de três momentos: um comício da campanha de 1982, no qual ela foi fotografada ao lado de Lula e Hélio Bicudo; em frente ao espaço cultural do Sindicato dos Bancários e em uma manifestação nas ruas. A legenda ainda descreve Lélia como uma “militante corajosa e

¹¹⁷² COSTA, Lucas La Bella. Op Cit, 2015.

¹¹⁷³ S/A. Morre, aos 93, a guerreira Lélia. Folha Bancária. 13 e 14 de abril de 2004. p. 4. São Paulo: Dossiê organizado por Alcione Abramo, Acervo pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

coerente.”¹¹⁷⁴ Todos esses elementos servem para moldar uma trajetória linear, assim como seria a do PT. O boicote midiático reaparece para reforçar o sacrifício da atriz/militante. A última aparição pública (em um evento sobre o golpe de 1964) finaliza o texto. Tais fatos *lembrariam* o público de que Abramo faleceu sem se desviar do *foco*. Essa fala surgiu ainda no expediente do Congresso Nacional quando a senadora Ideli Salvatti¹¹⁷⁵ registrou voto de pesar pelo seu falecimento:

Requerimento nº 452, de 2004

Requeiro, nos termos regimentais e de acordo com as tradições da Casa, as seguintes homenagens pelo falecimento de Lélia Abramo, ocorrido no último dia 9, aos 93 anos de idade:

- a) Inserção em ata de voto profundo de pesar; e
- b) Apresentação de condolências à família.

Atriz e militante política foi uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores e sempre esteve à frente dos mais importantes movimentos político-sociais brasileiros.

Sua história de vida confunde-se com sua história política e profissional, era uma mulher apaixonada por tudo o que fazia. Sua morte deixa um vazio entre todos os que lutam e acreditam num Brasil digno e justo.

Sala das Sessões, em 19 de abril de 2004,

Senadora Ideli Salvatti¹¹⁷⁶

A parlamentar compartilha da ideia de que Lélia Abramo deve ser lembrada pela sua contribuição política e artística. Como companheira de partido da homenageada, ela ressalta a sua participação no PT, tanto que é o primeiro fato descrito em sua nota de pesar. O requerimento foi aprovado e assinado pelo presidente do Senado, José Sarney,¹¹⁷⁷ que enviou carta à família com suas saudações e o texto de Ideli. Devemos

¹¹⁷⁴ Idem.

¹¹⁷⁵ Ideli Salvatti (1952 -) nasceu em São Paulo – SP e graduou-se em Física pela UFPR. Mudou-se para Joinville – SC e trabalhou como professora, vindo a auxiliar na formação do PT em Santa Catarina. Atuou como deputada estadual nesse estado (1995 – 2003) e também como Senadora (2003 – 2011). Foi então nomeada Ministra da Pesca pela presidenta Dilma Rousseff e cinco meses depois Ministra da Secretaria de Relações Institucionais, cargo que ocupou até 2014, quando se tornou Ministra Chefe da Secretaria de Direitos Humanos. Deixou o posto em 2015. (MARQUES, Bruno. Ideli Salvatti. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/salvatti-ideli> Acesso: 28/01/2021 às 10:43 hrs.).

¹¹⁷⁶ SALVATTI, Ideli. Requerimento nº 452 de 2004. Brasília: Senado Federal, 19 de abril de 2004. São Paulo: Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

¹¹⁷⁷ José Sarney de Araújo Costa (1930 -) nasceu em Pinheiro – MA e estudou Direito na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Foi governador nomeado do seu estado (ARENA) entre 1966 e 1970 e senador de 1971 a 1985. Entrou para a Academia Brasileira de Letras em 1980. Desfilou-se do PDS em 1984 para fundar o PFL, mas ingressou no PMDB logo em seguida para compor a chapa de Tancredo Neves em 1985. Com a morte deste, Sarney se tornou Presidente da República, cargo que ocupou até 1990. Elegeram-se senador pelo estado do Amapá entre 1991 e 2015 e presidente do Senado Federal de 1995 a 1997, de 2003 a 2005 e mais uma vez entre os anos de 2011 e 2013. Deixou a carreira política em

considerar que o senador não era próximo da atriz, mas seguiu padrões regimentais ao saudar a família Abramo. No acervo de Lélia encontramos outras mensagens enviadas pelas câmaras municipais de Diadema (SP), assinada pela bancada petista;¹¹⁷⁸ Colatina (ES), por Genivaldo José Lievore,¹¹⁷⁹ e Tatuí (SP), por Fábio José Menezes Bueno.¹¹⁸⁰ Alguns fatos se repetem nos textos. Por exemplo:

Famosa tanto por sua atuação no teatro, no cinema e na TV, quanto pelas atividades e postura política socialista, Lélia foi uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores e sempre esteve à frente dos mais importantes movimentos político-sociais brasileiros, como as manifestações contra a ditadura militar e a campanha pelas “Diretas Já”, entre outras (...). Filha de italianos, irmã de dois dos profissionais mais atuantes da história do jornalismo brasileiro – Cláudio e Lívio Abramo. Lélia iniciou sua carreira de atriz aos 47 anos (...). A vida de Lélia está autobiografada no livro “Vida e Arte”, da Editora Fundação Perseu Abramo. No livro de memórias ela conta como foi sua estadia forçada na Itália, durante a 2ª Guerra Mundial, sua atuação em momentos significativos da história brasileira como Ditadura Militar e a campanha pelas “Diretas Já” (...). Finalizamos este, com os nossos sentimentos de respeito e carinho a esta construtora da esperança, plantadora de sonhos, na certeza que seus ideais sempre frutificaram em qualquer lugar e nos ideais de outras pessoas.¹¹⁸¹

Lélia nos deixa como exemplo um legado de resistência, ao enfrentar sem hesitação todos os desafios de sua vida. Em seu livro de memórias, *Vida e Arte*, registra com a sabedoria dos iluminados “... o impressionante avanço tecnológico e científico do século teria tido resultados mais vantajosos para todos numa sociedade menos injusta, com equilíbrio na distribuição de renda e com maior respeito pelos direitos humanos.” Ressalta o vereador que a vida de Lélia Abramo foi pautada pela coragem e luta em busca de justiça e dignidade e sua perda entristece a todos que partilham este sonho.¹¹⁸²

A autobiografia de Lélia foi citada nas câmaras de Diadema e Colatina. No caso de Tatuí foi realizado um minuto de silêncio, mas não houve uma descrição maior de sua trajetória.¹¹⁸³ Como nos necrológios da imprensa corporativa e militante, a

2015. (DIAS, Sônia; LEMOS, Renato; CARNEIRO, Alan. José Sarney. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-ribamar-ferreira-de-araujo-costa> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.).

¹¹⁷⁸ BANCADA do PT. Requerimento nº 686/04, Processo nº 723/04. Diadema: Câmara Municipal, 22 de abril de 2004. São Paulo: Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

¹¹⁷⁹ LIEVORE, Genivaldo José. Moção nº 040/2004. Colatina: Câmara Municipal, 28 de abril de 2004. São Paulo: Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

¹¹⁸⁰ BUENO, Fábio José Menezes. Ofício CMT/04. Tatuí: Câmara Municipal, 11 de maio de 2004. São Paulo: Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

¹¹⁸¹ BANCADA do PT. Requerimento nº 686/04, Processo nº 723/04. Diadema: Câmara Municipal, 22 de abril de 2004. p. 1 – 2. São Paulo: Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

¹¹⁸² LIEVORE, Genivaldo José. Moção nº 040/2004. Colatina: Câmara Municipal, 28 de abril de 2004. São Paulo: Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

¹¹⁸³ BUENO, Fábio José Menezes. Ofício CMT/04. Tatuí: Câmara Municipal, 11 de maio de 2004. São Paulo: Acervo Pessoal de Lélia Abramo, IEB – USP.

italianidade é um traço constituinte da imagem da nossa personagem. Em tempo, vale salientar que as notas acima não podem ser vistas como a totalidade das homenagens prestadas a Lélia Abramo, mas como aquilo que foi preservado por sua família, pois outras casas legislativas, jornais e organizações possivelmente registraram pesar, apesar de termos acesso apenas a estas.

Para concluir, como os indivíduos não são homogêneos ou coerentes, devemos analisar cuidadosamente essas fontes. Na medida em que são produtos de sujeitos igualmente parciais e dinâmicos, elas representam percepções e interesses específicos, além de *virem* de um período e local circunscritos. Sendo assim, não podem ser entendidas como um espelho cristalino que supostamente mostraria toda a vida de Lélia Abramo, mas como constructos mnemônicos. Mesmo assim, obviamente, não negamos a militância e os valores atribuídos à trajetória de Lélia. Apenas realizamos uma leitura crítica desses textos e alertamos para os riscos de se observar uma vida somente pelos necrológios. De acordo com Adrianus Estevam Noronha,¹¹⁸⁴ a (o) pesquisadora (or) deve levar esses cuidados em consideração para não *comprar* certos discursos e deixar de lado os *não ditos* e as descontinuidades de uma pessoa tida como linear. Tais questionamentos devem permanecer quando analisamos aquilo que foi dito posteriormente sobre a atriz, o que analisaremos no texto a seguir.

(Re) Lembrando Lélia: homenagens, efemérides e gestão da imagem

Se as estrelas se acendem
É porque alguém precisa delas
Será que alguém por elas clama?
Por essas cuspidelas de pérolas
Ei-lo aqui pois, sufocado ao meio dia
No meio do coração do turbilhão de poeira
Ei-lo, pois, que corre para o bom Deus
Temendo chegar atrasado
Que lhe beija chorando a mão fibrosa
Implora, implora
Que não consegue mais sobreviver
Sem uma estrela sequer lá no alto
Jura que não suporta mais
Essa tortura do céu sem estrelas
Depois, vai-se embora atormentado,
Mas bancando o gaiato diz a alguém que passa:
Muito bem, assim está melhor agora, não é
Não tens mais medo, escutai pois

¹¹⁸⁴ NORONHA, Adrianus Estevam. Op Cit, 2012.

Se as estrelas se acendem
É porque alguém precisa delas
É porque em verdade é indispensável
Que sobre todos os tetos, cada noite,
Uma única estrela, pelo menos, se alumie¹¹⁸⁵

No dia 8 de fevereiro de 2011 foi realizada uma homenagem póstuma a Lélia Abramo. Como um evento político e social, pessoas próximas se reuniram no Teatro de Arena (República, Centro de São Paulo) para celebrar o seu centenário. Dentre reinterpretações de peças, músicas e relatos, declamou-se o poema acima (*Estrela*, de Vladimir Maiakovski, escrito no ano de 1913). A sua escolha se deu provavelmente pela afinidade política entre o autor e a atriz. Ao lembrar de Lélia como uma estrela, o orador exaltou a sua trajetória profissional, o que foi somado à apresentação de um trecho de *Rosa Vermelha*, escrita por Dulce Muniz,¹¹⁸⁶ peça que trata da vida de Rosa Luxemburgo. Em sua versão original (exposta na ocasião), Abramo brinda com outras duas mulheres e repete três vezes: “Viva a Revolução”, expressão entremeada pela fala “os jovens de cabelos longos e as moças de cabelos curtos”. Na sequência, há um corte para o Teatro de Arena, onde a cena é refeita com as mesmas frases, mas terminando com a expressão “Viva Lélia Abramo”.¹¹⁸⁷ Esse roteiro lembra o público de que a homenagem era para uma militante socialista. O jornal Linha Direta (do PT) acompanhou a efeméride e produziu um vídeo, no qual consta os seguintes dizeres:

Uma mulher (...). Uma atriz (...). Uma militante (...). Lélia Abramo, dona de uma personalidade forte e de papéis marcantes na dramaturgia brasileira (...) Mulher que dedicou toda uma vida às causas políticas e ao combate às injustiças sociais (...). Foi no palco do Teatro de Arena onde a atriz iniciou a sua carreira profissional, que familiares e amigos se reuniram no dia 8 de fevereiro para comemorar seu centenário (...). Trechos do livro escrito por Lélia relembrou uma mulher corajosa (...). Os amigos preferiram lembrar de uma Lélia marcante (...) O público reviveu uma cena de uma atriz

¹¹⁸⁵ MAIAKOVSKI, Vladimir. Estrela (1913). Interpretação de Alessandro Azevedo. S/A. Homenagem aos 100 anos de Lélia Abramo. São Paulo: Teatro de Arena, 8 de fevereiro de 2011. Youtube. Lélia Abramo 100 anos. Canal Filme Zero, 27 de fevereiro de 2011. 2:31 mins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=soUCal0S3cY> Acesso: 28/01/2021 às 11:04 hrs.

¹¹⁸⁶ Dulce Quirino de Carvalho (Muniz) (1947 -) nasceu em São Joaquim da Barra – SP e cursou Ciências Sociais na USP. Aderiu ao Partido Operário Revolucionário Trotskista (PORT) e teve contato com atores do Teatro de Arena. Foi presa com seu companheiro, Hélio Diniz, em 1970. Participou da equipe de Lélia Abramo durante a presidência no SATED-SP (1978 – 1981). Dirigiu peças e atuou no teatro posteriormente. (CARVALHO, Dulce Quirino de. *Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar*. Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Karina Alves e Marcela Boni em 26 de junho de 2013. Disponível em: <http://www.memorialdaresistencia.org.br/memorial/default.aspx?c=entrevistados&identrevistado=101&identrevista=42&mn=56> Acesso: 28/01/2021 às 11:04 hrs.).

¹¹⁸⁷ S/A. Homenagem aos 100 anos de Lélia Abramo. São Paulo: Teatro de Arena, 8 de fevereiro de 2011. Youtube. Lélia Abramo 100 anos. Canal Filme Zero, 27 de fevereiro de 2011. 2:31 mins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=soUCal0S3cY> Acesso: 28/01/2021 às 11:04 hrs.

talentosa (...). Na política, a atriz (...) participou ativamente da criação do Partido dos Trabalhadores na década de 80 e enfrentou a opressão por seu posicionamento político, conduta que até hoje é prestigiada pelo PT (...). Ícone de uma geração de atores, Lélia presidiu o sindicato da categoria e lutou pelo reconhecimento da arte no país. Luta essa que é bandeira de artistas que encontraram apoio na Funarte e no Ministério da Cultura e que até hoje recordam com admiração a artista (...). Os cem anos da atriz foram comemorados da sua maneira, com alegria, música e união.¹¹⁸⁸

Na montagem desta matéria, a fala da jornalista Aline Nascimento foi entremeada pelos depoimentos de amigos e conhecidos de Lélia. Diferente dos necrológios produzidos quase sete anos antes, a atriz passa agora a ser lida pela sua *personalidade*, apresentada como alguém de *gênio forte*, como narrou o ator Chico Assis: “A Lélia era uma pessoa mal-humorada. Quem conheceu, sabe. Ela era mal-humorada, mas quando ela encontrava um motivo de ironia, ela se deleitava. Ela virava o [Ronald] Golias, ela virava o palhaço. Pela ironia, mas depois ela fechava de novo, porque ela não tinha esse sorriso fácil (...).”¹¹⁸⁹ Essa imagem também é compartilhada por Dulce Muniz e Ligia de Paula.¹¹⁹⁰ Dois anos após o centenário, elas relataram em entrevista à TVT: “A Lélia era uma mulher briguenta. Eu mesma briguei muito com ela (...). No outro dia eu voltava e falava: „sargento Muniz me apresentando.“ E ela falava: „Pois não.“ Ela dava trabalho.”¹¹⁹¹ Todavia, ambas não deixam de recordar dos momentos de sensibilidade da personagem:

A Lélia frequentou muito a minha casa (...) ela era louca por criança e ela (...) tinha dois amiguinhos (ela conta no livro) (...). Adorava criança e ao mesmo tempo era uma mulher muito generosa. Nós temos uma imagem dela como *a mulher que veio à frente*, mas no dia-a-dia de sua casa ela me ensinou a fazer coisas que eu não sabia (...). Ela me ensinou a fazer *caponata* (...) e que nunca se põe a semente do tomate. Então ela tinha essas particularidades, essas delicadezas (...)¹¹⁹²

Devemos refletir sobre esses olhares. Primeiramente, a memória de uma mulher forte se sobrepõe em muitos momentos à de uma pessoa sensível. Apesar de Lélia se

¹¹⁸⁸ Idem.

¹¹⁸⁹ Ibidem.

¹¹⁹⁰ Ligia de Paula Souza (1946 – 2018) nasceu em Sorocaba – SP e estudou na Escola de Arte Dramática da USP. Trabalhou como atriz no teatro, no cinema e na televisão. Também atuou como produtora e professora de teatro. Foi presidenta do SATÉD-SP de 1985 a 2017, quando sua chapa perdeu a eleição. Faleceu devido a um câncer. (S/A. Ligia de Paula. Pró-TV. Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/biografia/ligia-de-paula/> Acesso: 28/01/2021 às 11:04 hrs.)

¹¹⁹¹ MUNIZ, Dulce. Entrevista sobre Lélia Abramo. Programa Memória e Contexto. TVT, 6 de maio de 2013. Youtube. Memória e Contexto: Lélia Abramo 3/3. Canal Rede TVT, 6 de maio de 2013. Duração 14:29 mins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=olidIN5r4To> Acesso: 28/01/2021 às 11:04 hrs.

¹¹⁹² Idem.

mostrar, em sua autobiografia, como alguém que se apaixonou, entristeceu-se e que chorou, os olhares da imprensa petista partem daquilo que ela realizou nos espaços públicos, ressaltando seus sacrifícios, mas, em geral, omitindo suas hesitações e sua intimidade. A mitificação de Lélia Abramo passa pelo enrijecimento de sua afetividade e pela ideia de que esse comportamento seria intrínseco a ela.¹¹⁹³

Pensando no caso acima, um fator pertinente é o estreitamento de laços sociais e de amizade, pois Muniz teve contato com a *privacidade* de Lélia, podendo recordar de momentos familiares. Já Assis provavelmente a conheceu nos palcos e palanques, lembrando daquilo com o que teve mais contato e compartilhando de memórias coletivas para tirar suas próprias conclusões a respeito da personalidade da atriz. Todavia, Dulce lembra de uma Lélia rígida e que *veio à frente*. Para a imprensa comercial o centenário de Lélia Abramo mereceu uma ênfase diferente. Segundo a Folha e o Estado de São Paulo, aquele 8 de fevereiro foi lembrado da seguinte maneira:

Novo secretário de Políticas Culturais do Ministério da Cultura, Sérgio Mamberti¹¹⁹⁴ leu poema do russo Vladimir Maiakovski na homenagem ao centenário da atriz Lélia Abramo, anteontem, no Teatro de Arena Eugênio Kusnet. O ator Antônio Abujamra¹¹⁹⁵ discursou no final da cerimônia.¹¹⁹⁶

Hoje, a partir das 19 horas, o Teatro de Arena Eugênio Kusnet (R. Teodoro Baima, 94, tel. 3256-9463) promove homenagem ao centenário de nascimento de Lélia Abramo. Na cerimônia haverá leitura dramática de poemas de Maiakovski e trechos da autobiografia *Vida e Arte – Memórias de Lélia Abramo*. O Coral Luther King participará cantando a música *Bella Ciao*. O tributo ainda inclui um vídeo com imagens e a dramaturgia do Núcleo 184, que apresentará fragmento da peça *Rosa Vermelha*, de Dulce Muniz. Ainda este mês haverá na Cinemateca ciclo de filmes com

¹¹⁹³ MARSON, Melina Izar. Da feminista "macha" aos homens sensíveis: o feminismo no Brasil e as (des) construções das identidades sexuais. *Cadernos AEL*. V. 2, nº 3/4, 1996.

¹¹⁹⁴ Sérgio Mamberti (1939 – 2021) nasceu em Santos – SP e estudou na Escola de Artes Dramáticas de São Paulo. Atuou no teatro a partir de 1964, no cinema (1966) e na televisão (1968). Era irmão do ator Cláudio Mamberti (1940 – 2001) e teve laços de amizade com Lélia Abramo. Participou da fundação do Partido dos Trabalhadores em 1980 e foi indicado pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva para dirigir as secretarias de Música e Artes Cênicas e de Identidade e Diversidade Cultural. Foi também presidente da Funarte e secretário de Políticas Culturais, no governo da presidenta Dilma Rousseff. Faleceu em São Paulo. (S/A. Sérgio Mamberti. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa107275/sergio-mamberti> Acesso: 03/09/2021 às 20:54 hrs.).

¹¹⁹⁵ Antônio Abujamra (1932 – 2015) nasceu em Ourinhos – SP e graduou-se em Filosofia e Jornalismo pela PUC-RS. Era pai do cantor André Abujamra. Trabalhou como ator de 1967 a 2012 e foi apresentador do programa de entrevistas *Provocações*, da TV Cultura, de 2000 a 2015, ano em que faleceu. (S/A. Antônio Abujamra. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa13064/antonio-abujamra> Acesso: 03/09/2021 às 20:54 hrs.).

¹¹⁹⁶ S/A. Memória. Folha de São Paulo, 10 de fevereiro de 2011. p. E – 2. Acervo Digital: <https://acervo.folha.com.br/index.do> Acesso: 28/01/2021 às 11:04 hrs.

participação de Lélia e mostra de fotos, cujos horários e datas ainda serão divulgados.¹¹⁹⁷

No primeiro caso (*Folha de São Paulo*) o enfoque é a participação de Sérgio Mamberti e Antônio Abujamra na homenagem a Lélia Abramo. Junto a uma nota de seis linhas no canto inferior da página, os redatores do jornal apresentam fotos dos dois atores, mas nenhuma imagem daquela que estava sendo lembrada, apesar do título da coluna ser *Memória*. Já o Estado concedeu um espaço maior à homenagem: uma nota que se restringe a uma coluna de vinte e uma linhas dividindo espaço com outras duas notícias sobre música. O texto é intitulado *Homenagem a atriz Lélia Abramo* e foi incluído na seção *Teatro*. Além de ambos os periódicos destinarem poucas palavras para o evento, eles também omitem a trajetória política da atriz.

Nas homenagens de 2011 a condição de gênero de Lélia foi ressaltada. Ela foi apresentada como uma mulher que rompeu com expectativas e ocupou espaços de poder, imagem essa compartilhada com o PT e algumas entidades sindicais (como o SATED-SP e o Sindicato dos Bancários). A mídia comercial, por sua vez, exaltou o seu trabalho nos palcos, mas não deixou de colocar a homenageada em segundo lugar ao focar outras pessoas (na *Folha*) ou reverenciar o centenário de uma atriz e não de uma militante (no *Estado*). Memórias como essas não surgiram somente naquele momento, mas seguiram sendo reproduzidas nos anos seguintes. Em 2015, por exemplo, a atriz Andréia Barros e o diretor Antônio Januzzi produziram uma peça intitulada *No palco com Lélia Abramo*.¹¹⁹⁸ Nela, é interpretado um solo, no qual há duas personagens: a narradora e a homenageada. Barros parte da lembrança do dia em que teve contato com a atriz-militante para compor o enredo. Adaptando os fatos para o teatro, ela traz trechos da autobiografia de Abramo e de trabalhos protagonizados por ela (Eles não usam Black-tie e O tempo e o vento). Ao introduzir a homenagem, o teatrólogo Rodrigo Moraes Leite afirmou:

Muitos anos depois desse acontecimento [o encontro de Andréia e Abramo], e alguns anos depois do falecimento de Lélia, ocorrido em 2004, no período em que a Companhia Teatro da Cidade encontrava-se “órfã” de um elenco fixo, Andréia Barros, ao vasculhar um sebo de São José dos Campos, deparou-se com o livro *Vida e Arte: Memórias de Lélia Abramo*, que ela ainda não conhecia. Lançada em 1997 pela Editora Perseu Abramo, em parceria com a Editora da Unicamp, essa obra memorialística, não sem razão,

¹¹⁹⁷ S/A. Homenagem à atriz Lélia Abramo. O Estado de São Paulo, 8 de fevereiro de 2011. p. 45. Acervo Digital: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso: 28/01/2021 às 11:04 hrs.

¹¹⁹⁸ BARROS, Andréia; JANUZZELLI, Antônio. *No Palco com Lélia Abramo*. São José dos Campos: Companhia Teatro da Cidade, 2015. A peça segue sendo encenada.

despertou um enorme impacto em Andréia, que imediatamente viu nela a possibilidade de uma adaptação teatral na forma de um solo. Além da edição comprada no sebo, Andréia adquiriu uma outra para presentear a Antonio Januzzelli, que ao lê-la também se entusiasmou pelo projeto. Deu-se aí, de fato, o início do processo que resultaria em *No palco com Lélia Abramo*.¹¹⁹⁹

A autobiografia ressurgiu, anos depois da sua publicação, como um *monumento* a Lélia Abramo. Ao narrar os motivos para a produção da peça, Leite ressalta a centralidade do livro como motivador e fonte para a construção do roteiro. O teatrólogo, contudo, não participa da sua autoria, mas faz parte, indiretamente, do projeto por analisá-lo, divulgá-lo e participar das rodas de conversa realizadas no final do espetáculo. Ele também faz coro às falas de Andréia e Antonio, convergindo inclusive com a memória trazida pela família e pelo PT, centrada na militância política, na italianidade, na condição de mulher e no trabalho da atriz:

Filha dos imigrantes italianos Afra Iole Scarmagnan e de Vincenzo Abramo, junto com seus irmãos, Lívio Abramo (artista plástico), Beatriz Abramo, Mário Abramo e os jornalistas Athos Abramo, Fúlvio Abramo e Cláudio Abramo, faz parte da história cultural, política e econômica brasileira. O pai criou a primeira fábrica de fiação e tecidos movida à eletricidade de São Paulo no início do século XX. Seu avô materno Bôrtolo (“Bartolomeu”) Scarmagnan, militante anarco-socialista liderou a Greve Geral de 1917 em Curitiba (PR). Lélia Abramo participou dos principais capítulos da história da dramaturgia contemporânea brasileira, seja no teatro, no cinema ou na televisão. Também contribuiu de forma significativa nas transformações sociais e políticas do Brasil. Ainda muito jovem participou dos primeiros momentos de fundação da Oposição de Esquerda no Brasil, inclusive atuando na Frente Única Antifascista contra os integralistas na Praça da Sé, em 1934, durante o episódio conhecido como a “Revoada dos Galinhas Verdes”.¹²⁰⁰

A memória de uma família de vanguarda, envolvida nos círculos políticos e intelectuais de esquerda segue sendo o fio condutor para interpretar a trajetória de Lélia Abramo. Além dos irmãos reaparecerem, o pai e o avô são acrescentados para reforçar a linearidade desta vida. Tal perspectiva, como vimos anteriormente, busca entender aquilo que a atriz realizou posteriormente, o que já havia sido feito por ela própria em sua autobiografia. Além do mais, ao escrever que desde jovem Lélia já participava de grupos de esquerda, Leite igualmente tem o intuito de compreender a carreira política da sua homenageada. Seguindo sua apresentação, ele diz:

A atriz iniciou a carreira profissional, em 1958, aos 47 anos no espetáculo “Eles não usam Black-tie”, de Gianfrancesco Guarnieri, com direção de José Renato, e que entrou para a história do teatro no Brasil. Com a personagem

¹¹⁹⁹ LEITE, Rodrigo Morais. *No camarim com Lélia Abramo*. São José dos Campos: Netebooks, 2019. p. 49.

¹²⁰⁰ Idem. p. 18 – 19.

Romana, ela conquistou os cinco mais importantes prêmios do teatro brasileiro na época. Participou de 23 peças de teatro, incluindo o premiado “Esperando Godot”, de Samuel Becket, com direção de Antunes Filho, protagonizado por Eva Wilma e Lilian Lemmertz, em 1978, que lhe valeu o prêmio Molière. Na televisão, fez 27 novelas, entre elas a famosa “Pai Herói” (1979), como a matriarca Januária Brandão e “Pão Pão, Beijo Beijo” (1983) no papel de Mama Vitória, além da minissérie O Tempo e o Vento – 1985, da obra de Érico Veríssimo, como a “velha” Bibiana. No cinema, foram 14 filmes, como Vereda da Salvação – 1964, da obra de Jorge Andrade, O caso dos irmãos Naves – 1967, Joana Francesca – 1973 e Eles não usam Black-tie – 1981. Sua militância política custou-lhe alguns anos de ostracismo na televisão e ela passou a ser ignorada pela Rede Globo a partir de 1978, quando assumiu a presidência do (...) (SATED-SP), integrando a primeira chapa de oposição a ser vitoriosa desde o início da Ditadura. Como presidente do SATED atuou na regulamentação da profissão de artista no país.¹²⁰¹

Ao descrever alguns dos trabalhos de Lélia Abramo, Rodrigo Leite reforça o seu pioneirismo, mostrando-a como alguém que esteve presente nos principais eventos da história da (tele) dramaturgia brasileira, algo também enfatizado pela sua participação na primeira chapa de oposição organizada no SATED-SP após o início da ditadura civil-militar brasileira. Ele também expõe prêmios e reconhecimentos, apontando para as peças que tiveram maior visibilidade e destacando o seu protagonismo nesses trabalhos. Por fim, trata da sua militância e se volta para os sacrifícios realizados. Apesar de convergir para as lembranças familiares e do PT, ele não trata da trajetória de Lélia no partido, voltando-se apenas para aquilo que realizou nos palcos e nas “esquerdas” de modo geral.

A peça igualmente enquadra a trajetória de Abramo na militância de classe e nos grupos trotskistas. O secretariado da prefeita Erundina e sua participação na fundação do PT não aparecem. Andréia, Antonio e Leite leem a atriz por meio de seus repertórios cênicos e acadêmicos. Assim, sua peça, ao que tudo indica, não teria a intenção de silenciar o período petista, mas de se aprofundar naquilo que consideram ser parte *do cenário e do palco* de Lélia Abramo. Podemos tomar, como exemplo de discurso “petista” sobre Lélia, a maneira como a Fundação Perseu Abramo a descreve na condição de proprietária de um dos seus fundos privados:

Lélia Abramo nasceu em São Paulo/SP. Integra família que descende de italianos de tradição anarcossindicalista e que teve forte presença na vida política e cultural em nosso país. Quando jovem, nos anos 1930, juntamente com Mário Pedrosa, aderiu à Oposição de Esquerda e à Frente Única Antifascista, tendo participado dos confrontos de rua ocorridos na Praça da Sé em 1934 envolvendo militantes de esquerda e de extrema direita. Entre 1938 e 1950 viveu na Itália, onde sofreu privações no curso da Segunda

¹²⁰¹ LEITE, Rodrigo Moraes. Op Cit, 2019. p. 19.

Guerra Mundial (1939 – 1945). Retornando ao Brasil, destacou-se como atriz, tendo participado de dezenas de peças de teatro, filmes e telenovelas. Em 1978, em reconhecimento ao seu engajamento político, foi eleita presidente do Sindicato dos Técnicos em Espetáculos e Diversões do Estado de São Paulo (SATED/SP). A ampla cobertura das eleições pela imprensa, visto que elegeu a primeira gestão de esquerda do sindicato desde o golpe de 1964, projetou Lélia politicamente, o que lhe custou a carreira televisiva. Na mesma época participou da fundação do PT, ao qual permaneceu filiada toda a vida e por meio do qual participou de momentos decisivos na política nacional, como o movimento pelas “Diretas Já” e a campanha presidencial do PT nas eleições de 1989.¹²⁰²

O guia do acervo foi produzido anos antes da peça acima citada, em 2009. Seu organizador foi Carlos Henrique Metidieri Menegozzo, o qual era responsável pela organização de todo o acervo histórico da Fundação Perseu Abramo até 2015. Sua descrição repete fatos e dados tantas vezes repetidos (a italianidade, a atuação na Oposição de Esquerda e na FUA, a entrada tardia nos palcos e a presidência do SATED). Como representante de um órgão do PT, seu autor não deixa de interpretar a sua presença no partido como fato central em sua trajetória. De fato, o interesse da FPA no acervo de Abramo se daria por sua potencialidade de contribuir com pesquisas sobre a história petista, o que ajuda a entender o tom utilizado na nota. O *corpus* foi doado entre 1996 (ano de fundação da FPA) e 2009 e teve como responsável a própria Lélia e posteriormente Alcione Abramo, sua sobrinha. Contudo, nosso interesse neste momento é de analisar as imagens moldadas por diferentes sujeitos e, portanto, não nos voltaremos para a composição de seu fundo documental. Mesmo assim, não podemos negar que esse acervo foi organizado com o intuito de monumentalizar uma vida, porém a análise desse material por si só renderia outra pesquisa.¹²⁰³ Ele representa o ponto de vista da atriz (na medida em que preservou e doou fontes durante a sua vida) e de sua família (a qual selecionou posteriormente o que deveria ser preservado).¹²⁰⁴ Seja como for, ele não pode ser entendido única e exclusivamente pelo princípio da proveniência ou pela intenção criadora dos seus documentos, mas a partir do seu acúmulo, pois este

¹²⁰² MENEGOZZO, Carlos Henrique Metidieri (org.). Centro Sérgio Buarque de Holanda: Guia do Acervo. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2009. p. 137.

¹²⁰³ Nossa afirmação parte das análises de Priscila Fraiz sobre o acervo de Gustavo Capanema. (FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 59-88, 1998.).

¹²⁰⁴ Como já indicamos anteriormente, o acervo de Lélia Abramo foi doado à Fundação Perseu Abramo (FPA) e ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP. O primeiro ficou com o que estava relacionado à sua militância no PT e o segundo com o referente à sua atuação profissional e sindical, além do seu arquivo familiar. Tanto em um caso como no outro, seus parentes decidiram o que deveria ser preservado e para onde o material deveria ir. No meta-arquivo presente entre os papéis da FPA podemos encontrar mensagens que justificam a doação e organizam o corpus por temas ou momentos.

ocorreu devido a certas intencionalidades.¹²⁰⁵ Se Lélia buscou reunir material para contar a sua história, a sua família continuou fazendo esse trabalho ao acrescentar materiais e doá-los a instituições como a Fundação Perseu Abramo e o Instituto de Estudos Brasileiros.

Retornando ao foco do nosso texto, vemos como alguns dados são cristalizados nas memórias sobre Lélia Abramo. Sua carreira nos palcos e a ascendência italiana aparecem em todas as falas (imprensa, partido, família¹²⁰⁶ ou militância). Contudo, sua atuação política é ressaltada ou silenciada dependendo de quem narra. Como já foi analisado neste capítulo, se para a grande mídia ela é primeiramente uma atriz, para o PT e outros grupos a militância teria a preeminência. Essas diferenças não deixam de estar presentes entre as (os) companheiras (os) de Lélia em diversos espaços. O partido lembra da participação dela na sua fundação e em eventos como as Diretas Já. Entre os sindicatos, as greves do ABC e a presidência do SATED-SP ganham mais espaço que a atuação partidária e, para os sujeitos atuantes nos palcos, o trabalho artístico é mesclado à consciência de classe. Essas diferenças ajudam-nos a perceber como Abramo construiu seus capitais simbólicos em diferentes âmbitos.

Em disputa ou em complementaridade, todos esses agentes, de alguma maneira, se apoiam no ponto de vista de Lélia e de seu pacto autobiográfico para construir a imagem que dela elaboram. Fazendo *mea-culpa*, devemos lembrar que esta tese também parte desse mesmo documento-monumento, porém com uma intenção diferente. Como um trabalho historiográfico, realizamos a crítica às fontes para analisar essas memórias, percebendo-as como algo que não pode ser tomado como uma representação total ou uma cópia dos fatos. Para tanto, utilizei-me de outros documentos para perceber os repertórios construídos por nossa personagem ou pelos grupos nos quais ela esteve inserida. Entretanto, como a (o) historiadora (or) não é um ente imparcial, lembro a quem lê este texto que não estou isento de tomar partido quando estudo esta vida. Na medida em que a tese parte do presente para pensar o passado, ela também é memória,

¹²⁰⁵ HEYMANN, Luciana Quillet. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In: TRAVANCAS, Isabel Siqueira; ROUCHOU, Joëlle Rachel; HEYMANN, Luciana Quillet. *Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2014.

¹²⁰⁶ Se observarmos a organização dos acervos e as mensagens da família Abramo, podemos notar como o material preservado se volta para a sua carreira de atriz e sindicalista, além de conter imagens que reforçam a sua origem italiana (como fotografias de viagens, correspondências em italiano e objetos de uso pessoal). Sobre a influência da família na construção de imagens póstumas por meio de acervos pessoais, cito: ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996; HEYMANN, Luciana Quillet. Os "fazimentos" do arquivo Darcy Ribeiro: memória, acervo e legado. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 36, p. 43-58, 2005.

mesmo que cumulativa, nos termos de Aleida Assmann.¹²⁰⁷ Por fim, ressalto que, assim como outras militantes, a trajetória de Lélia Abramo merece ser estudada e recordada não apenas por esta pesquisa, mas por muitas outras. Registro assim o desejo de que mais pessoas venham a se debruçar sobre essa vida a fim de refletir sobre questões históricas, sociológicas, artísticas, políticas, dentre outras áreas, pois as fontes e os objetos de pesquisa jamais são esgotados por um único trabalho. Lélia Abramo, (sempre) presente!

Para sempre Prefeita: Luíza entre quatro partidos

Deixando a estrela: passado e presente

Olhando para trás, a deputada federal Luíza Erundina recordou do período em que foi prefeita numa entrevista ao jornalista Antônio Abujamra realizada em 2011:

– *Prefeita de São Paulo desde 1989. Você não teve tudo para ser um dia a sucessora de Lula?*

– Acho que em tese sim, Abujamra, mas eu sou mulher, sou nordestina, sou de origem pobre...

– *A Dilma é um homem?*

– As coisas mudaram nesse tempo (...). Porque os partidos não têm coerência entre os seus discursos e os seus programas, que dizem que tratam todo mundo igual, lutam por igualdade de direitos e não é verdade. Há uma discriminação muito clara, permanente, contra as mulheres, os negros e os diferentes nesses partidos, inclusive naqueles que se dizem de esquerda, socialistas (...).¹²⁰⁸

Luíza entendia naquele momento que as discriminações de classe e de gênero foram empecilhos em sua carreira no PT. Contudo, como acusar uma agremiação com postura classista de excluí-la por sua origem familiar? Questionada pelo apresentador se

¹²⁰⁷ Segundo Aleida Assmann, o trabalho do historiador não deixa de produzir memória sobre o passado, pois é uma visão costurada posteriormente. Ela diz que, ao coletar e analisar fontes, a pessoa que pesquisa acumula materiais para construir seu ponto de vista. (ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Editora da Unicamp, 2011.).

¹²⁰⁸ TV CULTURA. Programa Provoações. São Paulo, TV Cultura, março de 2010. Youtube. Canal Luíza Erundina. Postagem: 18 de outubro de 2011. (24 m 33 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oNqnEGYGHFk&t=422s> Acesso: 28/01/2021 às 11:04 hrs.

a Ministra Chefe da Casa Civil, Dilma Vana Rousseff,¹²⁰⁹ era homem, Erundina se volta às contradições internas da legenda para analisar a interrupção da sua militância nela. De fato, não podemos negar a existência de discrepâncias entre o discurso e a prática partidárias, ainda mais quando tratamos da participação e do espaço dado às mulheres. O problema não se restringia ao PT, mas estava enraizado, igualmente, em outras agremiações que também se identificavam com a esquerda, como vimos no capítulo anterior, sem falar no campo da direita, tradicionalmente misógina. A partir das fontes a que tivemos acesso, não podemos dizer que o desgaste de Luíza com o PT foi decorrente diretamente do machismo de parte de seus companheiros, mas não há como negar enfaticamente a possibilidade de ela ter presenciado tais atos e mesmo de ter sofrido silenciamentos enquanto militou no partido.

Apesar do ataque direto e das feridas surgidas pela frustração com o PT, Erundina buscou apresentar-se como coerente. Assim, a nordestinidade, o gênero e a classe tornam-se elementos para compreender seu posicionamento em relação a certas demandas, como a luta antirracista, a igualdade de gênero e o fim das discriminações de modo geral. A construção dessa imagem de si, para si e para os outros¹²¹⁰ não era recente, mas foi costurada a partir de experiências e repertórios moldados no decorrer da sua trajetória. Além do mais, vale salientar que a deputada dialogava também com o público que a assistia e com os militantes que porventura vissem a entrevista, o que poderia servir para gerir e consolidar capitais políticos. Assim, ela se compreendia e se apresentava como alguém que optou pelas pautas de classe. Esse ponto já aparecera onze anos antes em uma conversa com a jornalista Marília Gabriela:

¹²⁰⁹ Dilma Vana Rousseff (1947 -) nasceu em Belo Horizonte – MG e é filha de um migrante búlgaro e de uma professora brasileira. Ingressou na Política Operária (POLOP) em 1964, no Comando de Libertação Nacional (COLINA) em 1968 e participou da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR – Palmares). Foi presa e torturada em São Paulo no ano de 1970, permanecendo no cárcere até 1972, quando mudou-se para Porto Alegre – RS, onde se graduou em Economia pela UFRGS. Filiou-se ao PDT em 1980 e foi Secretária Municipal da Fazenda na gestão do prefeito Alceu Collares (1986 – 1988). Quando este se tornou governador do Rio Grande do Sul (1991 – 1995), Dilma foi nomeada secretária estadual de Minas e Energia (1993 – 1995). Ela exerceu o cargo mais uma vez entre 1999 e 2002, no governo de Olívio Dutra (1999 – 2003). Filiou-se ao PT em 2001 e ainda foi Ministra de Minas e Energia (2003 – 2005) e Ministra Chefe da Casa Civil (2005 – 2010) do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Eleger-se Presidenta da República naquele ano e foi reeleita em 2014, porém sofreu um golpe parlamentar em 2016 e deixou o posto. Em seu governo, Dilma deu início aos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV), a qual apurou crimes cometidos por agentes do Estado no período da ditadura civil-militar brasileira (1964 – 1985). (MONTENEGRO, Daniel; HIPOLITO, Regina. Dilma Vana Rousseff. Verbetes. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dilma-vana-rousseff> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.)

¹²¹⁰ POLLAK, Michael. Op Cit, 1992.

– O Lupércio Lima, de 27 anos, analista administrativo, de São Paulo, gostaria de saber se há alguma possibilidade no futuro de você voltar a ser militante do PT ou se a sua saída desse partido foi definitiva.

– Olha, eu tenho dito que eu não mudei ideologicamente, não mudei os meus compromissos políticos. Muito pelo contrário, eu reafirmo os mesmos compromissos. Eu tenho dito, eu não saí da rua, eu mudei de casa e estou na mesma rua da esquerda, das oposições, do socialismo (...), porque não estava me sentindo bem no PT. Então, dificilmente eu voltaria (...) até porque eu estou bem no PSB. É uma alternativa ao meu ver ao PT e é um aliado natural (...) nas disputas que se fazem no presente e no futuro.¹²¹¹

A resposta foi dada no ano de 2000, no momento que Luíza se candidatava à prefeitura de São Paulo (agora pelo PSB). Ela havia se desligado do PT em 1997 e foi eleita deputada federal no ano seguinte. A escolha da sua nova *casa* se deu pela identificação com a proposta desta, muito da qual baseada em demandas populares e em um histórico de oposição ao regime civil-militar. O PSB foi fundado em 1947 por militantes identificados com a chamada esquerda democrática, mas acabou dissolvido em 1965 com a imposição do bipartidarismo.¹²¹² Foi reaberto em 1985 retomando as mesmas propostas do seu manifesto inicial e declarou apoio ao PT nas eleições de 1989, 1994 e 1998. Com a aliança estabelecida nesse último ano, a deputada pôde, num primeiro momento, manter-se próxima de seus antigos companheiros. Entretanto, sua saída não deixou de ser causada por desavenças internas e, da mesma maneira, causou desconfortos após ser oficializada. De acordo com a *Folha de São Paulo*:

A ex-prefeita paulistana Luiza Erundina está deixando o PT. O anúncio deve ser feito nos próximos dias (...). O caminho mais provável de Erundina é o PSB. (...). A ex-prefeita praticamente abandonou as atividades petistas depois de sua campanha derrotada à Prefeitura de São Paulo. Era membro da Executiva do partido, licenciou-se e não mais mostrou interesse em voltar (...). Os problemas (...) com o PT remontam à sua administração municipal (89 a 92) e se agravaram com a sua ida para o ministério de Itamar Franco, quando teve seus direitos políticos suspensos no partido. A condução da última campanha de Erundina foi criticada por Luiz Inácio Lula da Silva, o que elevou em mais um tom a reconhecidamente tensa relação entre ambos. Hostilizada pela ala esquerda do petismo, que não perdoou a campanha de 96

¹²¹¹ SISTEMA Brasileiro de Televisão. Programa De Frente com Gabi. 18 de julho de 2000. Youtube. Canal Luíza Erundina. Postagem: 13 de janeiro de 2012. (50 m 45 s) Acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=bWKIW0e6qal&t=2423s> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.

¹²¹² Dentre as produções sobre o PSB podemos citar: HECKER, Alexandre. *Socialismo sociável: história da esquerda democrática em São Paulo, 1945-1965*. Unesp, 1998; HECKER, Alexandre. Propostas de esquerda para um novo Brasil: o ideário socialista do pós-guerra. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Coleção As Esquerdas no Brasil, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007; OLIVEIRA, Maurício Miléo Câmara de. *Influências do socialismo democrático europeu e do estado de bem-estar social na militância do partido socialista brasileiro, 1945-1950*. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014; VIEIRA, Margarida Luiza de Matos. O Partido Socialista Brasileiro e o marxismo (1947-1965). In: RIDENTI, Marcelo; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *História do Marxismo no Brasil*, v. 5. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

pelo slogan "O PT que diz sim", e sem disposição para participar da luta interna ao lado do setor moderado, Erundina chegou à conclusão de que não mais teria espaço na legenda (...). Com a saída da ex-prefeita, o PT perde seu segundo nome de expressão em menos de um mês. O primeiro cacique a abandonar o barco foi o governador do Espírito Santo, Vítor Buainy (...). Na prática, o PT perde também uma das suas duas únicas lideranças "boas de voto" na capital paulista. A outra é o senador Eduardo Suplicy.¹²¹³

Apesar do objetivo muito evidente de criticar o PT, a *Folha* reforçou o passado de Luíza como prefeita. Diferente do período em que conquistou o executivo municipal, sua origem regional e condição de gênero não se tornam uma questão. Se inicialmente ela era a radical que almejava ser a primeira mulher a governar a cidade de São Paulo, agora era a militante *moderada* descontente com as lideranças do seu partido. O tom mais ameno muito provavelmente se deu por ela engrossar as críticas ao PT, apesar de não negar sua posição de esquerda. No texto, ela também foi apresentada como figura central do partido, com um eleitorado significativo e comparada a outros militantes, como Vítor Buainy e Eduardo Suplicy. Como analisado no capítulo anterior, o desempenho eleitoral nos pleitos anteriores serviu para ela ganhar visibilidade, o que, somado ao período na prefeitura, consolidava e ampliava seu capital político.

Tal ponto de vista não era exclusivo da *Folha de São Paulo* e já aparecia antes do desligamento oficial de Erundina. Com o mesmo objetivo de criticar as lideranças petistas e explorar o conflito entre os seus membros, a apresentadora Hebe Camargo entrevistou Luíza e realizou um debate entre ela e Lula, no qual a ex-prefeita (já como ministra) disse:

Talvez fosse mais coerente, mais claro para a sociedade, uma medida de expulsão do que uma (...) aparentemente branda, mas cujos efeitos são iguais. Como é que eu vou voltar para o partido depois de um ano? Depois de ter sido punida e ficar de castigo por um ano. (...). Insisto, não é uma questão individual, é uma questão política (...). Apesar das crises que tivemos durante o meu governo na prefeitura de São Paulo, foi uma relação difícil, (...) atirada. Eu até entendia naquele momento do governo, porque é difícil para um partido que se construiu na luta social com projetos mais radicais (...) ter que conviver com os limites de um governo municipal (...) que viveu quatro anos de crise administrando aquela prefeitura (...). Eu entendi, inclusive, a dificuldade que é um partido com o caráter do PT conviver com os limites do Estado numa instância municipal.¹²¹⁴

¹²¹³ ALVES, Carlos Eduardo. Erundina decide deixar o PT e pode entrar no PSB. *Folha de São Paulo*. 04/07/1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc040913.htm> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.

¹²¹⁴ SISTEMA Brasileiro de Televisão. Programa Hebe Camargo. 1993. Youtube. Canal Luíza Erundina. Ministra é entrevistada por Hebe Camargo. 13 de janeiro de 2012. (7 m 46 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-Zq5WkjKxTQ> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.



Imagens do programa no qual Erundina foi entrevistada por Hebe Camargo (SISTEMA Brasileiro de Televisão. Programa Hebe Camargo. 1993. Youtube. Canal Luíza Erundina. Ministra é entrevistada por Hebe Camargo. 13 de janeiro de 2012. (7 m 46 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-Zq5WkjKxTQ> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.)

Se, por um lado, Luíza ainda militava no PT e havia deixado a prefeitura há pouco tempo, por outro, podemos analisar como o ideal da coerência continuava pautando a visão que ela tinha sobre sua carreira. Apesar de ser incentivada a atacar sua legenda, Erundina buscou reforçar seus vínculos e defender as propostas do partido, apesar de realizar críticas contundentes às medidas tomadas pela agremiação. Como analisado nesta seção, tal ponto de vista seguiu balizando a sua interpretação dos fatos posteriormente. A ideia de que seguiria firme em seus ideais voltou a reaparecer quando ela migrou do PSB para o PSOL em 2016. Cobrindo a última mudança da parlamentar, *O Estado de São Paulo* destacou uma de suas falas: “Não nego o meu passado. Não deixei o PT, foi o PT que me deixou. Os princípios e valores petistas continuam valendo na minha prática política.”¹²¹⁵ Tal afirmação foi comentada da seguinte maneira pelo periódico:

A deputada Luíza Erundina, candidata do PSOL à Prefeitura de São Paulo, disse nesta terça-feira, 16, durante seu primeiro evento oficial de campanha, na região central da cidade, que não nega seu passado petista (...). Prefeita de São Paulo entre 1989 e 1992 pelo PT, ela deixou a sigla em 1997 por divergências com a legenda.¹²¹⁶

Essa perspectiva apareceu também em matérias publicadas em portais digitais de notícias:

A deputada federal Luíza Erundina (PSB – SP) informou nesta quarta-feira (9) à bancada do PSB na Câmara que deixará a legenda por divergências ideológicas (...). Erundina foi prefeita de São Paulo entre 1989 e 1993, pelo PT. Por divergências como PT e o ex-presidente Lula, ela decidiu migrar para

¹²¹⁵ VENCESLAU, Pedro. ‘Não deixei o PT. Foi o PT que me deixou’, diz Erundina. *O Estado de São Paulo*. 16 de agosto de 2016. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,nao-deixei-o-pt-foi-o-pt-que-me-deixou-diz-erundina,10000069877> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.

¹²¹⁶ Idem.

o PSB. Em 2012, chegou a ser convidada a ser vice de Fernando Haddad¹²¹⁷ (PT) na chapa para a Prefeitura de São Paulo, mas desistiu do convite depois de o petista e Lula posarem para fotos com o ex-deputado federal Paulo Maluf (PP), adversário histórico de Erundina.¹²¹⁸

A deputada Luiza Erundina foi uma das fundadoras do PT em 1980 e em 1988 foi a primeira mulher a assumir a prefeitura de São Paulo na mais expressiva vitória do partido até então. Em 1993, depois do impeachment de Fernando Collor, assumiu o cargo de ministra da Secretaria de Administração Federal no governo Itamar Franco. A decisão abalou sua relação com o PT e ela acabou deixando a sigla para entrar no PSB.¹²¹⁹

Olhando para trás, a mídia repete que Erundina foi prefeita, mas silencia sobre outros cargos ocupados por ela, exceto o de ministra. Se a quantidade de votos daquele pleito permitiu que sua eleição fosse lembrada como um marco do PT, o gênero serviu igualmente para a construção de lembranças sobre o fato, pois Luíza foi a primeira mulher a governar a capital paulista. Quando esses textos foram produzidos, Marta Suplicy já havia sido prefeita pela mesma legenda, mas o impacto gerado pela surpresa nos resultados de 1988 ainda engrandeciam aquela eleição em relação às demais. Na primeira citação, os jornalistas da Globo representam a deputada como alguém contundente, na medida em que trocou de partido mais de uma vez por divergir de seus companheiros. Tal imagem reforça a ideia de que ela seria radical e foi construída durante a sua primeira campanha para a prefeitura, como observamos no capítulo anterior. Eles também tratam da sua recusa em compor uma chapa apoiada por Maluf, o que foi justificado como um ato de coerência e fidelidade. A segunda matéria lembra que ela estava presente na fundação do PT (1980), mas ressalta as tensões com seus

¹²¹⁷ Fernando Haddad (1963 -) nasceu em São Paulo – SP e é filho de um casal de origem libanesa. Graduou-se em Direito pela Universidade de São Paulo (USP), além de realizar Mestrado em Economia e Doutorado em Filosofia pela mesma instituição. Fez parte de movimentos estudantis no período da abertura política e filiou-se ao PT em 1983. Tornou-se professor do departamento de Ciência Política da USP em 1997. Foi Ministro da Educação entre 2005 e 2012, nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. Elegeu-se prefeito de São Paulo em 2012 e permaneceu no cargo até 2017. Candidatou-se à Presidência da República em 2018 e segue como docente na USP. (SILVA, Fábio Pereira da; SPRITZER, Jean. Fernando Haddad. Verbetes. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/haddad-fernando> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.).

¹²¹⁸ PASSARINHO, Nathalia. Luiza Erundina anuncia que deixará PSB por ‘divergência ideológica’. G1: Portal de notícias da Globo. 09 de março de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/luiza-erundina-informa-que-deixara-o-psb-por-divergencia-ideologica.html> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.

¹²¹⁹ S/A. Erundina deixa PSB para fundar um novo partido. Conteúdo Estadão/UOL. 09 de março de 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/03/09/erundina-deixa-psb-para-fundar-um-novo-partido.htm> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.

companheiros, compartilhando do objetivo de outros órgãos da mídia de desconstruir o referido partido e dar ênfase às críticas à agremiação.

Devemos lembrar que essas memórias sobre o PT estavam sendo moldadas em um período posterior à sua chegada ao poder. Entre crises, acusações e críticas (internas e externas), a militância não deixava de olhar para o passado e ver uma agremiação metamorfoseada. De acordo com Lincoln Secco,¹²²⁰ após os ataques do ano de 2005 muitos dos simbolismos do partido foram desconstruídos. Mesmo assim, o grupo conseguiu manter suas bases e *fazer a sucessão* de Lula em 2010, tendência esta que começou a mudar com as investidas da oposição, da mídia e de parte da sociedade civil.¹²²¹ Como Luíza ainda era associada ao PT, as lembranças de sua trajetória poderiam trazer à tona fatos que se desenrolavam naquele presente, como o desgaste da agremiação e a crise gerada pelo golpe ainda em curso. De toda forma, os conflitos acentuados em 2016 também impactaram na sua atuação e serviram para a reelaboração de posturas e pertencimentos, mas iremos nos aprofundar nessa temática na próxima seção.

Por enquanto, vale lembrar que Luíza deixou o PT, mas o partido não se afastou dela, seja pelo olhar da imprensa ou de outros sujeitos. Nesse sentido, devemos lembrar mais uma vez que o seu rompimento não significou o fim dos laços construídos naquele círculo partidário e que a sua atuação nele correspondeu ao momento em que construiu os seus capitais políticos mais importantes (como a primeira mulher nordestina eleita para a prefeitura de São Paulo, as avaliações positivas e os programas desenvolvidos pelo seu governo).¹²²² Portanto, do ponto de vista da nossa personagem, a ideia de não silenciar o passado petista provavelmente tinha como objetivo manter o diálogo com a sua militância, além de reforçar os contratos estabelecidos com o seu eleitorado. Entretanto, essa memória se restringe apenas ao momento em que foi prefeita, pois suas experiências como vereadora e deputada estadual acabaram sendo, em geral, silenciadas.

Enfim, a deputada buscava compreender sua própria trajetória e moldar um sentido para si, construindo e mantendo identidades com certos grupos. Tal ponto de vista se apoiava no momento em que Luíza teve mais visibilidade, o qual se tornou um

¹²²⁰ SECCO, Lincoln. História do PT. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

¹²²¹ MOTTA, Rodrigo Pato Sá. O lulismo e os governos do PT: ascensão e queda. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). Op Cit, 2018.

¹²²² Sobre esse assunto, cito: PENNA, Maura. Op Cit, 1992.

marco nas suas memórias e naquelas gestadas pela mídia e pela militância. Ela igualmente pode vir daquilo que a própria Erundina compreendia como o auge de sua trajetória. Entre intencionalidades pessoais e coletivas, nossa personagem teve a sua carreira política delimitada entre 1988 e 1993, por aqueles que buscavam exaltá-la como a melhor prefeita de São Paulo, ou no recorte 1988/1997, por quem visava explorar seus conflitos (pessoais e coletivos) com o PT. Na tensão das memórias enquadradas com as dissonantes,¹²²³ a primeira periodização aparece nas campanhas realizadas pelo PSB, a qual analisaremos a seguir.

A primeira mulher eleita para a Prefeitura de São Paulo foi/é uma expressão que acompanha Luíza. Ela deixou o PT, mas essa lembrança faria com que o partido sempre estivesse à sua volta. O convite para um Ministério em 1993 foi possibilitado pela visibilidade que ela construiu à frente da capital paulista, mas sua saída do partido não estava dada naquele momento, apesar da mídia explorar tal possibilidade. Da mesma forma, as tensões entre Erundina e seus companheiros não surgiram com a sua aproximação do Governo Federal, mas eram frutos de debates anteriores. Como analisamos no capítulo precedente, enquanto prefeita, Luíza teve que atender aos anseios de grupos internos do PT, o que provavelmente já era um problema quando ela foi vereadora e deputada estadual. Contudo, as memórias que foram gestadas após o seu mandato se restringiram, em geral, aos momentos de harmonia, silenciando os projetos frustrados e os conflitos internos. Luíza deixou o Partido dos Trabalhadores, mas parte da *coletividade* da agremiação não esqueceria dela. Da mesma maneira, a deputada seguiu próxima dos seus debates, vindo a se aproximar ou se distanciar da legenda em mais de um momento.

Deputada do PSB, mas ainda “prefeita”

Luíza elegeu-se deputada federal em 1998, após deixar o PT. Dois anos depois optou por candidatar-se mais uma vez para a prefeitura de São Paulo, agora pelo PSB e

¹²²³ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista estudos históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

tendo como vice o empresário Emerson Kapáz.¹²²⁴ Apesar de não citar o *antigo* partido, o *jingle* da campanha lembrou da sua trajetória como prefeita:

A gente tinha outro dia a dia
Muito mais dignidade,
Tinha paz e condução
A turma boa da periferia se juntava e construía,
Porque tinha mutirão
A gente era bem mais importante do que túnel e viaduto
E por isso pede bis
A gente tinha lá nossos problemas, mas também tinha respeito
E era muito mais feliz
Nossa cidade quer o povo lá em cima
Ai que saudade da Luíza heroína
Nossa cidade quer o povo lá em cima
Ai que saudade da Luíza Erundina¹²²⁵



Imagens da campanha eleitoral de Luíza Erundina (2000). PARTIDO Socialista Brasileiro. Jingle da campanha de Luíza Erundina. 2000. Youtube. Canal Rodrigo Mendonça. Coletânea de jingles eleitorais de Luiza Erundina (PT, PSB e PSOL) - 1988, 1996, 2000, 2004 e 2016. Postagem: 2 de março de 2020. (5 m 57 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=grl-yrFzaV0&t=182s> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.

A lembrança de uma gestão vitoriosa e saudosa é o foco da canção de 2000. Ao som de instrumentos de percussão e em ritmo de samba-enredo, ela tinha o objetivo de aproximar a candidata das periferias e colocá-la como alternativa ao seu antigo partido, encabeçado por Marta Suplicy, tida por vários segmentos sociais e políticos como elitista. Vale destacar que muito da imagem atribuída à candidata do PT vinha da mídia, a qual destacava a sua presença em jantares e eventos da elite, como atenta Catarina

¹²²⁴ Emerson Kapáz (1955 -) nasceu em São Paulo – SP e é filho de migrantes libaneses. Graduiu-se pela Universidade Presbiteriana Mackenzie em 1978. Tornou-se empresário e filiou-se ao PSDB em 1995. Foi deputado federal de 1999 a 2003 e deixou o partido em 2000, ingressando no PPS e tornando-se candidato a vice-prefeito na chapa de Luíza Erundina. Também foi cotado para compor a candidatura de Marta Suplicy nas eleições de 2008. (S/A. Emerson Kapáz. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/kapaz-emerson> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.).

¹²²⁵ PARTIDO Socialista Brasileiro. Jingle da campanha de Luíza Erundina. 2000. Youtube. Canal Rodrigo Mendonça. Coletânea de jingles eleitorais de Luiza Erundina (PT, PSB e PSOL) - 1988,1996,2000,2004 e 2016. Postagem: 2 de março de 2020. (5 m 57 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=grl-yrFzaV0&t=182s> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.

Corrêa, João Vinícius Marques e Pedro de Mesquita Santos. Eles, entretanto, mostram que tal representação também advinha de noções de gênero, as quais moldavam Marta Suplicy como um ideal estético de feminilidade, dissonante, porém, pelo seu comportamento *incisivo*.¹²²⁶ Nesse sentido, é interessante que a condição de mulher de Erundina não é colocada em questão no *jingle* acima, como o fora em campanhas anteriores (talvez porque sua imagem já estava de certa forma consolidada). Entre cortes de cenas com pessoas trabalhando, a candidata é filmada com o microfone na mão e em um comício, reforçando sua atividade política. Para além da proximidade com setores populares, a música se apropria do passado de Luíza para reelaborar e reforçar os seus capitais políticos. A associação com os trabalhadores apareceu igualmente na fala do jornalista Antônio Abujamra posteriormente:

– *Você continua achando que Marta Suplicy tem dificuldade para entender o povo?*

– Evidente, é uma questão de classe. Por mais que haja boa vontade, sensibilidade de querer se aproximar e representar aqueles que são de outra classe, a dificuldade é muito grande, porque você não viveu os problemas da fome, de morar em favela, de viver misturado com o esgoto, de não ter garantida uma escola de qualidade, próxima de casa, para o seu filho.

– *Viver no Nordeste...*

– Viver no Nordeste, migrar por conta da seca.¹²²⁷

Luíza entende que o pertencimento de classe é fundamental para entender as demandas populares. Como essa fala é posterior à campanha e se apoia na memória, não podemos tomá-la como uma representação fiel das suas impressões no momento daquela eleição (2000). Mesmo assim, temos como dizer que essa questão era utilizada por ela e pelo PSB para firmar posição como alternativa ao PT. A sua imagem possivelmente foi, inclusive, reelaborada a partir de suas observações sobre a gestão de Marta (2001 – 2005) e igualmente de suas candidaturas nos anos seguintes. Retornando às campanhas do PSB, o passado de Luíza no Serviço Social e nos movimentos da periferia foi, possivelmente, utilizada para atrair parte do eleitorado do PT. Outro fator, já utilizado por essa última agremiação, foi a experiência da personagem em um posto

¹²²⁶ CORRÊA, Catarina; MARQUES, João Vinícius; SANTOS, Pedro de Mesquita. Gênero e Política na Mídia Brasileira e o Caso de Marta Suplicy. *XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste*. Águas Claras – DF, 2014.

¹²²⁷ TV CULTURA. Programa Provocações. São Paulo, TV Cultura. 2010. Youtube. Canal Luíza Erundina. Postagem: 18 de outubro de 2011. (24 m 33 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oNqnEGYGHFk&t=422s> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.

de comando importante, estratégia que também foi acionada pelo PSB. Isso fica evidenciado no seguinte *jingle* da campanha de 2004:

São Paulo nunca se esquecerá
Que a luz de Luiza iluminará
Um tempo feliz tão bom para viver
Com trabalho e segurança para mim e para você
Com Erundina, assim será
E do lado do povo é onde ela está¹²²⁸

Devemos ficar atentos, como já insistimos diversas vezes ao longo da presente tese, aos interesses de quem conta uma vida, pois estes podem levar ao reforço ou silenciamento de fatos a fim de construir e gerir uma imagem. Os partidos pelos quais Erundina passou buscavam moldar a sua trajetória para atingir diferentes segmentos do eleitorado. Como analisado no terceiro capítulo, a sua atividade sindical e profissional foi utilizada para compor uma *persona* e ampliar capitais políticos. Porém, com uma carreira de mais de uma década e com uma representação consolidada, valia agora investir em um passado mais recente e afastar a candidata da ideia recorrente de que era radical. Assim, o mandato na Prefeitura trazia à tona uma lembrança positiva de Erundina. Seu antigo partido também se afastou dela, como era de se esperar, e passou a centrar-se na figura de Marta Suplicy, pois Luíza era agora sua concorrente.¹²²⁹ A reaproximação com a agremiação ocorreu em 2010, quando ela declarou apoio à candidata do PT à Presidência da República:

Dessa vez temos uma grande novidade que é a possibilidade real de eleger uma mulher como primeira presidenta do nosso país, Dilma Rousseff (...). Pela sua experiência administrativa, pela sua história política de compromisso com a democracia, a sua generosidade em se colocar a serviço das liberdades democráticas, além de uma larga experiência à frente de órgãos executivos estaduais e federais, certamente é a melhor candidata, o melhor nome para presidir o nosso país nos próximos quatro anos (...). Portanto, eu peço a você, eleitora e eleitor, uma reflexão profunda e uma decisão responsável no dia 3 de outubro, elegendo pela primeira vez uma mulher (...) que certamente vai nos honrar ao nos representar pela primeira vez à frente da presidência da República num país que tem mais de cinquenta por cento de (...) de eleitoras e nunca elegeu uma (...) presidenta (...). Pela primeira vez isso vai acontecer (...) para que possamos virar uma página da

¹²²⁸ PARTIDO Socialista Brasileiro. Jingle da campanha de Luíza Erundina. 2004. Youtube. Coletânea de jingles eleitorais de Luiza Erundina (PT, PSB e PSOL) - 1988, 1996, 2000, 2004 e 2016. Canal Rodrigo Mendonça. Postagem: 2 de março de 2020. (5 m 57 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gri-yrFzaV0&t=182s> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.

¹²²⁹ Sobre a construção da imagem de Marta Suplicy durante as eleições de 2000 cito também: ALVES, Mércia; LEÃO MARTINS, Joyce Miranda. A reinvenção da imagem pública de duas prefeitas candidatas: Luizianne Lins e Marta Suplicy no horário eleitoral. *Revista Compólitica*, v. 9, n. 3, 2019.

história do nosso país, colocando à frente do nosso governo (...), Dilma Rousseff (...).¹²³⁰

Seguindo a análise de Benito Schmidt, a eleição de Dilma Rousseff trouxe à tona disputas mnemônicas entre um passado de luta pela democracia e outro que reforçava a alcunha de terrorista delegada à candidata pelos órgãos de repressão. Se para o PT a candidata era uma heroína por resistir ao autoritarismo, a oposição alardeava o seu envolvimento em assaltos a bancos e outras atividades da luta armada.¹²³¹ Dentre imagens tão distintas, Luíza fez coro à militância petista e se apropriou da primeira memória para exaltar sua candidata à presidência. Ela também se identificou com Dilma pela condição de mulher de ambas e se voltou para o eleitorado feminino em busca de votos e com o objetivo de *conscientizá-lo* a respeito do combate às desigualdades. Em meio a esses debates, Luíza passou a se aproximar de pautas trazidas por grupos de mulheres. Como vimos no capítulo anterior, ela já havia formado uma equipe de assessoras feministas na prefeitura de São Paulo, a fim de discutir temas referentes às discriminações e à saúde das mulheres.¹²³² Mesmo assim, sua imagem como representante delas ganhou força posteriormente. Ao publicar um balanço de seu mandato em 2010, Luíza define a condição feminina como um dos eixos centrais do seu trabalho:

Em três mandatos de deputada federal, desde 1999, norteiei minha atuação pelo compromisso de fazer do mandato um instrumento a serviço da sociedade, do interesse público, da justiça social e do fortalecimento da democracia brasileira. Nesse período, apresentei vários Projetos de Lei e Propostas de Emenda à Constituição voltados aos direitos sociais e de cidadania de crianças e adolescentes; das mulheres; dos idosos, dos trabalhadores e trabalhadoras. Alguns foram aprovados e viraram leis. Outras iniciativas foram encaminhadas, com vistas a viabilizar a democracia participativa, e tramitam no Congresso Nacional (...) este relatório apresenta, a título de prestação de contas, algumas das principais realizações dos três mandatos de deputada federal que o povo de São Paulo nos confiou e a quem tivemos a honra e o privilégio de servir ao longo desses quase doze anos.¹²³³

¹²³⁰ SOUSA, Luíza Erundina de. Luíza Erundina manifesta seu apoio à Dilma. Youtube. Canal Luíza Erundina. Postagem: 29 de agosto de 2010. (2 m 59 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=up-qfxPiudg> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.

¹²³¹ SCHMIDT, Benito Bisso. É da época e de u": usos do passado nas narrativas sobre a participação de Dilma Rousseff na luta contra a ditadura civil-militar no Brasil. *Perseu: História, Memória e Política*, n. 07, 2011.

¹²³² DELGADO, Maria do Carmo Godinho. *Estrutura de Governo e Ação Política Feminista: A experiência do PT na Prefeitura de São Paulo*. São Paulo: Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

¹²³³ SOUSA, Luíza Erundina de. Apresentação da primeira edição (2010). In: SOUSA, Luíza Erundina de. Um mandato a serviço de São Paulo e do Brasil. Brasília: Escritório Político, 2015. p. 9 – 10.

Ao olhar para trás, Erundina percebe que atuara em sintonia com questões de gênero e classe (as primeiras foram inclusive elencadas como o tópico inicial da sua publicação). Ao principiar a explicação sobre a representatividade feminina, ela destaca a epígrafe atribuída a si mesma: “Não há democracia plena e consolidada enquanto as mulheres, mais de 50% da população e do eleitorado brasileiro, estiverem excluídas dos espaços de poder.”¹²³⁴ Essa percepção já havia sido utilizada em 1988 (em muito guiada pelo seu partido). Vale ressaltar ainda que nossa personagem seguiu se representando em 2015 como uma pessoa próxima dos movimentos populares. Com capitais e memórias consolidadas no decorrer do tempo, Luíza talvez não sentisse a necessidade de insistir, mais uma vez, no seu passado no interior paraibano, mas sim reforçar que, apesar de ter migrado de partido, ainda representaria os trabalhadores e moradores das periferias. Como um tipo de escrita autobiográfica, o material no qual o texto acima foi publicado serviria também para a construção de uma imagem de si para si e para os outros.¹²³⁵

Além do gênero, a democracia se tornou um tema recorrente na maneira como ela se posiciona enquanto parlamentar. Ao republicar sua prestação de contas em 2015, Erundina insere outros dois tópicos: “Memória, Verdade e Justiça” e “Justiça Fiscal.”¹²³⁶ Os demais debates e projetos foram elencados como *Outros* e incluem temáticas que transitam entre educação, transporte, habitação, cultura e saúde. No prefácio dessa republicação, ela escreve:

Em agosto de 2010, ao caminhar para o encerramento do meu terceiro mandato na Câmara dos Deputados, produzi um livreto (...), no qual procurei registrar e compartilhar as principais iniciativas no exercício do mandato parlamentar que orienta sua ação na ética e na defesa dos direitos humanos e sociais, especialmente dos segmentos mais fragilizados da sociedade brasileira. Um mandato político ancorado nos valores da democracia participativa lida com um conjunto razoavelmente expressivo de temas, todos eles merecedores da minha atenção e da equipe de assessoria. Certamente, não é possível registrar todas as ações parlamentares neste limitado espaço. Todavia, alguns desses temas acabam por dominar e concentrar as atenções, demandando maior dedicação do mandato, razão pela qual estruturei a primeira edição de modo a prestigiar tais eixos temáticos, quais sejam: 1 – Mulheres, Democracia e Cidadania; 2 – Reforma Política, Democracia e Cidadania; 3 – Direito à Comunicação.¹²³⁷

¹²³⁴ SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit, 2015. p. 11. O texto em questão faz parte de um livreto organizado nos seguintes tópicos: “Mulheres, Direito e Cidadania”; “Reforma Política, Democracia e Cidadania”; “Direito à Comunicação.” (Idem. p. 3).

¹²³⁵ POLLAK, Michael. Op Cit, 1992.

¹²³⁶ Idem. p. 4.

¹²³⁷ SOUSA, Luíza Erundina de. Apresentação da segunda edição (2015). In: Ibidem. p. 7.

Apesar desse livreto não ser uma autobiografia no sentido clássico, insisto que se trata de uma escrita de si de Luíza por servir como forma de interpretação de sua própria trajetória política. Como um *monumento*, o material teria ainda a intenção de registrar aquilo que seus organizadores consideraram pertinente para a manutenção de uma memória a respeito de uma trajetória de vida comprometida com a defesa das pessoas discriminadas.

Ao examinarmos esse momento da trajetória de Erundina, devemos ter em mente, mais uma vez, que os sujeitos não são plenamente coerentes ou homogêneos, embora, sobretudo no campo político, busquem reforçar essas ideias, e que ela seguiu a orientação do PSB para compor sua chapa nas eleições de 2000 e 2004. Como já apresentado nesta seção, Luíza teve Emerson Kapáz no posto de candidato à vice na sua chapa de 2000. Ele tinha proximidade com o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), além de ser representante do empresariado no Legislativo. Já em 2004 ela teve o deputado Michel Temer como parceiro, o qual era filiado ao PMDB, também tinha laços com a bancada do PSDB e auxiliou o governo de Fernando Henrique Cardoso quando foi presidente da Câmara dos Deputados. No pleito presidencial de 2014, Luíza chegou a apoiar Marina Silva¹²³⁸ e se tornou coordenadora da sua campanha, o que não deixou de ser explorado pela mídia:

O PSB informou na noite desta quinta-feira (21) que a ex-prefeita de São Paulo Luiza Erundina será a coordenadora-geral da campanha de Marina Silva à Presidência da República. Erundina assume a vaga no lugar de Carlos Siqueira, então coordenador da campanha de Eduardo Campos,¹²³⁹ que

¹²³⁸ Marina Osmarina da Silva (1958 -) nasceu em Rio Branco – AC e trabalhou com sua família como seringueira durante a juventude. Alfabetizou-se aos dezesseis anos de idade e graduou-se em História pela Universidade Federal do Acre (UFAC) no ano de 1984. Filiou-se ao PT em 1989 e se tornou deputada federal em 1991, permanecendo no cargo até 1995, quando passou para o Senado. Foi Ministra do Meio Ambiente do Presidente Lula entre 2003 e 2008. Migrou do PT para o PV em 2009 e para o PSB em 2013. No ano de 2015 fundou o partido Rede Sustentabilidade. Retirou-se do Senado em 2011 e foi candidata à Presidência da República em 2010, 2014 (após a morte de Eduardo Campos, até então cabeça de chapa) e 2018, mas não obteve êxito. (CÂNDIDO, Daniela; CARNEIRO, Alan; LAMARÃO, Luísa. Marina Osmarina da Silva. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/maria-osmarina-silva-de-sousa> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.).

¹²³⁹ Eduardo Henrique Accioly Campos (1965 – 2014) nasceu em Recife – PE, era neto de Miguel Arraes (1916 – 2005) e filho da ex-deputada federal Ana Lúcia Arraes. Formou-se em Ciências Econômicas pela UFPE e ingressou na carreira política por meio do capital político construído por sua família. Filiou-se ao PSB em 1990, foi deputado estadual de Pernambuco entre 1991 e 1995 e federal desse ano até 2007. Foi Ministro de Ciência e Tecnologia no governo do presidente Lula (2004 – 2005) e elegeu-se governador duas vezes seguidas (2006 e 2010). No ano de 2014 renunciou ao cargo para concorrer à Presidência da República pelo PSB, tendo Marina Silva como vice, mas faleceu no meio de sua campanha em um acidente aéreo na cidade de Santos – SP. (SETEMY, Adrianna; PINHEIRO, Luciana. Eduardo Campos. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em:

deixou o cargo após divergências com a nova candidata do partido à Presidência. Conforme explicou a assessoria do PSB, Erundina atuará em conjunto com o deputado licenciado Walter Feldman (SP), homem de confiança de Marina e que articulou a criação da Rede Sustentabilidade e será o coordenador-geral adjunto da campanha.¹²⁴⁰

Apesar de se tornar figura central na campanha do PSB em 2014, Luíza discordou do partido quando este declarou apoio ao PSDB no segundo turno. Pensando no excerto acima, podemos notar que o passado como prefeita seguiu constituindo uma imagem poderosa sobre a militante. Além do mais, vale salientar que Erundina não deixou de ganhar destaque na mídia, o que se deu pela visibilidade e capitais construídos no decorrer de sua trajetória. Tais fatores possibilitaram sua escolha para coordenar uma campanha para a presidência da República. Entre afastamentos e aproximações com o PT, ela foi convidada para ser vice na chapa de Fernando Haddad à prefeitura de São Paulo (2012), chamando a atenção da imprensa mais uma vez. A TV Gazeta fez uma reportagem a respeito do tema, na qual o jornalista Rafael Chinaglia disse:

O evento foi realizado neste salão de um hotel em São Paulo (...). O governador de Pernambuco, Eduardo Campos, que é também o presidente nacional do PSB, disse que essa é uma aliança para a vitória. Já Fernando Haddad (...) lembrou de quando Erundina foi prefeita da cidade de São Paulo, fez muitos elogios, mas quando eu perguntei se a candidatura era uma forma de compensar a pouca experiência dele nos encargos executivos, ele desconversou e voltou a elogiar Erundina dizendo que é muito importante para a campanha.¹²⁴¹

Luíza é apresentada como alguém experiente por sua passagem pela prefeitura e seu histórico no legislativo. Comparada com seu parceiro de chapa, o fator etário é utilizado para diferenciá-los, o que tinha a intenção de desqualificar o candidato do PT, definindo-o como inexperiente. As expectativas colocadas sobre a chapa se apoiavam no capital político de Erundina e na popularidade do PT, o qual contava com uma base eleitoral expressiva naqueles anos. Na sequência, uma narradora *em off* expõe os detalhes do evento:

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eduardo-henrique-acioli-campos>

Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.)

¹²⁴⁰ MATOSO, Filipe. PSB escolhe Luiza Erundina para coordenar campanha de Marina Silva. G1, 21 ~de agosto de 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/08/psb-escolhe-luiza-erundina-para-coordenar-campanha-de-marina-silva.html> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.

¹²⁴¹ TV GAZETA. Jornal da Gazeta. 2012. Youtube. Canal Jornal da Gazeta. Erundina será vice de Haddad. Postagem: 15 de junho de 2012. (3 m 35 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=elxrK0YtFOY> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.

No discurso, a deputada federal Luíza Erundina, do PSB, prometeu atrair o apoio da senadora Marta Suplicy para a campanha. Desde que foi preterida pelo PT na disputa pelo cargo, Marta não tem feito qualquer sinal de empenho na pré-campanha de Fernando Haddad (...). Erundina foi prefeita de São Paulo de 1989 até 1992, pelo PT, mas saiu da legenda em 1997, após divergências com o partido. Ela saiu do PT, porque assumiu o Ministério da Administração no governo Itamar Franco. O PT era contra. Desde então, ela está no PSB, onde foi eleita deputada federal por vários mandatos.¹²⁴²

Em meio a crises, Erundina surge como conciliadora e articuladora política. A ideia da chapa era de unir pontos em comum para absorver diferentes bases eleitorais. Por outro lado, os jornalistas da imprensa comercial buscaram explorar conflitos e questionaram a deputada sobre a possibilidade do apoio de Paulo Maluf (até então não oficializado). Ela respondeu: “Ele não vai fazer gestão nenhuma (...). Ele não vai ser o prefeito ou vice-prefeito. O prefeito é o Haddad e a vice sou eu. Quem vai governar conosco é o povo organizado.”¹²⁴³ A matéria expõe a imagem deles sentados lado-a-lado, reafirmando que, apesar das diferenças, estariam unidos. Poucos dias depois, Erundina declinou da candidatura, pois a aliança com o Partido Progressista (PP) foi confirmada. Insisto, mais uma vez, que os sujeitos não são coerentes ou guiados por uma linha contínua e homogênea.¹²⁴⁴ Assim, Luíza buscou, num primeiro momento, conciliar divergências, voltando-se para o seu eleitorado a fim de reafirmar sua identificação com setores populares e pautas de esquerda, mesmo estando em uma legenda ligada à elite econômica.

Vale salientar também que os sujeitos agem por impulsos e sentimentos. Desse modo, se, em um primeiro momento, nossa personagem se sentiu confortável em aceitar a proposta do PT, logo em seguida entendeu que não era uma opção adequada, pois a aliança com o PP feria a sua imagem. Em parte, essa decisão pode ter sido tomada devido às angústias que vinham à mente de Luíza ao lembrar dos ataques sofridos durante a campanha de 1988, das suas frustrações com a não continuidade da proposta inicial do PT e da associação de Maluf ao regime autoritário que tanto a afligiu antes e depois de migrar definitivamente para São Paulo. Essas explicações, porém, são hipóteses que levantamos ao observarmos as escritas de si e as experiências dessa militante. Uma possibilidade que também é plausível é a necessidade da gestão de sua

¹²⁴² Idem.

¹²⁴³ Ibidem.

¹²⁴⁴ BOURDIEU, Pierre. Op Cit, 2015.

autoimagem, o que influiria nos passos escolhidos pela deputada naquela e em outras ocasiões.



Imagens da reportagem sobre a aliança entre o PSB e o PT. (TV GAZETA. Jornal da Gazeta. 2012. Youtube. Canal Jornal da Gazeta. Erundina será vice de Haddad. Postagem: 15 de junho de 2012. (3 m 35 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eIxrKOYtF0Y> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.

Durante seu mandato de deputada, Luíza pôde reelaborar seus pontos de vista e ter contato com outros projetos e referências. Assim, passou a reforçar sua identificação com os movimentos e pautas de mulheres, bem como com grupos que ganhavam visibilidade naqueles anos (como o movimento LGBT). Essa maneira de interpretar a si e o seu entorno não era original, no sentido de *dado desde a origem*, mas foi construído em diferentes momentos a partir da relação estabelecida com debates e pontos de vista distintos. Em meio àquilo que ela via em si e o que as pessoas nela enxergavam, fico com a visão e o questionamento de Antônio Abujamra e a resposta de Luíza:

– *Numa cidade que já esteve nas mãos do adhemarismo, do janismo e do malufismo, só um prefeito foi condenado pela justiça a devolver dinheiro aos cofres públicos. Roubo? Não, desrespeito à Constituição. Quem era esse prefeito? Era uma mulher. Uma mulher migrante nordestina. Parece que saiu do poder mais pobre do que entrou. Teve seus últimos bens penhorados: um carro velho e um apartamento de oitenta metros quadrados. E com a ajuda de amigos, conseguiu pagar a dívida vinte e um anos depois. (...)*

– *Luíza Erundina, ligada ao Partido Socialista Brasileiro, PSB. Quantos socialistas tem no PSB?*

– *Muito poucos, Abujamra. Porque ser socialista é mais do que pregar um modelo de Estado, um modelo de economia ou um modelo de organização da sociedade. Ser socialista é ter uma vida baseada em preceitos (...) de solidariedade, de luta por justiça, por igualdade (...), contra todo tipo de discriminação e lutar por direitos iguais de homens e mulheres, negros e brancos, nos espaços de poder.*¹²⁴⁵

Apesar de notar diferenças entre si e seu partido, Luíza reafirma seus pertencimentos e busca se colocar como um sujeito coerente. A ideia do apresentador

¹²⁴⁵ TV CULTURA. Programa Provocações. São Paulo, TV Cultura. 2010. Youtube. Canal Luíza Erundina. Postagem: 18 de outubro de 2011. (24 m 33 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oNqnEGYGHfK&t=422s> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.

era ironizar o fato dela pertencer a uma agremiação vista como não tão marxista quanto o PT. Entretanto, de acordo com Margarida Luiza de Matos Vieira, o Partido Socialista Brasileiro foi criado por militantes que se identificavam com as teses de Marx e que se afirmavam como esquerda frente a outras agremiações.¹²⁴⁶ Seja como for, não há como negar esse passado na simbologia da agremiação, a qual surge na fala de Erundina apesar dos questionamentos. Como o próprio nome do programa diz, ela foi *provocada* em relação às suas posturas, ao seu passado e aos projetos realizados (ou não).

Outro ponto a se ressaltar: apesar da origem regional ter perdido espaço nos materiais de campanha do PSB, a memória coletiva sobre Luíza seguia reforçando sua nordestinidade. Essa perspectiva voltou a ganhar espaço quando ela se tornou candidata à prefeita pelo PSOL, em 2016, questão essa que será melhor abordada na seção a seguir. Antes de passarmos para essa análise, devemos insistir que a memória não é uníssona. Se para a mídia Luíza foi, alternada ou simultaneamente, radical, intransigente ou mediadora, para seu partido ela era popular, experiente e confiável. Já parte da população de São Paulo não havia esquecido da sua gestão, e sonhava com sua volta ao executivo municipal.

Enraizando-se no PSOL

Em janeiro de 2016, Luíza participou da fundação de um novo partido no Fórum Social Mundial de Porto Alegre. Tratava-se do *Raiz Movimento Cidadanista*, o qual se pautava pela retórica da renovação política e que já vinha sendo arquitetado há alguns anos, o que não passou despercebido pela imprensa:

Coordenadora-geral da campanha de Marina Silva à Presidência em 2014, (...) a deputada federal e ex-prefeita de São Paulo Luiza Erundina (PSB-SP) vai comandar no dia 22 de janeiro a plenária de fundação do seu próprio partido, a Raiz Movimento Cidadanista (...). A deputada diz que foi isolada pelo PSB depois do primeiro turno das eleições presidenciais no ano passado (...). "Fui isolada na bancada. Votaram contra meu nome na comissão que analisará o pedido de impeachment. Não sou mais alinhada com o PSB. Isso me constrange, pois sou uma pessoa de partido", afirma a deputada (...). O novo partido, que já se manifestou oficialmente contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff, pretende ocupar um vácuo criado no eleitorado

¹²⁴⁶ VIEIRA, Margarida Luiza de Matos. Op Cit, 2007.

que tradicionalmente votava no PT. "Somos contra o impeachment, mas temos críticas profundas ao governo Dilma", diz Erundina.¹²⁴⁷

O Raiz criticava o modelo político vigente para se legitimar. Em um evento, a deputada chegou a dizer que “o que está esgotado, exaurido, é o modelo de Estado brasileiro.”¹²⁴⁸ Tal ponto de vista não era original, mas apoiava-se nos programas de agremiações europeias, como o Podemos, da Espanha, e o Syriza, da Grécia. De acordo com Erick Roza,¹²⁴⁹ o Raiz parte desses exemplos para defender a horizontalidade partidária, rejeitando assim o personalismo atribuído à *política tradicional*. Ele também diz que esses movimentos (chamados de *netativistas*) se apoiam numa imagem juvenil, a qual seria uma estratégia para se legitimar como uma alternativa às demais legendas. Tais referências influíram na maneira como Erundina se posicionou. Nos debates das eleições municipais de 2016, ela rebateu uma colocação do candidato do PSDB falando: “Você disse que sou ultrapassada, mas você é tão velho quanto qualquer outro político velho do país. É candidato em troca do uso da máquina do Estado ao seu favor. Sua novidade na política está muito a desejar.”¹²⁵⁰

Quando Luíza disse essa frase, o Raiz já havia sido incorporado ao PSOL. Ela seguiu o mesmo caminho. Se, por um lado, a idade foi utilizada para questionar a originalidade de sua candidatura e de seus projetos, por outro, a militância psolista passou a gestar uma memória que a representasse como alguém atenta à juventude. Quando rebateu a colocação do candidato do PSDB (em muito apoiada na ideia do *novo*), Luíza reforçou essa imagem e distanciou-se do que entendia como a *velha* política. Entretanto, devemos lembrar que setores da direita também se apoiaram nessa estratégia para construir suas pautas. Observando talvez esse problema, a deputada

¹²⁴⁷ S/A. Erundina vai fundar seu partido: A Raiz. Conteúdo Estadão. UOL. 29 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/12/29/erundina-vai-fundar-seu-partido-a-raiz.htm> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

¹²⁴⁸ SOUSA, Luíza Erundina de. Fala durante o lançamento da Carta Cidadanista. 2015. Youtube. Canal Luíza Erundina. Vídeo 3. Raiz Movimento: Lançamento da Carta Cidadanista. Postagem: 1 de abril de 2015. (9 m 49 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S82Dzwvf8c8> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

¹²⁴⁹ ROZA, Erick. Transformações e permanências no netativismo: o exemplo do Raiz Movimento Cidadanista. IX *Simpósio Nacional ABCiber*. São Paulo: PUC-SP, 2016. Disponível em: http://abciber.org.br/anaiseletronicos/wp-content/uploads/2016/trabalhos/transformacoes_e_permanencias_no_netativismo_o_exemplo_do_raiz_movimento_cidadanista_erick_andre_roza.pdf Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

¹²⁵⁰ S/A. No 4º bloco de debate, Erundina retoma ataques a Doria e discute com Marta. Conteúdo Estadão. A Tarde. UOL. 30 de setembro de 2016. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/politica/noticias/1805329-no-4o-bloco-de-debate-erundina-retoma-ataques-a-doria-e-discute-com-marta> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

firma posição ao colocar-se como socialista. Durante a campanha de 2016, o PSOL produziu um vídeo no qual retoma esses e outros traços. Nele, a candidata apresenta sua casa e narra:

Quando a gente estava arribando, saindo da cidadezinha de madrugada, havia aqueles animais, uns dois, e eles punham aqueles caçuaís (...). Eu me lembro do sol (...), era uma coisa terrível. Um calor, um sofrimento. Eu engolia o choro para não mostrar que eu estava sofrendo, porque eu percebia que a barra dos meus pais, dos adultos, já era muito pesada. Muito cedo eu descobri que aquela realidade não era (...) justa (). Eu somo vários traços em mim que () explicam a força do preconceito, [como] eu ousar ser prefeita de São Paulo. Veja bem: mulher, nordestina, de origem pobre. Foi uma aventura dentro do próprio partido (...). Nenhum cacique () era a favor da minha pré-candidatura (). O fato é que no dia da eleição o jogo virou. Quando veio a notícia da pesquisa de boca de urna, eu estava em primeiro lugar. Aí eu, Suplicy e Genoíno celebramos com um copo de caldo de cana, numa banquinha (...) lá na Freguesia do Ó. () foi o poder popular que sustentou o nosso governo. (...) [Aquele partido] que só conta com a base congressual () se submete à lógica do fisiologismo, do clientelismo, da promiscuidade entre os poderes. Se é para fazer assim, a direita vai melhor do que nós () A governabilidade quem dá é o povo.¹²⁵¹

O PSOL retoma o passado de Luíza para apresentar sua candidatura à prefeitura de São Paulo. A escolha certamente não se deu apenas pela sua atuação parlamentar, mas também por ela já ter governado a capital paulista e ter ganhado visibilidade com essa gestão. Apesar de atender aos anseios do partido e do seu eleitorado, as lembranças evocadas no vídeo estão ancoradas na perspectiva da candidata, a qual solidifica suas identidades de classe, origem e gênero. Essa memória não desapareceu enquanto Erundina atuou no PSB, mas foi silenciada (em grande parte) para que ela pudesse se definir mais como gestora do que como militante. Diferente daquela agremiação, os psolistas retomam a trajetória no PT, mas não deixam de apontar suas críticas a ele. Da mesma maneira, eles se apropriam da reforma política para criticar o jogo de alianças em vigor e se colocar como um grupo amparado pela vontade popular.

Erundina não deixa de se apresentar como alguém livre de contradições. Para tanto, ela expõe a simplicidade de seu apartamento, a falta de recursos para realizar suas campanhas e os conflitos que enfrentou. Essa perspectiva é reforçada pelo vídeo, o qual expõe fotografias e partes de sua moradia. Finalizando a mensagem, Luíza apresenta sua afinidade com o PSOL e diz que o escolheu, pois “é um partido que tem identidade (), que tem coerência, (...) que tem projeto, que sonha, () que tem militância em todos os

¹²⁵¹ PARTIDO Socialismo e Liberdade. A mulher que veio com a chuva. 2016. Youtube. Canal Luíza Erundina. Postagem: 19 de agosto de 2016. (10 mins). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A3sqrys9ZHY> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

recantos, que tem uma bancada pequena, mas que faz uma diferença enorme no Congresso.”¹²⁵²



Imagens que compõem o vídeo produzido pelo PSOL para a campanha de 2016. As duas primeiras são da casa de Luíza e as seguintes são de seu arquivo pessoal e dizem respeito à sua militância política. (PARTIDO Socialismo e Liberdade. A mulher que veio com a chuva. 2016. Youtube. Canal Luíza Erundina. Postagem: 19 de agosto de 2016. (10 mins). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A3sqrys9ZHY> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.)

O novo partido de Erundina foi criado em 2004 por um grupo de parlamentares descontentes com as mudanças ocorridas no PT após ele chegar ao poder. De acordo com Heythor Santana de Oliveira, o PSOL foi fundado por militantes ligados a tendências *mais à esquerda* do PT. Ele escreve que tais grupos se desligaram do partido, mas herdaram parte de sua estrutura organizacional (como a divisão por correntes e as eleições diretas para suas lideranças). Oliveira também mostra que os conflitos gerados pelas denúncias de 2005 fizeram com que mais pessoas migrassem do Partido dos Trabalhadores para a agremiação, fortalecendo a sua imagem de opositora à esquerda do governo.¹²⁵³

Assim como grande parte dos seus companheiros, a deputada tinha ressentimentos com o PT, o que pode ter alimentado a sua identificação com a legenda e serviria igualmente para moldar a sua campanha. Como já afirmado nesta seção, Erundina ingressou no PSOL doze anos após sua fundação e com uma memória e

¹²⁵² PARTIDO Socialismo e Liberdade. A mulher que veio com a chuva. 2016. Youtube. Canal Luíza Erundina. Postagem: 19 de agosto de 2016. (10 mins). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A3sqrys9ZHY> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

¹²⁵³ OLIVEIRA, Heythor Santana de. *PSOL – Relação da origem no desenvolvimento de sua organização, participação eleitoral e atuação parlamentar*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2017. p. 29 – 46.

capitais políticos consolidados, o que não deixou de ser explorado pelos seus companheiros nos *jingles* daquele ano:

Erundina vai
Cuidar de São Paulo, do centro e do bairro e da periferia
Erundina tem
História de vida que é puro trabalho, respeito e energia
Erundina vai
Saber o que é direito, já fez e bem feito, não dá para esquecer
Erundina é
Votar coerente o voto decente, como tem que ser (Bis)¹²⁵⁴

O passado como prefeita não deixa de surgir na campanha do PSOL e, assim como no vídeo em que ela narra a sua vida, a classe se torna o centro da campanha. Como analisado em outros capítulos desta tese, Luíza constrói uma linha temporal homogênea para sua vida com o intuito de apresentar os caminhos trilhados e os projetos realizados (ou não). Atenta a essa narrativa, a militância apoia-se em sua memória pessoal para reforçar a imagem da candidata e fortalecer os capitais políticos que ela tinha entre grupos populares e de esquerda. Outro fator igualmente importante para a reelaboração da sua imagem é o apelo aos jovens, parcela expressiva do eleitorado do PSOL. Em uma canção é dito:

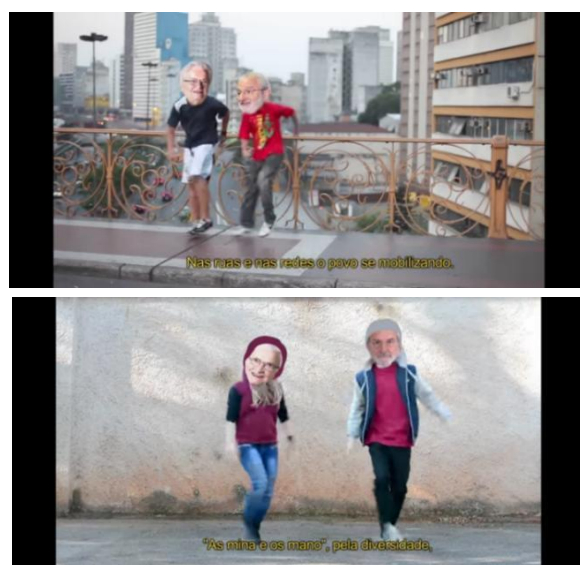
O primeiro turno, vem, já tá chegando.
Vamos juntos, vem, já tá chegando.
Vem com a Erundina, se multiplicando.
Nas ruas e nas redes o povo se mobilizando.
A periferia vai com a Erundina.
Direitos Humanos é com a Erundina.
“As *mina* e os *mano*”, pela diversidade,
Vão com a Erundina *pra* mudar essa cidade.
Passe Livre é com a Erundina.
Fora Temer é com a Erundina.
A educação é com a Erundina.
E *pra* votar nela chega mais que a gente ensina.
Cinco, zero Vota na Erundina.
Dois de outubro..... Vota na Erundina.
No primeiro turno, o povo avisa..
Vem com o PSOL que a prefeita é a Luíza.¹²⁵⁵

Dialogando com o eleitorado jovem, a música não trata do passado de Luíza na prefeitura. Pelo contrário, volta-se para o presente, reafirma o apoio às pautas de gênero,

¹²⁵⁴ PARTIDO Socialismo e Liberdade. Jingle eleitoral de Luíza Erundina. 2016. Youtube. Canal Rodrigo Mendonça. Coletânea de jingles eleitorais de Luíza Erundina (PT,PSB e PSOL) - 1988, 1996, 2000, 2004 e 2016. Postagem: 2 de março de 2020. (5 m 57 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=grl-yrFzaV0&t=182s> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

¹²⁵⁵ PARTIDO Socialismo e Liberdade. Baile da Erundina. 2016. Youtube. Canal Molotov Filmes. Postagem: 27 de setembro de 2016. (1 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i5ZNAwJsXNs> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

juventude e direitos humanos, além de retomar a sua proximidade com as periferias. A música busca chamar a atenção desse público por meio do *funk*, rompendo com representações de juventude niveladas pela classe média. As imagens que complementam o *jingle* são montagens com os rostos de Erundina e seu vice, Ivan Valente.¹²⁵⁶ Sobrepostos a corpos *jovens*, os candidatos dançam de acordo com a canção. Tal representação contrasta com os estereótipos atribuídos aos idosos, pois aproxima a dupla da atividade física e dos espaços públicos, rebatendo possíveis desconfiâncias em relação à idade.¹²⁵⁷



Cenas de um dos programas eleitorais de Luíza Erundina (2016). (PARTIDO Socialismo e Liberdade. Baile da Erundina. 2016. Youtube. Canal Molotov Filmes. Postagem: 27 de setembro de 2016. (1 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j5ZNAwJsXNs> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.)

Vale salientar que a campanha se utilizou dos meios digitais para alcançar seu eleitorado (a própria postagem do vídeo numa plataforma digital fazia com que o público se deslocasse da televisão para os computadores e celulares). De acordo com Erick Roza,¹²⁵⁸ os movimentos políticos *netativistas* utilizam os meios digitais como ferramenta de mobilização e se apropriam deles para se apresentar como agremiações juvenis. Como apontado anteriormente, tal conceito diz respeito aos agrupamentos

¹²⁵⁶ Ivan Valente (1946 -) nasceu em São Paulo – SP e graduou-se em Engenharia. Militou no movimento estudantil e em sindicatos. Participou da fundação do PT em 1980 e se tornou deputado estadual no ano de 1987, vindo a participar dos trabalhos da Constituinte estadual paulista. Deixou o posto em 1995 ao ingressar na Câmara Federal e deixou o Partido dos Trabalhadores em 2005, quando filiou-se ao PSOL. Foi presidente nacional desse partido de 2011 a 2013 e segue atuando como deputado federal. (CÂNDIDO, Daniela; COSTA, Marcelo; TEDESCHI, Harriete. Ivan Valente. Verbetes. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/valente-ivan> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.)

¹²⁵⁷ BEZERRA, Ada Kesea Guedes. Op Cit, 2006.

¹²⁵⁸ ROZA, Erick. Op Cit, 2016.

políticos e sociais criados na virada do século XX para o XXI, os quais tem a característica comum de se utilizar das redes sociais para divulgar suas ideias e angariar membros. A palavra em questão (*netativista*) une os termos ativismo e internet, considerando esta como o novo campo de atuação. O autor utiliza-se desse argumento para analisar a criação do Raiz de Erundina, mas não podemos negar que o PSOL absorveu muito dessa sua proposta após o fortalecimento do campo digital como arena de disputa política.

Outro fato retomado por Luíza e pelo PSOL foi a sua atuação nos movimentos que lutavam por democracia durante a ditadura civil-militar brasileira. Como observamos no capítulo anterior, Erundina já se identificava com as vítimas do regime quando era prefeita. Tal pertencimento foi moldado pela sua experiência pessoal com a opressão política, além do compartilhamento posterior de memórias com pessoas que tiveram vivências semelhantes às suas. Nas disputas pelo passado, a deputada se unia aos perseguidos, o que acabou se solidificando na sua escrita de si. Essa imagem reapareceu no dia em que a Câmara dos Deputados votava a cassação do mandato da presidenta Dilma Rousseff. Opondo-se ao seu impedimento, Luíza disse: “Por aqueles que deram a vida pela democracia no Brasil e pelo empoderamento das mulheres, meu voto é não.”¹²⁵⁹

A questão do gênero não deixou de aparecer em sua fala. Como fez em 2010 ao apoiar o PT, ela partiu de suas experiências enquanto mulher para se identificar com a governante e compreender a necessidade de mantê-la no cargo. De acordo com Clara Araújo, a representação simbólica desenrolada pela campanha de Dilma fez com que muitas mulheres passassem a ver a possibilidade da sua eleição como um sinal de que também poderiam ascender politicamente e dar visibilidade às suas próprias demandas.¹²⁶⁰ Já Flávia Biroli mostra que a misoginia motivou a cassação de Dilma, pois parte das críticas a ela realizadas se apoiou em noções de gênero.¹²⁶¹ Pensando nesse mesmo problema, Luíza se solidariza com a governante e ressalta que a resistência ao seu impedimento seria uma maneira de também lutar contra o machismo.

¹²⁵⁹ SOUSA, Luíza Erundina de. Voto (2016). Youtube. Canal PSOL Ceará. PSOL vota não na farsa do impeachment. Postagem: 18 de abril de 2016. (4 m 44 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K2GK0-N9luY> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

¹²⁶⁰ ARAÚJO, Clara. Incongruências e dubiedades, deslegitimação e legitimação: o golpe contra Dilma Rousseff. In: RUBIM, Linda; ARGOLO, Fernanda (orgs.). *O Golpe na perspectiva de Gênero*. Coleção Cult. Salvador: Edufba, 2018. p. 35.

¹²⁶¹ BIROLI, Flávia. Uma mulher foi deposta: sexismo, misoginia e violência política. In: RUBIM, Linda; ARGOLO, Fernanda (orgs.). Op Cit, 2018.

Contudo, os grupos sociais não se enquadram em *modelos ideais* ou *essenciais* e, apesar de termos o apoio de Luíza e de outras mulheres a Dilma, nem todas se identificavam com a presidenta, e muitas (como parlamentares e juristas) também apoiaram a sua deposição.

Naqueles dias, Erundina comungou das narrativas que estabeleciam uma ponte entre 1964 e 2016. O PSOL não deixou de compartilhar desse ponto de vista, o que inclusive é mencionado no *jingle* de 2016 com a campanha pelo *Fora Temer*. Escrevendo enquanto os eventos se sucediam, Carol Proner diz que o uso do termo *golpe* se ampara não apenas na ideia de uma ruptura constitucional com o aval dos militares, mas também nas quedas recentes de governos eleitos pelo povo por meio de articulações jurídico-parlamentares.¹²⁶² Assim, entendia-se que a democracia brasileira estava sob ameaça, o que contrastava com uma postura oposta, a qual defendia que o governo de Dilma era responsável pela crise que se desenrolava naqueles anos.¹²⁶³ Luíza apoiou a resistência ao golpe em outros momentos, como ao se juntar a um grupo de deputadas, retirar o presidente da Câmara (apoiador e articulador desse processo) de sua cadeira e defender a cassação do seu mandato. Aquele ato foi costurado por uma série de simbolismos que iam desde o problema da ausência feminina em postos de comando até o arbítrio e a ilegitimidade do mandatário da casa. Erundina sentou-se ao centro, encabeçando os trabalhos e reafirmando assim a sua combatividade.

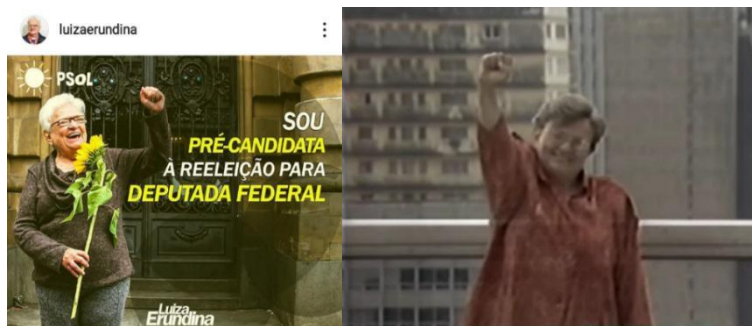


Luíza Erundina ocupa a tribuna da Câmara dos Deputados. MARQUES, Alan. Folhapress. 2016. In: FRANCO, Bernardo Mello. A lição de Erundina ao STF. Folha Online. 29 de abril de 2016. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/colunas/bernardomellofranco/2016/04/1765927-a-licao-de-erundina-ao-stf.shtml> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

¹²⁶² Carol Proner usa como exemplo o caso do presidente de Honduras, Manuel Zelaya, derrubado em 2009 a partir de uma série de acusações realizadas pelo Judiciário e a oposição parlamentar, e o do paraguaio Fernando Lugo, destituído em 2012 pelo Congresso com o aval da Suprema Corte. (PRONER, Carol. Op Cit, 2016. p. 58 – 59).

¹²⁶³ MOTTA, Rodrigo Pato Sá. Op Cit, 2018.

O fato se tornou constituinte da imagem recente da deputada, mas não podemos tomá-lo como fora de contexto e deslocado da sua trajetória mais ampla. Lembrando que aquele acontecimento foi apropriado por ela e seu partido, a imagem cristaliza a lembrança de Erundina como a mulher idosa combativa que rompe com expectativas e barreiras. Se, por um lado, a atuação no Serviço Social, por exemplo, perde espaço na memória coletiva, por outro, lembra-se da sua proximidade com movimentos populares, de sua origem sertaneja e, principalmente em São Paulo, de sua gestão à frente da prefeitura. Somando todos esses atributos, o PSOL buscou uma lembrança vitoriosa de sua candidata para as eleições de 2018¹²⁶⁴ e fotografou Luíza em frente ao Teatro Municipal com um girassol na mão direita (símbolo do partido), sorridente e com o braço esquerdo estendido (um ícone das esquerdas). A referência talvez viesse de uma outra imagem no topo de um edifício da Avenida Paulista em 1988, uma recordação daquela campanha vitoriosa. Se sim ou se não, não nos é possível afirmar com certeza, mas podemos sim enfatizar que seu passado como prefeita bem-sucedida seguiu (e segue) sendo utilizado para compor a sua imagem. Luíza Erundina de Sousa não era mais governante da cidade, mas assim permanece nos corações e nas mentes de muitas (os) das (os) suas (seus) seguidoras (es).



Primeira imagem: Divulgação da pré-candidatura de Luíza Erundina ao cargo de deputada federal. (SOUSA, Luíza Erundina de. Fotografia. (2018). Instagram. Perfil de Luíza Erundina. Disponível em: <https://www.instagram.com/luizaerundina/?hl=pt-br> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.)

Segunda imagem: Erundina posa para fotos após sua eleição para a prefeitura de São Paulo (1988). (REDE Globo de Televisão. Globo Repórter. 18 de novembro de 1988. Canal Pedro Janov. Globo Repórter: Erundina, a nova prefeita de SP. 27 de agosto de 2015. (42 m 10 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hw0yXzgW_HY&t=1288s Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.)

Pensando em quem mais trabalha: o MCV e a tecnologia na memória de uma “eterna militante”

¹²⁶⁴ Luíza Erundina reelegeu-se deputada federal pelo PSOL em 2018. Ela obteve 176883 votos (S/A. Eleições 2018. Luíza Erundina, 5021 PSOL. Estadão Política. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/eleicoes/2018/candidatos/sp/deputado-federal/luiza-erundina,5021> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.)

Entre as lutas populares e o desenvolvimento tecnológico: projetos divergentes?

Irma Passoni vinha se debruçando sobre o tema da Ciência e Tecnologia desde o seu último mandato como deputada federal (1991 – 1995), demanda essa que não deixou de sofrer a resistência de parte da militância do PT e que culminou no seu *desligamento* da legenda em 1995. Em uma entrevista concedida a Marieta de Moraes Ferreira e Alexandre Fortes (2006), ela recorda daqueles dias e chega a dizer o seguinte:

– Quando eu não fui reeleita, o pessoal do Sindicato dos Trabalhadores em Telecomunicações [Sinttel] e da Federação Nacional dos Jornalistas [Fenaj], pediu que eu continuasse atuando para regular esses serviços (...). Não era mais a luta pela terra, da indústria, era a disputa pelo conhecimento. Mas como dizer isso na época da eleição? Como transformar esta questão em política pública? (...) A Igreja dizia que você não podia fazer Ciência e Tecnologia, porque gerava desemprego. No PT, a gente nunca conseguia desenvolver muito bem esse debate...

– *E como foi para você sair do PT?*

– Ah, foi horrível. Eu falei com a direção nacional, eles disseram: “Você só pode ir para o governo Fernando Henrique se tirar licença”. Aí eu discuti com o Lula, e ele falou: “Então, você tira a licença e, quando você voltar, a gente te filia outra vez”. Fui lá para uma tarefa específica, não é? E, ao mesmo tempo, eu precisava trabalhar. Eu não tinha construído nenhuma infraestrutura para a minha vida. E eu também acreditava que a questão das comunicações precisava ser enfrentada.¹²⁶⁵

Irma se tornou assessora especial do Ministério das Comunicações no início de 1995, mas recorda daqueles dias com angústia, pois entende que seu ingresso no governo lhe trouxe importantes desavenças com a agremiação política que ajudou a criar. Devido à oposição desta ao seu ingresso naquele órgão e os desgastes correlatos, Passoni decidiu se licenciar do PT e filiar-se ao PPS, como dito no capítulo anterior. Apesar dos pesares, ela não deixa de lembrar que a sua atuação foi reconhecida e legitimada pelos profissionais da área. Sendo assim, ela ressalta o seu compromisso com setores populares e diz que não havia deixado o PT por mero capricho ou vaidade, mas que este não havia compreendido os seus planos. Sua fala se aproxima daquela de Luíza Erundina, na medida em que parte de uma interpretação comum para explicar suas motivações. Vale lembrar que ambas buscam reforçar e gerir seus capitais políticos, expondo certos atributos e ao mesmo tempo eximindo-se de alguns fatos, a fim de interpretar mudanças de rota em suas carreiras.

¹²⁶⁵ PASSONI, Irma. Op Cit, 2008. p. 325 – 326.

A construção da autoimagem de Irma passa pela sua militância junto aos movimentos da periferia e pelos projetos em prol da comunicação, o que analisaremos mais adiante. No caso do relato acima, ele foi realizado anos depois dos fatos narrados e atendia às necessidades do Partido dos Trabalhadores (promotor do livro de entrevistas). A gestação de uma nova memória sobre Passoni, contudo, já ocorria anos antes, como, por exemplo, no momento em que a ex-parlamentar ingressou no Ministério das Comunicações (1995). Em uma matéria da *Folha de São Paulo* foi escrito:

A ex-deputada Irma Passoni (PT-SP) assumirá na próxima segunda-feira o cargo de assessora especial do Ministério das Comunicações. Para aceitar ao convite do ministro Sérgio Motta, Irma teve de encaminhar um pedido de licença ao PT, que não concordou com sua adesão ao governo. Fundadora do PT, a ex-deputada disse estar “magoada” com a decisão do partido: “Tive que optar entre ficar no PT ou desempenhar uma função de cidadania”. Com discurso conciliador, ela já se esforça para vencer as resistências dos líderes petelistas à sua nomeação: “O PFL também tem contribuições a dar na questão das telecomunicações”, afirmou. Irma comparou sua situação com a da ex-prefeita Luíza Erundina, que foi punida pelo PT quando aceitou ocupar a Secretaria da Administração Federal no governo Itamar Franco. “Erundina foi segregada no partido”, afirmou.¹²⁶⁶

Para a *Folha*, Irma era a fundadora do PT decepcionada com o seu partido. Esse tom de crítica não era uma novidade, pois surgiu outras vezes, como no caso de Erundina. O jornal partia dessa ideia para dizer que a militante se afastou dos seus companheiros para poder entrar em um espaço gerido, em termos amplos, por referenciais opostos aos propalados pelo PT, no caso, a pauta neoliberal do governo FHC. Irma procurou explicar essa mudança afirmando, em termos mais neutros, que iria “desempenhar uma função de cidadania”. O periódico também reforça que a agremiação perseguia membros dissonantes, certamente para ressaltar a ideia de que a militância petista era autoritária. Apesar dos recortes da matéria, podemos notar que Irma entende que o seu trabalho não deveria se restringir a uma única legenda. Assim, ela vê que agiu com coerência, pois buscou contribuições independentes de posição política, recordando igualmente de outras situações para compreender as medidas tomadas contra si. Tal sentimento pode ter surgido da identificação pessoal com as experiências de sua companheira Erundina, a qual foi vista igualmente como dissidente por parte do Partido dos Trabalhadores.

¹²⁶⁶ S/A. Irma deixa o PT para assessorar Sérgio Motta. *Folha Online*. 15 de fevereiro de 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/2/15/brasil/20.html> Acesso: 30/01/2021 às 14:37 hrs.

Seus pares petistas constituíam oposição ao governo de Fernando Henrique Cardoso (do PSDB, mas em aliança com o PFL e o PTB) por causa da sua agenda neoliberal. O Ministro Sérgio Motta encabeçava o plano de concessão das telecomunicações, o que, dentre outras medidas, fortalecia as críticas da militância de esquerda (como o PT, o PC do B, partes do PDT e do PSB).¹²⁶⁷ Naquele contexto, o neoliberalismo não ascendia apenas no Brasil, mas também em outros países da América Latina, o que fomentava uma série de debates entre os seus opositores.¹²⁶⁸ Esses sujeitos estavam atentos ao projeto de desmonte da legislação trabalhista e à precarização do cotidiano da população mais pobre, processo este que vinha se fortalecendo no Brasil desde o final dos anos 1980.¹²⁶⁹ Apesar de Irma se inserir em um governo contrário a muitas de suas pautas anteriores, não podemos considerar apenas a perspectiva do PT sobre o fato, pois, do ponto de vista da militante, ela não estava deixando os setores populares de lado. Porém, os conflitos não vinham somente dos seus companheiros, mas inclusive dos quadros do Ministério, fazendo com que ela tivesse de trabalhar em um meio hostil. Após uma série de tensões, Irma deixou o cargo. Acompanhando os fatos, o jornalista Márcio Morais (da *Folha de São Paulo*) escreveu:

Irma Passoni está deixando a assessoria especial do Ministério das Comunicações. O motivo é um mistério. A ex-petista faz apenas uma crítica discreta à área jurídica da pasta. O silêncio contrasta com o estardalhaço que a sua nomeação como assessora do primeiro-amigo do presidente Fernando Henrique Cardoso causou há 15 meses (...). A assessoria de Motta também não quis se manifestar sobre sua saída, sob a alegação de que o pedido de demissão teve como justificativa "motivos pessoais". Para o PT, partido no qual tinha cadeira cativa entre os membros da direção e que ajudou a consolidar no período em que foi deputada federal, a ida de Irma para o gabinete de Motta foi uma heresia imperdoável. "Estou sem partido e não sei para onde vou." Entre pessoas que transitam no ministério, a saída de Irma era previsível, pois ela não chegou a ocupar espaço importante entre os colaboradores do ministro. Ela discorda. "Fiz vários trabalhos na regulamentação das telecomunicações, das concessões, da TV a cabo e também o projeto das rádios comunitárias, que acabou sendo alterado pela área jurídica."¹²⁷⁰

¹²⁶⁷ MOTTA, Marly. A estabilização e a estabilidade: do Plano Real aos governos FHC (1993 – 2002). In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Op Cit, 2018.

¹²⁶⁸ Dentre os inúmeros estudos produzidos sobre o tema, cito: IBARRA, David. O neoliberalismo na América Latina. *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 31, n. 2, p. 238-248, 2011; MARTINS, Carlos Eduardo. *Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015; SPÍNOLA, Vera. Neoliberalismo: considerações acerca da origem e história de um pensamento único. *RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico*, v. 6, n. 9, 2007.

¹²⁶⁹ RAMALHO, José Ricardo. Reestruturação produtiva, neoliberalismo e o mundo do trabalho no Brasil: anos 1990 e 2000. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Op Cit, 2018.

¹²⁷⁰ MORAIS, Márcio. Irma deixa o cargo com críticas. *Folha Online*. 6 de maio de 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/5/06/brasil/10.html> Acesso: 30/01/2021 às 14:37 hrs.

Irma não deixa de ser associada ao PT após se desligar deste. A epígrafe do texto inclusive diz: “Ex-petista sai do Ministério.”¹²⁷¹ Tal perspectiva reforça sua militância e serve para compreender os conflitos que teve com a equipe do Ministério das Comunicações. Se, ao ingressar no governo, ela foi vista como perseguida, agora voltava a ser a militante. A mudança no olhar pode ter ocorrido devido às expectativas do jornal, pois o desligamento de Passoni seria entendido como uma reaproximação dela com as esquerdas. A atuação de Irma no PT, contudo, não deixou de ser reforçada quando ela entrou no Ministério,¹²⁷² talvez pelos receios em se ter uma opositora das privatizações em um governo neoliberal. Quinze meses depois, a exoneração seria utilizada para lembrar dos conflitos ideológicos com seus colegas de Ministério e consequentemente associá-la, mais uma vez, ao seu passado no PT. O *Estado de São Paulo* não tratou da saída de Irma, mas a *Folha* o fez e continuou relacionando a sua imagem à essa agremiação partidária, mesmo ela tendo ingressado no PPS enquanto foi assessora. Era como se a sua *marca de origem partidária* não pudesse, nunca, ser desvinculada dela.

Do outro lado do diálogo, Irma reforça a importância do seu trabalho e recorda de ter seus projetos barrados no Ministério. Para o jornal, este buscou se justificar ao dizer que ela não conquistou visibilidade. Passoni tinha diante de si uma série de incertezas quanto o caminho a seguir, mas conseguiu retornar ao campo político e chegou a se candidatar a vereadora em 2004. Entretanto, não podemos dizer que o seu reingresso no PT era certo em 1996 e muito menos que ela estava segura dessa possibilidade, pois assim como os demais sujeitos, ela não poderia prever o futuro.¹²⁷³ Os receios daquele momento e o desfecho dos fatos seriam apenas compreendidos posteriormente por meio do exercício da memória.

Retornando à sua atuação no governo, muito dos conflitos com seus colegas de pasta se deu pelas divergências ideológicas e pelos interesses econômicos envolvidos naquele setor. Recordando dos fatos e utilizando-se daquilo que foi produzido pela

¹²⁷¹ Idem.

¹²⁷² O Estado de São Paulo reforça a militância de Irma no PT mais de uma vez. (S/A. Sérgio Motta leva petista para Ministério. *O Estado de São Paulo*. 07 de fevereiro de 1995. p. 4; ROSA, Vera. Irma defende fim de concessões políticas. *O Estado de São Paulo*. 08 de fevereiro de 1995. p. 6; S/A. Irma começará a trabalhar com Motta na segunda. *O Estado de São Paulo*. 15 de fevereiro de 1995. p. 5. Acervo Digital. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/> Acesso: 30/01/2021 às 14:37 hrs.

¹²⁷³ SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura. In: RAGO, Margareth, GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs). *Narrar o Passado, Repensar a História*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2014.

imprensa, os jornalistas José Prata, Nirlando Beirão e Teiji Tomioka escreveram uma biografia de Sérgio Motta em 1999 (ele havia falecido no ano anterior). Nela, os autores descrevem a passagem de Irma pelo Ministério das Comunicações e tratam das tensões geradas pelo fato, narrando da seguinte maneira o trabalho da ex-assessora:

[Sérgio Motta] foi para Brasília desferir aquilo que o ex-ministro Antônio Carlos Magalhães,¹²⁷⁴ considerou, segundo o Jornal do Brasil, “um tapa no rosto”. O pretexto que tanto melindrou ACM e, logo, todo o PFL foi a nomeação, para a assessoria do Ministério das Comunicações, de Irma Passoni, uma ex-deputada do PT que não conseguiu se reeleger. Irma era uma estudiosa da radiodifusão e do serviço de tevê a cabo. Ironicamente, quem também estrilou, além do PFL, foi o PT, partido de Irma. “Não é surpresa”, atacou o deputado Djalma Bom (PT-SP). “Ela só não participou dos governos Itamar e Sarney porque foi eleita deputada”. “O governo está começando pelo PT. É o fim do mundo”, atacou o deputado Nelson Marchezelli (PTB- SP). “Eu não sabia que Irma entendia de rádio. Acho que é de tanto ouvir novela.”. Para o deputado José Carlos Aleluia, do notório PFL baiano, era “uma piada” (...). “Não temos porque nos preocupar. Mesmo porque Irma Passoni não entende nada daquilo”.¹²⁷⁵

O interesse dos jornalistas foi homenagear o recém-falecido Sérgio Motta e apresentá-lo como provocador e estratégico. Seguindo essa perspectiva, eles lembram da militância de Irma na esquerda e mostram que havia um desconforto quanto ao convite feito a ela para trabalhar no Ministério. Dentre os sujeitos presentes no texto, esses autores dão centralidade à reação de Antônio Carlos Magalhães (ACM), ex- ministro das Comunicações (1985 – 1990). A oposição deste a um nome petista viria de divergências políticas e econômicas, na medida em que Irma era associada ao PT e, logo, tida como radical e contrária às concessões ao setor privado. De acordo com Luís Filipe Miguel, ACM era dono de redes de rádio, televisão e jornais baianos e conseguiu boa parte desses bens devido a estímulos do governo federal, o qual priorizava os interesses de elites locais na concessão das telecomunicações.¹²⁷⁶ A ex-deputada, assim,

¹²⁷⁴ Antônio Carlos Magalhães (1927 – 2007) nasceu em Salvador – BA e era filho de um casal da elite baiana. Graduiu-se em Medicina pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1952 e foi deputado estadual pela UDN entre 1954 e 1958. Atuou na Câmara Federal desse ano até 1967, já filiado à ARENA. Apoiou o golpe de 1964 e tinha proximidade com o regime autoritário. Nomeado prefeito de Salvador, ocupou o posto de 1967 a 1970. Foi governador da Bahia três vezes (1971 – 1975; 1979 – 1983 e 1991 – 1994) e Ministro das Comunicações no governo de José Sarney (1985 – 1990). Renunciou ao seu último cargo de governador para entrar no Senado, do qual foi presidente entre 1997 e 2001. Reelegeu-se em 2002 para a mesma casa legislativa, mas não concluiu seu mandato, pois faleceu quatro anos depois. (LEMOS, Renato. Antônio Carlos Peixoto de Magalhães. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-carlos-peixoto-de-magalhaes> Acesso: 30/01/2021 às 14:37 hrs.)

¹²⁷⁵ PRATA, José; BEIRÃO, Nirlando; TOMIOKA, Teiji. *Sérgio Motta: o trator em ação*. São Paulo: Geração Editorial, 1999. p. 83.

¹²⁷⁶ MIGUEL, Luís Felipe. Meios de comunicação de massa e política no Brasil. *Diálogos latinoamericanos*, v. 3, n. 1, p. 43-70, 2001.

acabava sofrendo com a desconfiança do senador, pois contrariava os anseios desses grupos ao propor mudanças na regulação das emissoras e ao apresentar uma agenda voltada para a sua democratização.

Outro fator a ser considerado é a perspectiva misógina com a qual Passoni foi tratada por parlamentares da base aliada do governo, pois o fato de ser mulher acabou sendo utilizado para gerar desconfianças da sua capacidade de lidar com o tema em questão. Tal ponto de vista ainda a colocaria como alguém acostumada ao ambiente doméstico, desconsiderando a sua racionalidade e a possibilidade de ter construído repertórios em uma atividade pública. Esse olhar não deixa de ser compartilhado pelos autores do texto, pois não questionam essas falas e, da mesma forma, retiram a agência de Irma, delegando a responsabilidade dos fatos a Sérgio Motta. Silenciando-a, eles atribuem o convite a um afronte do ministro à base aliada do governo, diminuindo a margem de escolha dela:

De surpresa, Serjão aprontava das suas. Irma Passoni era amiga do ministro desde os anos da militância de esquerda. Passou despercebido o discurso de despedida que ela fez, na Câmara dos Deputados, no dia 20 de dezembro de 1994. Ela desenhava o futuro do setor das telecomunicações e previa um “órgão regulador independente” – o que o ministro já anunciara no seu discurso de posse (...). Depois, arriscava-se a prometer que Motta podia “contar com o PT” para um debate democrático. O PT cobrou de Irma o convite. Ela concordou em submeter ao Diretório Nacional sua decisão de aceitá-lo. A ex-deputada acabou se desligando do partido (...). A aproximação com uma ex-deputada do PT nem fora anunciada e o mercado já se mostrava inquieto. Sentia, disse o Correio, “focos de resistência contra a política de privatização do governo”.¹²⁷⁷

Para além da condição de mulher de Irma, os jornalistas atentam para a oposição do mercado à sua nomeação. Eles a descrevem como a militante que trazia conflitos para o Ministério. Apesar de darem visibilidade para as desconfianças machistas e reduzirem a sua autonomia, não deixam de afirmar sua experiência em relação às telecomunicações. Mesmo tendo se debruçado sobre o tema já desde seu último mandato, seu posto junto ao governo federal se tornou um marco para a sua trajetória. Se as tensões não deixam de ser lembradas pela mídia, Irma as utiliza nesse momento, e posteriormente, para reafirmar a sua coerência e empenho:

– *O que você acha do projeto do Sérgio Motta?*

– Ele teve o mérito de abrir a questão. A gente fez o PAT (Programa de Ampliação das Telecomunicações). O problema não era o Serjão. Vocês não imaginam o que era o ambiente de controle para cima dele. Era uma coisa

¹²⁷⁷ PRATA, José; BEIRÃO, Nirlando; TOMIOKA, Teiji. Op Cit, 1999. p. 83.

faraônica. Construiu-se um grupo de lobistas internacionais, muito poderoso. Só passava o que eles desejavam. Nós não conseguimos participar de nenhuma reunião... Mas a gente conseguiu regulamentar as TVs comunitárias, regulamentar a TV a cabo... Queríamos construir um projeto mais estratégico de telefonia, ir além da questão de vender telefone, incrementar a produção nacional de tecnologia para telefone nacional (...). O Brasil estava, no momento crucial, sob o modelo neoliberal, que desqualificava qualquer tentativa que tivesse (...) caráter “nacional”. Era impossível reagir. É claro que conseguimos muito pouco, a não ser a sobrevivência da Embraer e de alguns outros setores...¹²⁷⁸

Onze anos após deixar o Ministério das Comunicações, Irma lembra das pressões sofridas pela equipe de Sérgio Motta. Como recordado no livro citado anteriormente, as divergências ideológicas geravam conflitos. Contudo, Passoni se distancia deles e recorda ter contribuído com a pasta, entendendo que o ministro tinha um projeto nacional para o desenvolvimento tecnológico brasileiro. Tal lembrança dá consistência à sua autoimagem e, ao mesmo tempo, atribui homogeneidade à sua vida, pois reafirma sua aversão às elites. Assim, a ex-deputada se afasta do neoliberalismo defendido pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, defendendo-se talvez das possíveis acusações de rompimento com a militância, criando um *escudo* contra os olhares de quem a entrevistava e certamente de muitos/as leitores/as.

Para a imprensa, Irma destoava dos planos do governo e, portanto, seria o foco dos conflitos ali ocorridos. Após desligar-se da pasta, ela não deixou de ser representada como a *militante infiltrada*, mas, no seu ponto de vista, foi coerente e buscou contribuir com um projeto coletivo. Mesmo sendo lembrada pela sua atuação política, o trabalho nos bairros foi silenciado pelos dois jornais de maior circulação de São Paulo entre 1995 e 1996. O PT não deixou de ser o centro do passado de Irma, o que poderia ocorrer pela visibilidade que o partido conquistou naqueles anos por se consolidar como a maior bancada de oposição ao governo.¹²⁷⁹ Mesmo assim, o MCV e os movimentos da periferia foram retomados posteriormente, o que veremos na próxima seção.

Nas memórias de Passoni, esse momento se tornou relevante por reforçar seu trabalho junto à Ciência e à Tecnologia. Apesar das dissonâncias, ela não se esqueceu da militância, pois continuou tentando se afastar daquilo que considerava contrário aos interesses populares. Seguindo o fio da sua fala, não podemos analisar uma vida por meio de uma régua imaginária que definiria o quão fiel ela seria a certas pautas, mas entender que os sujeitos são complexos e que por isso agem a partir da conciliação entre

¹²⁷⁸ PASSONI, Irma. Op Cit, 2008. p. 326.

¹²⁷⁹ SECCO, Lincoln. História do PT. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

o querer e o poder. Se, por um lado, parte da militância do PT a via como traidora, ela seguiu se compreendendo como uma representante dos trabalhadores e como alguém que tentou se adaptar àquilo que via como possível e necessário em um determinado momento.

Uma estrada para o futuro ou uma ponte com o passado? O Instituto de Tecnologia Social (2001 -) na trajetória e na memória de Irma Passoni

O trabalho de Irma com a tecnologia não terminou após o seu desligamento do Ministério das Comunicações em 1996. Cinco anos depois, nossa personagem e seu marido, Armelindo Passoni, se reuniram com amigos e estudiosos para fundar o Instituto de Tecnologia Social (ITS) no dia 4 de julho de 2001.¹²⁸⁰ Tal fato não deixou de se tornar um marco nas memórias de Irma e de igualmente influir na gestação de *novas* referências, como pode-se perceber na já citada entrevista de 2006:

Nós temos trabalhos com tecnologia social na região da Avenida [Engenheiro Luís Carlos] Berrini, subindo a Avenida Águas Espraiadas [atual Avenida Jornalista Roberto Marinho]. Gente, aquilo não tem sentido! As crianças, as famílias moram em cima do córrego, em três andares. Se pegar fogo em um, vai todo mundo. As mães têm que ficar de plantão, porque os ratos comem as crianças. Por isso que a gente diz: “Bom, espera aí. O PT quer desenvolvimento social, mas tem que ter o combate à fome, tem que ter o prato de comida.” É o poder da sobrevivência. Agora, tem que fazer um projeto de movimento social com eles. E a gente tem uma juventude imensa e sedenta por isso...¹²⁸¹

Essa nova pauta não surgiu aleatoriamente, mas estava amparada em repertórios moldados na convivência com movimentos da periferia, pois é notável que a militante continua partindo da Zona Sul de São Paulo para referenciar a sua fala. A classe também não deixa de ser um elemento central, pois ela entende que a tecnologia deveria se voltar para os setores populares, insistindo na necessidade de incentivar a autonomia e a mobilização dessas pessoas. Portanto, Passoni não deixa de reelaborar suas

¹²⁸⁰ De acordo com o próprio Instituto de Tecnologia Social, seus fundadores foram: Almir Roveran, Antonio Lellis, Armelindo Passoni, Beatriz Pinheiro, Débora de L. Teixeira, Gerson José da Silva Guimarães, Irma Rossetto Passoni, Jorge Nagle, José Maria de Souza Ventura, Maria Aparecida de Souza, Maria Lúcia Barros Arruda, Marli Aparecida de Godoy Lima, Moisés Aron Pluciennik, Roberto Vilela de Moura Silva, Rogério C. de Cerqueira Leite, Sandra R. F. Felizatto, Sonia Fráguas de Souza, Thais Stella Teixeira, Ubiratan Dantas Felizatto e Uraci Cavalcante Lima. (INSTITUTO de Tecnologia Social. Fundadores. Página Online. Disponível em: <http://itsbrasil.org.br/quem-somos/equipe/fundadores/> Acesso: 30/01/2021 às 15:32 hrs.).

¹²⁸¹ PASSONI, Irma. Op Cit, 2008. p. 327.

identidades e, ao mesmo tempo, traçar linhas de continuidade para sua trajetória ao tratar dessa temática, a qual possui um espaço central na narrativa que elabora. Seguindo a entrevista acima, por exemplo, ela diz:

O ITS tem como missão desenvolver projetos que façam a ponte entre os problemas e as soluções, realizando pesquisas participativas, capacitando pessoas para o desenvolvimento humano social e econômico (...). Os principais valores da tecnologia social são: inclusão cidadã, participação, relevância social, eficácia e eficiência, inovação, acessibilidade, sustentabilidade (econômica e ambiental), organização, dimensão pedagógica e promoção do bem-estar (...). Fomos numa comunidade da Cidade Ipava, Jardim Ângela, no dia 25 de janeiro de 2005, e o pessoal disse: “Pô, faz dezesseis anos que a gente está aqui!”. “Aqui” é a saída da represa do Guarapiranga, que abastece de água 40% da população da cidade de São Paulo. A água está contaminada, porque não foi feita a rede de esgoto (...). Aí, a comunidade organizou um conselho de desenvolvimento local com metodologia de tecnologia social (...). Em um ano e meio, foi possível negociar a instalação de esgoto e asfalto em todo o bairro. Foram plantadas cerca de 2 mil árvores num projeto de educação ambiental e, com a ajuda da comunidade, foi instalado um telecentro que já capacitou 280 jovens (...). A parceria do saber popular com o saber acadêmico dá muito certo.¹²⁸²

Irma trata dos problemas estruturais das periferias e traz à tona pautas como a demanda por asfalto e esgoto, pautas estas reivindicadas décadas antes pelos grupos de Vila Remo. Para além das percepções construídas no MCV, dois referenciais embasam a sua fala: a Tecnologia Social (TS) e a pedagogia freireana. O primeiro teria sido desenvolvido no decorrer dos anos 2000 e diz respeito ao compartilhamento comunitário da produção técnico-científica, a qual teria o objetivo de atender às necessidades de sujeitos como os moradores da periferia, os ribeirinhos e os pescadores.¹²⁸³ De acordo com Renato Dagnino, o conceito foi elaborado por pessoas que reivindicavam a redução das desigualdades de classe e a democratização daquilo que vinha dos laboratórios. Esse debate, entretanto, não era original, mas produto de discussões que questionavam, desde a década de 1970, a apropriação capitalista do conhecimento. Apesar dessas propostas, ele escreve que a Tecnologia Social está no

¹²⁸² Idem. p. 327 – 328.

¹²⁸³ Em relação ao público-alvo do Instituto de Tecnologia Social, a organização publicou um balanço do trabalho realizado por grupos de trabalhadores e organizações sociais com as TS. Nesse livreto a instituição destaca três exemplos: o SATECS (Sistema de Acompanhamento das Tecnologias Sociais), o qual colabora com a elaboração de políticas públicas em relação à TS; o FUNDIPESCA (Fundação para o Desenvolvimento das Comunidades Pesqueiras Tradicionais), organização de ribeirinhos e pescadores com o apoio de organizações católicas; e o Banco Palmas, um sistema de crédito comunitário criado pela população do Conjunto Palmeira e religiosos católicos (INSTITUTO de Tecnologia Social. Tecnologia Social: Experiências exemplares. São Paulo: ITS Brasil, 2012.).

meio de uma disputa entre movimentos sociais e empresas,¹²⁸⁴ pois estas a concebem como uma ferramenta para formar mão de obra. Já os primeiros entendem o diálogo entre os saberes (acadêmicos e populares) como uma relação horizontal, o que nos leva ao segundo repertório construído por Irma.

O método do educador Paulo Freire pressupõe uma relação dialética entre os sujeitos envolvidos no processo pedagógico. Nesse sentido, o saber seria um produto desses laços, pois professor e educando aprenderiam no trabalho em conjunto e no intercâmbio repertorial.¹²⁸⁵ Irma já utilizava do método freireano quando militava junto às CEBs e na educação popular. Da mesma maneira, o ITS se reconhece como herdeiro desses grupos e da sua pedagogia,¹²⁸⁶ além de apoiar-se nas premissas da Tecnologia Social, a qual inclusive faz parte do seu nome. Como o relato transcrito acima foi dado em 2006, muito do que foi dito se embasava naquilo que ainda estava sendo desenvolvido por essa organização. Partindo desses *novos* referenciais, Irma passa a reinterpretar o seu próprio passado. Em uma palestra realizada anos depois na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), ela disse:

A nossa missão [com os empreendimentos solidários e o emprego apoiado] é estar junto [aos moradores de rua] para que nós possamos dar um passo a mais na colaboração que temos experimentado desde 2001, quando o Instituto de Tecnologia Social nasce (...). Nós viemos da sociedade dizendo: (...) “é com o diálogo dos saberes acadêmicos e populares que conseguimos realizar as mudanças”. Essa relação (com Paulo Freire, com a educação popular, alfabetização de adultos, etc.) vem do ano de 1968 (...). Formamos movimentos sociais que abrangiam o país inteiro (O Movimento Contra a Carestia, por exemplo, onde nós conseguimos um milhão e trezentas mil assinaturas contestando a ditadura). Conseguimos enfrentar o Delfim Netto¹²⁸⁷ naquele sistema de gestão econômica (...) dizendo: (...) “nós não concordamos em fazer o bolo crescer e depois dividir”. Tínhamos nos cansado disso. Por aí fomos fazendo movimento popular, pesquisa, atuação nas comunidades até impormos as políticas populares e públicas necessárias.

¹²⁸⁴ DAGNINO, Renato. Tecnologia social: base conceitual. *Ciência & Tecnologia Social*, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2011. p. 1 – 2. Além deste e de outros artigos, o professor ainda organizou um livro sobre o assunto: DAGNINO, Renato (org.). *Tecnologia social: Ferramenta para construir outra sociedade*. Campinas: Unicamp/Capes, 2010.

¹²⁸⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

¹²⁸⁶ INSTITUTO de Tecnologia Social. *O que é Tecnologia Social: Introdução ao ITS-Brasil*. E book. Sem data. p. 14. Disponível em: <http://itsbrasil.org.br/conheca/tecnologia-social/> Acesso: 30/01/2021 às 15:32 hrs.

¹²⁸⁷ Antônio Delfim Netto (1928 -) nasceu em São Paulo – SP e graduou-se em Economia pela USP. Trabalhou para o governo do Estado de São Paulo entre as décadas de 1950 e 1960 e foi Ministro da Fazenda (1967 – 1974), da Agricultura (1979) e da Secretaria do Planejamento (1979 – 1985). Elegeu-se deputado federal constituinte em 1986 pelo PDS e seguiu na Câmara até 2007, já pelo PP. (MAYER, Jorge Miguel; LEMOS, Renato; CORREIA, Maria Leticia. Antônio Delfim Netto. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-delfim-neto> Acesso: 30/01/2021 às 15:32 hrs.).

A Tecnologia Social vem fazer essa parte do diálogo do saber popular com o saber acadêmico, (...) para estabelecer uma ponte entre necessidades e soluções.¹²⁸⁸

O passado em Vila Remo é evocado para explicar o surgimento do Instituto de Tecnologia Social. Para tanto, uma cronologia é estabelecida entre os anos 1960 e 2001, além de uma relação direta entre a oposição ao regime autoritário brasileiro e as atividades de certos grupos. Tal memória não serve apenas para compreender a trajetória do ITS, mas também a sua própria, pois Irma se vê como participante ativa dos fatos que narra. Assim, ela reafirma seus pertencimentos com os moradores do bairro onde viveu e com os sujeitos perseguidos pela ditadura brasileira.

O relato acima foi dado quando o ITS já tinha dezesseis anos de funcionamento, e seguia como um vetor para a construção narrativa de nossa personagem. Em documento produzido naqueles anos, a tecnologia social é vista como algo que compreende “produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas em interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social.”¹²⁸⁹ Esse ponto de vista foi desenvolvido desde os primeiros anos da organização¹²⁹⁰ e seguiu embasando as falas de Passoni. Apesar da análise ter sido feita pelo próprio ITS, é notável como as suas publicações buscaram não apenas prestar contas, mas também embasar o seu trabalho em ideias como as acima citadas.

Se voltarmos a análise para as referências obtidas no MCV, podemos notar como parte da sua pauta pode ter servido para a elaboração das diretrizes do Instituto. A ideia do diálogo horizontal de saberes não alude apenas ao método freireano, mas a uma série de debates estabelecidos no interior dos sindicatos, movimentos sociais e das esquerdas do Brasil. Essa imagem poderia ser igualmente uma ferramenta para se posicionar como alguém próximo a valores democráticos, afastando-se de possíveis acusações de tutela. Ao descrever seu trabalho, Passoni busca seus próprios pertencimentos, seja como

¹²⁸⁸ PASSONI, Irma. Comunicação. Seminário o papel do trabalho para as pessoas em situação de rua. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo. 21 de junho de 2017. Youtube. Canal A Cor da Rua. 5. Irma Passoni (ITS) fala sobre tecnologias sociais como o projeto "Inclusão Produtiva". Postagem: 30 de junho de 2017. (16 m 31 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rXZbLLrDpdc&t=365s> Acesso: 30/01/2021 às 15:32 hrs.

¹²⁸⁹ FUNDAÇÃO Banco do Brasil; INSTITUTO de Tecnologia Social. *Caminhos e perspectivas para a Tecnologia Social*. Brasília: ITS, 2018. p. 12. Renato Dagnino mostra que essa definição está exposta na fala de outro grupo, a Rede de Tecnologia Social (RTS), criada em 2003 (DAGNINO, Renato. Op Cit, 2011. p. 1.).

¹²⁹⁰ Nos materiais publicados pelo ITS, nota-se que o conceito de Tecnologia Social já vinha sendo debatido pelo grupo desde 2004 (INSTITUTO de Tecnologia Social. Op Cit, 2012. p. 22 – 23.).

militante, opositora da ditadura ou membro de uma geração histórica. Os laços costurados entre o ITS e o MCV continuaram a ser estabelecidos em outros momentos, pois em uma palestra sobre os quarenta anos da repressão da Praça da Sé, Irma falou:

[O MCV] Foi um movimento do país, por isso foi tão importante. Atrás dele havia muitas mulheres, homens e crianças (...). Utilizamos instrumentos de pesquisa: (...) chegar de casa em casa, depois de rua em rua, de praça em praça, nas fábricas (...). Eu só queria fazer uma ponte para hoje. Em 1972/1973 havia um movimento muito sério de mudança do sistema de produção: o início da automação industrial (...) o desemprego era maciço [porque] havia muita gente do interior que veio e não estava preparada para entrar em um sistema de produção. Só na região de [Capela do] Socorro e Santo Amaro foram mais de 2 mil fábricas que se fecharam (...). E eu quero lembrar disso (...), porque hoje nós também estamos vivendo uma grande mudança no sistema de produção. Como somos muito teimosos, continuamos a briga, nós estamos com os laboratórios de fabricação digital na cidade de São Paulo (...). Temos dentro de nós uma certeza que nos alavanca o tempo todo (...), uma fé que tem ação. A gente começa a enxergar aquilo que está na frente (...). Eu me lembro de três figuras bíblicas que sempre usávamos: Moisés, Abraão e Judite (...). Hoje temos desafios tão importantes quanto naquela época.¹²⁹¹

A escrita de si de Irma sofre a interferência daquilo que vivenciou no ITS, pois, por meio dessa experiência, ela busca tanto compreender o seu passado quanto legitimar sua posição atual e seus projetos futuros. Talvez pelo foco do evento, ela não tenha mencionado a sua atividade a frente da Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara e na presidência da CPMI do Atraso Científico de 1992. A ausência antes referida também se fez presente no Seminário de 2017 (anteriormente mencionado), o que nos leva a perceber que Irma busca nas ruas as suas motivações, afastando-se da política institucional. Esse movimento não quer dizer que a atividade em questão sempre foi silenciada, mas que esta não atenderia aos seus anseios naquele momento. Como exemplo, podemos citar uma fala realizada na ALESP, na qual a sua carreira como deputada foi lembrada pelo setor de comunicação da casa ao dizer que “Como atuante no Instituto de Tecnologia social, a ex-deputada Irma Passoni falou da necessidade do uso de tecnologia no desenvolvimento social: „a população pobre precisa de um respaldo que integre ações sociais e conhecimento“.”¹²⁹²

¹²⁹¹ PASSONI, Irma. Comunicação. Debate: Protagonismo feminino no Movimento do Custo de Vida. São Paulo: CEDEM – UNESP, 21 de março de 2018. Youtube: Canal Cedem Unesp. Protagonismo feminino no Movimento do Custo de Vida - Debate Cedem/Unesp 21/03/2018 – Parte 2/2. Postagem: 13 de abril de 2018. (1 h 17 m 55 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3iLM7B5tQC0&t=778s> Acesso: 30/01/2021 às 15:32 hrs.

¹²⁹² ALESP. Seminário debate o desenvolvimento social solidário. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 18 de junho de 2009. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=267094> Acesso: 30/01/2021 às 15:32 hrs.

Diferente dos casos abordados nesta seção, em outros momentos, a atuação nos movimentos de bairro é silenciada e o trabalho com a tecnologia se torna a faceta mais enfatizada na sua imagem. Em uma das fotografias que complementam a matéria da ALESP, por exemplo, ela foi enquadrada na frente de um cartaz que diz: “A ciência e a tecnologia como ferramentas para o desenvolvimento social”. Apesar da possibilidade desse material ter sido levado pela palestrante para apresentar suas propostas, devemos considerar que foram os responsáveis pelo texto que optaram por esse enquadramento. Como veremos mais adiante, ela também teve a sua atividade parlamentar ressaltada na efeméride dos 30 anos da Constituição Federal e em eventos organizados pelo Congresso Nacional.



Fotografia. ALESP. Seminário debate o desenvolvimento social solidário. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 18 de junho de 2009. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=267094> Acesso: 30/01/2021 às 15:32 hrs.

Nesse sentido, insistimos que as lembranças podem convergir ou divergir de acordo com o ponto de vista de quem fala. Assim, as frustrações com o passado petista seguem ressurgindo, apesar do tom heroico conferido aos conflitos pelos quais passou. Em sua entrevista a Marieta de Moraes Ferreira e Alexandre Fortes (2006) temos indícios dessa percepção, especialmente por ser um depoimento produzido no âmbito de um projeto sobre a história do Partido dos Trabalhadores:

- *O Instituto de Tecnologia Social que você preside é ligado ao Ministério da Ciência e Tecnologia?*
- Não. Somos uma OSCIP [Organização da Sociedade Civil de Interesse Público]. Temos uma parceria com o Ministério que – por incrível que pareça – é do PSB. Não conseguimos fazer parceria com nenhum Ministério com gestão de petistas. Nem com a Petrobrás.
- *Você voltou para o PT?*

– Voltei logo em seguida. Saí do Ministério e me filiei ao partido. Depois fui candidata a vereadora, a pedido do partido, em 2004, e não fui eleita. Acho que Deus me protegeu [risos].¹²⁹³

Muito dessa perspectiva poderia vir das tensões decorrentes do seu trabalho no Ministério das Comunicações e dos conflitos que teve com o PT desde que começou a se debruçar sobre a questão da tecnologia. Como vimos anteriormente, sua passagem pela pasta não foi bem recebida por seus companheiros de partido e muito menos por seus colegas de trabalho. Apesar das distâncias temporais entre esse relato e aquele citado anteriormente, podemos analisar o impacto de certos fatos em sua memória e sugerir que, em parte, eles podem ter continuado a moldar a sua fala. O Partido dos Trabalhadores, por outro lado, deixou de ser visto exclusivamente dessa maneira, pois outras parcerias foram estabelecidas e Passoni chegou a fazer campanha para uma de suas candidatas em 2012.¹²⁹⁴



PARTIDO dos Trabalhadores. Programa Eleitoral (2012). Youtube. Canal Selma Rocha. Irma Passoni fala da importância da pré-candidatura de Selma Rocha. Postagem: 15 de agosto de 2012. (1 m 15 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p23KCFKELCs> Acesso: 30/01/2021 às 15:32 hrs.

Ao negar que tenha optado espontaneamente por sua candidatura em 2004, ela põe a responsabilidade dos fatos nas lideranças petistas, o que pode ser uma maneira de reafirmar que não seria movida por interesses pessoais, reforçando assim sua *coerência*.¹²⁹⁵ Não ter sido eleita naquele momento também pode tê-la feito dar um espaço reduzido ao evento no conjunto das suas narrativas e, da mesma forma, compreender que a não realização desse projeto a teria poupado de muitos problemas, pois seguia trabalhando com a tecnologia. Tratando mais especificamente desse

¹²⁹³ PASSONI, Irma. Op Cit, 2008. p. 326.

¹²⁹⁴ PARTIDO dos Trabalhadores. Programa Eleitoral (2012). Youtube. Canal Selma Rocha. Irma Passoni fala da importância da pré-candidatura de Selma Rocha. Postagem: 15 de agosto de 2012. (1 m 15 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p23KCFKELCs> Acesso: 30/01/2021 às 15:32 hrs.

¹²⁹⁵ Pierre Bourdieu analisa como a retórica da modéstia está presente na construção e gestão de capitais simbólicos. Assim, é pertinente lembrar como nossas personagens podem se utilizar estrategicamente dessa retórica em certos momentos (BOURDIEU, Pierre. Op Cit, 2009.).

momento, é de se notar que a memória dos movimentos de moradores serviu de guia para o desenrolar da sua campanha. Seguindo a entrevista referida acima, Irma diz:

A campanha faz com que você se defronte com a realidade muito nua e crua. Quando eu morava lá no Jardim Ângela e fui eleita deputada pela primeira vez, em 1978, nós já sentíamos o problema de segurança. Eu fui assaltada cinco vezes na minha casa (...). Eu já fazia denúncias na Assembleia Legislativa, na Câmara Federal, dizendo que, se não fosse feito um processo de desenvolvimento, nós íamos chegar a impasses seríssimos. Mas, na campanha do ano passado, quando eu voltei para os bairros, a situação era muito pior. Eu vou dar um exemplo. Num bairro chamado Piraporinha (...), indo para o Jardim Ângela, tem uma favela (...). Tive que esperar quarenta minutos para avisarem o chefe do narcotráfico de lá (...). Fiz a reunião e tive de esperar mais quarenta minutos para chamarem o cara que ia me acompanhar. Depois, fui no Jardim São Paulo, na região oeste, foi a mesma coisa. Eu sentia a miséria tão poderosa, a questão social tão desprovida, que, na campanha, eu dizia assim: “Nós estamos preparando um exército que, se quiser, em um minuto põe milhões de pessoas por aí, para fazer o que ele quiser.” Dito e feito. No ano passado, apareceu isso que estava sendo plantado.¹²⁹⁶

Ao narrar (-se), Irma constrói uma linha de sentido entre o passado e o presente a fim de compreender aquilo que ocorreu em sua última candidatura. Nesse sentido, ela não deixa de trazer à tona as feridas abertas no momento em que morou em Vila Remo. Ao falar da maneira como foi tratada na campanha eleitoral mais recente, reforça sua preocupação com o fortalecimento do crime organizado nas periferias, entendido como oposto aos movimentos sociais. Como vimos no primeiro capítulo, a lembrança da violência impacta na maneira como Passoni trata do período em que viveu na periferia. De modo mais amplo, após uma pesquisa antropológica com moradores da periferia leste paulistana, Gabriel de Santis Feltran percebe que há um choque geracional entre seus entrevistados e mostra que a princípio os movimentos sociais de trabalhadores foram vetores de comunicação entre esses sujeitos e Estado nos anos 70 e 80. Com a abertura política, apareceram os grupos de classe média, os partidos políticos de esquerda, os conselhos e as associações de bairro.¹²⁹⁷

Ainda de acordo com Feltran, a imagem operária, coletiva e militante desses bairros contrasta com aquela moldada pelos mais jovens, os quais não vivenciaram a ditadura ou a profunda escassez de bens como escolas, creches e transporte. Além do mais, esses personagens não eram migrantes como seus pais e avós e viviam num

¹²⁹⁶ PASSONI, Irma. Op Cit, 2008. p. 326 – 327.

¹²⁹⁷ FELTRAN, Gabriel de Santis. *Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008. p. 36 – 43.

momento no qual o desemprego e a criminalidade cresciam, o que trazia incertezas em relação ao projeto de estabilidade profissional e a ascensão social modelado por seus parentes mais velhos. Tal problema fez surgir novas expectativas, como a busca pelo *crescimento* econômico individual. Atentos ao *novo* cotidiano, aqueles com mais idade negavam o foco na criminalidade e a ascensão financeira consumista, ressaltando, contudo, um passado saudoso e coletivista.¹²⁹⁸ Já os mais novos expuseram seus anseios materiais e entendem o crime como parte do seu cotidiano (o que traz à tona uma série de medos e frustrações). Portanto, são identificados dois modos de se perceber como periférico: um militante e comunitário e outro individualista e receoso de um futuro incerto.¹²⁹⁹ Nossa personagem vivenciou um *momento heroico* semelhante ao acima apontado, bem como transformações igualmente parecidas. Dessa forma, ela poderia se reconhecer como parte de uma periferia engajada. Sendo assim, parte do seu ponto de vista pode ter se moldado no contato com pessoas de Vila Remo (e de outros bairros) que passaram pelos movimentos de moradores, estabelecendo assim uma fronteira entre a Vila Remo militante (com a qual possui uma relação afetiva) e outra violenta (com a qual não se identifica).

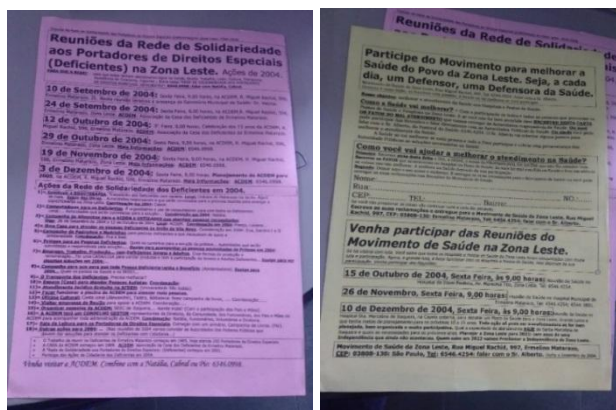
A partir desta identidade, Irma se voltou para os moradores da periferia sul paulistana em diferentes momentos. Em sua campanha de 2004 se percebe uma retomada dos movimentos de bairro e da militância religiosa. Entre suas atividades de campanha, havia comícios em bairros distintos, celebrações de missas e reuniões com associações comunitárias, grupos teológicos e candidatos católicos.¹³⁰⁰ Mesmo se levarmos em consideração que nem todos os compromissos foram cumpridos, o que é comum em qualquer mandato político, nota-se como a pauta da candidata buscou reaproximá-la de sujeitos que remetem à sua atuação nos anos 1960 e 1970. Essa estratégia poderia ter o intuito de retomar os capitais que construiu naqueles espaços, reafirmando sua relação com um determinado passado. Os convites para reuniões com movimentos da Zona Leste também são exemplos dessa aproximação, na medida em

¹²⁹⁸ Parte dessa ideia de coletividade descrita por Feltran estava presente nos debates do MCV, como mostrado outras vezes nesta tese (MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017.).

¹²⁹⁹ FELTRAN, Gabriel de Santis. Op Cit, 2008. p. 43 – 47.

¹³⁰⁰ S/A. Cronograma Semanal de Campanha. 2004; HENRIQUE, Padre João. Carta a Irma Passoni. São Paulo: 15 de setembro de 2004. São Paulo: Arquivo Pessoal de Irma Passoni, ITS – Brasil.

que representam setores com interesses semelhantes àqueles levantados nos anos 1970 e 1980.¹³⁰¹



ACDEM. Reuniões da Rede de Solidariedade das Pessoas com Direitos Especiais (Deficientes) da Zona Leste. 2004; MOVIMENTO de Saúde da Zona Leste. Particpe do Movimento para melhorar a Saúde do Povo da Zona Leste. Seja, a cada dia, um defensor, uma defensora da Saúde. 2004. São Paulo: Arquivo Pessoal de Irma Passoni, ITS – Brasil.

Dessa maneira, Irma se identifica como parte dos movimentos de moradores da periferia e como militante das CEBs. Se sua carreira como deputada lhe possibilitou se debruçar sobre a pauta da tecnologia e se tornar assessora do Ministério das Comunicações, por outro lado, ela compreende que o foco da sua trajetória está no MCV e na atuação com o ITS. Essas duas extremidades são unidas por uma linha temporal que serve para interpretar ambos os momentos e legitimar os passos seguidos. Dessa forma, Passoni se torna liderança de uma organização da sociedade civil, mas não deixa de ser associada às mães de Vila Remo, à catequese e à educação popular. Mesmo assim, a atividade no legislativo não deixa de surgir, porém ela ganha mais centralidade nos debates sobre a participação das mulheres na política e nas celebrações dos 30 da Constituição Federal, o que analisaremos na seção a seguir.

Do Legislativo para a História: Irma e seu passado como deputada

A carreira de Irma no Poder Legislativo foi utilizada em diferentes momentos para compor a sua trajetória. Em 2008, por exemplo, a Câmara dos Deputados realizou

¹³⁰¹ ACDEM. Reuniões da Rede de Solidariedade das Pessoas com Direitos Especiais (Deficientes) da Zona Leste. 2004; MOVIMENTO de Saúde da Zona Leste. Particpe do Movimento para melhorar a Saúde do Povo da Zona Leste. Seja, a cada dia, um defensor, uma defensora da Saúde. 2004. São Paulo: Arquivo Pessoal de Irma Passoni, ITS – Brasil.

uma série de conferências e convidou lideranças de movimentos sociais, representantes de grupos da sociedade civil e ex-parlamentares para celebrar os 20 anos da Constituição Federal. Em uma delas, dirigida por Luíza Erundina, nossa personagem participou como palestrante. Após apresentar os convidados, a presidenta da mesa lembrou da carreira dessa ex-constituente:

Temos, também, aqui na Mesa a Sra. Irma Passoni, companheira e ex-Parlamentar, que é professora graduada em Pedagogia, especialista em administração, supervisão e treinamento em recursos humanos. É Gerente Executiva do Instituto de Tecnologia Social do Brasil; ex-Deputada Federal por 2 Legislaturas; ex-Deputada Estadual por várias Legislaturas; e, mais do que isso, é uma militante pelos direitos sociais e pelos direitos de cidadania e especialista na área da tecnologia social. É uma pioneira.

Foi Presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática e hoje é um dos quadros mais competentes e mais credenciados no País, no que diz respeito à tecnologia social.

É um prazer tê-la aqui, Sra. Irma.¹³⁰²

Erundina recorda do trabalho de Irma na docência, sua formação em Administração, seu trabalho com tecnologia e sua atuação parlamentar. Lembrar dela, naquele dia, era tratar também da Constituinte, pois Passoni estava ali representando suas parceiras da legislatura de 1987 a 1991. Apesar de não se esquecer da sua militância em movimentos sociais, estes perdem espaço para as temáticas e cargos supracitados. Os temas da redemocratização e do gênero também se tornaram predominantes no decorrer dos trabalhos. Dentre as falas proferidas, Irma disse:

A Constituinte, se era para valer, tinha que ter a palavra da mulher. Era a colocação feita em 1988 (...). Batalhamos muito por creche e licença-maternidade (...). Nossos filhos devem ter a segurança de pai e mãe, figuras identificadas pela criança. O que a índia faz? Ela pega a criança e gruda-se a ela. Até a criança andar, ela fica grudada nela. Assim o índio cresce com segurança, com autonomia e vai em frente. Nós, brancos, não fazemos isso, e vemos milhares de conflitos gravíssimos de crianças que não foram acompanhadas diretamente por pai e mãe ou por uma figura que dê segurança. Temos tido graves consequências. Penso assim: Será que eu, como mãe que tive minha filha Moara, de nome indígena, (...) sair para as atividades sem dar proteção total à criança? Acho que não é justo. Acho que hoje já não mais falaria em licença-maternidade por 6 meses; nós, mulheres e homens, temos que batalhar para que a licença- maternidade se estenda até 2 anos!¹³⁰³

¹³⁰² SOUSA, Luíza Erundina de. Comunicação. Câmara dos Deputados. Departamento de Taquigrafia, revisão e redação. Seminário “Constituição 20 Anos: Estado, Democracia e Participação Popular.” Brasília, 27 de novembro de 2008. p. 2 – 3. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/clp/documentos/notas-taquigraficas/copy_of_notas-taquigraficas/2008/constituicao-20-anos-parte2 Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

¹³⁰³ Idem. p. 30 – 31.

Em sua fala, Irma não se aprofundou no Movimento do Custo de Vida ou nos grupos de moradores da periferia. Contudo, não deixou de trazer à tona fatos relacionados a esse período, como a reivindicação por creches e a retórica da dignidade materna. Ao remeter para a necessidade de o Brasil ter uma presidenta, ela também disse: “que cada mulher seja mulher de verdade, como fonte da vida, pelo nosso útero. É aquela visão de que justiça social seja essencial. Não basta ser mulher; tem que assumir esse compromisso.”¹³⁰⁴

Sua imagem pública não deixou de se pautar na experiência com a maternidade, pois Irma expõe as angústias em relação à necessidade de se afastar de seus filhos para trabalhar, amparando-se no imaginário coletivo de que as mães deveriam ter dedicação total à sua prole.¹³⁰⁵ Ao perceber-se, ainda que indiretamente, como branca, Irma entende que a forma como exerce sua maternidade difere das mulheres indígenas. Essa colocação provavelmente foi uma referência à fala proferida pelo cacique Nailton Muniz Pataxó, o qual havia acabado de se pronunciar.¹³⁰⁶ Dois anos depois, Irma e Luíza foram convidadas para compor uma mesa na ALESP. A temática do evento era a participação política de mulheres e a sua representatividade nas casas legislativas brasileiras. A Assembleia inclusive reforçou esse fato em uma matéria publicada em sua página oficial. Sobre Passoni foi dito:

Primeira deputada do PT na Assembleia Legislativa, Irma Passoni considerou que a Constituinte de 1988 representou "a colheita dos movimentos femininos rurais e urbanos", ao assegurar direitos, estabelecer a igualdade entre os sexos e assegurar a conquista de direitos sociais e individuais. Porém a presença feminina na política, embora tenha crescido, ainda é pequena, disse.

Dentre as causas dessa sub-representação, Passoni apontou a falta de um fundo público de financiamento das campanhas e de apoio dos partidos. O desafio das mulheres é "construir relações de equilíbrio na família, no trabalho, na prática política e nas relações com os homens, pois as mulheres não geram só vidas, podem gerar inteligência e uma melhor política de direitos humanos". Finalizando, Passoni declarou que "é possível mudar o país pela inteligência".¹³⁰⁷

¹³⁰⁴ Ibidem. p. 25.

¹³⁰⁵ BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. São Paulo: Editora Record, 2011.

¹³⁰⁶ Além de Irma, falaram o arquiteto Francisco Whitaker, a pedagoga feminista Shuma Schumacher e o cacique Nailton Muniz Pataxó, o qual tratou dos direitos indígenas e das barreiras ainda existentes em relação à posse da terra mesmo após 1988. (SOUSA, Luíza Erundina de. Op Cit, 2008. p. 19 – 24.).

¹³⁰⁷ ALESP. Participação das mulheres na política em debate. São Paulo: Assembleia Legislativa de São Paulo, 24 de fevereiro de 2010. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=272611> Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

Parte daquilo que foi dito na Câmara dos Deputados estava presente no evento da ALESP. Ao tratar da maternidade como centro da organização familiar, Irma ressalta sua identificação com movimentos de mulheres e, ao mesmo tempo, retoma uma das premissas do ITS que é a produção de conhecimento. Apesar do teor de sua fala, devemos levar em consideração os recortes realizados e questionar o porquê de eles terem sido feitos de tal forma. Daquilo que foi dito sobre a participação feminina na política (o tema central do evento), optou-se por selecionar suas menções às trabalhadoras urbanas e rurais, à família e ao trabalho com tecnologia.

Tanto a maneira como foi descrita quanto a escolha do que foi dito são produtos também dos anseios da bancada do PT, a qual organizou aquele evento. Nesse sentido, a militante seria ligada à história do partido, da mesma forma que ela poderia retomar certos temas para se posicionar como semelhante àquelas que estavam na mesa. Lembrando que em outros momentos ela se distanciou da legenda, reforçamos que as identidades se moldam no decorrer do tempo, acomodando-se a certas necessidades e recompondo-se no contato com pessoas com vivências semelhantes.¹³⁰⁸ Da mesma forma, elas não são lineares ou atemporais, pois oscilam de acordo com os anseios e com o momento de quem fala. Dentre as fotografias que complementam a matéria, a composição feminina da mesa ganha destaque. Sentada ao canto, Irma observa as demais palestrantes.



Da direita para a esquerda: Maria Lúcia Prandi, Luíza Erundina de Sousa, Beatriz Pardi e Irma Rossetto Passoni. Fotografia. ALESP. Participação das mulheres na política em debate. São Paulo: Assembleia Legislativa de São Paulo, 24 de fevereiro de 2010. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=272611> Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

¹³⁰⁸ THOMSON, Alistair. *Recompondo memórias: questões sobre as relações entre a História Oral e as memórias*. *Projeto História*, São Paulo, Vol. 15, 1997.

O próprio PT já havia refletido sobre a trajetória de Irma anteriormente. Em 2008, a Fundação Perseu Abramo publicou a já citada entrevista concedida por ela a Marieta de Moraes Ferreira e Alexandre Fortes. Para abrir sua transcrição, esses pesquisadores escreveram um resumo que diz o seguinte:

Irma Rossetto Passoni, nascida em Concórdia, no estado de Santa Catarina, mudou-se para São Paulo em 1959 (...). Foi religiosa da Ordem Instituto Beatíssima Virgem Maria (atual Congregação de Jesus) de 1965 a 1971 (...). Com papel destacado na organização dos movimentos populares da Zona Sul da cidade de São Paulo, especialmente o Movimento Contra o Custo de Vida, foi eleita deputada estadual pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em 1978. Com a decisão da maioria da militância das Comunidades Eclesiais de Base (CEB) do estado de aderir à proposta do Partido dos Trabalhadores, Irma tornou-se fundadora do partido e sua secretária estadual de Organização. Foi eleita deputada federal pelo PT de São Paulo em 1982 e reeleita em 1986 (integrando o Congresso Constituinte) e 1990. Na Câmara Federal, chegou a ser líder da bancada do partido em três ocasiões e integrou a sua Comissão Executiva Nacional. Foi relatora da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) Causas e Dimensões do Atraso Científico- Tecnológico Brasileiro no Sistema de Ensino, Pesquisa e Extensão, presidente da Comissão de Ciência, Tecnologia, Comunicação e Informática e relatora da Lei de Informática (...). Atualmente preside o Instituto de Tecnologia Social (ITS), uma Organização Social Civil de Interesse Público (Oscip) com sede em São Paulo.¹³⁰⁹

O foco da apresentação é a sua trajetória no PT, o que não surpreende, visto o interesse dos organizadores em contar a história do partido. Essa apresentação, contudo, seria um apanhado daquilo que foi dito por Passoni para facilitar o acesso de quem porventura lesse a entrevista. Apesar de contemplar o seu ponto de vista, o texto em questão deve ser analisado como produto do diálogo entre aquela que relata e seus entrevistadores.¹³¹⁰ Sendo assim, sua fala foi guiada por perguntas e de acordo com o enfoque sugerido, o que influenciou na construção da apresentação acima. Para além da carreira político-partidária, a trajetória no MCV e nos movimentos de moradores das periferias da Zona Sul é citada, além do trabalho com a tecnologia e a presidência do ITS. Sua origem regional e o período em que foi freira também são pontuados. Duas imagens também são utilizadas para compor o relato. Uma delas enquadrou Irma com um megafone na mão e rodeada por diversas pessoas. Na legenda está escrito: “Irma Passoni participa do Movimento Contra a Carestia (1981)”.¹³¹¹ A outra é de um momento em que ela estava de mãos dadas com outras mulheres na porta da Catedral da Sé (Centro de São Paulo) e a descrição afirma: “Irma Passoni, ao centro, durante o

¹³⁰⁹ FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre (orgs.). Op Cit, 2008. p. 311.

¹³¹⁰ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

¹³¹¹ FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre (orgs.). Op Cit, 2008. p. 309 – 310.

Congresso da Mulher Paulista (...) (1975)”.¹³¹² Tanto uma quanto a outra lembram quem lê de que se trata de uma representante de movimentos que davam grande atenção às pautas de gênero.



Fotografias selecionadas para compor a transcrição da entrevista de Irma Passoni. Elas são, respectivamente: “Irma Passoni participa do Movimento Contra a Carestia (1981)” (p. 309); Fotografia de apresentação de Irma Passoni (p. 311); “Irma Passoni, ao centro, durante o Congresso da Mulher Paulista (...) (1975)” (p. 321). In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre (orgs.). Op Cit, 2008.

O PT ainda viria a expor uma outra fotografia de Irma em meio às celebrações do seu aniversário de 38 anos (2018). Buscando selecionar eventos para contar a sua história, o partido tratou da eleição de seu primeiro Senador, Eduardo Suplicy (1990), e *postou* uma foto de sua campanha. Irma também estava tentando se eleger naquele ano, mas como deputada federal. Na imagem, ela aparece de braços dados com Suplicy, o qual tem Lula e Plínio de Arruda Sampaio ao seu lado. Contudo, o texto da publicação menciona apenas os nomes dos três homens e não o daquela mulher. Mesmo se considerarmos que a agremiação desconstruiu muito das barreiras impostas às suas companheiras, salta aos nossos olhos esse silenciamento. Por outro lado, ele pode ser fruto do distanciamento de Irma da carreira política, o que reduziu a sua visibilidade. Essa análise faz sentido quando comparamos o seu caso com o de Luíza, a qual conseguiu se manter *visível* na cena política após deixar o PT. Além disso, devemos

¹³¹² Idem. p. 321.

entender que fatores como a aproximação com a tecnologia podem ter transformado os capitais construídos por Passoni no decorrer da sua vida, afastando-a ou aproximando-a de certos sujeitos. Se, por um lado, o reconhecimento acadêmico e profissional (como professora) permaneceu, por outro, o partido dela se afastou.



PARTIDO dos Trabalhadores. Postagem. Instagram. 26 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/pt.brasil/posts/em-1990-eduardo-suplicy-torna-se-o-primeiro-senador-petista-a-tomar-posse-na-fot/1728618397224528/> Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

Se levarmos em consideração que o responsável por essas publicações pode não ter conhecido Irma (pela distância geracional e a retirada de holofotes), o silenciamento ocorrido em 2018 pode ser fruto também (ou simultaneamente) da falta de reconhecimento de quem seria aquela pessoa no canto da fotografia. Mesmo assim, ela não deixou de ser lembrada anos antes como a militante das CEBs que chegou ao PT. Essa perspectiva, contudo, não é exclusiva do Partido dos Trabalhadores (expressa na entrevista anteriormente referida). Em um Simpósio que tratou de Tecnologia em 2014, e que teve Irma dentre os seus organizadores,¹³¹³ o pesquisador Victor Pellegrini Mammana disse aos espectadores:

(...) a Profa. Irma Passoni dispensa apresentações. Iniciou sua carreira no "Movimento contra a Carestia", na década de 70, enfrentando com coragem e com compromisso público o ambiente repressivo da época. Um dos registros mais marcantes da luta contra a Ditadura é uma foto dela em uma manifestação de rua na qual está fazendo frente a policiais montados a cavalo. O detalhe: Profa. Irma estava grávida. Em seguida, assumiu um papel importante à frente dos temas de Ciência e Tecnologia, tendo sido relatora da "Comissão Parlamentar Mista (Senado e Câmara Federais) - CPMI sobre as Causas e Dimensões do Atraso Tecnológico". Esta fase de sua carreira a aproximou do então Centro Tecnológico para a Informática, tendo tido um

¹³¹³ CTI Renato Archer. I Simpósio de Tecnologia Assistiva. Campinas: CNRTA-CTI, 2014. Disponível em: https://www.cti.gov.br/sites/default/files/images/cnrta_livro_150715_digital_final_segunda_versao.pdf Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

relevante papel em seu apoio, inclusive em questões da formalização das carreiras dos pesquisadores e tecnologistas.¹³¹⁴

A fotografia citada é de 1978 e foi, em mais de um momento, utilizada para compor a trajetória de Irma Passoni, como analisado no segundo capítulo. Como visto anteriormente, a imagem de uma mulher grávida, ao lado da cavalaria, na porta de uma fábrica e de madrugada, foi apropriada para sintetizar a sua militância, o que provavelmente ocorre pelo espanto de se imaginar uma gestante naquele cenário caótico e potencialmente violento. Além de se tornar um *medium* ou suporte para a lembrança, ela ainda referencia a narrativa do professor, o qual parte de uma ideia de coragem e sacrifício para transmitir uma aura de bravura a sua homenageada. Seguindo a fala, Mammana também trata da sua atuação parlamentar e remete, a partir dela, ao trabalho de Irma com a tecnologia, podendo assim compreender como se construíram os seus laços com a presidenta do ITS. Esses dados convergem com a descrição dos participantes do evento realizada ao final da publicação. Em um texto de poucas linhas, o Centro de Tecnologia da Informação diz:

Irma Rossetto Passoni

Graduação em Pedagogia (1974). Professora e Supervisora de Treinamento Pessoal em empresas privadas. Parlamentar por quatro mandatos e Constituinte; Relatora da CPMI Causas e Dimensões do Atraso Científico e Tecnológico Brasileiro (1992); Presidente da Comissão de Ciência Tecnologia Comunicação e Informática (1992), Presidente da Comissão de Serviços Públicos (1993). Como consultora em comunicação, trabalhou na implantação de canais de acesso público legislativos (Câmara Federal, Assembleia Legislativa, Câmaras Municipais) e canais educativo-culturais (Canal Comunitário, Canal Universitário). Participou das atividades de articulação com entidades da sociedade civil organizada na Conferência Nacional de âmbito da Ciência, Tecnologia e Inovação (2002, 2004 e 2010). Gerente executiva do Instituto de Tecnologia Social (2001-2011). Educadora popular, atua na elaboração de conceitos, métodos e práticas em políticas públicas no âmbito da Tecnologia Social, Tecnologia Assistiva, o Desenvolvimento Local Participativo nos Municípios, entre outros.¹³¹⁵

O texto muito provavelmente foi escrito por Irma. Mesmo assim, vale salientar que ele possivelmente passou pela revisão dos demais organizadores do evento, os quais, ao que tudo indica, concordaram com a narrativa de Victor Pellegrini e da própria Irma Passoni. A questão aqui não é repetir fatos ou provar a sua veracidade, mas, sem negar a trajetória dessa militante, mostrar como certas memórias se aproximam ou se

¹³¹⁴ MAMMANA, Victor Pellegrini. Centro Nacional de Referência em Tecnologia Assistida. In: CTI Renato Archer. Op Cit, 2014. p. 3.

¹³¹⁵ Comissão Organizadora do livro do livro do I Simpósio Internacional de Tecnologia Assistida. In: CTI Renato Archer. Op Cit, 2014. p. 86.

distanciam, moldando a imagem da personagem sem deixar de atender a anseios e objetivos específicos. Da mesma forma que o CTI, o ITS parte do ponto de vista de sua fundadora para apresentá-la:

Irma Passoni, uma das fundadoras do ITS BRASIL teve participação ativa no Ato Contra a Carestia, que completou no último dia 27 de agosto, 40 anos de história. Este Ato foi organizado pelo Movimento Custo de Vida (MCV) e levou mais de 20 mil pessoas a comparecerem na Praça da Sé (SP) para protestar contra a política econômica defendida pelo governo (...), que culminava em miséria para grande parte da população brasileira (...). Irma Passoni concedeu entrevista ao portal Tutaméia, contando suas lembranças do Movimento, e falando sobre lutas que permanecem atuais em nossa sociedade. “Ir à praça da Sé no dia 27 de agosto de 1978 foi uma decisão de coragem, de cidadania e de risco. Havia muito medo, as pessoas eram ameaçadas o tempo todo: vai ter bomba, vai ter cavalaria, vocês vão ser presos. Mesmo com essas ameaças, as pessoas resolveram ir” (Irma Passoni)¹³¹⁶

Em outra publicação, a instituição também afirma:

Relato

Este importante debate aconteceu no dia 04 de outubro na livraria Tapera Taperá. Esteve presente Irma Passoni, militante do MCV e de outros movimentos populares nos anos 1970, ex-deputada estadual pelo MDB (1979-82) e federal pelo PT (1983-95) e fundadora do Instituto de Tecnologia Social. Além de Irma Passoni, estiveram no debate Natália Szermeta – Coordenadora do MTST, em São Paulo, Alana Moraes – Doutoranda pelo Museu Nacional/UFRJ que compõe o Urucum Pesquisa-Luta e Thiago Monteiro – Mestre em História Social pela USP, autor do livro “Como pode um povo vivo viver nesta carestia: o Movimento do Custo de Vida em São Paulo (1973-1982)”. A história das lutas do Movimento do Custo de Vida aborda experiências fundamentais para a fundação e existência do ITS BRASIL.¹³¹⁷

Como analisamos anteriormente, Irma compreende que o Instituto de Tecnologia Social é herdeiro do Movimento do Custo de Vida, o que provavelmente não deixou de influir no ponto de vista de seus companheiros de trabalho. Assim, os organizadores da página do ITS reafirmam a identidade da instituição com os movimentos da década de 1970. A intenção é divulgar os trabalhos realizados por seus membros e noticiar aquilo que diz respeito à tecnologia, acessibilidade e desenvolvimento social. Dessa maneira, participam da construção de uma memória sobre Passoni e o ITS. Ambos os eventos acima descritos foram decorrentes do aniversário de 40 anos do Ato da Praça da Sé

¹³¹⁶ INSTITUTO de Tecnologia Social. Irma Passoni e o Ato Contra a Carestia. 31 de agosto de 2018. Disponível em: <http://itsbrasil.org.br/2018/08/31/irma-passoni-e-o-ato-contra-a-carestia/> Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

¹³¹⁷ INSTITUTO de Tecnologia Social. Debate: Mulheres e lutas na periferia de SP. 11 de outubro de 2017. Disponível em: <http://itsbrasil.org.br/2017/10/11/debate-mulheres-e-lutas-na-periferia-de-sp/> Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

(1978), fato este que se tornou um marco na lembrança de muitas das militantes do MCV devido à violência da repressão policial e o consequente enrijecimento de sua oposição ao regime autoritário.¹³¹⁸ Em uma postagem do Instituto foi escrito também:

No dia 05 de outubro de 1988, o Brasil saiu do regime militar para a democracia. Foram 20 meses de debates entre os constituintes e os cidadãos até que a Constituição Brasileira fosse finalizada. O ITS BRASIL faz parte dessa história através de uma de suas fundadoras, a constituinte Irma Passoni. A OAB São Paulo aproveitou a ocasião para homenagear os constituintes e reforçar a importância da Constituição para a Democracia Brasileira.¹³¹⁹

Houve também uma menção ao Prêmio Bertha Lutz, recebido por Irma e as demais mulheres que fizeram parte da bancada feminina da Assembleia Nacional Constituinte (presentes na cerimônia ou representadas por familiares):

Homenagem

Na manhã de hoje, dia 07 de março, no calendário comemorativo de homenagem às mulheres, o Senado Federal entregou o Diploma Bertha Lutz às 26 mulheres constituintes que foram eleitas e participaram da elaboração da Constituição de 1988, que completa 30 anos neste ano. Entre as 26 mulheres, Irma Passoni, uma das fundadoras do ITS BRASIL, foi homenageada também nesta manhã. O Senado Federal entrega anualmente o Diploma Bertha Lutz a personalidades que tenham oferecido contribuição relevante à defesa dos direitos da mulher e questões do gênero no Brasil. É muito importante ter no Instituto pessoa tão comprometida e que continua contribuindo com a defesa dos direitos humanos e da igualdade de direitos para todos, como a professora Irma.¹³²⁰

O ITS também se reconhece na Constituinte, pois, ao escrever sobre Irma, fala de si, busca compreender o seu trabalho como uma continuidade daqueles fatos e reforça valores como a democracia e os direitos humanos. A ponte entre os movimentos de donas de casa com o presente passa pela Constituinte. Diferente de outros momentos em que a trajetória parlamentar e a militância nos bairros disputaram espaço nas memórias sobre Irma, o Instituto concilia esses fatos para reafirmar seus projetos. Porém, não há menções ao seu partido, como nos relatos produzidos pela ALESP, e muito menos trata-se de sua passagem pelo Ministério das Comunicações, talvez por essa ser considerada dissonante em seu trabalho com a tecnologia ao expor conflitos e

¹³¹⁸ MONTEIRO, Thiago Nunes. Op Cit, 2017. p. 164.

¹³¹⁹ INSTITUTO de Tecnologia Social. 30 Anos da Constituição Federal. 5 de outubro de 2018. Disponível em: <http://itsbrasil.org.br/2018/10/05/30-anos-da-constituicao-federal/> Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

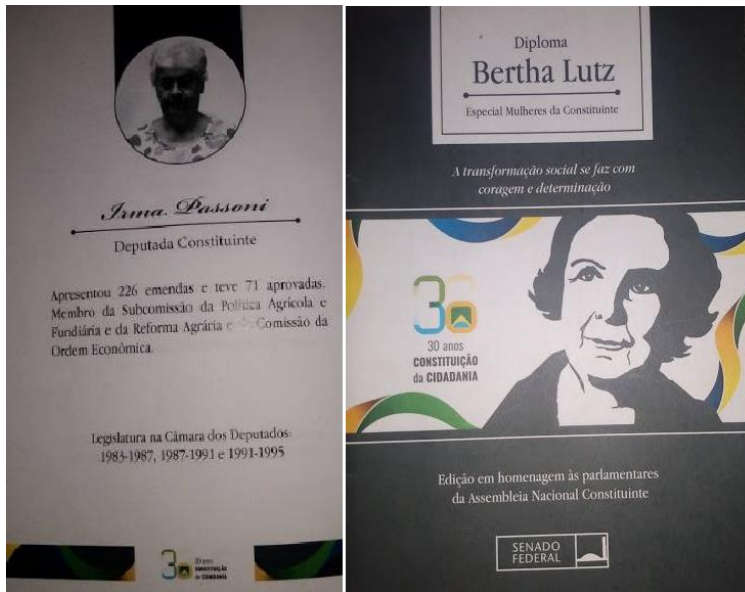
¹³²⁰ INSTITUTO de Tecnologia Social. Mulheres constituintes são homenageadas com o Diploma Bertha Lutz. 7 de março de 2018. Disponível em: <http://itsbrasil.org.br/2018/03/07/mulheres-constituintes-sao-homenageadas-com-o-diploma-bertha-lutz/> Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

hesitações. A imagem escolhida para compor o texto é do momento no qual Passoni posa para uma foto após receber o Diploma:



Foto selecionada pelo ITS para compor a sua matéria. Disponível em: INSTITUTO de Tecnologia Social. Mulheres constituintes são homenageadas com o Diploma Bertha Lutz. 7 de março de 2018. Disponível em: <http://itsbrasil.org.br/2018/03/07/mulheres-constituintes-sao-homenageadas-com-o-diploma-bertha-lutz/> Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

O Senado, ao tratar da mesma premiação, optou por ressaltar os números de emendas propostas por Irma e os anos em que ela esteve na Câmara dos Deputados. Para isso, produziu um livreto no qual dedica uma página para cada uma das 26 homenageadas e mostra uma fotografia de rosto de cada uma delas. Também publicou uma imagem na qual todas as homenageadas aparecem em um momento de descontração no gabinete do Presidente do Senado. A simbologia da diplomação e a escolha da data de entrega também devem ser consideradas, pois Irma não deixou de ter o seu passado associado, naquele momento, aos movimentos de mulheres e à conquista de direitos. O prêmio em questão é conferido àquelas que a casa considera que realizaram contribuições expressivas para reduzir as desigualdades de gênero.



SENADO Federal. Diploma Bertha Lutz. Brasília: Congresso Nacional, 2018. Doação de Irma Passoni para o autor.



Dia do recebimento do Diploma Bertha Lutz. Irma está ao centro da imagem, vestida de vermelho. BRANDÃO, Marcos. Fotografia. Senado Federal. Brasília, 7 de março de 2018. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/agenciasenado/39967346424/in/photostream/> Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

Se, para alguns, Irma traiu os movimentos de classe por se dedicar a um tema *distante*, outros recordam de sua militância e conferem homenagens à sua atuação em prol dos Direitos Humanos. Para a própria, seus projetos apenas tinham o objetivo de atender às demandas daqueles e daquelas a quem representava (os moradores das periferias, as mães trabalhadoras e os jovens carentes). De fato, o seu trabalho se transformou consideravelmente, pois passou da alfabetização de adultos para o custo de vida, da luta por creches nos locais de trabalho à inclusão digital de trabalhadores e de pessoas com deficiência.¹³²¹ Seria Irma menos militante por romper com um arquétipo

¹³²¹ O Instituto de Tecnologia Social publicou um balanço de trabalhos realizados com pessoas com deficiência. Nele, há relatos de colaboradores e trabalhadores que atuaram com o ITS (INSTITUTO de

tão patriarcal de política?¹³²² O autor deste texto crê que não, pois assim como os demais sujeitos históricos, ela tem uma vida atravessada por um emaranhado de vetores *socio-temporais* complexos que não cabem numa cartilha, num estatuto ou numa simples linearidade. Eis uma trajetória que merece ser sempre retomada por outras pesquisas.

Tecnologia Social. *Emprego apoiado e qualidade de vida: Abrindo portas*. São Paulo: ITS-Brasil, Pronas, 2017.).

¹³²² Na minha impossibilidade ética de definir esse arquétipo, parto das ideias de Margareth Rago, a qual explica como os espaços políticos foram pensados para atender ao público masculino e excluir as mulheres. Segundo a autora, esse silenciamento se dava também na maneira como o ponto de vista feminino foi desconsiderado, apesar da presença delas na militância partidária (RAGO, Luzia Margareth. Op Cit, 2013.).

Considerações Finais

Quão representativa de um tempo ou sociedade uma pessoa é? Quão distante ela está de seus pares? Em que medida a sua vida pode ser exemplar de um processo histórico? Qual o seu espaço de decisão em um determinado momento e até que ponto ela agiu por impulso ou porque não teve escolha? Perguntas como essas, vira e mexe, são acionadas por nós historiadores (as). Ao se problematizar uma ou mais existências, em diversos momentos negou-se o caráter subjetivo dessas questões e o porquê da escolha de se debruçar sobre aquela (s) e não outra (s) pessoa (s).¹³²³ O autor desse texto reconhece que sua escolha ao analisar a inserção de mulheres em agremiações políticas e no poder institucional se deu por sua afinidade com as pessoas aqui biografadas. Não por ter uma amizade ou conviver com elas, mas por se identificar com algumas de suas falas, atitudes, experiências e memórias.

Lélia se via como cidadã de duas terras, pois ao mesmo tempo em que se percebia como brasileira, reforçava a sua ascendência italiana. Irma também tinha uma família de origem italiana, mas se volta ao seu deslocamento espacial interno (de Concórdia para São Paulo) para compreender o início de sua carreira política e profissional. Luíza, por fim, repete que é migrante e se associa aos retirantes e trabalhadores sertanejos do interior nordestino. Sua chegada a São Paulo reforça antagonismos de origem e mesmo de classe. O vetor geográfico é, portanto, central para se compreender as carreiras políticas dessas três mulheres, pois, além das memórias costuradas por esses pertencimentos, serviram de motivação para o ingresso em grupos ou movimentos sociais. Além do mais, é necessário voltar nossos olhos para os empregos exercidos, as formações acadêmicas e profissionais, e mesmo às condições materiais de suas famílias durante o período da infância e juventude, pois trazem dados acerca dos campos de possibilidades que elas tiveram no decorrer de suas vidas. Nesse sentido, o ingresso em movimentos de trabalhadores seria fruto de uma série de fatores que vai da construção dos pertencimentos acima citados até o que elas tinham à disposição como repertório político em um dado momento.

¹³²³ DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

Lélia é a mais velha das três e atuou junto a trotskistas na década de 1930, em muito guiada por seus irmãos mais velhos, mas também em função da identificação pessoal com o marxismo. Ela não entrou na esquerda porque nasceu com uma pretensa consciência político-ideológica, mas porque conseguiu se enxergar no que era dito por seus familiares e *companheiros de partido*. Nem todos os Abramós ingressaram em agremiações políticas, o que reforça nossa afirmação de que a militância não é inata. Como uma atividade realizada num determinado espaço e tempo, Lélia teve a LC no seu horizonte próximo. Ela talvez se interessasse pelas artes cênicas, mas não tinha a certeza (e mesmo o projeto) de se tornar famosa e muito menos que seria presidenta do SATED. Sua militância no meio artístico seria fruto dos repertórios construídos em movimentos de classe e políticos somados ao trabalho exercido nos palcos desde 1958. Ela não estava dada em 1932!

Se, por um lado, Lélia era próxima de uma visão internacionalista da sociedade, por outro, ela se voltou para o pertencimento nacional a fim de se compreender. O próprio início de sua autobiografia é um relato dos sentimentos despertados no seu pai (e, de modo mais amplo, na colônia italiana em São Paulo) com o término da Primeira Guerra Mundial. Tal constatação não é uma acusação de incoerência, mas uma maneira de mostrar como os sujeitos são um emaranhado de referências e imaginários (muitas vezes opostos), não podendo, assim, ser vistos como totalidades lineares e homogêneas. Vivendo na Itália fascista entre 1938 e 1950 e em meio à guerra, Lélia trabalhou onde pôde e teve de exercer um emprego controlado por seus inimigos. Vamos para nossa próxima militante.

Luíza migrou diversas vezes devido à seca e não tinha a certeza de que iria parar em João Pessoa ou em São Paulo. Seu projeto inicial era concluir a educação básica, talvez como uma maneira de ascender socialmente e se livrar das angústias de viver se mudando e passando por privações. O fato de ter uma tia vivendo relativamente próxima e em condições de abrigá-la deu-lhe a possibilidade de seguir estudando. Anos depois, ela estabeleceu laços com religiosas, aproximando-se do Serviço Social. Sua proximidade com o Movimento Reconceitualista da sua área profissional se deu na continuidade do curso e não estava posta logo no início da sua graduação. Talvez houvesse o projeto de desenvolver ações para reduzir as desigualdades do público atendido, mas sua ideia de Revolução foi feita e refeita no decorrer de sua atividade profissional e política, pois, assim como sua própria vida, as premissas do marxismo se

modificaram intensamente na segunda metade do século XX. Como os demais sujeitos históricos, Luíza não era totalmente coerente, mas caminhava entre o querer e o poder, realizando seus projetos pessoais de acordo com o que tinha à disposição naqueles anos. Se observarmos o início da sua militância, notamos que ela não a iniciou a partir de um rompimento com a religião e o Estado, mas uniu essas pontas e trabalhou desde dentro das instituições para atender os moradores das periferias em São Paulo.

Erundina não iniciou sua carreira política já consciente da importância de defender os direitos das mulheres, dos LGBTs ou de outros grupos sociais, mas fez e refez a sua pauta conforme foi conhecendo novas referências. A própria noção do que são esses grupos e quais as suas principais demandas se metamorfoseou significativamente. Se Luíza segue se vendo como migrante, sua imagem de representante das mulheres ou de defensora das pautas de gênero é algo relativamente recente. Tais rupturas e continuidades são dados profícuos para pensarmos na escrita de si da nossa personagem e mesmo historicizar os seus pertencimentos, podendo assim analisar quais dados se tornam importantes em sua memória e para quem ela falava em diferentes momentos. Sendo assim, Erundina se construiu no decorrer de sua vida ao identificar e interpretar experiências pessoais e coletivas, conseguindo compreender-se como militante de esquerda, trabalhadora e representante dos migrantes nordestinos de São Paulo. Seguimos para nossa última personagem.

Irma também se aproximou das esquerdas desde dentro da Igreja. Tal fato não deixou de ser visto como um demérito por parte de alguns de seus companheiros de partido ou determinados grupos de mulheres, como vimos no terceiro capítulo. Nossa personagem não se reconhece no feminismo (no caso aquele que via como elitista e radical). Compreendendo a sua militância por meio da Teologia da Libertação e das leituras realizadas na graduação, ela constrói outras pontes e passa a dialogar com os movimentos das periferias paulistanas, compreendendo-se como parte das trabalhadoras, líderes de bairro e mães. Contudo, tal consciência não estava dada logo que ela entrou no Instituto Beatíssima Virgem Maria e muito menos quando trabalhava com sua família no interior catarinense, mas, assim como nossas outras militantes, foi esculpida no decorrer de sua atividade. Se, por um lado, a atividade religiosa surge como um marco em sua vida, por outro, Irma quebrou padrões e expectativas ao deixar o hábito em 1971.

Como falamos no primeiro capítulo, as mudanças realizadas em seu nome podem ser entendidas como sintomáticas das metamorfoses dos seus campos de possibilidades e projetos pessoais. Não são marcos estanques, mas foram decorrentes das escolhas realizadas e da atividade que exercia em cada momento. Rossetto, Irmã Angélica ou Passoni? Não estamos falando de três pessoas ou de três identidades, mas de trabalhos, posições sociais e espaços ocupados por ela e muitas outras mulheres em diversos momentos. Diferente dos homens, elas mudavam seus nomes ao se casar ou entrar em ordens religiosas. Irma não imaginava que seria deputada constituinte quando se tornou deputada estadual em 1978 e muito menos que trabalharia com tecnologia quando participou da fundação do MCV em 1973. Os fios que unem as relações entre presente (s) e passado (s) foram costurados depois que ela passou a refletir de modo mais sistemático (a partir de convites para entrevistas e homenagens, por exemplo) sobre o que realizou e estabelecer assim linhas de continuidade temporais e comparações.

Pensando nos movimentos e agremiações políticas que nossas três personagens tinham à disposição no início de suas carreiras, notamos diferenças. Lélia entrou na LC no momento em que o direito ao voto feminino era conquistado no Brasil, além de presenciar o fortalecimento de debates acerca das condições de trabalho e da necessidade de se reconhecer as especificidades das mulheres. Luíza e Irma começaram a ganhar as ruas posteriormente, em um contexto de ascensão de grupos feministas que defendiam a quebra de padrões familiares e sexuais. Ambas eram próximas de religiosas (os), de moradores da periferia e se afastaram do feminismo que taxavam de elitista.

Como visto no segundo capítulo, todas se aproximaram (de uma forma ou de outra) dos (as) metalúrgicos (as) do ABC, categoria profissional que se destacava em todo o Brasil por sua combatividade no contexto da redemocratização, em 1978. Suas experiências em agremiações e movimentos sociais e de classe são fatores que ajudam a entender a identificação delas com esses trabalhadores. Contudo, tal aproximação não era dada “naturalmente”, pois não há uma relação de causa e efeito entre participação em movimentos sociais da periferia e confluência política com sindicatos considerados autênticos e combativos, e depois com o partido criado na esteira de suas lutas: o PT. Houve quem seguiu outros caminhos e isso não era exclusivo daquele período. Aurélio Peres, por exemplo, foi para o PC do B; houve quem fosse para o PCB ou para o PDT. Da mesma maneira houve quem se desligasse do PT pouco tempo depois ou que

rompesse com a legenda posteriormente, o que não estava previsto quando assinaram a ata de 1980. Também se deu o caso de pessoas que ingressaram no Partido dos Trabalhadores anos depois, vindo do PMDB, do PDT ou de outros grupos. Como bem alerta Lincoln Secco, a legenda não era feita exclusivamente por sindicalistas ou movimentos de base, mas agregou também pessoas de classe média ou de elite. Havia ainda indivíduos com experiência na política institucional, o que rompe com a visão idealista de um partido criado exclusivamente “de baixo”.¹³²⁴

Lélia Abramo é exemplo dessa afirmação, pois nasceu em uma família rica, teve a possibilidade de viajar para o exterior e era próxima de sujeitos atuantes na política institucional. Entretanto, ela tinha também um passado sindical e visibilidade o suficiente para ganhar a confiança de seus companheiros de partido. Já Luíza possuía um trabalho junto a setores populares, mas esse fator não a poupou de desavenças com companheiros políticos, as quais inclusive a levaram a se desligar do PT em 1997. Irma, por seu turno, veio dos movimentos de base, também passou por conflitos com os colegas de partido e acabou se direcionando para a pauta da inclusão digital. Se, por um lado, ela reconhece que essa demanda beneficiaria trabalhadores e outros setores populares, por outro, uma parte de seus companheiros entendia que esse projeto a distanciaria dos movimentos de classe. Como algo surgido posteriormente, tal trabalho não pode ser visto como uma contradição aos projetos desenhados no PT, mas como algo surgido das necessidades e anseios do final dos anos 1980, momento em que o neoliberalismo ascendia na América Latina.

Entre projetos e expectativas frustradas, cada uma lidou com o PT de uma forma específica nos anos 1990 e 2000. Lélia foi a única que seguiu filiada, mas não deixou de criticar a agremiação. Cada qual teve um espaço na posse do presidente Lula (2003), o qual não seria o mesmo do dia da fundação do Partido, como lembrou Lélia ao ser entrevistada naquele dia. Se as posições mudaram, as relações com o PT e seus membros não deixaram igualmente de se transformar, o que deve ser historicizado e entendido como algo que foi construído “no andar da carruagem”. Os repertórios políticos e culturais das protagonistas desta tese se modificaram e se ampliaram, e com eles o passado foi reconsiderado, levando consigo certezas pessoais, relações e mesmo pertencimentos, e agregando novos. Tais mudanças também se dão de fora para dentro, pois as suas ações acabaram por se tornar marcos em suas imagens, alterando ou

¹³²⁴ SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

reforçando aquilo que se dizia delas em outros momentos. A ideia que se tem de classe, branquitude e gênero também são históricas.

Se Lélia, Luíza e Irma tinham feminilidades diferentes e branquitudes distintas, essa noção sofreu metamorfoses na medida em que ganhavam ou perdiam espaço no imaginário coletivo. Como analisado na terceira e na quarta parte desta tese, a nordestinidade e a feminilidade de Luíza apareciam ou desapareciam dos *jingles* políticos; Irma ora era a mãe, ora a religiosa, ora a militante. Lélia, por fim, teve o fator etário como constituinte de sua imagem como mulher, pois viveu 93 anos e viu uma série de representações e preconceitos serem imputados a ela ao se tornar idosa. Luíza também passa por isso em anos recentes, mas essa questão, por si só, renderia uma outra pesquisa. Cada uma dessas mudanças deve ser entendida como fruto dos debates e necessidades de um determinado grupo e momento, devendo ser analisadas de maneira crítica e não como um dado banal.

Não podemos, enfim, e espero ter reforçado isso ao longo da tese, tomar “as mulheres” como um bloco homogêneo, mas entender que, ao mesmo tempo em que compartilham de experiências comuns derivadas das relações de gênero, acabam por se distanciar no que diz respeito à raça, classe, sexualidade, entre outros marcadores sociais. Nesse sentido, podem se aproximar ou entrar em conflito entre si, pois há, por exemplo, para levarmos em conta apenas a dimensão político-partidária, aquelas que entraram em movimentos sociais ou partidos de esquerda, mas também outras que acabaram por apoiar o regime autoritário brasileiro ou mesmo se opor a agremiações de mulheres. Só para relembrar um caso: como vimos no segundo capítulo, Irma tem lembranças quanto à resistência das moradoras de Vila Remo em relação às associações femininas de elite que iam ao bairro para ensinar atividades manuais e noções de saúde e higiene as suas moradoras. Unidas pela identidade de gênero, mas separadas por outros vetores. É assim que a história das mulheres, fora ou dentro da política institucional, precisa ser construída.

Reforçamos assim, que apesar de nossas personagens serem lidas como mulheres e brancas, suas origens e classes, entre outros fatores, acabavam por distanciá-las. Refiro-me não apenas às hierarquias de feminilidade e branquitude presentes na forma como eram lidas pelos outros, mas também nos campos de possibilidades e obstáculos presentes em suas trajetórias. Tal questão, porém, não deve ser vista como um “destino fatal” no qual somente um grupo teria a oportunidade de ocupar certos

espaços, mas como uma tentativa de compreender que cada uma delas teve de trilhar a sua própria rota para se inserir na política institucional e em cargos de liderança.

Por fim, mas não menos importante, lembramos de mais dois questionamentos. Primeiro no que diz respeito às perguntas levantadas no início dessas considerações. Lélia, Luíza e Irma, como qualquer indivíduo, beberam e bebem dos repertórios e imaginários a sua volta, reproduzem algumas ideias e questionam outras. Assim, não são entes excepcionais ou agentes apartados de seu meio e tempo. Todavia, elas não são totalmente condicionadas pelas estruturas sociais, mas possuem uma margem de negociação, confirmando que a *jaula* que as prende a uma sociedade é *flexível* (parafraseando Carlo Ginzburg).¹³²⁵ Suas vidas ajudam a aproximar nosso olhar da sociedade em que viveram e vivem (nos casos de Luíza e Irma) e visualizar permanências e repetições, mas igualmente quebras de padrões e inconstâncias. Lembrando que são agentes do século XX (e XXI nos casos de Luíza e Irma), não podem ser estudadas como entes deslocados dos eventos e processos desses tempos, mas também não são um exemplo “perfeito” ou “representativo” das regras de funcionamento social estabelecidas por seus pares. Seriam, ao mesmo tempo, excepcionais e normais, como analisam Grendi¹³²⁶ e Levi.¹³²⁷

Finalmente, lembramos que os fatos não podem ser mudados naquilo que diz respeito ao ocorrido, mas podem ser reinterpretados de acordo com os interesses, inserções sociais e bagagens de quem os observa. Nesse sentido, esta tese é uma análise teórica e metodologicamente embasada, envolta por uma série de padrões acadêmicos e éticos, mas não deixa de representar os questionamentos e posicionamentos de seu autor. Portanto, reforço minha identificação com Lélia, Luíza e Irma e o desejo de que mais pessoas se debrucem sobre suas vidas para que jamais sejam esquecidas. Afirmo, então, que minha tese serve, assim espero, para refletir sobre essas três vidas, mas que não se propõe a ser uma reprodução total e cristalina dessas. De modo geral, busquei contribuir com a historiografia sobre os partidos políticos e a atuação feminina em diferentes espaços públicos, além de dialogar, em termos teóricos, com as reflexões

¹³²⁵ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Editora Companhia das Letras, 2017.

¹³²⁶ GRENDI, Edoardo. Microanálise e História Social. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho (orgs.). *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2009.

¹³²⁷ LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

acerca das escalas de análise e da relação entre biografia e história. Valeu muito a pena me debruçar sobre essas três vidas!

Lélia Abramo, presente!

Viva Luíza Erundina!

Viva Irma Passoni!



Primeira Imagem: Lélia Abramo (S/A. Lélia Abramo morre aos 93. Diretório Estadual do PT São Paulo. *Linha Direta*. Ano XIII, n 604, de 12 a 19 de abril de 2004.)

Segunda Imagem: Luíza Erundina de Sousa (SOUSA, Luíza Erundina de. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Escritório Político, 22 de janeiro de 2018.)

Terceira Imagem: Irma Rossetto Passoni. (PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de fevereiro de 2018.)

Fontes

AEL – Unicamp:

PARTIDO dos Trabalhadores. Ata de Fundação do Partido dos Trabalhadores. De 31 de maio a 1 de junho de 1980. Livro Ata nº 1.

S/A. Mulher ocupa liderança do PT na Câmara. 1986. Recorte de Jornal.

S/A. Partido escolhe nova liderança na Câmara. O Dia. Rio de Janeiro: 1986. Recorte de Jornal.

S/A. PT elege Passoni para liderança. 1986. Recorte de Jornal.

Arquivo do CCHLA – UFPB (João Pessoa):

UNIVERSIDADE da Paraíba. Escola de Serviço Social. Diário de Classe. 3ª série. Ano de 1965.

_____. Escola de Serviço Social. Notas dos trabalhos escritos na 3ª série. 1964 e 1965.

_____. Escola de Serviço Social. Diário de Classe. 3ª série. Ano de 1965.

_____. Escola de Serviço Social. Diários de Classe. Ano de 1966.

_____. Escola de Serviço Social. Listas de Chamada e Lista de Formandas do ano de 1966.

Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP):

Fundo Deops:

Divisão de Informações. 20-C-44-28597. São Paulo: APESP.

Divisão de Informações. 20-C-44-28596. São Paulo: APESP.

Divisão de Informações. 20-C-44- 25996. São Paulo: APESP.

Dossiê de Lélia Abramo. 52-Z-O-11429.

Dossiê de Irma Rossetto Passoni. 52-Z-O-32158

Ficha Remissiva de Lélia Abramo. Fundo Deops.

Ficha Remissiva de Irma Passoni. Fundo Deops.

Ficha de Luíza Erundina de Sousa. 50-K-118-1020. São Paulo: APESP.

Informação Confidencial. 50-H-84-5990.

Informe número 2910/82/E231. 26 de outubro de 1982. 50-Z-9-45224.

Termo de Declarações. Autos de Investigações Preliminares. Folha 48. 1979. São Paulo: APESP. Inquéritos e Sindicâncias. Registros 41/79 – 37/79.

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP):

PASSONI, Irma. Considerações sobre a luta dos servidores públicos por melhores salários e a sua atual posição face ao aumento proposto pelo Sr. Governador do Estado. 16 de abril de 1979. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 24 de abril de 1979.

PASSONI, Irma. Discurso pronunciado na 11ª sessão ordinária, do dia 19-4-79. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 25 de abril de 1979.

PASSONI, Irma. Pequeno Expediente. 22 de maio de 1979. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 29 de maio de 1979.

PASSONI, Irma. Considerações sobre o PLC 16/79 concedendo abono mensal aos servidores públicos do Estado. 12 de junho de 1979. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 23 de junho de 1979.

PASSONI, Irma. Considerações sobre o assassinato do operário Santo Dias da Silva na Igreja do Socorro. 6 de novembro de 1979. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 6 de dezembro de 1979.

SANTOS, Sérgio. Discurso pronunciado na 11ª sessão ordinária, do dia 19-4-79. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 25 de abril de 1979.

CEDEM – UNESP:

Fundo Fúlvio Abramo:

ABRAMO, Fúlvio. Cartas recebidas por Mário Pedrosa. Coleção Mário Pedrosa. CEMAP.

ABRAMO, Fúlvio. Depoimento. Oboré, São Paulo, 15 de dezembro de 1979.

S/A. Fundo Fúlvio Abramo. In: MORAES, Sandra. Guia do Acervo – CEDEM. São Paulo: CEDEM/UNESP, 2018. p. 76 – 78.. Disponível em: https://www.cedem.unesp.br/Modulos/Noticias/312/guia_cedem_2018-1.pdf Acesso: 20/01/2021 às 00:32 hrs.

SINDICATO dos Comerciários. Folheto. 1934. Coleção Fúlvio Abramo. CEMAP. São Paulo: CEDEM-UNESP.

Fundo Clube de Mães da Zona Sul:

ARQUIDIOCESE de São Paulo. Jornal O São Paulo, 1979.

COORDENAÇÃO do MCV. Op Cit, 1976 – 1978; Movimento do Custo de Vida (MCV) Equipe de Educação, s/d.

COORDENAÇÃO do MCV. Caderno Ata, 1976 – 1978.

S/A. 62 entidades se uniram para a eleição de Irma. Folha de São Paulo. 27 de agosto de 1979. p. 12. Recorte de Jornal.

MOVIMENTO Contra a Carestia (MCC). Carta às Autoridades, 1979.

JORNAL do Brasil. Primeiro Caderno. 28 de janeiro de 1979.

MOVIMENTO Contra a Carestia. *Nós também fazemos política. Encontro sobre: A participação política da mulher.*

MOVIMENTO do Custo de Vida (MCV). Enquete, 1977.

PASSONI, Irma. Discurso sobre o Movimento contra a Carestia. 1979.

Coleção Mulherio:

BORGES, Adélia. Homem sweet homem. *Mulherio*. Ano 3, nº 11, janeiro – fevereiro 1983.

BRANDÃO, Hermínia. Eleições: O que ganhamos, o que perdemos. *Mulherio*. Ano 3, nº 11, janeiro – fevereiro 1983.

S/A. A nova Constituição em gestação. *Mulherio*, Ano 6, nº 25, março – agosto 1986.

S/A. Deputadas cobram Mirad. *Mulherio*. Ano 7, nº 29, março – abril 1987.

S/A. Em movimento. *Mulherio*. Ano 7, nº 29, março – abril 1987.

S/A. Irma Passoni, candidata a deputada federal pelo PT – SP. *Mulherio*. Ano 2, nº 9, setembro – outubro 1982.

S/A. Política é assunto de mulher? *Mulherio*, Ano 1, nº 3, setembro – outubro 1981.

S/A. Política feminina. *Mulherio*. Ano 2, nº 9, setembro – outubro 1982.

S/A. Um Record nacional. *Mulherio*. Número 27. De dezembro de 1986 a fevereiro de 1987.

S/A. Tentando participar da gestão do poder. *Mulherio*. nº 7, julho – agosto 1982.

SILVEIRA, Santamaria. A nova cara da Constituinte. *Mulherio*. Ano 7, nº 27, dezembro 1986 – fevereiro 1987.

_____. Três versões sobre a derrota. *Mulherio*. Ano 7, nº 27, dezembro 1986 – fevereiro 1987.

CEDIC – PUC-SP:

Coleção Convergência Socialista:

S/A. Entrevista. Versus. Nº Especial. De 1 a 15 de maio de 1979.

Comissão Estadual da Verdade (Paraíba):

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra; FREITAS, Fábio Fernando Barboza de; MUNIZ, Iranice Gonçalves; NUNES, Paulo Giovani Antonio; OLIVEIRA, Irene Marinheiro Jerônimo de; OLIVEIRA, Herbert Andrade; SILVA, Waldir Porfírio da. Comissão Estadual da Verdade da Paraíba. Relatório Final. João Pessoa: A União Editora, 2017.

Diário Oficial de São Paulo:

PASSONI, Irma. Comentário sobre acidente ocorrido com “boias-frias”. 15 de abril de 1982.

_____. Comentário sobre a crise da Previdência Social e protesto contra os credenciamentos feitos pelo ex-ministro. 25 de maio de 1982.

_____. Comentário sobre violência ocorrida em Campo Limpo. 22 de março de 1982.

_____. Comunicação a respeito das eleições no Sindicato dos Sapateiros e considerações a respeito. 25 de agosto de 1982.

PASSONI, Irma. Discurso no plenário da ALESP. Grande Expediente. 6 de março de 1981.

_____. Discurso no grande expediente. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 15 de abril de 1981.

_____. Discurso no plenário da ALESP. Grande Expediente. 27 de agosto de 1980. Diário Oficial do Estado de São Paulo. São Paulo: 5 de setembro de 1980.

_____. Leitura de ofício da Federação Paulista dos Funcionários Públicos ao governador Maluf. 24 de março de 1982.

_____. Leitura de carta da UDEMO (União dos Diretores de Escola do Magistério Oficial) sobre a rejeição do projeto de lei complementar nº 2982. 19 de janeiro de 1983.

_____. Leitura da petição dos advogados das famílias despejadas do terreno da Cia Têxtil Tuzuki, no Jardim São Paulo – Zona Leste. 22 de novembro de 1982.

_____. Manifestação de solidariedade ao pronunciamento do Dep. José Felício Castellano sobre acidente com caminhão que vitimou vários trabalhadores rurais. 3 de dezembro de 1982.

_____. Protesto contra o enquadramento da Diretoria da UDEMO. 31 de março de 1982.

_____. Repúdio ao despejo ocorrido no Jardim São Paulo, em Guaianazes. 29 de setembro de 1982.

_____. Responsabilização do Governo Estadual pela greve do funcionalismo. 22 de março de 1982.

_____. Verberação contra aumento do funcionalismo público e leitura de ofício da Câmara de Botucatu. 10 de março de 1982.

SOUSA, Luíza Erundina de. Carta de aluno sobre gatilho salarial de professores. 30/04/1987. Diário Oficial da União. 21 de maio de 1987.

_____. Discurso na sessão ordinária da ALESP. 27/04/ 1988. Diário Oficial da União. 15 de maio de 1988.

_____. Discurso no Pequeno Expediente ALESP. 22 de junho de 1988. Diário Oficial do Estado de São Paulo. 17 de julho de 1988.

_____. Lê carta de aluna pedindo gatilho salarial para professores. 06/05/1987. Diário Oficial da União. 19 de maio de 1987.

_____. Lê carta de menina sobre extinção do gatilho dos professores. 30/04/1987. Diário Oficial da União. 21 de maio de 1987.

Entrevistas e Fontes orais:

CARVALHO, Dulce Quirino de. *Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar*. Memorial da Resistência de São Paulo, entrevista concedida a Karina Alves e Marcela Boni em 26 de junho de 2013. Disponível em:

<http://www.memorialdaresistencia.org.br/memorial/default.aspx?c=entrevistados&id=101&identrevista=42&mn=56> Acesso: 28/01/2021 às 11:04 hrs.

GUARNIERI, Gianfrancesco. Entrevista ao programa Roda Viva. TV Cultura, 5 de agosto de 1991. Memória Roda Viva. Fundação Padre Anchieta, LABJOR, NEPP, Fapesp. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/149/gianfrancesco%20guarnieri/entrevistados/gianfrancesco_guarnieri_1991.htm Acesso: 20/01/2021 às 02:20 hrs.

MARQUES, Odete. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Vila Remo, 26 de fevereiro de 2018.

MUNIZ, Dulce. Entrevista sobre Lélia Abramo. Programa Memória e Contexto. TVT, 6 de maio de 2013. Youtube. Memória e Contexto: Lélia Abramo 3/3. Canal Rede TVT, 6 de maio de 2013. Duração 14:29 mins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=olidIN5r4To> Acesso: 28/01/2021 às 11:04 hrs.

OLIVEIRA, Juca de. Entrevista ao programa Roda Viva. TV Cultura, 30 de setembro de 1991. Memória Roda Viva. Fundação Padre Anchieta, LABJOR, NEPP, Fapesp. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/613/juca%20oliveira/entrevistados/juca_de_oliveira_1991.htm Acesso: 20/01/2021 às 02:20 hrs.

PASSONI, Irma. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de julho de 2016.

_____. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 13 de fevereiro de 2018.

_____. Entrevista realizada por Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto de Tecnologia Social, 6 de fevereiro de 2019.

PASSONI, Moara. Entrevista concedida a Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 25 de maio de 2018.

_____. Entrevista concedida a Roger Camacho Barrero Junior. São Paulo: Padaria Le Pain Quotidien, 4 de junho de 2018.

SOUSA, Luiza Erundina de. *Luiza Erundina (depoimento, 2001)*. Rio de Janeiro, CPDOC/Ministério da Previdência e Assistência Social - Secretaria do Estado de Assistência Social, 2002.

Fundação Perseu Abramo:

Fundo Articulação:

ARTICULAÇÃO. Companheiros do PT. 1983.

Fundo Democracia Socialista:

BAVA, Silvio Caccia. O PT e as lutas populares. Em Tempo. Ano 3, nº 109, 3 a 16 de julho de 1980.

CORRÊA, José. As lições dos primeiros dias. Em Tempo. Ano 12, nº 231, fevereiro de 1989.

GODINHO, Tatau. O direito de decidirmos nossas vidas. Em Tempo. Nº 155. De 29 de julho a 11 de agosto de 1982.

_____. O significado da vitória de Luíza Erundina. Em Tempo. Ano 11, nº 227, junho 1988.

S/A. Cinco faces de uma grande vitória. Em Tempo. Ano 11, nº 229, de dezembro de 1988 a janeiro de 1989.

S/A. E depois do 15 de novembro? *Em Tempo*. nº 36. De 8 a 12 de novembro de 1978.

S/A. Eles não usam Black-tie (Debate). Em Tempo. Ano 3, nº 140, de 12 de novembro a 2 de dezembro de 1981.

S/A. Lula 82. Em Tempo. Ano 4, nº 143, de 28 de janeiro a 11 de fevereiro de 1982.

S/A. O que pensam as delegadas do Congresso. Em Tempo. Ano 4, nº 124, de 12 a 25 de março de 1981.

S/A. Os eleitos do PT no Congresso Constituinte. Em Tempo. Ano 8, nº 230, dezembro de 1988.

Fundo Lélia Abramo:

PARTIDO dos Trabalhadores. Convite para a Posse Presidencial, 1 de janeiro de 2003. 2002.

PREFEITURA Municipal de São Paulo. Ofício s/n. São Paulo, 25 de abril de 1989.

_____. São Paulo para todos: Relatório final de governo (1989 – 1992). São Paulo: PMSP, 1992.

IBGE:

IBGE. Concórdia – SC. Brasil em Síntese. Página virtual. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/concordia/historico> Acesso: 21/01/2021 às 23:42 hrs.

IBGE. São João do Rio do Peixe – PB. Brasil em Síntese. Página virtual. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/uirauna/historico> e <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/sao-joao-do-rio-do-peixe/historico> Acesso: 21/01/2021 às 00:23 hrs.

Imagens e Filmagens:

ALMEIDA, Vanderlei/AFP. Fotografia do público que assistia à posse de Luiz Inácio Lula da Silva na esplanada dos Ministérios (Brasília, 1 de janeiro de 2003). In: S/A. De Collor a Temer: relembre as cerimônias de posse dos presidentes. O Globo. 01/01/2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/de-collor-temer-relembre-as-cerimonias-de-posse-dos-presidentes-23336188> Acesso: 28/01/2021 às 09:14 hrs.

ALVES, Glauber; LUCENA, Damião. Uiraúna: Origem, Independência e Consolidação do Crescimento. Prefeitura Municipal de Uiraúna, 2013. Documentário sobre Uiraúna – PB (2013). 12 minutos e 20 segundos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KEJiJ4_O0Bw Acesso: 29/07/2020 às 14:06 hrs.

ANDRADE, João Batista de. *Migrantes*. 06 minutos e 44 segundos. (1972). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CBKGXNVisNE> Acesso em: 28/03/2019 às 00:39 hrs.

ARAGÃO, Cibele. Imagem de Lélia Abramo. In: MENEGOZZO, Carlos Henrique Metidieri (org.). Centro Sérgio Buarque de Holanda: Guia do Acervo. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2009.

BRANDÃO, Marcos. Fotografia. Senado Federal. Brasília, 7 de março de 2018. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/agenciasenado/39967346424/in/photostream/> Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

EMPRESA Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa. Mapas da expansão da área urbanizada da região metropolitana de São Paulo. Secretaria Municipal de Planejamento, 2002/2003. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1920.php Acesso: 20/01/2021 às 01:19 hrs.

HIRSZMAN, Leon. ABC da Greve. Longa-metragem. 86 minutos. Mundial Filmes, 1980.

JEAN Manzon Filmes. *A Luta pelo Transporte em São Paulo*. 10 min. 1952. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=shQSWIumUU8> Acesso em: 25/03/2019 às 21:39 hrs.

MARTINS, Juca. Ato de Fundação do PT. Fotografia. São Paulo: Colégio Sion. (1980). GUIMARÃES, Juarez. Quem somos e para onde vamos? *Teoria e Debate*. Edição 108. 15 de janeiro de 2013. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2013/01/15/quem-somos-e-para-onde-vamos-2/> Acesso: 31/03/2019, às 09:38 hrs.

_____. Ato de Fundação do PT. Fotografia. São Paulo: Colégio Sion, 1980. *Blog da Fundação Perseu Abramo*, 25 de maio de 2010. <http://csbh.fpabramo.org.br/blog/1980-nasce-o-pt-voce-sabe-quem-estava-no-colegio-sion> Acesso: 31/03/2019, às 09:38 hrs.

MASAGÃO, Marcelo. Nós que aqui estamos, por vós esperamos. Longa-metragem. Duração: 1:13 hrs. Rio de Janeiro: Riofilmes. 1999. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FxWfSkcVc_Y Acesso: 28/01/2021 às 09:46 hrs.

PARTIDO dos Trabalhadores. Postagem. Instagram. 26 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/pt.brasil/posts/em-1990-eduardo-suplicy-torna-se-o->

[primeiro-senador-petista-a-tomar-posse-na-fot/1728618397224528/](https://www.youtube.com/watch?v=primeiro-senador-petista-a-tomar-posse-na-fot/1728618397224528/) Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

_____. Programa Luíza Prefeita. 1988. Youtube. Canal Uirá Ramos. Erundina prefeita 1988. Postagem: 14 de janeiro de 2013. (8 m 23 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=109YDb5V_sU&t=36s Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

_____. Programa Eleitoral (2012). Youtube. Canal Selma Rocha. Irma Passoni fala da importância da pré-candidatura de Selma Rocha. Postagem: 15 de agosto de 2012. (1 m 15 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p23KCFKELCs> Acesso: 30/01/2021 às 15:32 hrs.

_____. Sim Por São Paulo. 1996. Youtube. Canal Uirá Ramos. Erundina prefeita 1996. Postagem: 24 de março de 2011. (9 m 30 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=up_qFJq_IXE&t=22s Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

PARTIDO Socialismo e Liberdade. A mulher que veio com a chuva. 2016. Youtube. Canal Luíza Erundina. Postagem: 19 de agosto de 2016. (10 mins). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A3sqrys9ZHY> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

_____. Baile da Erundina. 2016. Youtube. Canal Molotov Filmes. Postagem: 27 de setembro de 2016. (1 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j5ZNAwJsXNs> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

PASSONI, Irma. Comunicação. Seminário o papel do trabalho para as pessoas em situação de rua. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo. 21 de junho de 2017. Youtube. Canal A Cor da Rua. 5. Irma Passoni (ITS) fala sobre tecnologias sociais como o projeto "Inclusão Produtiva". Postagem: 30 de junho de 2017. (16 m 31 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rXZbLLrDpdc&t=365s> Acesso: 30/01/2021 às 15:32 hrs.

PASSONI, Moara. Sem Título. São Paulo, 2016. (28:12 min). Son., Color. Vimeo. Disponível em: <https://vimeo.com/251003615/6c445fe34e> Acesso: 22/01/2021 às 00:09 hrs.

PREFEITURA Municipal de Concórdia. Vídeo Institucional – Concórdia – SC. Foco Propaganda, 2012. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=Eg_OibKiYhY&t=168s Acesso: 22/01/2021 às 00:09 hrs.

PREFEITURA Municipal de São Paulo. Planta da cidade de São Paulo. 1913. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1900.php Acesso: 20/01/2021 às 01:19 hrs.

_____. Planta Geral de São Paulo. 1951. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1950.php Acesso: 20/01/2021 às 01:19 hrs.

REDE Globo de Televisão. Descoberta da Vala de Perus. Setembro de 1990. Canal Núcleo de Preservação da Memória Política. Descoberta da Vala de Perus. Postagem: 14 de outubro de 2011. (6 m 20 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UFCOr5QbxcE&t=3s> Acesso: 26/01/2021 às 14:50 hrs.

_____. Globo Repórter. 18 de novembro de 1988. Propaganda Eleitoral Luíza Erundina 1988 PT. Youtube. Canal Bibosan 185. Postagem: 22 de abril de 2016. (25 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0IbBHoZK9ww> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

_____. Globo Repórter. 18 de novembro de 1988. Canal Pedro Janov. Globo Repórter: Erundina, a nova prefeita de SP. Postagem: 27 de agosto de 2015. (42 m 10 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hw0yXzgW_HY&t=1288s Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

_____. Programa Fantástico (27 de outubro de 2002). Youtube. Canal Allan Nóbrega. Postagem: 1 de novembro de 2010. (11 m 09 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xWwpH4YoP_c&t=26s Acesso: 28/01/2021 às 09:14 hrs.

S/A. Bancada Feminina da Assembleia Nacional Constituinte (1988). Arquivo da Câmara dos Deputados. In: Agência Senado. Diploma Bertha Lutz reconhece importância da bancada feminina na Constituinte. 06/03/2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/03/06/diploma-bertha-lutz-reconhece-importancia-da-bancada-feminina-na-constituente> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.

S/A. Coletânea de jingles eleitorais de Luiza Erundina (PT, PSB e PSOL) - 1988,1996,2000,2004 e 2016. Youtube. Canal Rodrigo Mendonça. Postagem: 2 de março de 2020. (5 m 57 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gri-yrFzaV0&t=182s> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.

S/A. Homenagem aos 100 anos de Lélia Abramo. São Paulo: Teatro de Arena, 8 de fevereiro de 2011. Youtube. Lélia Abramo 100 anos. Canal Filme Zero, 27 de fevereiro de 2011. 2:31 mins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=soUCal0S3cY> Acesso: 28/01/2021 às 11:04 hrs.

S/A. Irma em frente à fábrica da Volkswagen durante greve (1979). Acervo pessoal de Irma Passoni. ITS-SP.

S/A. Fotografia (sem data). *Histórico Demográfico da Cidade de São Paulo*. Secretaria Municipal de Planejamento, 2002/2003. Disponível em: http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/1970.php Acesso: 27/03/2019 às 21:23 hrs.

S/A. Fotografia dos ônibus da Estação Rodoviária da Luz. In: NASCIMENTO, Douglas. Terminal Rodoviário da Luz. *São Paulo Antiga* (site), 06 de dezembro de 2013. Disponível em: <http://www.saopauloantiga.com.br/terminal-rodoviario-da-luz/> Acesso: 25/03/2019 às 22:06 hrs.

S/A. História de Concórdia. Canal Lorenzettbelo. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cCA3f2bNBw8&t=35s> Acesso: 22/01/2021 às 00:09 hrs.

S/A. Mesa Diretora do ato de fundação do PT (Colégio Sion, São Paulo, 10 de fevereiro de 1980). In: OLIVEIRA, Fátima. A lista da amada, perseguida e inesquecível Lélia Abramo. Fórum. 15 de fevereiro de 2011. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/blogs/mariafro/bmariafro-a-lista-da-amada-perseguida-e-inesquecivel-lelia-abramo/amp/> Acesso: 26/01/2021 às 00:18 hrs.

S/A. Promulgação da Constituição de 1988. Arquivo da Câmara dos Deputados. In: Senado Federal. Galeria de Fotos. 30 anos Constituição da Cidadania. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/agencia/infograficos-html5/constituente/index.html> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.

SECRETARIA Municipal de Cultura de São Paulo. Lélia Abramo no balanço final da Secretaria Municipal de Cultura (SMC). 1992. Youtube. Canal Luíza Erundina. Postagem: 7 de fevereiro de 2012. (2 m 20 s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IMKSq2ZlebU> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

SISTEMA Brasileiro de Televisão. Programa De Frente com Gabi. 18 de julho de 2000. Youtube. Canal Luíza Erundina. Postagem: 13 de janeiro de 2012. (50 m 45 s) Acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=bWKIW0e6qaI&t=2423s> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.

_____. Programa Hebe Camargo. 1993. Youtube. Canal Luíza Erundina. Ministra é entrevistada por Hebe Camargo. 13 de janeiro de 2012. (7 m 46 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-Zq5WkjKxTQ> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.

_____. Programa Hebe Camargo. 1999. Youtube. Hebe: Lélia Abramo, homenagem à atriz aos 88 anos. VHS TV 1991. 17 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G0Se1HAG6Zg> Acesso: 28/01/2021 às 09:46 hrs.

_____. Romeu e Julieta. Programa Hebe Camargo. 1990. Canal Cesar Ricardo Moreira. Ronald Golias e Hebe Camargo – Romeu e Julieta (2ª versão) – Completo – SBT – 1990. Postagem: 26 de agosto de 2019. (1 h 14 m 44 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VBOtCVpQzyg&t=3791s> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

_____. TJ Brasil. 1993. Canal Luíza Erundina. Matéria de Bóris Casoi no SBT sobre Demissão da Ministra Luíza Erundina. Postagem: 4 de janeiro de 2012. (4 m 28 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vFqpx7fDpa4> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

SOUSA, Luíza Erundina de. Fotografia. (2018). Instagram. Perfil de Luíza Erundina. Disponível em: <https://www.instagram.com/luizaerundina/?hl=pt-br> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

_____. Luíza Erundina manifesta seu apoio à Dilma. Youtube. Canal Luíza Erundina. Postagem: 29 de agosto de 2010. (2 m 59 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=up-qfxPiudg> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.

_____. Raiz Movimento: Lançamento da Carta Cidadanista. Youtube. Canal Luíza Erundina. Vídeo 3. Postagem: 1 de abril de 2015. (9 m 49 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S82Dzwvf8c8> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

_____. Voto (2016). Youtube. Canal PSOL Ceará. PSOL vota não na farsa do impeachment. Postagem: 18 de abril de 2016. (4 m 44 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K2GK0-N9IuY> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

TV CULTURA. Programa Provocações. São Paulo, TV Cultura, março de 2010. Youtube. Canal Luíza Erundina. Postagem: 18 de outubro de 2011. (24 m 33 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oNqnEGYGHFk&t=422s> Acesso: 28/01/2021 às 11:04 hrs.

TV GAZETA. Jornal da Gazeta. 2012. Youtube. Canal Jornal da Gazeta. Erundina será vice de Haddad. Postagem: 15 de junho de 2012. (3 m 35 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eIxrK0YtFOY> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.

Instituto de Estudos Brasileiros – USP (IEB – USP):

Fundo Lélia Abramo:

_____. *O idoso e suas dificuldades*: estudos e considerações por Lélia Abramo. Outubro de 1990.

BANCADA do PT. Requerimento nº 686/04, Processo nº 723/04. Diadema: Câmara Municipal, 22 de abril de 2004.

BARBIERI JÚNIOR, Miguel. Atriz Lélia Abramo fala da vida e carreira. Diário Popular. 27 de julho de 1999. Recorte de Jornal.

BOSI, Ecléa. *Parecer sobre a imagem que a criança tem do idoso com base no exame de trabalho infantil*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura (SMC), 1992.

BUENO, Fábio José Menezes. Ofício CMT/04. Tatuí: Câmara Municipal, 11 de maio de 2004.

CHAUÍ, Marilena. Bilhete para Lélia Abramo. São Paulo, 29 de setembro de 1992.

FONTA, Sérgio. Mercado. *Jornal de Ipanema*. Rio de Janeiro: janeiro de 1975.

GOMES, Sérgio. Lélia e a esperança de sua gente. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 16 de maio de 1978. Recorte de Jornal.

HASHIZUME, Maurício. A posse de Lula em quatro histórias: Fidel, Heloísa, Chávez e Lélia. *Agência Carta Maior*. Notícia Online Impressa. 6 de janeiro de 2003.

LIEVORE, Genivaldo José. Moção nº 040/2004. Colatina: Câmara Municipal, 28 de abril de 2004.

MIRANDA, Jorge de Sá. Lélia Abramo, uma crítica contundente. *Unidade*, 1997. Recorte de Jornal.

NAIM, Maria Cecília. Projeto de Lélia defende idoso. *Gazetta d'Italia*. São Paulo: fevereiro de 1992.

NÉSPOLI, Beth. SPADA, Vanessa. Morre a atriz e militante política Lélia Abramo. *O Estado de São Paulo*. 11/04/2004. Recorte de Jornal

PARTIDO dos Trabalhadores. Convocatória. s/d.

_____. Estes são os candidatos do PT! Material de campanha. 1982.

_____. Forme um Núcleo do PT. 1982.

_____. Sabemos trabalhar. Sabemos governar. Trabalho, terra e liberdade. 1982.

PASSONI. Irma Rossetto. Aos presidentes, secretários e membros dos diretórios municipais e distritais do PT. 1982.

S/A. Atriz desvenda a arte da vida. *Revista de Domingo*. Diário (Marília – SP). 29/08/1999. Recorte de Jornal.

S/A. Comemoração. *Última Hora*. 15/08/1985. Recorte de Jornal.

S/A. Faleceram. *Veja*. 21/04/2004. Página de revista.

S/A. Lélia Abramo: a atriz e líder sindical. *Diário da Noite*. 02/06/1978. Recorte de Jornal.

S/A. Lélia Abramo morre aos 93. Diretório Estadual do PT São Paulo. *Linha Direta*. Ano XIII, n 604, de 12 a 19 de abril de 2004.

S/A. Morre aos 93 anos a atriz Lélia Abramo. *Folha de São Paulo*. 11/04/2004. Recorte de Jornal.

S/A. Morre, aos 93, a guerreira Lélia. *Folha Bancária*. 13 e 14 de abril de 2004. Recorte de Jornal.

S/A. Morre aos 93 anos a atriz Lélia Abramo. *O Estado Online*, 10/04/2004. Matéria impressa pela família.

S/A. O país depende dos trabalhadores. *Jornal do Metalúrgico*. n.º 4, novembro – dezembro 1978. Recorte de Jornal.

S/A. Resistência Cultural. *Revista E*. 2001.

S/A. Venha conversar com Lélia Abramo. Cartaz. s/d.

SALVATTI, Ideli. Requerimento nº 452 de 2004. Brasília: Senado Federal, 19 de abril de 2004.

SECRETARIA Municipal de Cultura de São Paulo. Balanço dos anos de 1989 e 1990. 1990.

_____. Sem título. Cronograma de Evento. De 18 a 22 de maio.

_____. Semana da mulher – a cidadania da mulher na 3ª idade. De 8 de março a 14 de março de 1992.

SMC – GABINETE. Memorando nº 2924/92. Assinado por Anna Virgínia T. Tibúrcio.

SOUZA, Edgar Olimpio de. A atriz Lélia Abramo festeja hoje 80 anos. São Paulo: 5 de fevereiro de 1991. Recorte de Jornal.

Instituto de Tecnologia Social (ITS):

Acervo Pessoal de Irma Passoni:

ACDEM. Reuniões da Rede de Solidariedade das Pessoas com Direitos Especiais (Deficientes) da Zona Leste. 2004.

HENRIQUE, Padre João. Carta a Irma Passoni. São Paulo: 15 de setembro de 2004.

MOVIMENTO de Saúde da Zona Leste. Participe do Movimento para melhorar a Saúde do Povo da Zona Leste. Seja, a cada dia, um defensor, uma defensora da Saúde. 2004.

PARTIDO dos Trabalhadores. Afirmação. Material de Campanha, 1990.

_____. O sentido da caminhada. Material de Campanha, 1986.

PASSONI, Irma. A pesquisa brasileira está a serviço do povo brasileiro. Brasília: 20 de outubro de 1993;

_____. Discurso. Brasília: 25 de março de 1993.

_____. Nova derrama de concessões? Brasília: 22 de fevereiro de 1994.

_____. O código brasileiro de telecomunicações. Brasília: 25 de março de 1994.

_____. Primeiro Mundo também é aqui! s/d.

_____. Projeto de proteção do trabalhador em face da automação. Brasília: 30 de setembro de 1993.

_____. Pronunciamento. Brasília: 3 de março de 1994.

_____. Pronunciamento. Brasília: 20 de outubro de 1993.

_____. Pronunciamento. Brasília: 2 de junho de 1993.

_____. Telecomunicações – necessidade e desafio. Brasília: 10 de outubro de 1993.

SILVA, Luís Inácio da. Relato. Partido dos Trabalhadores. Afirmação Popular. 1990. Acervo pessoal de Irma Passoni. ITS-SP.

S/A. Câmara aprova criação do Conselho Nacional da Mulher. *Folha de São Paulo*. 15 de agosto de 1985. Recorte de Jornal.

S/A. Criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. *Gazeta de Vitória*. 3 de setembro de 1985. Recorte de Jornal.

S/A. Cronograma Semanal de Campanha. 2004;

S/A. Desorientação. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: 10 de julho de 1985. Recorte de Jornal.

Jornais (Acervo Online):

O Estado de São Paulo (Acervo Digital: <https://acervo.estadao.com.br/>):

PINTO, José Nêumane. De volta ao sertão carente. *O Estado de São Paulo*. 26/11/1988.

ROSA, Vera. Irma defende fim de concessões políticas. *O Estado de São Paulo*. 08/02/1995.

S/A. Assuntos de trânsito. *O Estado de São Paulo*. 17/05/1950.

S/A. Atores brigam para renovar sindicato. *O Estado de São Paulo*. 08/11/1977.

S/A. Canal 3. *O Estado de São Paulo*. 29/11/1988.

S/A. Deputada e a falsa invasão. *O Estado de São Paulo*. 5 de setembro de 1984.

S/A. DRT anula eleição dos atores. *O Estado de São Paulo*. 12/01/1978.

S/A. Homenagem à atriz Lélia Abramo. *O Estado de São Paulo*. 08/02/2011.

S/A. Irma começará a trabalhar com Motta na segunda. *O Estado de São Paulo*. 15/02/1995.

S/A. *O Estado de São Paulo*. 19/05/1979. S/A. O trânsito em São Paulo. *O Estado de São Paulo*. 19/07/1952.

S/A. PT faz comício-festa e ratifica Luís Ignácio. *O Estado de São Paulo*. 20/07/1982.

S/A. Queixas e reclamações. “Deputada e a falsa invasão”. *O Estado de São Paulo*. 06/09/1984.

S/A. Sérgio Motta leva petista para Ministério. *O Estado de São Paulo*. 07/02/1995.

S/A. Show de Maio. *O Estado de São Paulo*. 06/05/1979.

S/A. Socialismo. *O Estado de São Paulo*. 25/04/1978.

O Estado Digital/ UOL:

BATISTA, Liz. Era uma vez em SP... Colégio Des Oiseaux. *O Estado de São Paulo*. 29 de maio de 2015. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,era-uma-vez-em-sp-colegio-des-oiseaux-,11116,0.htm> Acesso: 21/01/2021 às 23:42 hrs.

S/A. Eleições 2018. Luíza Erundina, 5021 PSOL. Estadão Política. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/eleicoes/2018/candidatos/sp/deputado-federal/luiza-erundina,5021> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

S/A. Era uma vez em SP... Rodoviária da Luz. *O Estado de São Paulo*. 15 de maio de 2015. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,era-uma-vez-em-sp-rodoviaria-da-luz,11065,0.htm> Acesso: 19/01/2021 às 22:48 hrs.

S/A. Erundina deixa PSB para fundar um novo partido. Conteúdo Estadão/UOL. 09 de março de 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/03/09/erundina-deixa-psb-para-fundar-um-novo-partido.htm> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.

S/A. Erundina vai fundar seu partido: A Raiz. Conteúdo Estadão. UOL. 29 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/12/29/erundina-vai-fundar-seu-partido-a-raiz.htm> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

S/A. No 4º bloco de debate, Erundina retoma ataques a Doria e discute com Marta. Conteúdo Estadão. A Tarde. UOL. 30 de setembro de 2016. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/politica/noticias/1805329-no-4o-bloco-de-debate-erundina-retoma-ataques-a-doria-e-discute-com-marta> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

VENCESLAU, Pedro. „Não deixei o PT. Foi o PT que me deixou“, diz Erundina. *O Estado de São Paulo*. 16 de agosto de 2016. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,nao-deixei-o-pt-foi-o-pt-que-me-deixou-diz-erundina,10000069877> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.

Folha de São Paulo (Acervo Digital: <https://acervo.folha.com.br/index.do>):

GOMES, Sérgio. Aproxima-se do fim a longa luta dos atores. *Folha Ilustrada*. 24/03/1978.

LEITE, Paulo Moreira. Atores: depois da vigília, a vitória da oposição. *Folha de São Paulo*. 11/11/1977.

NATALI, João Batista. Erundina quer fechar sua rua para a festa da vitória. *Folha de São Paulo*. 16/11/1988.

S/A. Memória. *Folha de São Paulo*. 10/02/2011.

S/A. Trabalhadores farão 1º de maio à parte. *Folha de São Paulo*. 01/05/1979.

S/A. Três mil vão à manifestação. *Folha de São Paulo*. 27/08/1979.

Folha Digital:

ALVES, Carlos Eduardo. Erundina decide deixar o PT e pode entrar no PSB. *Folha de São Paulo*. 04/09/1997. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc040913.htm> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

AÑON, Rachel; BLAT, Jorge. Morre a atriz e escritora Lélia Abramo. *Folha Online*. 10/04/2004. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u43174.shtml> Acesso: 28/01/2021 às 10:43 hrs.

GALLO, Ricardo. Fundado há 126 anos, colégio São José fecha suas portas no centro de SP. *Folha Online*. 23/11/2006. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u19119.shtml#:~:text=da%20Folha%20de%20S.Paulo,S%C3%A3o%20Paulo%2C%20mantenedora%20do%20col%C3%A9gio.> Acesso: 20/01/2021 às 00:31 hrs.

MARQUES, Alan. Folhapress. 2016. In: FRANCO, Bernardo Mello. A lição de Erundina ao STF. *Folha Online*. 29 de abril de 2016. Disponível em:

<https://m.folha.uol.com.br/colunas/bernardomellofranco/2016/04/1765927-a-licao-de-erundina-ao-stf.shtml> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

MORAIS, Márcio. Irma deixa o cargo com críticas. *Folha Online*. 6 de maio de 1996.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/5/06/brasil/10.html> Acesso: 30/01/2021 às 14:37 hrs.

S/A. Busca Hebe Camargo. *Folha de São Paulo*. Disponível em:

<http://busca.folha.uol.com.br/search?q=Hebe%20Camargo&site=online&sr=176&sort=asc> Acesso: 28/01/2021 às 09:46 hrs.

S/A. Irma deixa o PT para assessorar Sérgio Motta. *Folha Online*. 15 de fevereiro de 1995. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/2/15/brasil/20.html> Acesso: 30/01/2021 às 14:37 hrs.

S/A. Isto é Erundina. *Folha de São Paulo*. 15/11/1996. Página online. Disponível em:

https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/11/15/caderno_especial/9.html Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

S/A. Lula empossa sua equipe ministerial. *Folha Online*. 01/01/2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44261.shtml> Acesso: 28/01/2021 às 09:14 hrs.

S/A. Lula lembra “batalhas” de Lélia Abramo, uma das fundadoras do PT. *Folha Online*. 10 de abril de 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u43176.shtml> Acesso: 28/01/2021 às 10:43 hrs.

S/A. Marta Suplicy destaca “engajamento político e social” de Lélia Abramo. *Folha Online*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u43177.shtml> Acesso: 28/01/2021 às 10:43 hrs.

S/A. Morre em São Paulo a ex-vereadora Iredé Cardoso. *Folha de São Paulo*. 08/12/2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u16283.shtml> Acesso: 26/01/2021 às 00:18 hrs.

S/A. PT recua e pode tirar aborto de programa. *Folha de São Paulo*. 17/03/1994. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/3/17/brasil/1.html> Acesso: 26/01/2021 às 15:34 hrs.

Globo:

MATOSO, Filipe. PSB escolhe Luiza Erundina para coordenar campanha de Marina Silva. G1, 21 de agosto de 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/08/psb-escolhe-luiza-erundina-para-coordenar-campanha-de-marina-silva.html> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.

PASSARINHO, Nathalia. Luiza Erundina anuncia que deixará PSB por „divergência ideológica“. G1: Portal de notícias da Globo. 09 de março de 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/luiza-erundina-informa-que-deixara-o-psb-por-divergen-cia-ideologica.html> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.

Leis e Decretos:

BRASIL. Decreto-lei no 898, de 29 de setembro de 1969. Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social, estabelece seu processo e julgamento e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/De10898.htm Acesso: 31/03/2019 às 04:19 hrs.

BRASIL. Decreto-Lei nº 898, de 29 de Setembro de 1969. Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-898-29-setembro-1969-377568-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso: 31/03/2019 às 19:42 hrs.

PASSONI, Irma. Projeto de lei nº 1664/83; Câmara dos Deputados. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=C33FB99212CC68CE812329CD6461CCC1.proposicoesWeb2?codteor=1164713&filename=Dossie+-PL+1664/1983 Acesso: 26/01/2021 às 15:34 hrs.

SÃO PAULO. Lei Ordinária nº 11336/92. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/lei-ordinaria/1992/1133/11336/lei-ordinaria-n-11336-1992-cria-a-coordenadoria-especial-da-mulher-cem-e-da-outras-providencias> Acesso: 26/01/2021 às 14:50 hrs.

Livros e publicações (fontes):

ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (orgs.). *Na contracorrente da história: documentos da Liga Comunista Internacionalista (1930-1933)*. Brasiliense, 1987.

_____. Entrevista realizada por Eugênio Bucci. *Teoria e Debate*, nº 1, 4º trimestre de 1987. In: *Rememória: Entrevistas sobre o Brasil do século XX*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.

ABRAMO, Lélia. Entrevista concedida a Alípio Freire e Eugênio Bucci para a *Revista Teoria e Debate*, nº 5, 1º trimestre de 1989. In: *Rememória: Entrevistas sobre o Brasil do século XX*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.

_____. *Vida e arte: memórias de Lélia Abramo*. Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

ALVES, Rubem et al. *Fé cristã e ideologia*. Piracicaba: Unimep/Metodista Piracicaba, 1981.

ASSESSORIA de Imprensa do Gabinete da Prefeita. *Erundina: uma razão*. São Paulo: MPM – Lintas, 1990.

ATHAYDE, João Martins de. *Cordel*. Seleção de Mário Souto Maior. São Paulo: Hedra, 2000.

BIMBI, Linda. *Uma veia de utopia: a trajetória de Luiza Erundina de Sousa*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BRASIL, Julio Dorgenaldo Moreira. As antigas previsões. Leia FELC, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XII, Edição nº 12, janeiro de 2018.

CÂMARA dos Deputados. *Mulheres Constituintes de 1988*. Brasília: Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação Coordenação de Histórico de Debates, 2011.

CAMPACCI, Nelson Fernando de Jesus. Irma Passoni: A Constituinte do Hotel Carlton. In: MEDINA, Cremilda. *Virado à Paulista: Constituinte – 1987*. São Paulo: CJE, ECA – USP, 1988.

CARVALHO, Félix de. Considerações sobre a parábola do filho pródigo. Leia FELC, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XII, Edição nº 12, janeiro de 2018.

DUARTE, Josany. Ser músico na terra dos músicos. Leia FELC, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XI, Edição nº 11, janeiro de 2017.

EDITORIAL. FELC comemora os 10 anos na BAMAJA. Leia FELC, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XII, Edição nº 12, janeiro de 2018.

FERNANDES, Severina. Padre Anacleto: o inesquecível servo de Deus. *Leia FELC*. Uiraúna – PB: Fundação Educacional Lica Claudino, Ano XI, Edição nº 11, janeiro de 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FUNDAÇÃO Banco do Brasil; INSTITUTO de Tecnologia Social. *Caminhos e perspectivas para a Tecnologia Social*. Brasília: ITS, 2018.

FURTADO, Marlí Tereza. *Gianfrancesco Guarnieri: a dimensão da política de seu teatro à luz de Eles não usam black-tie, O filho do cão, Arena Conta Zumbi e Um grito*

parado no ar. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1982.

GALIZA, Gentil. Ainda tem sertão no sertão? *Leia FELC*. Uiraúna – PB: Fundação Educacional Lica Claudino, Ano XII, edição nº 12, janeiro de 2018.

INSTITUTO de Tecnologia Social. *Emprego apoiado e qualidade de vida: Abrindo portas*. São Paulo: ITS-Brasil, Pronas, 2017.

_____. *O que é Tecnologia Social: Introdução ao ITS-Brasil*. E book. Sem data.

_____. *Tecnologia Social: Experiências exemplares*. São Paulo: ITS Brasil, 2012.

IVERSSON, Lygia Busch. Aspectos epidemiológicos da meningite meningocócica no município de São Paulo (Brasil), no período de 1968 a 1974. *Revista de Saúde pública*, v. 10, p. 1-16, 1976.

LEITE, Rodrigo Moraes. *No camarim com Lélia Abramo*. São José dos Campos: Netebooks, 2019.

MACHADO, Gisele; OLIVEIRA, Renata. Pimentinha da Brasilândia. *Apartes: Revista da Câmara Municipal de São Paulo*. nº 25, jul-dez de 2017.

MAMMANA, Victor Pellegrini. Centro Nacional de Referência em Tecnologia Assistida. In: CTI Renato Archer. Op Cit, 2014.

MENEGOZZO, Carlos Henrique Metidieri (org.). *Centro Sérgio Buarque de Holanda: Guia do Acervo*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2009.

PARTIDO dos Trabalhadores. *Lula: Entrevistas e Discursos*. São Bernardo do Campo: ABCD – Sociedade Cultural, 1980.

PASSONI, Irma. Entrevista realizada em São Paulo em 28 de agosto de 2006. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre (orgs.). *Muitos caminhos, uma estrela: memórias de militantes do PT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PATARRA, Ivo. *O governo Luiza Erundina: cronologia de quatro anos de administração do PT na Cidade de São Paulo, de 1989 a 1992*. São Paulo: Geração Editorial, 1996.

PAULO VI, Papa. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*. Cidade do Vaticano, 1965.

PINTO, José Nêumane. *Erundina: a mulher que veio com a chuva*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

_____. De volta ao curral onde jaz meu umbigo. *Leia FELC*. Uiraúna – PB: Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XI, edição nº 11, janeiro de 2017.

_____. O sertão eterno em xilo. *Leia FELC* (encarte especial Ciro Fernandes). Uiraúna – PB: Fundação Educacional Lica Claudino, Ano XII, edição nº 12, janeiro de 2018.

PRATA, José; BEIRÃO, Nirlando; TOMIOKA, Teiji. *Sérgio Motta: o trator em ação*. São Paulo: Geração Editorial, 1999.

RAMPON, Ivanir Antonio. *O caminho espiritual de Dom Helder Câmara*. São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

S/A. A vitória da fera Radical. *Veja*. Ano 21, nº 47, São Paulo: Editora Abril, 23 de novembro de 1988.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 3, 1988.

SENADO Federal. *Diploma Bertha Lutz*. Brasília: Congresso Nacional, 2018.

SILVA, Ilda Lopes Rodrigues da. *Dom Hélder Câmara e o Diálogo*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2009.

SILVA, Teresina Claudino da. A teologia do abraço. *Leia FELC*, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XII, Edição nº 12, janeiro de 2018.

SOUSA, Eliza Fernandes de. Tributo ao talento musical de Nick Brayan Costa Fernandes. *Leia FELC*, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XII, Edição nº 12, janeiro de 2018.

SOUSA, Luíza Erundina de. *Exercício da paixão política*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

_____. Fragmentos de uma história (in)comum. *Leia FELC*. Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XI, Edição nº 11, janeiro de 2017.

_____. *Integração em Serviço Social*. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Escola de Ciências Sociais da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP). São Paulo, 1966.

_____. Uiraúna na “Era do Rádio”. Leia FELC, Fundação Educacional Lica Claudino. Ano XII, Edição nº 12, janeiro de 2018.

_____. *Um hino de amor a Uiraúna*. Teresina: Halley, 2019.

_____. *Um mandato a serviço de São Paulo e do Brasil*. Brasília: Escritório Político, 2015.

SUPLICY, Eduardo. Mulher: ganha menos, trabalha mais, é a primeira a perder o emprego e a última a ser eleita para uma Constituinte. Boletim Nacional, nº 26, abril de 1987. *Perseu: História, Memória e Política*. nº 7, ano 5, 2011.

Músicas e canções:

GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. Asa Branca. Vou pra Roça (Disco de Vinil). Duração: 2:51 mins. 1947. A letra da música pode ser encontrada em sua íntegra em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/> Acesso: 21/01/2021 às 00:23 hrs.

Páginas Virtuais:

ALESP. Biografia do Deputado (a). Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/176794/biografia> Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

_____. Participação das mulheres na política em debate. São Paulo: Assembleia Legislativa de São Paulo, 24 de fevereiro de 2010. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=272611> Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

_____. Seminário debate o desenvolvimento social solidário. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 18 de junho de 2009. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=267094> Acesso: 30/01/2021 às 15:32 hrs.

ARQUITETAS Invisíveis. Página Online. Disponível em:
<https://www.arquitetasinvisiveis.com/mayumi-souza-lima> Acesso: 22/01/2021 às 00:36
hrs

ARQUIVO Arq. Página Online. Disponível em:
<https://arquivo.arq.br/profissionais/mayumi-watanabe-de-souza-lima> Acesso:
22/01/2021 às 00:36 hrs.

ASSEMBLEIA Legislativa de São Paulo. Deputados Estaduais Constituintes. Disponível
em: http://www3.al.sp.gov.br/historia/constituente-estadual-1988-89/constituente/Deputados_11_legislatura.htm#inicio Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.

BIBLIOTECA Digital da UNESP. Disponível em:
<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/8994> Acesso: 27/01/2021 às 10:15 hrs.

CÂMARA dos Deputados do Brasil. Irma Passoni: Biografia. (Site institucional).
Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/133915/biografia> Acesso:
22/01/2021 às 00:36 hrs.

_____. Maria Luíza Fontenelle. Biografia. (Site institucional). Disponível em:
<https://www.camara.leg.br/deputados/73796/biografia> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

_____. Departamento de Taquigrafia, revisão e redação. Seminário “Constituição
20 Anos: Estado, Democracia e Participação Popular.” Brasília, 27 de novembro de
2008. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/clp/documentos/notas-taquigraficas/copy_of_notas-taquigraficas/2008/constituicao-20-anos-parte2 Acesso:
30/01/2021 às 16:12 hrs.

_____. Vítor Buaiz. Biografia. (Site institucional). Disponível em:
<https://www.camara.leg.br/deputados/139383/biografia> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

CASA do Menino. Página Online. Disponível em:
http://www.casadomenino.com.br/irma_porto.html Acesso: 21/01/2021 às 01:34 hrs.

CONSA, Colégio Nossa Senhora Aparecida. Página Online. Disponível em:
<https://www.consa.com.br/sobre-o-consa/o-colegio/consa-80-anos/> Acesso: 21/01/2021
às 23:42 hrs.

CORREIO IMS. Disponível em: <https://www.correioims.com.br/perfil/sergio-motta/>
Acesso: 26/01/2021 às 15:34 hrs.

CTI Renato Archer. I Simpósio de Tecnologia Assistiva. Campinas: CNRTA-CTI, 2014. Disponível em:
https://www.cti.gov.br/sites/default/files/images/cnrta_livro_150715_digital_final_segunda_versao.pdf Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

ESTANISLAU, Lucas. Em Tempo: um jornal para enfrentar a ditadura de modo contundente. Democracia Socialista. 11 de junho de 2018. Disponível em:
<https://democraciasocialista.org.br/em-tempo-um-jornal-para-enfrentar-a-ditadura-de-modo-contundente-lucas-estanislaui> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.

FERREIRA, Ana L. O. D. El hombre y su obra. Portal Ensayistas. Página Online. Disponível em: <https://www.ensayistas.org/filosofos/brasil/holanda/bio.htm> Acesso: 26/01/2021 às 00:18 hrs.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. Linda Bimbi (1925 – 2016): uma homenagem a uma educadora e defensora dos direitos humanos. Direito à Verdade e à Memória: Blog Cidadania em Pauta. Curso de Jornalismo da UFPB. Disponível em:
<http://memoriasdeverdade.blogspot.com/2016/08/o-legado-de-linda-bimbi.html> Acesso: 23/01/2021 às 00:24 hrs.

FUNDO Social de São Paulo. Galeria dos presidentes. Disponível em:
<https://web.archive.org/web/20160711193909/http://www.fundosocial.sp.gov.br/portal.php/sobre-galerias> Acesso: 27/01/2021 às 10:15 hrs.

GUERRA, Luiza. Marilena Chauí compartilha momentos de sua história. Jornal do Campus. USP, 2 de julho de 2013. Disponível em:
<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2013/07/marilena-chau-i-compartilha-momentos-de-sua-historia/> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.

IEBVM, Instituto Beatíssima Virgem Maria. Página Online. Disponível em:
<https://www.iebvm.g12.br/index.php/a-escola/a-instituicao/nossa-historia> Acesso: 21/01/2021 às 23:42 hrs.

INSTITUTO de Tecnologia Social. 30 Anos da Constituição Federal. 5 de outubro de 2018. Disponível em: <http://itsbrasil.org.br/2018/10/05/30-anos-da-constituicao-federal/>
Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

_____. Debate: Mulheres e lutas na periferia de SP. 11 de outubro de 2017. Disponível em: <http://itsbrasil.org.br/2017/10/11/debate-mulheres-e-lutas-na-periferia-de-sp/> Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

_____. Fundadores. Página Online. Disponível em: <http://itsbrasil.org.br/quem-somos/equipe/fundadores/> Acesso: 30/01/2021 às 15:32 hrs.

_____. Irma Passoni e o Ato Contra a Carestia. 31 de agosto de 2018. Disponível em: <http://itsbrasil.org.br/2018/08/31/irma-passoni-e-o-ato-contra-a-carestia/> Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

_____. Mulheres constituintes são homenageadas com o Diploma Bertha Lutz. 7 de março de 2018. Disponível em: <http://itsbrasil.org.br/2018/03/07/mulheres-constituintes-sao-homenageadas-com-o-diploma-bertha-lutz/> Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

INSTITUTO Paulo Freire. Pequena biografia. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1821773/mod_folder/content/0/Leitura%20complementar/Paulo%20freire%20pequena%20biografia.pdf?forcedownload=1 Acesso: 25/01/2021 às 15:22 hrs.

INSTITUTO Rubem Alves. Página Online. Disponível em: <https://institutorubemalves.org.br/biografia/> Acesso: 25/01/2021 às 13:34 hrs.

MARTINEZ-VARGAS. Marta Suplicy sai do Solidariedade após declarar apoio a Covas em São Paulo. O Globo. 13/09/2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2020/marta-suplicy-sai-do-solidariedade-apos-declarar-apoio-covas-em-sao-paulo-24638352> Acesso: 28/01/2021 às 10:43 hrs.

MUSEU da Pessoa. Página Online. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/pessoa/jaco-bittar-98307> Acesso: 26/01/2021 às 00:18 hrs.

OGATA, César. *Zilah Abramo*: uma estrela da resistência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 16/08/2018. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2018/08/16/zilah-abramo-uma-estrela-da-resistencia/> Acesso: 30/01/2021 às 22:00 hrs.

PINTO, José Nêumanne. *Estação Nêumanne*. Página Online. Disponível em: <http://neumanne.com/novosite/neumanne-pinto-historia-de-vida/#.XyG4-PIKjIU> Acesso: 21/01/2021 às 00:23 hrs.

PONTES DO Ó, Josemar. Quem foi Edvaldo do Ó. *Retalhos Históricos de Campina Grande*. Página Online. Disponível em: http://cgretalhos.blogspot.com/2011/10/quem-foi-edvaldo-do-o-por-josemar.html#.XyG7T_IKjIU Acesso: 21/01/2021 às 01:34 hrs.

PREFEITURA Municipal de Guarulhos. Governantes. Página Virtual. Disponível em: http://www.guarulhos.org/governantes_p.php Acesso: 21/01/2021 às 01:34 hrs.

REDE Globo de Televisão. Jornal Nacional. Foi enterrada hoje, em São Paulo, a atriz Lélia Abramo. Ela morreu ontem, aos 93 anos. Rio de Janeiro: Rede Globo, 10 de abril de 2004. Disponível em: <http://jornalnacional.globo.com/Telejornais/JN/0,,MUL554207-10406,00-FOI+ENTERRADA+HOJE+EM+SÃO+PAULO+A+ATRIZ+LELIA+ABRAMO+ELA+MORREU+ONTEM+AOS+A.html> Acesso: 28/01/2021 às 10:43 hrs.

S/A. Ecléa Bosi. *Departamento de Psicologia da USP*. Página Online. Disponível em: <http://www.ip.usp.br/site/eclea-bosi/> Acesso: 26/01/2021 às 14:32 hrs.

S/A. *Sobre Perseu Abramo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 11/02/2010. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2010/02/11/sobre-perseu-abramo/> Acesso: 30/01/2021 às 22:00 hrs.

SEADE. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/eleicoes/candidatos/index.php?page=pol_det&can_d=358 Acesso: 30/01/2021 às 16:12 hrs.

SENADO Notícias. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2000/04/25/biografia-de-sergio-motta> Acesso: 26/01/2021 às 15:34 hrs.

SINDICATO dos Siderúrgicos e Metalúrgicos da Baixada Santista. Disponível em: <http://metalurgicosbs.org.br/> Acesso: 27/01/2021 às 10:15 hrs.

SOUSA, Luíza Erundina de. Fala recortada. Apud. MACHADO, Wagner. *'PT achou que eu não daria conta', diz Erundina nos 25 anos da grande vitória*. Portal Terra. São Paulo: 14 de novembro de 2013. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/pt-achou-que-eu-nao-daria-conta-diz-erundina-nos-25-anos-da-grande->

<vitoria,0517722515452410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html> Acesso: 10/07/2020 às 05:04 hrs.

SUPERBOM. Página Online. Disponível em: <https://superbom.com.br/empresa/> Acesso: 22/01/2021 às 00:09 hrs.

STF. Supremo Tribunal Federal. Ministros. Luiz Rafael Mayer. Página Online. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=14> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.

TRIBUNAL Regional Eleitoral de São Paulo. Resultados eleitorais. Consulta por nome. Sistema Paulística. Disponível em: <http://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-antteriores/sistema-paulistica> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

Peças de Teatro:

BARROS, Andréia; JANUZELLI, Antônio. No Palco com Lélia Abramo. São José dos Campos: Companhia Teatro da Cidade, 2015.

Verbetes Biográficos:

Arquidiocese de São Paulo:

S/A. Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta. Disponível em: <http://www.arquisp.org.br/historia/dos-bispos-e-arcebispos/bispos-diocesanos/cardeal-dom-carlos-carmelo-de-vasconcelos-motta> Acesso: 21/01/2021 às 23:42 hrs.

S/A. Dom Agnelo Rossi. Disponível em: <http://www.arquisp.org.br/historia/dos-bispos-e-arcebispos/arcebispos/dom-agnelo-cardeal-rossi> Acesso: 21/01/2021 às 23:42 hrs.

Dicionário Histórico e Biográfico da Fundação Getúlio VARGAS (CPDOC/FGV):

BADARÓ, Marcelo; PINHEIRO, Luciana. Luiz Inácio Lula da Silva. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/luis-inacio-da-silva>
Acesso: 23/01/2021 às 00:24 hrs.

CAMPOS, Patrícia; ALDÉ, Lorenzo; BASTOS, Manoel Dourado. Paulo Maluf. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/paulo-salim-maluf>
Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

CÂNDIDO, Daniela; COSTA, Marcelo; TEDESCHI, Harriete. Ivan Valente. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/valente-ivan> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

_____ ; CARNEIRO, Alan; LAMARÃO, Luísa. Marina Osmarina da Silva. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/maria-osmarina-silva-de-sousa> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.

CARDOSO, Elizabeth Dezouart; SPRITIZER, Jean. Alberto Goldman. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/goldman-alberto>
Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.

CARNEIRO, Alan; MATTOS, Marco Aurélio Vannuchi de. Hélio Bicudo. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/helio-pereira-bicudo>
Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

CORREIA, Maria Letícia; CARNEIRO, Alan. Aluísio Mercadante. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/aluisio-mercadante-oliva>
Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

_____ ; MARQUES, Bruno. Dom Paulo Evaristo Arns. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/arns-paulo-evaristo>
Acesso: 23/01/2021 às 01:37 hrs.

COSTA, Marcelo. Aurélio Peres. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/peres-aurelio> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.

_____. José Freitas Nobre. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-freitas-nobre> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.

DIAS, Sônia; LEMOS, Renato; CARNEIRO, Alan. José Sarney. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jose-ribamar-ferreira-de-araujo-costa> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.

GOUGET, Gisele; ALDÉ, Lorenzo; SETEMY, Adrianna. Orestes Quércia. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOCA/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/orestes-quercia> Acesso: 26/01/2021 às 14:50 hrs.

KELLER, Vilma; DIAS, Sonia; COSTA, Marcelo; FREIRE, Américo. Leonel de Moura Brizola. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/leonel-de-moura-brizola> Acesso: 04/02/2021 às 00:00 hrs.

KUSHINIR, Beatriz. Cláudio Abramo. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/claudio-abramo> Acesso: 20/01/2021 às 00:33 hrs.

_____. Boris Casoy. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/casoy-boris> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

LEMOS, Renato. Antônio Carlos Peixoto de Magalhães. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-carlos-peixoto-de-magalhaes> Acesso: 30/01/2021 às 14:37 hrs.

_____. Fernando Collor. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/collor-fernando> Acesso: 26/01/2021 às 14:50 hrs.

_____ ; CARNEIRO, Alan. Fernando Henrique Cardoso. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cardoso-fernando-henrique> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

_____. Itamar Franco. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/itamar-augusto-cautiero-franco> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

LOPES, Gustavo; MONTALVÃO, Sérgio. Maurílio Ferreira de Lima. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/maurilio-figueira-de-ferreira-lima> Acesso: 26/01/2021 às 15:34 hrs.

MARQUES, Bruno. Ideli Salvatti. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/salvatti-ideli> Acesso: 28/01/2021 às 10:43 hrs.

MAYER, Jorge Miguel; LEMOS, Renato; CORREIA, Maria Letícia. Antônio Delfim Netto. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-delfim-neto> Acesso: 30/01/2021 às 15:32 hrs.

_____ ; XAVIER, Libânia. Jânio Quadros. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/janio-da-silva-quadros> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

MONTENEGRO, Daniel; HIPOLITO, Regina. Dilma Vana Rousseff. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dilma-vana-rousseff> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.

MOURA, Gisela; SOUSA, Luís Otávio de. Olívio Dutra. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/olivio-de-oliveira-dutra> Acesso: 26/01/2021 às 00:18 hrs.

NACIF, Libânia; ALDÉ, Lorenzo; CAMARGO, Orson. Eduardo Matarazzo Suplicy. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eduardo-matarazzo-suplicy> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.

PANTOJA, Sílvia. José Américo de Almeida. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/almeida-jose-americo-de> Acesso: 21/01/2021 às 01:34 hrs.

_____ ; LEMOS, Renato. Miguel Arrais de Alencar. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/miguel-arrais-de-alencar> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.

PANDOLFI, Dulce. Ulysses Guimarães. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ulisses-silveira-guimaraes> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.

QUARTI, Márcia. Márcia Kubitschek. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/marcia-de-oliveira-kubitschek> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.

S/A. Atílio Francisco Xavier Fontana. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/atilio-francisco-xavier-fontana> Acesso: 22/01/2021 às 00:09 hrs.

S/A. Bertha Lutz. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/berta-maria-julia-lutz> Acesso: 23/01/2021 às 01:37 hrs.

S/A. Celso Pitta. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/celso-roberto-pitta-do-nascimento> Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

S/A. Emerson Kapáz. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/kapaz-emerson> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.

S/A. Flávio Marcílio. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/marcilio-flavio> Acesso: 26/01/2021 às 15:34 hrs.

S/A. José Rafael Mayer. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mayer-luis-rafael> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.

S/A. Mário Pedrosa. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedrosa-mario> Acesso: 23/01/2021 às 01:37 hrs.

S/A. Robson Marinho. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/robson-riedel-marinho> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

SETEMY, Adrianna; PINHEIRO, Luciana. Eduardo Campos. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eduardo-henrique-acioli-campos> Acesso: 29/01/2021 às 13:55 hrs.

SILVA, Fábio Pereira da; SPRITZER, Jean. Fernando Haddad. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/haddad-fernando> Acesso: 29/01/2021 às 13:13 hrs.

SOUSA, Luís Otávio de; COSTA, Marcelo. Elisabete Mendes de Oliveira. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/elisabete-mendes-de-oliveira> Acesso: 24/01/2021 às 23:08 hrs.

_____ ; COSTA, Marcelo; CAMARGO, Orson. Telma de Souza. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/telma-sandra-augusto-de-sousa> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.

TOSTE, Alexandra. Heloísa Helena. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CODOC/FGV. Disponível em: <http://fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/heloisa-helena-lima-de-morais-carvalho> Acesso: 29/01/2021 às 15:46 hrs.

VELÁSQUEZ, Muza; ALDÉ, Lorenzo; TEDESCHI, Harriete. Mário Covas Júnior. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. FGV/CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/mario-covas-junior>
Acesso: 22/01/2021 às 00:09 hrs.

_____ ; COUTO, André Faria; CORREIA, Maria Letícia. Benedita da Silva. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/benedita-sousa-da-silva>
Acesso: 26/01/2021 às 01:24 hrs.

XAVIER, Libânia. Dirce Tutu Quadros. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dirce-maria-do-vale-quadros> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.

_____ ; ALDÉ, Lorenzo; JOFFLY, Mariana. Marta Suplicy. Verbete. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/marta-teresa-suplicy>
Acesso: 28/01/2021 às 10:43 hrs

ZAYLBERBERG, Sônia. Chico Mendes. Dicionário Histórico e Biográfico. CPDOC/FGV. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-alves-mendes-filho> Acesso: 26/01/2021 às 14:50 hrs.

Dicionário Político:

S/A. Vladimir Maiakovski. Dicionário Político. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/mayakovsky_vladimir.htm
Acesso: 28/01/2021 às 11:04 hrs.

Enciclopédia Itaú Cultural:

S/A. Antônio Abujamra. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa13064/antonio-abujamra> Acesso:
28/01/2021 às 11:04 hrs.

S/A. Antônio Cândido. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa378/antonio-candido> Acesso: 28/01/2021 às 09:46 hrs.

S/A. Cacilda Becker. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa349429/cacilda-becker> Acesso: 25/01/2021 às 13:34 hrs.

S/A. Gilberto Gil. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2914/gilberto-gil> Acesso: 28/01/2021 às 09:46 hrs.

S/A. José Renato Pécora. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa349684/jose-renato> Acesso: 20/01/2021 às 02:20 hrs.

S/A. Leon Hirszman. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa13348/leon-hirszman> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.

S/A. Lívio Abramo. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9132/livio-abramo> Acesso: 20/01/2021 às 00:32 hrs.

S/A. Ruth Escobar. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa18616/ruth-escobar> Acesso: 26/01/2021 às 00:04 hrs.

S/A. Ruthnéia de Moraes. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa349585/ruthinea-de-moraes> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.

S/A. Sérgio Mamberti. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa107275/sergio-mamberti> Acesso: 28/01/2021 às 11:04 hrs.

Memória Globo:

S/A. Gianfrancesco Guarnieri. Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/gianfrancesco-guarnieri/> Acesso: 20/01/2021 às 02:20 hrs.

S/A. Juca de Oliveira. Memória Globo. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/juca-de-oliveira/> Acesso: 24/01/2021 às 19:58 hrs.

Memórias da Ditadura:

S/A. Alexandre Vannucchi Leme. Memórias da Ditadura. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/alexandre-vannucchi-leme/> Acesso: 25/01/2021 às 13:34 hrs.

S/A. Dom Hélder Câmara. Memórias da Ditadura. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/dom-helder-camara/> Acesso: 23/01/2021 às 01:37 hrs.

S/A. Henfil. Memórias da Ditadura. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/henfil/> Acesso: 26/01/2021 às 14:50 hrs.

S/A. Vladimir Herzog. Memórias da Ditadura. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/vladimir-herzog/> Acesso: 25/01/2021 às 13:34 hrs.

Museu da TV:

S/A. Geraldo Alves. Museu da TV. Página Online. Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/biografia/geraldo-alves/> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

S/A. Joelmir Beting. Museu da TV. Página Online. Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/biografia/joelmir-beting/> Acesso: 27/01/2021 às 09:00 hrs.

Pró-TV:

S/A. Ligia de Paula. Pró-TV. Disponível em:
<http://www.museudatv.com.br/biografia/ligia-de-paula/> Acesso: 28/01/2021 às 11:04 hrs.

Bibliografia

ABRAMIDES, Maria Beatriz Costa; CABRAL, Maria do Socorro Reis. *O novo sindicalismo e o serviço social: trajetória e processos de luta de uma categoria, 1978-1988*. Cortez Editora, 1995.

ABREU, Marcelo Santos de. Luto e culto cívico dos mortos: as tensões da memória pública da Revolução Constitucionalista de 1932 (São Paulo, 1932-1937). *Revista Brasileira de História*, v. 31, n. 61, p. 105-123, 2011.

ALBUQUERQUE FILHO, Ronald. *Cidade, Seca e Campo de Concentração: O início da modernização em Crato, Ceará (1900 – 1933)*. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2015.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

ALENCAR JÚNIOR, Moacir Pereira. TFP – Tradição, Família, Propriedade – Um movimento católico conservador atuando na Assembleia Constituinte de 1987/1988. *Anais da I Semana de Ciência Política*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2013.

ALVES, Mércia; LEÃO MARTINS, Joyce Miranda. A reinvenção da imagem pública de duas prefeitas candidatas: Luizianne Lins e Marta Suplicy no horário eleitoral. *Revista Compólitica*, v. 9, n. 3, 2019.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *Projeto História*, São Paulo n. 14, 1996.

AMÂNCIO, Kerley Cristina Braz. “Lobby do Batom”: uma mobilização por direitos das mulheres. *Revista Trilhas da História*, v. 3, n. 5, p. 72-85, 2013.

ARAÚJO, Clara. Incongruências e dubiedades, deslegitimação e legitimação: o golpe contra Dilma Rousseff. In: RUBIM, Linda; ARGOLO, Fernanda (orgs.). *O Golpe na perspectiva de Gênero*. Coleção Cult. Salvador: Edufba, 2018.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Editora da Unicamp, 2011.

AZEVEDO, Fernando Antônio. A imprensa brasileira e o PT: um balanço das coberturas das eleições presidenciais (1989-2006). *Revista Eco-Pós*, v. 12, n. 3, 2009.

BACK, Lilian. A vanguarda revolucionária tem dois sexos: gênero e moral nas esquerdas armadas brasileira e argentina. Os casos da ALN e do PRT-ERP. *Perseu: História, Memória e Política*. nº 7, ano 5, 2011.

BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. São Paulo: Editora Record, 2011.

BAENINGER, Rosana (org.). *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

BAPTISTA, Íria Catarina Queiróz; ABREU, Karen Cristina Kraemer. *A História das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial*. São Leopoldo: Unisinos/Unisul, 2010.

BARBOSA, Jivago Correia. *Política e assistencialismo na Paraíba: o governo de José Américo de Almeida (1951-1956)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2012.

BARRERO JUNIOR, Roger Camacho. *Companheiras e Companheiros: As mulheres e a inserção de suas pautas no Partido dos Trabalhadores (1978 – 1988)*. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2015.

_____. Lágrimas que vertem do solo: lutos e supressões nas disputas da memória em torno de mais uma vala sul-americana (Bairro de Perus, São Paulo, 1990- 1993). *Aedos*, v. 9, n. 21, p. 132-154, 2017

_____. De onde eu venho, qual o meu passado e o que eu quero para o meu futuro? Memórias e identidades de Luíza Erundina de Sousa (1934 -). *Temporalidades*. Belo Horizonte, v 11, nº 3, set/dez 2019.

BARRETO, Letícia Cardoso. *"Somos sujeitas políticas de nossa própria história": prostituição e feminismos em Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2015.

BERTONHA, João Fábio. Trabalhadores italianos entre Fascismo, Antifascismo, Nacionalismo e Lutas de Classe. Os operários italianos em São Paulo entre as duas guerras mundiais. In: CARNEIRO, Maria Luíza Tucci; CROCI Federico; FRANZINA Emílio (org.). *História do Trabalho e Histórias da Imigração*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2010.

BEZERRA, Ada Kesea Guedes. A construção e reconstrução da imagem do idoso pela mídia televisiva. *Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação*. Campina Grande, jan, 2006.

BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas: Editora de Unicamp, 2011.

BIROLI, Flávia. *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

_____. Uma mulher foi deposta: sexismo, misoginia e violência política. In: RUBIM, Linda; ARGOLO, Fernanda (orgs.). *O Golpe na perspectiva de Gênero*. Coleção Cult. Salvador: Edufba, 2018.

BOSI, Ecléa. Memória da cidade: lembranças paulistanas. *Estudos avançados*, v. 17, n. 47, p. 198-211, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015.

BRANDÃO, Cristina. Herdeiros do teleteatro—novos rumos na teledramaturgia. *VII Encontro Nacional de História da Mídia*. Fortaleza, 2009.

BRANDÃO, Leonardo. De Jânio Quadros a Luiza Erundina: uma história da proibição e do incentivo ao skate na cidade de São Paulo. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 49, 2014.

- BRANDÃO, Marco Antônio. *O socialismo democrático do Partido dos Trabalhadores: a história de uma utopia (1979 – 1994)*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2003.
- BRUM, Marcos Felipe de; MAUAD, Ana Maria. História e fotografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- BUENO, André de Godoy. *Políticas culturais: cidadania cultural e o Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo (1990 – 1992)*. Monografia (Bacharelado em História da Arte). Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2018.
- BUITONI, Cássia Schroeder. *Mayumi Watanabe Souza Lima: a construção do espaço para a educação*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- CAMARGO, Angélica Ricci. *A política dos palcos: teatro no primeiro governo Vargas (1930 – 1945)*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2013.
- _____. *Por um Serviço Nacional de Teatro: debates, projetos e o amparo oficial ao teatro no Brasil (1946-1964)*. Tese (Doutorado em História Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.
- CALLADO, Alisson Gomes. *O hino do sertão: a identidade nordestina em “Asa Branca”*. 2013. 18f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2013.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Lourenço. O branco não branco e o branco-branco. In: MÜLLER, Tânia; CARDOSO, Lourenço (orgs.). *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017.
- CARNEIRO, Kássia Karise Carvalho, GONÇALVES, Claudionora Fonseca, VIANA, Beatriz Borges. O movimento de Reconceituação do Serviço Social e seu reflexo no

exercício profissional na contemporaneidade. *Seminário Nacional de Serviço Social, trabalho e política social*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, de 27 a 29 de novembro de 2015.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas: fantasmas de uma geração, 1930-1945*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

_____. Tutti Buona Gente! Subversivos de oriem italiana no arquivo do Deops-SP. In: CARNEIRO, Maria Luíza Tucci; CROCI Federico; FRANZINA Emílio. *História do Trabalho e Histórias da Imigração*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2010.

CARVALHO, Carlos Alberto de. Afetar e ser afetado pelo acontecimento: coberturas jornalísticas da Aids e impactos sociais. *Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 38, n. 2, p. 253-272, 2015.

CASTRO, Márcio Sampaio de. *Bexiga: um bairro afro-italiano*. São Paulo: Annablume, 2008.

CASTRO, Paulo Roberto de Andrade. *A construção social do delinquente menor de idade na esfera jurídica*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Estudos Gerais, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). *Topoi (Rio de Janeiro)*, v. 3, n. 5, p. 354-388, 2002.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

COLLING, Ana Maria. *A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil*. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos, 1997

_____. As mulheres e a Ditadura Militar no Brasil. *História em Revista*, v. 10, n. 10, 2017.

CONDINI, Martinho. *Dom Hélder Câmara: Modelo de Esperança na caminhada para a paz e a justiça social*. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

CONNERTON, Paul. Seven types of forgetting. *Memory studies*, v. 1, n. 1, p. 59-71, 2008.

CONSELHO Federal de Serviço Social (CEFESS), CONSELHO Regional de Serviço Social – São Paulo, Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social. *30 anos do Congresso da Virada*. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 2009.

CORRÊA, Catarina; MARQUES, João Vinícius; SANTOS, Pedro de Mesquita. Gênero e Política na Mídia Brasileira e o Caso de Marta Suplicy. *XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste*. Águas Claras – DF, 2014.

COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. *Revista Gênero*, v. 5, n. 2, 2005.

COSTA, Clarice da Silva. *Teatro e teleteatro: aproximações híbridas, permanências, discrepâncias e inovações no teleteatro*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: dilemas da interpretação. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 47-65, jul./dez. 2014.

COSTA, Kátia Regina Lopes. *Disciplinar, regenerar e punir: os caminhos do menor delinquente sergipano (1891-1927)*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal do Sergipe. Aracaju, 2013.

COSTA, Lucas La Bella. *Monumentos de papel: a poética da morte nos necrológios de Manoel de Araújo Porto-Alegre (1839-1857)*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

COSTA, Marcelo Timotheo. Operação cavalo de Tróia: a Ação Católica Brasileira e as experiências da Juventude Estudantil Católica (JEC) e da Juventude Universitária Católica (JUC). *As Esquerdas no Brasil: Nacionalismo e reformismo radical (1945 – 1964)* v. 2. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007.

COVOLAN, Fernanda Cristina; ALMEIDA, Melissa Pinheiro. Repúdio aos “súditos do eixo”: legalização dos campos de concentração na Era Vargas. *Revista Opinião Jurídica* (Fortaleza), v. 17, n. 25, p. 13-36, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *VV. AA. Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004.

CRUZ, Natália Dos Reis. A imigração judaica no Brasil e o anti-semitismo no discurso das elites. *Política & Sociedade*, v. 8, n. 15, p. 225-250, 2009.

CUBAS, Caroline Jacques. *Do hábito ao ato: vida religiosa feminina ativa no Brasil (1960 – 1985)*. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

CUNHA, Luiz Antônio. Sintonia oscilante: religião, moral e civismo no Brasil-1931/1997. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 131, p. 285-302, 2007.

DAGNINO, Renato (org.). *Tecnologia social: Ferramenta para construir outra sociedade*. Campinas: Unicamp/Capes, 2010.

_____. Tecnologia social: base conceitual. *Ciência & Tecnologia Social*, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2011.

D'ALAMERT, Clara Correia; FERNANDES, Paulo Cesar Gaioto. Bela Vista: a preservação e o desafio da renovação de um bairro paulistano. *Revista do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo*. V 204, 2006.

D'ARAÚJO, Maria Celina. Estado, classe trabalhadora e políticas sociais. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília (orgs.). *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo. Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

D'ATRI, Andrea. Feminismo y Marxismo: más de 30 años de controversias. *CEME – Archivo Chile*, v. 3, 2004.

DEBERT, Guita Grin. Gênero e envelhecimento. *Revista Estudos Feministas*, v. 2, n. 3, p. 33, 1994.

DELGADO, Maria do Carmo Godinho. *Estrutura de Governo e Ação Política Feminista: A experiência do PT na Prefeitura de São Paulo*. São Paulo: Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

DINIZ, Carlos Alberto Nogueira. *Santo Dias: a construção da memória (1962 – 2005)*. São Paulo: Alameda, 2017.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

- ELEY, Geoff. Feminismo: A esquerda e as novas questões relativas a gênero. In: *Forjando a democracia: a história da esquerda na Europa, 1850-2000*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
- ENGLER, Isabel. *A primeira prefeita brasileira Alzira Soriano: o poder político coronelístico*, Lages/RN, 1928. Monografia (Licenciatura em História) – Curso de História, Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó, 2019.
- FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FARIA, Marcos Moutta de. A experiência do Movimento Convergência Socialista. *Cadernos AEL* ano 10. Nº 22/23, 2005.
- FARIA, Maurício Sarda. Brasil: o “novo sindicalismo” do setor público. *La Question Sociale*. Revue libertaire de réflexion et de combat. Paris/França nº 1. P. 100 – 107. 2004.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. *Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.
- FERREIRA, Carolin Overhoff. Uma breve história do teatro brasileiro moderno. *Nuestra América*. nº 5, janeiro – junho 2008.
- FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília (orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura. Regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FIGUEIRAS, Juliana Miranda. *A educação moral e cívica e sua produção didática: 1969 – 1993*. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

FONSECA, Cláudia. Solteironas de fino trato: reflexões em torno do não-casamento entre pequeno-burguesas no início do século. *Revista Brasileira de História*, v. 18, p. 99-120, 1989.

FONTES, Paulo. *Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel paulista (1945-66)*. FGV Editora, 2008.

FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi. Esquerda e direita: fontes nacionais para a História social. *Métis: história & cultura*, v. 3, n. 5, 2004.

FRACCARO, Gláucia. *Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937)*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2018.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 59-88, 1998.

FRANCO, Dalva de Souza. A gestão de Paulo Freire à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (1989-1991) e suas consequências. *Pro-Posições*, v. 25, n. 3, p. 103-121, 2014.

FRANCO, José Eduardo; PINHO, Joana Balsa de. Adoção e solidariedade. Uma aproximação histórica. *Brotéria*, v. 180, p. 45-60, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREITAS, Paloma; SOUZA, Lígia; SOUZA, Sérgio; SILVEIRA, Sandra. A Faculdade de Serviço Social de Campina Grande: surgimento e desenvolvimento até sua inserção no âmbito universitário. *XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação*. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2008.

GARCIA, Miliandre. “Contra a censura, pela cultura”: a construção da unidade teatral e a resistência cultural à ditadura militar no Brasil. *ArtCultura*, v. 14, n. 25, 2012.

GARRINI, Selma Peleias Felerico. *Do corpo desmedido ao corpo ultramedido: a revisão do corpo na Revista Veja de 1968 a 2010*. 2010. Tese (Doutorado em Comunicação) – Departamento de Comunicação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.

GIANORDOLI-NASCIMENTO, Ingrid Faria; OLIVEIRA, Flaviane; CRUZ, Jailza; FREITAS, Janaína; REIS, Débora; SANTOS, Thayná; MENDES, Bárbara.

Representações sociais de “ser mulher militante”: as imbricações entre geração e gênero na trajetória de militância de mulheres durante a ditadura militar brasileira. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 28, p. 110-131, 2015.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Editora Companhia das Letras, 2017.

GIOVANNONI, Raphael. *Transformações de uso e ocupação do bairro do Ipiranga em São Paulo: uma análise da tendência da substituição de áreas industriais ociosas pela verticalização de condomínios residenciais*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2017.

GIULIANI, Paola Cappellin. Os movimentos sociais de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

GODOY, Marília; ETCHEBÉHÈRE JUNIOR, Lincoln. O Museu Paulista e a formação de um espaço de modernidade no bairro do Ipiranga. *Pesquisa em debate*. Ano 3, nº 4, jan-jun 2006.

GOLDENBERG, Mirian. Mulheres e Militantes. *Estudos Feministas*, p. 349-364, 1997.

_____. *Toda mulher é meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.

_____. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. *Contemporânea (Título não-corrente)*, v. 9, n. 2, 2011.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: *Escrita de si, escrita da história*. RJ: FGV, 2004.

_____. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

GRANET-ABISSET, Anne Marie. O historiador e a fotografia. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 24, 2002.

GRENDI, Edoardo. Microanálise e História Social. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho (orgs.). *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2013.

HALL, Michael. Entre a etnicidade e a classe em São Paulo. In: CARNEIRO, Maria Luíza Tucci; CROCI Federico; FRANZINA Emílio. *História do Trabalho e Histórias da Imigração*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2010.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. São Paulo: Autentica, 2013.

HECKER, Alexandre. *Socialismo sociável: história da esquerda democrática em São Paulo, 1945-1965*. Unesp, 1998.

_____. Propostas de esquerda para um novo Brasil: o ideário socialista do pós-guerra. In: *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Coleção As Esquerdas no Brasil, v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. *Revista Estudos Históricos*, v. 10, n. 19, p. 41-60, 1997.

_____. Os "fazimentos" do arquivo Darcy Ribeiro: memória, acervo e legado. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 36, p. 43-58, 2005.

_____. Arquivos pessoais em perspectiva etnográfica. In: TRAVANCAS, Isabel Siqueira; ROUCHOU, Joëlle Rachel; HEYMANN, Luciana Quillet. *Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2014.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IAMAMOTO, Marilda Villela; DE CARVALHO, Raul. *Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. São Paulo: Cortez [Lima, Peru] CELATS, 2006.

IBARRA, David. O neoliberalismo na América Latina. *Brazilian Journal of Political Economy*, v. 31, n. 2, p. 238-248, 2011.

ISCARO, Aldrey Cristiane. *A luta pela moradia na cidade de São Paulo: as interações entre moradores de favelas e o poder público de 1975 a 1982*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012.

ISSLER, Bernardo. A morte como notícia ou anúncio. *XIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação* (Compós). São Bernardo do Campo, 2004.

JAMES, Daniel. Poesia, trabalho fabril e sexualidade feminina na Argentina peronista. *Cadernos AEL*, 2 (3/4), 1996.

_____. Contos narrados nas fronteiras: A história de Doña María, História Oral e Questões de Gênero. In: BATALHA, Cláudio; FORTES, Alexandre; SILVA, Fernando Teixeira da (orgs.). *Culturas de Classe*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

KAREPOVS, Dainis; LEAL, Murilo. Os Trotskismos no Brasil: 1966 – 2000. In: RIDENTI, Marcelo; REIS, Daniel Aarão (orgs.). *História do Marxismo no Brasil: Partidos e movimentos após os anos 1960*, vol. 6. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

KECK, Margaret E. *PT - A lógica da diferença: o partido dos trabalhadores na construção da democracia brasileira*. São Paulo: Ática, 1991.

KLAFKE, Mariana Figueiró. *Heróis e coringas no palco: o teatro da arena prega a resistência*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

LEAL, Paulo Roberto Figueira. A grande imprensa paulista e a imagem do PT pré-Mensalão: as coberturas das denúncias do caso CPEM em 1997 no Estadão e na Folha. *XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Brasília, UnB, 6 a 9 de setembro de 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: Edusp, 2001.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

LIMA, Henrique Espada. EP Thompson e a micro-história: trocas historiográficas na seara da história social. *Esboços: histórias em contextos globais*, v. 11, n. 12, p. 53-74, 2004.

- LOPES, Maria Margaret; SOUZA, Lia Gomes Pinto de; SOMBRIO, Mariana Moraes Moreira de. A construção da invisibilidade das mulheres nas ciências: a exemplaridade de Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976). *Revista gênero*, v. 5, n. 1, 2012.
- LORIGA, Sabina. A Biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escalas: A Experiência da Microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- LOURENÇO, Elaine. O ensino de História encontra seu passado: memórias da atuação docente durante a ditadura civil militar. *Revista Brasileira de História*, vol. 30, núm. 60. Dezembro, 2010.
- LÖWY, Michael. Cristianismo da Libertação e Marxismo: de 1960 a nossos dias. *História do marxismo no Brasil—Partidos e movimentos após os anos 1960*, v. 6. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- MACEDO, Edmar Almeida. Dos trotskistas do Movimento Democrático Brasileiro ao Partido dos Trabalhadores: o debate no Em Tempo e a formação da DS. *Revista Espaço Acadêmico* nº 151, Dezembro de 2013.
- MACEDO, Geórgia; ANDRADE, Marta; SILVA, Mauricélia; SOUSA, Sérgio; VIEIRA, Juliana; FREITAS, Paloma; FONSECA, Cleomar; NÓBREGA, Mônica; SILVEIRA, Sandra. O Serviço Social em Campina Grande: Gênese e Desenvolvimento. *XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação*. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2007.
- MACHADO, Adriano Henriques. Os católicos e o Partido dos Trabalhadores: Aproximações, distanciamentos e suas diversas tensões. *Perseu: História, Memória e Política*, n. 07, 2011.
- MACHADO, Vanderlei. Paternidade, maternidade e ditadura: a atuação de pais e mães de presos, mortos e desaparecidos políticos no Brasil. *História Unisinos*, v. 17, n. 2, p. 179-188, 2013.
- MACIEL, Ana Carolina de Moura Delfim. “Yes nós temos bananas”. *Cinema industrial paulista: a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, atrizes de cinema e*

Eliane Lage. Brasil, anos 1950. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

MAGALDI, Sábato; VARGAS, Maria Thereza. *Cem anos de teatro em São Paulo*. São Paulo: Senac, 2001.

MAIA, Cláudia de Jesus. *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral - Minas Gerais (1890-1948)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

MARCELINO, Douglas Attila. A morte de Tancredo Neves pela TV: algumas reflexões sobre rituais, memória e identidade nacional. *Mosaico*, v. 1, n. 1, p. 30-57, 2009.

_____. Rituais políticos e representações do passado: sobre os funerais de “homens de letras” na passagem do império à república. *Tempo*, v. 22, n. 40, p. 260- 282, 2016.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. O comunismo imaginário. Práticas discursivas da imprensa sobre o Comunismo. *Sínteses – Revista dos Cursos de Pós-Graduação*, v. 2, 1997.

MARSON, Melina Izar. Da feminista "macha" aos homens sensíveis: o feminismo no Brasil e as (des) construções das identidades sexuais. *Cadernos AEL*, v. 2, nº 3/4, 1996.

MARTINEZ, Paulo Henrique. O Partido dos Trabalhadores e a conquista do Estado: 1980-2005. In: RIDENTI, Marcelo; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *História do marxismo no Brasil: Partidos e movimentos após os anos 1960* (volume 6). Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

MARTINS, Carlos Eduardo. *Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

MARTINS FILHO, João Roberto. A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares. *Varia História*, v. 28, p. 178-201, 2002.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Novos e velhos sindicalismos: Rio de Janeiro (1955 – 1988)*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1988.

MAUAD, Ana Maria; BRUM, Marcos Felipe de. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *História e fotografia. Novos domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

- MAUX, Ana Andréa Barbosa; DUTRA, Elza. A adoção no Brasil: algumas reflexões. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 10, n. 2, p. 356-372, 2010.
- MC CLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas, Editora da Unicamp, 2010.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. Editora Contexto, 2007.
- MELLO, Soraia Carolina. Uma profissão invisível: Dona de casa (1970 – 1989). *Perseu: História, Memória e Política*. Ano 5, nº 7, novembro de 2011.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 34, p. 9-23, 1992.
- MENEZES, Marilda, MOREIRA, Emilia, TARGINO Ivan. As Ligas Camponesas na Paraíba: Um relato a partir da memória dos seus protagonistas. *Ruris*, Volume 5, Número 1. Março de 2011.
- MIGUEL, Luís Felipe. Meios de comunicação de massa e política no Brasil. *Diálogos latinoamericanos*, v. 3, n. 1, p. 43-70, 2001.
- MIRA, Maria Celeste. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. *Cadernos pagu*, n. 21, p. 13-38, 2003.
- MONSMA, Karl. Vantagens de imigrantes e desvantagens de negros: emprego, propriedade, estrutura familiar e alfabetização depois da abolição no oeste paulista. *Dados-Revista de Ciências Sociais*, v. 53, n. 3, p. 509-543, 2010.
- MONTEIRO, Thiago William Nunes. *'Como pode um povo vivo viver nesta carestia': o movimento do custo de vida em São Paulo (1973-1982)*. São Paulo: Humanitas, 2017.
- MORAES FILHO, Evaristo de. *O problema do sindicato único no Brasil: seus fundamentos sociológicos*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.
- MOREIRA, Laís de Araújo. Direito e Gênero: a contribuição feminista para a formação política das mulheres no processo de (re) democratização brasileiro. *Gênero e Direito*, v. 5, nº 01, 2016.
- MOTTA, Alda Britto da. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu*, n. 13, p. 191-221, 1999.

_____. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. *Sociedade e estado*, v. 25, n. 2, p. 225-250, 2010.

MOTTA, Marly. A estabilização e a estabilidade: do Plano Real aos governos FHC (1993 – 2002). In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano* (volume 5): O tempo da Nova República. Da transição democrática à crise política de 2016. Quinta República (1985 – 2016). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Partido e sociedade: a trajetória do MDB*. São Paulo: Editora Utop, 1997.

_____. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil, 1917-1964*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

_____. O Perigo é Vermelho e vem de Fora: O Brasil e a URSS. *Locus-Revista de História*, v. 13, n. 2, 2007.

_____. O lulismo e os governos do PT: ascensão e queda. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano* (volume 5): O tempo da Nova República. Da transição democrática à crise política de 2016. Quinta República (1985 – 2016). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____. O MDB e as esquerdas. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *Revolução e democracia (1964...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. Os olhos do regime militar brasileiro nos campi. As assessorias de segurança e informações das universidades. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 9, n. 16, p. 30-67, 2008.

NASCIMENTO, Mirian Alves do. Relações de Gênero e a Participação na Nova Esquerda no Brasil (1969 – 1979). *XI Encontro Nacional de História Oral: Memória, Democracia e Justiça*. Rio de Janeiro: UFRJ, de 10 a 13 de junho de 2012.

NEGRO, Antonio Luigi. Zé Brasil foi ser peão: Sobre a dignidade do trabalhador não qualificado na fábrica automobilística. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (orgs.). *Culturas de Classe*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 10, 1993.

NORONHA, Adrianus Estevam. “*Dados biographicos Do extincto*”: análise Das fontes para o estudo prosopográfico de elites locais (os necrológicos). *XI Encontro Estadual de História* (ANPUH-RS). Rio Grande, 2012.

NOSELLA, Berilo Luigi Deiró. *Eles não usam Black-Tie: a forma como conteúdo histórico-ideológico*. Cerrados, v. 29, p. 20, 2010.

OLIVEIRA, Elton Soares; FERNANDES, Maria Cláudia; CARVALHO, Gláucia Garcia de; OMAR, Elmi El Hage; PRÉZIA, Benedito Antonio Genofre; SATO, Sandra Emi; QUEIROZ, William de; ANDRADE, Márcio Roberto Magalhães de; OLIVEIRA, Antonio Manoel dos Santos; OLIVEIRA, Lúcia de Jesus Cardoso; barros, Edson José de; PINHEIRO, José Elmano de Medeiros; JULIANI, Caetano; PORTO. Vagner Cavaleiro (orgs.). *Conto, canto e encanto com a minha História: Guarulhos, espaço de muitos povos*. São Paulo: Noovha América, 2008.

OLIVEIRA, Heythor Santana de. *PSOL – Relação da origem no desenvolvimento de sua organização, participação eleitoral e atuação parlamentar*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2017.

OLIVEIRA, Maurício Miléo Câmara de. *Influências do socialismo democrático europeu e do estado de bem-estar social na militância do partido socialista brasileiro, 1945-1950*. Dissertação (Mestrado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, Roberto Vêras de. *Sindicalismo e Democracia no Brasil: do novo sindicalismo ao sindicato cidadão*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2011.

PAIXÃO JÚNIOR, Valdir González. Poder, memória e repressão: a Igreja Presbiteriana do Brasil no período da ditadura militar (1966-1978). *Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos*, p. 19-40, 2014.

PARANHOS, Kátia Rodrigues. *Era uma vez em São Bernardo: O discurso sindical dos metalúrgicos (1971 – 1982)*. Campinas: Editora UNICAMP, 2011.

PASSERINI, Luisa. A “lacuna” do presente. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

PATAI, Daphne. Problemas éticos de narrativas orais, ou, Quem vai ficar com o último pedaço do bolo? In: PATAI, Daphne. *História Oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

_____. Construindo um eu: Uma História Oral de mulheres brasileiras. In: PATAI, Daphne. *História Oral, feminismo e política*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. "Tem que ser uma escolha da mulher"! : representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 2, p. 300-306, 2012.

PAULA, Paulo Sergio Rodrigues de; LAGO, Mara Coelho de Souza. Da peste gay ao barebacking sex: AIDS, biopolítica e risco em saúde. *Ciencias Sociales y Educación*, v. 2, n. 4, 2013.

PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. As dores e as delícias de lembrar a ditadura no Brasil: uma questão de gênero. *História Unisinos*, v. 15, n. 3, p. 398-405, 2011.

PENNA, Maura Lúcia. *O que faz ser nordestino: a questão das identidades sociais e o jogo de reconhecimento no caso Erundina*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1990.

PENNA, Maura. *O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina*. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

PEREIRA, Sidênia Freire. *O teleteatro da TV Tupi de São Paulo: origens e contribuições na teledramaturgia nacional*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

PEREIRA, Vanderlan Paulo de Oliveira. *Em nome de Deus, dos pobres e da libertação: ação pastoral e política em Dom José Maria Pires, de 1966 a 1980*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2012.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo. *História: Questões & Debates*, v. 38, n. 1, 2003.

PESAVENTO, Sandra. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. *Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)*, v. 2, n. 4, 2004.

PINTO, Céli Regina J; MORITZ, Maria Lúcia; SCHULZ, Rosangela; MORAES, Taís Flaviana. *Perfis, trajetórias, desempenhos: uma pesquisa com as vereadoras gaúchas*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2000.

_____. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

_____. Uma mulher “recatada”: A deputada Suely de Oliveira (1950 – 1974). *Topoi*, nº 29. Rio de Janeiro: Julho – Dezembro de 2014.

_____; SILVEIRA, Augusta. Mulheres com carreiras políticas longevas no legislativo brasileiro (1950-2014). *Opinião Pública*, v. 24, n. 1, p. 178-208, 2018.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e cultura*, v. 11, n. 2, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, nº 3, 1989.

_____. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PONTES, Heloisa. Inventando nomes, ganhado fama: as atrizes do teatro brasileiro, 1940-68. *Etnográfica*, v. 12, n. 1, p. 173-194, 2008.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos Ucrônicos: Memórias e possíveis mundos dos Trabalhadores. *Projeto História*, volume 10. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, dezembro de 1993.

_____. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

_____. O massacre de Civitella Val di Chianna (Toscana: 29 de junho de 1944) mito, política e senso comum. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

POTIER, Robson William. *O sertão virou verso, o verso virou sertão: sertão e sertanejos representados e ressignificados pela Literatura de Cordel (1900 – 1940)*.

Dissertação (Mestrado em História). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2012.

PRONER, Carol. Golpe Branco no Brasil: Dilma alerta na ONU. In: PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; TENENBAUM, Marcio; RAMOS FILHO, Wilson. *A resistência ao golpe de 2016*. Bauru: Canal 6 Editora, 2016

RABAY, Glória; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; SILVA, Lucimeiry Batista da. As prefeitas paraibanas de 2013 a 2016. *Fazendo Gênero 10*. Florianópolis, 10 a 20 de setembro de 2013.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu* nº 11, 1998.

_____. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

RAMALHO, José Ricardo. Usos da lei em disputa: mudanças na legislação trabalhista e sindical no Brasil. In: PESSANHA, Elina; VILLAS BÔAS, Glaucia; MOREL, Regina Lúcia (orgs). *Evaristo de Moraes Filho, um intelectual humanista*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

_____. Reestruturação produtiva, neoliberalismo e o mundo do trabalho no Brasil: anos 1990 e 2000. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano* (volume 5): O tempo da Nova República. Da transição democrática à crise política de 2016. Quinta República (1985 – 2016). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

REICHEL, Heloisa Jochims. O “perigo vermelho” na América Latina e a grande imprensa durante os primeiros anos da Guerra-Fria (1947-1955). *Diálogos*, v. 8, n. 1, p. 189-208, 2004.

REIS FILHO, Daniel Aarão. O Partido dos Trabalhadores: trajetória, metamorfoses, perspectivas. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. *As Esquerdas no Brasil*. Revolução e Democracia (1964 -), v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

_____. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

- RENK, Arlene. A colonização do oeste catarinense: as representações dos brasileiros. *Revista Cadernos do Ceom*, v. 19, n. 23, p. 37-72, 2014.
- RESENDE, Pâmela de Almeida. *Os vigilantes da ordem: a cooperação DEOPS/SP e SNI e a suspeição aos movimentos pela anistia (1975-1983)*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013.
- REZENDE, Vinícius Donizete. A Experiência de Sapateiras no Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçados de Franca nos anos 1980. In: *XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Leopoldo, 2007.
- RIBEIRO, Emerson. Os caminhos de ferro no estado de São Paulo: ascensão e queda - 1860-1990. *Revista Percurso*, v. 4, n. 2, p. 33-57, 2012.
- RODEGHERO, Carla Simone. Viva o Comunismo X Viva Cristo Rei: um estudo de recepção do anticomunismo católico a partir de fontes orais. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 32, n. 1, p. 157-173, 2006.
- RODRIGUES, Iram Jácome. *Sindicalismo e política: a trajetória da CUT (1983-1993)*. São Paulo: Scritta, 1997.
- RODRIGUES, João Paulo. *O levante “Constitucionalista” de 1932 e a força da tradição: do confronto bélico à batalha pela memória (1932-1934)*. 2009. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Assis, 2009.
- RODRIGUES, Rita Lages. Reflexões sobre o indivíduo e suas ações na cidade–espaço biográfico e espaço da cidade. *Cadernos de História*, n. 1, 2017.
- ROHDEN, Fabíola. Catolicismo e protestantismo: o feminismo como uma questão emergente. *Cadernos Pagu*, n. 8/9, p. 51-97, 1997.
- ROSA, Cristina Souza da. *Para além das fronteiras nacionais: um estudo comparado entre os institutos de cinema educativo do Estado Novo e do fascismo (1925 – 1945)*. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008.
- ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *A greve no masculino e no feminino: Osasco*, 1968. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

ROZA, Erick. Transformações e permanências no netativismo: o exemplo do Raiz Movimento Cidadanista. IX *Simpósio Nacional ABCiber*. São Paulo: PUC-SP, 2016.

SÁ, Carolina Kneip de. *Ação Popular do Brasil: Da JUC ao Racha de 1968*. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2015.

SALUM JUNIOR, Basílio. O governo e o impeachment de Fernando Collor de Melo. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano* (volume 5): O tempo da Nova República. Da transição democrática à crise política de 2016. Quinta República (1985 – 2016). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

SANTANA, Jorge Luiz. Enedina Alves Marques: A Trajetória da Primeira Engenheira do Sul do País na Faculdade de Engenharia Do Paraná (1940-1945). *Revista Vernáculo*, n. 28, 2011.

SANTANA, Marco Aurélio. O “novo” e o “velho” sindicalismo: análise de um debate. *Revista de Sociologia e Política*, 10/11, 1998.

SANTIAGO, Homero Silveira; SILVEIRA, Paulo Henrique Fernandes. Percursos de Marilena Chaui: filosofia, política e educação. *Educação e Pesquisa*, v. 42, n. 1, p. 259-277, 2016.

SANTOS, Irinéia Maria Franco dos. *Luta e Perspectivas da Teologia da Libertação: O caso da Comunidade São João Batista, Vila Rica, São Paulo: 1980 – 2000*. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

SANTOS, Ivanaldo Oliveira; SILVA, Regilberto José. O discurso da revista Veja e a construção da imagem do PT. *Recorte*, v. 9, n. 1, p. 6, 2012.

SANTOS, João Marcelo Pereira dos. Identidade e diferença: A trajetória das mulheres no Partido dos Trabalhadores. *Perseu: História, Memória e Política*. Número 4. Ano 3, 2009.

SANTOS, Maria do Carmo Carvalho Lima. *Bancada Feminina na Assembleia Constituinte de 1987/1988*. Brasília: Universidade do Legislativo Brasileiro; Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2008.

SANTOS, Miriam de Oliveira. A Imigração Italiana para o Rio Grande do Sul no final do século XIX. *Histórica*. Ano 2, nº 9, Abril de 2006.

SCAVONE, Lucila. Políticas feministas do aborto. *Estudos Feministas*, p. 675-680, 2008.

_____. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 5, p. 47-59, 2001; BIROLI, Flávia. Op Cit. 2018; BADINTER, Elisabeth. Op Cit, 2011.

SCHMIDT, Benito Bisso. Entre a filosofia e a sociologia: matrizes teóricas das discussões atuais sobre história e memória. *Estudos ibero-americanos*. Porto Alegre. Vol. 32, n. 1 (jun. 2006), p. 85-97, 2006.

_____. É da época e deu”: usos do passado nas narrativas sobre a participação de Dilma Rousseff na luta contra a ditadura civil-militar no Brasil. *Perseu: História, Memória e Política*, n. 07, 2011.

_____. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

_____. Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura. In: RAGO, Margareth, GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira (orgs). *Narrar o Passado, Repensar a História*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2014.

_____. Contar vidas em uma época presentista: a polêmica sobre a autorização prévia. In: SCHMIDT, Benito Bisso; AVELAR, Alexandre de Sá. *O que pode a Biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SCHNECK, Sheila. *Formação do bairro do Bexiga em São Paulo: loteadores, proprietários, construções, tipologias edíficas e usuários*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

SCHPUN, Mônica Raisa. Carlota Pereira de Queiroz: uma mulher na política. *Revista Brasileira de História*, v. 17, n. 33, p. 167-200, São Paulo: ANPUH, Ed. Unijuí, 1997.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, nº 16, 1991.
- SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- SILVA, Alômia Abrantes da. *Paraíba, mulher-macho: Tessituras de Gênero, desafios da história (Paraíba, Século XX)*. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.
- SILVA, Anália Barbosa da; SILVA, Diego Tabosa da; SOUZA JUNIOR, Luiz Carlos de. O Serviço Social no Brasil: das origens à renovação ou o “fim” do “início”. *4º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais: 80 anos de serviço social – Tendências e Desafios*. Belo Horizonte: CRESS-MG, 2016.
- SILVA, Fernando Teixeira da. Valentia e cultura do trabalho na estiva de Santos. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (orgs.). *Culturas de Classe*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia (orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura. Regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SILVA, Marcio Antônio Both da. *Por uma lógica camponesa: caboclos e imigrantes na formação do agro do planalto rio-grandense-1850-1900*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.
- SILVA, Milena de Lima e. *A gestão Luiza Erundina (1989-1992): participação popular nas políticas de transporte*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2016.
- SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SOARES, Claudete Gomes. *Raça, classe e cidadania: a trajetória do debate racial no Partido dos Trabalhadores (1980 – 2003)*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.
- SOBRAL, José Manuel. Da casa à nação: passado, memória, identidade. *Etnográfica*, v. 3, n. 1, p. 71-86, 1999.

SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. *Revista Brasileira de Educação*, nº 15, p. 97 – 117, 2000.

SOUZA, Valmir de. Cidadania Cultural: entre a democratização da cultura e a democracia cultural. *Pragmatizes* (UFF). Ano 8, n 14, out/2017 – mar/2018.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2011.

SPÍNOLA, Vera. Neoliberalismo: considerações acerca da origem e história de um pensamento único. *RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico*, v. 6, n. 9, 2007.

SPITZER, Leo. *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental, 1780-1945*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

TELES, Janaina Almeida. A constituição das memórias sobre a repressão da ditadura: o projeto Brasil Nunca Mais e a abertura da vala de Perus. *Anos 90*, v. 19, n. 35, p. 261-298, 2012.

_____. Ditadura e Repressão: Locais de Recordação e memória social na cidade de São Paulo. *Lua Nova*, n. 96, 2015.

THOMSON, Alistair. Reconstituo memórias: questões sobre as relações entre a História Oral e as memórias. *Projeto História*, São Paulo, Vol. 15, 1997.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2000.

TOLEDO, Edilene. *Travessias revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália, 1890-1945*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.

_____. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

TREBISACCE, Catalina. Una segunda lectura sobre las feministas de los 70 em Argentina. *Conflicto Social*, ano 3, n. 4, Buenos Aires: 2010.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 1989.

_____. Organização operária e organização do tempo livre entre os imigrantes italianos em São Paulo (1889 – 1945). In: CARNEIRO, Maria Luíza Tucci; CROCI

Federico; FRANZINA Emílio. *História do Trabalho e Histórias da Imigração*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2010.

TRUZZI, Oswaldo. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. *Estudos Históricos*, v. 28, p. 143-166, 2001.

VARUSSA, Rinaldo José. Igreja Católica e movimentos católicos operários na constituição da Pastoral Operária na Arquidiocese de São Paulo (1970 – 1975). *Tempos Históricos*. V. 03, nº 01, p. 151 – 182. Cascavel: Unioeste, agosto de 2001.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara. *Circular é preciso, viver não é preciso: a história do trânsito em São Paulo*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1999.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. *Ser-tão baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana*. Salvador: EDUFBA, 2012.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. *Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações sobre as mulheres em uma cidade do interior (1970 – 1990)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.

_____. *É um romance da minha vida: Dona Farailda, uma “casamenteira” do sertão baiano*. Salvador: EDUFBA, 2017.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VIEIRA, Margarida Luiza de Matos. O Partido Socialista Brasileiro e o marxismo (1947-1965). In: *História do Marxismo no Brasil*, v. 5. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano. O Açoite da Seca: Família e Migração no Ceará (1780-1850). *Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*. Ouro Preto, 4 a 8 de novembro de 2002.

VILELA, Elaine Meire. Sírios e libaneses. Redes sociais, coesão e posição de status. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 76, 2011.

WEBER, Regina. O avanço dos "italianos". *História em revista*. Pelotas, RS. Vol. 10 (dez. 2004), p. 75-94, 2004.

_____. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. *Dimensões*, n. 18, 2006.

WOITOWICZ, Karina Janz. Páginas que persistem: A imprensa feminista na luta pelos direitos das mulheres no Brasil. *IV Congresso Nacional de História da Mídia*. Niterói: UFF, 2008.

WOLFF, Cristina Scheibe. O Gênero da Esquerda em Tempos de Ditadura. In: PEDRO, Maria Joana; WOLFF, Cristina Scheibe (org.). *Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. A família como patrimônio: a construção de memórias entre descendentes de imigrantes italianos. *Campos-Revista de Antropologia*, v. 5, n. 1, 2004.